

FINALISTA DO NATIONAL BOOK AWARD

OS LANÇA- CHAMAS



**RACHEL
KUSHNER**



"UM ROMANCE DENSO, BONITO E POLIFÔNICO." – *THE PARIS REVIEW*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

RACHEL KUSHNER

Os lança-chamas

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



Copyright © 2013 by Rachel Kushner

TÍTULO ORIGINAL
The Flamethrowers

PREPARAÇÃO
Julia Sobral Campos

CAPA
Charlotte Strick

FOTO DE CAPA
Cortesia de London School of Economics Red Notes Archive, do jornal *I Volski* (março de 1980), edição 10.

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias

E-ISBN
978-85-8057-547-7

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3^o andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

1. Ele o matou com um farol de motocicleta (o que tinha na mão).

2. América espiritual

3. Ele havia percorrido um longo caminho até aquele momento de violência rápida,

4. Festim

5. Valera está morto

6. Imitação de vida

7. A pequena escrava

8. Luzes

9. Era leite

10. Faces

11. Do jeito que nós éramos

12. O padrão de manequim da sears

13. O tremor das folhas

14. As regras da violência

15. A marcha sobre roma

16. Putas e crianças

17. Combinando com meu estado de espírito: A vida de ronnie fontaine

18. Atrás da porta verde

19. O dia em que roma foi fundada, 21 de abril,

20. A velocidade dela

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

[Títulos relacionados](#)

*Este livro é para Cynthia Mitchell.
E para Anna, onde quer que esteja (e provavelmente não está).*

FAC UT ARDEAT

1. ELE O MATOU COM UM FAROL DE MOTOCICLETA (O QUE TINHA NA MÃO).

Valera havia ficado para trás e estava cortando os fios do farol de outro motociclista. O piloto, Copertini, estava morto. Valera não sentia tristeza, estranhamente, mesmo Copertini tendo sido um companheiro de armas, alguém com quem Valera havia rodado sob o neon da Via del Corso, bem antes de os dois terem se alistado no batalhão motorizado, em 1917.

* * *

Foi Copertini quem riu de Valera quando este se acidentou nos trilhos do bonde da Via del Corso, que podiam ficar bastante escorregadios em noites de neblina.

Copertini se considerava um piloto melhor, mas foi ele que dirigiu depressa demais na mata fechada e bateu de frente com uma árvore. O esquadro da moto ficou destroçado, mas o farol dianteiro manteve um filamento intacto e agora iluminava difusamente um pedaço de terra e grama. A motocicleta de Copertini era de um modelo diferente da de Valera, mas as duas usavam o mesmo tipo de farol. Valera queria ter um reserva. Um reserva seria útil.

Ele ouviu o chiado surdo de um lança-chamas e o eco difuso do bombardeio. O combate acontecia do outro lado de um vale profundo, perto do rio Isonzo. Onde ele estava, tudo permanecia tranquilo e vazio, havia apenas o murmúrio das folhas se movendo com a brisa.

Valera tinha estacionado a motocicleta, deixado seu rifle Carcano amarrado no bagageiro e tentava soltar o farol com um movimento de torção para livrar o compartimento da lâmpada do soquete. Havia resistência. Valera estava puxando os fios presos quando um homem

surgiu de trás de uma fileira de álamos, sem dúvida um alemão, com o uniforme verde e amarelo e sem capacete, parecendo um jogador de rúgbi enviado para a batalha.

Valera largou o pesado farol de latão e mergulhou para agarrar as pernas do alemão, que caiu. Valera deu uma cambalhota por cima dele. O alemão se pôs de joelhos e tentou alcançar o farol, que tinha mais ou menos o tamanho e o formato de uma bola de rúgbi, só que mais pesado, com uma teia de fios cortados atrás de si como um nervo ótico seccionado. Valera lutou para recuperar o farol. Conseguiu chutá-lo duas vezes, mas de algum jeito o alemão acabou se apossando dele. Valera o prendeu ao chão, deu-lhe uma joelhada na cara e arrancou os dedos dele do farol. Afinal, não havia pênalti por jogo sujo ali, ninguém lhe mostraria um cartão vermelho naquela floresta vazia. Seu pelotão estava quilômetros à frente e, de alguma forma, esse alemão solitário tinha se desgarrado da sua matilha e se perdido entre os álamos.

O alemão recuou, tentando lhe dar um encontrão.

Valera o abateu com o farol.

2. AMÉRICA ESPIRITUAL

Saí do sol, desafivelando meu capacete. O suor empoçava na minha clavícula, escorria pelas costas e chegava à roupa de baixo de nylon, descendo pelas pernas sob o traje de corrida de couro. Tirei o capacete e a pesada jaqueta, que pus no chão, e abri o zíper das abas da calça de corrida.

Fiquei um bom tempo seguindo o lento trajeto das nuvens, grandes massas algodoadas achatadas na base, como se estivessem derretendo numa chapa quente.

Havia coisas que eu não tinha opção senão deixar passar, como o efeito do vento nas nuvens, enquanto voava pela estrada a cento e sessenta quilômetros por hora. Eu não estava com pressa, não tinha nenhum limite de tempo. Velocidade não é necessariamente uma questão de tempo. Naquele dia, pilotando uma Moto Valera a leste de Reno, era uma questão de atravessar o mapa de Nevada colado com fita adesiva no meu tanque de gasolina enquanto eu percorria o estado. Cruzar a conhecida órbita leste de Reno, os bordéis e depósitos de ferro-velho, as grandes usinas elétricas e seu emaranhado de espirais, molas e cercas, um ocasional trem de carga e o sinuoso rio Truckee, raso no verão. O rio e os trilhos me acompanhariam até Fernley, onde os dois desviavam para o norte.

A partir daí, a terra era sem cor e sem particularidades, com planícies pontuadas por vegetação esparsa e a incessante mesmice da estrada. Ganhei velocidade. Quanto mais rápido eu seguia, mais ligada me sentia ao mapa. Ele me dizia que noventa quilômetros depois de Fernley eu chegaria a Lovelock, e noventa quilômetros depois de Fernley eu cheguei a Lovelock. Eu ia de um ponto marcado a outro. Winnemucca. Valmy. Carlin. Elko. Wells. Sentia como se estivesse em uma missão, mesmo sentada embaixo do toldo de uma parada de caminhões, o suor escorrendo pelos lados do rosto, uma brisa misteriosa, quente e árida, secando minha

camiseta leve. Cinco minutos, disse a mim mesma. Cinco minutos. Se eu ficasse mais tempo, o lugar que o mapa indicava poderia escapar.

Um outdoor do outro lado da rodovia dizia SCHAEFER. QUANDO VOCÊ FOR TOMAR MAIS DO QUE UMA. Um pássaro azul pousou em um arbusto embaixo do suporte do outdoor. O passarinho balançou o galho instável, as penas de um azul perfeito e uniforme, como se tivesse sido pintado a jato numa fábrica. Pensei em Pat Nixon, com seus olhos escuros e brilhantes e suas roupas formais engomadas e cheias de miçangas. Cabelo tingido cor de uísque e penteado numa onda imóvel. O pássaro ensaiou um assobio curto, um som solitário perdido na extensão infinita de rodas de irrigação ao longo da estrada. Pat Nixon era de Nevada, como eu, e como o empertigado pássaro-símbolo do estado, tão azul quanto o dia. Era uma fofqueira de salões de beleza que virou primeira-dama. Agora provavelmente teremos Rosalynn Carter, com sua voz vítreia e o rosto redondo e amigável, emanando caridade. Foi Pat quem me comoveu. Pessoas difíceis de ser amadas são um desafio, e o desafio as torna mais fáceis de amar. A gente acaba sendo levada a amá-las. As pessoas que desejam amor fácil não querem amar de verdade.

Paguei a gasolina ao som de homens no fliperama jogando um video game chamado Night Driver. Sentados em cockpits rentes ao chão feitos de uma fibra de vidro cintilante moldada, girando o volante com movimentos bruscos, os nós dos dedos embranquecidos, tentando evitar os refletores da cerca dos dois lados da estrada, os cockpits de fibra de vidro tremendo e balançando quando os homens tentavam desviar fisicamente da catástrofe, xingando e golpeando com raiva o volante com as palmas das mãos quando queimavam e batiam. Tinha sido assim em diversas paradas de caminhões. Era desse jeito que os homens descansavam da direção. contei isso depois a Ronnie Fontaine. Pensei que fosse uma coisa que Ronnie acharia especialmente engraçada, mas ele não riu. Só falou: “É, isso aí. Esse é o problema da liberdade.” “Qual?”, perguntei. E ele respondeu: “Ninguém quer.”

Meu tio Bobby, que ganhava a vida com terraplanagem, passou seus últimos momentos esticando a perna em espasmos para apertar a embreagem num leito de hospital, o corpo determinado a operar seu caminhão basculante, pisando no pedal e trocando marchas enquanto acelerava em direção à morte. “Ele morreu trabalhando”, disseram seus dois filhos, impassíveis. Bobby era mesquinho demais para ser amado por eles. Scott e Andy eram obrigados a lubrificar o caminhão de Bobby todo domingo e agora o pai estava morto e eles tinham o domingo livre para lubrificar os próprios caminhões. Bobby era irmão da minha mãe. Quando eu era menina, morávamos todos juntos. Minha mãe trabalhava à noite, e Bobby era o que tínhamos como pai. Encerrado o trabalho com o caminhão basculante, ele se sentava inexplicavelmente nu em frente à TV e nos fazia apertar o botão de canais, para ele não precisar se levantar. Preparava um grande bife para si mesmo e nos dava macarrão instantâneo. Às vezes nos levava a um cassino e nos deixava no estacionamento com foguetes feitos de garrafa. Ou brincava de “quem desvia primeiro” com outros carros na I-80 enquanto eu, Scott e Andy tapávamos os olhos no banco de trás. Venho de uma gente inconsequente e nada sentimental. Sandro usava isso contra mim às vezes. Fingia que eu tinha sido colocada na vida dele para torturá-lo, quando na verdade era o contrário. Agia como se estivesse sendo massacrado quando a massacrada era eu. Sandro tinha todo o poder. Era quatorze anos mais velho e artista de sucesso, alto e bonito com suas roupas de trabalho e botas de bico de metal — o mesmo tipo de roupa que Bobby, Scott e Andy usavam, mas em Sandro elas tinham um resultado diferente: ele era um sujeito com uma herança de família que sabia usar uma furadeira ou uma pistola de pregos, uma pessoa não afetada pelo dinheiro, que se vestia como um trabalhador e às vezes como um vagabundo, mas que ficava elegante com essas roupas, e que nunca se perguntava se se encaixava em determinada situação (a própria pergunta é uma prova de que a pessoa não se encaixa).

Sandro tinha uma foto em cima da mesa do seu loft, ele posando num sofá ao lado de Morton Feldman e seus óculos fundo de garrafa, com um visual descolado e indiferente, segurando uma

espingarda carregada apontada para o alto que parecia a longa metade de uma letra X atravessando a fotografia na diagonal. Cortando a foto. A imagem era em preto e branco, mas dava para ver que os olhos de Sandro tinham a brancura azulada dos lobos, o que lhe dava uma intensidade fria e maliciosa. A foto foi tirada em Rhinebeck, onde seus amigos Gloria e Stanley Kastle tinham uma casa. Eles deixavam Sandro usar armas na propriedade, várias pistolas e fuzis que ele colecionava, alguns fabricados pela empresa da família antes de eles abandonarem o negócio de armas. Sandro gostava sobretudo de espingardas, e dizia que se você precisasse realmente matar alguém, ia querer uma espingarda. Era o seu jeito de dizer, laconicamente e com seu leve sotaque quase italiano, que poderia matar alguém se precisasse.

As mulheres gostavam disso. Flertavam com ele bem na minha frente, como a galerista Helen Hellenberger, uma grega emburrada porém linda que se vestia como se estivesse permanentemente em 1962, com um tubinho preto e o cabelo preso lá em cima. Esbarramos com ela na Spring Street pouco antes de eu partir para Reno a fim de buscar a Moto Valera para esta viagem. Helen Hellenberger, com seu vestido justo e suas sapatilhas de couro, segurando sua grande bolsa de couro como se fosse uma caixa de ferramentas, disse que gostaria muito de visitar o ateliê de Sandro. Será que ela teria que implorar? Pôs a mão no braço dele e parecia que não tiraria enquanto ele não concordasse. Sandro estava na Erwin Frame Gallery. Helen Hellenberger queria roubá-lo para a galeria dela. Sandro tentou redirecioná-la, apresentando-me não como sua namorada, mas como “uma jovem artista recém-saída da faculdade”, como que dizendo: você não pode ter a mim, mas aí está algo por que você talvez se interesse. Uma oferta que ela teve que recusar para continuar fazendo pressão a fim de conseguir uma visita ao ateliê dele.

— Você estudou arte... onde? — ela me perguntou.

— UNR — respondi.

Sabia que ela não conheceria o significado das iniciais da escola.

— Ela foi influenciada pela Land Art — disse Sandro. — E tem grandes ideias. Fez um filme lindo sobre Reno.

Helen Hellenberger representava os Land Artists mais famosos, todos no auge da carreira, altamente valiosos, por isso me senti especialmente intimidada com a insistência de Sandro em que ela conhecesse a mim e ao meu trabalho. Eu não estava pronta para uma mostra a Helen Hellenberger, e o fato de Sandro fingir que eu estava me deu a impressão de que ele me insultava, mesmo sem intenção. Era possível que ele soubesse disso. Talvez visse um humor perverso em me oferecer no lugar dele.

— Ah. Onde mesmo você disse... — Helen fingia uma delicadeza sutil, só o suficiente para agradá-lo.

— Nevada — respondi.

— Bem, agora você vai poder aprender arte de verdade. — Ela sorriu para ele, como se colocando um segredo entre os dois. — Se está com Sandro Valera. Que belo mentor para quem acabou de chegar de... Idaho?

— Reno — respondeu Sandro. — Ela vai até lá fazer uma composição. Desenhar uma linha pelas planícies de sal. Vai ser grandioso. E sutil. Ela tem ideias muito sutis sobre linhas e desenhos.

Sandro tinha tentado passar o braço ao meu redor, mas me afastei. Sabia o que eu parecia para aquela linda mulher que havia transado com metade de seus agenciados, segundo Ronnie Fontaine, que era um deles: eu não era nada mais do que um pequeno empecilho em sua campanha para representar Sandro.

— Então você está indo para o Oeste? — perguntou ela antes de nos afastarmos, e depois me questionou sobre as particularidades da minha viagem com um interesse que não parecia muito genuíno.

Só bem mais tarde voltei a pensar naquele momento, a examinar a situação. *Você vai sair da cidade?* Reno, Idaho. Algum lugar bem longe.

Quando eu me preparava para partir, Sandro se comportou como se eu pudesse não voltar mais, como se eu o estivesse abandonando ao tédio e à solidão, um castigo que ele tinha se resignado a suportar. Revirou os olhos ao falar sobre o compromisso que Helen Hellenberger o tinha forçado a aceitar.

— Vou ficar aqui sendo devorado por abutres — disse —, enquanto você rasga as planícies de sal, com meus concorrentes desconhecidos babando em você como idiotas apalermados. Porque é isso que você faz — continuou —, você inibe o pensamento. Com sua eletricidade jovem.

Quando você for tomar mais do que uma. Fiquei sentada na parada de caminhões, olhando para aquele cartaz, ingenuamente pensando que a minha eletricidade jovem era o bastante.

A lista de Land Artists representados por Helen Hellenberger incluía o mais famoso, Robert Smithson, que morrera três anos antes, enquanto eu ainda era estudante da UNR. Fiquei sabendo sobre ele e o *Spiral Jetty* pelo obituário de um jornal, e não pelo departamento de arte, que era provinciano e conservador (a verdade sobre a esnobada de Helen era que eu tinha *mesmo* aprendido mais com Sandro do que na faculdade). O empreiteiro que havia construído o *Spiral Jetty* foi citado, explicando como tinha sido complicado fazer aquilo num terreno tão instável e enlameado, e que quase tinha perdido equipamentos caros. Estava arriscando homens e carregadeiras e se arrependia de ter aceitado o trabalho, e de repente o autor aparece no verão do deserto de Utah; fazia quarenta e oito graus, e o sujeito usava uma calça de couro preta. Smithson declarou que a poluição e a indústria podiam ser bonitas, e que era por causa do fechamento da ferrovia e da dragagem de óleo que escolhera aquela parte de Great Salt Lake para seu projeto, onde o abastecimento de água doce do lago tinha sido interrompido artificialmente, elevando tanto a concentração de sal que agora só crescia alga vermelha no lugar. Imediatamente quis ver essa coisa feita por um artista de Nova York de calça de couro, que descrevia mais ou menos o mundo cheio de detritos do Oeste que eu conhecia, como eu o via, e o achava merecedor da sua atenção. Fui até lá, atravessei o planalto de Nevada e desci bem na fronteira com Utah. Observei a água, que produzia marolas peculiares, espumantes, brancas e irregulares. As ondas brancas quase pareciam neve, mas se movimentavam como sabão, trêmulas e leves. As espinhosas plantas do deserto ao longo da margem estavam recobertas por uma camada gelada de sal. A construção estava submersa, mas consegui

enxergá-la sob a superfície da água. Era do mesmo basalto da beira do lago, arranjado de outra forma. As melhores ideias em geral são bem simples, até óbvias, só que ninguém pensou nelas antes. Olhei para a água e para a margem distante do lago, uma imensa cuia de vazio, rochas dentadas, sol alto, imobilidade. Resolvi me mudar para Nova York.

O que era uma ironia, pois o próprio artista tinha saído de Nova York para o Oeste especificamente para realizar seus sonhos. Eu era de lá, do mundo dos capacetes de obra e dos motoristas de caminhão que os Land Artists romantizavam. Então por que Helen Hellenberger fingiu confundir Idaho com Nevada? Era uma ironia, mas também um fato, que uma pessoa primeiro tinha de se mudar para Nova York, para depois se tornar uma artista do Oeste. Se era isso que eu estava fazendo. Sandro declarou que eu “era influenciada pela Land Art”, mas isso também servia para explicar o fato de ele estar com uma mulher tão nova, sem pedigree ou premiações relevantes. Apenas a palavra dele.

Quando eu era pequena e esquiava nas Sierras, sentia como se estivesse desenhando na encosta da montanha, traçando linhas onduladas e graciosas. Foi assim que comecei a desenhar, contei a Sandro, garotinha, com cinco, seis anos, sobre esquis. Mais tarde, quando desenhar se tornou um hábito, uma forma de ser, de marcar o tempo, eu sempre pensava em esqui. Quando começava a esqui, a praticar slalom e slalom gigante, era como se eu estivesse traçando linhas que já estavam desenhadas, e o desafio técnico que ocultava o principal — terminar com um tempo digno de competição — era me manter perfeitamente dentro dessas linhas, passar depressa pela chegada, sem deixar rastros. Porque quanto mais se bate as bordas metálicas do esqui, maior o rastro de provas que se deixa, e mais a gente reduz a velocidade. Você não quer espalhar neve atrás de você. Não quer deixar marcas. Quer manter o caminho o mais plano possível. Os sulcos que se espalham abaixo e em torno dos esquis — valetas fundas se a neve estiver macia — deviam ser evitados deslizando mais alto, traçando uma linha leve e graciosas, sem desvios súbitos e sacolejos, enquanto eu flutuava até a chegada.

Andar de esqui era desenhar *no tempo*, expliquei a Sandro. Eu finalmente havia encontrado alguém que me escutava e que queria entender: as duas coisas que eu adorava eram desenho e velocidade, e esquiando eu tinha conseguido combiná-las. Eu precisava desenhar para poder vencer.

No meu primeiro inverno com Sandro, passamos o Natal na casa dos Kastle em Rhinebeck. Nevou pesado numa das noites e, pela manhã, peguei emprestado um par de esquis para cross-country e atravessei um lago congelado, deixando marcas em formato de X, e depois fotografei. “Muito bom”, observou Sandro, “o seu X.” Mas eu não fiquei satisfeita com aquelas marcas. Esforço demais, os furos dos bastões do esqui a cada três metros. Esqui cross-country era como correr. Era como andar. Contemplativo e aeróbico. A marca ficaria melhor se ficasse limpa, se fosse feita numa velocidade acima do normal. Perguntei aos Kastle se eles nos emprestariam o caminhão. Fizemos rosquinhas no pasto coberto de neve além do lago congelado, eu girando o volante como Scott e Andy haviam me ensinado, Sandro rindo das derrapagens dos pneus do caminhão. Fiz marcas largas e circulares na ravina e tirei fotos. Mas a ideia era só me divertir. Eu achava que arte vinha de uma solidão reflexiva. Achava que precisava envolver risco, um risco genuíno.

* * *

Meus cinco minutos na parada de caminhões estavam se esgotando. Refiz a trança em meu cabelo emaranhado pelo vento e amassado em lugares estranhos por conta do capacete.

Motoristas discutiam sobre cores de caminhões. Uma carroceria roxa brilhava como um picolé de uva entre as fileiras de caçambas. Um copo de refrigerante lançado em direção a um radiador serviu como voto de desempate, provocando um barulho ao chacoalhar os cubos de gelo. Os homens riram e começaram a se dispersar. Nevada era uma música, uma luz, um desalento que fazia parte de mim. Mas era diferente voltar agora. Eu tinha ido embora. Não

estava aqui por estar presa, mas para fazer alguma coisa. Para fazer alguma coisa e retornar a Nova York.

Um dos caminhoneiros falou comigo ao passar.

— Você que é a dona?

Por um instante, achei que estava se referindo ao caminhão. Mas ele apontou com o queixo na direção da Moto Valera.

Eu disse que sim e continuei trançando o cabelo.

Ele abriu um sorriso amistoso.

— Sabe de uma coisa?

Retribuí o sorriso.

— Não vai estar tão bonita quando eles tirarem você do asfalto num saco para cadáveres.

* * *

TODOS OS VEÍCULOS QUE TRANSPORTAM GADO PRECISAM SER PESADOS. Passei pela estação de pesagem, esticando a terceira marcha até o ponto médio da quarta, chegando a cento e dez quilômetros por hora. Conseguia ver os picos serrilhados das altas montanhas, a neve estagnada de verão filtrada pela névoa do deserto até assumir a tonalidade amarronzada de uma meia-calça. Eu estava a cento e trinta. Não vou estar tão bonita. As pessoas adoram uma fatalidade. Estabeleci um limite, ainda em quarta, esperando.

Uma luz piscava na traseira de alguma coisa prateada à frente, na pista da direita. Soltei a embreagem, mas não reduzi a marcha. Quando cheguei mais perto, reconheci a traseira arredondada de um Greyhound. É bom para formar o caráter, minha mãe gostava de dizer. Ela viajava sozinha de ônibus no início dos anos 1950, uma fase pouco antes de eu nascer que nunca foi bem explicada e nunca pareceu muito sadia: uma jovem vagando por aí, de ônibus, jogando água fria no rosto em banheiros de postos de gasolina. A sequência se passava na minha cabeça em preto e branco e alto contraste, com cortes suaves e mulheres desesperadas estranguladas acidentalmente por fios de telefone, ou sozinhas e endinheiradas, bebendo em praias nubladas com grandes óculos escuros. A vida da

minha mãe não era tão glamorosa. Era telefonista e, se o passado dela incluía algo de *noir*, era só a parte corajosa, a parte de ser mulher, pobre e sozinha, o que num filme era uma circunstância que bastava para trazer intriga, mas na vida real só atraiu meu pai. Ele foi embora quando eu tinha três anos. Todo mundo na família disse que ele já ia tarde, que o tio Bobby era um pai melhor para mim do que o meu poderia ter sido. Quando me aproximei do Greyhound, pronta para ultrapassar, vi que as janelas eram gradeadas e opacas. Saía fumaça dos painéis inferiores soltos, PRISÃO DE NEVADA estava escrito na lateral. Uma prisão móvel, com passageiros que não podiam ver o lado de fora. Mas talvez fosse pior se pudessem. Uma vez, quando eu era menina, andando de bicicleta ao redor da cadeia do condado, vi um homem olhando para mim de sua janela gradeada. Caía uma chuva fina. Parei de pedalar e olhei para o rosto pequeno dele, emoldurado por cabelos louros engordurados. A chuva era quase invisível. Ele passou um braço entre as grades. Para sentir a chuva, deduzi. Levantou o dedo do meio para mim.

“Poupe sua liberdade para um dia de chuva”, alguém tinha escrito na parede do banheiro do Rudy’s Bar, no SoHo, onde Sandro e Ronnie gostavam de beber. Ficou lá no nível dos olhos acima da pia o verão todo. Sem respostas ou rabiscos. Apenas esse comando frio quando você se inclinava para lavar as mãos na torneira.

Ultrapassei o ônibus, engatei a quinta e cheguei a cento e quarenta e cinco, a agulha laranja firme no mostrador do meu velocímetro preto. Me abaixei por trás da pequena carenagem. Eu tinha adorado aquela carenagem desde o instante em que vi a moto na loja em Reno, onde a peguei. Azul-esverdeado metálico, a cor do congelamento absoluto. Era uma supersport 650 novinha. Na verdade era uma 77 — o modelo do *próximo ano*. Era tão recente que eu era a única nos Estados Unidos a ter uma. Eu nunca tinha visto uma Moto Valera dessa cor. A que eu tive na faculdade, uma 65, era branca.

* * *

Piloto motocicletas desde os quatorze anos. Comecei nos bosques atrás da nossa casa, com Scott e Andy, que tinham duas Yamaha DT, as primeiras motos realmente lameiras. Antes de aprender a pilotar, eu andava na garupa dos meus primos, que tinham motos de trilha que eles adaptavam; sem apoio para os pés dos passageiros, eu pendurava minhas pernas dos lados para não me queimar no cano de escapamento. Não eram licenciadas, não tinham farol nem placa, mas Scott e Andy me levavam na garupa por toda a Reno. Só não passavam na frente da nossa casa, pois minha mãe tinha me proibido de andar nas motos dos meus primos. Eu me segurava quando eles empinavam e davam saltos com as motos, e logo aprendi a confiar. Não a confiar em Scott e Andy: um deles empinou muito alto e virou a moto comigo atrás (ele ainda não tinha aprendido a cutucar o freio de pé para inclinar a moto para a frente), e o outro saltou uma pilha de entulho numa construção e disse para eu me segurar. Esse foi o Andy. Ele desceu com a frente muito inclinada, e nós dois mergulhamos por cima do guidom. Eu não confiava na habilidade deles. Nem tinha motivo, pois estavam sempre batendo. Eu confiava na necessidade do risco, na importância de estar à altura. Na faculdade, comprei uma Moto Valera e depois a vendi, a fim de me mudar para Nova York. Com minha nova vida na cidade grande, achei que perderia o interesse, mas não perdi. Talvez isso até acontecesse, se eu não tivesse conhecido Sandro Valera.

* * *

Agora eu estava a cento e sessenta quilômetros por hora, tentando dirigir direito na minha posição encolhida, com os insetos batendo e se esmagando no meu para-brisa.

Era suicídio deixar os pensamentos vagarem. Tinha prometido a mim mesma não fazer isso. Um trailer Winnebago rebocando um Fusca apareceu na pista da esquerda. O Winnebago devia estar a sessenta quilômetros por hora: parecia parado na estrada. Estávamos em realidades separadas, rápida e lenta. Não existe uma realidade fixa, apenas objetos em contraste. Até a Terra se move. De

repente eu estava logo atrás do Fusca rebocado e tive que desviar para a pista da direita. A estrada estava em mau estado e passei por cima de um torrão de terra que desequilibrou a roda dianteira. Sacolejei e derrapei. A parte da frente da moto balançava loucamente. Não me atrevi a tocar no freio. Tentei esperar que o balanço passasse. Eu estava tomando a pista inteira e pensando que ia cair, e nem tinha chegado ainda às planícies de sal. Mas então a roda da frente começou a se acalmar e a se endireitar. Voltei para a esquerda, onde o asfalto da estrada era melhor. Mas aquele balanço todo foi um aviso. Tive sorte de não ter batido. “Velocidade é um direito de todos”, dizia o novo slogan publicitário da Honda, mas velocidade não era um direito. Velocidade era um passadiço entre a vida e a morte, e a gente espera sair pelo lado da vida.

Parei para abastecer quando estava escurecendo. O céu imenso tinha se tornado azul-médio frio, com uma única estrela brilhando, um pontinho solitário de luz suave e branco cintilante. Um carro estacionou do outro lado das bombas de gasolina. As janelas estavam abaixadas, e pude ouvir um homem e uma mulher conversando.

O homem retirou a tampa do tanque de gasolina e encaixou o bico da mangueira na abertura como se aquilo exigisse força para o encaixe correto. Depois ficou balançando a mangueira para dentro e para fora do tanque de um jeito lascivo. Estava de costas para mim. Fiquei observando enquanto esperava meu tanque encher. Quando terminei, a mulher estava saindo do carro. Olhou na minha direção, mas não pareceu me notar.

— Você fez sua escolha — ela falou. — E eu vou fazer a minha. Crápula.

Alguma coisa na luz, sua diminuição, e no azul se aprofundando acima, a chegada dos insetos no crepúsculo, tornou as vozes dos dois próximas, íntimas.

— Você me chama de crápula depois do que me pediu para fazer? E agora não quer nada? *E eu* é que sou um crápula?

O homem tirou a mangueira do tanque de gasolina e a apontou para a mulher. A gasolina atingiu suas pernas nuas. Depois ele continuou enchendo o tanque. Quando acabou, em vez de devolver

o bico no suporte ao lado da bomba, ele o largou no chão como se fosse uma mangueira de jardim que tinha terminado de usar. Tirou uma caixa de fósforos do bolso e começou a acender alguns fósforos e jogar na direção da mulher. Os palitos traçavam um arco na luz difusa e se apagavam antes de chegar até ela. Das pernas dela escorria gasolina. Ele acendia um palito atrás do outro e jogava nela, pequenas faíscas — ameaças, ou promessas — que se extinguíam fracamente.

— Quer parar com isso? — disse a mulher, secando as pernas com toalhas de papel azul de um estojo perto das bombas.

As lâmpadas de sódio inclinadas acima de nós se acenderam, zumbindo e ganhando vida. Um caminhão passou pela estrada, pisando nos freios a ar.

— Ei — chamou ele.

E agarrou uma mecha de cabelo dela.

Ela sorriu para ele como se os dois estivessem prestes a roubar um banco juntos.

* * *

A noite caiu num instante. Segui em frente, enquanto a escuridão transformava o deserto. Ele estava mais poroso e vasto agora, mesmo com minha visão limitada a um tênue fecho de luz na estrada à frente. A enormidade da escuridão às vezes era cortada por uma fluorescência fraca, um ou dois postos de gasolina. Pensei no homem tentando atear fogo na mulher. Ele não estava tentando atear fogo nela. Alguns atos, mesmo que verdadeiros, também são apenas insinuações. Ele estava dizendo: “E se eu fizesse isso?”. E ela estava dizendo: “Vá em frente.”

O ar esfriou quando subi uma rampa até uma camada mais alta daquele sorvete com calda quente que era o deserto. O vento penetrava na minha roupa de couro por onde podia. Eu não tinha previsto aquele frio. Meus dedos estavam quase congelados demais para apertar o freio quando cheguei ao meu destino, uma cidadezinha com grandes cassinos na fronteira com Utah, os

letreiros emanando uma luz dourada na noite. Só um desmancha-prazeres poderia dizer que neon não era uma coisa bonita. Mas de uma ponta a outra da rua principal as letras NÃO HÁ VAGAS cintilavam num tom alaranjado. Parei em frente a um dos motéis lotados, o estacionamento atulhado de utilitários rebocando carros de corrida, esperando que tivessem pena de mim. Lutei para tirar as luvas e, quando finalmente me livreí delas, mal consegui desafivelar a tira do meu capacete. Minhas mãos estavam reduzidas a duas funções, acelerar e frear. Tentei pegar dinheiro e minha habilitação na carteira, mas meus dedos ainda dormentes se recusaram a desempenhar essa ação básica. Batalhei e batalhei para recuperar a mobilidade. Enfim consegui tirar o capacete e entrei na recepção. Uma mulher disse que o lugar estava lotado. Um homem mais ou menos da minha idade saiu dos fundos.

— Eu cuido disso, Laura.

Ele disse que era filho do dono, e eu senti uma ponta de esperança. Expliquei que tinha pilotado desde Reno e realmente precisava de um lugar para dormir, que estava planejando partir para as planícies de sal.

— Talvez a gente consiga dar um jeito — disse ele.

— É mesmo? — perguntei.

— Não posso prometer nada, mas por que não vamos tomar um drinque no cassino mais à frente na rua e falamos a respeito?

— Falar a respeito?

— Pode haver algo que a gente possa fazer. Pelo menos eu lhe pago um drinque.

Eram sempre os filhos do poder os mais ansiosos para abusar dele.

— Acho que não — falei. — Onde está seu pai?

— Numa casa de repouso. — Virou-se e começou a se afastar. — Tudo bem, oferta final, só um drinque.

Respondi que não e saí. Do lado de fora da recepção do motel, outro homem me abordou.

— Ei — falou. — Esse cara é um imbecil. Aquilo tudo era babaquice.

O nome dele era Stretch. Cuidava da manutenção e morava em um dos quartos. Era bronzeado como um operário de verão, mas não emanava um ar de trabalho. Usava calça e camisa jeans do mesmo azul desbotado e um penteado com brilhantina como se estivéssemos em 1956, não em 1976. Lembrou-me o jovem andarilho do filme *O segredo íntimo de Lola*, de Jacques Demy, que passa o tempo antes de ser convocado para o serviço militar seguindo uma beldade num conversível branco pela planície até as colinas de Hollywood.

— Olha, eu vou ter que ficar a noite toda vigiando o carro de corrida daquele imbecil — disse Stretch. — Não vou usar meu quarto. E você precisa de um lugar para dormir. Por que não dorme lá? Prometo não perturbar. Tem TV. Tem cerveja na geladeira. É simples, mas é melhor que dividir uma cama com ele. Só vou bater na porta de manhã para entrar e tomar um banho, só isso, juro. Odeio quando ele tenta se aproveitar de alguém. Tenho nojo.

Ele estava me oferecendo uma verdadeira caridade, do tipo que não se questiona. Confiei. Em parte porque ele me lembrou daquele personagem. Eu viira *O segredo íntimo de Lola* com Sandro pouco depois de nos conhecermos, um ano antes. A citação virou uma piada entre nós dois: “Talvez amanhã. Talvez nunca. *Talvez*.” O filme começa com torres de petróleo subindo e descendo além da janela do ninho de amor de um jovem casal, o andarilho e uma namorada de quem ele não gosta. O início era a cena favorita de Sandro e a razão de ele adorar o filme, torres de petróleo bem do lado de fora da janela, subindo e descendo, subindo e descendo, enquanto a garota e o rapaz estendidos na cama têm uma discussão num bangalô barulhento, decrépito e obscurecido pela indústria. Depois disso começamos a usar muito a palavra *bangalô*. “Você vem ao meu *bangalô* hoje à noite?”, perguntava Sandro. Apesar de, na verdade, ser uma construção de vidro e ferro batido, com trezentos e setenta metros quadrados em cada andar.

Stretch me mostrou o quarto. Era bem-arrumado e um pouco desolador. O filho do dono guardava sua coleção de bicicletas antigas que ocupava metade do espaço, assim como pilhas de caixas de leite feitas de madeira cheias de chaves inglesas e peças

de bicicleta. Stretch disse que estava acostumado com aquilo. De um lado da pia, havia uma chapa elétrica e, do outro, um kit de barbear e um creme de cabelo Brylcreem. Parecia o cenário de um filme sobre um andarilho chamado Stretch que morava numa pequena cidade de jogatina na fronteira de Nevada.

Fui a um restaurante mexicano do outro lado da rua do motel e pedi peixe, que veio inteiro. Fiquei remexendo, sem saber o método apropriado de cortá-lo, e por fim resolvi cortar a cabeça. O peixe ficou estendido no meu prato, parecendo mais uma fuselagem de avião arrancada. Na carlinga, em vez de pilotos com cheiro de mentol, estava a gosma escura de seu ex-cérebro de peixe. Tive que me virar e fiquei observando dois homens sentados num reservado do outro lado do salão, os quais provavelmente também estavam aqui para dirigir seus veículos nas planícies de sal. Tinham grandes bigodes, os rostos tostados pelo sol e pelo vento, suspensórios emoldurando panças régias. A garçonete lhes serviu dois pratos de enchiladas, vastos lagos de queijo quente e feijão. Quando ela botou os pratos na mesa, os dois pararam de conversar e se recolheram a um momento íntimo para examinar a comida, examinar mesmo. Todo mundo fazia isso nos restaurantes, parar um tempo para inspecionar a comida, mas eu nunca notava, a não ser que estivesse sozinha.

A roupa de cama de Stretch era de flanela de algodão e certamente não era do motel. Sempre me surpreendi que os homens quisessem confortos domésticos. Sandro dormia no chão quando era garoto, diz que sentia não merecer uma cama. Fazia parte de seu ascetismo rejeitar de alguma forma seus privilégios. Eu não ligava se merecia ou não uma cama, mas tive problemas para me acomodar. Os caminhões na estrada rugiam pelo meu sono leve. Não consegui me esquentar e deitei com minha jaqueta por cima do cobertor, com o couro virado para cima como uma casca de pão. Tinha medo de Stretch se enfiar na cama comigo. Quando me convenci de que ele não faria isso, fiquei preocupada com o dia seguinte, com meu teste de velocidade no sal. O que aconteceria? De certa forma, não importava. Eu estava ali. Eu estava levando aquilo adiante.

Nas profundezas do meu sono gelado de motel, sonhei com uma máquina gigantesca, um avião tão grande que enchia o céu de metal

e com o som áspero do motor reduzindo. Eu não estava em Nevada, mas na minha casa em Nova York, que estava escura sob a sombra do terrível aparelho, um jato de passageiros ampliado cem vezes. Voava devagar, na velocidade de um avião prestes a aterrissar, mas sem luzes debaixo das asas. Vi enormes flaps de aterrissagem, feios e cheios de rebites, articulados em juntas oleosas, enquanto o avião descia cada vez mais, até não restar mais nada do céu, a não ser o metal do dorso da fuselagem e um ruído envolvente.

De manhã, Stretch apareceu e tomou banho. Enquanto a água corria, vesti rapidamente minha roupa de couro. Estava arrumando a cama quando ele surgiu, com uma toalha ao redor da cintura. Alto, louro e magricela, feito uma girafa, com água escorrendo pela pele enrugada devido ao banho quente. Perguntou se eu me importava de tapar os olhos por um momento. Senti a nudez dele ao se trocar, mas acho que ele poderia alegar da mesma forma ter sentido a minha, bem debaixo das minhas roupas.

Já vestido, sentou-se na cama e penteou o cabelo molhado na sua versão dos anos setenta do rabo de pato, bem ajeitada, mas caindo pela nuca até o pescoço. A importante questão do cabelo numa cidade pequena. Amarrei minhas botas. Conversamos sobre as provas de velocidade, que estavam começando naquele dia. Eu disse que ia participar, mas não que era por causa da arte. O que não era mentira. Eu era uma garota de Nevada e era motoqueira. Sempre me interessei por recordes de velocidade. Estava acrescentando àquilo uma deliberação nova-iorquina, ideias abstratas sobre traços e velocidade, que não era algo que Stretch precisasse saber. Poderia me fazer parecer uma turista.

Stretch disse que o filho do dono do motel ia participar da corrida com um Corvette, mas que não sabia nem verificar o nível do óleo e a pressão dos pneus, que tinha mecânicos preparando o carro e um motorista para correr por ele.

— Preciso preencher o formulário da corrida para ele porque esse menino não sabe o que significa “deslocamento”. — Stretch riu e depois ficou quieto.

— Nunca conheci uma garota que pilotasse uma motocicleta italiana — observou. — É como se você não fosse real.

Ele olhou para o meu capacete, as luvas, a chave da motocicleta em cima da mesa. Parecia que o quarto estava prendendo a respiração, a cortina de motel grudava no vidro com a corrente que entrava pela janela meio aberta, uma faixa de sol ondulando abaixo da barra da cortina, o tecido opaco segurando o mundo exterior.

Ele disse que gostaria de me ver correndo, mas que precisava ficar no hotel trocando os azulejos apodrecidos de um banheiro.

— Tudo bem — respondi.

Fiquei aliviada. Tive certeza de que esse interlúdio, minha noite na cama de Stretch, não devia se sobrepor ao meu próximo destino.

— Você acha que vai passar de novo por aqui? — perguntou ele.
— Quer dizer, alguma outra vez na vida?

Olhei para os caixotes de ferramentas e para a pilha da coleção de bicicletas do filho do dono, algumas em boas condições enquanto outras não passavam de esqueletos enferrujados com correntes partidas, talvez guardadas simplesmente porque ele tinha bastante espaço livre no quarto do pobre Stretch. Pensei em Stretch tendo que passar a noite inteira sentado num estacionamento em vez de estar deitado na própria cama e, juro, quase resolvi dormir com ele. Vi a nossa vida: Stretch encerrando um dia de trabalho, coberto de pó de reboco, ou limpo, calçando meias esticadas até os tornozelos afilados. Os pequenos episódios de graça e grosseria com os quais tinha lidado sendo relatados em miniatura para mim.

Eu me levantei, recolhi meu capacete e as luvas e disse que provavelmente não voltaria tão cedo. Depois o abracei e agradeci.

Ele disse que talvez precisasse tomar outro banho, desta vez frio, e por alguma razão o comentário pareceu meigo, e não de mau gosto.

Mais tarde, o que mais me lembrei foi da maneira como ele disse o meu nome. Como se achasse que me conhecia.

Eu deixara meus pensamentos caírem no espaço arejado entre mim e fosse qual fosse a ideia que Stretch fazia de mim. Ele entenderia de onde eu vinha, mesmo se não soubesse falar de cinema ou pintura. “Você esteve no Vietnã?”, eu perguntaria, imaginando ouvir uma história terrível, eu ali para dar algum apoio, os dois na cabine de uma velha picape branca, o gigante sol

alaranjado do deserto sobre o horizonte achatado de Nevada. “*Eu?*”, perguntaria ele. “Que nada.”

* * *

No pequeno trajeto entre a cidade e as planícies de sal, o deserto alto cintilava no sol da manhã. Branco, areia, rosa e malva — essas eram as cores aqui, o tom arenoso bordeando o verde em alguns lugares, com esporádicas explosões de amarelo empoeirado, girassóis galhudos abrindo três flores em cada pé.

O último comércio da cidadezinha de jogo era um complexo de trailers isolados numa encosta. BEBIDAS, DANÇA E MULHERES NUAS. Voltei a pensar em Pat Nixon, nas roupas de baixo de uma paleta Pat Nixon. Chiffon cor de pêssego ou amarelo-limão. Quando era adolescente em Reno, ao ouvir as palavras *Rancho Mustang* eu imaginava um alojamento espaçoso onde havia espelhos com brocados dourados e camas redondas, além de almofadas forradas de veludo em forma de troncos de árvores. O verdadeiro Rancho Mustang era apenas um aglomerado de construções encardidas, com mulheres tristonhas e viciadas em drogas lá dentro. Mesmo depois de entender o que era aquele lugar, continuava parecendo natural ouvir Rancho Mustang e imaginar o luxo no campo, com salas de estar rebaixadas, bares, talvez alguém pondo “Tears at the Grand Ole Opry”, de Wanda Jackson, na vitrola. Mas eles estavam ouvindo Top Forty naqueles lugares, ou então o som do gerador.

Depois da estrada de acesso saindo da interestadual, um lago de brancura intensa e cintilante refletia o sol como uma lâmina de faca achatada. O branco puro se estendia tão longe na distância que o horizonte revelava a leve curvatura da Terra. Ouvi o rasgão sonoro de um jato militar, como uma espátula gigante sendo arrastada pelo concreto úmido, mas só enxerguei azul acima de mim, um azul puro e saturado que parecia recortado de uma cunha interna do céu. O jato não tinha deixado rastro nenhum, apenas um som envolvente que não vinha de uma direção específica. Outro jato passou raspando, alto e invisível. Eu devo ter ouvido esses jatos durante a

noite. Havia uma base ali perto, na Área G do meu mapa, uns parênteses cinzentos. Pensei em satélites, nos soviéticos, cujos contornos peguei emprestado de um antigo capacete em forma de globo de um mergulhador de profundidade, uma órbita arredondada piscando e traçando ranhuras no céu como uma caneta de ponta esférica. Tudo estava sendo fechado na Área G, como tetos escamoteáveis, e mísseis rolavam escondidos para o surgimento programado da sonda, os militares mudando os objetos do teatro para o próximo ato.

Considereei qual seria a razão que levou os militares a não tomarem posse das planícies de sal para realizar seus testes. Não sei que tipo de testes, mas algo envolvendo calor, velocidade, empuxo, motores gritantes. O lendário americano Flip Farmer tinha cruzado esse planalto e alcançado oitocentos quilômetros por hora, dirigindo um tubo de três rodas de quatorze metros equipado com um motor de um jato Phantom da Marinha. Por que Flip, um cidadão comum, e não as forças armadas? Seria de se pensar que eles reivindicassem esse lugar, um local para velocidades não verificadas quase sem repercussão. Mas os militares não queriam um imenso deserto de sal. Eles meio que o deixaram com Flip Farmer, o detentor do recorde mundial de velocidade no solo.

Quando menina, eu adorava Flip Farmer como as outras garotas adoravam pôneis, patinação no gelo ou Paul McCartney. Acima da minha cama, tinha um pôster com Flip ao lado do seu carro, o *Vitória de Samotrácia*. Flip com seu sorriso de cereais matinais, o traje de corrida fechado com zíper, feito de um tecido resistente azul metálico que exibia um matiz lilás nas dobras em alguns ângulos, e botas de corrida de amarrar cor de sorvete de baunilha. Tinha um capacete embaixo do braço, prateado, com “Farmer” escrito em letras roxas floreadas. Eu havia encontrado aquela imagem de novo recentemente enquanto me preparava para minha corrida na planície de sal, num livro sobre a vida de Flip que achei numa livraria. O *Vitória de Samotrácia* estava logo atrás dele, sobre o sal. Era pintado no mesmo tom de lilás que os reflexos de seu traje corta-fogo, laqueado à mão até atingir um leve brilho, com tonalidades prateadas nos dutos de entrada e no aerofólio traseiro. Puro peso e

energia, mas também sem peso, com sua enorme barbatana na cauda e um gancho para arranhar o céu.

Quando eu tinha doze anos, Flip veio a Reno e distribuiu autógrafos no cassino. Eu não tinha uma foto para ele assinar, por isso pedi que assinasse na minha mão. Durante semanas, tomei banho com um saco plástico cobrindo essa mão, preso por elástico no pulso. Não era bem um entusiasmo romântico. Há diferentes níveis de maturidade. Meninas novas não cogitam a ideia de sexo, o próprio corpo com o de alguém. Isso vem depois, mas não é que não exista nada antes. Tudo que há é uma transferência inocente, um sonho, e os ídolos são perfeitos para os sonhos dessas menininhas. Não são reais. Não são o frentista do posto de gasolina tentando nos atrair para os fundos da loja, um jornalista tentando nos levar para um barracão ou o pai de um amigo tentando nos atrair para o carro dele. Eles não seduzem. Eles chamam, feito miragens do deserto. Flip Farmer era seguramente inalcançável. Era especial. Eu o escolhi entre todos os homens do mundo, e ele assinou as costas da minha mão e sorriu mostrando os dentes retos e muito brancos. Deu aquele mesmo sorriso a cada um de nós, crianças e adultos que fizemos fila no Harrah's. Não éramos indivíduos, e sim uma superfície sobre a qual ele se movia, sorrindo, mas mantendo-se afastado. E a questão é que, se ele tivesse retribuído meu olhar, provavelmente eu teria lavado o autógrafo dele da mão.

No ano em que passou por Reno, Flip escapou por pouco da morte ao bater seu recorde de velocidade no solo sobre o sal. Logo depois de ter chegado a oitocentos e quarenta quilômetros por hora, o paraquedas traseiro abriu prematuramente. Ele se soltou da traseira do *Vitória* e o arrebentou, fazendo o carro girar em ziguezague entre os marcadores de distância. Flip recuperou o controle, mas não havia como reduzir a velocidade sem paraquedas. Continuava a oitocentos quilômetros por hora. Flip sabia que, mesmo que encostasse apenas de leve nos freios, eles derreteriam e queimariam, e o carro não poderia ser parado. Os freios eram feitos para velocidades inferiores a duzentos e quarenta quilômetros por hora. Teria que deixar o carro reduzir sozinho, mas isso não estava acontecendo. Ao voar baixo sobre o sal, quase sem atrito, Flip

percebeu que de qualquer forma tudo ia acabar. Se ele usasse ou não os freios, tudo estava prestes a chegar ao fim. Então ele usou os freios. Tocou bem de leve no pedal com a bota esquerda. O pé afundou até a tábua. O carro continuou seguindo em frente, sem perder velocidade. Flip bombeou o breque, e nada. Só o barulho do pedal batendo no fundo do carro, o mundo parecendo líquido visto através do para-brisa plástico em formato de bolha.

Passou a toda pelo marco zero, o final do circuito oficial da corrida. Sua equipe e vários jornalistas continuaram observando. Ele estava a seiscentos quilômetros por hora. Ali, a superfície era desnivelada. O motor estava desligado, e ele não ouvia nada além das batidas e dos solavancos da suspensão do *Vitória* corcoveando no sal irregular. Ele teve tempo para pensar, na cabine que logo seria sua tumba, tempo para notar como aquele espaço era pequeno e conhecido. Tão íntimo e tranquilo. O interior do carro estava cheio de uma fumaça branca. Enquanto esperava a morte, tendo desistido de apertar os breques, de repente lhe ocorreu que aquela fumaça era sal, aspirado até se tornar uma poeira em suspensão, moído pelas rodas e empurrado pelos eixos até a pequena cabine do veículo.

Através de uma névoa branca que reduzia sua visão à fuselagem, uma fileira de postes de eletricidade despontou à frente. Flip tentou se esgueirar entre eles, mas acabou destruindo vários. Em seguida, estava deslizando no raso lago de sal, a água espalhando dos dois lados do *Vitória*. Finalmente o carro começou a desacelerar — para trezentos e cinquenta, cento e cinquenta. Mas então passou em disparada por um dique de sal de três metros de altura, construído quando cavaram a vala de drenagem na orla sul da planície. O mundo ficou vertical. Um quadrângulo de céu puro e sem nuvens. Uma contemplação forçada do paraíso, de um azul puro e angelical, o prelúdio clássico da morte. Se houvesse somente uma resfolegante traineira, uma nuvem de rebocador ou até mesmo uma bola de algodão de vapor manchando o azul, Flip teria tido esperança. Mas só havia o azul. O carro estava indo em direção à fossa de drenagem, do outro lado do dique. Cheia de água de chuva. O *Vitória* bateu com violência. Enquanto afundava, de frente, Flip abriu a cabine, desesperado. Não haveria como abrir a cabine com o

carro debaixo d'água. Flip arrancou a máscara de oxigênio e tentou sair do banco do motorista. Estava preso. Não conseguia sair de trás do volante. O carro estava afundando. O traje corta-fogo ficara preso nas alavancas do motor a jato. O *Vitória* já estava debaixo d'água, e Flip ainda tentava desenroscar a manga do traje das alavancas. Quando seu cérebro já estava perdendo o último átomo de oxigênio, ele se desvencilhou e nadou em direção à luminosidade ondulante acima, onde o sol penetrava a água. Emergiu na borra de combustível que se juntava na superfície. A equipe de resgate veio correndo. Arrastaram Flip para um lugar seguro antes que o combustível explodisse, emitindo um estouro, depois um estouro ainda maior, seguido por uma violenta ebulição quando o *Vitória de Samotrácia* explodiu embaixo da água feito bastões nucleares na piscina de um reator.

No ano seguinte, Flip construiu outro carro, o *Samotrácia II*, com um motor a jato maior e grandes freios a disco na traseira, em sua oficina no bairro de Watts, em Los Angeles. Era 1965. As manifestações de rua eclodiram, e a oficina pegou fogo, ou talvez tenha sido incendiada. O *Vitória de Samotrácia II* foi bastante danificado. Ele não conseguiu consertá-lo a tempo da temporada das planícies de sal, que só vai de agosto a setembro ou outubro, antes da chegada das chuvas e da transformação do antigo lago numa imensa cuia rasa. Naquele ano, as chuvas chegaram mais cedo, e o *Samotrácia* ainda não estava pronto. Li isso tudo na sua autobiografia, *Winning*. As manifestações e a chuva eram descritas no livro como infortúnios da mesma ordem: um e depois outro. Tumultos em Watts, chuva nas planícies. Sorrindo, o suburbano Flip falava sobre como ele e a equipe se distraíram com uma versão improvisada de minigolfe, barricados dentro da oficina enquanto os manifestantes atiravam bombas caseiras. “Puxa”, escreveu Flip, ou seu *ghost-writer*, “que ano de má sorte aleatória.”

Flip recuperou seu recorde mundial na temporada que se seguiu aos protestos de Watts e o manteve até o ano passado, 1975, quando um italiano o quebrou a bordo de um veículo a jato. Depois disso, Flip se aposentou oficialmente. Agora ele faz propaganda de amortecedores na televisão. O italiano, Didi Bombonato, é

patrocinado pela marca de pneus Valera Tires, que é onde as linhas começam a se cruzar. Didi Bombonato estaria no deserto de Bonneville Salt Flats para estabelecer um recorde. Sandro é Sandro Valera, da Valera Tires e das motocicletas Moto Valera.

* * *

Nas planícies, o sol conspirava com o sal para formar um gás de luminosidade e calor que se dissipava para todas as direções, os raios refletidos ricocheteando no chão branco ofuscante e queimando minhas coxas dentro da calça de couro.

Estacionei e passei pelos postos de preparação abertos. Pessoas arrastavam carros de corrida e motocicletas de reboques de trailers até as bancadas, desenrolando cabos para ligá-los nos geradores de energia, transferindo gasolina de grandes tanques para galões de plástico com funis. Gasolina rosa e óleo sintético vermelho para motores ensopavam o sal como resíduos de um açougue. O próprio sal, de perto, era da cor de açúcar mascavo, mas a luz do sol refletia como se fosse o mais puro branco. Só quando uma nuvem momentânea passava na frente do sol e reformulava a terra num outro estado de espírito, formando uma sombra fresca e atraente, é que o sal revelava sua verdadeira personalidade com um tom leve de bege. Quando a nuvem se afastava, tudo descorava para o resplendor branco da graxa de molibdênio.

Eu ouvia o deslizar sedoso de gavetas de caixas de ferramentas, o tilintar de chaves inglesas caírem no sal batido. Garotinhos bronzeados passavam por mim de bicicleta, com bonés no cocuruto, imitando os pais e tios que se aglomeravam nas bancadas, debruçados sobre veículos, com as fivelas dos cintos deslocadas para o lado para não arranhar a pintura. Para além das bancadas, mulheres grandes se abanavam e vigiavam as caixas térmicas. Em cada posto de preparação havia uma dessas mulheres, sentada numa frágil cadeira de alumínio, o peso distendendo o tecido do assento, as pernas abertas, deixando à mostra suas canelas monstruosas que mais pareciam grandes rostos inexpressivos.

Abrindo e fechando as caixas térmicas para retirar ou simplesmente monitorar refrescos e sanduíches, enquanto os maridos abriam e fechavam as gavetas de metal vermelho das caixas de ferramentas fixas ou móveis. As mulheres pareciam profundamente entediadas, mas também orgulhosas, como veteranas do evento.

Carros eram empurrados da área de testes, com sal empilhado no rastro de cada pneu como neve não derretida, enquanto eu preenchia meu formulário de registro e esperava minha moto ser inspecionada. A comitiva da Valera chegou, um comboio de caminhões, trailers e ônibus com ar-condicionado, com vidros fumê e geradores industriais. Estacionaram numa área reservada do sal. Isolada por cordas. Entreguei meu formulário. Ainda faltavam algumas horas até que chamassem minha categoria. Andei até a linha de chegada. Os homens que cronometravam a chegada eram como os que eu tinha visto no restaurante mexicano na noite anterior, com grandes bigodes, óculos escuros, fones de ouvido de proteção, walkie-talkie afivelado no peito e jaquetas oficiais.

Para recordes de velocidade no solo, cada piloto tem a pista só para si. O piloto corre sozinho, mas o tempo de percurso é relativo à categoria em que se corre — no meu caso, motos 650 cc twin não modificadas. Um piloto não repete o trajeto do outro, por isso os veículos correm sem parar o dia inteiro, indo e voltando no calor luminoso e esbranquiçado, cada sucesso ou infortúnio computado individualmente. Havia duas longas filas, percurso curto e longo. Nas filas ficavam todos os tipos de carros e motos, além de dragsters de motores de oito cilindros, bólidos que pareciam ogivas sobre rodas, os motoristas confinados deitados de costas em pequenos compartimentos horizontais, centímetros acima do sal, e as elegantes fuselagens de alumínio polido, arredondadas e lisas como sabonetes usados, as saias dos para-lamas quase raspando a estrada. Havia também antigos esportivos com novas pinturas cintilantes, barras de proteção e grandes números pintados nas portas. Carrões americanos antigos. Um Chrysler Town & Country 1953 rosa e amarelo, uma miragem em technicolor com molas de suspensão.

Depois do ano que passei em Nova York, praticamente me esqueci de que existia um mundo de outros lugares, de pessoas que viviam fora da cidade e recriavam seu próprio estilo. Havia um monte de equipes familiares, e em alguns casos a mãe era a motorista. Não em muitos, mas eu não era a única mulher, embora talvez fosse a única mulher numa motocicleta. Havia a piada do calhambeque de partida, que dava o sinal de partida na linha de saída para os outros veículos. Qualquer coisa sobre rodas que andasse funcionava. Como um ônibus escolar, um calhambeque de recém-casados arrastando latas, uma caminhonete de sorvete. Quanto mais elaborada e profissional fosse a corrida de carros, mais ridículo ou abertamente impraticável parecia ser o veículo do sinal de partida. Embora eu estivesse enganada a respeito da caminhonete de sorvete. O veículo estendeu o toldo e abriu a loja, garotos de pescoço fino já faziam fila na janela. Uma ambulância chegou, e me perguntei o que tinha acontecido, qual era a gravidade do ferimento. Mas a ambulância era um calhambeque, tirando um carrinho da linha de partida, o motorista usando uma camisa branca de médico e com ataduras embebidas em sangue falso.

A cada poucos minutos, um motor berrava quando um veículo arrancava da linha de partida, espalhando uma nuvem de sal pelos pneus traseiros. Segundos depois, o veículo começava a flutuar, a parte de baixo tremulando. Em seguida, a coisa toda se liquefazia e se perdia no horizonte num borrão disforme.

Eu via um ronco após o outro, a carenagem, a nuvem de sal, a flutuação, e depois o brilho difuso e a cintilação no limite do horizonte, pronto.

Carenar, nuvem de sal, flutuação, pronto.

Carenar, flutuar, pronto.

Havia muitas pessoas assistindo. Motoristas, crianças, esposas, técnicos. Só o que tínhamos, para acompanhar a ação, depois que o veículo tremulava e se mesclava com o nada, era a voz rachada dos rádios do cronometrista oficial. Eu sempre me preparava para o pior depois do estalo do rádio. A antecipação era estruturada com a lógica do local. Ninguém estava esperando ouvir que o percurso foi rotineiro, coerente, que não houve problemas. Os que ficavam atrás

da linha de partida não conseguiam ver nada quando um carro passava do primeiro quilômetro. Ninguém estava lá para ver. Estávamos esperando notícias de algum evento que conseguisse estremecer aquele local gigantesco, indiferente e impassível. O que mais além de uma estupenda destruição poderia fazer isso? Estávamos esperando a morte.

* * *

Meu projeto final na escola de arte foi um filme sobre Flip Farmer. Entrei em contato com ele na sua loja, em Las Vegas, para pedir uma entrevista, mas ele só concederia se eu pagasse cinco mil dólares. Parecia não distinguir uma estudante de arte sem dinheiro da revista *Look*. Decidi me arriscar e bater à sua porta. Ele morava numa ladeira acima da avenida. Uma cortina foi aberta e logo fechada. Ninguém ia atender. Fiz uma panorâmica do local com uma super-8, foquei um balanço de pneu, imóvel no dia sem vento, brinquedos quebrados, espreguiçadeiras das quais alguém tirava a armação e entortava para vender o alumínio. Diversos projetos de carros dispostos em blocos — trabalho de fundo de quintal, como Scott e Andy chamavam aquilo. “Ei, você não pode filmar aqui! Ei!”, era uma voz de mulher, vindo de trás de uma janela. Achei melhor ir embora.

Um colega meu de escola chamado Chris Kelly tinha tentado fazer um documentário sobre a cantora Nina Simone e viveu uma situação semelhante ao bater à porta dela. Ele a seguiu até o Sul da França. Nina Simone abriu a porta de roupão, viu que o visitante estava segurando uma câmera, então sacou uma arma do bolso do roupão e atirou. Mas ela não era uma boa atiradora. Chris Kelly, que se virou e saiu correndo, só foi atingido uma vez, de raspão no ombro, enquanto se embrenhava pelo mato alto ao redor da fazenda. Ele não conseguiu nenhuma imagem de Nina Simone, mas de alguma forma eu vi o roupão de onde ela tinha sacado a arma. Fluido e feminino, com flores rosa e amarelas e enfeites verdes, folhas semiabstratas. As pernas morenas de Nina Simone. Os pés chatos e

cheios de calos enfiados num par desses chinelos de couro unissex que europeus como Sandro usavam em casa. Ela atirou em Chris Kelly, e depois disso ele se tornou uma lenda na UNR. Ou ao menos era uma lenda para mim. Ter sido alvejado por uma arma de fogo causava uma boa impressão; elevava o que ele fez de um projeto de estudo a uma obra de arte real. De alguma maneira, era melhor do que se a tivesse filmado num estilo tipicamente documental. Chris Kelly mudou-se para Nova York um ano depois e se tornou duplamente uma lenda para mim, por ser o sujeito que levou um tiro da cantora e também por ter se mudado para Nova York.

Depois que saí da casa de Flip Farmer na ribanceira, rodei pela avenida principal de Las Vegas no entardecer, a câmera filmando a minha partida, o neon dos cassinos piscando no para-brisa do automóvel que eu tinha pegado emprestado para a viagem. Sinal de trânsito. Homem com um chapéu de caubói branco atravessando a rua. Letreiros acumulados em frente às altas montanhas. Capela, Gulf, Texaco, motel, unidades familiares, revista, casa de penhores, geladeira, diversão. Um percurso lento pela cidade antes de sair. Sem Flip. Um filme sobre Flip sem Flip. Não ficou tão ruim e, quando fui a Nova York pela primeira vez, eu basicamente fiz curtas-metragens que eram como a rota de saída da casa de Flip. Eram rondas por Chinatown à noite, ou em edifícios abandonados no Lower East Side. Eu não sabia o que estava procurando. Filmava e depois olhava as imagens para ver o que havia ali.

Sandro tinha me falado sobre um dos artistas de Helen Hellenberger que havia feito um desenho andando em linha reta por mais de um quilômetro e meio no deserto Mojave e marcado com giz. Era quase feminino, brincou Sandro, *andar*. Contemplação, natureza, submeter-se passivamente ao tempo que tinha levado.

O tempo que tinha levado: foi aí que eu tive a ideia de fazer isso. “Que tal andar o mais depressa possível?”, pensei. E sem marcar com giz. Desenhando com rapidez e quase sem deixar vestígios.

Passei metade do dia em meio aos que esperavam a morte e agora estava na fila para o longo trajeto, desejando que não fosse eu a sacrificada.

Talvez por eu ser uma das poucas mulheres dirigindo um veículo naquele dia, os cronometristas oficiais me deixaram guardar a mochila e a câmera com eles enquanto eu fazia meu percurso. Todo mundo adorou a moto. Era novinha, e havia lista de espera para comprar aquele modelo em todas as lojas dos Estados Unidos. Até o pessoal da Valera veio admirar. Eu não contei que era namorada de Sandro. Simplesmente deixei que admirassem a moto, ou admirassem a ideia de uma garota americana pilotando aquela moto. Didi Bombonato não estava entre os que vieram dar um oi, ver a moto. Ele estava no ônibus com ar-condicionado. Ia correr mais tarde, quando o sal fosse fechado para todos os demais.

Sem veículo de apoio?, perguntou o cronometrista oficial.

Uma moto comum, respondi, dando a partida elétrica.

Eles iam marcar meu tempo aos três quilômetros, mas eu estava planejando ir mais longe, percorrer todos os quinze quilômetros, assim eu teria muito tempo e espaço para atingir a velocidade máxima. Queria sentir o tamanho das planícies de sal. Quando requisitei o percurso longo e não o curto, a secretária do cronometrista me perguntou se meu veículo ultrapassava os duzentos e oitenta quilômetros por hora. Menti e disse que sim, e ela deu de ombros e escreveu um *L* ao lado do meu nome.

Tinha chovido recentemente, razão pela qual os pneus de todo mundo estavam cobertos de sal. O sal ainda estava úmido por causa da chuva, e pegajoso, o que significava que eu teria marcas para fotografar depois da minha corrida.

Vá com calma, recomendou-me o cronometrista oficial. Estão esperando lufadas de vento. Depois de quatro quilômetros e meio, a pista fica esquisita por centenas de metros, pois não foi completamente nivelada quando eles alisaram. Ele foi gentil. Não me depreciou por ser mulher. Só me passou as informações pertinentes e fez sinal dizendo que eu podia ir.

Fiquei me lembrando, enquanto me preparava para acelerar na linha de partida, das corridas de esqui, das centenas de momentos

que passei contando os segundos no posto de cronometragem, do coração martelando, agachada no início de um percurso, apertando o cabo dos meus bastões, plantando-os e replantando-os para dar o pulo inicial, rodeada de cronometristas oficiais — sempre homens, todos homens, mas que me levavam a sério, falavam com gravidade sobre as imperfeições do percurso, que tipos de perigo eu devia considerar, cortesia propiciada a todos os corredores. Em Bonneville, as sensações da partida eram quase idênticas: a neutralidade dos juízes, pessoas que com certeza tinham feito esse percurso, pintado suas três linhas de óleo, arrastado raladores para cima e para baixo atrás de caminhões, assim como os juízes nas corridas de esqui testavam o percurso e montavam as portas. O bipe do equipamento de cronometragem, esperando para lançar um fio vermelho no branco. E a qualidade da luz, puro reflexo branco, como a neve cintilando na manhã acima da linha das árvores.

Bipe, bipe, bipe. Parti.

Fui pulando marchas até chegar à quinta. O vento me empurrava para trás, ameaçando arrancar meu capacete, como se eu estivesse com a cabeça enfiada numa queda d'água. Cheguei a cento e oitenta no meu velocímetro e me abaixei. O sal não parecia uma estrada. Eu tinha a impressão de estar derrapando à beça, como se estivesse na neve, mas tinha tração, uma tração levemente solta que tinha que ser encarada com fé. Eu estava a cento e noventa. Depois a duzentos. Sentia-me alerta a qualquer grânulo de tempo. Cada grânulo *era* tempo, a única imagem pertinente, as outras momento-imagens, antes e depois, perdidas, desconsideradas. Só percebia a minha mão no acelerador, o comichão da vibração nos meus dedos enluvados: duzentos e dez, duzentos e vinte. Floating Mountain pairava a distância, uma miragem na orla. Nublada e maciça. Acontecesse o que acontecesse, ficaria observando sem ajudar. Preste atenção, disse a montanha. Você pode morrer.

O caminhoneiro tinha falado mais ou menos isso, que eu não ficaria tão bonita num saco para cadáveres. Provavelmente eu o tinha passado, pegando-o desprevenido com o ruído do meu escapamento.

Minha mão esquerda estava com câimbras de tensão. Reduzi para cento e noventa e tirei a mão da manopla, dirigindo com a direita. Senti o vento passar por minha luva de pele de cervo, pesado e macio como água. O momento mais espesso do vento é pouco antes de um avião romper a barreira do som. A barreira do som não é nada além de ar, uma imensa muralha de ar. Será que o vento era uma coisa só ou uma coisa de muitas partes, milhões e milhões de partes? Era uma coisa só, um vento. As duas tranças do meu cabelo tinham se soltado de baixo da jaqueta e me açoitavam, picando minhas costas como os longos rabos dos cavalos.

As fotos não mostrariam nada mais do que um traço. Um traço de um traço. Talvez fracassassem totalmente em capturar o que eu esperava: a experiência da velocidade.

— Você não precisa se tornar uma artista imediatamente — disse Sandro. — Você tem o luxo de ter tempo. É jovem. Os jovens estão sempre fazendo alguma coisa mesmo quando não estão fazendo nada. Uma mulher jovem é um conduto. Ela só precisa *existir*.

Você tem tempo. Quer dizer, não o use, passe por ele com paciência, esperando alguma coisa acontecer. Prepare-se para sua chegada. Não precisa correr para encontrá-la. Seja um conduto. Eu acreditei nele. Senti que aquilo era verdade. Algumas pessoas podem considerar isso passividade, mas eu não. Considerei que era viver.

Enfiei as tranças de volta e segurei o acelerador. O sal se estendia à minha frente. Vi a ambulância de verdade, que estava lá para o caso de acidente, estacionada na beira do trajeto. Eu corria a duzentos e vinte e oito quilômetros agora. Duas linhas de óleo pintadas dos dois lados marcavam a pista, com uma terceira no meio. Eu corria pela do meio. A duzentos e trinta e quatro quilômetros por hora. Depois duzentos e trinta e oito. Eu estava apenas no presente. Nada importava, a não ser os milissegundos de vida naquela velocidade.

Lá longe à minha frente, as planícies de sal e as montanhas conspiravam num vórtice empoçado. Comecei a sentir a extensão daquele lugar. Ou talvez eu não tenha sentido, mas a moto, sim,

cujos pneus marcavam suas dimensões a cada giro. Senti um carinho por eles, passando embaixo de mim.

Uma potente lufada de vento me atingiu. Fui empurrada para o lado e forçada para baixo.

A moto descreveu um giro completo. Caí de cabeça no sal, dando uma pancada no concreto branco. Meu corpo saiu raspando, escorregando e batendo antes de subir e colidir de novo. Quase esbarrei na minha própria moto que também derrapava no sal. Por pouco não nos encontramos. Eu escorregava e rolava.

Existe uma falsa noção de que acidentes acontecem em câmera lenta.

Numa colisão, o boneco de teste se curva na coluna de direção, a parte da frente se dobra para dentro, o capô vira um acordeão, vidro se espalha para cima e depois cai de forma graciosa feito as fontes dos cassinos que explodem em confetes. (“*Confete*”, diz Sandro, “confete é doce de amêndoa duro. Ninguém joga isso. Nós dizemos *coriandoli*, uma palavra mais bonita, de qualquer forma.”)

O que acontece devagar leva em cada parte a possibilidade de voltar ao que era antes. Num acidente tudo é simultâneo, súbito, irreversível. Significa o seguinte: não tem volta.

Só sei que o vento soprou e que eu caí.

O que veio depois foi mais lento, mas eu não estava mais lá. As luzes se apagaram.

3. ELE HAVIA PERCORRIDO UM LONGO CAMINHO ATÉ AQUELE MOMENTO DE VIOLÊNCIA RÁPIDA,

para esfacelar a cabeça de um soldado alemão com um farol de motocicleta, depois tirar a adaga do soldado, a pistola, a máscara de gás que não lhe seriam mais úteis. Foi um longo caminho.

De uma infância plácida em frente ao mar da África, em que a diversão de todo menino era formar silhuetas na clara divisão entre a água e o céu, vasta e ilimitada, um mar tranquilo e convexo como uma bolha de vidro soprado, avançando e recuando como se a água esverdeada fosse plasma derretido.

Valera passava horas na sacada da família em Alexandria, procurando navios e mijando nos mercadores berberes que circulavam abaixo com carretas de tâmaras meladas e penas de avestruz. Flaubert já tinha feito isso antes, em sua viagem pelo Nilo numa *foloka* com Maxime Du Camp. Monges coptas tinham nadado até o barco, nus, pedindo esmolas. “*Baksheesh, baksheesh*”, gritavam eles, com a tripulação do veleiro respondendo aos berros, falando alguma coisa sobre Maomé e tentando quebrar a cabeça dos monges com frigideiras e cabos de esfregão. Flaubert não conseguiu resistir e tirou o pinto de dentro da calça e ficou balançando, fingindo mijar na cabeça deles, e cumprindo a ameaça quando os pobres monges se agarraram ao cordame e à proa: “*Baksheesh, baksheesh*”.

Valera era mais furtivo, mandando um jato por cima do balaústre da sacada e se escondendo atrás de um vaso de plantas quando os mercadores gritavam, indignados, e logo empurravam suas carretas, deixando Valera ler em paz, sem o irritante barulho das sinetas e a distração do rangido das rodas de madeira nos macadames. Estava ocupado suplementando sua educação colegial rígida com Rimbaud e Baudelaire, com as cartas de Flaubert, exemplares que comprava

em viagens a Paris com o pai. O pai pagava com orgulho as taxas extras da aduana pelos caixotes de literatura de Valera, sem saber que parte daquilo não só era inapropriada como também totalmente lasciva, como as cartas de Flaubert do ano em que ele desceu o Nilo, 1849. Páginas eram passadas entre os alunos, vincadas e grifadas, retratando uma vida que confirmava a bondade essencial de tudo que diziam aos garotos que era ruim, uma vida que envolvia trepar antes de tomar café da manhã, depois do almoço, antes do jantar, a noite inteira, e depois outra vez na manhã seguinte, com uma tremenda ressaca — a melhor trepada de todas, segundo os relatos de Flaubert. Valera memorizava os relatos de Flaubert e sonhava com a própria educação sentimental de calcinhas transparentes e sândalo, com a interminável sucessão de peitos e bocetas aveludadas que Flaubert conhecera.

Valera suspirava por uma garota francesa chamada Marie, fechava os olhos para eliminar a distância física entre o corpo deles dois, enquanto imaginava que sua própria mão era o lábio, a boca e a língua de Marie. De olhos escuros e pele pálida, Marie morava no convento ao lado da casa de Valera. Era mais velha que ele, mas o deixava segurar sua mão e até beijá-la, porém nada além disso. A promessa de seu corpo cálido estava enterrada sob camadas de nãos e ainda nãos. Toda manhã as garotas eram levadas pelas freiras ao pátio do convento, e Valera se espremia na janela da cozinha para vê-las fazendo agachamentos e alongamentos. Às vezes o sol batia num ângulo que atravessava as blusas de algodão branco e fino das meninas, e ele conseguia ter lampejos do formato dos seios de Marie, que eram grandes e redondos. Não eram sustentados por nenhuma roupa de baixo, como os complicados suspensórios de elástico e musseline que sua mãe usava, e Valera se perguntava se sutiãs eram só para mulheres casadas. Quando olhava no espelho, ele se sentia tolhido, uma desesperançada sensação entrelaçada de anseios e culpa. Seus prazeres privados eram assolados pelo espectro da culpa, mesmo com a porta trancada, as cobertas puxadas: uma fortaleza de privacidade rompida pela voz da mãe chamando seu nome. Acreditava ter armazenado toda uma vida de luxúria e que à primeira libertação

verdadeira ele se descarregaria numa violenta salva e entraria num estado mais administrável. Imaginava que a proximidade física o instruiria sobre muitas coisas — primeiramente, sobre a verdadeira distância entre as pessoas. Estava disposto a pagar para começar sua educação. Andava pela Rue de la Gare de Ramleh, onde as putas trabalhavam ao ar livre, mas a verdade é que ele não conseguia distinguir os homens das mulheres, apesar de terem lido que os homens ficavam de um lado da rua e as mulheres, do outro. Mas qual lado era qual? Tinha vergonha de perguntar. Pareciam todos iguais, usavam echarpes amarradas e dobradas do mesmo jeito, exalavam o mesmo perfume. Ele ansiava por sua própria delinquência sexual, mas não queria surpresas se escolhesse acidentalmente o lado errado da Ramleh. Na noite em que completou quatorze anos, Valera criou coragem e foi a um bordel na Rue Lepsius, onde mulheres nativas — talvez fossem judias — bocejavam e arrumavam os grampos de cabelo. Havia uma grande boneca numa cadeira de perna aberta. Valera logo escolheu uma mulher com uma calcinha de listras douradas cujo cabelo ondulado lembrava o de Marie. Entraram juntos numa pequena câmara com tapetes surrados e um divã cambaleante. A mulher se afundou no divã e começou a baforar um narguilé de um jeito másculo e particular, de olhos fechados, a boca no formato de corneta exalando para o teto nuvens de fumaça em forma de O, que flutuavam virginalmente antes de se esfiapar e romper. Quando acabou de fumar narguilé, a mulher tirou a calcinha. O divã deu um rangido alto quando ela puxou Valera e enrolou as pernas em torno dele. Pressões suaves o envolveram. Ele ignorou a sinfonia de rangidos do divã e entrou num mar ondulante, tendo a sensação de um barco e de ondas. Não importava se ele era o mar e ela, as ondas, só importava o prazer do movimento. De repente a mulher o forçou a se deitar, ativando músculos incríveis. Ele não sabia que as mulheres tinham tais músculos, que eram como uma mão o agarrando e o espremendo até não sobrar nada mais para ser espremido.

A salva que ele esperava não foi violenta, embora tenha ocasionado uma estranha repercussão de tremores. O mais

inesperado foi a tristeza que se seguiu aos picos de prazer, como a fumaça de uma vela extinta. Mas, assim como a fumaça, a tristeza logo se dissipou, e uma semana depois, atrás do bazar a céu aberto, ele pagou a uma mulher nativa para ela deixar que tocasse seu seio. Tinha sido tão envolvido pela mecânica do ato com a mulher do bordel que havia se esquecido de explorar os seus seios, que tinham olhado para ele, balançando suavemente no ritmo do rangido do divã. Atrás do bazar, ele sondou e manipulou os seios da mulher nativa como se fossem frutas à venda. A sensação, para seu horror, foi de queijo de fazenda com grãos de cascalho dentro. Tinha certeza de que os seios de Marie não seriam granulados e desagradavelmente complicados. Os dela seriam flexíveis e consistentes, como dois balões d'água. Ele ficaria esperando os dela, só os dela.

* * *

Um final de tarde, quando voltava de um treino de rúgbi, Valera viu uma máquina diferente estacionada no quebra-mar, uma bicicleta com estranhos compartimentos pintados de preto. Deduziu que tecnicamente era uma bicicleta — duas rodas, um selim, guidom. Mas tinha um motor como o de uma máquina industrial. A superfície cintilava, sem sinais da penetrante poeira de Alexandria, poeira de estrada, pó de tijolo, pó de cal. Como se acabasse de ter sido transportada de uma feira ou um museu, e no entanto estalava com vida, o metal expandindo enquanto o motor esfriava: alguém a tinha usado recentemente. Acima da sólida roda preta traseira, havia uma estranha canaleta ou calha de cabeça para baixo com um maquinário interno. Nomes alemães estavam escritos em dourado na traseira, “Hildebrand & Wolfmüller, München”, numa caligrafia complicada e antiga, em tipos cursivos como os das máquinas de costura anteriores à Guerra da Prússia que sua mãe guardava para a costureira. O nome do lugar, München, fez Valera pensar em operários cujas vidas eram organizadas em torno de conhecimento tátil e nas primeiras horas da manhã, maquinando enquanto o sol

da Bavária se erguia sobre os macadames das ruas. O chassi da motocicleta era grosso e parecia ser feito de ferro, ao qual um gigantesco tubo estava rebitado, uma espécie de barril de metal que devia ser o motor. Não havia pedais, só duas cavilhas rígidas. A roda da frente era raiada, a traseira era um disco opaco negro feito um volante de fábrica. Um jovem virou a esquina, e pelo ploc ploc dos sapatos de sola dura feitos na cidade, Valera percebeu que ele era o dono da bicicleta esquisita. O sol já estava se pondo no mar. O cabelo do homem estava molhado e alisado com as possibilidades da noite. Valera nunca o vira — um francês, supôs. O homem montou na engenhoca. Não havia nada de atlético em sua postura, como se ele fizesse o ciclo rodar sem esforço físico algum, como um cavaleiro passa a perna por cima, monta na sela e crava as esporas. Ele pisou numa manivela com um pé do sapato bacana, para ligar o motor. Depois de algumas tentativas, pegou com um ronco bub-bub-bub tossindo fumaça, estourando e resfolegando, quase morrendo, mas depois pareceu se encontrar e voltou ao ritmo normal. Ah, mas o que aconteceu depois. Por causa do barulho do motor, Valera não ouviu a porta larga e pesada do convento se fechar no batente. Não ouviu as batidinhas leves da sandália de uma jovem. Era Marie, andando pelo quebra-mar. Olhava nervosa para as janelas duplas do convento abertas, andando depressa como que para evitar ser vista. Não notou a presença de Valera. Aproximou-se do homem na trepidante motocicleta, jogou os braços ao redor do seu pescoço e o beijou. Isso é real?, perguntou-se Valera. Ou será que estou imaginando essa traição absurda? Marie montou no selim do veículo atrás do homem, as pernas trançadas nas dele, os braços segurando-o pela cintura, o lado do rosto apoiado em suas costas, a saia envolvendo suas pernas até os joelhos. E lá se foram na máquina preta, deixando um traço fino de fumaça branca desenrolar-se atrás.

Marie, você não era virgem no fim das contas? Você me recusou porque já estava comprometida e não era mais pura? Ou será que eu não era bom o suficiente?

Os dois saíram pelo quebra-mar, a saia de Marie e a jaqueta do homem se agitando no vento quente. A bicicleta ganhou velocidade

até disparar no horizonte, uma navalha ortogonal no olhar de Valera. Ele gritou. Usou tudo o que tinha. Sabia que eles não podiam ouvi-lo. Precisava entrar no espaço do ar também, assim como aquela máquina, assim como o homem havia feito, levando Marie com ele, homem e moto e Marie formando o perfil de um obsceno centauro de duas corcovas percorrendo o quebra-mar.

Observando aquele altivo trajeto, Valera ficou magoado, mas sentiu uma estranha animação na beira de sua mágoa.

— O mundo me é desconhecido — disse ele em voz alta. — Desconhecido.

A moto aquietou-se para um zumbido distante e ronronado até Valera não conseguir ouvir nem ver mais nada. Ficou abandonado a seu súbito novo anseio. Sentiu-se como uma pequena cobra com veneno de sobra. Com medo de fazer alguma coisa precipitada se entrasse no apartamento da família naquele momento — deflorar melões contrabandeados da despensa era só meio prazeroso e culminava em um sentimento de nojo e vazio, que não compensava aquela alegria momentânea —, preferiu descer a decrepita escada da amurada. Acima do corrimão havia marcas azuladas e borradas de mão, deixadas lá por egípcios supersticiosos que queriam espantar mau-olhado. Não havia ninguém por perto, e ele poderia ter resolvido o assunto discretamente, mas preferiu não fazê-lo. Essa ereção, considerou, significava alguma coisa. Ele queria usá-la, de alguma forma. Tirou a roupa, e com a emoção calma de penetrar uma mulher, ele penetrou o mar.

O sol já estava semiderretido, sua vermelhidão se espalhando como licor de cassis no horizonte. Valera flexionou as pernas na água e compôs. Compôs! Fez um poema, seu primeiro poema, para comemorar a máquina negra e condenar o homem que a pilotava.

Quando o sol afundou completamente no horizonte, toda a superfície visível do oceano assumiu uma tonalidade opaca e prateada. Seu corpo desaparecia na linha d'água, e ele se sentiu bifurcado. Duas metades, acima e debaixo da água. Ele podia ouvir tudo com precisão, como se a luz prateada estivesse apurando seus sentidos. Tinha plena consciência das minúsculas nuances nos

rodopios e volteios da água em seu corpo enquanto subia e descia com o balanço.

Ele escreveu um belíssimo poema naquele balanço. Mas sem lápis, sem papel, só tinha a memória para registrá-lo. Praticou-o em voz alta nas ondas. Mas estonteado pela terrível verdade de que a jovem Marie tinha uma vida secreta, de que outra pessoa estava abraçando e apertando seus seios perfeitos como balões de água, e atordoado pela superfície prateada do seu mar, seu — onde ele tinha nadado todos os dias de sua infância e no entanto nunca o tinha visto assumir essa... não exatamente uma cor, mas o brilho descolorido do mercúrio — o devaneio era um cadinho de esquecimento. Uma hora depois ele não conseguia mais se lembrar do poema. Só de alguns fragmentos, como conchas quebradas colhidas numa rede de pesca. ÓLEO DE POSSIBILIDADE e SEM REMORSO, SOMBRA VELOZ ABAIXO DO CÉU AZUL IMBATÍVEL, e AMOR E ÓDIO IGUAIS, FORJADOS EM SUA VENTONHA / NEGRA COMO CANHÕES PRUSSIANOS DERRETIDOS / SEM MÁCULA DE DERROTA. As palavras juntas não formavam um poema. A unidade e a cadência foram perdidas. Mais tarde isso aconteceu com ele repetidas vezes, não no mar, mas enquanto dormia. Acordava com uma noção de que acabara de gerar, nas delgadas camadas finais do sonho ativo, o maior poema de sua vida — objetivamente ótimo — e que este se perdera para sempre, sacrificado ao processo de despertar.

Enquanto Valera nadava em direção à praia, ocorreu-lhe uma coisa: se Marie estava montando em bicicletas estranhas e abrindo as pernas para homens estranhos, significava que Valera também tinha uma chance com ela.

* * *

Não se desespere, disse a si mesmo. Seja paciente. E arrume uma bicicleta com um motor de combustão.

Quando sua família se mudou de Alexandria para Milão, seis anos depois de ele compor seu poema e perdê-lo para o oceano, as

motocicletas estavam se tornando comuns. Era 1906. Seu pai, que tinha erigido depressa um grande império de construção na Milão recentemente industrializada, teria comprado uma para ele com prazer se o filho lhe tivesse pedido, mas Valera demonstrou pouco interesse. Feitas na França, na Alemanha e até mesmo na América, as motocicletas de Milão eram mais novas, de modelos mais aerodinâmicos do que a de München, com seu gigantesco motor de barril de metal, mas nenhuma lhe despertava a mesma emoção. No começo ele sabia por quê. Depois esqueceu. A razão era seu próprio fragmento: o céu imbatível.

Valera cresceu num mundo de tardes longas e vazias no calor africano e reagiu mal ao barulho, ao caos e aos terríveis horários frenéticos de Milão. A cidade transbordava com bondes elétricos guinchando, estremecendo violentamente a cada parada programada como se suas rodas rígidas fossem empurradas sobre pilhas de entulho e madeira. Os vagões eram acorrentados uns aos outros como grandes bois, com um condutor cuja única escolha era puxar a alavanca ou travá-la para parar o bonde. O macambúzio condutor. Puxar a alavanca, travar a alavanca. Puxar a alavanca, travar a alavanca. Intervalo da hora do almoço. Panino de presunto seco e um dedinho de café *espresso*. Puxar a alavanca, travar a alavanca. Os bondes moviam-se à eletricidade dos fios acima, via um bastão que se ligava magneticamente a um fio estendido acima de todas as rotas. Os fios se entrecruzavam no céu como um grande ventilador através do qual a cidade exalava seu hálito poluído. As explosões e a fumaça dos automóveis e motocicletas eram uma guerra travada contra os seus nervos. As luzes elétricas, furos queimados em sua visão. O mais deprimente eram as massas da hora do rush, disparando como ratos por pistas numeradas, agarrando sacos contendo petiscos produzidos em massa que comiam sem prazer enquanto se dirigiam aos seus blocos de apartamentos na periferia.

As motocicletas que resfolegavam tossindo fumaça azulada levavam pessoas para trabalhar em lojas no térreo ou escritórios nos andares superiores, não para o seio de um pôr do sol róseo, para os braços de Marie. Fora a disparidade que o havia chocado muitos

anos atrás. Motocicletas em meio a buzinas, multidões e fios elétricos não eram nada. Garota ao fundo de roupa limpa e ondas, bem, alguma coisa, mas uma luxúria condenada à chatice. Fora o frisson das duas coisas, paredes de cal rachadas e brilhantes peças de motor, a saia de Marie esvoaçando, os joelhos dela ao redor das costas de um babaca francês, a máquina barulhenta peidando um rastro de escapamento no azul vasto e tranquilo, que deixara uma forte impressão.

* * *

Valera, com sua elegante pasta de couro, como um estudante em Roma, não fazia parte da plebe boêmia. Era 1912, e ele estava prestes a concluir seu curso universitário e voltar a Milão a fim de trabalhar para o pai. Mas alimentava um interesse secreto por aquela plebe, jovens rapazes que se reuniam no Caffè Aragno na Via del Corso, discutindo e pregando manifestos em vez de frequentar as aulas da faculdade. Ficava observando-os todos os dias, espreitando numa das mesas na calçada do Aragno, fingindo ler, rabiscando poemas tolos, ou olhando descaradamente para aqueles grupinhos de subversivos conversando uns com os outros em voz baixa. Espionar e participar são mundos separados, e quando o grupinho tinha algo importante a discutir, eles iam para um salão no fundo da cafeteria, que o proprietário deixava-os usar. Eles se entreolhavam e diziam “Terceira sala”, dirigindo-se para a sala secreta no fundo. Valera, o único voyeur, ficava sem grupo para bisbilhotar. Ansiava por estar entre eles.

Certa noite, motocicletas convergiram numa esquina além da cafeteria, motores roncando, olhares protegidos por óculos e sorrisos trocados entre os motociclistas. Ninguém o havia informado.

O que estava acontecendo?

— Uma corrida, companheiro.

Os jovens fumando nas mesas do lado de fora do café vibravam. Alguém jogou uma garrafa cheia de Peroni, que se quebrou na

calçada da esquina, deixando uma grande mancha molhada que cintilava com o vidro quebrado.

Os pilotos recuaram simultaneamente e seguiram pela del Corso.

Dois homens atravessando a avenida com os jornais da noite embaixo do braço e uma mulher de touca preta carregando pacotes voltaram correndo para a calçada. Um bonde apareceu, e o motorneiro teve de puxar a alavanca e deixar a gangue de motocicletas passar. Pedestres e veículos pararam para os renegados, as motos rosnando como um comboio de vespas. A atmosfera tinha mudado. Os olhares rápidos, as retiradas para a sala de reunião secreta, não havia mais nada disso. Aquilo era uma celebração aberta, e Valera também foi contagiado pelo espírito festivo. Sentiu que fazia parte daquilo, mesmo sem saber ao certo o que estavam comemorando.

Vinte minutos depois, ele ouviu o ruído longínquo de motocicletas acelerando em sincronia. Os corredores, voltando.

As motocicletas vieram fluindo pela del Corso, as luzes dos faróis difusas pela neblina em halos iridescentes, cada uma delas uma perfeita miniatura do anel colorido que aparecia em raras ocasiões ao redor da Lua, um efeito de cristais de gelo nas nuvens. Séries de anéis lunares se laçavam e entrelaçavam. Valera sabia que eram motos com pilotos, mas tudo o que via eram os anéis cintilantes. Mandavam uma crepitação sediciosa pelo ar, aqueles faróis, prometendo que algo ia acontecer.

Os motociclistas se reuniram no meio-fio perto da cafeteria, alguns subindo na calçada, rodas raiadas e canos de escapamento quentes, e o zumbido e o ronco dos motores formando uma massa emaranhada sob o letreiro de neon laranja onde se lia CINZANO. O metal cintilante de tanques de gasolina, para-lamas, tampas de carburadores, aros de faróis, aros das rodas, amortecedores e alavancas de freios, tudo isso refletia o neon alaranjado que se derramava sobre cromo e aço e se difundia por toda parte — na atmosfera e na carga da atmosfera, essa sensação de desordem — numa brasa alaranjada. Pela primeira vez na vida Valera achou o neon, e a maneira como banhava aquelas máquinas luzidias estacionadas abaixo dele, deslumbrante. Alguma coisa se misturava,

uma transferência de energia dos motociclistas para seu próprio espírito. A vida está aqui, pensou. Está acontecendo agora.

As pessoas estavam trocando de motos, deixando outros darem uma volta.

Valera se levantou.

— Quer experimentar? — Um capacete redondo como uma tigela de pudim cromada foi colocado em suas mãos por um motociclista que tinha acabado de desmontar.

Valera pôs o capacete, afivelando a tira do queixo. Subiu na moto com o que esperava ser o mesmo elã do companheiro de Marie no quebra-mar de Alexandria, com seu cabelo molhado e aqueles sapatos que estalavam no chão, ele que parecera complementado pela máquina, como se juntos formassem uma coisa só.

— Você começa assim, está vendo? Em ponto morto. Puxe a alavanca de compressão. Um empurrão com o peso do corpo no pedal de partida, e solta a compressão. Bub-bub-bub-bub. Cuidado ao soltar a embreagem. Vá devagar. A primeira é para baixo. Segunda, terceira e quarta para cima. Aqui está o freio de mão e aqui, o freio de pé. Não acione o freio de mão sozinho sem o freio de pé junto, senão você sai por cima do guidom como um saltador com vara.

Valera deixou o motor morrer ao tentar mudar do ponto morto para a primeira. Seu rosto corou.

— Tudo bem, volte para o ponto morto e pise no pedal de partida de novo... Isso, boa... Agora a primeira. Aperte a embreagem para se preparar...

As motos começaram a se mexer de leve. Estavam saindo!

— Vá! Isso mesmo... vá!

As motos estavam se dispersando. Valera empurrou a alavanca com a sola do sapato, deu gás no acelerador e liberou a embreagem, entendendo, desta vez, que era uma invenção de duas partes: a gasolina fluindo e a embreagem soltando num só movimento, mas cada parte é controlada de forma independente, as duas se encontrando numa marca fluida no meio do caminho.

A moto deu um salto à frente, não com muita graciosidade, mas Valera sentiu a essência do que era exigido: controle com os pulsos.

Depois de algumas arrancadas erráticas, sentindo a rigidez das molas da embreagem e o acelerador, ele conseguiu avançar com mais suavidade e seguir os movimentos dos companheiros corredores, cada um reagindo ao outro como fazem os peixes, nadando num cardume, autocoreografados numa só ondulação, peixe a peixe, piloto a piloto, enquanto percorriam as ruas estreitas depois da del Corso.

Valera ficou mais ousado e começou a passar entre os motociclistas, abaixo de sinais de neon que pareciam doces brilhantes e rígidos refletidos em manchas e brilhos nos fios do bonde e nas pistas. Ele estava chegando à frente do comboio.

Quando eles contornaram a rotunda da Piazza Venezia, Valera chegou à frente. Ele e três outros formaram uma escolta. Luz e barulho, o ar úmido no rosto, o capacete fazendo-o se sentir um corajoso soldado. Quatro motocicletas alinhadas, na vanguarda.

Como se fossem uma comitiva oficial, mas subvertendo tudo.

Inclinados sobre o guidom passando por um borrão de macadames, deixando seus encargos para trás.

Uma junta noturna.

Em meio ao rugido de tantos motores ecoando pelas ruas, o piloto ao lado de Valera gritou:

— Vamos tomar a cidade!

Viraram pela Via di San Gregorio, passaram rapidamente pela parede externa do Coliseu, cujo ventre inchado era iluminado por luzes elétricas que vazavam por suas paredes decrépitas e escurecidas, transformando o Coliseu num lanterna quebrada e incandescente.

Entraram na Via Nazionale, enfileirados na escuridão numa cavalgada de faróis de motocicletas, sob o brilho de argônio e neon.

**RINASCENTE FARRINI FALCK
BAR TABACHI CAFFÉ
CINZANO CINZANO CINZANO**

Valera podia ver as luzes turvas da fonte à frente, na enorme Piazza Esedra. Parecia que a noite ia queimar. Estava queimando. Por que ele tinha esperado tanto tempo?

Jogou-se para dentro dela.

4. FESTIM

Eu tinha me mudado de Reno para Nova York pouco mais de um ano antes de minha viagem a Bonneville. Encontrara um apartamento na Mulberry Street e tinha planos de fazer filmes com a câmera que nunca devolvi ao departamento de arte da UNR, uma Bolex Pro. Cheguei com a câmera e o número de telefone de Chris Kelly e pouco mais do que isso. Tinha vinte e um anos. Quis esperar para telefonar para o mítico Chris Kelly, que levava um tiro no braço de Nina Simone. Primeiro vou me situar, pensei. Vou ter alguma noção do que estou fazendo, pensar numa forma de causar uma boa impressão nele. Depois eu ligo. Eu não conhecia mais ninguém ali, mas o centro da cidade de Nova York era tão cheio de vida, repleto de gente da minha idade, e tão cuidadosamente abandonado pela maioria dos outros, que a energia dos jovens brotava do chão. Deduzi que seria apenas uma questão de tempo até eu conhecer pessoas, fazer parte de alguma coisa.

Meu apartamento era tão pálido e vazio quanto minha nova vida, com camadas e mais camadas de tinta branca, como uma máscara mortuária de gesso cobrindo os dois cômodos, conferindo-lhes uma sensação urbana antiquada, e eu não queria emudecer esse efeito com móveis e desordem. O piso era um mapa interligado de diversos pedaços de linóleo que não combinavam, em tons florais vermelhos desbotados, lembrando um quadro de Matisse sujo e rachado. Não tinha quase nada, com exceção de um baú que guardava minhas roupas, alguns livros, a Bolex roubada ou emprestada, uma Nikon F — minha mesmo — e um chapéu de feltro masculino, de dono desconhecido. Eu não tinha xícaras, nem mesa, nada disso. O colchão onde eu dormia já estava lá quando aluguei o local. Eu tinha uma toalha cor-de-rosa desbotada, com a palavra PICKWICK bordada à máquina na barra. Era de um hotel de São Francisco. Eu conhecia uma garota que tinha sido arrumadeira lá e por alguma

razão acabei ficando com a toalha, que parecia mais elegante do que uma toalha normal por ter uma origem, como sapatos espanhóis e perfumes franceses. Uma toalha de Pickwick. O chapéu era um Borsalino que encontrei no banheiro de um bar. Preferi envolvê-lo com meu casaco a devolvê-lo ao barman. Decorava meu apartamento vazio. Toda manhã eu ia a uma cafeteria perto de onde morava, o Trust E, na Lafayette, e me sentava ao balcão. A mesma garçonete sempre estava ali. Os homens que frequentavam o estabelecimento tentavam seduzi-la. Ela era bonita, e talvez fosse mais importante que isso: tinha seios grandes emoldurados por um avental de garçonete decotado.

— Ei, qual é seu nome? — perguntou numa manhã um homem de chapéu duro amarelo, enquanto encarava os seios dela e enfiava a mão no bolso do macacão de trabalho para pagar a conta.

Ela olhou para o rádio atrás do balcão.

— Meu nome é... Zenith — respondeu, sorrindo para ele com seus dentes levemente tortos.

Foi naquele exato momento que eu quis ser amiga da Giddle: seu verdadeiro nome, ou pelo menos o nome pelo qual eu a conhecia.

* * *

Não há palmeiras na Fourteenth Street, mas me lembro delas lá, frondes de palmas escuras no fundo índigo do anoitecer, na noite em que conheci o pessoal armado.

Era como eu pensava neles, antes de conhecê-los. *O pessoal armado.*

Eu estava em Nova York havia duas semanas, e a cidade me parecia estranha, maravilhosa e solitária. O ar do verão era úmido e quente. Era final de tarde. A calçada lotada de gente, com garotas jovens na Union Square de shorts e tops do tamanho de balões estourados, lojas de eletrônicos tocando salsa nas alturas, o Papaya King e suas mangas e bananas empilhadas na vitrine, tudo fazia a Fourteenth Street parecer a avenida principal de uma cidade tropical, algum lugar no Caribe ou na América do Sul, embora eu nunca tenha

estado no Caribe ou na América do Sul, e não sei bem onde vi as frondes das palmeiras. Quando se tornou familiar, a Fourteenth Street nunca mais me deu essa impressão.

Lembro-me do espectro de linguetas de sapatos masculinos estacionados em fila, feito um arco-íris, bico fino, o couro tingido de estampa de cobra verde, amarelo-limão, e tonalidades instáveis de vermelhão e azul. Toda a humanidade usa uniforme, de um jeito ou de outro, e aqueles sapatos eram para cafetões. Eu estava na zona oeste da Fourteenth. Meus pés, inchados devido ao calor, estavam começando a doer. Ouvi música vindo da entrada de um bar, suaves notas de um piano, e depois uma cantora que lançava a voz por cima de uma seção de sopro. *What difference does it make, what I choose? Either way I lose.* Uma voz tão grave que parecia uma voz de mulher tornada artificialmente vagarosa. Era Nina Simone. Uma nota de piano e uma voz barítono masculina percutiam juntas, e depois notas de piano mais agudas desmoronaram para encontrar as mais graves. Entrei.

A música estava alta e era distorcida pelos ecos do lugar. Uma mulher e um homem estavam sentados juntos na outra ponta do bar, os únicos clientes. A mulher tinha um tipo de beleza que eu associava a riqueza e *pedigree*. Uma tez pálida, fina como cutícula, esticada sobre maçãs do rosto altas, o cabelo cheio e ondulado de um louro quente e avermelhado, tom de cerejeira. O homem acompanhava a música com o canudinho da sua bebida, balançando o braço no ar ao ritmo do saxofone e das notas escorregadias do piano, que caíam sobre nós como se viessem de perfurações no teto almofadado do bar. Os instrumentos de sopro, as cordas, o piano e a voz da mulher andaram juntos até pararem de repente. O recinto caiu num silêncio frio.

A mulher deu uma fungada, a cabeça baixa, o cabelo cobrindo o rosto, cortinas fechadas para um momento de tristeza particular, embora eu sentisse que ela estava fingindo.

— Por que não se senta? — perguntou o homem com uma voz sulista e nasalada. — Está nos deixando nervosos. — Estava de terno e gravata, mas havia algo de descuidado a respeito dele, não detectável com aquelas roupas elegantes.

A mulher ergueu o olhar para mim, com um brilho úmido nas bochechas.

— Ela não está deixando ninguém *nervoso* — falou, enxugando os olhos com a ponta dos dedos, tomando cuidado para não se arranhar com as longas unhas pintadas de vermelho brilhante. Percebi que tinha me enganado. Não era rica e com *pedigree*. Ele era e ela, não. Às vezes toda a informação se mostra nos primeiros cinco minutos, deixada ali para inspeção. Depois desaparece, suprimida como uma questão de pragmatismo. É demais saber muita coisa sobre estranhos. Mas alguns acabam não sendo estranhos. Eles acabam ficando mais próximos, e você teve os seus cinco minutos para ver como realmente são e perdeu a oportunidade.

— Venha cá, querida — disse ela para mim numa voz que parecia o leve tilintar de um sino —, sente-se aqui que esse besta vai lhe oferecer uma bebida.

* * *

Achei que era assim que os artistas se mudavam para Nova York, sozinhos, que a cidade era uma meca de pontos individuais, anseios, tudo se fundindo numa grande malha de luz pulsante, e a gente simplesmente encontrava o próprio pulso, o próprio lugar. A arte nas galerias não tinha nada a ver com o que eu havia estudado como belas-artes. Minha especialidade eram filmes, mas os únicos que as galerias exibiam eram tão arranhados que não dava para reconhecer e, em um caso, era um filme de dez minutos de duração de um relógio passando de dez horas em ponto para dez e dez, e depois o filme acabava. A dança era muito popular, assim como a maior parte das performances, especialmente o tipo de uma natureza tão sutil — uma pessoa andando por uma galeria, depois virando e saindo de lá — que a gente ficava sem saber ao certo se a coisa observada era uma performance ou a vida real. Havia um homem no meu bairro que levava sempre um longo bastão sobre o ombro, pintado com aquelas listras como as das placas das barbearias. Eu o via no entardecer quando me sentava no pequenino parque que havia na

esquina da Mulberry com a Spring. Ele também gostava de se sentar no parque à noite, com sua calça boca de sino e sua camiseta de marinheiro listrada. Nós dois ficávamos observando os garotos do bairro com suas correntes de ouro e camisas de futebol provocando garotos porto-riquenhos que passavam. Estavam praticando para a guerra futura. Os italianos iam exterminar os porto-riquenhos com a pura força de seu ódio. Ou talvez simplesmente retirassem todos os carrinhos de sorvete e pizzarias italianas, fazendo os porto-riquenhos morrerem de fome. O homem ficava lá sentado com o bastão listrado apoiado no ombro como um remador, uma perna cruzada sobre a outra, os dedos dos pés bronzeados expostos pelas sandálias de couro surradas. Ele sorria como um bobo quando os garotos italianos perguntavam para que servia o bastão. Quando não respondia, eles jogavam bitucas de cigarro nele. Uma vez ele passou em frente ao Trust E Coffee Shop, segurando o bastão apoiado no ombro como se levasse materiais de construção para um canteiro de obras.

— Lá vai o Henri-Jean — disse Giddle.

— Você conhece ele?

— Conheço. Ele mora aqui no bairro. Aquele bastão é o negócio dele. Não faz trabalhos para vender, só perturba. Vai a vernissages em galerias, bate na cabeça das pessoas sem querer.

Os meninos que o provocavam no parque eram todos filhos de pais mafiosos. Todo domingo, os pais saíam do clube social deles na Mulberry, ao lado do meu prédio, e entravam em limusines pretas. Havia tantas limusines que ocupavam o quarteirão inteiro, alinhadas como barras de obsidiana, estacionadas em fila dupla na Mulberry, impedindo o fluxo dos carros. Os motoristas ficavam ao lado das portas do carona abertas a tarde toda. Era verão, e o suor escorria por seus rostos enquanto esperavam os homens saírem do clube.

Toda manhã eu me sentava ao balcão do Trust E na Lafayette, torcendo para conversar com Giddle, e se o lugar não estava muito movimentado, era isso que fazíamos. Eu pagava meu aluguel a um tal de Sr. Pong, que disse que eu só deveria entrar em contato com ele se fosse me mudar ou se a prefeitura aparecesse para uma inspeção. Eu passava os dias lendo anúncios de emprego e andando a esmo. Quando entrava e saía do meu apartamento,

cumprimentava as duas adolescentes que cortavam e penteavam o cabelo uma da outra no corredor. Às vezes, elas ficavam no pátio entre os dois prédios — um prédio era atrás do outro, e eu morava no da frente — ensaiando passos de dança sob as bandeiras molhadas de roupas lavadas estendidas. Todas as noites eu ia a uma pizzaria na Prince. O tipo de jovens que eu queria conhecer, mulheres e homens em roupas com fendas e customizadas por eles próprios, fumando e discutindo arte, música e ideias apaixonadamente, todo mundo estava lá. Não interagia com eles, a não ser uma vez, quando um dos homens me chamou de gracinha, e disse: Ei, gracinha, e uma mulher perto dele ficou zangada, falou que a rua não era a vitrine dele, as outras mulheres deram risada, e ninguém perguntou se eu precisava de amigos. Isso era algo que as pessoas nunca perguntariam. Comi minha pizza e fui me deitar na cama com as janelas escancaradas. Os caminhões roncando pela Kenmare, as buzinas, um ocasional vidro se quebrando, aquilo me dava a impressão de não estar isolada e sozinha na minha solidão, porque a cidade estava fluindo pelo meu apartamento, e os sons eram uma espécie de companhia.

Eu tinha conhecido Giddle, mas ela fora de pouca ajuda. O fluxo de Nova York, ao menos o que eu imaginava, a atropelava assim como atropelava a mim. Ela parecia tão isolada quanto eu, o que era inquietante, pois ela morava em Nova York, até onde eu sabia, havia muitos e muitos anos. Ela me falava sobre si mesma, mas contradizia com frequência o que tinha dito outro dia. Uma vez contou que tinha sido criada num orfanato católico do Meio-Oeste. A gente usava saias verdes, contou ela, blusa branca, meias soquetes brancas, sapatos fechados, jaqueta verde. Víamos as freiras tomar banho. Mas depois, numa outra manhã tranquila na lanchonete, me disse que o pai vendia eletrodomésticos. Que moravam em Montreal. A mãe era dona de casa, por isso estava sempre em casa quando Giddle voltava da escola. Que tinha três irmãos. Tirava notas baixas em francês. Fiquei olhando para ela e aquiescendo ao perceber que ela havia esquecido o que tinha me dito sobre as freiras poucos dias antes.

Alguma coisa ia acontecer, eu tinha certeza. Um emprego, que eu precisava, mas isso podia isolar ainda mais uma pessoa. Não. Algum evento. “Esta vai ser a noite”, acreditei depois ter dito a mim mesma naquela noite específica quando ouvi a música e a voz da Nina Simone, entrei no bar na Fourteenth Street e encontrei o pessoal armado. Mas na verdade não tinha dito nada a mim mesma. Simplesmente saí do meu apartamento para dar uma volta, como fazia todas as noites. O que aconteceu foi só porque eu estava receptiva, e não porque o destino e eu nos encontramos em certo ângulo. Tive muito tempo para pensar nisso depois. Pensei tanto sobre isso que às vezes os eventos daquela noite corriam sob meu estado de espírito como um rio secreto, da mesma maneira com que todas as verdades enterradas correm em silêncio para algum esconderijo.

* * *

— Essa é minha esposa — disse o homem nasalado de roupa elegante quando me sentei com eles no bar. — Nadine. — Ele repetiu: — Na-*dine*. — E olhou para ela em busca de uma reação.

Ela o ignorou, como se estivesse acostumada com aquela reflexão em voz alta sobre sua Nadinidade nos bares, na frente de estranhos.

— Nós estávamos num casamento — disse Nadine, virando-se para mim. — Eles pediram que nos retirássemos. Pediram que Thurman se retirasse, quero dizer. Mas eu não gosto mesmo de casamentos... Eles fazem minha cara doer...

Era assim que ela falava.

— Por que eles quiseram que vocês saíssem? — perguntei, mas podia adivinhar por quê. Era alguma coisa na presença deles num bar vazio muitos níveis abaixo do que as roupas do homem podiam sugerir.

— Porque Thurman deitou na grama? — respondeu Nadine. — Começou a tirar fotos do céu. Só do céu azul, em vez da noiva e do noivo. Ele tinha bebido um pouco demais...

— Eu não bebi *um pouco demais*. Estava procurando alguma coisa decente para fotografar. Algo que merecesse registro. Para a posteridade.

— Ah, a posteridade — disse Nadine. — Claro. Ótimo. Se você pode bancá-la. Você poderia simplesmente ter dito a Lester que não queria tirar as fotos.

Havia uma câmera na frente dele no balcão, uma Leica de aparência bem cara.

— Você é fotógrafo? — perguntei.

— Não. — Ele sorriu, revelando uma mancha de alcatrão entre os dois dentes da frente.

— Mas essa câmera...

Não consegui pensar em mais nada a dizer. Você tem uma câmera, mas não é fotógrafo. Senti que ele continuaria desconversando, como alguma coisa que você fica tentando pegar e está sempre escapando pelos dedos.

— Melhor dizer sim — sugeriu Thurman — e depois decepcionar as pessoas. Quero dizer deixar as pessoas na mão mesmo.

— Deus sabe que você é bom nisso — disse Nadine em voz baixa.

— Estou falando sobre construir uma reputação.

— Eu também — replicou ela.

— Eu só queria — disse Thurman — que as pessoas parassem de me convidar para seus casamentos. E funerais.

— Eu não tenho nada contra funerais... — comentou Nadine. — A não ser quando enterraram meu pai num caixão roxo. Aquilo foi terrível. — Virou-se para mim. — Thurman conheceu meu pai? Papai foi um mentor para ele? Um professor?

— Um mentor — repeti, esperando que aquilo levasse a algum lugar, a alguma explicação de quem eram ela e Thurman. Pois eles eram alguém ou alguma coisa, disso eu tinha certeza.

— Bem, meu pai era um... acho que se pode dizer *cafetão*. *Cafetão* é aceitável, agora que ele já morreu, quero dizer. E sabe de uma coisa? As pessoas não dizem mais *proxeneta*.

Pensei naqueles sapatos estreitos com cores de pássaros tropicais. Quem sabia o que era verdade.

— E minha mãe era uma puta, por isso eles se davam perfeitamente bem.

Provavelmente nada era verdade, mas gostei do desafio de tentar conversar com eles. Eu tinha falado com tão poucas pessoas desde que havia chegado que me pareceu lógico interagir dessa maneira. Era direta e também evasiva, cada uma de um jeito que fazia sentido para mim.

— Que ele descanse em paz — disse Thurman. — Um cavalheiro. Eu queria pedir a ele sua mão em casamento. Você tinha quatorze anos, e caramba. Eu queria simplesmente me casar com você depressa. — Ele sorriu deixando a mancha feia nos dentes à mostra. — Mas não tinha porquê. Não ia me casar para levar você para a cama, pois você já estava permitindo isso. Não comigo. Mas com aquele filho da puta com quem você se casou depois.

Nadine franziu a testa.

— Você quer um caixão roxo, Thurman? Porque a Blossom deve ter um certinho para você. Com um cofre de cobre milenar, para preservar a sua...

Ele se levantou, andou até a ponta do balcão e apontou a câmera para uma placa acima da caixa registradora. DESCULPE, NÃO VENDEMOS FIADO.

Depois de três ou quatro drinques, eles ainda não tinham me perguntado nada. Mas o que eu poderia contar de interessante? Estava contente em ouvir aquele fluxo de histórias pela metade sobre pessoas de quem nunca tinha ouvido falar, histórias que não conseguia acompanhar, uma sobre um bebê chamado Kotch.

— Tinha uma moça amamentando ele — disse Nadine —, e depois outra moça, aí a gente começa a pensar, espera um pouco, Kotch é filho de *quem*? Não sei quem era a mãe e quem era a ama de leite...

— Vou transformar você numa *ama de leite* — disse Thurman, agarrando Nadine e colocando a mão entre as pernas dela. A mulher se afastou e em seguida estava discursando sobre um McDonald's no México ao qual tinha ido uma vez. Eu participei de um comercial do McDonald's quando estava no ensino médio e fiquei pensando,

enquanto Nadine falava, que essa história eu poderia compartilhar com eles.

— O McDonald's deveria ser igual em qualquer lugar, certo? Bem, não no México. Eles mexicanizaram lá. *Hamburguesa con chile*. Sem fritas... *fri-jo-les*. Eu estava com meu ex. A gente estava morrendo de fome, e eu estava disposta a comer feijão. Mas aí quando já estávamos no balcão, percebemos que não tínhamos dinheiro. Ele tinha perdido a carteira.

Ela continuou falando do ex, da revolução que ele estava fomentando, que nunca aconteceu, e que os tinha levado à vida difícil e ociosa nas montanhas do norte do México, ao buraco no bolso dele por onde a carteira tinha caído, levando à sua incapacidade de provê-la com a coisa mais fundamental: um hambúrguer do McDonald's. Foi assim que ela colocou, dizendo que ele não conseguia prover *nem mesmo um hambúrguer*. Depois disso ela o largou e foi para Hollywood, onde o verdadeiro pesadelo começou, uma série de episódios e má sorte que envolviam estupro, prostituição e um vício em fréon, o gás do elemento refrigerador das geladeiras.

— É isso que você ganha — observou Thurman quando ela finalmente acabou de falar — quando se casa com um filho da puta.

— Não quero falar sobre ele. E quer parar de chamar ele assim, por favor?

— Foi você que puxou o assunto.

— Só para contar a ela sobre o McDonald's mexicano.

— Uma vez eu participei de um comercial do McDonald's — falei.

— Ah, então você é atriz!

— Não, essa foi a única coisa que fiz. Eu tinha dezesseis anos e era uma coisa boba, um anúncio que o nosso professor respondeu e...

— Thurman, ela é atriz.

— Bem, eu... nós chegamos a interpretar mesmo, acho. Mas não é... eles precisavam de uma garota que soubesse esquiar, então eu...

— Você é atriz e esquiadora! Nunca conheci ninguém que esquiasse.

— Você sabe esquiar? — perguntei, apenas com uma vaga esperança.

— Se eu sei esquiar? Não, querida.

O diretor do comercial e a equipe tinham ido para Mount Rose, onde nós treinávamos. Conversaram com o nosso técnico e acabaram escolhendo a mim e a uma corredora chamada Lisa, uma garota quieta que ninguém conhecia de verdade. Tivemos um longo dia de tomadas e retomadas. Eles queriam duas garotas com cabelo esvoaçando, coelhinhos de neve numa tarde fria e ensolarada. Uma semana depois nos mandaram de avião até Los Angeles, para um estranho McDonald's na cidade de Industry onde eles só filmavam comerciais. Parecia um McDonald's comum, com os funcionários dos caixas usando chapéus de papel, um quadro com o menu, as mesas e cadeiras de plástico onde eu e Lisa nos sentamos uma em frente à outra e sorrimos como se fôssemos amigas, embora isso não fosse verdade, cada uma segurando um hambúrguer nos dedos com luzes quentes em cima de nós, naquele falso restaurante que parecia real só que não tinha clientes. Tentei explicar isso a Nadine, mas ela não parava de me interromper.

Quando acabamos de filmar o comercial, voltei para Reno. Lisa deveria estar no mesmo voo, mas não foi o que aconteceu. Ela tinha dezoito anos, era adulta, e não fiquei questionando isso. Parece que ela tinha ido a um bar perto do McDonald's falso em Industry. Ninguém nunca mais ouviu falar dela.

— Que esquisito — disse Nadine. — Não dá para saber. Uma vez encontrei o serial killer Ted Bundy. Você acredita? Ele era muito bonito. Muito delicado. Eu estava numa praia, e de repente aparece um universitário fortão. Fiquei *pertinho* assim de acabar como a garota que participou desse comercial com você.

Nunca me ocorrera que Lisa tivesse sido assassinada. Supus que ela estivesse impaciente para encontrar seu futuro e que simplesmente tinha fugido e não se deu o trabalho de informar ninguém sobre onde estava e o que estava fazendo. O representante que me pagou não conseguiu localizar a garota. Ele me ligou para perguntar se eu sabia alguma coisa e eu disse que não.

— Sinto saudade de Los Angeles — disse Nadine. — Você, não?

— Só fiquei lá uma noite — respondi. — Em Industry, que não é exatamente Los Angeles, por isso...

— O jeito como as palmeiras balançam — continuou ela —, e soa como chuva, mas tudo não passa do sol refletindo no metal. Uma vez visitei uma casa nas colinas de Hollywood que era um imenso domo de vidro com um poço de elevador. Era de um solteirão perverso que tinha olhos mágicos em toda parte. Ficava me observando no banheiro. Esse mesmo cara me drogou sem perguntar primeiro. Pó de anjo. E eu estava de patins, o que trouxe todo um desafio extra.

Thurman estava rindo. Percebi que ela era a emissora de absurdos vagos dele, uma máquina de fazer bolhas, e às vezes ele estava a fim daquilo.

— Como você se virou, drogada e de patins? — perguntou ele.

— Como eu disse, tinha um elevador. Enfim, existe algo de útil em ser dopada contra a vontade. Antes de isso acontecer eu não tinha minhas defesas naturais. Tem gente que não entende a noção de limite até ser estuprada mentalmente por outra pessoa. Isso me ajudou a estabelecer um padrão mínimo.

Virou-se para mim.

— Você assistiu a *Klute*, o passado condena?

— Assisti — respondi —, assisti, é...

— Eu gostei — interrompeu ela. — Ele, não. — Fez um gesto para Thurman. Ela não estava curiosa para saber o que eu achava de *Klute*. Mas era o filme que estava na minha cabeça, o retrato de uma mulher sozinha e isolada na cidade densa e cheia de gente. No meu apartamento vazio eu pensava nas cenas em que o telefone dela tocava. Ela atendia, mas ninguém respondia.

* * *

Talvez por me sentir tão isolada, quando a noite caiu naquele bar da Fourteenth Street e mais bebidas foram pedidas, e a sensação de posse do tempo foi desaparecendo, quando a sensação da noite como sendo minha enfraqueceu, uma noite em que eu ia comer meu

pedaço de pizza habitual e me deitar sozinha, comecei a me apegar de um jeito sutil àquelas pessoas, Nadine e Thurman, mesmo que fossem dois bêbados bizarros que não ouviam uma palavra do que eu dizia.

Ouvi o som de uma motocicleta estacionando na calçada em frente ao bar.

Entrou um homem usando a calça jeans por dentro da bota e uma camiseta desbotada escrito MARSDEN HARTLEY. Era bonito, e acho que sabia disso, esse amigo de Thurman e Nadine cujo nome não entendi. Ele entrou sabendo que era lindo, com seu olhar firme e sua boca levemente feminina, e fiquei impressionada. Vestia uma camiseta de Marsden Hartley, e eu adorava Marsden Hartley. Tinha uma moto. Essas banalidades me pareceram uma espécie de milagre. Quando ele se sentou, percebi que tinha desenhado o logotipo na camiseta à caneta. Não era uma estampa. Ele tinha simplesmente escrito MARSDEN HARTLEY. Poderia ter escrito qualquer coisa, mas escreveu aquilo.

Comparado a Thurman e Nadine, era como se a razão tivesse entrado pela porta. Ele não falava com resmungos descontinuados nem tirava fotos do teto. O próprio Thurman começou a se comportar de um jeito um pouco mais normal, e ele e o amigo tiveram uma conversa coerente sobre música clássica, com Thurman demonstrando um trecho de Bach, passando as mãos pelo balcão como se fosse um piano, os dedos tocando pretensas notas com certa delicadeza e exatidão que pareciam faltar no restante da sua pessoa. Houve várias rodadas de bebidas. O amigo deles perguntou se eu estudava arte.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — Cooper ou SVA. Só que se você fosse de Cooper o seu esclarecido bom senso a manteria distante de velhos pervertidos como Thurman Johnson.

Contei que tinha acabado de me mudar para Nova York.

— Você teve um namorado na faculdade que entrou para as Forças Armadas. Ele também estudava belas-artes. Vai usar o treinamento dele para pintar retratos de coronéis do Exército. Vocês vão trocar cartas até se apaixonarem por outras pessoas, que é o que você veio fazer aqui.

Aquelas pessoas pareciam querer já ter situado a ideia geral da estranha que lhes fazia companhia e sentir que eram bons de adivinhação. Preferiam isso a ter que realmente tentar me conhecer.

— Não me mudei para cá com o intuito de me apaixonar.

Mas quando disse isso senti que ele tinha armado uma espécie de armadilha. Porque eu não tinha me mudado para lá para não me apaixonar. O desejo por amor é universal, mas isso nunca quis dizer que é algo digno de respeito. Não é admirável querer amor, simplesmente é assim.

A verdade era que eu tinha amado Chris Kelly, que foi para o sul da França atrás da Nina Simone, só para tomar um tiro de uma arma que ela sacou do bolso do roupão. Nós fazíamos uma aula de cinema italiano neorrealista juntos. Ele olhava para Monica Vitti como se quisesse devorá-la, e eu a olhava como se quisesse ser ela. Comecei a cortar e a pentear meu cabelo como o dela, um picotado bagunçado com algumas mechas soltas, e até encontrei um casaco verde de lã igual ao que ela segurava junto ao queixo em *Deserto Vermelho*, mas Chris Kelly não parecia notar. Já tinha se formado e ido embora no meu segundo semestre na UNR e àquela altura ele era só uma impressão, uma imagem residual de um cara alto que usava blusas pretas de gola rulê, um topete caído em cima de um olho, alguém que tinha se arriscado pela arte, tomado um tiro no braço e depois mudado para Nova York.

Poucos dias antes, eu finalmente tentei ligar para o número que tinha dele, de uma cabine telefônica na Mulberry Street. Desci a escada, passando pelas garotas adolescentes penteando uma à outra, e tentando não respirar porque a família chinesa um andar abaixo do meu matava galinhas no apartamento e o cheiro de sangue quente invadia o corredor. Disquei o número na cabine telefônica, nervosa, porém feliz. Alguém estava gritando:

— *Babbo*, jogue a chave!

Era a manhã do Quatro de Julho, e as crianças estavam acendendo bombas de fumaça, espirais sulfúricas em tons verdes e vermelhos, as cores densas e brilhantes como tintura concentrada se espalhando na água. Eu estava usando sapatilhas chinesas que comprara por dois dólares na Canal Street. As fivelas tinham caído

na hora, e agora as tiras estavam presas com alfinetes. Pés suados em sapatilhas de algodão baratas, pretas como as roupas de Chris Kelly. Fazia um calor escaldante, crianças se posicionavam na frente do potente jato de um hidrante destapado. Quando o telefone começou a tocar, vi uma enorme barata voadora pousar na calçada. Uma mulher veio logo atrás e esmagou o inseto com a sola do chinelo.

O telefone estava tocando. Agora havia uma imensa mancha mutilada na calçada, com algumas partes ainda se movendo, antenas compridas e ralas oscilando ao redor em busca de sinais da própria vida. Um segundo toque no telefone. O mítico Chris Kelly. Terceiro toque. Eu ensaiava o que ia dizer. Uma explosão ecoou logo abaixo no quarteirão. Uma M-80 numa lata de lixo. A chave voou da janela, dentro de uma meia soquete, e aterrisou perto do lixo, que se acumulava por causa da greve.

Uma voz falou ao telefone:

— Sinto muito. O número que você discou não está mais em serviço.

Era verdade: não me mudara para lá a fim de me apaixonar. Naquela noite fiquei observando do meu telhado o bairro todo se estilhaçar, espalhando pedaços de papel vermelho por toda parte, o ar úmido tingido de magnésio. Parecia um milagre que nada pegasse fogo sem querer. Homens e garotos viravam caixotes de explosivos de vários tipos no meio da Mulberry Street. Escondiam-se atrás de um latão de lixo de metal enquanto um deles acendia um cigarro, dava umas breves baforadas e depois o jogava na pilha, que começava a espirrar chuveiros, borrifos e lampejos em todas as direções. Um espetáculo para os moradores de Little Italy, que assistiam de cima. Ninguém descia para a rua, só os administradores do evento. Eu e meus vizinhos nos acomodamos no telhado coberto de fuligem do calor do dia. Fogos cor-de-rosa e vermelhos estouravam, explodiam lá em cima, depois caíam e derretiam na escuridão, e como é que o número de telefone da única pessoa que eu conhecia em Nova York não funcionava?

Eu tinha perguntado a Giddle se ela conhecia um artista com aquele nome e ela respondeu:

— Acho que sim. Chris. É.

Estávamos na Lafayette, do lado de fora do Trust E Coffee Shop.

— Não acredito — falei, animada. — Onde ele está? Você sabe o que ele anda aprontando?

Ela tirou o papel-alumínio de um maço fechado de cigarros North Pole e o jogou na calçada. Fiquei vendo o papel flutuar.

— Não sei — disse ela. — Está por aí. Na área.

O vento afastou o papel-alumínio descartado para o lado.

— Que área? — perguntei, e aí Giddle ficou enigmática, tipo, se você ainda não sabe, não posso soletrar para você. Foi a primeira vez que senti, mas suprimi quase tão rapidamente, alguma coisa nela, o fato de que poderia haver uma razão para duvidar de tudo o que ela dizia.

* * *

Contei ao amigo de Nadine e Thurman que eu era de Nevada, e ele começou a me chamar de Reno. Era uma palavra bonita, defendeu ele, como o nome de um deus ou uma deusa romanos. Juno. Ou Nero. Reno. Eu disse a ele que isso estava escrito no arco de neon na entrada da cidade, as quatro grandes letras vermelhas: R-E-N-O. Fiz um filme sobre isso, falei. Montei um tripé e filmei automóveis parando no sinal de trânsito embaixo do arco.

— América Espiritual — comentou ele. — Esse é o lance do Thurman também. Lanchonetes. Banheiros sem descarga. Vendedores. Carrinhos de compra. Ele está prestes a ficar famoso. Vai fazer uma mostra no Museu de Arte Moderna.

Thurman não estava nos ouvindo. Mordiscava a orelha de Nadine.

O amigo disse:

— Ele é um grande artista.

— E o que você é? — perguntei.

— Eu viro os ponteiros do grande relógio no saguão do Time-Life Building. Precisa ser acertado duas vezes por ano, para o horário de verão e depois de volta ao horário normal. Eles me chamam. É um

trabalho muito especializado. Se empurrar com muita força, pode entortar os ponteiros do relógio.

Havia regras tácitas com essas pessoas, e com todas as outras como elas que conheci depois: você não devia fazer perguntas básicas. “O que você faz?” “De onde você é?” “Que tipo de arte você faz?” Porque eu tinha entendido que ele era um artista, mas não era permitido perguntar isso. Nem mesmo: “Qual é o seu nome?” Você fingia que sabia, ou que não precisava saber. Fazer uma pergunta óbvia, mesmo se não houvesse uma resposta óbvia, era uma forma de indicar que eles deveriam descartar você assim que possível.

— Eu estive em Nevada uma vez — disse ele. — Para ver o que um sujeito que eu conhecia fez, o *Spiral Jetty*. O artista, Smithson, tinha acabado de morrer. Era amigo meu, ou tipo isso. Na verdade, era um babaca. Um fracassado da ficção científica, mas brilhante...

Toda animada, falei que também tinha estado lá, que li o obituário dele, sabia quem era, mas ele não pareceu considerar aquilo uma coincidência notável.

— Ele tinha um refrão hilário sobre o “Oeste real e autêntico”, fingindo que era Billy Al Bengston, você sabe, um fanático por carros que faz pinturas, e ele dizia: “Vocês, artistas de Nova York, precisam parar de pensar e *sentir*. Estão sempre tentando elaborar conceitos, sistemas. Isso é uma bobagem. Eu estava lá cromando minha motocicleta enquanto vocês estão, tipo, em arranha-céus, lendo livros.” Smithson era um gênio. Há dois grandes artistas na minha geração — continuou. — Smithson é um e meu amigo Sammy é outro.

— O que ele faz?

— Nada. Não faz nada. Este ano ele está morando ao ar livre. Não entra em nenhuma construção. Agora está acampado num parque em Little Italy. Antes morava no Bronx, dormindo num andaime, mas estavam atirando nele.

Havia outro homem, além de Henri-Jean com seu bastão, que aparecia com frequência no meu pequeno parque na esquina da Mulberry com a Spring. Às vezes ele dormia lá, e deduzi que fosse um sem-teto, mas não parecia ser, era um jovem oriental com cabelo na altura dos ombros. Havia algo cuidadoso e preciso demais a

respeito dele. Perguntei se seu amigo Sammy era oriental, e ele assentiu e disse que era taiwanês, e eu disse que achava que já o tinha visto. Ele contou que Sammy tinha chegado a Nova York como clandestino num navio mercante, e sempre que isso era mencionado as pessoas supunham que se tratava de um projeto artístico, uma performance que ele tinha feito, e Sammy precisava explicar o óbvio, que fizera aquilo como milhões de outros para chegar a Nova York. Para ser um americano. E as pessoas riam como se houvesse uma profunda ironia nas palavras dele.

— Nós temos uma ligação, Sammy e eu — disse o amigo. — Por termos passado um bocado de tempo em barcos. Por termos sido entregues daquilo para um universo em que todo mundo acha que estamos brincando. Mas é o contrário. A vida é que está brincando com a gente.

Imaginei uma costa litorânea à noite. Água escura como a aba de uma cortina. Um mar noturno onde ele e o amigo Sammy haviam passado tanto tempo.

* * *

À certa altura, Thurman e Nadine resolveram que iríamos para outro bar.

— Você também vem? — perguntei ao amigo. Percebi sua hesitação antes de ele fazer que sim. Sob o gesto: *Por que não? Não há nada melhor a fazer.* Ele deixou a motocicleta na porta do bar porque na verdade Thurman estava de carro. Não apenas um carro, mas um carro com motorista — um Cadillac Eldorado de meados dos anos 1950 preto e prata escovado com um chofer que parecia ter uns quatorze anos, num paletó formal de motorista vários tamanhos maior que ele e com luvas brancas, também grandes demais. Pensei nos motoristas da Mulberry. Disse que parecia Little Italy num domingo, mas ou ninguém me ouviu ou não se importaram.

Nos amontoamos no carro equilibrando os drinques. Nadine pegara o dela e o levava em direção à saída do bar e, seguindo-a, pensei: Sim, é claro. É assim que se faz. Thurman pagou a conta da

nossa mesa, e eu estava com eles, num Cadillac Eldorado, copos pesados como pedras nas mãos, guardanapos úmidos embaixo, o gelo nos copos tilintando quando o automóvel virava as esquinas lentamente, buzinando para que as pessoas saíssem do nosso caminho, pois éramos importantes naquele carro, eu no colo do amigo bonitão deles, nossos drinques fazendo *tlique, tlique*.

— Essa é minha parte favorita — disse o amigo, tirando uma agenda de couro de um compartimento na porta do carro. — Veio junto com o carro: a agenda do Brougham de 1957. E isso — continuou ele, tirando um vidro de perfume de um estojinho no descanso do braço. — O borrifador de colônia Arpège com perfume Lanvin. Era possível encomendar essas coisas nos revendedores GM quando esses modelos eram novos. Thurman, o que mais veio com o carro?

— Sei lá — respondeu ele. — Blossom ganhou o carro de herança. Era da Lady von Doyle.

Essa Blossom já tinha sido mencionada diversas vezes. Não perguntei quem era, quem eram as pessoas que eles citavam. Queria estudar o jeito como eles falavam. Não queria interromper o fluxo, ser a pessoa para quem eles tinham de parar e explicar as coisas.

O amigo deles estendeu a mão até o descanso de braço e pegou um frasco revestido de couro com um grande símbolo da GM, abriu e cheirou.

— Scotch — disse ele. — Isso é um verdadeiro delírio pós-Calvinista. Como os judeus romenos de Sammy, comendo bifes que transbordam dos pratos, um grande jarro de *schmaltz* de frango em cima da mesa. Tudo tem a ver com nunca mais passar fome.

Serviu nossos copos com o conteúdo do frasco. Senti a presença do corpo dele quando se inclinou.

— Acho que Lady von Doyle era judia — comentou Nadine. — Ela não era judia, Thurman?

O amigo disse que parecia fazer sentido uma judia dirigir um Cadillac.

— De certa forma — começou ele —, só existe um simples eixo da General Motors com a Volkswagen. Eu mesmo tenho um

Volkswagen Fusca, um carro que associamos a Eugene McCarthy e a paz e amor, e não a Hitler, que o criou. O Volkswagen não faz a gente pensar em Hitler e em genocídio. É um peito sobre rodas, um pequeno sonho enfunado. O Cadillac, bem, esse é um sonho diferente. Dos dois, seria de esperar que o Cadillac representasse algum horror indizível, crimes contra a humanidade. Olhe, eis o pó de arroz de Brougham. O estojo do batom. O frasco de comprimidos. O espelho de bolso Evans. Só falta o vidrinho de cocaína da Tiffany e uma Magnum .44 cromada.

— Continue procurando — recomendou Thurman.

— Ha-ha. Certo. Mas você nunca se sentiria tentado a cromar uma Magnum .44, Thurm. Isso é coisa de caipira e policiais de folga. O que estou dizendo é que, comparado ao humilde Volkswagen, um General Motors parece mais culpado, mais dissoluto, mas não existem genocídios ou campos de trabalho forçado sob esses estofamentos de couro. Só algodão acolchoado, não feito para durar, diferente do lindo automóvel. Mas hoje em dia, só o pessoal do gueto acha que é digno de *uptown* dirigir um Cadillac. Na verdade, só o pessoal do gueto pensa em termos de *uptown* e *downtown*. Vocês estão sabendo da crise de petróleo? Eu nem saio mais com meu Fusca, com o preço que está a gasolina — disse o amigo. — Tenho minha pequena Harley.

— Eu piloto motos — falei. — Quer dizer, costumava pilotar, mas vendi a minha.

Ele olhou para mim. Eu estava sentada de lado no colo dele.

— Você tem mesmo um certo jeito de moleque, eu diria. É, tem.

Muito bem, disse a mim mesma. Alguma coisa está começando a acontecer.

— Que tipo?

— O quê? — perguntei.

— Que tipo de moto você dirige?

— Ah, uma Moto Valera.

— Está vendo? Isso se encaixa na minha tese geral. Por acaso conheço um deles, embora não esteja envolvido com a companhia. Gosto de implicar com ele a respeito dos calendários que eles produzem. Fingem que esse nome, Valera, tem a ver com peitos

italianos empinados e válvulas desmodrômicas, mas na verdade eles usavam trabalho escravo dos poloneses a fim de construir máquinas assassinas para os nazistas. Talvez não especificamente. Não exatamente. Mas usavam uma espécie de X para fazer um Y; especifique seu custo humano e a engenhoca moderna bacana de sua escolha.

— A minha era uma 65 — falei. — Bem posterior à guerra.

— O que significa que a moto é inocente — disse ele. — Assim como você. — Encostou a mão na minha bochecha, depressa e de raspão. — Você não tem mais? A Moto Valera?

— Tive que vender para me mudar para cá.

— X por Y.

Ele pôs a mão na minha cintura, e senti um calor emanar dela, e com aquele calor veio algo mais, algo sincero fluindo dele para mim, uma mensagem ou um significado de um tom diferente do jeito como ele falava.

Me virei para ele.

— Quer saber de uma coisa engraçada? — perguntei em voz baixa, sem querer que Nadine e Thurman ouvissem.

— Quero — respondeu ele também sussurrando, tirando a mão da minha cintura e passando para minha perna. Não havia mesmo outro lugar onde ele pudesse pôr a mão naquele banco traseiro apinhado. Mesmo assim interpretei o gesto da mão dele na minha perna exatamente dessa forma. A mão de um homem na perna de uma mulher, e não uma mão que não tinha outro lugar para se apoiar.

— Não me lembro do seu nome — cochichei.

— Isso é mesmo engraçado — murmurou ele, sem dizer qual era.

* * *

Parecia que já estávamos rodando há um bom tempo. O chofer adolescente dirigia com suavidade, ajustando o pente preso no seu cabelo afro como uma faca num bolo, como se tivesse treinado a vida inteira para dirigir um Cadillac enorme e retocar o cabelo ao mesmo tempo, e com luvas brancas com os dedos folgados nas

pontas, grandes demais para suas jovens mãos. Acho que andamos em círculos. Só mais tarde percebi que estávamos na Twenty-Third Street no Chelsea, apenas poucos quarteirões de onde tínhamos começado.

Entramos com nossos drinques num bar lotado, um estabelecimento espanhol no térreo de um hotel, cheio de cor, barulho e gente que eles conheciam. Um homem chamado Duke, com pingentes de candelabro cor de beterraba enganchados na camisa, veio correndo em nossa direção. Disse que os pingentes eram do Hotel Earle.

— Você é o Duque de Earle — disse Nadine.

— Sou o Duque de Earle — concordou ele, balançando seus cristais.

Pessoas se juntaram ao redor deles para dizer oi. Tive a súbita sensação de que iriam me dispensar. Eu era uma estranha que eles tinham conhecido num bar vazio, mas era irrelevante agora que tinham encontrado seu lugar numa cena familiar. Examinei os rostos, considerando se aquele era o tipo de lugar onde eu poderia encontrar Chris Kelly. Não tinha muita certeza se conseguiria reconhecê-lo. Pele pálida, cabelo escuro caído num olho. Aquele poderia ser um lugar aonde ele iria. Perguntei ao amigo de Thurman e Nadine se ele conhecia um artista chamado Chris Kelly.

— Quem? — perguntou ele, botando a mão em concha no ouvido. Repeti o nome. — Ah, sim — falou. — Claro, o Chris.

— Você o conhece? Ele é de Reno. Estou tentando encontrá-lo.

— Chris, o artista, certo?

Demorei um tempo para perceber que ele estava brincando. Quando percebi, senti que ele e os amigos estavam desemaranhando qualquer noção de ordem que eu tentava construir na minha nova vida, mas ainda assim, estranhamente, também sentia que ele e seus amigos talvez fossem a única chance que eu tinha de emaranhar minha nova vida em alguma coisa.

Ele nos conduziu até um reservado vazio. Deslizei para o lado dele. O Duque de Earle sentou-se com a gente. Pedimos as bebidas, e o amigo digitou algumas seleções no teclado remoto do *jukebox*. A

voz de Roy Orbison invadiu o recinto como uma fita de seda flutuante.

— Minha mãe tinha os discos dele — falei para o amigo.

— Sua mãe tinha bom gosto, Reno. Essa voz. E o cabelo. Preto como um disco de vinil derretido.

Alguém passou ao duque uma garrafa grande de sabão líquido, e ele e Nadine ficaram se revezando, tragando os cigarros e soprando grandes bolhas de sabão no formato de órgãos. As bolhas vinham cheias de fumaça leitosa dos cigarros, trêmulas e luminosas, flutuando para baixo enquanto Thurman tirava fotos. A mesa ao lado também queria o sabão. O duque soprou uma última bolha só de ar dos pulmões. Era brilhante e transparente, e todo mundo ficou olhando ela se afastar e afundar, reduzindo-se nada ao estourar na beira da nossa mesa.

— Foi você que escolheu essa, não foi? — perguntou Thurman ao amigo quando começou a tocar outra música.

Era “Green Onions”, com Booker T. e os M.G.s.

— Ainda é uma boa música — disse o amigo. — Apesar de ter ficado grudada na minha cabeça por quase uma década. — Virou-se para mim e disse que já tinha sido preso. Mas não por uma década, só trinta dias.

Perguntei por quê. Ele respondeu que tinha transportado uma mulher pela divisa do estado, e Nadine caiu na gargalhada. Sorri, mas não sabia as coordenadas, o que era engraçado e por quê.

— A Emenda Mann — explicou ele. — *Intenção impura*: o que é intenção impura? Fiquei preso por um tempo. Depois fui libertado, mas essa música ficou gravada na minha cabeça, por isso parece que fiquei muito mais tempo.

Ele começou a cantarolar “Green Onions”, balançando a cabeça.

— No começo, não foi tão ruim. “Green Onions” era um segredo especial. Algo que eu estava escondendo, como um cortador de pizza na manga da camisa. Eu estava tirando uma com eles, cantarolando “Green Onions” enquanto meus companheiros de cela tomavam banho frio, comiam embutidos apimentados, liam cartas de mulheres que queriam maridos em rédea curta. Uma rédea realmente curta. Os homens respondiam àquelas mulheres solitárias,

faziam flexões e esperavam elas virem para fazer a corte no dia de visitas, com seus frangos fritos e sobancelhas depiladas.

Ele ajudava os outros detentos a escrever suas cartas para as mulheres.

— *Contate suas amadas, trinta e nove centavos*, dizia um cartaz na área de convivência. Só precisava de um envelope, papel e um selo. Aqueles caras usavam tocos de lápis como os que nos dão para escrever números na biblioteca pública. “Como se escreve *xoxota?*”, perguntavam eles. “Como se escreve *peitos?*”, “*Pênis é com i?*”

— E para que servia o cortador de pizza? — perguntou Nadine.

— Para cortar pizza, querida Nadine. — Ele abriu um sorriso de cachorrinho para ela.

— Quando saí, pensei, tudo bem, ao contrário de muitos amigos meus, eu sei como é o interior de uma prisão. A maioria das pessoas nem sabe como é o lado de fora de uma prisão. Elas ficam tão isoladas. A gente só vê indicações na estrada alertando para não pegar caronas em certas áreas. Enquanto eu sei o que é confinamento, tédio e treinamento de incêndio à meia-noite. Instruções amplificadas ecoando pelo pátio da prisão como os chamados à oração do fim da tarde nas mesquitas da Atlantic Avenue. Sei o que é embutido apimentado. Ovos em pó. Rebeliões. A experiência de levar banho de mangueira com desinfetante que nem uma lata de lixo. Sei o que é a erótica da necessidade.

— Ah, querido — disse o Duque de Earle.

— Tem alguma coisa nisso aí. A gente acha que é de um jeito... você sabe, só gosta de mulher. Mas na verdade a gente gosta de fazer o que dá.

— Vou derreter — disse o duque —, virar uma poça no meio desse reservado. Eu não tinha *ideia*...

— Não quero desapontá-lo, Duque — disse o amigo —, mas só mesmo estando na prisão, e não pretendo voltar.

O braço dele estava ao meu redor. Eu estava dentro do fluxo que me atropelava desde que eu chegara. Ele se movimentara em volta de mim, não me deixara entrar e de repente lá estava eu, naquela mesa, imersa num mundo, tudo se mexendo depressa, mas não me

deixando de lado. Eu estava indo com a correnteza, fazia parte dela, independentemente de entender os códigos, a taquigrafia das pessoas à minha volta. Não perguntar e não ter que saber me mantinha com eles, movimentando-me no ritmo deles.

— Quando se é solto, jogam você na Queens Plaza às quatro da manhã. Os caras entram e saem correndo da loja de donuts, ainda profundamente comprometidos com o código da cafeteria da prisão, tomando café, segurando um donut num saco engordurado como se tivessem uma bomba, pavoneando-se, mas sem saber *para quem* estão se pavoneando, agora que não há mais guardas, carcereiros, companheiros de cela. Não passam de gente comum na Queens Plaza, maravilhosa, horrivelmente livres. Na mesma hora da noite em que as mulheres e os filhos fazem fila para pegar o ônibus até Rikers no dia de visitas. Os ônibus deixam os delinquentes aqui, recolhem os passageiros que vão ali fazer uma visita, enquanto a maioria das pessoas está dormindo. As prisões devem estar escondidas no espaço e no tempo.

— Quando saí — continuou ele — me senti incrivelmente feliz. A liberdade após o confinamento é diferente da liberdade pura, que às vezes pode ser seu próprio tipo de prisão. O problema foi “Green Onions”. Semanas transformaram-se em meses, e a música persistia. Aquele ritmo ondulante estava sempre na minha cabeça, sempre mesmo. — Ele cantarolou a música. — Isso me acordava no meio da noite, como se alguém tivesse aumentado o volume, e lá estava eu, deitado no escuro ouvindo o altissonante solo de órgão de “Green Onions”, esperando a parte da guitarra interrompê-lo, preso naquele ritmo entusiasmado, aquele ótimo tema perfurando os canais do meu cérebro. Foi tão injusto, porque eu já tinha pagado minha dívida com a sociedade.

“Green Onions” começou a tocar de novo, acho que pela terceira vez, e tive a impressão de que o salão inteiro estava conspirando em algum tipo de embuste. O amigo cantarolava animado.

— Se você teve que ouvir isso por dez anos seguidos — falei, rindo, deduzindo que se eu risse abertamente ele pararia de caçoar de mim —, como aguenta ouvir agora?

— Porque temos que conhecer nossos inimigos — respondeu ele.
— Como pode lutar se não sabe o que está enfrentando? Quem são *seus* inimigos?

Eu disse que não sabia.

— Está vendo. Exatamente.

* * *

Depois nós dançamos. Meus braços estavam ao redor do pescoço dele, sua camiseta Marsden Hartley grudando nos seus ombros largos devido ao calor do bar e ao suor. Eu não o tinha beijado ainda, mas sabia que faria isso, e ele sabia que eu sabia, e havia uma espécie de alegria mútua nesse deslizamento para a inevitabilidade, não importava que eu não soubesse seu nome ou se qualquer coisa que ele tinha dito era verdade.

— Você é bonita — elogiou ele, afastando meu cabelo do rosto.

Como se conhece pessoas em Nova York? Eu não sabia que seria assim.

— Eles poderiam estampar seu rosto em caixas de bolo — disse ele. Eu sorri. — Isso até você mostrar esse vão entre os dentes. Meu Deus. Isso meio que arruína seu apelo de caixa de bolo. Mas na verdade realça um tipo diferente de apelo.

Algumas mulheres não gostariam que um homem falasse com elas daquela forma. Diriam: “Que espécie de apelo você quer dizer?” Ou: “Vai se foder.” Mas eu não era esse tipo de mulher, e quando ele disse isso, meu coração se encheu um pouco.

O hotel, no fim das contas, era o Chelsea. Não sei de quem era o quarto, talvez fosse de Nadine, um quarto que Thurman arranhou para ela. Dava a impressão de que Thurman a ajudava quando tinha vontade e que talvez ela morasse na rua quando ele não queria ajudar. Estávamos bebendo no gargalo de uma garrafa de Cutty Sark e Nadine, afinal, não era esposa de Thurman. De um telefone que puxou até o corredor, ele falou com sua verdadeira mulher, Blossom, ou talvez só a chamasse assim, não com muita ternura, e sim com um nasalado “Blossom, eu ligo de manhã”. Ele pronunciou cada

palavra como se a frase fosse uma lição que a esposa tinha que memorizar e repetir.

— Ligo amanhã de manhã, depois de fazer minha sanca.

Isso deixou Nadine histérica:

— *Sanca!* Depois da *sanca* dele!

Quando ele desligou o telefone, Thurman pareceu energizado por uma nova selvageria, como se a concessão do telefonema tivesse de ser desfeita com um comportamento que Blossom, onde estivesse, talvez não aprovasse. Ele botou um disco de Bo Diddley no último volume e quando começou a pular ele o tirou do toca-discos e o jogou pela janela. Colocou outro disco, uma canção que repetia interminavelmente que “havia alguma coisa nos seus pensamentos”, com uma pegada de saxofone desajeitada, porém sensual. Atendendo a sugestão do amigo, dancei com Thurman. Ele cheirava a colônia pós-barba, cigarro e tônico capilar. Havia algo sintético e não natural nele, a maneira como o cabelo dele caía numa curva perfeita, o frescor do terno bem cortado, a roupa que reforçava quem ele era, uma pessoa um tanto privilegiada, apesar do ambiente degradado e do nível de bebedeira.

There is something on your mind

By the way you look at me

O amigo estava dançando com Nadine. Os braços dela estavam pendurados em seu pescoço, o cabelo avermelhado caindo sobre o ombro dele. Pressionava o quadril contra ele, que correspondia.

There is something on your mind, honey

By the way you look at me

Observando a forma como os corpos deles faziam contato, desejei que trocássemos de parceiros.

— Ei, olhe só — disse Thurman. — Tire os olhos dela só um minuto...

Senti que ele procurava alguma coisa no bolso do paletó. Nadine e o amigo deles giravam como uma coisa só, lentamente, para um lado e depois para outro.

Antes de entender o que Thurman tinha tirado do bolso do paletó, alguma coisa quente, pesada, ele a estava apontando para eles, para o amigo e Nadine, que dançavam no ritmo lento da música, juntinhos e sem perceber.

Ouvi um clique. Ele estava apontando para os dois. Um estampido ensurdecedor me atravessou.

O amigo riu, pediu a arma e Thurman jogou para ele. O amigo a abriu e tirou as balas, observando-as.

— Festim — disse ele, devolvendo-a a Thurman, que pegou Nadine pelo pescoço numa violência fingida e esfregou o cano da arma na frente do vestido dela, de baixo para cima. Parecia um gesto estúpido e ridículo, mas ela levou a sério e até gemeu um pouco como se estivesse excitada.

Lembrei dos meus primos Scott e Andy dizendo que balas de festim podiam matar uma pessoa. Thurman guardou a arma num armário e abriu outra garrafa de Cutty Sark. Ele nos serviu novos drinques e depois tocou “Will the Circle Be Unbroken” no teclado que havia ali. O amigo me levou para o telhado do prédio e narrou para mim o horizonte de Nova York.

— É aqui em cima desses telhados que tudo de bom está acontecendo — disse ele. — Mulheres andando pelos lados dos edifícios, escalando fachadas verticais com cordas e polias. Elas se vestem como gatunas, gatunas feministas. Quem sabe? Você pode acabar se tornando uma, apesar de ser meiga e jovem. Ou *porque* é meiga e jovem.

— Quem é você, algum tipo de reacionário? — perguntei.

— Não — respondeu ele. — Estou lhe dando umas dicas. Mas na verdade essa história de telhado já está antiquada. Gordon Matta-Clark acabou de cortar uma casa inteira ao meio. Vai ser difícil superar isso. E agora, Reno? E agora?

Quando voltamos lá para baixo, Thurman entrou no banheiro enquanto Nadine fazia xixi, por alguma razão não no vaso, mas na banheira. Olhou para ela, sentada na beirada da banheira com o minivestido levantado.

— Sabe o que eu amo mais do que qualquer outra coisa? — perguntou ele.

— O quê? — replicou ela com uma reverência silenciosa, como se a noite toda fosse um ritual encenado para chegar a esse momento, quando ele afinal lhe diria o que realmente amava.

— Amo garotinhas malucas. — Agarrou-a e jogou-a nos ombros, sua calcinha ainda no tornozelo. Levou-a para o quarto e fechou a porta.

— Sabe o que eles fazem? — perguntou o amigo. — Eles atiram um no outro com aquela arma. Na genitália. Bang. Pow. Faz seus tímpanos parecerem rasgados ao meio no dia seguinte.

— Não é perigoso? — perguntei.

— Claro. É por isso que eles fazem.

A arma disparou. Nadine gritou e depois riu. O telefone do quarto começou a tocar.

O amigo e eu ficamos em silêncio, esperando o próximo tiro ou o telefone parar de tocar, ou alguma outra coisa.

— Ei — disse ele. — Ei, Reno. Venha cá.

Mas eu já estava bem junto dele.

Nós nos beijamos, sua bela boca quente e macia na minha, enquanto o telefone continuava tocando.

* * *

Quando afinal nos deitamos na minha cama, o sol da manhã sobre o East River enchendo meu apartamento com uma luz dourada, eu disse a ele que não queria saber seu nome. Não elaborei muito. Só falei:

— Nem quero saber seu nome.

Ele estava usando o Borsalino marrom que eu tinha achado no bar perto de casa. Tirou o chapéu e o deixou no chão perto do meu colchão, tirou a camiseta Marsden Hartley escrita à mão e me deitou com delicadeza. Meu coração batia forte.

— Também não quero saber o seu — confessou ele, examinando meu rosto com muita atenção.

O que ele estava procurando? O que estava vendo?

O que se passava entre nós parecia real. *Era* real: estava acontecendo. As coisas que eu tinha ouvido e testemunhado naquela noite, os absurdos, de alguma forma estavam representadas nas covinhas dele, no sorriso maroto, no olhar. A maneira como ele despiu jocosamente a camisa Marsden Hartley e a jogou do outro lado do quarto, como um homem que não queria mais saber de camisetas. Examinou aquele quarto minúsculo, anuindo como se não fosse surpresa, mas informação que ainda estava assimilando, catalogando. E depois me examinou, meu corpo, assentindo outra vez, todas as coisas confirmadas, compreendidas, aprovadas.

Eu tinha seguido os sinais com cuidado e diligência: da voz de Nina Simone, até a motocicleta e a camiseta Marsden Hartley. A noite inteira, até a arma e agora isso: um homem no meu quarto que parecia ter as chaves para as coisas que imaginei que Chris Kelly destrancaria se eu o encontrasse. Mas nunca encontrei.

* * *

Quando acordei no meio da manhã, ele tinha ido embora. O dia já estava no meio, calor total, sol total. Minha cabeça latejava um pouco. Eu estava cansada, de ressaca, desorientada. O chapéu Borsalino marrom tinha sumido, e lembrei de querer que ele ficasse com o chapéu, disse para ficar com ele.

Me sentei na escada de incêndio. Era domingo. Lá embaixo, os motoristas das limusines estavam em frente ao clubinho da máfia, esperando ao lado da longa fileira de carros pretos. Pareciam suados e infelizes, e senti inveja deles. Esperar ao lado de um carro tendo a certeza de que seu passageiro chegaria. Ter tal propósito naquele dia.

Eu dissera algo constrangedor sobre o Borsalino *já* ser dele, que estivera esperando por ele no meu apartamento. Estava fazendo o que as pessoas apaixonadas fazem, costurando o destino à pessoa que gostaríamos de costurar na gente. Mas tudo aquilo — eu como Reno, ele sem nome, os amigos desvairados contra quem nos

aliamos, e sem os quais nunca teríamos nos conhecido — tudo aquilo era passado.

Eu tinha dito que não queria saber o nome dele, o que não era mentira. Quisera passar por cima de nomes e ir direto à coisa mais profunda.

* * *

A chuva caía. Todos os dias, uma chuva pesada, e eu ficava no meu apartamento esperando as sirenes. Assim que a chuva começava, soavam sirenes. Chuva e depois sirenes. Com pressa para chegar onde a vida acontecia, a vida e suas emergências.

Você entende que estou sozinha? Dirigi esse pensamento ao meu amigo sem nome dentro da cabine telefônica da Mulberry Street, o céu cinzento e pesado, a rua suja, em silêncio e hostil, enquanto a voz de uma mulher declarava mais uma vez que o número que eu tinha discado estava desligado.

Foi só uma noite de bebedeira e acaso. Eu soube no momento em que o conheci, e por certo foi o que me encantou logo de início. Encantamento significa querer alguma coisa e também saber, em algum lugar dentro de nós mesmos, mas não em um lugar óbvio, que você não vai alcançá-la.

5. VALERA ESTÁ MORTO

foi o que ele escreveu no seu caderno mais tarde naquela noite, a mão trêmula, a caneta ondulando. Tinha deitado na cama de roupa e tremido.

Valera está morto.

Aqui está alguém diferente.

* * *

Enquanto saboreava as imagens que se degradavam rápido demais, as lembranças do Grande Passeio na noite anterior, os momentos escoando como se tivessem sido um raro e precioso devaneio, recuando como os melhores sonhos, os eróticos, ele olhava para sua anotação sobre si mesmo, que havia escrito enquanto tremia e estava cheio de alegria, a mão oscilante declarando a própria morte.

De agora em diante, pensou, as folhas tremem. Não homens. Só folhas.

A morte passou. O nascimento tinha começado.

* * *

A pequena gangue que ele conhecera no Caffè Aragno tinha um líder, Lonzi. Se não era o líder oficial, Lonzi era o mais original e beligerante de todos. Assim como Valera, Lonzi vinha de uma família rica de Milão, seu pai trabalhava com madeira e imóveis, com um casa grande e bonita em Brera, perto da vila da família de Valera. Como Valera, Lonzi tinha fugido daquilo e se matriculado na universidade em Roma. Os dois eram rapazes a quem disseram que precisavam trabalhar arduamente e reivindicar o que era deles, para

deixar o nome marcado no mundo e, além do nome, seu poder e prestígio. Lonzi era um marginal, que usava o nome para desgraçá-lo e tudo o que representava. Apesar de Valera entender isso, esse apelo, usar o próprio treinamento em autoimportância para virar o poder de cabeça para baixo, ele não tinha interesse em desistir de ser engenheiro. Em vez disso, acrescentou Lonzi aos seus estudos, o mundo de coisas que podiam instruir. Lonzi dizia que riqueza e prestígios herdados significavam preguiça, conforto e nostalgia. Lonzi detestava preguiça e nostalgia e dizia que não tinha interesse algum em esplendores aristocráticos, em apodrecer debaixo do sol como queriam que fizesse, chafurdando como um porco na lama espessa e quente em que as classes altas italianas estavam atoladas, em que toda a Itália estava atolada, vidas estruturadas em torno de tradição, costumes, monotonia.

Valera visualizava o Egito quando Lonzi falava desse jeito. Horas e mais horas na sacada, olhando a estável cobertura azul do Mediterrâneo, enfiando a cara nas folhas de uma tamareira num vaso, tentando sentir alguma coceira, algum atrito.

Lonzi e a pequena gangue detestavam turistas, domingos, torpor. Queriam velocidade e mudança. Por conta de sua rapidez, Valera estava ficando bem conhecido entre os motociclistas. Tinha talento e sensibilidade para a máquina de duas rodas, sabia como incliná-la, breicar ao fazer o ângulo numa curva, esticar o pé de lado para firmar e contrabalançar a moto, depois detonar o acelerador para endireitar o veículo, acelerar ao sair de uma curva enquanto os outros continuavam freando, preocupados em colidir. Sempre acabava na frente dos outros motociclistas, sem falhar. Ainda não tinha sua própria moto — já pedira o dinheiro, mas o cabograma ainda não tinha chegado de Milão — e por isso precisava sempre ficar esperando na calçada na porta do Caffè Aragno, até conseguir dar uma volta na de alguém. Alguns dos membros da turma se orgulhavam de ter Valera pilotando suas motos, ele sempre chegando na frente, enquanto outros se incomodavam com isso e evitavam-no quando o viam na calçada.

Quando o dinheiro chegou ele comprou sua primeira motocicleta, uma Pope V-twin, de fabricação americana, e de longe a mais veloz

do grupo. O motor era de 999 centímetros cúbicos, com o estojo pintado num lírido e ofuscante dourado. Era rápida e assustadora, vibrando nas suas mãos e deixando os braços dormentes, a suspensão e o guidom não apropriados para a velocidade da máquina. Era uma coisa rebelde que ele adorava. Ele agora fazia parte oficialmente da pequena gangue, e quando cochichavam “Terceira sala” e partiam para a área secreta nos fundos do Aragno, eles também chamavam Valera, e aquele pequeno gesto, um sussurro, fortaleceu sua decisão de ser como Lonzi, de se completar com o espírito, a aura, como ele pensava ser, do grupo.

— Não diga palavras como *aura* por aqui — comentou Lonzi, envergonhando Valera quando este expressou sua ideia na frente dos outros. — Isso é bobagem. Grécia antiga. Não estamos olhando pelas grades do esgoto da história, Valera.

Eles estavam esmagando e destruindo qualquer ideia antiquada e tradicional, disse Lonzi, todas as coisas do passado. Tudo que fosse velho e de bom gosto, qualquer espécie de decadentismo e esteticismo. Queriam destruir czares, papas, reis, professores, “preguiçosos que sofrem de gota”, como definia Lonzi, toda a cultura oficial e seus cafetões, mercadores e putas.

Lonzi dizia que a única coisa que valia a pena amar era o que estava por vir, e como o que aconteceria era imprevisível — só um cretino ou mentiroso tentaria prever o futuro —, o futuro tinha de ser vivido agora, no presente, com intensidade.

Não se pode intuir o futuro, dizia Lonzi, nem mesmo o momento seguinte. Ele falava sobre uma seita da Idade Média que acreditava que Deus reinventava o mundo a cada instante. A cada instante Deus reinventava a coisa toda, todos os aspectos e recantos, tudo de novo, segundo essa seita. A única coisa a fazer era se envolver totalmente na própria vida, no seu momento, dizia Lonzi. E quando sentimos o pessimismo tentar pousar em nosso ombro feito um abutre nojento, dizia ele, nós o eliminamos, o esmagamos com otimismo. Nós queremos, e nosso desejo mata a perdição. É assim que vamos tomar o futuro e ocupá-lo como um depósito vazio, concluiu. É um ato de amor, de puro amor. Não é uma profecia. É esperança.

A pequena gangue passava as noites no Aragno, onde Lonzi e os outros, Copertini, Cabrini, Caccia, Bompiello e Papi, liam poemas sobre velocidade e metal, receitas de suflês de arame e chumbo grosso, uma dieta que fazia parte do chamado geral para se metalizarem, os corpos transformados em metal, em máquinas, com os espíritos não mais letárgicos e fracos na carne, mas rápidos e fortes. Lonzi parecia não estar brincando nunca. Valera o considerava um brincalhão mesmo assim. Lonzi era um fabulista. Fazia roupas com parafusos e malha de aço, livros de folhas de estanho carimbado. Muitos da pequena gangue desenhavam — máquinas de sonhos e homens de movimentos rápidos, ou montavam palavras datilografadas para parecerem explosões no papel. Valera também desenhava, mas sua formação em engenharia dificultava seu afastamento das leis do universo. Só desenhava o que considerava ser realmente possível. Máquinas reais.

A pequena gangue tocava barulhos amplificados nessas noites no café, sons que haviam sido gravados no apartamento de Lonzi, de marretas batendo em bigornas, ou fechando alicates gigantesco ligados a microfones, TLEC, TLEC, abrindo e fechando, que eles apresentavam à plateia como sendo os sons dos pés do papa sendo decepados nos tornozelos. Os dedos do rei cortados nas juntas. O nervo óptico do grande olho único de Deus sendo seccionado. O alicate de Lonzi cortando os pés do papa fazia surgir na mente de Valera uma imagem dos pés da jovem Marie, bronzeados, enfiados nas alpargatas de pano, pendurados acima da roda traseira da motocicleta naquela tarde em Alexandria. Um delicado pé feminino levado embora por uma fera que cuspiam fumaça. Enquanto Valera se tornava parte da gangue de Lonzi, a imagem do jovem pé de Marie, evocada pela performance de Lonzi de amputações fingidas, ficou com ele. O pé pertencia a Valera, uma apropriação que tinha algo a ver com ser viril e metalizado, e fazer parte de um grupo de homens também viris e metalizados. Não pensava em Marie havia anos, mas no calor e na loucura daquelas noites no Aragno, ela apareceu, uma imagem vívida, em cores intactas, Marie na garupa de uma motocicleta, uma figura vestindo roupa de algodão larga e esvoaçante, o pé pendente bronzeado pelo sol africano, ela e o

homem desconhecido voando perto do quebra-mar como aquelas figuras de madeira que passam por um cenário pintado na galeria de tiros de um parque de diversão, o céu acima deles parecendo um grande pôster de seda azul.

Em pé numa cadeira na frente do café, Lonzi dizia que no futuro as mulheres seriam reduzidas à sua parte mais essencial, algo que o homem poderia levar no bolso. Valera pensava em Marie, em como a reduziria a um pé, a algo que podia levar na sua mente, como um pé de coelho. Não tanto como um presente, mas como sacrifício. Ela deixara de ser um amor perdido para se tornar algo que ele havia amado mas tinha de reduzir. O pé era dele. É, Lonzi, você entende, pensou Valera. Mulheres reduzidas a partes. Mas depois de diversas digressões de Lonzi, a maioria sobre a Grande Guerra — Lonzi achava que entrar na guerra seria o teste perfeito e o triunfo de sua gangue metalizada, que daria tudo de si na guerra, derrotaria o pútrido Império Austro-Húngaro e despertaria toda a Europa de sua letargia — depois de tudo isso, Lonzi voltava a falar daquela parte essencialmente feminina, e acabou que estava falando especificamente da vulva de uma mulher. Um bom exemplo de como Lonzi tinha se tornado líder. Estava disposto a pensar em extremos e a nomeá-los.

Mulheres serão bocetas de bolso, dizia Lonzi. Ideais para a batalha, para a infantaria leve. Transportáveis, silenciosas, e poderão ser guardadas na mochila. Você dá um tempo após uma rajada de metralhadora, envolve seu membro com uma, faz um amor total, e elas não dizem uma palavra.

* * *

O que ocupava na verdade a mochila de Valera: não a vulva de uma mulher, mas granadas, uma máscara de gás e uma arma que emperrava constantemente.

Toda a pequena gangue se alistou voluntariamente para regimentos de ataque, o Arditi, e acabou em batalhões motorizados que se engajaram em arriscados postos avançados nas margens do

rio Isonzo. Lonzi levou um tiro na virilha e teve que voltar quase imediatamente do front. Valera e Copertini acabaram indo para o mesmo batalhão, até que Copertini morreu ao se chocar contra uma árvore, enquanto Valera pilotava sua Pope, a qual ele modificou para a guerra, soldando um suporte de metralhadora e acrescentando para-lamas, um tanque de gasolina maior e um bagageiro atrás. Devido à falta do modelo-padrão Bianchi 500, permitiram que ele usasse a sua Pope, o que foi uma coisa boa, pois ficou muito mais veloz que a Bianchi depois que Valera aumentara as cilindradas. Rapidez, como ele descobriu, era vital para continuar vivo. A guerra deve ser móvel, ele percebeu, mas não era. A maioria dos soldados ficava empacada nas trincheiras, esperando a morte. Enquanto o batalhão de motocicletas dos Arditi corria, deixando à mostra sua caveira branca com ossos cruzados costurada ao peito, eles puxavam pinos de granadas e as lançavam. Todos Arditi, todos de moto, nenhum nas trincheiras. Mesmo assim, em apenas dois anos, 1917 e 1918, metade da pequena gangue deles tinha morrido.

* * *

Com o fim da guerra, uma noite, ele e Lonzi, recuperado de seu ferimento no front, estavam passeando entre o Aqueduto de Nero e o Jardim Botânico quando Lonzi bateu numa pedra que deve ter rolado das ruínas de Nero. Lonzi arruinou sua moto, fraturando o pulso. Depois disso, ele considerou que a destruição de sua moto por um pedaço de antiguidade era uma mensagem clara de que deveriam sair de Roma. (Apesar de sua insistência na ausência de um deus, Lonzi estava sempre atento a sinais e símbolos, e uma vez Valera o viu na Piazza Navona sentado diante da frágil mesa de papelão de uma vidente. A postura ansiosa dele, sua expressão aberta, aguardando e tendo esperança de receber notícias auspiciosas da mulher e de sua bola de cristal barata, deixaram Valera tão constrangido que ele reprimiu, durante anos, ter testemunhado aquela cena patética.)

Pouco depois do acidente de Lonzi a gangue se reuniu no Aragno e decidiu seguir para o norte. Roma estava descambando em decrepitude e putrefação, com suas turbas de turistas, pilhas de lixo, os esqueléticos cortiços surgindo de todos os lados enquanto a economia caía. Racionamentos de alimentos, desemprego e greves de trabalhadores estavam desenfreados. A Itália estava quase arruinada devido a seu envolvimento na guerra. Os moradores dos cortiços de Roma estavam tomando a cidade, um lumpesinato de zumbis que dava a impressão, a Valera e a Lonzi, de estarem vivendo na Idade Média, gente miserável em roupas pretas desbotadas, banguelas aos vinte anos, atizando fogueiras de madeira recolhida em tambores de óleo para se aquecer. Parecia que estavam no ano 800. A gangue transformaria Milão (de onde quase todos tinham vindo, aliás) em seu quartel-general. Milão não era a capital, mas seria a capital do novo.

Para o norte!, bradava Lonzi, levantando a mão ferida e engessada. Ao progresso!, acrescentava ele, que era sempre o certo. Poderia ser um traidor, ladrão, assassino ou incendiário, mas era sempre o certo.

O que ele queria dizer? Ninguém se importava. Só vibravam.

* * *

Eles retornaram em massa, Valera também, que jurou superar Pope. Este, aliás, fosse quem fosse, o americano que havia projetado a moto de Valera, cujo nome significava “papa”, em inglês, e Valera achava aquilo maravilhosamente engraçado, que alguém na América se chamasse Papa. Ele, Valera, projetaria a motocicleta mais veloz, mais específica e elegante já feita, e o pai prometera investir o dinheiro para a produção se seu protótipo fizesse sucesso.

Milão continuava sendo a mesma cidade que Valera tinha vivenciado quando garoto ao chegar do Egito, mas agora os trens e suas intrincadas fiações acima pareciam lindos. As luzes de neon eram uma joia elétrica no corpo ágil da cidade, e ele e a pequena gangue eram saqueadores desse corpo. Eles cruzavam a cidade, os

motores roncando, as buzinas ricocheteando nos edifícios altos que ladeavam as pistas estreitas. A cidade era deles, com todo seu metal, vidro e tráfego de automóveis, além de seus guindastes, escavadeiras e chaminés. Lonzi falava de um futuro em que a cidade seria construída proporcionalmente ao tamanho e à escala das máquinas, e não dos homens. As casas seriam demolidas para dar lugar a corridas de automóveis e aviões. A velocidade, dizia Lonzi, nos dá, finalmente, a divindade na forma de uma linha reta. Nós rejeitamos rios vagarosos e humanos ziguezagueantes, além de seus projetos de espeluncas! Lonzi dizia coisas tresloucadas sobre retificar os rios da Europa, o Reno, o Danúbio, o Pó. A gangue entrou num clube de corrida numa pista na floresta da periferia de Milão. Argumentavam sobre os termos exatos para a sensação de fazer uma curva, com o sentimento de que as motocicletas iam se quebrar ao meio, acelerando em impulsos para dar vida à velocidade, um superávit controlado de si mesma. Essa era a diferença entre Valera e sua gangue. Ele era o único com formação técnica para conceituar a velocidade. O único que realmente apreciava a fina violência lubrificada de um motor de combustão interna, pois entendia precisamente como funcionava. Valera passava o tempo projetando sua moto e fazia planos de abrir uma fábrica com o apoio do pai. Os outros iam para as pistas correr em suas motocicletas, mas cada vez menos, pois estavam muito ocupados escrevendo poemas sobre corridas de motos, fazendo pinturas da velocidade que tinham sentido. Nenhum estava interessado em gerar velocidade real: montar um motor, encaixar numa estrutura, encher o tanque de gasolina e sair pilotando a coisa. Lonzi e os outros rabiscavam poemas que produziam sons de armas, enquanto Valera estava ocupado projetando suportes de motos para armas reais. Ele mesmo nunca mais queria se alistar numa guerra. Mas via dinheiro na fabricação de máquinas para batalhas.

Valera continuava imaginando Marie na garupa daquela moto tosca e bestial construída pela Hildebrand & Wolfmüller de München. Tinha se recomposto de sua luxúria juvenil, daquele pé como um pé de coelho, sua lembrancinha na mochila. Estava com trinta e dois anos e já tinha experimentado muitas outras mulheres, a maioria

pagas, mas algumas foram gratuitas, e não ligava a mínima para Marie, entendendo que ela certamente não era mais, de qualquer forma, a pessoa que ele tinha desejado. Não era mais uma jovem florescente. Provavelmente está parindo filhos, pensou, os grandes seios pesados com leite. Enquanto eu só mudei para melhor. E ainda sou amante de garotas. Pronto para a filha de Marie, em breve. As mulheres ficavam presas ao tempo. Por isso os homens tinham que continuar procurando-as cada vez mais jovens. A filha de Marie, ou de alguma outra. Porque os homens, considerava Valera, se movimentavam a uma velocidade diferente. E quando percebiam isso, essa velocidade, só precisavam se libertar do artifício do tempo. Libertar-se do tempo para ver que nunca estiveram presos a ele.



6. IMITAÇÃO DE VIDA

Um mês depois da noite em que conheci o pessoal armado e dei meu Borsalino roubado a um deles, respondi ao anúncio de Marvin e Eric no *Village Voice*. Eu não estava planejando fazer isso. O anúncio pareceu tão estranho que o li em voz alta para Giddle, que estava atrás do balcão do Trust E.

SEU ROSTO COMO PADRÃO UNIVERSAL

Jovem, boa postura, de boa aparência, com conhecimentos cinematográficos rudimentares, capaz de seguir orientações, favor se candidatar.

— Você tem mesmo uma pele bonita — disse Giddle, observando-me de uma forma avaliadora que me fez corar.

— Mas do que se trata?

— Chutaria que é algum trabalho de modelo — respondeu ela.

— Você não acha que envolve nudez, acha?

— Isso seria um problema para você?

— Não sei.

— Bem, não deveria ser — afirmou ela. — Acontece todo tipo de coisa na vida das pessoas. Não temos como prever, e você deveria manter suas opções abertas.

Saiu para anotar um pedido.

— Ah, anime-se — disse Giddle ao voltar. — Eu estava brincando. Não acho que queiram que você pose nua. Isso é um laboratório cinematográfico legítimo. Eu já ouvi falar dele.

Giddle ofereceu ajudar na parte da boa aparência, e embora fosse um pouco condescendente da parte dela presumir que eu precisava desse tipo de ajuda, eu ansiava por amizade, e aquele era o passo seguinte. Ela veio ao meu apartamento trazendo bobes quentes, um secador de cabelo e uma pequena valise vermelha de vinil cheia de maquiagem. Até ali nós só tínhamos convivido em lados opostos de um balcão, e de repente ela estava se debruçando em cima de mim, tão perto que eu podia sentir seu perfume de óleo de pepino, que

passou para mim e infundiu a experiência toda de me candidatar ao trabalho com o cheiro dela. Ela repartiu porções do meu cabelo com um pente fino e depois enrolou cada seção com o bobe quente e prendeu com um grampo de metal. Senti um comichão meio erótico quando ela tocou o topo da minha cabeça com os dentes de plástico do pente. Mas acho que ela nem sabia mais quem eu era enquanto fazia aquilo, profundamente perdida no ato de transformar cabelos. Não fazia diferença de quem era o cabelo, ou qual era o objetivo daquilo. Acabei com uma espécie de colmeia, os fios soltos engessados como um glacê em torno da forma de colmeia com spray aerossol. Não estava muito claro por que eu precisava de uma colmeia na cabeça para me candidatar a um trabalho num laboratório cinematográfico, mas com Giddle era assim. Ela se perdia no que estava fazendo, e questões práticas não cabiam, eram uma atitude errônea.

— Você parece tão festiva! — comentou Giddle ao terminar minha maquiagem e os ajustes finais do meu cabelo. Na palavra *festiva* eu de repente vi as capas de chuva coloridas de Catherine Deneuve e vestidinhos combinando, suas canções tristes e sua alegria delicada em *Os guarda-chuvas do amor*.

— Eu sou festiva! — respondi. — Ah, tão festiva! — E saí correndo pelo meu apartamentinho como uma menina num filme francês com pressa de encontrar o namorado, e sem querer quebrei uma xícara. Parei para olhar no espelho minha nova eu, festiva. Giddle se apressou e desenhou uma bela pinta perto da minha boca, passou mais brilho nos meus lábios com um pincel e empoou meu rosto com uma esponja do tamanho de um Fox Terrier.

— Pó de arroz — disse ela —, só um pouquinho.

Minha pele ganhou uma espécie de brilho lunar, e meus lábios pareciam mais vermelhos.

Ficamos me olhando no espelho. Alguma coisa tinha mudado no meu rosto, ou no que eu via nele. Não que eu estivesse mais bonita, exatamente. Era como se todo o processo de me preparar para ser vista por quem houvesse feito aquele anúncio tivesse exposto alguma coisa. Em mim mesma. Olhei para mim como se fosse outra pessoa me olhando, e essa outra pessoa me passou um sentimento

de leveza, uma vibração de energia nervosa. Eu queria ser olhada. Não tinha percebido isso até então. Eu queria ser olhada. Pelos homens. Por estranhos. Giddle devia saber disso.

— Ai, meu Deus! — exclamou ela. — A covinha do seu queixo está aparecendo... olhe, está tão visível!

Eu nunca havia notado que tinha uma covinha no queixo, visível ou não.

— É um sinal — continuou ela.

— De quê?

— De sorte — respondeu. — Não pode haver sorte melhor.

Olhei mais de perto. Havia uma pequena depressão na ponta do meu queixo normalmente redondo. Eu tinha uma covinha no queixo. Estava aparecendo. Talvez fosse o pó, mas acho que era Giddle. Ela disse que o tipo certo de covinha no queixo era a que ia e voltava, que ninguém queria uma covinha permanente. Trazia muita sorte, forçando seu portador a um terrível fardo de alegria. Como Robert Mitchum, comentou ela, que navegava num vagão de xoxotas pelo norte do México e bebia solvente de tinta quando acabava o mescal e seria destruído pela sua covinha no queixo. Profunda demais, disse ela. Forte demais. Giddle tinha uma covinha como a minha, que surgia apenas em certos dias e na luz certa, como descobri, assim que adquiri o hábito de detectar covinhas. A dela era como a marca de um polegar numa massa. Naqueles primeiros meses da nossa amizade, eu dizia que a covinha dela estava aparecendo, e ela se abaixava atrás da chapa de cromo da sanduicheira atrás do balcão da lanchonete para confirmar a novidade e depois saía para comprar bilhetes de loteria ou jogar uma rodada de Fascination. Se fosse o fim do seu turno, ela vestia um suéter de veludo preto que guardava no armário do trabalho, passava óleo de pepino nos pulsos e no pescoço, borrifava desodorante em spray nas axilas e saía para o Carlyle. Deduzi que Giddle gostava de homens de negócios.

— Eu não diria bem isso — respondeu ela, alcançando o sutiã para ajustar cada seio. Ela tinha mesmo lindos seios. Era bonita também, com grandes olhos verdes e uma boca suave e almofadada, embora seu rosto estivesse quase sempre enrugado pela insônia e os dentes fossem manchados de tabaco, assim como

os dedos. Entre o indicador e o dedo médio da mão direita, havia uma mancha amarela de nicotina, causada por seu tabagismo incessante. — É como o que eles não dizem na versão do cinema. Eu durmo com eles, e eles me dão dinheiro, presentes, ajudam no aluguel. Parece que o filme devia ter sido com Marilyn, sabia? Marilyn Monroe e não Audrey Hepburn, que pelo visto não levou um doce à boca em todas aquelas tomadas na porta da Tiffany's. Marilyn adorava doces, assim como eu, e ela faria bem melhor o papel, mas é tarde demais. Audrey Hepburn é a coisa icônica que a gente não nomeia.

— Você precisa do dinheiro? — perguntei.

— Sim, preciso do dinheiro. Quer dizer não, não preciso. Não se pode reduzir a dinheiro. Não consigo explicar por que faço isso. É uma espécie de impulso.

Mais ou menos na mesma época, fui assistir a um filme sobre uma viúva belga que virou prostituta. Procurei sinais no filme desse impulso ocasional de Giddle, mas o filme era todo sobre domesticidade claustrofóbica, uma mulher andando num espaço ordeiro e opressivo, engraxando os sapatos do filho e passando café num coador. Tirando coisas e jogando-as fora. Abrindo armários. Fechando armários. Tirando pó, encerando, esfregando esfregando esfregando os sapatos pretos do filho com uma escova dura enquanto o aprontava cada santo dia para aonde quer que ele fosse, uma universidade técnica de treinamento vocacional na outra extremidade de uma série de zonas cinzentas da metrópole, sombras e entardeceres à meia-luz. Os sapatos, perfeitamente engraxados, tirariam ambos dali. Uma situação que, talvez como a de Giddle, não se referia direta ou exclusivamente a dinheiro. O aperto em que a mulher se encontrava, ou do qual queria escapar (e nunca conseguiria) era um tipo de problema ligado a mulheres, à Europa e aos judeus, não de uma forma óbvia, mas estava tudo lá no filme, de alguma maneira: história, ódio, limpeza e os custos de sobrevivência, para sobreviver enquanto se afogava, escovar escovar escovar enquanto lustrava os sapatos. O anel de intimidade apertava mais quando o filho se exilava pelo dia, e o apartamento virava o espaço de trabalho da mulher. Ela ia para o quarto e

colocava uma toalha puída sobre a manta da cama, preparando-se para a chegada de um cliente. Uma fina camada de tecido entre suas duas realidades. Tão fina quanto a diferença entre um gesto digno e um patético. Melhor, pensei, ficar só com uma realidade, pôr tudo na mesma superfície. Explicar ao garoto, quase um homem, que o dinheiro vinha de algum lugar, que ela o ganhava com dificuldade, que não vinha de uma conta mágica no Banco da Bélgica. Ela sentia muito que não fosse, mas o mais importante, não era.

Então lá estava eu, com minha colmeia e meu pó de arroz. Giddle me agarrou e me conduziu para a porta do meu apartamento.

— Vá, vá, vá — bradou. — Você precisa ir agora, enquanto a covinha está aparecendo!

* * *

Tanto Marvin como Eric usavam óculos de proteção com lentes grossas e esverdeadas, e ambos roncavam quando riam. Eram donos de um laboratório de processamento, o Bowery Film, e depois de me darem as instruções gerais do trabalho, basicamente ajudar clientes, atender o telefone, renovar o estoque, levaram-me até uma pilha de roupas que me fez pensar no termo *roupas esportivas*. Você as vê no segundo e terceiro andares das lojas de departamentos. Não ficou claro para que serviam. Mas não era para atletismo. Os vestidos que Marvin e Eric me deram eram de tricô, com botões grandes e dourados. Havia uma espécie de maiô feito de um tecido que aparentemente não deveria ser molhado. Parecia mais o corpete de uma baliza de banda, de veludo preto com fitas em zigue-zague. Havia meias-calças cor de café num ovo plástico. Eles me deixaram sozinha. Vesti a meia-calça e o corpete de veludo preto, que era a única roupa que cabia, pois as outras eram de tamanhos pequenos, com os ombros muito estreitos, as mangas curtas demais. Eu me estirei num divã de vinil branco. Eric entrou e arrastou um vaso de plantas para trás do divã.

— Olhe para baixo. Tudo bem, olhe para cima. Esquerda. Agora direita. Sente-se de lado, mas com o rosto virado para a frente. Vire

a cabeça um pouquinho na direção da minha mão, aqui, mas siga a câmera com os olhos. Isso. Exatamente.

Eu ia ser vista, mas por pessoas que não sabiam quem eu era. Eu ia ser vista, mas continuaria sendo anônima.

Todo filme tem na guia do rolo o que é conhecido como “garota chinesa”. A primeira de todas não era chinesa. Nenhuma delas era. Ninguém sabia muito bem por que eram chamadas de garotas chinesas, já que eram uma referência de impressão para a pele caucasiana, para os técnicos de laboratório, que precisavam de um rosto humano para fazer correções de cor entre as várias tomadas, os repertórios e as condições de iluminação. Se as cortinas de um filme tivessem a cor de bolas de tênis e não um tom amarelo-claro, não fazia diferença para o espectador. Não havia um conjunto original de cortinas que precisassem seguir. Pele é diferente. Pele precisa parecer pele. Há uma norma, um referencial: a garota chinesa. Cortinas podem ter um brilho ácido, rostos, não. E se um rosto parece errado, a gente questiona tudo. Algumas garotas chinesas sorriam. A maioria olhava para a câmera com uma leve perplexidade tensa sob sua expressão. *Quem diria que eu seria modelo? Mas aqui estou eu, sendo modelo de tons de pele.*

Meu próprio rosto, sorrindo timidamente (quem diria que me tornaria modelo?) acabou em muitos filmes distribuídos nos Estados Unidos e no Canadá. Se o projecionista sabia o que estava fazendo, carregava o rolo corretamente e passava pela guia sem que os espectadores me vissem. Se me viam, meu rosto piscava muito depressa, deixando só uma pós-imagem, como aquelas cores pulsantes que ficam na retina quando você olha para uma lâmpada acesa. Eu depois nada, eu depois nada. Poderia haver algum efeito subliminar, se você acreditasse nessas coisas. Giddle vivia falando do poder do subliminar. Dizia que havia uma voz sussurrando: “Não roube as lojas. Não roube as lojas....” no sistema de som do mercado na Segunda Avenida, mas tão baixo que era inaudível. Nunca entendi como Giddle ouvia se não era audível, só que ela era uma ladra de lojas, e assim como assobios para cachorros se destinam para cachorros, ela era o público-alvo.

A maior parte das pessoas não sabia que as garotas chinesas existiam. Os técnicos de laboratório sabiam. Os projetionistas também. Eles tinham suas favoritas, rostos que os obcecavam, e mesmo que eu gostasse da ideia do meu próprio rosto aparecer depressa, sabia que os técnicos olhavam aqueles fotogramas com mais atenção, e eu também gostava disso. Eu estava e não estava posando para eles. Pedacos de filme-guia eram colecionados e trocados como figurinhas de beisebol. Marvin e Eric preferiam uma aparência comum.

— O problema com a coisa de parecer uma garota conhecida — dizia Marvin — é que nos Kodachrome recentes é *realmente* conhecida. O nome dela é Lauren, e crescemos juntos em Rochester.

As garotas, geralmente secretárias dos laboratórios cinematográficos, não eram exatamente pin-ups, mas as chinesas de aparência mais banal eram mesmo assim muito cobiçadas. O apelo era em parte por causa da velocidade: quando passavam por um projetor, piscavam tão depressa que precisavam ser instantaneamente reconstruídas na mente.

— A coisa suprimida como uma intromissão — explicou Eric — sempre merece ser observada.

O caráter banal fazia parte do apelo delas: mulheres de verdade, porém inalcançáveis que não deixavam pistas de quem eram. Nenhuma pista a não ser um rolo colorido da Kodak, o que não era pista alguma.

Duas vezes nas primeiras semanas de trabalho na Bowery Film, uma caçamba de lixo com filme de nitrato pegou fogo espontaneamente. Marvin explicou que quando o filme de nitrato se decompunha, ele se transformava numa geleia viscosa e inflamável, que depois se solidificava em cristais e, por fim, virava pó. De geleia para cristais para pó. Marvin trabalhara por um tempo na fábrica da Technicolor no Santa Monica Boulevard, em Hollywood. O trabalho dele às vezes envolvia se livrar de enormes quantidades de cópias de filmes antigos e inflamáveis que o estúdio tinha processado e lançado ao longo de anos. Eram cópias de referência, disse Marvin, para o estúdio ter um registro das densidades corretas e das cores

para cópias que tinham manufaturado. O dia inteiro, Marvin e outros dois homens tiravam rolos de filmes dos estojos e os mutilavam com cutelos de carne, depois jogavam numa gigantesca lata de lixo atrás do estúdio. Marvin poupou algumas coisas dos cutelos para sua coleção particular. Um rolo de pouco mais de trezentos metros de trailers de *The Naked Dawn*, de Edgar G. Ulmer, uma cópia idêntica depois da outra. Pedações de estoque embebido, ou EE, que era de uma textura diferente da de um filme normal, de acordo com Marvin, mais grossa, porém ainda maleável. Também conseguiu um rolo de “cenas faltando”, que eram cortadas numa cópia para marcar alguma descontinuidade.

Aprendi um bocado sobre como fazer filmes quando trabalhei com Marvin e Eric, e eles me deixaram processar filmes praticamente de graça, então eu aparecia com meus filmes em dezesseis milímetros que fiz com a Bolex do departamento de cinema da UNR, a maioria cenas que filmei da escada de incêndio da Mulberry. Os filmes não eram lá muito bons, mas de fato capturavam alguma coisa. Fazia tomadas panorâmicas dos choferes das manhãs de domingo, indo de um para outro para outro, limusines pretas e motoristas brancos, os rostos em zoom revelando pouca coisa, só uma paciência enfadonha, como se nada pudesse surpreendê-los e nada os surpreendesse. Será que eles ficavam esperando assim por lealdade? Medo? Bons salários? Ou era por orgulho, docilidade, tédio? Quem sabia por que eles esperavam, pensei, entendendo que eu também era capaz disso. Esperar que as mudanças viessem de fora, focar na tarefa de encontrá-las, esperando para encontrar, em vez de sair para achar. Minha câmera roçava seus rostos enquanto eles esperavam atentos, um desfile secreto à vista do público, fingindo que o tempo não tinha valor enquanto esperavam e que mentira. Uma mentira com a qual não se importavam. Estavam ali a trabalho, sendo pagos para abrir mão do valor do tempo, expostos sob o sol, como faziam o dia todo.

A metragem filmada de seus rostos pacientes me lembrava de como me senti naquela manhã em que o amigo sem nome de Thurman e Nadine foi embora enquanto eu dormia, deixando-me sozinha, de ressaca, desolada.

Marvin e Eric me emprestaram um projetor, e mostrei meu filme para Giddle na parede do meu apartamento. Ela gostou, mas disse que talvez fosse melhor arrumar um emprego de chofer. Para ter que esperar como eles, disse ela. Como uma espécie de performance. Mas quem seria a plateia?, refleti.

— Ninguém — respondeu ela. — Você se misturaria ao ambiente. Se você filmar, nunca vai fazer parte dele. Nunca vai entender seu tema desse jeito.

Esse era seu próprio método, eu começava a entender. Giddle, que era garçonete mas também fazia o papel de uma garota trabalhando numa lanchonete, olhando pela vitrine enquanto limpava o balcão, descrevendo círculos com um pano úmido. A vida, dizia Giddle, era a coisa a se tratar como arte. Muito tempo antes ela havia frequentado a Factory e teria sido descolada demais para falar comigo, quanto mais me servir uma refeição numa espelunca com teto engordurado e letreiros escritos à mão (“cheeseburger e fritas \$1,25”), e homens e mulheres corcundas se inclinando uns sobre os outros nos reservados de vinil. “*Personne*”, aquele grupo da Factory dizia uns aos outros, avaliando pessoas ao lotarem o Rudy’s. “Ninguém. Não se incomode.” Havia oferecido a Giddle um papel num filme de Warhol, de uma garota dormindo numa cama.

— Como devo me preparar? — perguntou a ele, que deu de ombros e disse que dormindo muito, ou não dormindo tanto assim para ficar mais cansada.

No dia em que sua vida mudou ela estava em Hoboken, New Jersey, fuçando lojas de quinquilharias em busca do traje certo para o papel, um penhoar com laçarotes. Giddle entrou numa antiga lanchonete cromada para tomar um café. Era inverno e fazia muito frio. Começou a conversar com a garçonete. Havia algo de suspeito naquela garçonete, Giddle me contou. Usava óculos e tinha um rosto típico da Nova Inglaterra, severo e educado. Não parecia alguém que trabalharia numa lanchonete em Hoboken.

— Então comecei a pressioná-la — me contou Giddle. — E ela admitiu que na verdade *não* era garçonete, mas socióloga, e que estava vivendo por um ano com empregos de salário mínimo para

reunir dados sobre a dificuldade de levar esse tipo de vida, com o objetivo de entender e expor certa feiura da América.

Então é como uma performance, dissera Giddle à mulher. Você está desempenhando o papel de uma garçonete. Giddle também era uma artista performática, e era o que mais a interessava. A mulher insistiu: Não, é sociologia... não ligo para performance. Me infiltrei para estudar esse mundo.

— Mas isso é uma performance — me disse Giddle. — Ela não via isso, mas eu sim. Ela estava numa performance, como uma garçonete real, mas não como uma garçonete de *verdade*. Corria de uma mesa a outra e prendia os pedidos numa rodinha de metal que os cozinheiros giravam, pedindo biscoitos, molhos e levando um, dois, três pratos empilhados na parte interna do braço, o que ainda não aprendi a fazer direito. Não consigo explicar bem o que aconteceu em seguida. Meu estado de espírito estava esquisito naquele dia. Eu estava sozinha. Era fevereiro. O céu estava muito branco. As árvores estavam sem folhas. A lanchonete estava aquecida e vibrante com um tipo de vida que me pareceu nova. Fiquei vendo a socióloga arrumar o avental e passar o lápis pelo cabelo enquanto sorria para o cozinheiro, que a chamava pelo seu número: quarenta e três. Quando ela veio completar minha xícara de café, falei: “Eu gostaria de trabalhar aqui. Há alguma vaga?” E ela disse que abriria uma vaga, pois ela estava quase terminando sua pesquisa e sairia em uma semana. Tive uma sensação estranha, como se tivesse resolvido descer uma cachoeira dentro de um barril. Aluguei um apartamento ali perto, uma quitinete com uma cama embutida retrátil. Ficava em cima de um sapateiro. O neon piscava na minha janela a noite toda, assustando-me no sono. A princípio achei que odiaria o neon, mas comecei a gostar do jeito como ele conferia um ar de tragédia ao que eu chamava de vida, minha performance como garçonete, com neon piscando dentro do quarto, fazendo eu me sentir como se estivesse vivendo num filme sobre uma mulher solitária que tinha jogado a vida fora para trabalhar numa lanchonete. E eu *era* essa mulher! Mas a coisa toda ficava entre aspas. Fiz um penteado bufante, como as mulheres brancas do Sul que reagiam aos direitos civis fazendo penteados cada vez mais

altos e cheios de laquê. Usei um uniforme, que não era exatamente exigido. As outras moças só usavam calça preta e um avental, mas comprei um uniforme rosa com um colarinho branco de Peter Pan. Achei que era bem exagerado e irônico. A socióloga já tinha terminado, apesar de ainda aparecer de vez em quando, sentava-se numa mesa e fazia novas entrevistas. Não queria falar comigo porque eu era uma hipster da cidade e poderia ferrar os dados dela. Ela fingia que eu era invisível, já que não era autêntica.

— Mas acontece que eu *fiquei* autêntica — continuou Giddle. — Aos poucos. Minha vida performática criou raízes. Eu estava solitária, e o trabalho era difícil e aviltante. Eu queria me embebedar assim que acabava meu turno, então estava sempre de ressaca e mal conseguia manter a cabeça no lugar. Descobri que ser garçoneiro não tem a ver com uniforme, ou com o cozinheiro chamando a gente de vinte e seis, o que no começo eu achei uma gracinha. Cheguei até a pensar: e se eu trepar com o cozinheiro e ele me chamar de vinte e seis? Hilário, não é? Que maneiro. Transei de fato com ele, que me chamou de Patricia, o nome que pus no crachá, e isso foi desagradável. Na manhã seguinte tive que encarar o sujeito a cada cinco minutos para pegar meus pedidos.

“Voltei a morar em Nova York um ano depois. Todo mundo me perguntava por onde eu tinha andado. Andy achou engraçado, ou ao menos foi o que ele disse, mas talvez só estivesse me zoando. Andy preferia as lanchonetes automáticas, onde não havia garçonetes, só janelinhas mostrando tortas e almôndegas, que se abriam quando se inseria moedas. Nunca mais ele me convidou para estar num filme, e alguma coisa em mim tinha mudado. Eu não tinha mais disposição para sair com o pessoal da Factory. Dizia a mim mesma que era mais radical do que eles, aquelas putinhas arrogantes de classe alta que não precisavam trabalhar. Elas não corriam risco algum. Sempre podiam voltar para casa da mamãe e do papai na Park Avenue. Uma ou outra se jogava da sacada da mamãe e do papai na Park Avenue, mas, falando sério, *qualquer um* pode fazer isso.

Estava esfriando em Nova York. Fui a um bar no Meatpacking District com Giddle numa noite de outubro, aliás, no meu aniversário. Havia *bagels* espalhados por toda a calçada e um cheiro pesado e rançoso de animal no ar. Pisamos em poças de sangue de cordeiro quando atravessamos a rua para o outro lado, onde havia mais *bagels*. Giddle começou a chutá-los como se fossem discos de hóquei, e eu fiz o mesmo. Estávamos na Gansevoort Street, onde as carcaças são carregadas nas embaladoras de carne sobre polias. Giddle me levou até um bar virando a esquina da Nona Avenida, uma espelunca cheia de homens que provavelmente trabalhavam nos açougues, e eu pensei: Por que estamos aqui? Giddle abriu a bolsa e tentou pagar nossos drinks com o dinheiro falso que recebera em Chinatown, notas muito grandes com o numerário de dez mil. O leão-de-chácara veio falar com ela. Giddle insistiu que o dinheiro era de verdade e que era meu aniversário, e quando ela começou a fazer uma cena ele nos acompanhou até o lado de fora.

Por que essa é minha única amiga?, refleti, essa mulher tão solitária. Nunca conheci ninguém por causa dela, e ela pensa que eu deveria desistir de fazer cinema e virar motorista da máfia.

Ela mesma andava considerando qual seria seu próximo ato, uma outra vida, uma nova performance. Estava planejando ir para uma escola mortuária, ela me contou. Foi assistir a uma autópsia como pesquisa e veio ao meu apartamento depois. Irradiava entusiasmo e cheirava a formaldeído. Mantive uma certa distância e perguntei como tinha sido.

— É até difícil falar sobre isso — respondeu ela. — Me sinto mudada. Como, digamos, se minha mente fosse um suéter. E um fio solto é puxado, puxado e puxado até o suéter desmanchar e só restar um novelinho de lã. Dá para *fazer* alguma coisa com isso, com esse novelinho, mas ele *nunca* mais vai ser um suéter. Esse é o estado das coisas.

* * *

O inverno chegou cedo. Era novembro, e a água se congelou formando uma joia transparente em forma de baba no hidrante em frente ao meu prédio. Sammy, que costumava dormir ao ar livre, tinha sumido. Henri-Jean, com suas sandálias e seu bastão listrado, não ficava mais sentado no parque, só andava depressa com uma japona velha. Uma vez o vi entrar correndo num edifício da Mott Street com compras da bodega barata que eu também frequentava. Os garotos italianos usavam jaquetas acolchoadas e bafejavam as mãos para se manter aquecidos. Eu estava em Nova York havia quatro meses. Tinha um emprego, estava fazendo filmes e aprendendo muito com Marvin e Eric, mas me sentia sozinha, comendo barras de chocolate no jantar com o casaco abotoado porque meu aquecedor havia quebrado e o Sr. Pong não retornava ligações.

Um dia Marvin disse que tinha um sujeito perguntando por mim. Considerei se não seria o amigo sem nome. Quando viu a alegria no meu rosto, Marvin revirou os olhos. Ele e Eric tendiam ao neutro. Não queriam namoradas. Ficavam entusiasmados com os estoques descontinuados de Kodachrome. Estoque embebido. Cenas faltando.

— Ele quer conhecer você — disse Marvin distraidamente, enquanto examinava cópias em busca de imperfeições.

— Como ele sabe quem eu sou?

— A garota do filme-guia, você não diria que ela faz parte do filme tanto quanto o enredo? A presença dela ali na margem, servindo para estabelecer e manter um padrão correto de aparência, de aparência feminina. Esses são aspectos de uma única pergunta que merecem reflexão.

— E que pergunta é essa, Marvin?

Nenhuma resposta. Saí para meu intervalo de almoço.

— Ele viu você entrar — disse Marvin quando voltei. — Um tal de Sandro Valera. Artista. Italiano. Mora aqui perto.

Não era o homem sem nome. Mas eu conhecia o nome Valera, é claro, por causa das motocicletas. O homem sem nome mencionara que conhecia um Valera. Eu não sabia quem era Sandro Valera, mas quando perguntei a Giddle, ela falou:

— Ah, pelo amor de Deus. Ele é famoso. Dê uma passada na Erwin Frame Gallery... ele está com uma exposição lá agora.

Fui até a galeria. A mulher atrás do balcão aquiesceu com severidade quando entrei, olhando por cima da armação de vidro dos óculos que era preta e redonda como pequenas algemas. Os trabalhos de Sandro Valera eram grandes caixas de alumínio, abertas no alto, vazias por dentro, tão brilhantes e luminosas que os ângulos se confundiam. Eu sabia o suficiente para entender que aquilo era minimalismo, que tinha a intenção de focar nos próprios objetos, num recinto, e não em alguma coisa abstrata ou ilusória que representavam. As caixas tinham sido confeccionadas numa fábrica em Connecticut. Quando conheci Sandro, entendi que mesmo que os trabalhos fossem carimbados pela fábrica que os produzia, eles tinham pouco a ver com a imagética da linha de montagem que implicavam: a fábrica, Lippincott, só produzia trabalhos de artistas, à mão, e com muito, muito cuidado. Uma das caixas de alumínio estava sendo transportada por dois assistentes da galeria com luvas de algodão brancas. Pensei nas luvas usadas pelo jovem motorista do Cadillac, grandes demais para suas mãos pequenas enquanto dirigia o gigantesco volante daquele carro. A diferença era a diferença daquele lugar quente, quieto e iluminado, aquela mulher esnobe atrás do balcão. Uma reserva tranquila. O rangido de velhas tábuas no assoalho. Arte que eram quatro objetos de metal que brilhavam como prata líquida. As luvas não eram um curioso assentimento para ideias antiquadas sobre serviço e formalidade. Serviam para proteger o alumínio polido de impressões digitais, que, devido à oleosidade das mãos humanas, seriam impossíveis de remover do acabamento delicado. As luvas cabiam nas mãos dos assistentes. Eles pegaram uma das caixas. Transportaram-na alguns centímetros e a puseram no chão, dando um passo para trás em seguida. Ficaram observando.

Giddle me zoou mais uma vez quando lhe disse que tinha visto a exposição e percebido que ele era um grande artista, com um trabalho sutil, matemático, grandioso e caro, tudo vendido na galeria, a atmosfera do lugar me fazendo sentir uma invasora só por estar lá.

Não entendia por que um artista mais velho e famoso estava procurando alguém jovem e invisível.

— Hum. Deixe-me ver. Por que um homem mais velho está procurando uma mulher mais jovem? Que não está estabelecida, como ele? Caramba. Que mistério. Ah, pelo amor de Deus de novo — disse Giddle. — Ele é um *homem*. Praticamente na meia-idade, e você é jovem.

— Está dizendo que ele é do tipo que gosta de mulheres mais jovens?

— Querida, esses são todos os homens — respondeu ela. — Todos os homens são desse tipo.

Eu devia me sentir orgulhosa por ser alvo de atração universal, ao menos de acordo com Giddle, mas só consegui ficar irritada por ser tratada como se fosse ingênua demais para entender. Giddle percebeu isso e acrescentou, como que para amenizar seu tom de condescendência, que Sandro Valera era bonitão para um homem de meia-idade. Quando eu o conheci e comecei a sair com ele, escolhi esquecer a teoria de Giddle. Como qualquer um que se apaixona, considerei a atração entre mim e Sandro como algo único e específico, não explicável com tipos e preferências. Uma vez perguntei se ele preferia mulheres mais jovens e ele respondeu que preferia a mim. Falou que me via entrando e saindo da Bowery Film, e eu parecia tão aberta e adorável que ele não conseguiu resistir.

— Não conseguiu resistir a quê? — perguntei.

— Ser seu namorado antes que alguém mais fosse — respondeu ele.

Isso me deixou chateada, mas deixei para lá. Ele tinha um jeito de falar sobre o nosso namoro que presumia uma escolha. Talvez isso fosse simplesmente uma diferença entre nós. Eu não vivenciava o amor como uma escolha: “Acho que vou amar essa ou aquela pessoa.” Se não houvesse um imperativo, não era amor. Mas Sandro falava como se tivesse me visto na rua e simplesmente feito sua seleção.

A mulher dos óculos de algema na galeria naquele dia era Gloria Kastle. Gloria, que se apressou em dizer, quando a conheci formalmente através de Sandro e mencionei que a tinha visto trabalhando na Erwin Frame, que certamente não estava *trabalhando* na Erwin Frame naquele dia. Ela só estava o ajudando, como de vez em quando ajudava Sandro, “quando é útil para ele”, explicou. Sandro lançou um olhar frio e rápido para ela. O intercâmbio entre eles me confundiu, e não tentei interpretar nada além de supor que ela tinha um apego de proprietária com relação a ele, talvez fraternal, pois era casada com Stanley, um dos amigos mais antigos de Sandro. Talvez nem tão fraternal assim, mas eu sabia que ela não era uma ameaça para mim, e que seria um erro considerá-la como tal. Nem mesmo depois de eu começar a namorar sério com Sandro me preocupei com Gloria. Nem quando fui morar com ele, seis meses depois que começamos a sair juntos, e Sandro deixou uma caixa perto da porta para Gloria buscar, itens pessoais — uma echarpe, alguns livros. Não quis especular sobre a amizade deles. Se houvesse alguma dimensão complicada a respeito dela, esse aspecto estava sendo encerrado por Sandro quando me mudei. Ela veio pegar a caixa e me olhou como se fôssemos duas gatas se enfrentando num beco. De alguma forma eu a estava substituindo. Não entendi muito bem como, mas também não precisava. Eu estava com Sandro, e nossa relação não era secreta nem ilícita ou complicada. Sempre que via Gloria, sorria e esperava não ser arranhada ou mordida.

Com a minha permissão, Marvin deu a Sandro meu número de telefone. Ele ligou. Nós nos encontramos. Ele era lindo, o que eu não esperava, com uma estranha placidez, ao mesmo tempo presente e distante de forma curiosa, com aqueles olhos desprovidos de compaixão, mas também magnéticos.

No nosso primeiro encontro passeamos por Chinatown, onde paramos para comer bolinhos de creme de lótus.

— Diáfanos — disse ele, e me fez dar uma mordida no dele.

Isso era o mais próximo que nossos corpos tinham ficado, numa tarde andando lado a lado, cada um tomando cuidado para não encostar no outro. O creme de lótus tinha mais fragrância que sabor.

Depois daquilo, nunca mais consegui recriar aquele sabor, mesmo após várias visitas a padarias por toda Chinatown.

Nada daquilo pôde ser recriado. Tínhamos comido bolinhos de creme de lótus num dia frio e úmido de novembro, em que o sol brilhou e ao mesmo tempo choveu, a estranha luminosidade rósea e dourada dessa contradição intensificando as cores ao nosso redor enquanto andávamos, os frutos e vegetais nas tinas dos vendedores, acelgas verdes, mangas cor do pôr do sol encaixotadas, os espinhosos duriões nas redes, gelo moído manchado de sangue de peixe.

Ao andarmos, ele ficava me encarando. Eu olhava para ele, e ele continuava me encarando.

Quando a chuva venceu, escurecendo o céu, ele me levou a um cinema chinês.

O filme avançava aos trancos e barrancos, uma ópera antiquada cheia de toques de címbalos e agonias, o gongo ocasional, instrumentos de corda se emaranhando e desemaranhando exaustivamente. Sandro assistia com atenção, como se estivesse vidrado no drama que era narrado em trovejantes eclosões em uma língua que não conseguíamos entender. Era legendado, mas as legendas eram algum tipo de caractere chinês. O cinema estava praticamente vazio. Ainda não tínhamos nos tocado. Mantive o braço no colo em vez de colocá-lo no braço da cadeira, para evitar o dele. Mas então Sandro estendeu o braço e pôs a mão no meu joelho, os olhos fixos na tela. Assim de repente, botou a mão no meu joelho. Uma sensação elétrica me percorreu. Eu não tinha estado com quase ninguém — só com o amigo sem nome para quem dei meu Borsalino. Isso era diferente. Aquele era um homem que não estava jogando uma espécie de jogo de salão, uma sedução fingida do tipo gato e rato que, agora eu entendia, era o que o amigo de Thurman e Nadine tinha jogado, e eu havia sido ingênua e esperançosa demais para entender. Nem preciso dizer que eu era o tipo de pessoa que ligava para um telefone desligado mais de uma vez.

Enquanto o filme se desenrolava, Sandro se aproximou e sussurrou no meu ouvido:

— Quer ser minha amiga?

Cochichei que tinha uma exigência quanto a amizades.

— Que bom — respondeu ele. — É bom ter padrões. Qual é?

— Sinceridade — falei.

Ele suspirou e apertou minha mão, depois voltou a segurar meu joelho.

Enquanto continuamos assistindo ao filme ele começou a desabotoar minha saia. Um botão de cada vez, devagar, metodicamente, sem hesitar. Ele sabia como desabotoar botões. Sem atropelos, o que foi uma das razões que me fez não ter tido coragem de dizer: “Ei, o que você está fazendo?” A outra razão para eu não ter tido coragem de interrompê-lo foi que eu não queria que ele parasse. Não tinha ninguém na nossa fileira, nem atrás de nós. Com minha saia desabotoada, ele tirou o paletó e o colocou no meu colo, de forma delicada e cavalheiresca. A mão dele passou por debaixo do casaco que me cobria e encontrou o caminho através da minha saia desabotoada. Apertou a palma da mão quente na minha calcinha. Olhei para ele. Estava olhando direto para a frente, o rosto sugerindo que estava apenas envolvido no filme chinês, falado em cantonês ou mandarim, quem saberia dizer? Tentei assistir também, mas estava muito distraída pelo calor da mão dele, pela sensação protetora de estar coberta com o casaco dele, jeans forrado de lã azulada, com seu aroma e sua textura diferentes, que pareciam prometer um mundo inteiro, um mundo onde eu queria ter um lugar. Ele se concentrava no filme, ou era o que parecia, nunca olhando para mim, enquanto seus dedos se enfiavam por baixo da minha calcinha. Daquela maneira, com nós dois assistindo ao filme, o que ele fazia com a mão não só parecia erótico, mas também levemente melancólico, até um pouco grave. Apoiei a cabeça no encosto da poltrona e tentei relaxar, não ficar nervosa ou constrangida. Foquei nos gongos dourados e redondos, nos rostos brancos como arroz e nas bocas vermelhas, compleições descoradas com bochechas artificialmente rosadas que pareciam terem sido beliscadas, estapeadas ou escaudadas. Fiquei observando aquelas imagens em dourado, vermelho e branco enquanto os dedos de Sandro se agitavam e mexiam.

Quando meu corpo ficou tenso, a mão dele entendeu e desacelerou, entrando no meu ritmo.

Depois ele abotoou minha saia e levou o casaco até meu peito e os ombros, como se para devolver dignidade a seu propósito. Ambos fingimos estar absortos na inescrutável ópera que piscava na tela.

* * *

Os choques de vermelho e dourado, uma gratidão por aquela pessoa, seus olhos de lobo, sua confiança e habilidade, a textura e o cheiro de seu cavalheiresco casaco. Naquele dia, nada poderia ter me parecido mais, nenhum outro cenário teria permitido um cortejo mais verdadeiro do que um filme chinês e uma masturbação debaixo de um casaco.

Era preciso ser final de outono e o casaco tinha de ser do Sandro. A mão dele. A voz dele. Ao cinema seguiu-se uma caminhada para o oeste, a chuva tendo parado, o passeio sendo conduzido por ele. Eu queria ser conduzida. Ver a cidade como ele gostaria que eu visse. Ele tinha um jeito de guiar, depois eu entendi, sem dizer que estávamos indo a algum lugar em particular. Parecendo andar a esmo quando não estava, nós não estávamos.

Estávamos na Gansevoort Street, onde Giddle e eu tínhamos chutado os *bagels*. No final havia uma velha construção no píer de metal corrugado. Sandro puxou as portas, mas elas estavam trancadas. Contornamos a lateral do píer, e ele explicou que o artista Gordon Matta-Clark tinha feito furos no prédio. No chão, nas paredes, no teto, uma grande meia-lua na parte que dava para o rio, convertendo o local numa espécie de catedral de água e luz. Sandro explicou que Matta-Clark era inteligente, que tinha feito tudo com absoluta perfeição, e depois alguém tentou obter permissão para fazer um filme, o que alertou a polícia.

— O que significa fazer uma coisa dessas com perfeição? — perguntei.

— Sem bravatas — respondeu Sandro. — Ele não fez uma cena para entrar, deu uma grande festa, foi expulso imediatamente. —

Matta-Clark tinha observado o prédio com cuidado e disciplina durante semanas antes de entrar sorrateiramente e trocar as fechaduras, depois levar equipamentos, devagar, na surdina, como serras elétricas, maçaricos de acetileno, polias e cordas para fazer seus cortes. Ele já tinha registrado as ocasiões em que havia segurança no pter, quando havia. Quando o prédio era usado, se era usado. Ele acabou notando que o único uso do local era para atos sexuais discretos entre homens.

— Se conseguíssemos entrar — disse Sandro —, poderíamos conferir esse uso ilícito.

Estava frio, a luz diminuía. Eu queria estar em algum lugar aquecido e não gostei daquela presunção de que eu estaria disposta àquilo. Vi como tudo era fácil para Sandro. Senti também, tudo ao mesmo tempo, que ele simplesmente encontrava uma garota de quem gostava e a incorporava. E por estar atraída por ele, por seu carisma, sua aparência e seu conhecimento, se eu não aceitasse a ligação eu é que sairia perdendo.

Andamos pela West Street e observamos o prédio de lado, a água batendo nas estacas.

Sandro disse que a polícia tentou prender Matta-Clark por causa dos buracos que ele fizera, por isso Matta-Clark tinha deixado o país, ido para Milão. Lá encontrou uma fábrica da Valera recentemente fechada e abriu furos no prédio, organizou um espetáculo ilegal lá dentro. Convidou jovens para ocupar o local. Sandro ria ao me contar isso.

— Você não se importa? — perguntei. — De ele estar ocupando algo que pertence a você?

— Será que pertence mesmo a mim? — replicou ele. — É mais como se *eu* pertencesse à fábrica. Acho ótimo — continuou —, é só isso que representa para mim. Eu acho ótimo.

Andamos à beira da água, fustigados pelo vento, uma ocasional garrafa de cerveja rolava como um fugitivo. Sandro se abaixou para pegar um pedaço de papel, molhado de chuva, uma página de revista rasgada, a imagem de um casal fazendo piquenique, uma propaganda de alguma coisa, mas não ficava claro do quê. Daria aquilo para o amigo Ronnie, disse ele, e foi levando a folha entre

dois dedos enquanto andava, distraidamente balançando para secá-la. Sandro gostava de colecionar imagens e mensagens das calçadas. Algumas ele dava de presente, mas as melhores ele guardava para si mesmo, como o pedaço de papel que encontrou na Canal Street, uma desajeitada carta escrita por alguém cuja primeira língua não era o inglês, sobre vender alguma coisa por um preço justo e mandar o pagamento a uma irmã na Suíça. A carta foi assinada por Alberto Giacometti.

Vimos um grande navio cargueiro ser puxado por um rebocador. Notei alguma coisa nas ondas, subindo e descendo na esteira da passagem do cargueiro. O que subia e descia era uma pessoa na água. Um homem.

— Tem gente que nada aqui?

— Não sei se ele está nadando.

Sandro acenou os braços no alto, rigidamente, para chamar a atenção do homem.

— Ele não sabe nadar — concluiu.

O homem mal conseguia manter a cabeça fora da água. Só o rosto emergia, encoberto pela água da esteira do navio.

— Parece que ele vai se afogar.

Sandro tirou o casaco. O cavalheiresco casaco, retirado pela segunda vez naquele dia. Não havia escolha a não ser tentar salvar aquele sujeito.

— Ligue para 911 — pediu ele.

Corri até achar um telefone público que não estivesse quebrado e disquei. A telefonista me disse que não poderia mandar ninguém se eu não desse o nome da rua. O endereço é no rio Hudson, falei, na Gansevoort com a West Street. Um homem está se afogando. Ela precisava do nome da rua. Repeti o que havia dito. Ela deve ter alertado alguém porque comecei a ouvir sirenes, cada vez mais altas. Quando voltei ao píer os bombeiros estavam lá. O som de rádios, botas e casacos pesados. O ruído do caminhão, as válvulas soltas em ponto morto.

— Tem um homem na água? — me perguntou um deles num sotaque de Staten Island nasalado e plano, examinando-me da virilha ao pescoço.

Sandro tinha conseguido mantê-lo acima da margem. Encontrara um pedaço de arame e o usara para laçar o homem que se afogava, mas não conseguia puxá-lo para fora da água. O homem estava usando tantas camadas de roupa molhada que pesava uns duzentos quilos. Sandro puxava o arame enrolado na cintura do sujeito para tentar mantê-lo flutuando quando os bombeiros e eu chegamos. Todos correram para assumir o controle da situação. O homem ergueu o olhar para nós. Vi confusão e infelicidade na sua expressão, e entendi que nós o havíamos interrompido. Estava tentando se matar. Olhou para cima, miseravelmente vivo, enfaixado em suas roupas ensopadas. Devia estar usando uns doze sobretudos. Talvez fosse necessário vivenciar a experiência da morte para saber que se quer viver. Ou que não se quer viver. O rosto do homem dizia que não queria, mas ele precisara chegar àquele ponto para descobrir isso.

Os bombeiros tinham jogado uma corda mais apropriada e o estavam retirando da água, pouco a pouco. Ele pingava como um desses carros que eles guincham da extremidade de um píer nos filmes policiais da televisão. Pinga pinga pinga.

Peguei o casaco de Sandro.

— Vamos embora — falei.

* * *

Os acontecimentos daquele primeiro encontro com Sandro, a curiosa e distante intimidade no cinema chinês, o quase afogamento, foram duas barras que se cruzaram formando um X, e o X nos prendeu um ao outro. Sandro me acompanhou até em casa, me deu um beijo na têmpora e disse que ficaria na Mulberry, em frente ao meu prédio, até chegar a hora de me ver de novo.

— Você pode fazer sinais da janela — disse ele. — Só um aceno de mão, um braço nu.

Subi para meu apartamento, tomei um banho de banheira para me aquecer, fiquei assistindo pelas janelas a luz assumir o tom cinza desbotado do crepúsculo de inverno enquanto o aquecedor,

finalmente consertado pelo Sr. Pong, rangia, tinia e chiava, com o vapor trazendo uma curiosa sensação de segurança, conforto, bem como a completamente desconhecida sensação do que era o amor, essas coisas preenchendo o quarto pela vibrante válvula do aquecedor. (Mais tarde, a reação de Giddle, quando falei que estava apaixonada, foi: “Ai, meu Deus, sinto muito. O amor é horrível. Arruína tudo que é normal, tudo, menos a si mesmo. Faz a gente ficar louca e para nada, porque é tão decepcionante. Mas boa sorte com isso.”) Deixei a água escoar enquanto ainda estava na banheira, um hábito do qual gostava, a maneira como a água que se retraía puxava o corpo, arrastava o corpo para baixo enquanto devolvia sua substância, sua gravidade, sua densidade, tornando o corpo mais e mais pesado enquanto a superfície da água descia. Finalmente, não havia mais água, só ossos que pareciam chumbo.

Corada pelo banho quente e com sono, olhei pela janela. Dois jovens encostados num carro, um menino italiano e uma garota porto-riquenha que morava no meu prédio, uma das meninas que ensaiava passos de dança no corredor. Ela estava de patins, e enquanto conversava com o rapaz, balançava suavemente de um lado para outro em cima deles. Sandro tinha ido embora. Eu não esperava realmente que ele fosse ficar ali a noite toda, mas ainda assim, aos vinte e dois anos, parte de mim ainda navegava em fantasias tolas, sujeitas à decepção por ele ter mesmo ido para casa.

* * *

Ser jovem era estar mais proximamente enraizado àquilo que o forma, disse Sandro no nosso segundo encontro. Estávamos num restaurante italiano no meu bairro, onde ele fingiu que não falava italiano, pronunciando os itens do cardápio com um sotaque que parecia o de John Wayne, uma voz que Sandro sempre usava para imitar o jeito americano de falar. Todos nós soávamos como John Wayne para ele.

Ele quis saber sobre mim. Não só as coisas normais, sobre a cidadezinha de Reno, como distribuir fitas em rodeios, crescer com

Scott e Andy, tio Bobby, que deixava nós três, com oito, nove e dez anos, no banco traseiro do carro, nos dava umas Cocas e uns cigarros de cereja para nos distrair enquanto ele batia coxas com uma mulher mais velha, como ele colocava. Sandro gostou dessas histórias, mas também extraiu de mim, naquela noite no restaurante italiano no meu bairro, coisas que eu não tinha falado para ninguém antes. No que eu pensava quando criança, a natureza da minha solidão, a pessoa que eu era antes de passar pela puberdade e me tornar mais visivelmente “garota”. Quem eu era antes de me tornar mais visivelmente “pessoa”. Pelo visto, partilhávamos algumas ideias sobre o que acontece na infância, quando você precisa se situar sob o signo do seu próprio nome, seu rosto, sua voz, sua realidade exterior. Quando a gente se torna uma posição fixa, uma coisa para os outros e para si mesma. Havia ocasiões, contei a ele, com cinco, seis, sete anos, em que era um choque perceber que eu estava presa no meu próprio corpo. De repente me sentia trancada numa identidade, presa dentro de mim mesma, como se o recipiente da minha pessoa fosse uma espécie de equívoco terrível. Minha própria voz e meus braços, meu nome, tudo parecia errado. Como se eu fosse um conjunto de nódulos dispersos que tinham sido falsamente organizados numa forma, e eu estivesse vivendo num pesadelo, obrigada a enxergar de fora desse “eu” limitado e irreal. Eu não tinha tanta certeza de que ocupava um espaço, uma pessoa, e Sandro disse que fazia sentido, esse instinto de criança, de questionar o confinamento artificial da personalidade.

Tentei relatar a ele um trauma quase inexplicável, no quintal da minha mãe, na nossa casinha em Reno, de não estar convencida de ser eu mesma. Ele entendeu. Ele *queria* entender. Mais ou menos com aquela mesma idade, enfiei pedacinhos de barbante numa garrafa. A cada dia de ano-novo, eu tirava um pedacinho da garrafa e deixava o vento levá-lo para longe. Se eu olhasse para o lado que ele flutuava, aquilo me traria má sorte. Contei a Sandro como eu costumava ficar sentada por horas olhando o fogão da cozinha, concentrada nos botões dos queimadores, sentindo, em certos momentos, que estava pronta para virar os botões com meu pensamento. Que eu podia fazer isso. Estava quase fazendo,

finalmente acendendo o fogão com meu pensamento, esperando a resistência brilhar alaranjada, e aí perguntava a mim mesma: Você está pronta para isso? Está pronta para ter seu mundo inteiro virado de cabeça para baixo? (Pois o que acontece quando você sabe que pode acender o fogão com o pensamento?) Eu não estava pronta. Sempre recuava no limiar. Conteí a Sandro sobre o atalho da escola para casa, do homem que tinha visto. Ele estava perto dos arbustos, que tinham uma abertura na altura da cintura, de forma que o rosto dele estava escondido atrás das folhas, mas eu conseguia vê-lo da cintura para baixo. Ele estava se masturbando. Nós dois demos risada da geometria ridícula do arbusto, mas depois ele falou:

— Eu realmente gostaria de machucar esse canalha por ter feito isso com você.

Disse a ele que corri até chegar em casa, como se estivesse sendo perseguida, correndo um perigo físico. O que é claro que não estava.

— Não — retrucou Sandro. — Você *estava* em perigo. Totalmente. Tudo bem abandonar a inocência. Mas só quando se está pronto — afirmou ele. — Nos seus próprios termos.

Dizer todas aquelas coisas para Sandro derrubou as camadas entre quem eu era como mulher e quem eu era como criança. Sandro viu as duas, amou as duas. Ele entendeu que não eram a mesma pessoa. Não era o caso de uma coisa se transformar na outra, de criança em mulher. A gente continua sendo a pessoa que era antes de as coisas acontecerem. A pessoa que a gente era quando achava que um pequeno pedaço de barbante podia determinar o curso de um ano. E também se tornava a pessoa a quem certas coisas aconteciam. Que passou para a região onde não questiona mais a noção de estar presa numa forma. Você assumia aquela forma, aquela identidade, esperando distinguir-se de outras pessoas, esperando que alguém tivesse amor por aquela forma, por você.

Fomos os últimos clientes a deixar o restaurante. Sandro me acompanhou até em casa sob as luzes do feriado em Little Italy, pequenas lâmpadas foscas emitindo uma luz branca no ar frio. Eu o convidei para subir.

Eu não precisava ser uma única coisa reconhecível. Até o toque dele transmitia isso. O que quase restaurou uma inocência perdida.

O braço forte e pesado de Sandro passou a noite inteira abraçado a mim. Sempre que me mexia, ele me puxava para mais perto. Depois entendi que esse gesto, o hábito de Sandro de puxar os braços adormecidos, era um registro inconsciente: corpo. Corpo que está perto. Mas naqueles primeiros meses achei que ele estava *me* abraçando.

* * *

No nosso terceiro encontro, Sandro me convidou para ir à casa dele, queria me mostrar seu cantinho.

— O que eu vou encontrar lá? — perguntei, supondo que ele diria um jantar.

— Justiça — respondeu ele, naquele tom meio brincalhão, meio grave. — Eu tenho justiça.

Era um dia frio de inverno. Quando cheguei ele tinha companhia. Um amigo já indo embora, sentado num sofá no loft de Sandro, folheando um catálogo de arte. Sandro usava um sobretudo e um cachecol, e seu cabelo parecia mais escuro, por causa da luz do inverno ou porque precisava ser lavado, mas fora isso ele parecia o mesmo. Exatamente o mesmo.

A chuva começou a cair, dardos molhados atingiam as vidraças do loft. Ela foi engrossando cada vez mais até o som aumentar num crescendo incrível, como contas de vidro sendo despejadas na frente do prédio de Sandro. O céu além das janelas era denso e cinza, mas com a curiosa característica amanteigada da escuridão durante o dia, como se houvesse uma luz amarelada à espreita atrás das nuvens de chuva. O tempo tinha desacelerado a um presente operante, um presente puro.

— Meu melhor amigo — disse Sandro ao nos apresentar.

O amigo se levantou.

Naquela luz estranha, sob a chuva torrencial de contas de vidro, senti que estava vendo aquela pessoa diante de mim de duas formas

ao mesmo tempo. De novo — finalmente. E também pela primeira vez. Seu sorriso era simples e franco. Se havia a menor sombra de conhecimento nele, era puramente deste tipo: *meu amigo curte você*. Só isso.

Não quero saber seu nome, eu tinha dito a ele naquela noite, quando era uma das pessoas com a arma, o amigo de Nadine e Thurman.

Mas agora eu sabia o nome dele: Ronnie Fontaine.

7. A PEQUENA ESCRAVA

Quando fiz quatro anos, Ronnie e Sandro estavam iluminando o rosto de uma jovem com suas lanternas.

Era uma garota grega escrava esculpida em mármore. Tinha uma pomba nas mãos que ela levava aos lábios, como se estivesse prestes a beijar o pequeno e leve pássaro. Sandro e Ronnie tinham estudado a garota noite após noite, seguindo os contornos suavizados pelo tempo com o brilho direcionado das luzes das lanternas. Os dois eram guardas-noturnos do Metropolitan Museum, tinham dezoito anos e passavam as noites vagando pelas galerias escuras e cheias de eco, examinando e inventando histórias. A garota escrava era um objeto de contemplação e fascínio para os dois, ela marcava o nascimento da amizade entre eles e toda uma vida de conversas.

Fomos juntos ver essa estátua, correndo embaixo de uma chuvarada, água batendo nos toldos das lojas, espirrando enquanto táxis passavam por lagos de chuva e fustigavam a Quinta Avenida, ninguém na escadaria do Met, o saguão cheio de ecos de pessoas portando guarda-chuvas pingando. Foi a nossa primeira saída em trio. Estranhamente, não houve nenhum constrangimento. Eu tinha certeza de que Ronnie não tinha falado nada a Sandro sobre a noite que passou comigo. Nem eu disse nada. Ronnie tinha deixado claro, na pureza de seu sorriso naquela noite no loft de Sandro, que nada seria revelado. Nos comportamos como se nunca tivéssemos nos encontrado, a não ser por intermédio de Sandro. Ou como se o fato de termos ou não nos encontrado antes não tivesse relação com o presente.

O que conferiu ao passado um certo mistério que eu não conseguia desatar, um certo significado. Pois se não significava nada, por que não podia ser admitido? Por que tinha de ser apagado?

* * *

Nos amontoamos na frente dela, da tal escrava sobre quem eu já tinha ouvido tanto Sandro falar. Lavrada em relevo no mármore em tamanho natural. Pés grossos e antigos em típicas sandálias gregas e uma roupa drapeada presa a um ombro. Ronnie e Sandro se revezaram falando sobre ela num tom sério, as vozes de alguma forma precisamente calibradas de acordo com as luzes baixas do corredor vazio onde ela estava exposta. O que os fascinava era um bolso de ar de verdade que fluía dentro e em torno da boca da garota e da pomba em suas mãos, o pequeno bico do pássaro erguido na direção dos lábios da garota.

Sandro apontou o pequeno recesso entre o bico e a boca.

— Essa é a única parte tridimensional do relevo. E o restante dela? Seu caráter plano a distância de nós. Ela não está no nosso espaço. É de outro mundo, perdido para sempre. Só essa promessa do beijo está no nosso espaço.

Era o beijo da vida, ele disse, de energia, de alguma forma ativado e eterno, e eu olhei desejando sentir isso, a respiração vital de uma escrava morta que de algum modo ligava aqueles dois homens a quem eu também estava ligada e de maneiras que não pareciam exatamente simples.

Ronnie disse que a adorava por ser tão... *moderna*. Ela interferia, segundo ele, com a fantasia que estava lá para criar. Escorregando entre as duas, como tudo na vida que vale uma contemplação. Real e falso ao mesmo tempo.

Fiquei olhando o espaço particular entre os lábios dela e o pássaro que segurava. Observei o colar ao redor do pescoço da garota, um adorno dos mais modestos. Todos os aspectos dela eram modestos. Tudo o que consegui pensar foi: “Essa é uma escrava jovem.”

Mais tarde, quando disse isso a Sandro, ele me falou para não ficar triste por ela. Pense em todos os escravos anônimos da história, observou. *Essa* foi imortalizada. Conseguiu percorrer um abismo temporal impensável. Nós estamos falando sobre ela *agora*, ele disse, e isso era em si um tipo de emancipação rara e especial.

* * *

Eu passava muito tempo apreciando arte com eles. Os meus tutores, dizia Giddle com condescendência. Seus tutores chegaram, ela dizia, quando Ronnie e Sandro montavam nos bancos do balcão do Trust E. Eles começaram a frequentar o lugar, talvez por minha influência, tornando o restaurante uma espécie de destino final.

Giddle tratava os dois com uma indiferença paciente. Eles pediam hambúrgueres e café, sempre a mesma coisa, e ela os atendia por último, prestando sempre um mau serviço. Era mais uma coisa que eu interpretava mal, a indiferença de Giddle em relação a eles. Atribuía aquilo ao seu sentimento geral relativo ao mundo da arte — aquela parte do mundo onde as pessoas faziam arte, vendiam arte, e em troca recebiam dinheiro, fama, reconhecimento. O sucesso era altamente superestimado, de acordo com Giddle.

— *Qualquer um* pode ter sucesso — dizia. — É tão mais interessante *não* querer isso.

Quando comecei a conhecer Sandro e Ronnie e seus amigos, exatamente o grupo de artistas bem-sucedidos que Giddle considerava comprometidos, eu tinha os critérios dela na minha cabeça. Não tanto como meus próprios padrões, era só uma voz. A voz de uma mulher que dizia que os três atos mais covardes eram mostrar ambição, tornar-se famoso ou se matar. Quando Sandro me apresentou a Helen Hellenberger na Spring Street, pouco antes de eu partir para Reno e pegar a Moto Valera, aquela voz de Giddle, minha primeira amiga e influência em Nova York, estava tão silenciosa quanto as árvores acima de mim. Eu queria fazer trabalhos de arte e mostrá-los numa galeria. Era isso que eu tinha ido fazer em Nova York.

Foi a partir de nossas conversas que acabei querendo ir às planícies de sal, mas Sandro tinha ideias próprias a respeito de estradas e velocidade e espaços. Tinha escrito uma proposta quando era mais novo, de fazer pinturas por metro para serem expostas por toda a extensão da Autostrada del Sole, que ligava o Norte ao Sul da Itália. Métodos práticos e industriais a serviço de algo inútil. A

autoestrada foi construída pelo governo com investimentos e estímulo da Valera Company. Sandro tinha uma foto do pai junto com o primeiro-ministro da Itália na festa de inauguração da estrada, em 1956. O nome, Autostrada del Sole, conferia-lhe um ar de esperança meio fascista. Qualquer coisa “do sol”, disse Sandro, era um código para o fascismo.

— Minha família ajudou a arruinar a Itália — explicou —, construindo essa superautoestrada, de Milão a Bolonha, a Florença, a Roma e a Nápoles, mas isso nos enriqueceu.

Sandro dizia que estradas nos preparavam para uma separação dos locais, da vida real. A autoestrada substituiu a vida por sinais de tráfego e placas com nomes de lugares. Um fundo branco com letras pretas. MILÃO. Uma redução, dizia Sandro, a nada além de nomes.

— Aqui não é diferente — falei. — Dá no mesmo que detestar todas as autoestradas.

Ele reconheceu que era verdade, mas disse que a América era *mesmo* para ser um local arruinado e homogeneizado por estradas, que essa era sua característica *específica*, uma mesmice grossa e vulgar.

— É o seu destino — comentou, sorrindo, com uma luz fria nos olhos.

— E qual é o seu destino? — repliquei.

— Me tornar um cidadão americano, é claro.

* * *

Sandro apoiava o sentido geral do que eu queria fazer, alguma coisa na paisagem relacionada a velocidade e movimento. Mas quando Ronnie sugeriu que Sandro me ajudasse — usando seus contatos a fim de conseguir uma Moto Valera para eu pilotar —, o entusiasmo de Sandro praticamente cessou.

— A única maneira legítima de ir às planícies de sal de Bonneville seria pilotando alguma coisa realmente veloz — disse Ronnie. — Tem que ser como se ela estivesse testando uma moto da fábrica.

Sandro ficou irritado com Ronnie. Esperei em silêncio que Ronnie continuasse insistindo. Eu queria fazer um projeto em Bonneville, mas precisava de uma moto. Não tinha dinheiro para comprar uma, nem queria eu mesma pedir a Sandro. Não sabia ao certo se Ronnie estava defendendo minha causa por algum afeto antigo ou se era por conta de Sandro, para implicar com ele. Uma forma de competição. Ronnie tinha calendários da Moto Valera pendurados como uma espécie de piada, as garotas de seios grandes montadas em máquinas cintilantes, um estofado de pele sobre toda a parede do fundo do seu estúdio. Alegava ser uma homenagem a Sandro, mas também era um tipo de zombaria, exibir imagens que Sandro queria esquecer. Ou talvez fosse por amor a algo que o próprio Sandro não conseguia apreciar de forma tão boba e direta. O que não era exatamente provocação, mas outra coisa, como mitificar elementos da vida do amigo que o próprio amigo não podia ver, Sandro, que fingia pronunciar mal nomes de pratos italianos no menu de um restaurante. Duas vezes ouvi Sandro responder que era romeno quando alguém perguntava de onde era seu sotaque. Ele achava que a Itália era retrógada. Dizia que não tinha ligação quase nenhuma com o país.

Quando disse a ele que tinha adorado Florença, onde passei meu terceiro ano da faculdade, ele disse, claro, como mulher americana tudo bem. Mas tente ser uma mulher italiana. É uma cultura sórdida e horrorosa. Se um homem estuprar uma mulher mas estiver disposto a se casar com ela, a acusação é retirada. Estupro nem sequer era uma ofensa criminal, era meramente “moral”. Ele lia sobre as dificuldades econômicas do país, algumas diretamente ligadas à Valera, da mesma forma que meus primos e meu tio liam as estatísticas de um time de beisebol contra o qual torciam, um time que queriam que perdesse, deleitando-se com seus escândalos, suas lesões e suas partidas ruins. Com Sandro, era a Itália se candidatando para empréstimos do FMI. Inflação, desemprego. A Valera sofrendo um baque particularmente intenso com a crise do petróleo. Sofrendo por conta de greves. Sabotagens. Protestos espontâneos. Sandro falava que seu irmão mais velho, Roberto, que

dirigia a companhia de pneus, era tão estranho para ele quanto qualquer outro homem de negócios babaca.

A Itália era provinciana demais, dizia Sandro, muito fechada e familiar, quase predeterminada para alguém como ele, de uma família como a dele. Ele estava em Nova York havia quase vinte anos, há tanto tempo que sua italianidade parecia apenas uma forma de ser um nova-iorquino singular, como se ele fosse mais isso, um artista de Nova York com um leve sotaque, do que italiano. O inglês dele era perfeito, e a maioria de seus amigos era americana. Sandro saiu da Itália assim que pôde, recusando o dinheiro que fluía das torneiras do seu nome e trabalhando no Met junto com Ronnie, de cujo nome não fluía dinheiro, pois Ronnie era de uma família operária, com a qual também não mantinha contato, tendo se separado dela na infância de um jeito misterioso que não se devia abordar. Parece que tinha trabalhado em navios, mas nunca falava a respeito disso. Quando perguntei a Sandro, ele protegeu Ronnie, abanou levemente a cabeça, mudou de assunto.

Sandro e Ronnie partilhavam algo no desejo dos dois de se reinventar como pessoas sem origem, sem Pickwick. Eu, por outro lado, era conhecida por eles como sendo distinta e precisamente uma garota de Reno. Era a garota de quem eles esperavam coisas. Eu estava destinada a encontrar uma forma de usar minha origem de maneira interessante. Não como as paródias do Smithsonian de “artista da Costa-Oeste real e autêntica”, cromando peças de motocicletas e me recusando a pensar. Eu estava destinada a formar um conceito que tivesse rigor. Ficava ouvindo os dois falando sobre mim como se eu não estivesse presente, mas como uma piada, para minha diversão.

— A garota — dizia Sandro.

— Você está falando da Reno — retrucava Ronnie.

Como que numa referência direta ao passado: está vendo, eu posso evocá-lo, pelo pouco que significa. *E agora, Reno?*

A Semana da Velocidade, quando vários carros e motocicletas corriam sobre o sal, aconteceria em setembro.

Numa manhã de junho acordei ouvindo Sandro falando rapidamente em italiano com alguém ao telefone. Ele tinha me

arranjado uma Moto Valera.

— Pode agradecer ao seu amigo Ronnie — falou.

8. LUZES

Quando caí, a escuridão me envolveu como um feltro grosso. Minha vida inteira eu estive esperando por isso, pensei. Por essa escuridão, um silêncio absoluto.

Mas por baixo dela comecei a ver a cena mais estranha e curiosa.

Vi esferas amarelas brilhantes. Movendo-se numa formação elaborada, como grinaldas escorregando pela encosta de uma montanha. Era quase noite, e o arrebol tingia as clareiras nevadas de um carmesim opaco. Estandes de sempre-vivas marchavam pelos sulcos profundos entre as clareiras em formações íngremes e triangulares. As luzes balançavam sobre um pico alto e desciam a montanha em zigue-zague, de um lado a outro de uma pista de esqui. Onde a pista se dividia em duas por uma encosta rochosa, as pílulas de luz se transformavam em duas correntes e depois três, algumas contornando um aglomerado de árvores numa direção, e outras na outra direção, com riachos correndo e se derramando numa lenta queda d'água, a lentidão passando a impressão de que as luzes eram artistas numa espécie de espetáculo.

A noite chegava. Um último fiapo delgado de luz pairava sobre as arestas do cimo da montanha. Agora as luzes que se despejavam pela frente da montanha eram mais brilhantes, enquanto o arrebol desaparecia e a neve desbotava para o azul pálido do luar.

Eram esquiadores, percebi. As luzes estavam afixadas nos bastões de esqui, uma expedição de busca descendo do alto da montanha.

As reentrâncias na encosta da montanha onde as árvores se amontoavam em sua vigília sombria tinham escurecido.

Quando a neve escorrega de um galho superior para os mais baixos num deslize em cascata que vai acumulando peso, é o suficiente para matar uma pessoa.

Agora estava escuro. Uma nuvem se instalava, encobrindo a lua e harmonizando a névoa na montanha. Ouvi o bipe distante de carros de neve. Surgiram na bruma com suas enormes garras rolantes, olhos dourados num movimento binocular, subindo alinhados a montanha. Competentes trabalhadores noturnos. Acima, enfileiradas em linhas íngremes, havia cadeiras de um teleférico, silhuetas vazias pairando no ar com sua geometria exata e repetitiva, vidas imóveis num cabo de aço.

Lembro de uma luva de esqui de couro esfregando meu rosto congelado. O som da fricção, alto, mas nenhuma sensação. Depois eu estava numa maca com o cobertor de emergência sobre minhas roupas de esqui. Precisavam me descer pela encosta sinuosa. Os maqueiros passavam por cima das elevações, removendo a neve, mas manobravam a maca no vão entre elas. Fechei os olhos enquanto eles mantinham esse procedimento. Escorregar, apoiar, girar. Escorregar, apoiar, girar.

Eu tinha fraturado a medula em outro acidente muito antigo. A sensação de movimento continuava, eu no tobogã, sacolejando e deslizando na neve compacta e dura enquanto os patrulheiros me desciam na colina. Mas enquanto descíamos, ouvi as pessoas ao meu redor desafivelando os tirantes, como se estivessemos parando. Ouvi o ruído alto de um zíper, o corte de tecido grosso com tesouras. O deslizamento tinha parado, mas eu não sabia quando. Talvez eu já tivesse parado de deslizar há muito tempo.

— Talvez não esteja fraturado — alguém disse.

Meu corpo doía. Meus olhos estavam fechados, mas eu tinha voltado para dentro de mim mesma com um baque surdo.

Ouvi o barulho arranhado de motores.

— Ei.

Uma mão cutucando meu ombro.

— Ei, está me ouvindo? Você sofreu um acidente.

Havia rostos acima de mim, iluminados por trás.

Meu tornozelo esquerdo latejava, mas eu conseguia mexer os dedos da mão e do pé. Dois homens me levaram para a lateral, atravessando a linha que marcava a beira do percurso. Participantes da equipe da corrida recolhiam pedaços de fibra de vidro da

fuselagem. A linda carenagem azulada. Fiquei mortificada ao ver aquilo quebrado e pulverizado no sal, de repente transformado em lixo.

O vento, diziam, balançando a cabeça. Não se pode enfrentar um vento desses. Cento e vinte quilômetros por hora.

Mas eu culpei a mim mesma, observando-os empilharem as partes de fibra de vidro da motocicleta, que agora pareciam cascas de insetos mortos, colocando-as na carroceria de uma caminhonete.

Comunicações com estática surgiam dos rádios dos operadores. A sirene de uma ambulância uivava na nossa direção vinda da linha de partida.

— Estou bem — falei. — Só um pouco esfolada.

Iam me cobrar uma fortuna só para me examinarem. Quando eles põem a gente na ambulância, é tarde demais.

— Você precisa ser examinada pelos paramédicos — disse um deles. — É o procedimento padrão.

— Estou com a equipe da Valera.

* * *

Parecia só uma mentira parcial, e a parte que era mentira logo foi substituída pela verdade, pois uma hora depois eu estava recostada em almofadas no trailer da Valera, e um dos mecânicos da equipe tinha saído para buscar minha mochila na cabana do cronometrista oficial.

— Consegue sentir? — Tonino, o médico da equipe, tamborilava sob meus dedos do pé num suave código Morse. Ele segurava um saco de gelo contra meu tornozelo, movendo meu pé delicadamente de um lado para outro. Os mecânicos da Valera já tinham recuperado a motocicleta e a pilha de componentes destruídos, como se recolher os destroços do meu acidente fosse parte do trabalho deles, ou alguma espécie de cavalheirismo instintivo que eu havia provocado. *La ragazza*, eles ficavam dizendo. Eu, *la ragazza*.

— Eu preciso voltar ao local do acidente — disse a Tonino enquanto tirava minha câmera da mochila recuperada.

— Não seja boba. Você está ferida. Está com uma luxação no tornozelo — falou. — Precisa manter o pé levantado.

Expliquei que estava ali para tirar fotografias. Insisti nisso com Tonino, e depois com todo o pessoal da Valera. Não só porque eu não conseguiria fazer aquilo sem a ajuda deles, mas porque me dava a sensação de ser menos impostora. A verdade era que eu não sabia muita coisa sobre provas de velocidade no solo, e o acidente tinha provado isso. Eu só tinha tido uma motocicleta, e sempre precisei da ajuda de Scott e Andy para fazer a manutenção, a não ser que fosse o caso de uma simples troca de vela. Me faltava toda uma gama de conhecimento e experiência, e para aquelas pessoas cujas vidas eram motocicletas, eu disse que não era na verdade uma motociclista, mas uma artista. Eu estava ali para fotografar as marcas do meu percurso como um projeto artístico. O que era o oposto de como tinha me apresentado a Stretch, como uma garota que gostava de motocicleta e nada mais.

Tonino ficou com pena de mim e convenceu um dos mecânicos da equipe a me levar até a área de inspeção numa pequena moto roufenha que eles tinham para percorrer as instalações. Com minha câmera no ombro, fui sentada de lado na garupa até o percurso. Por causa da minha queda, a longa pista ainda estava fechada. Tirei fotos da partida, mancando com meu tornozelo luxado. Fiquei com vergonha de ver o pessoal da cronometria, lembrando de como haviam sido calmos e delicados, fornecendo informação crucial sobre as lufadas de vento a alguém que não poderia, como ficou claro, utilizar seus avisos para prevenir um acidente. Mas encarei todos para tirar minhas fotos. Não podia voltar para casa de mãos abanando. O mecânico da Valera me conduziu ao longo da linha do percurso. Havia um caminhão bem à nossa frente, arrastando uma esteira de metal, provavelmente consertando a superfície em que eu tinha caído. Quando chegamos ao local do acidente vi que tinha rompido. O que parecia um perfeito e interminável branco sobre branco era apenas uma crosta de sal muito fina. Havia lama infiltrada onde a crosta tinha sido rompida pela força do impacto. Fotografei tudo aquilo, uma prancha de Rorschach da minha queda.

Dormi cinco noites no trailer da Valera, numa cama de campanha na área perto da cozinha. Recebi visitas de Tonino, comi o espagete que o cozinheiro da equipe trazia para mim num prato de papel e pratiquei o italiano que tinha aprendido durante meu ano no exterior, quando estudei em Florença, e que eu tinha ficado encabulada demais para usar com Sandro (de qualquer forma, Sandro era tão desinteressado pela Itália que meu italiano não o teria impressionado). Tonino divertia-se com a maneira como eu falava, com as expressões que eu aprendera. Queria saber como eu tinha aprendido a falar um italiano tão fiorentino. Falar com ele sobre Florença trouxe todas as memórias de volta. A turma de motoqueiros que eu frequentava, que ostentava uma espécie de aparência de roqueiros de Londres, com jeans sujos e topetes, as garotas com delineadores e cabelos armados. Eu tinha conseguido conhecer italianos não muito diferentes das pessoas com quem tinha crescido em Reno. Não me dei bem com os outros americanos que estavam lá estudando história da arte. Quase todos eram da Costa Leste, de uma cultura que eu não compreendia, garotas ricas que pareciam estar em Florença para comprar artigos de couro. Todos estávamos hospedados em casas de famílias, e eles ficavam em casas extensas com empregadas e tinham os quartos espaçosos de filhos que estavam na faculdade. Fui colocada num quarto que parecia um armário, com uma família que tinha uma barraca de frutas perto da estação ferroviária. Toda manhã quando eu ia usar o banheiro, o recinto estava opaco com a fedorenta fumaça de cigarro do marido. No jantar, a mulher servia minúsculas porções de coelho frito e me olhava desconfiada para garantir que eu não repetisse. Quando a mulher ia para a cama, o marido se embriagava e tentava me envolver numa conversa sobre a beleza dos traseiros femininos. Comecei a evitar os jantares com eles e preferia comer batata frita e tomar chope num bilhar perto da estação ferroviária chamado Blue Angel, que costumava ter motocicletas inglesas estacionadas na porta. Comecei a sair com os motoqueiros e suas namoradas em vez de frequentar as aulas no programa de intercâmbio em que estava matriculada. Passeávamos pelo mercado das pulgas em Le Cascine, bebíamos em bares que pareciam idênticos ao Blue Angel, ou então

eu ia ao apartamento deles, onde fumávamos haxixe e ouvíamos discos, Faces e Mott the Hoople. Não estava aprendendo muito sobre Masaccio e Fra Angelico, mas meu italiano estava bom quando voltei para casa.

Tonino convocou todo mundo ao redor para testemunhar esse fato que ele considerou incrível, que eu falava italiano. Retornei uma espécie de mascote instantânea, só que principalmente para Tonino, os mecânicos e o diretor da equipe, e não para o próprio Didi Bombonato, que tinha sido contra me acolher. Didi Bombonato se mostrou vaidoso e irritadiço, mas quem sabe como Flip Farmer teria se comportado se tivesse aberto a porta naquele dia, na sua casa pré-fabricada, nos penhascos de Las Vegas?

— Namorada de *quem*? — ouvi Didi perguntar quando fui trazida para o acampamento deles.

— De um dos irmãos — informou o diretor de equipe. — Ele mora em Nova York.

— Nunca ouvi falar dele — falou Didi. — Nós não somos um orfanato.

Mas o diretor de equipe tomou sua própria decisão, e eu pude ficar.

Eu e Didi nos evitávamos, o que não era um problema. Talvez eu também não gostasse muito dele. O maior problema sendo que ele não era Flip Farmer. Sem um sorriso americano aberto, sem dentes alvos e brilhantes, sem letras roxas, nada do que me entusiasmou em Flip Farmer quando eu era mais nova.

Quase tão ruim quanto não ser Flip Farmer era o fato de Didi ser baixinho, e raramente homens baixinhos gostam de mim. Eu sou relativamente alta, o que parece jogar contra mim, e uma vez um baixinho chegou a me dizer que eu estava reativando seus pesadelos da juventude de ser ridicularizado por garotas altas na escola, e senti que ele queria que eu me desculpasse por isso, por esse trauma de adolescente, mas não fiz nada do tipo, e, mais ainda, desisti parcialmente de baixinhos, se não totalmente, às vezes já não gostando deles de maneira preventiva, embora raramente admitindo isso para mim mesma.

Toda manhã eu observava Didi pela janela do trailer enquanto ele vestia as luvas de pilotagem e esticava os dedos, fechava o punho, abria e fechava, abria e fechava, como se estivesse transferindo alguma mensagem codificada em unidades de dez. Depois de seus alongamentos com as mãos, um membro da equipe lhe trazia um copinho de café *espresso*, que ele pegava entre o polegar e o indicador com a luva de pele de gamo, inclinava a cabeça para trás e tomava. As bochechas eram flácidas e fundas, lábios finos e azulados e olhos como uvas-passas, o que lhe dava um ar zangado e também um pouco obtuso. Nem todo mundo pode ser bonito, e eu mesma não tenho uma beleza convencional. Mas havia algo de trágico na aparência de Didi: o cabelo, cheio e lustroso, empenachava em elaboradas camadas feito um croissant. De alguma forma aquele cabelo glamoroso destacava sua falta de graça, como aqueles cachorros com pelos que parecem cabelos de mulher. Havia uma propaganda na televisão em que se via um homem e uma mulher de costas, dentro de um automóvel aberto. O motorista e a companheira, os cabelos loiros voando ao vento, a liberdade americana de um grande conversível numa estrada aberta e assim por diante. A câmera passa ao lado do carro. O passageiro, como se vê, não é uma mulher. É um daqueles cachorros de pelos longos e macios, seja qual for a raça. A raça de Didi. Depois de tomar seu café *espresso*, ele jogava o cabelo para a frente e ajeitava com os dedos, sem pensar que estava prestes a amarrá-lo dentro do capacete. Seria melhor esquecer a vaidade e os adornos e usar seu rosto com ousadia, como uma espécie de arma: *Sou feio e famoso e piloto um motor com combustível de foguete. Eu sou Didi Bombonato.*

Durante dois longos dias, Didi e a equipe fizeram testes com o veículo propelido a motor de foguete, o *Spirit of Italy*. Havia um problema de dirigibilidade, que eles resolveram apelando para um aspecto curioso do guidom: a menos de trezentos quilômetros por hora, o volante do *Spirit* era girado para a direita para virar à direita. A mais de trezentos quilômetros por hora, tinha de ser girado para a *esquerda* para virar à direita. E a mais de quatrocentos e cinquenta

quilômetros por hora, mais uma vez o volante tinha de ser girado para a direita para virar à direita.

Finalmente chegara o momento de Didi fazer seu percurso. Eu estava embaixo do toldo da Valera, com o pé erguido. À frente, os espectadores se amontoavam contra a corda. Muitos dos que haviam estado lá no fim de semana para as diversas classes de maquinaria ficaram nas planícies de sal para ver aquilo. Era ao mesmo tempo um assunto privado, com as planícies oficialmente fechadas, e o evento principal, pois Didi Bombonato poderia bater o próprio tempo e estabelecer um novo recorde mundial para velocidade no solo. Era final da manhã, um dia agradável, com nuvens sendo levadas pelo vento em direção à montanha Floating, as sombras parecendo grandes veículos sem peso. Logo as chuvas pesadas deviam chegar — no meio da semana seguinte. Seria o final de temporada, com o sal encharcado, pastoso e inútil para corridas no solo.

Didi calçou as luvas de pele de gamo. Executou seus sinais de mão e depois acenou para o público que se amontoava atrás da corda para assistir à corrida dele. Tomou seu café *espresso* habitual. Arrumou o cabelo. Colocou o capacete e se acomodou no *Spirit of Italy*, uma carroceria branca, azul e cromada em forma de tubo — do mesmo tom azul prateado da motocicleta que eu tinha batido.

Os mecânicos estavam prestes a fechar a carlinga da capota quando o diretor de equipe saiu correndo do trailer, batendo a porta atrás, acenando os braços e formando um X acima da cabeça.

— Parem! — gritou. — Parem! Parem tudo!

Didi virou-se no apertado compartimento do *Spirit* e estreitou seus olhos de uva-passa na direção do diretor, que vinha andando até ele, o rádio no ouvido, escutando.

— Temos um problema — disse o diretor.

— Qual é o problema? — perguntou Didi.

— Uma greve — informou o diretor. — Em Milão.

O diretor chamou todos para baixo do toldo onde estavam as bancadas de trabalho. Didi se encolheu sobre o volante do *Spirit of Italy*, carrancudo, como se sua mera impaciência pudesse propelir seu veículo pela planície enquanto a equipe decidia, como membros

leais do sindicato que estava conduzindo as negociações de contrato e tinha votado pela greve, que estavam obrigados a entrar em greve também.

Os mecânicos em Milão estavam conduzindo algo chamado greve trabalhada, por isso os mecânicos nas planícies de sal conduziam sua própria greve trabalhada. Era uma forma de fazer greve sem fazer greve, como me explicou Tonino. Continuavam sendo pagos, sem risco de serem demitidos ou substituídos. Simplesmente seguiam à risca o código do sindicato e da empresa em cada elemento processual do trabalho, e como o sindicato e os procedimentos eram italianos e extremamente burocráticos, cada tarefa, se realizada de acordo com o código, levava muito mais tempo do que levaria normalmente.

Didi, que não era sindicalizado, nem funcionário da empresa, mas sim um piloto famoso com um contrato independente, ficou furioso.

— Você vai fazer sua corrida — assegurou o diretor. — Mas há alguns procedimentos que nós ignoramos em prol do tempo e da eficiência. Mas na verdade não deveríamos ter ignorado.

Para começar, deveria haver um estojo completo de primeiros socorros ou nenhum trabalho poderia ser feito. Mandaram alguém até a cidade para comprar iodo e pinças, que faltavam no estojo. Enquanto isso era providenciado, a equipe ficou esperando embaixo do toldo sobre o sal branco, sem pressa nenhuma, com certeza sem nenhuma pressa que os tentasse a desconsiderar os procedimentos oficiais da empresa ou comprometer a segurança. Ficaram sentados, fumando cigarros. Alguém pôs uma cafeteira italiana no fogareiro a gás.

Com o estojo de primeiros socorros finalmente completo, estavam prontos para fazer uma verificação de segurança no *Spirit*. Mas logo perceberam que outra regra procedimental havia sido ignorada: cada parafuso do *Spirit of Italy* tinha de ser rotulado quando removido, mas não manualmente; os rótulos tinham de ser impressos em etiquetas em fonte Garamond, caixa-baixa, com uma máquina de escrever Olivetti, de que eles não dispunham, bem como de qualquer etiqueta, por isso nenhum parafuso podia ser retirado do *Spirit of Italy*. Tiveram início longas discussões sobre o que poderia ser feito

diante desse problema. O diretor da equipe disse que achava que poderiam escrever as etiquetas à mão, mas bem legíveis, “como se nossas *mãos* fossem máquinas”, falou. Simplesmente escrever as letras de maneira uniforme, explicou. Mas eles não tinham etiquetas, então alguém tinha que bolar uma forma de fazê-las.

Didi ficou sentado sob o toldo do seu trailer, as luvas de pele penduradas no bolso, o cabelo perdendo o aprumo macio, o macacão de piloto aberto no peito, as mangas amarradas na cintura. Seus olhos pareciam estar diminuindo, ficando mais opacos, mais parecidos com uvas-passas, os lábios mais exangues e finos, como as bordas de uma panqueca frita, como se ele estivesse ficando mais feio à medida que o dia se aproximava do fim e não o deixavam fazer seu percurso, estabelecer seu recorde, ser o famoso e glorioso (apesar de feio e baixinho) Didi Bombonato.

O dia seguinte foi semelhante, com o tempo se esvaindo em longas discussões sobre como interpretar os códigos e as regras dos funcionários, conversas pontuadas por muitos cigarros e pausas para o café. Horas esperando debaixo do toldo da Valera enquanto o diretor de equipe preenchia uma série de formulários que costumavam ser ignorados, depois um homem era mandado à cidade para registrar os formulários, e tinha que voltar por ter esquecido de levar os passaportes, e ir à cidade de novo, e de repente era hora da pausa programada pela empresa, e todos paravam de trabalhar enquanto um deles preparava o café da tarde. Didi estava indignado. Fumegante. Fazia alongamentos e exercícios com as mãos e olhava os outros furiosamente com seus olhos opacos.

* * *

De manhã e à noite, Tonino me ajudava a pôr gelo no meu tornozelo e fazer meus curativos, que lembravam vastas lagoas que secavam em grandes cascas de ferida e coçavam. Perguntou sobre Sandro, e disse que não sabia que havia um outro irmão.

— Você conhece o Roberto? — perguntei.

— Nós não o *conhecemos* — respondeu Tonino, dando risada. — Roberto é a cara da empresa. O presidente.

Pela janela do trailer, os funcionários discutiam sobre algum novo problema.

Tentei mandar uma mensagem para Sandro por intermédio de um dos mecânicos que foi até a cidade, para contar a ele o que havia acontecido. O mecânico ligou para o loft e disse que uma mulher tinha atendido e dito que Sandro não estava em casa. Uma mulher? Imaginei que tivesse havido alguma barreira de linguagem, ou que ele tivesse ligado para o número errado. Ou talvez alguém da galeria de Sandro estivesse lá, o que não era incomum, para fotografar trabalhos ou preparar as peças para o transporte.

— Sandro Valera contou sobre a situação da empresa? — perguntou Tonino.

— Na verdade, não — respondi. — Ele é um artista, não está envolvido.

— Sorte dele, talvez — disse Tonino. — A empresa está em guerra com os trabalhadores da fábrica.

Eu sabia bem pouco sobre essa guerra à qual Tonino se referia. Sandro não chamava de guerra. Não era uma coisa de que ele falasse muito. Na última primavera, um artista italiano que ele conhecia de Milão fez uma exposição numa galeria na West Broadway a respeito de ações em fábricas e das Brigadas Vermelhas. A mostra era chamada *S.p.A* — um trocadilho, explicou Sandro. Na Itália o acrônimo significava ações de participação na empresa, mas literalmente “sociedade para ações”. O artista tinha feito grandes desenhos a lápis das fotografias de três vítimas das Brigadas Vermelhas, e de um dos membros das Brigadas Vermelhas, Margherita Cagol, morta num tiroteio com a polícia, estendida no chão, de jeans apertado, uma bolsa pendendo ao lado, sangue escorrendo da boca. Sandro pareceu infeliz diante do material. O informativo de imprensa mencionava que as Brigadas Vermelhas da Itália eram militantes que tinham começado nas fábricas da Valera na periferia industrial de Milão. Sandro baixou o papel. “Porcaria sensacionalista”, falou.

Quando perguntei a Tonino sobre as Brigadas Vermelhas, ele falou:

— Esse é só um dos grupos. O mais visível. Existem vários grupos a essa altura. Muitos só se reúnem depois de uma ação, para dar um nome aos comprometidos com ela e depois debandam, desaparecem. Não dá para saber quem faz parte do quê. Nem eles mesmos sabem. Podem até não saber que *estão* em um grupo até a ação ser realizada e o grupo reivindicar a autoria.

Tarde da noite, no segundo dia depois de tudo ter começado, chegou a informação de que a greve dos mecânicos italianos tinha sido encerrada.

Na manhã seguinte, Didi saiu cedinho de seu trailer, totalmente uniformizado e pronto para partir. Levantou uma perna e fez uma série de saltos atléticos, depois trocou de perna e fez exercícios de alongamento. Piscou as mãos em séries de dez, abrir o punho, fechar o punho. Saltou para baixo e para cima em movimentos coordenados como os de um pugilista.

Estava pronto para reivindicar seu império, ser Didi Bombonato, campeão mundial de velocidade no solo, quebrar o próprio recorde, e...

Espere. O que estava acontecendo?

Os seis técnicos e o diretor de equipe saíram do trailer com as ferramentas e os equipamentos de forma extremamente lenta, como se o sal branco calcinado fosse uma espécie de gelatina pastosa que oferecesse grande resistência, enquanto andavam até as bancadas em que o *Spirit* estava ancorado para um teste de manutenção. O diretor de equipe pegou uma broca numa curiosa câmera lenta.

Didi gritou com eles:

— O que vocês estão fazendo? O que é isso? Vamos lá!

O diretor de equipe virou para Didi e ergueu a mão até o rosto. Tirou os óculos escuros com uma lentidão intencional, limpou bem as lentes com um lenço. Depois voltou a colocar os óculos escuros.

— Estou preparando seu percurso — disse o diretor de equipe. Ele falou essas palavras muito, muito lentamente.

Ele e os outros se mexiam embaixo do toldo, pegando ferramentas e aferidores em câmera lenta. Falavam com grandes silêncios entre

as palavras.

Didi soltou o que só poderia ser descrito como um rugido. Chutou a lateral de seu trailer e pareceu ter machucado o dedão (os sapatos de corrida, assim como os de Flip Farmer, eram de couro macio, não para proteção, mas sim para sensibilidade).

* * *

A equipe agora estava envolvida em algo chamado operação-tartaruga, em solidariedade com os operários da Valera em Milão. Os mecânicos não seguiam mais as regras escritas de maneira tão perversa e exata, mas em vez disso esticavam o tempo, demorando mais para desempenhar cada tarefa, e pontuando suas atividades e comunicações com grandes pausas. Enquanto observava tudo isso, eu me senti mais próxima de Sandro por tudo o que estava vendo nessa equipe da empresa, e também muito distante. Eu ainda não tinha falado com ele.

Naquela noite, deitada no meu sofá-cama no trailer, fiquei ouvindo o vento e me senti como uma clandestina.

Quando saíramos da galeria na West Broadway, depois de vermos os desenhos das vítimas das Brigadas Vermelhas, Sandro começara a me contar uma história sobre M, um amigo argentino dele, um homem com quem só tinha se encontrado brevemente em algumas ocasiões. Logo pressenti, a partir da maneira séria como ele falou de M, que Sandro estava tentando me contar algo sobre si mesmo, sua família e aqueles desenhos, de pessoas mortas nas ruas de Roma e Milão, a mulher morta num tiroteio com a polícia. Sandro era protetor a respeito de M e dos fardos específicos que M carregava por causa do pai, que fazia parte da conhecida nova ditadura militar na Argentina.

— As pessoas sempre se interessam por M quando descobrem que o pai dele fazia parte da junta — explicou Sandro, tão respeitoso da privacidade do amigo que não quis dizer seu nome no contexto da família de M. — Você ouve as pessoas praticamente se gabarem a respeito disso. *Você sabe que o pai dele faz parte da ditadura, certo?*

Todos entusiasmados por sua separação de dois graus dos esquadrões da morte. Ninguém pensa na relação de M com tudo aquilo. Querem conhecê-lo por ele estar ligado a corrupção e assassinato, mesmo ele tendo se mudado para Nova York, a fim de se afastar daquilo tudo. Para longe da família e do nome manchado, longe do lugar onde isso importa.

Sandro contou que M evitava a todo custo fazer amizade com qualquer um que perguntasse sobre seu pai, e a certa altura, qualquer um que parecesse interessado na política geral da Argentina ou da América Latina. Até mesmo uma vaga tendência esquerdista, disse Sandro, podia assustar M. E no entanto o próprio M era marxista, e também gay, e odiava o pai e a cultura de onde tinha vindo. Mas não queria ter que se desculpar por isso a mais ninguém.

— Todas aquelas pessoas só querem se aproximar dele porque se sentem fascinadas pela novidade de um carrasco militar, num governo conhecido por torturas e assassinatos, ter um filho artista em Nova York — explicou Sandro.

Tendo sofrido o peso complicado da culpa pelo sórdido poder exercido pelo pai, M sentia que era seu direito não discutir aquilo com ninguém, não explicar ou se desculpar por nada. M já precisava ser filho do pai, e isso já não era o bastante, perguntou Sandro, quando viramos na Spring Street em direção ao Rudy's para tomar um drinque.

— Ele não precisa explicar seu passado para os espectadores, ou pior, os que se autodeclaram moralmente indignados.

M e Sandro tinham uma ligação muito especial a respeito dessas coisas. Os inimigos do pai de M, os guerrilheiros de esquerda, chegaram a incendiar uma fábrica da Valera perto de Buenos Aires, o que fez Sandro e M darem risada juntos, em uma das duas vezes em que encontrei M. Foi uma das poucas vezes em que vi Sandro achar alguma coisa engraçada a respeito de ser um Valera.

Na manhã seguinte a operação-tartaruga foi encerrada. Todos estavam prontos. Finalmente tinha chegado a hora.

Mas Didi não saiu de seu trailer todo trajado, exercitando as mãos para bater recordes no *Spirit of Italy*, como havia feito nas manhãs anteriores. Mais ou menos ao meio-dia ele finalmente apareceu, usando roupas comuns, o cabelo oleoso e despenteado, uma expressão de tédio e desânimo no rosto. Parecia que o espírito de Didi tinha sido mutilado ou detido por toda aquela espera. Mas umas duas horas depois, o veículo preparado para partir, ele recuperou seu ardor típico, vestiu-se e deu duas voltas, estabelecendo um novo recorde de 1.160 quilômetros por hora.

Como as greves se arrastaram por quatro dias, àquela altura já não havia mais espectadores. Só os seis mecânicos, Tonino, eu e uns poucos repórteres. Houve um brinde formal, uma entrevista coletiva com os repórteres, e em seguida Didi foi levado ao aeroporto de Salt Lake City para embarcar numa turnê pela Europa promovendo os pneus Valera. Não ficou para a festa improvisada naquela noite, quando os mecânicos vibraram, beberam e abraçaram uns aos outros.

Fiquei sentada num sofá enquanto os mecânicos comemoravam. Não podia dançar por causa do tornozelo luxado, mas como era a única mulher, dancei com todos sendo levada e girada pelo salão, depois devolvida delicadamente ao sofá-cama. Só tínhamos um rádio AM, ligado nos Quarenta Maiores Sucessos — “Hooked on a Feeling” e aquela música sobre os olhos castanhos de uma mulher ficando azuis, que imaginei significar que ela estava declarando que podia tornar os olhos azuis como os da mulher que a havia substituído. “Vou tornar azuis meus olhos castanhos”. Substituir minha substituta. Naquela noite, percebi que não era “Vou tornar”, mas “não tornar” azuis, o que mudava o sentido. A música era mais boba do que eu imaginava.

Os mecânicos da Valera e Tonino brindaram uns aos outros e ao ausente Didi e disseram que os americanos podiam fazer *bel culo*. Alguém disse que Didi também poderia fazer um *bel culo*, e depois as vozes baixaram e eles começaram, imaginei, a falar sobre política. Ainda continuaram lá fora quando fui me deitar. Ouvi o

estampido seco de uma ou duas outras garrafas de champanhe sendo abertas, vozes baixas, e depois silêncio. O vento assobiando pelas planícies, o estalido de toldos de lona e o periódico tilintar abafado de alguma coisa de metal esbarrando em outra coisa de metal.

Na manhã seguinte o diretor de equipe veio falar comigo. Eu esperava pegar uma carona com eles até Salt Lake City, e de lá tomar um avião para Nova York. Ele disse que claro, e que queriam também me pedir um favor. Na verdade era um grande favor. De certa forma um imenso favor, mas seria também uma espécie de honra, e ele queria que eu pensasse bem antes de responder.

— Nós queremos que você dirija o *Spirit of Italy* — falou.

— Mas por quê? De todo modo, eu mal consigo andar.

— Você só precisa do pé direito, para acelerar e frear. Didi precisa manter o sal ocupado, de modo que os americanos não voltem para quebrar seu recorde; tem uma equipe de Ohio vindo para cá. Vamos levar alguns dias para preparar tudo, para treinar você, e quando chegar o momento da sua corrida, as chuvas já vão ter começado. Podemos fechar tudo pelo ano todo. O recorde feminino é fácil; o atual é de 467 quilômetros por hora. Isso não é nada para o *Spirit*. Se você chegar a 490 vai parecer que está deslizando, depois é só pisar no freio e pronto.

Sempre admirei pessoas que têm um sentido palpável do próprio futuro, que elaboram planos e os seguem. Sandro era assim. Ele tinha ambições e uma série de passos que daria para alcançá-las. O futuro, para Sandro, era um lugar, e um lugar para o qual ele era capaz de se dirigir. Ronnie Fontaine também era assim. Os objetivos de Ronnie eram mais perversos e secretos que os de Sandro, mas havia o sentido de que nada era deixado ao acaso, que tudo que Ronnie fazia era calculado. Eu não era como Sandro ou Ronnie. Para mim, o acaso tinha uma espécie de lógica absoluta. Eu reverenciava o acaso mais do que a lógica, o tipo de lógica construída com materiais sólidos, com razão e com fatos. Qualquer coisa poderia ser provocada ou desfeita pela razão, com palavras, desejos, análises. O acaso moldava as coisas de uma forma que

palavras, desejos e análises não podiam fazer. O acaso soprava de repente, como uma lufada de vento.

De zero a trezentos, girar à direita para virar à direita.

De trezentos a quatrocentos e cinquenta, girar à *esquerda* para virar à direita.

Mais rápido do que quatrocentos e cinquenta, girar à direita para virar à direita.

9. ERA LEITE

e Valera estava aprendendo tudo sobre ele. Não do tipo que se tomava. Nem sequer havia vacas naquela zona florestal do Brasil, a não ser uns repugnantes peixes-boi que tinha visto em fotos, atolados nas margens enlameadas de rios. Eles extraíam o leite das árvores, um líquido que secava e se transformava em borracha.

As regras na Amazônia, ele aprendeu, eram diferentes. Você precisava esperar mais tempo. Uma árvore ficava danificada se fosse extraída antes de completar quinze anos. Na Ásia, de onde vinha a maior parte da borracha antes do início da Segunda Guerra Mundial, um ano antes, as árvores podiam ser cortadas na tenra idade de oito ou nove anos, levadas prontas para o trabalho como garotas muito novas, e resistiam. Mas a maior diferença era que na Ásia as árvores eram plantadas e colhidas. Era uma plantação, uma plantação industrial. Na Amazônia, você cultivava as coisas da floresta. A selva era como um exército em pé, uma reserva que emularia um produto, se tornaria outra coisa que não verde, inútil, uma natureza hostil, e Valera gostava dessa ideia, de alistar a natureza para servir.

A maneira como tudo era organizado era uma espécie de perfeição. Como uma caixa de madeira montada sem qualquer prego, armação, parafuso ou mesmo cola. Apenas peças de um quebra-cabeça projetadas para se interligar perfeitamente e segurar umas às outras no lugar. Os extratores de borracha trabalhavam a crédito. Seriam mantidos no lugar pela necessidade de serem pagos. Todos os tipos de intermediários necessários para transportar a substância rio abaixo até o porto também trabalhavam a crédito. Tudo era endividamento e crédito, com zero desembolso de dinheiro real. Crédito vinha de *credo*, que era acreditar. Cre-do. Eu acredito. Ele poderia citar latim o quanto quisesse, agora livre de Lonzi, sem

Lonzi para corrigi-lo por evocar a raiz das coisas. A raiz das coisas era importante. Cre-do. Os índios da floresta trabalhariam de graça.

Extraír e defumar a borracha, mandar para a Europa e ganhar muito dinheiro. *Muito* dinheiro. Esse era o plano quando Valera começou a investir em pneus em 1942.

— Você fuma? Para ganhar dinheiro? — perguntou Roberto, aos seis anos.

— Não, *piccolino*, não é para *fumar*. É para defumar, como se faz com queijo ou carnes. Para conservar.

Essa defumação da borracha, faziam isso em grandes fogueiras ao ar livre, com remos enormes, panos amarrados no rosto, não só cobrindo o nariz e a boca, mas o rosto inteiro, para proteger os olhos também. Eles conseguem ver o bastante, garantiu o supervisor contratado por Valera. Conseguem ver só o suficiente, através da trama do tecido áspero. Imaginou-os se movimentando ao redor da fogueira, múmias sem rosto trombando umas nas outras. Homens com máscaras cinzentas de tecido, sem expressão, juntando a borracha para formar grandes bolas. Cada uma pesava quarenta e cinco quilos. Era o peso estabelecido pelo supervisor da Valera. Um bom peso confortável e esmagador, levando na cabeça, o máximo que der. Se for estabelecido a setenta quilos, explicou o capataz, eles não conseguem carregar. Quarenta e cinco quilos na cabeça de um índio, eles sofrem, mas aguentam. Não é impossível — essa era a ideia. Valera entendeu que aquela era a principal habilidade do supervisor, reconhecer o que estava dentro dos limites humanos, mas bem no limite. “Dentro, mas bem no limite” era a melhor calibragem, a margem de lucro. Biscoitos de quarenta e cinco quilos de borracha defumada, transportados por terra, na cabeça. Grandes bolas de borracha, que esmagavam a cabeça, mas não eram impossíveis de carregar. Homens transportando as bolas de borracha defumada até barcos que navegariam mil e seiscentos quilômetros até a foz do rio, o porto costeiro de Belém. Em Belém seriam cortados ao meio com machados. Para aferir a qualidade. Rachados como crânios, e quanto mais claro o tom do interior da bola, mais alto seu valor e preço. Quanto mais escuro, mais baixa a qualidade. A borracha escura era menos pura.

— Como tudo que é escuro — disse o supervisor, dando uma risada vigorosa, como que convocando Valera a rir com ele, mas Valera não fez isso.

Eles vão me deixar rico, pensou Valera. De qualquer forma, depois de passar sua juventude no Egito, ele não estava desacostumado com pessoas de pele escura. Era retrógrado odiar aquela gente. Ele e Lonzi discordavam nessa questão. Lonzi fora participar da invasão da Abissínia em 1935, para “deixar os negros no chão”. Ele soava como um missionário, como se tivesse esquecido tudo o que fora tão importante para o espírito do grupo: você não recruta ninguém. Nunca recruta. Você age, e os que quiserem agir como você simplesmente aderem. Nada se ganhava pela força. Vai lutando, pensava Valera. Seu batalhão inteiro vai pilotar minhas motocicletas. Naquele ano, enquanto Lonzi estava fora lutando na Abissínia, a moto de mil cilindradas que Valera havia projetado bateu o recorde mundial de velocidade no solo, na autoestrada entre Bréscia e Bérgamo. Uma versão urbana e simplificada estava sendo produzida na fábrica perto de Milão.

* * *

Ele e Lonzi não eram mais tão próximos, mas tinham partilhado algo que Valera nunca esqueceria, um reconhecimento juvenil de que a vida era mudança e agilidade, o que só se revelava por meio de convulsões violentas. A mesmice era uma espécie de estupor, um estado de ser em que as pessoas achavam que o mundo sempre fora como elas conheciam e que permaneceria assim. Roupas de algodão lavadas e ondas. Marcas de mãos azuladas numa parede. O tempo tinha usado uma máscara. Tinha se escondido, e ele, Lonzi e os outros integrantes da pequena gangue arrancariam essa máscara. Era o destino deles fazer isso. Saber que a vida significava mudanças cataclísmicas, que eram monstruosas e excepcionais para a maioria das pessoas, mas não para eles. Eles acolhiam aquela monstruosidade. Era como o volume para os antigos egípcios, que retratavam tudo achatado, em duas dimensões, pois o volume era de

um mistério aterrorizante. Sim, *era* aterrorizante, Valera concordava com os egípcios, e era por isso que desejava aquilo.

Enquanto Lonzi se ocupava prostrando-se sobre o mapa da Etiópia, combatendo os britânicos e polindo o Duce com poemas de guerra, Valera estava se aprofundando nos negócios. Motos, lambretas, um carro de três rodas, e agora borracha. A maior parte da borracha vinha da Malásia, até que os japoneses invadiram o local nas suas bicicletas. Um ataque incrível, japoneses de bicicleta. Operações italianas foram interrompidas. Valera não estava no negócio de borracha na época. Foi isso que o fez entrar, a escassez de borracha que começou quando os japoneses invadiram a Malásia, em dezembro de 1941. Um mês depois ele estava no Brasil.

Em São Paulo, passou muito tempo esperando no saguão de um hotel por homens que chegaram horas atrasados vestindo ternos de linho. Sentaram-se em cadeiras de vime, ele e os homens de linho, o tecido de junco nos encostos das cadeiras enodados como gigantescas asas rabiscadas. Ao lado, um pássaro chamado pássaro-trovão acocorava-se numa gaiola enorme, uma coisa preta e brilhante que não parava de se abanar, feia e ameaçadora. Valera sabia que um bom acordo comercial é feito de paciência. De esperar como se você tivesse todo o tempo do mundo, as asas das cadeiras de vime estalando, você sabendo que odeia o pássaro-trovão e que não precisa de uma razão para odiá-lo, enquanto fica esperando num saguão com clima de pântano se abanando com um mapa do Norte do Brasil. O lugar era gigantesco. De forma obscena. Isso Valera não tinha entendido. Mas não importava, um bom acordo comercial tinha pouco a ver com mapas. E mais com olhar os outros homens nos olhos de um jeito que os fizesse sentir que eram parte de uma minoria conivente de elite.

O ministro da Indústria disse que não seria um problema reunir trabalhadores para extrair a borracha. O Brasil tinha se juntado aos Aliados e estava mandando homens para a guerra. Ou fingindo mandar, disse o ministro da Indústria, para convencer esses homens de que extrair borracha era melhor do que lutar na guerra. Só que não é preciso convencer ninguém, disse ele. Pois era mais fácil fazer uma cobra fumar do que um índio se alistar. Valera gostou muito da

imagem de uma cobra fumando, um tubo oblongo sugando outro tubo oblongo menor. Isso o distraiu por um momento até perceber o que o ministro da Indústria queria dizer. Uma cobra não fumaria. Os índios ficariam em casa e extrairiam a borracha. Ele tinha entendido literalmente, como Roberto com a defumação da borracha — tal pai, tal filho.

* * *

Os povos da América do Sul, aparentemente, haviam sido os últimos a saber dessa coisa chamada roda, mas mesmo assim foram os primeiros a descobrir a borracha, e Valera viu uma qualidade poética nesses dois fatos conjugados, o lugar onde eles descobriram primeiro a borracha e foram os últimos a conhecer a roda. A estupidez daquilo conferia uma aura brilhante ao seu novo empreendimento, trazendo progresso ao Brasil, os últimos terráqueos a descobrir a roda.

O que os índios tinham feito com a borracha que descobriram? Fizeram um jogo, *pok-ta-pok*, que soava como se fosse uma bola quicando, indo e vindo, entre dois jogadores.

Usavam borracha em tochas para produzir uma fumaça oleosa e agourenta. Deixavam tecidos de molho na borracha para torná-los à prova d'água. E em sapatos. Usavam os pés como fôrmas mergulhadas na borracha para fazer galochas perfeitas e sob medida. O tamanho *original*, observou Valera com certo deleite, era o *personalizado*. Os tamanhos únicos eram algo que viria depois, com a mecanização. Mas ele não queria que fabricassem os pneus. Eles extrairiam a borracha crua e a moldariam em grandes bolas, que depois seriam enviadas até a Suíça, a uma empresa que ele tinha arranjado para operar sem a interferência de Mussolini, que Valera considerava cada vez mais um trapalhão e brutamontes.

Se conseguisse vender quantidade suficiente de pneus, poderia dedicar todo seu tempo às motocicletas, que não tinham a mesma margem de lucro. Especialmente agora que Mussolini havia requisitado todo o estoque de Valera para os militares, e só o que

suas fábricas faziam era substituir peças das tropas alemãs, que estavam sempre destruindo embreagens.

Organizou as coisas e voltou a Milão, ansioso para ver seu filho mais novo, Sandro, agora com quase três anos. Roberto tinha sido enviado para um colégio interno na Suíça, e isso tinha deixado Alba tão solitária que ela forçara o marido a fazer um segundo. Ele já era praticamente um homem velho e disse a si mesmo que o mais novo não era seu filho, mas enquanto estava no Brasil, achando que brincava de pok-ta-pok, ele sentiu falta daquela coisinha, daquele rostinho meigo e franco. Era filho dele, sabia disso intuitivamente, mas sentia que tinha superado, em senioridade, uma relação mais direta com ele. Podia ficar mais distante, algo como um tio-avô, um padrinho. Sua esposa quis, e ele consentiu ao não se opor. Quem foi mesmo que disse que uma decisão é uma indecisão cristalizada? Não conseguiu se lembrar, mas naquela situação esse fora certamente o caso.

Durante aqueles poucos e intensos anos de pok-ta-pok, os negócios de borracha de Valera prosperaram, enquanto sua fábrica de motocicletas era destruída pelas bombas dos Aliados. A família mudou-se para sua vila, numa pequena colina acima de Bellagio. Era mais seguro, mesmo que a área estivesse sendo invadida por alemães toscos e abruptos, com suas vozes altas e seu hálito de carne. Era só uma questão de tempo até tudo mudar. Mussolini estava logo ao norte do local, na vila Feltrinelli no lago Garda, onde, pelo visto, andava se arrastando, deprimido, jogando escopa e observando o lago por um visor. Fazia transmissões de rádio incoerentes sobre o egoísmo dos industriais italianos que estavam arruinando o país. Vamos ver quem arruinou a Itália, pensava Valera durante essas transmissões.

Lonzi apareceu em Bellagio, ferido. Estava convalescendo num hotel na beira do lago. Tinha a mesma idade de Valera — cinquenta e sete — e mesmo assim o louco estivera com os Alpini, na frente oriental.

Valera e Alba foram visitá-lo no Hotel Splendide. Lonzi, que perdera a perna numa explosão, estava botando gelo na massa de perna restante, mas a coisa estava pútrida, formando bolhas lentas e

desagradáveis que brilhavam como se feitas de muco. Cada vez que uma bolha gasosa inchava e estourava no que sobrara da perna de Lonzi, emanava um cheiro podre de morte no quarto do hotel fechado, e Valera desejou não ter trazido Alba. Empurrou-a para trás, e ela ficou esperando na porta do quarto.

— Isso não tem importância — disse Lonzi, gesticulando para o toco da perna como se fosse um cachorro mutilado que precisasse levar um tiro. Estava usando seu chapéu de Alpini, a pena angulada como um poste de cerca torto. — A verdadeira questão é que meu coração continua humano, é esse o meu problema. Quero arrancá-lo fora. Se consigo viver sem uma perna, por que não sem esse batedor? É tão ruim quanto o dela — completou, apontando para Alba. — Essa horrível mulher bonita que você trouxe para cá. Você não aprendeu nada, Valera? Não quero ver mulheres arrumadas para o sexo. Quero lutar pelo meu prazer. Não fique desfilando com isso aqui.

A infecção devia estar se espalhando para o cérebro de Lonzi. Uma aventura medonha, e para quê?, ponderou Valera. Não havia futuro em combates no solo, em lutar contra pessoas com pistolas e adagas, romper arames farpados, sangrar, sofrer e rolar na lama. Mussolini falava no rádio de uma espécie de arma secreta: os alemães a revelariam, fosse o que fosse, e todos estariam salvos. E se perdessem, Mussolini declarou, a justiça finalmente seria servida. Haveria um grande julgamento, disse ele. Mussolini estava convencido de que os Aliados o julgariam em Madison Square Garden — onde o mundo se reuniria para saber a verdade e ver as coisas do jeito que ele via. A verdade seria revelada, afirmou Mussolini, em Madison Square Garden.

Onde fica isso?, conjecturava Valera.

— Alba, onde fica Madison Square Garden?

Ela respondeu que na Inglaterra, provavelmente. O nome parecia inglês.

Mussolini não podia fazer nada a respeito do pequeno pok-ta-pok secreto de Valera, garantira-lhe Eugen Dollmann. Dollmann, um agente de ligação com os alemães, ajudara Valera a estabelecer a operação na Suíça, parte de um elaborado programa de Dollmann

para solapar os planos de Mussolini de socializar a indústria italiana. Na verdade, o pok-ta-pok de Valera era uma grande operação. Ele fazia regularmente a viagem, dirigindo pelas montanhas até a Suíça para supervisionar as coisas, usando um uniforme de oficial para o caso de ser parado. O quepe, um fez de pele, preto, em estilo Colbacco com as fasces douradas, e um pesado casacão de lã MVSN com seu mosaico de divisas e emblemas. Juntos, eles o mantinham aquecido e conferiam uma aparência oficial à sua missão.

Numa noite sem lua, descendo pelas curvas da encosta que o levavam de Bellagio à fronteira com a Suíça, Valera viu uma espécie de luz artificial sobre o lago Como, uma maravilhosa eclosão cor-de-rosa, brilhante como o dia. Eram tiros de traçador.

* * *

Poucos dias depois, Mussolini foi executado e pendurado numa viga em um posto Esso na Piazzale Loreto, em Milão. Estava ao lado de sua amante e de um pequeno círculo social, todos pendurados de cabeça para baixo nas vigas do posto de gasolina como se fossem presuntos de Parma.

O povo começou a mutilar os cadáveres. As imagens no jornal mostravam pessoas de cara suja, a expressão específica da fome, rostos encovados e angulosos de olhos brilhantes e atônitos, a turba agarrando os cadáveres, rasgando suas roupas, puxando os corpos, retirando-os das vigas. Os cadáveres densos e inertes, as roupas arrancadas revelando uma nudez curiosamente inumana, nem como animais ou como gente, sem espécie alguma de dignidade, a pele pálida cutucada e rasgada despejando fluidos internos. Alguns dos corpos tinham sido amarrados a motocicletas — motocicletas Valera! —, os cartazes das bombas de gasolina da Esso aparecendo logo atrás, redondos e luminosos como pirulitos, os corpos sendo arrastados pela Corso Buenos Aires como sacos de areia.



10. FACES

I.

Eu consegui. Estabeleci o recorde.

Por mais improvável que fosse, eu era a mulher mais rápida do mundo, a 496,492 quilômetros por hora. Um recorde oficial de 1976, só superado no ano seguinte.

Um artigo foi publicado no *Salt Lake Tribune*. Fui entrevistada por um repórter do *Road and Track* que estava lá para escrever sobre Didi. E por um repórter da estação de TV italiana Rai.

Mas foi o começo do fim para mim, uma espécie de fim, embora eu ainda não visse as coisas daquela maneira na época.

* * *

Voltei triunfante a Nova York. Tinha caído a 225 quilômetros por hora e saído mais ou menos ilesa, principalmente por causa do capacete e do traje de couro que usava. Só uma luxação, machucados e um esfolado do qual eu me sentia secretamente orgulhosa. Eles me deixaram dirigir o *Spirit of Italy*. Estive na cabine, que mantinha o esmaiado resíduo da colônia pós-barba de Didi Bombonato. Tinha respirado sua loção pós-barba e fingido que era de Flip Farmer, ou que eu era Flip Farmer. A velocidade me dera uma sensação boa, embora eu estivesse com medo: ir depressa era se conformar com a lógica do guidom, do velocímetro, do pedal do acelerador. Agora, eu conhecia o mundo de dentro do *Spirit of Italy*.

Conhecia aquela sensação. De ser o motorista. De observar os mecânicos com seus macacões brancos saltitando no sal ofuscante até o veículo, as expressões de júbilo. Na minha direção, atrás do volante.

* * *

O outono tinha chegado, e uma sensação de esperança e frescor se alastrava pela cidade. O céu era de um azul vívido e chamativo. Eu tinha encerrado meu primeiro dia de trabalho com Marvin e Eric depois de ter voltado, na Bowery Film, e estava andando sob um dossel de folhas verdes, grandes e fofas, algumas douradas e avermelhadas nas bordas, uma caindo em espiral quando atravessei o Washington Square Park. A luz projetava uma sombra angulosa em vez dos contornos confusos do verão. O outono trouxera definição, uma sensação da gravidade voltando ao lugar de onde havia sido expulsa pelo sol, pela regra difusa da umidade. Havia um frescor de final de setembro no ar. Aquilo me lembrou das castanhas esmagadas nas calçadas de Reno. A textura de veludo cotelê novo. Claro que eu tinha uma grande história para contar, e a esperança que vislumbrava nas folhas de bordas douradas acima poderia ter sido a minha própria.

Eu tinha feito uma entrega para Marvin, deixando filmes revelados num endereço na Quinta Avenida, e estava indo encontrar Sandro. Os alunos da NYU reunidos em torno da fonte vazia do parque experimentavam as modas do outono, os garotos em suéteres de cores vistosas, laranja, marrom e verde. As garotas de casacos xadrez de algodão escovado e sandálias de camurça ou aqueles sapatos de solas onduladas. Meias rendadas até os joelhos e bolsas de couro bordadas à mão com longas alças usadas a tiracolo entre os seios. Algumas boinas. Sob aquela luz, rajadas secas de vento agitaram as folhas, da cor de feijões amarelos, e algumas caíram lentamente no chão. Com tanta esperança, até uma boina parecia uma boa ideia.

— Você já notou que três quartos das garotas chinesas têm bico de viúva? — Marvin havia me perguntado naquela tarde, enquanto ajustava a luz para tirar minha foto segurando uma escala de cores. Na maior parte do tempo eu ajudava a atender os clientes e fazia entregas, só que mais ou menos duas vezes por ano eles

precisavam de novas fotos para filmes de diferentes emulsões e densidades.

— E são bem destacados — continuou ele. — Mas você... você não tem bico de viúva.

Era verdade. Por alguma razão muitas daquelas garotas tinham bico de viúva.

Não tenho bico de viúva.

Eu gostava dos casacos de algodão escovado bem retrô, estilo anos 1940, mas logo estaria com a moto Valera, que estava sendo consertada pela concessionária em Reno e seria mandada de volta para Nova York, tudo pago por Sandro. (Se eu me incomodava? Não. Dinheiro não significava praticamente nada para ele.) Podia levar meses para ser consertada, pois eles precisavam pedir peças e partes da fuselagem que vinham da Itália, pois era um modelo 1977, ainda não lançado no mercado, mas em algum momento ela voltaria para mim, e àquela altura o casaco de algodão escovado seria inútil. Eu precisaria de couro. Não só couro, mas couro justo. Depois da minha queda entendi o uso do couro, que não tinha nada a ver com os garotos vestidos de couro que se reuniam no Rudy's Bar depois da meia-noite. O traje de couro que usei nas planícies salgadas era grande demais, e onde ficava largo ele raspou minha pele quando rolei e quiquei. As cascas das feridas só agora começavam a cair, deixando a pele rósea à mostra, despreparada para o mundo. À medida que os machucados das minhas pernas e do quadril saravam, o tecido morto se acumulava debaixo da pele e descia em riscos enegrecidos, que se sedimentavam nos meus tornozelos como pó de café. Eu não sabia que os processos corpóreos eram tão brutos. As marcas coçavam terrivelmente. Sandro gostava delas. Disse que pareciam tinta escorrida de uma tela de Morris Louis. Ouvi ele contar às pessoas sobre a minha viagem a Bonneville, a queda, o percurso no carro a jato de Didi. Nenhum de nós admitiu que se não fosse pelas provocações de Ronnie, Sandro nunca teria tornado aquela viagem possível para mim.

Na noite em que voltei, Sandro disse:

— Já lhe falei que vou fazer uma exposição com a Helen? — Deu um sorriso feliz.

— Vai mesmo?

— Já estou na Erwin há tempo demais. Acho que está na hora de mudar. Ele não entende mais o trabalho direito. Não consegue me levar a um nível mais alto na minha carreira.

Senti que ele estava repetindo o argumento que Helen usou com ele. Eu tinha visto quão persuasiva ela podia ser. Nós dois estávamos na cozinha, que sempre parecia a cozinha de Sandro, pois eu estava morando lá havia apenas cinco meses, num lugar que era dele há muitos anos, onde ele tinha seu jeito metódico de organizar as coisas e onde tudo era dele, e eu me sentia mais uma convidada, alguém que transitava pelas suas cercanias domésticas apenas com um conhecimento parcial. Durante nossos primeiros seis meses de namoro, o aquecedor do meu prédio quebrou e não foi consertado.

— Por que ficar lá se tem calefação e água quente no meu apartamento? — perguntou Sandro, e pouco tempo depois eu estava praticamente morando com ele, até que a questão se tornou: por que pagar o aluguel do meu apartamento quando eu provavelmente tinha o direito legal de não pagar, já que o lugar tinha sido invadido por baratas e não havia água quente? Por que não ir morar com ele de uma vez? Foi difícil argumentar com aquilo. A casa de Sandro nunca foi muito aconchegante para mim, mas era bem mais agradável que a minha.

Enquanto falávamos sobre ele se mudar para a galeria de Helen, meus olhos percorreram a bancada, onde havia duas taças de vinho sujas e várias garrafas vazias. Eu tinha ficado duas semanas fora e deduzi que algum amigo tivesse feito uma visita, Ronnie ou Stanley, talvez Morton Feldman. Assim que cheguei, ele olhou direto para as taças, as garrafas vazias, e disse que tinha sentido muito minha falta. Agora eu percebia que Helen havia estado ali.

— Estou muito contente com essa mudança — continuou ele. — Acho que é uma mudança ousada. Importante.

Se tivesse manifestado ciúme por ele ter convidado Helen para tomar um vinho no loft, no nosso loft, imaginei que ele teria se transformado no pai sábio, atribuindo o ciúme à juventude, que era

como ele falava do ciúme dos outros, como o tipo de desgaste que Sandro, o mais velho, não se permitiria ter.

* * *

Alguns dias depois de ter voltado, levei meu filme para ser revelado. Sandro tinha me concedido uma parte de um grande cômodo para eu usar como escritório, onde espalhei as fotos numa mesa comprida. Não eram exatamente espetaculares. Eram os detritos de uma experiência, marcas ambíguas na extensão branca das planícies de sal.

Ronnie veio ver as fotos. Ele disse que eu deveria deixar a motocicleta do jeito que estava quando caí. Empurrá-la até uma galeria e colocá-la no meio do recinto, com as fotografias do meu trajeto nas paredes.

Eu preferia ficar com a moto para pilotá-la, respondi. E ele disse que era uma escolha que eu teria de fazer. Concordei que as fotografias por si só eram muito efêmeras. Mas eu já estava seguindo para o próximo passo, algo que a queda tinha possibilitado, que era minha nova e curiosa associação com a equipe da Valera. Eles entraram em contato comigo através de Sandro e me convidaram para ir à Itália na primavera seguinte fazer uma sessão de fotos em Monza, Didi e eu na famosa pista de corrida perto de Milão. E depois de Monza, haveria uma turnê de divulgação dos pneus da companhia. Aquilo, senti, ia muito além do que eu tinha almejado tentando fazer um filme sobre Flip Farmer. Eu teria livre acesso, e disseram que eu poderia filmar e tirar as fotos que quisesse.

Sandro reagiu como se fosse uma proposta ridícula eu ir para a Itália sob os auspícios da empresa da família dele. E não só isso, mas acabar reduzida à ignomínia, disse ele, de ser uma garota de calendário. Ridicularizou a ideia de a empresa realmente ter pensado que a namorada dele aceitaria uma oferta daquela.

— Mas garotas de calendário não dirigem veículos de corrida — falei.

Aquilo era diferente. Eu tinha mesmo corrido rápido o bastante. E ele teve de admitir, era verdade, mas promover a empresa da sua família era ir longe demais. Tentei manter minha atitude descontraída. Não perderia a oportunidade de ir à Itália numa turnê com a equipe da Valera, mas não forcei a barra com Sandro. Simplesmente sabia dentro de mim que iria e esperava que no fim ele passasse a ver as coisas da minha perspectiva.

Eu estava no rastro dos corredores de solo, como se tudo — minha infância com Scott e Andy, minha primeira tentativa de entrevistar Flip Farmer — fizesse parte de um treinamento lógico.

Só que eu não era propriamente uma corredora. Flip e Didi eram verdadeiros corredores, com talento real. E a verdade era que ao participar de uma espécie de turnê publicitária, eu seria mais o que Sandro disse, uma garota de calendário. Mas se eu fosse uma corredora de verdade, não seria arte. Seria esporte. Isso, essa infiltração, como eu considerava, era uma forma de fazer uso de mim mesma, da minha vida, exatamente como Sandro tinha estimulado que eu fizesse. Você vive a sua arte como se você fosse sério, segundo Giddle.

— Outra coisa sobre a maioria das garotas chinesas — disse Marvin naquela tarde, a primeira desde que eu voltara ao trabalho, enquanto ajustava o refletor redondo e prateado — é que elas não andam de motocicleta. E os retratos delas não sugerem trauma algum. Não aparecem cobertas de machucados.

Ele e Eric estavam aborrecidos comigo.

— O problema com os machucados é que eles fazem você deixar de ser anônimo — interveio Eric.

— Você não deve evocar a vida real. Só o mundo hermético de uma mulher sorrindo segurando uma escala de cores.

— Isso. Anonimamente. Amistosamente. Graciosamente. Vários “mente”.

Marvin e Eric me obrigavam a fazer penteados e maquiagens e a experimentar roupas diferentes, como se cada uma das pequenas sessões de fotos que fazíamos no ateliê fosse minha única chance de me dar bem em Hollywood, quando na verdade minha aparência não importava. Tecnicamente eles poderiam ter usado qualquer

rosto. Só precisavam de um tom natural de pele — qualquer mulher viva serviria — para contrastar com as cores da escala. Mas a tradição na indústria cinematográfica dizia que mulheres razoavelmente atraentes deviam fazer o trabalho, posando para o filme-guia para que os técnicos de laboratório pudessem fazer as correções de cores. Eu não ficava só segurando a escala de cores. Colocava-a amorosamente nas minhas mãos como se fosse a resposta a uma pergunta de um programa de jogos na televisão. Sorria de uma forma hesitante porém amistosa, como se pudesse existir uma vaga possibilidade de intimidade entre mim e quem quer que me avistasse no filme, só a mais remota possibilidade.

POUPE SUA LIBERDADE PARA UM DIA DE CHUVA

Ainda estava na parede do banheiro das mulheres no Rudy's.

Também: “Viva o rei.”

“Quem?”

“*Le roi.*”

“Que Roy?”

“Roy G. Biv.”

“O puto me deve \$\$\$.”

Em outra parede: “Procurando um inimigo. Alto. Magro. Implacável. Com senso de humor.”

ENTÃO COMO VAMOS NOS ENCONTRAR? Alguém tinha escrito embaixo em letras de fôrma grandes e apressadas.

Fui encontrar Giddle e Sandro, que provavelmente estavam constrangidos esperando meu retorno, por não terem absolutamente nada em comum além de mim. Senti uma mão no meu ombro e me virei. Era Ronnie. Estava usando óculos de aviador espelhados. Sorriu, e percebi que seu dente da frente estava lascado.

— O que aconteceu com seu dente?

Ele ignorou minha pergunta, o que era bem típico de Ronnie.

— Ronnie, você parece um réu de Nuremberg com esses óculos — disse Sandro, gesticulando para a garçonne. — Pode nos trazer quatro Slivovitz? E o que aconteceu com seu dente?

— Eu estava montando um touro mecânico. Ah, merda. Saul está aqui.

— Você foi para o Texas? — perguntou Giddle. — É isso mesmo que eles fazem por lá? Montam touros mecânicos?

Ronnie a ignorou. Ele e Sandro tinham pouca paciência com Giddle, menos do que ela parecia ter com eles.

— Esquece o touro — pediu Sandro. — Ha-ha. Conte-nos sobre a viagem.

Ronnie tinha ido visitar o artista Saul Oppler em Port Arthur.

— Foi um desastre. Não devia ter ido. Mas ele me ligou uma noite parecendo desesperado. Três horas da manhã e ele se queixando amargamente de como odeia Port Arthur. Ele está lá por causa de uma história de família e choramingava dizendo que sentia saudade de seus coelhinhos de estimação, que os deixou aos cuidados de uma assistente em Nova York e blá-blá-blá. “Saul”, falei, “você quer que eu pegue esses coelhos e leve para você? Gostaria que eu fizesse isso?”. “Puxa, Ronnie”, respondeu ele, “não queria lhe dar esse trabalho. Mas a verdade é que seria muito importante para mim que você conseguisse fazer isso. Pode vir com meu Jaguar.” Aí eu pensei: afinal, por que não?

— Uh-oh — disse Sandro.

— Saí na mesma noite. Nunca tinha dirigido um Jaguar tipo E tive de parar para trocar os *sapatos*, porque meus tênis eram grandes ou volumosos demais para lidar com os pedais apertados do pequeno carro. Quase saí da estrada duas vezes por não conseguir pisar no freio direito. Os pedais do Jaguar eram tão próximos que pareciam projetados para pequenos mocassins italianos. Sabe como é, de couro bem fino e macio. Sapatos diáfanos que quase não têm sola, só uma tira fininha de couro, de forma que dá para sentir todas as nuances do acelerador e da embreagem. Sapatilhas de bailarinos profissionais teriam sido melhores. Não consegui encontrar uma dessas. Nem nada parecido. Eu estava numa parada de caminhões em Maryland. Eles tinham chaveiros com caranguejos de óculos escuros. Armas de choque. Pacotes de meias soquetes, que todo mundo sabe que os caminhoneiros usam para se masturbar sem fazer sujeira enquanto dirigem. Mas não tinham sapatos italianos.

Comprei umas pantufas femininas, Dearfoams, tamanho treze. Depois de abrir um pouco no calcanhar, elas couberam perfeitamente. Eu estava percorrendo a I-85 no Jaguar do Oppler com os coelhos dele no banco de trás, usando minhas pantufas, e de alguma forma consegui que não me fizessem ir para o acostamento. Me sentia como Mario Andretti. Sei que a Reno aqui estabeleceu um recorde e encantou os italianos, mas não vamos esquecer a corrida da morte de Ronnie pelo Texas. Ultrapassando gente. Como os dois malucos num Monte Carlo envenenado que tentaram me ultrapassar. Depois quase atropeliei um tatu. Dirigi a noite toda. Cheguei a Port Arthur no final da tarde. Que lugar horrível, a propósito. Grande, com refinarias atarracadas, o ar cheirando a pneus queimados. Cobras penduradas nas árvores, tentando se refrescar, imagino. E cobras mortas, que eram manchas achatadas fundidas na estrada. No meio da entrada de cascalho para a casa dele, tinha um lagarto gigante comendo uma baguete, dessas baguetes baratas e tronchas que vendem nas padarias. Um nojo, aquele lagarto abocanhando e devorando nacos de pão. Estaciono, e Oppler sai do escritório e começa a mancar até o carro, acho que a perna dele estava dormente ou algo assim. Vai chamando os coelhos como se soubessem os próprios nomes e fossem ficar muito felizes de vê-lo. E eu pensando: será que ele não está surpreso com a rapidez com que cheguei aqui? Não vai nem mencionar isso? Eu tinha corrido ao máximo com o Jaguar dele. Mijado numa garrafa de Dr. Pepper. Quando ficou cheia, mijeí em sacos de batata frita. Infringi a lei. Perdi uma noite de sono. Resisti às meias soquetes na loja dos caminhoneiros.

— Que autocontrole incrível — observou Sandro.

— Tudo isso para fazer um favor ao Saul. Quer dizer, a gente tenta ajudar as pessoas... Ele abre a porta do carro, enfia a cabeça lá dentro e faz um som esquisito. Um uivo. Alto e agudo.

— Ah, não — disse Sandro, levando as mãos ao rosto, fingindo se preparar para um desastre.

— Pois é, isso mesmo. Os malditos coelhos estavam mortos.

— Você esqueceu de cuidar deles.

— Minha função era fazer o transporte. E não ouvi ninguém se queixando lá atrás. Mas deixei as janelas abertas e tinha um bocado de tráfego de caminhões... especialmente na 10. Não sei o que aconteceu. Eles simplesmente... morreram.

— É por isso que você está usando esses óculos — disse Sandro.
— A culpa está lhe corroendo. Você deu água para eles, Ronnie?

— Não, não dei *água* para eles. Olhe, se ele queria uma enfermeira de plantão, devia ter ligado para uma. Mas ele ligou para mim. E lá estava eu, no sovaco do inferno do golfo, e Saul não está falando comigo. Ele se recusa a sair do quarto. Tem uns *drag queens* negros que trabalham na casa, alimentando as galinhas, levando chá na bandeja para ele. Parecem jogadores de futebol americano. Jogadores de futebol americano no ensino médio de uma escola do Texas, de camisolas. Biddy e Pumpkin Ray. Não serviram chá algum para mim. Só me olharam feio por ter matado os coelhos do Saul. Pensei em dormir lá uma noite e partir ao amanhecer. Traria o carro de volta e fingiria que nada daquilo tinha acontecido. Fiquei na casa de hóspedes e tive que ouvir os passarinhos gritando a noite inteira. Parece que era estação de acasalamento de uma coisa chamada joão-de-barro. Fiquei a noite toda ouvindo aquele trique trique trique. Trique trique trique. Já estava sonhando em chamar o xerife e mandar levar embora aqueles joões-de-barro numa cela almofadada. Acordei de manhã, tirei os escorpiões das minhas botas, abri a porta do chalé e lá estava um galo me olhando. Era grande. Eu podia ver que ele estava pensando: *Você é do meu tamanho*. Um galo extraordinariamente grande que não me deixava passar. Chegou a ensaiar um ataque. Só o que pude fazer para me salvar foi pegar um toco de uma pilha de lenha ali perto e me defender. Acabei matando o bicho. Ele caiu duro. A coisa não me deu outra escolha. Saul saiu da casa de pijama. Não falou uma palavra. Pegou o galo morto e começou a depenar. Depois acendeu uma grelha de carvão. Tudo muito metódico, como se fizesse parte dos planos dele desde o início que eu matasse o tal galo e nós o comêssemos, e foi o que fizemos. Matei o galo, ele o assou e nós o comemos. Parecia que ele não estava mais bravo comigo. Aquilo tinha gosto de borracha.

Sandro sorriu, exultante. Ronnie o deixava feliz. Ele adorava aquelas histórias. Faziam parte do gênio artístico de Ronnie, mesmo que Sandro nem sempre gostasse da arte verdadeira do amigo, que às vezes considerava tênue. Muito rasas e irônicas, as imagens de revista que ele colecionava, slogans, vulgaridades e propagandas reformuladas para causar um efeito burlesco. A peça de Ronnie de que Sandro mais gostava era uma jovial declaração que ele deu dizendo que gostaria de fotografar todas as pessoas vivas. Sandro dizia que era o melhor trabalho de Ronnie, alguma coisa no nível de um poema: um gesto sem possibilidade de refutação. Não importava que nunca fosse realizado. O fato de ser irrealizável era seu maior brilho.

— Deixe-me perguntar uma coisa — disse Sandro. — Quantos escorpiões você encontrou nas botas?

— Só um. Bêbado. Correu para baixo de um arbusto e continuou dormindo.

Foi minha vez de contar sobre a minha viagem. Omiti a parte em que o homem me disse que eu não ficaria tão bonita num saco para cadáver. Ele quis me envergonhar, e eu não lhe daria a satisfação de fazer isso outra vez, na frente dos meus amigos. Também ignorei a parte do convite para ir à Itália na primavera. Contei a eles sobre Stretch, sobre o vento me derrubando, e como acabei pilotando o *Spirit of Italy*.

— Ao Stretch — disse Ronnie, erguendo o copo. — O coitado provavelmente está esperando você até agora. E vai ficar esperando por anos. Vai contar para todo mundo sobre a garota que passou pela cidade...

— Está bem, está bem — falou Sandro.

Ronnie sorriu para ele:

— Ciúúúmes não têm cura — cantou. — Que emocionante, Sandro e Stretch vão arrastar um tronco. Uma competição de arremesso. Um verdadeiro duelo.

— Nós já mudamos de assunto — contestou Sandro.

Não havia me ocorrido que um sujeito que morava num motel fosse deixar Sandro enciumada. Fiquei comovida.

Giddle não tinha viajado para lugar algum. Só Coney Island.

— Mas *pareceu* muito longe — comentou ela. — A distância aumenta quando você sacoleja até lá no trem F. Quando a gente finalmente chega em Coney Island, pensa: acho que nunca mais vou ver minha casa. Fui lá diversos dias seguidos. Foi como tirar miniférias na Europa.

— O lugar é um pesadelo — disse Ronnie. — Não tem nada a ver com a Europa. Só de ir lá uma vez já é terrível.

— Uma vez só é bom — observou Sandro. — Talvez até uma vez por ano.

Sandro tinha me levado lá no inverno, logo depois de nos conhecermos. Todos os brinquedos estavam com correntes. Cães de guarda latiam para nós, bravos e solitários, atrás dos portões. Andamos até a praia, que estava coberta de neve. A lua estava cheia no céu, e as ondas empurravam pilhas de neve reluzente para a costa. Fomos a um restaurante russo na Brighton Beach Avenue. O garçom serviu uma garrafa de vodca congelada num bloco de gelo. Sandro pediu caviar, saladas com molhos e filé, como se fosse nossa noite de núpcias. O restaurante estava à meia-luz, com um globo espelhado e um búlgaro de smoking tocando um harmônio para nos entreter. Havia uma festa de russos na pista de dança. Passavam a impressão de perdição histórica enquanto dançavam, os homens descrevendo círculos em volta de uma mulher com um vestido curto que parecia grávida de oito meses. Depois, todos voltaram às mesas para se revezar despejando vodca na boca uns dos outros. Sandro e eu saímos de lá tarde, cambaleantes, a cabeça fria e nublada de vodca de inverno, flocos de neve no nosso cabelo. Sandro disse que me amava. Pelo jeito com que beijou a neve nos meus cílios e me abraçou com seu calor, acreditei nele.

— Não é um pesadelo, Ronnie — disse Giddle. — O negócio em Coney Island é que a gente precisa ir com objetivos estabelecidos. Eu queria ganhar alguma coisa. Uma competição de comer cachorro-quente. Um grande urso panda de pelúcia. Quando finalmente ganhei, arrastei o ursinho pela calçada até ficar tão sujo que parecia que eu o tinha encontrado no Holland Tunnel. Se você não andar na Skydiver, ganhar um prêmio grande e feio e viver de cachorro-quente do Nathan, nunca vai entender Coney Island.

— Bem, acho que vou perder essa — disse Ronnie, mas de um jeito distraído.

Dava para perceber que ele queria que ela parasse de falar. Não que os detalhes que Ronnie contava fossem tão diferentes. Não havia uma separação suficiente entre a realidade básica de Giddle e Coney Island. Essa era a diferença. Ela conferia à história um tom de ironia, mas Coney Island era provavelmente a única Europa que Giddle poderia bancar, enquanto Ronnie e Sandro não tinham essas limitações. Sandro por ser um Valera. Ronnie por ter se inventado, uma espécie de órfão, mas que sabia exatamente como fazer pessoas ricas se sentirem à vontade. O que significava que as deixava levemente inseguras e duvidosas a respeito de si mesmas. Em consequência, elas queriam algo mais do que o desdém de Ronnie, por isso estavam dispostas a pagar muito por suas obras de arte e conseguir sua aprovação e até amizade, ou o que entendiam como amizade.

— Saul — disse Ronnie, quando Saul Oppler passou por nossa mesa. O grande Saul Oppler. Nunca o tinha visto pessoalmente. Não era o tipo de artista que encontrávamos no Rudy's. Líamos sobre ele nas revistas, fazia ensaios fotográficos das casas que ele tinha em Nantucket, na Grécia e em Ischia. Era grande e de aparência forte, mas muito velho, com uma pele estranhamente macia, como borracha, um bronzeado que se vê nas pessoas que passam o inverno na Flórida e roupas novas e coloridas, também similares às dos residentes daquela região.

Ronnie se levantou e estendeu a mão para Saul, que não retribuiu. Olhou para Ronnie, um olhar ardente, penetrante e magoado. Respirava com dificuldade.

— Não chegue perto de mim — falou, virando-se e saindo em direção ao fundo da sala.

— Ronnie — disse Giddle. — Achei que vocês tinham comido um frango juntos. Consertado as coisas. Ele parece realmente chateado.

— É, bem, quer saber, Giddle? Eu inventei essa parte.

— Por quê? — perguntou ela.

— Porque as pessoas gostam de finais felizes.

* * *

Deixamos Giddle no bar e fomos até o ateliê de Ronnie, onde ele queria que déssemos uma parada a caminho do jantar na casa de Stanley e Gloria Kastle. Ronnie morava em cima de uma fábrica de biscoitos da sorte na Broome com a Wooster. Quando viramos na rua dele, vi a Dama Branca logo à frente. A Dama Branca nem sempre estava de branco, só de vez em quando, e sempre à noite. Uma peruca branca. Maquiagem branca. Luvas de algodão brancas. Havia pouca iluminação na Broome, mas ela se destacava.

— Ela é um facho de luz — disse Ronnie depois de passarmos por ela.

Uma vez, Giddle e eu a seguimos para dentro de um mercado. Ela comprou leite, pão branco, uma lata de canjica e dois vidros de maionese. Só produtos brancos. Giddle se inclinou para a frente enquanto nós ficamos esperando atrás dela.

— Ai, meu Deus. Adivinha que perfume ela está usando? — cochichou Giddle para mim. Era White Shoulders.

— A mostra vai se chamar *Space* — disse Ronnie enquanto abria a porta do seu ateliê para nos mostrar seu novo trabalho. Ele tinha fotografado o interior do seu forno manchado de preto e branco, ampliado as fotos e intitulado cada uma de “Via Láctea (detalhe)”. Realmente pareciam fotos do espaço, mas sabendo que eram do forno dele, o fundo manchado e os borrões de luz me fizeram pensar em Sylvia Plath mais do que no Universo. Sandro adorava os poemas dela, o que me sensibilizava, porque gostar de Sylvia Plath era uma coisa muito feminina.

— O que é isso?

Sandro estava olhando a foto de uma mulher que encarava a câmara intensamente, jovem e loura, e ficou claro que ela estava encantada com o fotógrafo.

— Isso não faz parte da minha exposição.

— É só uma coisa para você olhar — disse Sandro.

— Alguma coisa para eu olhar. Um rostinho bonito, como eles dizem.

Afastei-me da imagem. Ele fugiria das garras dessa garota, é claro. A maneira como ele tratava suas amantes me incomodava, embora não soubesse dizer se era por solidariedade com as garotas ou pela lembrança de ter sido uma das descartadas.

— Estou guardando para uso futuro — disse Ronnie —, um plano de reserva. Ela está reservada para mim, e eu pago em pequenas parcelas. Na verdade, deveria encontrar com ela esta noite.

— Você não vai ao jantar? — perguntou Sandro.

— Vou, sim. Encontro com ela depois.

— Depois do jantar — completou Sandro.

— Faz alguma diferença? Vou encontrar com ela mais tarde. Quando tiver encerrado as outras etapas da minha noite.

Foi para o lado de Sandro e olhou a foto, inclinando a cabeça no mesmo ângulo que a de Sandro, como se o ponto de vista dele pudesse proporcionar a Ronnie uma visão alternativa ou aprofundada.

— Não sei, não — disse Ronnie. — Pode ser amor de verdade. Estou começando a achar que é. Porque estou usando todas as manobras para reprimir as coisas que não gosto nela.

Sandro deu risada.

— Se fosse amor, Ronnie, você não perceberia que está fazendo isso — comentou, puxando-me para mais perto.

— Sempre percebo — retrucou Ronnie. — É por isso que nunca funciona.

Tentei não olhar para a foto da garota, que nos encarava, com a intenção de olhar para Ronnie, esperando sua piedade. A mão cálida de Sandro estava no meu ombro. Como eu tinha sorte, e mesmo assim não queria ver o rosto jovem e esperançoso da garota de reserva.

Ronnie era com suas mulheres mais ou menos como era com suas roupas. Essa era a teoria de Sandro. Quando Ronnie fez sua primeira exposição na galeria de Helen Hellenberger, Sandro deduziu que Ronnie deixaria seu emprego no Met. Sandro já tinha saído muito tempo antes. É claro que ele não precisava do salário insignificante como Ronnie. Sandro ficou todo aquele tempo lá por causa do amigo. Para participarem de um estudo juntos. Guardas-

noturnos descobrindo os fluxos da história da arte e o que eles mesmos iriam fazer. Ronnie manteve o emprego e gastou a quantia que Helen lhe deu em grandes explosões de dinheiro líquido. Contratou um táxi Checker pagando adiantado. Pagou por um ano de jantares de filé no Rudy's. Um ano de aluguel do seu ateliê, porque dizia que não dava para saber quando deixaria de ser um babaca de sucesso para se tornar um sem-teto. Foi até a Canal Street no seu táxi particular e comprou cem calças Levi's 501 pré-lavadas. Quinhentas camisetas brancas. Quinhentas cuecas e pares de meia e disse que nunca mais lavaria roupa.

Quando ouvi essa história pela primeira vez, vi Ronnie fazendo uma bola com sua camiseta Marsden Hartley feita em casa e jogando-a no canto da minha quitinete na Mulberry. Mas agora eu estava comprometida com Sandro. Nós éramos um projeto, um vir a ser, um conjunto de planos. Ele estava envolvido no que eu iria ser. Mas isso não apagou a atração que senti por Ronnie naquela longa noite em que não fiquei sabendo o seu nome. Agora eu podia ver a teatralidade daquilo, o gesto de enrolar a camiseta como se nunca mais fosse pegá-la de volta. Mas é claro que ele a pegou, e com tanta discrição que saiu de fininho enquanto eu dormia, sem nem mesmo se despedir.

Era um comportamento em série, disse Sandro, as roupas e também as garotas. Avançar num padrão de quase mesmice. Mas para mim parecia mais uma fuga. O próprio Sandro tinha exatamente duas calças jeans. Tudo era reduzido a ordem e simplicidade. Um par de botas. Um belo paletó. Um conjunto de materiais (alumínio e acrílico). Uma namorada.

A imagem que Ronnie mostrou em seguida foi refotografada da capa da revista *Time*, uma mulher sentada à mesa da sua cozinha, puxando a cintura da calça elástica para mostrar o quadril, revelando os contornos de um grande hematoma, como se uma nuvem atravessasse o teto da cozinha, escurecendo uma área do seu corpo com sua sombra.

— Meteorito — disse Ronnie. — O único ser humano a ter sido atingido por um.

A expressão da mulher era de um devaneio tranquilo, até satisfeito. Como se houvesse alguma lógica secreta no que acontecera, no fato de ela ter sido escolhida para esse destino incomum. A *Time* tinha fotografado a mulher onde o meteorito a tinha atingido, sentada na mesa da cozinha. Acima dela havia um buraco aberto mais ou menos do tamanho de um fogão, uma faixa de luz do sol penetrando feito um soco com a mão de Deus.

Sandro disse alguma coisa sobre a importância do material. E Ronnie replicou, fazendo um comentário sobre casas térreas, que na verdade era *disso* que se tratava o incidente. Logo depois os dois estavam falando sobre o significado de uma revista se chamar *Time*. O peso latente daquilo. O infinito parcelado nos integrais de humanos, nos integrais da morte. Esses eventos aleatórios, segundo Ronnie, eram a palha que estofava o colchão do tempo. Parei de ouvir a conversa. Fiquei pensando na mulher e em como aquilo tinha acontecido. Era de manhã, e o marido, talvez um empreiteiro, um homem de capacete e luvas de trabalho de camurça grandes e cor de mostarda, tinha saído. Ela estava de roupão, arrumando os filhos para a escola, em pé na porta de casa, observando-os subirem os degraus do ônibus escolar do interior, acenando quando o veículo se afastou soltando uma nuvem de diesel negro. Depois veio o alívio. As horas eram dela. Para quê? Fumar uns cigarros na mesa da cozinha, talvez com uma vizinha que viesse visitá-la. Em vez de arrumar as camas ou lavar uma pilha de roupas, em vez de temperar alguma carne ou pelo menos limpar migalhas de comida e outros detritos dentre as almofadas do sofá, ela e a vizinha sentam-se para tomar um café. Às vezes uma conta alguma história sobre o que o marido dissera na noite anterior, ou tinha deixado de dizer, e a outra escuta. Às vezes ficam apenas sentadas. Outras vezes uma liga o rádio, e elas ouvem música, ou as notícias, mas não se importam com as notícias em si, só querem que o rádio esteja emitindo um som estável, cujas especificidades elas não precisam acompanhar para entender o que o aparelho está realmente dizendo: a vida está sendo vivida. Não é preciso fazer parte dela desde que se saiba que a vida está fluindo. Assim são seus dias, da mulher e da vizinha/confidente. O trabalho de uma dona de casa é um pouco

vago e é fácil simplesmente não cumprir nada da longa lista de tarefas semiurgentes. A mulher sente que o tempo é mais puramente seu se ela o esbanjar e o mantiver vazio, retido, sentir que está passando, e resistir a preenchê-lo com qualquer coisa que possa criar uma brecha de utilidade nesse vazio aberto e arejado. Melhor ficar fumando de roupão, conversar ou não com a vizinha, ligar a televisão, que, sem som, é como um aquário de peixes tropicais ou uma lareira acesa: um retângulo de cores se movimentando trazendo vida para dentro de casa. E, com a vida garantida lá dentro, ela está livre para se sentar e ficar olhando um telefone tocar, perfeitamente imóvel. Livre para cochilar no sofá, porque é cansativo não fazer nada. Às cinco, ainda um pouco exausta, ela joga cebolas numa panela de água quente, para enganar o marido.

— Que cheiro bom — elogia ele, tirando o capacete.

Num desses dias banais ela está com a vizinha na mesa do café e *blam!* Uma mensagem pesada chega de cima. Pesada e densa. Cai do teto e atinge sua coxa antes do chão, um pedaço de metal lascado e deformado.

— Não — diz ela, quando a vizinha vai tocar o objeto. Tem a sensação de que pode estar *quente*. De alguma forma, ela sabe que deve ter vindo do espaço. É melhor ligar e chamar alguém para vir aqui. Algum... meteorologista.

E quais eram as probabilidades?

Praticamente nenhuma. A probabilidade era quase zero, mas ainda assim aconteceu. Com ela. Uma das características das notícias é que elas nunca atingiam você. Era possível desligar o rádio no meio de um alerta de emergência e saber que o fugitivo não estaria escondido no seu quintal, não estaria espiando você tomar banho. As notícias nunca alcançavam ninguém de forma real. O meteorito, sim, mas o locutor do rádio nunca teria previsto aquilo. Toda a improbabilidade do mundo naquela coisa que caíra do espaço profundo e desconhecido, e a prova que deixou nela: um tremendo hematoma (se ao menos tivesse durado!). A pessoa com quem algo tão improvável aconteceu tem o direito de pensar que não foi um acidente, que um meteoro caiu do espaço na atmosfera da Terra e

não parou de cair até atravessar o teto dela e atingi-la, e você pode dizer que foi um acidente, mas ela não precisa comentar isso.

A vizinha volta na manhã da sessão de fotos da *Time*, toda maquiada, ansiosa para falar com os repórteres.

— Desculpe — diz a mulher —, mas isso é sobre mim — E fecha a porta na cara da amiga.

II.

As pessoas ainda estavam zanzando com copos suados nas mãos quando chegamos à casa de Stanley e Gloria Kastle. Zanzando e falando em voz baixa acima dos tons melancólicos e refinados das *Gnossiennes* de Erik Satie, que eram a trilha sonora das vidas do tipo de gente que ia jantar na casa dos Kastle. Se não da vida que viviam, da que imaginavam para si mesmos e que queriam ter como inspiração. Gloria, com um lenço em volta da cabeça, os óculos de armação preta em forma de algemas e vestindo uma túnica longa, aproximou-se de mim com um abraço. Muitas mulheres sentiam medo dela, assim como eu sentira, mas estava ficando menos medrosa. Achava que ela estava começando a entender que eu fazia parte da vida de Sandro e que não havia escolha senão me aceitar.

Velas votivas bruxuleavam atrás dela, conferindo ao loft o clima de uma câmara estranha e mágica. Em cada superfície havia pequenas flores delicadas — algas, vi ao inspecionar mais de perto, trevos e dentes-de-leão, com raminhos de árvore-do-céu — em pequenos vasos transparentes, que contrastavam com o piso de tábuas largas e antigas, o teto alto deixando a estrutura à mostra. O loft pertencera ao pintor Mark Rothko, e saber disso conferia ao lugar uma aura iluminada e desesperadora. Era quase melhor do que ir ao Met ver os quadros de Rothko. Era uma imagem residual daquilo: tons tristes das *Gnossiennes*, Gloria com o lenço na cabeça, parecendo feroz e felina, o misterioso martírio de Stanley, por que ou por quem eu nunca entendi.

Em longas mesas de metal soldadas por Stanley, havia várias coleções de objetos semi-industriais: lâmpadas do início do século XX, antigos telefones de baquelita, uma máquina de escrever Olivetti dada a Stanley por Sandro, que conhecia a família, e um revólver de

brinquedo, que também foi presente de Sandro, mas numa espécie de piada. Era uma réplica de um revólver Colt do começo do século XIX reconstruído pela Valera Company para produções de *spaghetti Western*. Stanley morria de medo daquilo e tinha posto em exposição, com suas complicadas peças e caixas de munição, esperando que Sandro levasse o revólver de mentira para casa quando fosse embora naquela noite.

— Esse é Burdmoore Model — disse Gloria, levando-me até um homem de ombros curvados com um blazer que parecia amassado por ter sido usado como travesseiro na noite anterior. — Vocês vão sentar juntos no jantar. — Uma barba ruiva escorria pelo seu queixo feito uma erosão na encosta de uma montanha. Ele era baixo e tinha uma pança, mas mesmo assim apresentava uma brusca virilidade. Anuiu para mim com olhos tristes e brilhantes, colocando uma mecha de cabelo pegajoso atrás da orelha.

— Modelle — corrigiu ele. — A tônica é na segunda sílaba.

Mas depois de conhecê-lo naquela noite, nunca ouvi ninguém pronunciar o nome dele daquele jeito, todos diziam “Model”. Gloria me apresentou como “uma corredora de motocicleta”, o que me fez corar de vergonha, não só porque não era verdade como porque isso me fez sentir jovem e pouco séria comparada à atmosfera Satie e Rothko do local.

— Bom, tudo bem — disse Burdmoore, aquiescendo. — Muito legal.

Tomou um gole de vinho e acidentalmente pousou o copo com força demais. O vinho tinto saltou para fora, manchando sua mão e a manga.

Ronnie veio cumprimentar Burdmoore — eles pareciam se conhecer — e me afastei para ajudar Gloria. Apesar de suas alegações feministas e da aparência esclarecida, da túnica e das pesadas joias africanas, sempre senti que Gloria esperava que as convidadas mulheres a ajudassem na cozinha. Mas ela tinha encomendado o jantar em um dos restaurantes indianos da Sixth Street, portanto não havia muito a ser feito. Enquanto eu e ela passávamos o frango tandoori e vários molhos e acompanhamentos

das embalagens de papel para as travessas de cerâmica, ela me disse que Burdmoore era um Filho Da Puta.

— Ele parece simpático — falei.

— Estou falando *dos* Filhos Da Puta — explicou ela. — Eram uma gangue de rua política. Final dos anos 1960. Saíam por aí fingindo assassinar pessoas com armas de brinquedo. Acho que eles “mataram” Didier de Louridier, que vem hoje. Isso deve ser interessante. No final eles deixaram as armas de brinquedo de lado e esfaquearam um senhorio. Era tudo muito melodramático e nós nem teríamos ficado sabendo disso não fosse o pai, Jack Model, que era amigo de Stanley, um zelador que trabalhava no departamento de arte da Cooper Union quando Stanley dava aulas lá. Os dois ficaram bem próximos. Stanley odiava acadêmicos e dizia que Model era a única pessoa com quem podia se relacionar na Cooper, esse sujeito de colarinho azul que veio de Staten Island e vivia bebendo vodca e fumando. A fase mais sombria de Burdmoore não foi essa história de “Filho Da Puta”, mas quando ele desistiu de ser um durão anarquista e começou a fazer esculturas com papel machê. Burdmoore enfiou na cabeça, depois da fase de esfaqueamento do senhorio, que a arte o colocaria em contato com alguma... *coisa*, alguma espécie de emanção. Ele não tinha residência fixa — poderia ser até um foragido, até onde sabíamos. Stanley deixou que ele guardasse seus equipamentos de arte e um saco de dormir aqui, deu-lhe um pequeno espaço para trabalhar, e tentamos tolerar essa fase, essa bobagem de arte transcendente. Ele trabalhava furiosamente em uns desenhos de construções muito feios, e nos fazia ouvir suas arengas confusas sobre o corpo feminino e a Mãe Terra. Traçando as formas grosseiras e falando sobre a arte movendo-se pela coxa da Mãe Terra. A arte “abrindo o lábio” da vida e seguindo em frente. Era realmente uma regressão para alguém cujo pai empurrava um esfregão, trabalhava como um animal na esperança de seu filho conseguir concluir o ensino médio, talvez entrar para a polícia. Em vez disso, ele era um marginal e não pensava coisas boas sobre arte.

Gloria tinha um jeito de insistir em que eu seguisse seus comentários, que concordasse com eles, enquanto ela falava. Fiquei

concordando com a cabeça enquanto ela discorria sobre como a arte ruim não podia se salvar nem podia *ser* salva, enquanto enchia terrinas de molhos com uma colher, todos da mesma cor ocre alaranjada. Helen Hellenberger, que tinha acabado de chegar, enfiou a cabeça pela porta da cozinha e mandou um beijo a Gloria pelo ar. Helen olhou ao redor da cozinha, passando por mim como se eu fosse uma assistente de Gloria, alguém contratada para ajudar naquela noite, e saiu do recinto, para conversar com os homens.

Enquanto Gloria continuava falando sobre Burdmoore e arte ruim, eu assentia e esperava estar do lado da boa arte. Não estava trabalhando com papel machê, obviamente. Ou declarações sobre lábios se abrindo. E eu estava segura, de outra forma essencial: eu ainda não tinha me exposto. Podia postergar até ter certeza de que o que eu estava fazendo era bom. Até saber que estava fazendo a coisa certa. O próximo passo seria o tal do projeto Valera. Era metade arte e metade vida, e a partir dali, eu sentia que algo surgiria.

Gloria continuava falando, algo sobre como atirar nas pessoas era em certo sentido *mais* seguro do que fazer arte, em termos de evitar lapsos graves de bom gosto. Dizia que as ações dos Filhos Da Puta eram interessantes, no contexto dos patéticos hippies daquela época. Os Filhos da Puta se resumiam a raiva, drogas e sexo, e que alívio isso era, disse Gloria, comparado com a tirania dos hippies de amar todo mundo.

Quando todos nos sentamos à mesa, Sandro veio até mim para me dar um beijo, disse oi, pois estava na outra ponta, perto de Didier de Louridier, vítima dos Filhos da Puta. Não me incomodava de estar sentada tão longe dele, embora Sandro às vezes falasse depois com quem quer que estivesse ao meu lado. “Fulano disse que você estava muito quieta.” Como se eu tivesse alguma espécie de dever — com Sandro — que exigia que eu fosse mais assertiva, para entreter seus amigos. Fulano não parava de falar, eu explicava, e ele ria. Todos falavam sem parar. Quer dizer, se você não interrompesse. Eles estavam acostumados a ser interrompidos. Quem tivesse mais fome de falar falava. Eu não tinha essa fome. Eu tinha fome de ouvir. Sandro dizia que eu era a gatinha de olhos verdes dele naquelas

festas. Uma gata estudando ratos, explicou ele, e falei que me sentia mais uma gata no meio de cães, meio aterrorizada.

— Você não devia se sentir assim — disse ele. — Sempre tem alguma coisa interessante para dizer, mas se retrai. A única pessoa que conhece você além de mim é o Ronnie.

O que ele disse provocou em mim uma onda curiosa. Eu queria acreditar que era verdade que Ronnie me conhecia.

Estávamos numa grande mesa de piquenique para ser usada ao ar livre com antigas mensagens lavradas à faca no tampo. “Kilroy esteve aqui”, “Me come” e “Foda” e “fod”. A superfície tinha sido envernizada de preto brilhante. Os Kastle tinham comprado a mesa da P.S. 130 em Chinatown que, Gloria anunciou de forma meio triunfante, estava vendendo tudo menos os alarmes de incêndio para tentar evitar ter que fechar as portas.

Burdmoore virou-se para mim.

— Foi com ele que você veio para cá? — perguntou, gesticulando na direção de Sandro.

Confirmei.

— Quantos anos você tem, dezoito?

— Não — respondi, dando risada. — Vinte e três.

Ficou olhando para Sandro e estava prestes a dizer mais alguma coisa quando Gloria começou a falar sobre a compra da mesa, como tinham encontrado alguém para lixar e envernizar o móvel, e como tinha sido transportada pelo poço do elevador, na vertical, com cordas e polias. Burdmoore se concentrou no frango tandoori e no problema do molho na sua barba.

— Chega de falar dessa porra de mesa — disse Stanley.

Ele e Gloria se acertaram em voz baixa. Enquanto discutiam, Gloria se levantou e foi até o aparador. Então tive um pensamento terrível de que ela ia pegar o revólver de brinquedo de Sandro e apontar para Stanley. Mas ela foi buscar uma toalhinha e uma tigela com água para Burdmoore limpar a barba.

Sandro ergueu sua taça e disse que queria fazer um brinde. Olhou para mim afetuosamente do outro lado da mesa, o sorriso pontuado por covinhas, e pensei que talvez ele fosse fazer um brinde a mim, à minha corrida nas planícies salgadas.

— A Helen — falou —, e ao futuro, ao nosso futuro. Desejamos que seja um longo futuro.

Enquanto eu brindava a Helen, entendi que seu elegante ar de grega, como a atitude severa de Gloria, não eram uma agressão a mim. O mais importante era ter paciência. Não fazer inimigos. Até tentaria fazer amizade com Helen, pensei.

A conversa na mesa de jantar tinha acalmado, e as pessoas se dividiram em pequenos grupos. Burdmoore e eu nos olhamos meio sem jeito. Toda vez que eu achava que íamos conversar, ele sorria de forma vaga ou distraída, anuíva entusiasmado e não dizia nada. Ouvi Ronnie falar a alguém que quando a gente não sabia ao certo onde estava o foco da câmera na imagem para a qual se estava olhando, como regra geral podia-se supor que estava na virilha. Um homem chamado John Dogg conversava com Helen sobre sua arte, empolgado demais para disfarçar sua vontade de vender. Apenas certas formas de pressão funcionavam no mundo da arte. Não a forma direta e insistente, que era o método que John Dogg estava usando.

— Malevich fez os quadros brancos — contava ele em voz alta. — E depois tivemos Robert Ryman. Ryman também os fez, mas de maneira mais acadêmica e provisional que Malevich, a religião subtraída do factual. Pequenas telas brancas como ataduras em cima de nada. Branco no branco. Agora, o que eu faço são *filmes* brancos. Só luz. Luz pura, e o mais fascinante é...

Ele não parecia notar que a expressão de Helen estava ausente, como se tivesse sido chamada em outro lugar e deixado uma máscara impassível onde estava, para refletir aquela autopromoção. John Dogg continuou insistindo, esperando recuperar a atenção dela. Não ia funcionar. Mas admirei o quanto ele estava convencido de que seu trabalho era bom, bom o bastante para mostrar a ela, e ele simplesmente precisava fazer com que ela o visse. Como se essa fosse a maior dificuldade, não o problema de fazer arte, o problema de acreditar nela.

— Eles fizeram as telas brancas. Eu faço os filmes brancos. Tenho sido bem protetor com relação às condições de exposição, mas estou chegando à conclusão de que devo tornar meu trabalho mais

acessível. Na verdade, estou disposto a mostrar a você. Estou tremendamente ocupado, mas posso arranjar algum tempo. Posso levar os rolos até a galeria. Não tem projetor? Bem, eu poderia levar um projetor. Ah, entendi. Ou talvez na sua casa, então. Não me oponho à ideia de visitar sua casa. Por que não marcamos para amanhã?

— Eu costumava pintar — disse Stanley para ninguém em particular. — Mas tive que parar. Perdi o contato com meus quadros.

— Embora seja verdade que há uma noção tão forte por trás dos trabalhos — continuou John Dogg, procurando algum sinal no rosto inexpressivo de Helen —, que é possível entender a ideia sem necessariamente ver os filmes. O principal a ser entendido é que eu lido na luz. Quero dizer, eu trato *com* luz. É uma forma de retratar a luz... luz que é uma imagem iluminada de alguma outra luz original. Assim como a felicidade é ao mesmo tempo uma experiência e uma imagem residual de outra coisa. E a felicidade original...

— Tentei manter as coisas fluindo — dizia Stanley. — Manter alguma relação com a pintura, com a mão, desenhando. Tentei desenhar imagens, mas só conseguia desenhar peitos. Usei todo meu papel de desenho e uma caixa inteira de Lumigraphs e todo dia era a mesma coisa. Peitos. Só peitos.

Didier estava conversando com Sandro, e enquanto falava, comia e fumava ao mesmo tempo, baforando o cigarro e levando-o aos lábios enquanto passava manteiga no pão, com um maço azul de Gauloises ao lado, cinzas voando e se misturando ao arroz com carne e curry.

— Foi melhor você ter parado — observou Gloria a Stanley.

— Mas às vezes sinto vontade de chorar.

— Meus filmes não são sobre juntar as pessoas — dizia John Dogg a Helen. — São sobre dividir as pessoas em contra e a favor.

Virei para Burdmoore. Falei que Gloria tinha contado que ele esteve envolvido em um movimento que parecia interessante.

Ele olhou para Gloria e disse que talvez ela fosse rir daquilo, mas que era verdade. Ele tinha sido um Filho Da Puta. Sem maiúsculas também, segundo sua ex-mulher.

Tentei assegurá-lo de que Gloria não tinha falado nada insultante, mas ele descartou minhas palavras, como se dissesse para não se preocupar, sem ressentimentos.

— Nós ocupamos o Lower East Side — disse ele. — Agora o lugar está morto. Se soubesse como era na época. Mas você é jovem demais.

— O Lower East Side é cheio de gente — falei. — Tem um bocado de coisa acontecendo lá.

Ele sorriu para mim como se eu fosse ingênua de uma forma comovente.

— Estou falando de insurreição — explicou ele. — Não tem merda nenhuma acontecendo a esse respeito. Era um conflito armado, e os policiais — ele pronunciou “policiais” com um sotaque ríspido e grave de Nova York, como se estivesse decapitando a palavra com o corte da voz — vieram com tanques, jogos sujos, informantes, heroína.

— É mesmo? — questionei.

— É, sim — confirmou ele, e tinha gente que suspeitava de que os agentes antinarcóticos tinham inserido de forma intencional doenças sexualmente transmissíveis. — Todos nós tínhamos gonorreia. Isso nos deu uma má reputação. Ainda que nós quiséssemos ter uma má reputação.

Burdmoore disse que eles lutaram com a polícia. Expulsaram os traficantes. Deram comida para o pessoal da vizinhança. E viviam uma vida que parecia livre, “em comparação ao Estado policial em que vivemos”, falou com seu sotaque grave, do qual eu estava começando a gostar. Ele parecia mais durão, mais malandro do que os convidados habituais dos Kastle.

— De certa forma vale a pena explicar isso — continuou ele. — Quero dizer, para alguém que não esteve lá. Ela contou que nós carregávamos as nossas armas debaixo do balcão do Gem Spa? — Apontou o queixo para Gloria. — Levávamos umas bandeiras pretas. Tínhamos canivetes automáticos e armas escondidas aqui e ali. Nada de coldres de ombro... era tipo uma regra não escrita. Coldres de ombro não são legais. Nada de coldres na cintura também. Isso é para fanáticos da NRA, esse estilo. Todos usávamos o mesmo tipo de botas de caubói peruanas feitas à mão. Tinha um cara que as

vendia baratinho na Saint Mark's, e você guardava a arma no cano da bota. Lindas de morrer. Gostaria de ainda ter um par delas.

— Por que vocês se chamavam de Filhos Da Puta?

— Porque detestávamos mulheres — respondeu ele. — Você acha que estou brincando. As mulheres não tinham vez no movimento, a não ser que estivessem dispostas a cozinhar para nós, limpar o chão ou tirar a roupa. Tem gente que tentou renovar nossas ideias, dizer que não éramos chauvinistas. Não acredite nisso. Nós tínhamos questões sérias a resolver. Mas também éramos idealistas. Víamos um futuro com gente cantando, dançando, fazendo amor e se masturbando na rua. Sem vergonha. Nada a esconder. Todo mundo dormindo numa mesma cama grande: homens, mulheres, filhas, cachorros.

— E quem quer fazer *isso*? — perguntou Sandro mais tarde, quando falei que o detalhe de homens se masturbando me pareceu particularmente triste.

Mas ele disse que respeitava Burdmoore. Que os Filhos Da Puta foram um acontecimento formidável. Disse que a primeira vez em que encontrou Burdmoore, ele não sabia nada dessa história. Ele lembrava que o zelador Stanley enchia a cara com um sujeito velho e robusto de Staten Island, cujo filho de excêntrica cabeleira ruiva também era um projeto igualmente improvável a ser escolhido por Stanley, um aproveitador desgarrado. Burdmoore tinha atendido a porta do Kastle de meias, usando uma jaqueta de equipe barata do tipo que você joga fora depois de comprar muitos maços de cigarros. Sandro disse que os Kastle o deixaram tomar seus melhores uísques e andar de roupão pelo apartamento. Mas que tinha trazido uma certa vida à casa deles e que os Kastle talvez tivessem se matado sem a distração de um fugitivo da lei.

Uma onda de risadas tomou a mesa. Ronnie estava contando o episódio da viagem a Port Arthur. Stanley disse que Ronnie tinha matado os coelhos de Saul Oppler de forma injusta, mas o galo parecia querer morrer, então nesse caso ele não tinha se saído tão mal.

— O máximo que você pode esperar — disse Stanley — é que alguém tenha a coragem e o know-how de matar você com um

pedaço de pau.

— Que espécie de know-how é preciso para isso? — perguntou Didier.

Isso fez Stanley dar risada. Ele riu tanto que precisou enxugar lágrimas dos olhos, e de repente estava chorando de verdade, a cabeça entre as mãos, a mesa em silêncio, o corpo dele tremendo enquanto soluçava.

— Fala sério, Stanley — disse Gloria. — Você desvaloriza as lágrimas quando faz isso. De verdade.

Ela correu os olhos pela mesa, talvez em busca de consolo. *Estão vendo a bobeira sentimental que eu tenho que aguentar?* Mas, ao mesmo tempo, poderia estar dizendo: *É melhor vocês não acharem isso engraçado.* Com aqueles dois era assim. Tudo muito grave e dramático, e a gente não sabia se era uma piada ou se era verdade. Sandro dizia que a melancolia deles era quase matemática, um fim de jogo criado por Stanley. Tudo que Stanley precisava fazer, àquela altura, para manter viva sua carreira artística, mandar fazer tubos de neon de diversas cores de um fabricante, e seus assistentes organizavam os tubos de acordo com um algoritmo que ele tinha inventado muito tempo atrás, como que para se eximir da produção de sua própria arte. Ele era rico e muito respeitado, mas tinha forçado a própria obsolescência. A arte se fazia sozinha. Sandro disse que o trabalho de Stanley o tinha tornado obsoleto da mesma forma que a era pós-industrial estava agora usurpando o lugar dos trabalhadores, e que essa verdade fazia a arte ser mais poderosa.

Os Kastle tinham passado o verão em East Hampton, embora Stanley aparentemente nem tivesse chegado a colocar os pés na praia. Dormia o dia todo e passava as noites bebendo e recitando monólogos num gravador cassete.

Ronnie perguntou se podia ouvir algumas gravações de Stanley. Comemos em silêncio, ouvindo a voz dele.

— Sem roupas, a nudez perde o contexto — declarou ele enquanto a fita avançava, um grande rolo seguindo outro.

— Mas ainda assim, dar um contexto parcial ao corpo... um cinto ao redor da cintura de uma mulher nua, uma gravata-borboleta num homem nu... sabem o que quero dizer. Acessórios eliminam a

dignidade da nudez. Barateiam. Conheço um homem, um marido cuja esposa gostava dos calendários da *Playgirl*. Todo ano ela comprava um calendário e o afixava numa área do apartamento que ela e o homem compartilhavam. Cada mês apresentava um tema diferente. Um médico, nu, com um estetoscópio e um avental de laboratório. Um lenhador de botas Red Wing e capacete com o pingulim enorme pendurado entre as coxas. A mulher sempre tomava o cuidado de virar a página do calendário quando mudava o mês, como se a imagem anterior não tivesse sido uma imposição suficiente ao pobre marido com quem ela vivia, que já sofria bastante, por causas desconhecidas. Um dia o marido decidiu que chegara ao limite. Pegou o calendário e recortou todos os genitais com uma tesoura. Pendurou-o de volta na parede, preocupando-se em deixá-lo na página do mês atual, com o genital do modelo, antes saudável e em destaque, agora uma ausência recortada, uma visão da parede atrás, como se o modelo nu tivesse se esquecido de incluir o pinto e as bolas, ou os tivesse perdido em algum lugar, ou tivessem sido arrancados dele por conta de um acordo esquisito em que os tivesse apostado ou negociado e tivesse de sofrer as consequências posando sem toda a região da virilha. A mulher não falou nada, mas pelo jeito como reagiu, como se não faltasse nada, o marido soube que a tinha incomodado. Isso o deixou feliz por um tempo. Mas não era o bastante, ele descobriu. Os calendários eram apenas uma pedra de toque para as infindáveis fantasias que sem dúvida rondavam a cabeça da esposa, e ele não podia chegar lá com tesouras para remover aqueles pensamentos, então cortou o cabo do massagista pessoal da mulher, era assim que ela chamava, mas nós podemos dizer vibrador. Vibrador. Mas estou me afastando da questão original da nudez parcial, que é o que quero discutir. Não sou o primeiro a questionar essa natural falta de gosto. Diderot disse algo sobre as consequências de vestir as meias da Vênus de Milo. O que me leva a outra questão relacionada: a falta de membros, uma parte tão óbvia do seu apelo. Seria impensável e *kitsch* colocar braços na Vênus de Milo. A falta de membros é um atributo *positivo*, não uma ausência. É mesmo um tanto estranho, enquanto conceito. Uma vez conheci um homem que fazia um jogo sexual com a esposa

no qual ela fingia ser amputada. Amarrava a batata da perna atrás da coxa, com a ajuda dele, e saía andando de muletas com uma saia na altura do joelho, saltitando com a perna boa, e as pessoas achavam que ela tinha perdido a outra perna num acidente terrível, por alguma doença ou algo assim. Os dois tiravam esses “fins de semana eróticos” em cidades onde ninguém os conhecia. Escolhiam um lugar no mapa e chegavam com seus respectivos papéis, uma estoica amputada aparecendo de muletas na recepção do hotel com a ajuda de seu apaixonado cuidador. Iam verificar o quarto e depois desciam para o restaurante, onde eram alvo de olhares de condolência tímida da recepcionista, dos garçons e dos outros clientes. Faziam o pedido como se fosse alguma data importante, um aniversário de casamento, digamos, nesses estabelecimentos rústicos de ocasiões especiais onde o garçom chega na mesa com um moedor de pimenta de um metro e meio de altura. Vocês sabem do que estou falando. Com mobiliário pesado, desproporcional e feio do período colonial americano, muito claro ou muito escuro, lugares onde o vinho é uma espécie de suco de uva servido num cântaro por gente do interior treinada para elogiar sua escolha. Excelente escolha, senhor. Enquanto comiam suas costelas, tomavam seu vinho de Borgonha e assimilavam o ambiente nojento, o marido secretamente cutucava o cotoco da mulher por baixo da mesa, o cotoco falso, o cotoco de brinquedo. Com os dois ou até três cântaros de vinho fazendo efeito, acabando com as inibições, eles voltavam para o hotel. O homem, agora bêbado, mais do que pronto para passar ao assunto sério, continuava sempre paciente e solícito com sua esposa deficiente, ajudando-a a andar até o quarto, levando-a porta adentro como uma noivinha sendo conduzida ao novo lar de frescor e antecipação, com a leveza do corpo da esposa nos braços do homem que de alguma forma tinha o mesmo peso que sua leve complacência. Colocava a mulher na cama com delicadeza. Começava a despi-la lentamente, com pausas significativas e bastante cuidado. Contato visual, a respiração profunda e regular. Atenção extra ao cotoco do joelho, à superfície, redonda com áreas mais rasas, como uma pedra muito lisa, o joelho. E depois tocando a cama fria abaixo do joelho, aquele vazio. Uma emoção complicada,

que eu mesmo só consigo imaginar. “Não é para leigos”, era o que o homem dizia sobre o jogo dos dois, um nível avançado de fantasia e provocação. A ideia da perna que faltava nela era um espaço compartilhado entre os dois; praticamente uma religião, e eles não queriam ter que desistir dela. Ao fim desses finais de semana pervertidos, quando, ao voltar para casa, ela expunha a perna escondida, desatando-a de forma que seu “cotoco” voltava a ser um joelho normal e saudável, a visão daquilo era extremamente dolorosa para os dois. A perna verdadeira contradizia tudo. Transformava em nada as lembranças de seus passeios românticos. Com ambas as pernas saudáveis esticadas, a mulher soluçava incontrolável durante todo o caminho de volta. Isso perturbava o marido, como podem imaginar. E ele tinha seus próprios interesses em tentar arranjar uma solução para o problema dos dois. Então começaram a pesquisar. Consultaram diversos médicos em várias clínicas. Ninguém se interessou em ajudar o casal. Um ou dois profissionais médicos chegaram a ameaçar chamar a polícia, sugerindo que o homem poderia ser preso. O que é outro tópico para mais um discurso. Mas rapidinho, por que é que o bem comum depende de impedir que esses dois indivíduos semilivres removam algo que pertence a eles, e que os dois concordam em descartar? Que interesse temos pela perna dela que ela própria não tem? Pois devo confessar que estou entre os que preferiam que a perna continuasse ligada a ela, mesmo que isso pareça um abuso de autoridade e uma imposição sobre a satisfação sexual sem vítimas de duas pessoas, como já disse, semilivres. Da última vez em que falei com esse homem (nós acabamos perdendo o contato e vocês vão logo saber o porquê), enfim, da última vez em que ouvi falar dele, ele e a mulher tinham finalmente encontrado um médico em Yucatán que estava disposto a fazer a operação, e parece que lá havia uma comunidade para reabilitação e apoio a esse estilo de vida em geral. Estavam planejando se mudar. O homem me escreveu dizendo: “Nosso sonho logo se tornará realidade.” E aqui chego ao ponto da minha questão. O ponto é que cada um tem um sonho diferente. O ponto é que se trata de um erro grave supor que o seu sonho pode ser de alguma forma partilhado, que é um sonho em comum. Não só não é

partilhado, como não é comum, e não há razão para supor que outras pessoas não considerem tanto você quanto o sonho totalmente revoltante.

Depois de uma pausa, a voz gravada de Stanley começou a cantar para nós da máquina.

*Oh, sonhos se realizam em Quin-ta-na Roo
Onde cortaremos fora o que deixa você triste.
Vamos arrancar isso fora, e você vai se sentir inteira.
Oh, sonhos se realizam
em Quin-ta-na Roo.*

Stanley se levantou e avançou a fita. Sua voz se tornou um matraqueado agudo até ele erguer o dedo e recuperar a velocidade da fala normal.

— A grande coisa é que o mercado está bom para o comprador agora — disse a voz vindo da máquina. — Mas ao mesmo tempo estamos num bom momento para quem quiser vender também, pois o mercado também está bom para a venda agora.

— *Lar*. Nós dizemos “lar”, não “casa”. Nunca se ouve um bom corretor dizer “casa”. Uma casa é um lugar onde pessoas morreram nos colchões. Onde os canos congelam e estouram. Onde cupins caem pela torneira da pia. Onde alguém começa um incêndio ao queimar uma lista telefônica na estufa. Que os bancos pegam de volta. Onde doenças mentais se instalam. Um lar é algo diferente. Não subestime o poder da palavra *lar*. Diga. “Lar”. É como a diferença entre “rebelde” e “bandido”. Um rebelde é um indivíduo charmoso de calças jeans justas da Levi’s, um sorriso irônico e um rosto bonito. O tipo com quem Sal Mineo tem fantasias. Um bandido é peludo e sombrio, um objeto que afundaria até o fundo se fosse jogado num lago. Um lar é mantido. Bem cuidado. Amado. A palavra *lar* tem sabor de molho de carne e, como o molho, tem que permanecer aquecido. Um bom corretor diz “lar”. Nunca “casa”. Sempre “cave”, nunca “porão”. Porão é onde os gatos cagam em velhas roupas de Papai Noel. Onde homens bebem até morrer. Onde crianças descobrem o abuso sexual. Mas cave. Uma cave é onde

você guarda vinho e vegetais com raízes. Cave lembra uma proximidade com a terra que não remete à escuridão ou à podridão, mas sim às quatro estações. Dizemos “outono”, não folhas caindo. Dizemos: “As folhas nesse lugar são simplesmente magníficas no outono.” Dizemos “simplesmente magníficas”, e a propósito, “gramado”, e não “quintal”. É “axila” e não “sovaco”. Você diria “sovaco” a um comprador em potencial? Se disser “quintal” seu comprador imaginará cortadores de grama enferrujados, verrugas plantares. Alguém decepando o polegar e mais alguns dedos com uma serra de mesa. Um barracão onde revistas pornográficas danificadas por estarem molhadas e óleo de motor usado despejado em garrafas sujas coabitam com sugestões traumáticas tão escuras e espessas como o óleo. Não estou falando de *Playboy* ou *Oui*. Coisa mais pesada. Amadora. Fotos mostrando pessoas *casadas* com sua flacidez, hematomas e vacinas contra varíola, fazendo coisas umas com as outras em salas de recreação e barracões como o que armazena aquelas revistas. Casais de meia-idade que se embebedam com tequila e registram as próprias atividades. É preciso tomar cuidado com as palavras. Você pensa na sua comissão, as mãos começam a tremer ao pensar em dinheiro, e enquanto isso seu cliente ouve a palavra “quintal” e se vê cutucando pornografia amadora com o pé, grilo de jerusalém saindo correndo debaixo das revistas. Mais uma vez, é “gramado”. “Gramado” significa grama bem aparada. Lembra censura, bela e atraente. Significa América. E vocês sabem o que quero dizer com América, e a propósito “*cul-de-sac*”. Não “beco sem saída”. Se eu tiver que explicar isso, você nunca vai passar no exame para ganhar sua licença. Dizemos “ceia”. Nunca “jantar”. Ceia é a classe média, semirreligiosa... Cristã... Cristianizada. “Ceia” é uma pequena campainha na porta com uma luz alaranjada brilhando no interior do botão retangular. A campainha está ali para os convidados esperados. Pessoas carregando pratos quentes cobertos por toalhas de algodão xadrez — a toalha, nem preciso dizer, foi lavada com removedor de manchas. O tipo de gente com panos de prato velhos e manchados não vai apertar aquela campainha. Nem alguém que tenha barba. Ninguém que tenha uma reclamação a fazer. Só

peessoas que partilham os valores dos anfitriões. “Obrigado por nos convidar para cear em seu adorável lar.” Diga “ceia”. Diga “lar”. Diga “gramado”. Não tenha medo. Por meio de hábito e repetição, essas palavras vão começar a...

Stanley desligou o gravador.

— De fato, de fato — disse Didier, anuindo para Stanley e apagando uma guimba de cigarro no prato de comida. Pegou outro e o acendeu, soprando a fumaça pela mesa, mas abanando-a com a mão para afastá-la do rosto como se fosse algo desagradável que alguém tivesse posto ali. Continuou anuindo para Stanley, a fumaça subindo numa espiral estreita da ponta do cigarro que segurava. Todos os demais ficaram em silêncio, esperando o comentário de Didier.

Stanley olhou para ele como se estivesse muito longe.

— Por que você parece tão entretido, Didier?

— Porque gostei da sua breve arenga aí, Stanley. E sei aonde está querendo chegar.

— Aonde estou querendo chegar, Didier? Porque eu mesmo não sei ao certo.

— O poder e o vazio das palavras. E ainda assim elas nos governam. São o único horizonte. A linguagem é a casa do ser. O *lar* do ser, me desculpe.

— Não era esse o meu ponto. Eu... hã... não sei qual era o meu ponto, a não ser que homens com mais de cinquenta anos não conseguem parar de falar. É uma doença, uma verdadeira epidemia, e estou tentando me curar com esse projeto de gravações, falando e falando até me cansar, como o método do centro Schick para deixar de fumar. Mas já que você tocou no assunto, Didier, sabe o que eu acho da linguagem? Que é um falso horizonte e que há algo mais, uma coisa muito verdadeira, mas a linguagem está nos afastando dela. E acho que deveríamos torturá-la para que pare de fazer merda e nos conte o que é essa coisa. Deveríamos torturar a linguagem para ela dizer a verdade.

Gloria soltou um longo e dramático suspiro do tipo “outra vez essa conversa”.

Senti Sandro olhando para mim. Eu sempre conseguia sentir. Virei-me para encontrar seu olhar. Sua boca estava levemente retorcida num esgar divertido.

— *Deveríamos torturar a linguagem para ela nos dizer a verdade* — cochichou ele para mim mais tarde naquela noite, ou melhor, foi perto do amanhecer que ele sussurrou aquilo com seu leve sotaque quando eu estava deitada ao lado dele, sentindo seu hálito morno no meu ombro nu, seus braços ao meu redor. *Vamos torturar a linguagem.*

As pessoas começaram a conversar em subseções. Gloria serviu a sobremesa. Didier apoiou o cigarro na beira do prato de biscoitos de amêndoa, misturando cinzas e migalhas de biscoito e insistindo que Freud estava certo ao dizer que a linguagem era o único caminho para o inconsciente. Stanley contestou que a linguagem fora oferecida aos homens para que eles pudessem *esconder* seus pensamentos, e só o que se podia fazer com as palavras era virá-las de lado como móveis durante um bombardeio.

Sandro se levantou para cumprimentar sua prima Talia, uma mulher que eu não conhecia e cuja chegada tardia ele estivera esperando. Gloria a levou para dentro, e Sandro a abraçou.

Logo naquele primeiro momento, quando vi os dois, os olhos escuros dela cintilando para Sandro, soube que Talia Valera tiraria alguma coisa de mim. Burdmoore também ficou observando os dois, e tive a inquietante sensação de que ele pensou a mesma coisa que eu, que sabia a partir de sua longa experiência com encrencas que uma delas tinha chegado, mas especificamente para mim.

Sandro aproximou-se da mesa com a prima Talia. O cabelo dela era curto e displicentemente aparado, como se ela mesmo o tivesse cortado, mas era bonita o bastante para que aquilo não a prejudicasse. Tinha uma voz rouca e sujeira debaixo das unhas. Usava uma regata preta e calça esportiva. O intuito era parecer ao mesmo tempo juvenil e indiferente, mas passava algo mais, talvez um ar refinado, uma espécie de efeito calculado.

Eu deveria ter me levantado para falar com ela, mas fiquei onde estava e me concentrei em Burdmoore, que estava falando de novo sobre o Lower East Side. Dizia que mesmo que eu achasse que

ainda era a mesma coisa, pedregulhos, pessoas atarracadas, pichações, traficantes e artistas, não podia ser mais diferente. Eles haviam *mobilizado* tudo lá. Até os vagabundos, falou, tinham sua estrutura — BPL, Bêbados pela Liberdade — com um armamento obtido por Fah-Q, que era, até onde eu sabia, um membro do grupo do qual Burdmoore não parava de falar. Ele e Fah-Q eram as crianças perdidas, como definia Burdmoore. Estavam *acordados*, explicou, enquanto a maioria dos americanos dormia. E os que estavam acordados eram o pesadelo dos que dormiam.

— Nós éramos o pesadelo deles — afirmou.

— Agora todo mundo diz: *Seja razoável*. Nós nunca apelamos a essa besteira de ser razoável. “Os que fazem de uma revolução pacífica algo impossível tornam inevitável uma revolução violenta”, disse o merdinha do John F. Kennedy. Um palhaço que não fez merda nenhuma, mas estava certo sobre isso. Além do mais, ele tinha uma mulher legal e bonita. Continuo achando que a insurreição urbana é o único jeito, mas não na cidade de Nova York. Não neste momento.

Ainda havia muitas questões importantes a serem resolvidas, explicou, e eu concordei, esperando para ouvir quais eram, mas sem saber do que ele estava falando, resolvidas em que sentido.

— Muita gente acha que a cidade é um vazio decadente — continuou Burdmoore —, desprovido de potencial. Agora está morta, digo, no momento. Mas vai chegar o dia em que as pessoas do Bronx vão acordar, os irmãos e as irmãs no Brooklyn, e eu mal posso esperar.

A prima de Sandro tinha se sentado ao lado de Ronnie e estava perguntando o que ele fazia.

— Você já viu esses cartazes pela cidade, verdes e amarelos com letras vermelhas que dizem Blimpie? — perguntou a ela.

— Não — respondeu a menina, dando risada. — Acho que deixei passar.

— Bem, então não vai significar tanto para você. Mas essa é a minha família... nós fazemos os sanduíches mais saborosos de Nova York. Vocês podem ser os Valera, mas nós... olhe só, nós somos os Blimpie. Na verdade meu nome é Ronnie Blimpie, mas acabei

mudando. Porque nós temos um império do sanduíche e eu não queria ser conhecido para sempre como o sujeito do sanduíche. Posso lhe contar isso porque você não conhece a gente no lugar onde mora, seja lá onde for.

— Londres — disse ela.

— Pois é, nós ainda não chegamos a Londres. Não estamos expandindo no momento. Estamos focando nas filiais. Assim como a Valera não é só pneus, nós temos outros negócios, que na verdade são enormes. Sabe essas sacolas plásticas xadrezes para roupas de lavanderia que são onipresentes em países do Terceiro Mundo, simples sacolas de plástico xadrez que se vê em qualquer cidade de um lado a outro do continente africano, na Ásia e também em toda a América Latina? Sacolas retangulares com zíper? Que os ciganos levam e das quais eles tiram sua renda em países do Primeiro Mundo? Pois é, fazemos todas. Os lucros são muito altos com bens semidescartáveis como esse.

— Você está brincando — disse ela.

— É verdade. Quero dizer, é verdade que estou brincando. Não somos donos da rede Blimpie. E também não fabricamos essas sacolas, mas quem quer que faça isso está ganhando uma bolada. Nós somos Fontaine. Não somos donos de nada. Mas não fui criado como um Fontaine. Na verdade eu estava à deriva.

— Todo mundo é assim quando jovem — comentou ela.

— Não, quero dizer que eu estava mesmo à deriva. Num barco.

Didier de Louridier e Sandro estavam em pé, e Didier examinava as coleções de quinquilharias de Stanley nas mesinhas que se alinhavam na sala. Didier parou diante da arma de imitação.

— Pode pegar — disse Sandro. — Não há nada a temer. Só se você atirar direto no olho de alguém é que pode machucar de verdade.

Didier pegou a arma e olhou pelo cano.

— E os outros da sua gangue ainda estão por aí? — perguntei a Burdmoore

— Há alguns remanescentes — respondeu ele. — Remanescentes e detritos. Fah-Q mora com seu pai aposentado em Miami, que ficou tão paranoico que não consegue fazer nada a não ser fazer vasos.

Está muito envolvido nisso, em cerâmica. Um dos caras virou um ativista contra o fluoreto. Outro é um Anjo da Guarda. Esses caras são completamente pirados. Adotaram o poder do Estado como *voluntários*. — Enquanto falava, Burdmoore observava Sandro explicar a Didier como funcionava a arma de brinquedo.

— Seu namorado gosta de armas — disse Burdmoore.

— Era do pai dele — expliquei. — Foi a família dele que fabricou essa arma. Tem uma lógica.

— Certo. Uma lógica.

— Ele não a *usa*. Não anda com ela enfiada na lateral da bota.

— Mas ainda assim apostaria que ele é o tipo de homem que gostaria dessa sensação — falou Burdmoore.

Inclinou a cadeira, deixando-a apoiada nas pernas de trás, e olhou para mim. A cadeira rangia, e fiquei preocupada que ele a danificasse e deixasse marcas na madeira macia do assoalho de Gloria e Stanley.

— E acho que você talvez seja... ah, deixe para lá.

— Talvez eu seja o quê?

— Acho que você talvez seja do tipo de moça que gosta de caras assim — respondeu ele.

A cadeira dele continuava rangendo. Eu estava convencida de que ia quebrar as pernas de trás com seu peso.

— Você gosta de um sujeito que enfia uma arma na bota — sussurrou ele. — *Não gosta?*

* * *

Na verdade uma vez eu tinha *visto* Sandro pôr uma arma na bota. Não admiti isso a Burdmoore. Nós estávamos em Washington para a exposição de Sandro na Corcoran Gallery. A cidade bania alguns tipos de armas contra o que Sandro estava protestando secretamente indo ao seu vernissage armado.

O interesse dele por armas nunca tinha me incomodado. Cresci no meio de armas. Meus tios, meus primos, todos atiravam. As ruas de Reno eram cheias de lojas de penhores, e eu achava que lojas de

penhores eram uma espécie de forja que transformava objetos em dinheiro. As coisas mais fáceis de converter eram armas. Quando alguém na nossa família morria, a grande questão da herança era quem ficaria com as armas. Os parentes faziam suas reivindicações baseados em sentimentos.

— A Browning niquelada do seu pai significava muito para mim — disse Andy depois que meu pai morreu. — Foi a primeira arma que disparei.

Ele conhecia meu pai melhor do que eu mesma, pois Andy era mais velho que eu, e meu pai saiu de Reno quando eu tinha três anos, foi para o Equador construir chalés de troncos de árvore num esquema de enriquecimento rápido promovido por alguém, e quando isso não funcionou, passou para outros esquemas de enriquecimento rápido. Eu não conhecia meu pai e não queria as armas dele. Dei todas para Andy. Poucos dias depois elas estavam na vitrine de uma loja de penhores do centro da cidade.

Clique-clique. Ficamos observando Sandro mostrar a Didier como tirar o tambor e desatarraxar o cano da pistola de brinquedo, como carregar as balas.

— Primeiro vai a pólvora preta — dizia Sandro. — Depois a gente enfia a bola de chumbo na câmara.

Didier perguntou qual era a atração de uma coisa tão antiquada.

Sandro disse que havia uma válvula de saída. Qualquer um poderia ter uma daquelas. Levar escondida.

— Não é considerada uma arma — explicou. — Mas é uma. E atira com muita precisão.

Burdmoore não disse mais nada, mas senti que eu precisava explicar melhor o interesse de Sandro por armas.

— O trabalho dele envolve todos os objetos que são o que são, e algo mais, ao mesmo tempo — falei. — Uma arma pode ser uma ideia, uma ameaça ou uma coisa. Como Sandro define: imaginária, simbólica ou real, tudo ao mesmo tempo.

— Ah, claro — concordou Burdmoore. — Quero dizer, soa bem. Só que você não pode brandir uma arma e dispará-la.

Didier estava bem atrás de nós agora, praticando saques rápidos com a falsa arma de Sandro, feito um pistoleiro do Velho Oeste,

olhando no espelho pendurado na parede atrás de Burdmoore.

— Uma arma pode ser simbolicamente registrada ou registrada de fato — disse Burdmoore, observando Didier, imóvel com a arma sacada, admirando o próprio reflexo. — Ameaças são para pessoas que não querem arriscar nada.

Didier deu risada.

— Ah, certo — falou, virando-se para Burdmoore. — Mas não foi alguém da sua ganguezinha que atirou em mim com tiros de festim? Isso não é uma forma de ameaça hilária?

— Aquilo foi... simplesmente aconteceu. Você não estava na nossa lista de alvos.

— Mas qual foi o propósito, a não ser intimidação? É óbvio que vocês não tinham a intenção de me matar. Ou teriam usado balas de verdade.

— Olhe, cara. Você desmaiou, foi o que ouvi dizer. O que, para um sujeito esotérico como você, é uma espécie de morte.

— Uma espécie de morte... que besteira — retrucou Didier. — Vocês eram um bando de *posers* obcecados com a própria imagem. Desculpe-me. Se me lembro bem, Antonioni quis pôr vocês num filme *cult* de jovens, aquele com trilha sonora do Pink Floyd. Ou será que estou confundindo vocês com outro grupo de durões prontos para entrar no cinema?

Agora todos estavam ouvindo.

Burdmoore sorriu.

— É verdade. Éramos nós. Mas recusamos.

— *Zabriskie Point*? — perguntou John Dogg da outra ponta da mesa. — Pode dar meu nome para ele se estiver selecionando elenco para alguma coisa.

— E não foram vocês que organizaram uma manifestação na frente da ONU, com os rostos enrolados em ataduras, fingindo serem sobreviventes de um pelotão acidentalmente bombardeado por napalm numa floresta vietnamita por bombas americanas?

— Nós estávamos trazendo a guerra para casa. Teria sido melhor não representar nossa discordância?

— Mas é exatamente isso! Vocês “representaram” a discordância... como você mesmo diz. Agora estou lembrando melhor. Ouvi a

história de alguém que estava lá. Vocês todos tiraram as ataduras da cara num ato coordenado de protesto, faixa por faixa, bem devagar. — Didier imitou o gesto de tirar ataduras do rosto com as mãos.

— Cheio de repórteres ao redor. Todos ali para ver os ferimentos a ser revelados, os poucos sobreviventes que conseguiram pular num rio, com gasolina gelatinosa grudada nos braços, no rosto e nas costelas, o cheiro de carne chamuscada...

— Parece até que você estava lá, Didier — disse Ronnie.

— Não, Ronnie. Só acho importante estabelecer diferenças entre a violência real e o teatro. E lá estavam todos vocês, gritando: “Olhem para nós. *Olhem* nossos rostos!” As ataduras caíram. E, surpresa: ninguém estava queimado. Você não esteve no Vietnã. Nenhum de vocês esteve. Foi tudo mentira.

— Não foi uma mentira — replicou Burdmoore rapidamente. — Foi teatro. Verdadeiro teatro. Como Brecht.

— O que Brecht tem a ver com isso? Acho que você devia deixá-lo fora dessa...

— As pessoas que assistiram? Elas queriam ver as nossas caras queimadas. E se tivéssemos mostrado rostos queimados, elas teriam virado o rosto e recuado, mas saído satisfeitas porque estávamos queimados fim da história. Mas nós frustramos as expectativas delas, deixamos todos *desapontados*. Os observadores esperavam ver gente desfigurada, foram levados ao crime de *querer* ver aquilo. E aí fica pairando a questão: *Onde a violência vai se mostrar?* Ao retirar o que a máscara estaria cobrindo, nós fizemos uma afirmação. O que a máscara deveria cobrir não pode ser coberto nem visto: está em toda parte.

— Blá-blá-blá — replicou Didier. — Meu conselho seria ter desistido do teatro de rua e ficar fora do radar. Ir para o *underground*. Não é isso que eles estão fazendo na Itália, Sandro?

— Não estou acompanhando, Didier — respondeu ele. — E não sei bem o que está querendo dizer. Há um movimento jovem. E isso é visível.

— Não se faça de bobo, Sandro — pediu Didier. — Não estou falando de *estudantes*. Estou falando de militantes nas fábricas.

— As Brigadas Vermelhas — disse Burdmoore. — Nós nunca poderíamos ser desse jeito. Nossa viagem não tinha a ver com rigor e autossacrifício. De todo modo, aquele pessoal é leninista. Nós estamos mais para libertinos.

— Seguidores do grande falastrão Moishe Bubalev — observou Didier.

— Pode dizer o que quiser, Didier — falou Burdmoore. — Ele foi o principal pensador a defender uma passagem da teoria para a ação no final dos anos 1960. Muita gente estava lendo o que ele escrevia.

— Conheço uma boa história sobre esse tal Bubalev — disse Ronnie. — Havia um certo grupo procurando orientação. Um grupo famoso. Tinham um refém e precisavam saber como proceder. Isso está nos diários de Bubalev. O grupo foi até a casa dele, incomodá-lo. Levaram bebida e uma mulher bonita, ficaram a tarde toda lá. Bebendo enquanto a mulher rebojava. Quando chegou a hora de irem embora, Bubalev ficou triste porque estavam levando a garota bonita, mas ao menos deixaram a bebida. Foi tudo o que ele disse sobre o grupo: eles levaram a garota, mas deixaram a biritá. Era o Exército Simbionês de Libertação, com a Patty Hearst.

— Desde quando você lê Moishe Bubalev? — perguntou Didier a Ronnie.

— Desde nunca, Didier. Alguém me contou essa história, na realidade. Nem sei se é verdade.

— Poderia ser — disse Burdmoore. — Mas olhe, Bubalev não era nenhum padre. Era um professor universitário e provavelmente não recebia muitas visitas de garotas sem cérebros no alojamento da faculdade. É melhor não analisar a conduta pessoal dele. Veja o caso de Allen Ginsberg, um bom poeta, que teve um momento importante. Mas quando você o conhece pessoalmente, é um completo charlatão. Ele frequentava nossa área. Uma noite, um garoto rico aparece no Gem Spa com dez mil dólares em dinheiro. Quer queimar tudo no Tompkins Square Park para tirar essa parte do capital do sistema. Estava tentando convencer Fah-Q e a mim de ir vê-lo queimar esse dinheiro. Todos nós fomos correndo para o parque, achando que ele não ia fazer aquilo de jeito nenhum, mas era nosso trabalho estimular atitudes extremas. Então começamos a

dizer *queima, vai nessa*. Allen Ginsberg estava no parque naquela noite. Alguém disse a ele que o garoto queria queimar aquela quantia de dinheiro, e Ginsberg, com suas roupas de guru, folgadas e de algodão, sai correndo, tentando convencer o garoto com um tom rabínico e forçado a dar o dinheiro a *e/e*. No fim, o garoto resolveu não queimar. Acabou dando a quantia para mim e Fah-Q.

— Então o que aconteceu? — perguntou Didier. — Vocês tinham dez mil dólares. Seguidores. Energia.

— Dez mil dólares não eram nada para nós. Nós tínhamos fontes estáveis de financiamento.

— De onde?

— Não posso dizer. Mas eram muito estáveis e muito generosas. Tínhamos contas que podíamos movimentar em toda a cidade, dez, vinte, trinta mil dólares de uma vez. Nós distribuíamos muito dinheiro. A razão de termos encerrado tudo não teve nada a ver com dinheiro. As coisas esquentaram, e alguns de nós se mandaram. Fomos para o deserto de Sonora e vivíamos nas costas de um cavalo.

— Como verdadeiros homens de Marlboro — comentou Didier.

Burdmoore deu risada.

— De jeito nenhum. Nós não vendíamos o vício como uma independência tosca. Não era nada tão romântico. Alguns de nós quase morreram de hipotermia. Outro quase não sobreviveu ao ataque de um lince. Fomos atacados por lobos. Formigas vermelhas. Carrapatos. Sofríamos com sarna. Impetigo. Queimaduras. Gripe asiática. Paranoia. Quase morremos de fome. Arruinou meu casamento, foi o fim entre mim e Nadine.

— Nadine? — perguntei.

Eu nunca mais a tinha visto, depois da noite com ela, Thurman e Ronnie.

— Minha ex-mulher — explicou Burdmoore. — Ronnie a conhece. Didier a conhece.

Didier pigarreou.

— Eu só a vi uma vez. De passagem.

— Dogg a conhece.

Olhamos para John Dogg, que estava se despedindo. Aproximou-se de Didier e entregou-lhe um cartão de visita, determinado a fazer

contatos antes que a noite acabasse e fosse tarde demais. — Não tenho nada contra trabalhar com escritores de arte, se você quiser fazer um projeto comigo — disse a Didier. — Quero dizer, escrever sobre meu trabalho.

— Acho que eles estão envolvidos — falou Burdmoore depois de John Dogg ter ido embora. — O que não é um problema. Já faz muito tempo. Muita coisa já aconteceu.

Nadine tinha me contado praticamente sua vida inteira naquela noite, e agora eu me lembrava da voz dela. Alta e suave. A voz, as pernas e o cabelo comprido, louro escuro, como cerveja. O ex de quem ela tinha se queixado. Era Burdmoore. Foi Burdmoore quem disse a ela que depois da revolução todo mundo ia trabalhar duas ou três horas por semana. Só seria necessário isso, com todos os robôs e a automação.

— Não sei se não trabalhar é algo revolucionário — ela tinha me falado —, mas é melhor. Quando você vende o corpo, você é o que faz. Você é você mesma e é paga por isso. — Ou era o que ela pensava na época, ainda sob o efeito da lavagem cerebral feita pelas ideias do grupo do marido. Ele e os amigos diziam que as prostitutas e as crianças eram as únicas pessoas no mundo que deveriam ser logicamente ociosas. As crianças por estarem ocupadas sendo crianças, e as prostitutas porque o trabalho acontecia na superfície do corpo delas. O trabalho era o corpo delas. Um homem que faz o que ele é será inútil, dizia o marido. Desprezível. Apesar de ele ter querido se tornar desprezível e sobreviver sem fazer nada. Nadine me falou que não foi um período ruim na sua vida. Ela adorava andar pelo Hollywood Boulevard, onde um cartaz dizia: “Acorde nas colinas de Hollywood.” O anúncio de um bloco de apartamentos. E ela tinha olhado aquilo e pensado: é, isso mesmo... é isso que eu faço! Mas acordar nas colinas de Hollywood soava melhor do que era de fato, segundo explicou. Ela quase morreu. — Eu fui esbofeteada — contou. — Esmurrada. Sacudida. Pendurada num terraço na rodovia 101 e olhe só. — Chegou mais perto de mim, revelando nada mais que sua beleza pura, ampliada. — Continuo... tão... *bonita*. Não vamos fingir. Não sou de falsa modéstia. Tenho outros problemas. Ainda sou bonita, não importa ter sido queimada com charutos.

Estuprada. Cheirei Drano sem saber. Mas a coisa mais louca é que eu *continuo* sendo. *Muito. Bonita.* Depois de tudo isso? Como é possível?

Era verdade, ela era linda. Com grandes olhos castanhos, salpicados como uma truta de riacho, e o cabelo, de um dourado avermelhado ao redor do rosto pálido. Mas eu tinha percebido, na noite em que a conheci, que aquela beleza ia deixá-la como acontece com todas as mulheres. Pelo rosto, o tempo envia uma mensagem essencial, e o tempo é a mensagem. Leva as coisas embora. Mas sua passagem e os danos causados são tudo o que temos. Sem isso, não há nada.

III.

Todos partilhávamos uma embriaguez comum quando saímos do loft dos Kastle, como se a nossa turma — Ronnie, Didier, Burdmoore, Sandro, sua prima e eu — estivesse carregando um cobertor pesado ou um tapete acima da cabeça, cada um aguentando um pouco do peso, que se apoiava em todos nós, resultando em nossa voz arrastada, nosso desequilíbrio, com um batendo no outro no elevador de carga. O tempo havia se esticado como uma bala puxa-puxa, a noite era um lugar dentro e através do qual cambaleávamos juntos, uma espécie de ginásio, um espaço de fronteiras generosas. Por que outra razão teríamos ido, à uma da manhã, para a Times Square? Eu não sabia por que, ou de quem tinha sido a ideia, só que a noite parecia espaçosa e precisava ser preenchida.

Nós nos separamos em dois grupos, pegamos dois táxis e nos reencontramos na Forty-Second Street, onde a luz vermelha vazava como suco das entradas dos teatros. Um gigantesco termômetro de um lado do prédio da Allied Chemical mudava fantasmagoricamente do vermelho para o violeta, vermelho para violeta. Embaixo dele havia um planeta Terra congelado embalado por um urso polar.

Meu grupo — Ronnie, Burdmoore e eu — ficou sob uma marquise numa vasta faixa de tapete cor-de-rosa que se estendia até a calçada como uma língua, criando um ambiente quase interior e doméstico. Havia cartazes revestindo a entrada, um rosto de mulher de ombros nus contrastando com um fundo escuro, *Atrás da porta*

verde. Estava na cidade inteira, o anúncio daquele filme. A mulher parecia uma astronauta nua flutuando no espaço, sensual demais para usar um equipamento respiratório. Uma descarada expressão de “olhe para mim”, de possibilidade solene. *Eu era uma boa garota*. Era o exigido, ter sido uma boa garota recentemente. A atriz tinha sido modelo de uma marca de sabão suave que tinha flocos extras para o delicado bumbum dos nenês.

Você tinha que ter a aparência certa para tal decadência espetacular. Eu nunca tivera a aparência certa. O vão entre meus dentes da frente, como dizia Ronnie, estragava meu apelo de caixa de bolo. Ou, como dizia Sandro, me fazia passar uma certa impressão maliciosa. Nunca achei que eu parecesse maliciosa, mas sempre me disseram isso. Eu conseguia reparar isso em mulheres um pouco estrábicas, certa falha na simetria sugerindo algum outro tipo de falha, moral ou de julgamento. Como a atriz Karen Black, com um olho levemente desviado do foco. As mulheres nos quadrinhos da revista *Hustler* eram desenhadas com olhos estrábicos como os de Karen Black. A cabeça está de folga, mas o corpo está aberto. Havia aquele filme em que a pobre Karen Black murmura a pergunta fatal num jantar com a família de classe alta do namorado: *Tem ketchup?* No final, ela espera o homem entrar no banheiro de um posto de gasolina enquanto enche o tanque do carro. Um caminhão madeireiro estaciona entre as bombas de gasolina e o toalete. Quando o homem sai do banheiro, o caminhão está ali parado, bloqueando a visão dela. Ele se aproxima do motorista. Ouvimos apenas a estrada e o motor do caminhão enquanto ele conversa com o motorista. Ele entra na cabine. O veículo dá partida, sobe a rampa para a estrada em marcha lenta. A mulher espera no carro do homem. Sai, dá uma olhada ao redor, continua esperando mais um pouco. Rolam os créditos.

— Supercensurado — diz um homem para nós, apontando para outra entrada, com grandes fotos de mulheres se esticando como pítons. Por que as cobras estão sempre daquele jeito? A todo momento prontas para matar.

— Só temos material da pesada — continuou o homem. — Supercensurado.

— Supercensurado não é uma classificação — disse Ronnie. — Eles mesmos se atribuem essa noção. Para impressionar mais.

Burdmoore tinha se afastado, mas virou a esquina vindo na nossa direção, a luz piscando no seu perfil nobre e na barba emaranhada. Parecia Zeus perdido num cassino.

Um táxi estacionou, e Sandro, a prima e Didier saltaram. Olhei para Burdmoore, cuja expressão registrava a beleza da prima. Ele a olhava interessado, mas também com cautela. Era a expressão de um homem que já tinha lidado com lindas mulheres e ainda sabia admirá-las, mas não queria nunca mais lidar com elas.

Ela veio em nossa direção, não tão desinteressada como eu esperava. Eu não tinha trocado mais que duas palavras com ela na casa dos Kastle.

— Vamos logo! Quem vai? — perguntou ela. — Quero ver um filme. — Virou-se para Ronnie.

— Não faz meu gênero — disse Ronnie.

— Qual é o seu gênero? — quis saber ela.

— Essa é difícil — respondeu Ronnie.

— Por quê? — Ela luziu os olhos escuros por ele, que pareceu não notar.

— Porque não existe mercado para o que eu quero ver.

— Então não pode ser tão ruim — replicou ela. — Para as piores coisas, sempre tem mercado.

— Talvez você tenha razão sobre isso. — Olhou para ela como se estivesse fazendo uma nova avaliação, agora que ela tinha dito uma coisa possivelmente inteligente.

Pensei na garota da foto no ateliê de Ronnie, a que estava na reserva. Provavelmente estava esperando por ele naquele exato momento, em algum lugar no centro da cidade. Consultando o relógio, passando batom, concentrando-se numa seta apontada para Ronnie. Fazendo as diversas coisas que as mulheres fazem quando precisam esperar algo que desejam.

Sandro estava contando as lâmpadas da marquise. Nunca ficava esperando ninguém, simplesmente estava no mundo, fazendo, cuidando dos próprios interesses. Dizia que a Times Square era toda de suaves romboides, que fazia parte da experiência, as formas da

tecnologia de estampado moderno reproduzidas aqui, como cartazes e marquises, tudo retangular com cantos arredondados, simplificado como uma atitude.

— É engraçado eles chamarem isso de *Times Square* — comentou Sandro. — Tem uma revista de nudez na Itália chamada *Le Ore*. As horas.

— Na verdade, faz sentido — observou Ronnie. — Pornografia como uma maneira de marcar o tempo. Você dita quando e como. Não existe acaso. É um relógio. Hábitos cotidianos. Controle. É o contrário do sexo, que é liberdade pura, em todo seu horror. Você nunca sabe quando vai acabar dormindo com alguém, e quando isso acontece, a característica é de surpresa: isso está acontecendo *mesmo*. Não existe surpresa em só se masturbar. É uma atividade agendada. Três da tarde. Meia-noite. O banho matinal. Sabem esses produtos de auxílio conjugal, como chamamos? O negócio com esses produtos é que eles prometem aprimorar a sensibilidade, aumentar o prazer, e é apenas uma pomada anestésica, para fazer durar mais. Eles acrescentam *tempo*. É só isso o que fazem.

Sandro e Ronnie especularam se era possível apreciar pornografia simplesmente como cinéfilo, e sobre o predomínio dos vinte e cinco centavos, pois tudo ali custava vinte e cinco centavos. Vinte e cinco centavos para espiar por um buraco do tamanho de uma moeda desse mesmo valor. Ronnie disse que os shows para voyeurs se inspiravam no calendário adventista. Que era uma tradição cristã, essa coisa de olhar, abrir uma janela para Jerusalém, dar uma espiada na manjedoura em cada dia de dezembro. Sandro riu, como se Ronnie estivesse dizendo bobagem, mas também como se nada o alegrasse mais.

— A gente enxerga tudo através de um buraco — falou Ronnie.

— Então sou adventista — replicou Didier. — Acredito nesse tipo de visão isolada, o foco nas partes. Metonímia. Alguém aí tem uma moeda de vinte e cinco centavos?

O homem dos trocados ouviu e se aproximou de Didier com seu cinto de moedas.

— Adventista — disse Ronnie com uma falsa admiração. — Isso quer dizer que você acredita que o fim do mundo é... iminente?

Sandro tinha me contado que Ronnie tinha uma rixa antiga com Didier, algo a ver com uma crítica negativa que Didier escrevera sobre o trabalho de Ronnie.

— Tudo e nada são iminentes — replicou Didier. Deu uma nota de cinco dólares ao homem dos trocados, estendendo as mãos em concha para receber aquela quantia em moedas de vinte e cinco centavos. — Este momento agora? Iminente. Espere. Ah, nossa. Agora é passado. Tudo depende de como você vivencia o tempo. O tempo é uma função do prazer, como você acaba de ressaltar grosseiramente. A experiência dele, quero dizer.

Com os bolsos do blazer pesados de moedas, Didier virou-se para Talia Valera.

— Você vem? — disse ele, de forma meio insistente, como se ela fosse obrigada a ir junto porque só ele, entre os homens, queria ir.

— Não — respondeu ela, olhando para Ronnie.

Didier deu de ombros e entrou no teatro andando pelo tapete em forma de língua cor-de-rosa.

De alguma forma foi tomada a decisão de deixarmos Didier lá e irmos para o Rudy's. Pegamos outro táxi. Talia estava prestes a se sentar no colo de Ronnie quando ele se inclinou e puxou o banco reserva para ela. Não que eu tivesse me importado que ela se sentasse no colo de Ronnie. Mas eu teria notado, enquanto o próprio Ronnie nem teria percebido o eco, eu no colo dele. Tantas mulheres em tantas noites, flertando e indo parar no colo dele. Ronnie, que sempre tinha ficantes e nunca namoradas, não contava sobre suas aventuras. Talvez fosse apenas por essa razão que eu ainda sentia alguma coisa por ele. E quem poderia dizer que certa razão era mais válida que outra? A falta de disponibilidade também era uma qualidade.

Enquanto seguíamos de táxi ele murmurava um falso italiano com Talia, acrescentando um sufixo italiano a todas as palavras e as repetindo.

— Andiamo em um taxi-dino ao Rudy-miendo's, fazendo insinuaciones em um taxi-dino...

Sandro ia contando a Burdmoore, que estava na frente, sobre meu acidente de motocicleta nas planícies de sal, e como acabei

pilotando o veículo de corrida que a família dele patrocinava, e senti que ele apresentava a história como sendo fantasiosa e bizarra, mas talvez eu estivesse projetando, pois havia uma discordância quanto à questão entre nós. Burdmoore se virou e olhou para mim com um certo ar divertido, não assexuado, tampouco libidinoso. Os fatos da história o deixaram um pouco curioso, só isso. Uma coisa engraçada sobre mulheres e máquinas: a combinação deixava os homens curiosos. Pareciam pensar que tinha algo a ver com eles. Isso deveria ter sido engraçado para mim, a expressão de Burdmoore enquanto Sandro recontava a história. Mas eu estava concentrada em Ronnie e Talia, na maneira como ele a fazia rir. *Taxi-dino, insinuaciones*. Apontando para um cartaz verde e amarelo do Blimpie.

— Olhe lá! Um dos nossos! — A risada dela penetrando sua sinceridade fingida feito carbonação.

* * *

O Rudy's estava lotado. As pessoas chegavam em grupos animados, forçando a passagem e falando alto, trazendo a energia de onde quer que estivessem antes, grupos diferentes se misturando como sistemas climáticos. Talia encontrou duas amigas — garotas que eu já tinha visto por aí, em vernissages, sentadas no Café Borgia, no Graffito ou no Looters, um clube noturno onde era preciso bater na porta, gritar e golpear para ser admitido. Nenhuma das amigas era tão bonita quanto Talia, o que fazia sentido. Assim ela podia ser a mais bonita. E a menos comprometida, a menos feminina por obrigação, com sua voz rouca, as calças esportivas, sua risada baixa e cúmplice de “um dos rapazes”.

Giddle veio em nossa direção e percebi que ela havia estado no bar durante todo aquele tempo desde que saíramos de lá no começo da noite. Cintilava como se estivesse molhada, como um pedaço de bala que tivesse estado dentro da boca de alguém. De perto, percebi que era purpurina, aqui e ali no rosto e nos braços. Deve ter vindo de outra pessoa que se esfregou nela. Ela me abraçou em meio a uma

nuvem de óleo de pepino. Como sempre, quanto mais tarde ficava e mais ela bebia, maior a quantidade de óleo de pepino que Giddle aplicava. Era um aroma tão enjoativo e dominante que eu já sentia o cheiro mesmo quando ela não estava por perto. Sentia o cheiro nas minhas próprias roupas. Até mesmo nas roupas de Sandro. Ficava grudado na minha cabeça, como se fosse uma música.

Depois de me abraçar, Giddle pegou o drinque e o despejou na cabeça de Sandro. Fiquei chocada, mas, estranhamente, Sandro, não. Simplesmente enxugou o rosto com os guardanapos de papel do bar. Senti que era minha culpa por ter uma amiga tão excêntrica, mas Sandro não ligou muito para aquilo.

— Ela está bêbada — falei, observando-a abraçar todos que entraram conosco. Ronnie foi o próximo. Depois Giddle passou a Burdmoore, parecendo não notar que Burdmoore era alguém que nós não conhecíamos. Jogou os braços ao redor do pescoço dele, que não fez objeção. Os lábios dos dois se tocaram e continuaram unidos. Engalfinharam-se como se fossem duas pessoas se reencontrando no terminal internacional do JFK.

Todos nós dançamos. Sandro, com a mão na minha cintura e a outra no meu ombro, me conduzindo. “He Hit Me (and It Felt Like a Kiss)”, presença constante no jukebox do Rudy’s, encheu o salão.

*If he didn't care for me
I could have never made him mad
But he hit me,
and I was glad.*

Eu demorava a reagir aos trancos e barrancos e me senti como se estivesse tentando cantar uma música que não conhecia, pronunciando cada palavra logo depois de serem cantadas. Mas não me importei. Sandro era um bom dançarino; fazia parte do seu papel como o homem mais velho, o professor.

Henri-Jean se movimentava na beira da pista de dança, carregando seu bastão listrado, erguido bem alto para não bater em ninguém. Sempre que havia alguma multidão reunida no SoHo, no Rudy’s ou em algum vernissage, Henri-Jean fazia sua aparição

programada. “O autômato senciente”, como Ronnie o chamava, que nem Chaplin. Sandro dizia que ele não tinha nada a ver com Chaplin.

Nuvens de fumaça acumulavam-se acima das nossas cabeças, iluminadas de vermelho e infundidas com o som dissonante de uma banda de garotas do início dos anos 1960, subindo até o teto como um recado de amor que se evapora. Nem sempre Rudy acendia as luzes vermelhas, emitidas de tubos de neon coloridos dispostos num acróstico pendurado na parede, feito por Stanley. Até um ano atrás, a luz vermelha ficava sempre ligada quando o bar estava aberto, mas depois as lâmpadas deixaram de ser fabricadas e tinham de ser fundidas à mão por um estúdio de moldagem de vidro no estado de Washington. Agora Rudy só ligava o sistema em algumas ocasiões, mas não se sabia ao certo em quais.

— Um estado de espírito na rua — explicou Rudy. — Eu simplesmente sinto.

Burdmoore estava dançando com Giddle.

— Não gosto dessa barba! — gritou ela mais alto que a música.

— Por quê? — perguntou ele também gritando.

— Por que não é você — justificou ela. — Você nunca teve essa barba...

Burdmoore sorriu.

— Eu nunca *deixei* de ter essa barba, querida.

— Você devia raspar — continuou ela —, voltar ao seu velho *eu*. — Ela o pegou pela lapela do blazer amassado e o sacudiu de forma afetuosa.

— Vou raspar — respondeu ele, a expressão transbordando uma alegria divertida enquanto a segurava pela cintura para não ser sacudido outra vez. — Vou fazer isso. Amanhã.

Tocaram mais músicas antigas. The Marvelettes. The Feminine Complex. Esses grupos de garotas sempre fariam eu me lembrar de Sandro, seus passos leves e cuidadosos, a forma como ele relevava educadamente minha incapacidade de seguir suas deixas. Ele aprendeu a dançar num colégio interno na Suíça, onde havia lições de danças de salão, cada garoto tendo sua vez com a professora, uma chilena com quem Sandro sonhou durante anos. Tentou entrar em contato com ela através da escola, mas ela tinha desaparecido.

— Talvez simplesmente tenha resolvido fazer outra coisa — falei quando me contou sobre ela —, o que não é realmente desaparecer. É viver.

Sandro se lembrava de todos os passos. Diziam que Mondrian era um bom dançarino. E Yves Klein também. Havia alguma relação aí, artistas plásticos que sabiam dançar. Tanto para ser um bom dançarino como um bom artista plástico as decisões precisam de graça e improvisação, uma facilidade de corpos, de matéria no espaço. Como a velha pintora que tinha sido mentora de Sandro. Uma artista que ele tinha peregrinado para ver no Novo México. Ela estava morando num trailer Airstream e pintava num anexo sem calefação ou luz elétrica. Levantava-se ao raiar do dia, trabalhava até o crepúsculo, comia enlatados, dormia sozinha. Disse a Sandro que tivera a ideia do seu ciclo mais importante enquanto caminhava com a irmã numa planície deserta do Texas numa noite de verão, com uma única estrela no céu. Eram adolescentes. Isso foi antes dos automóveis, antes da Primeira Guerra Mundial.

— Minha irmã tinha uma arma e ficava jogando garrafas para o alto e atirando nelas — contou a Sandro. — Ficamos andando sob um grande crepúsculo vazio e aquela estrela.

Tinha de haver um elemento de acaso. Mas também de precisão. Um acerto ocasional. Minha irmã tinha uma arma.

O jukebox foi desligado, e uma banda chamada Soviets começou a testar o equipamento, o saxofone eclodindo em gritos e garatujas, címbalos soando pelo salão. Giddle e Burdmoore foram para um reservado escuro onde pareciam estar revivendo uma conexão antiga, não importando que Giddle possivelmente tivesse confundido Burdmoore com outra pessoa.

Estávamos no balcão tomando um último drinque. Sandro e eu queríamos ir embora, mas ele e Ronnie se envolveram numa quase discussão. Ronnie puxou o assunto da Itália. Disse que eu deveria ir a Monza e que Sandro não deveria ser uma pedra no sapato nesse caso.

— Você é contra — falou para Sandro. — Eu entendo. É a sua família. Mas o negócio é que ela é a garota mais veloz do mundo,

Sandro. E você a está segurando — disse ele com leveza, provocante, meio bêbado, e Sandro ficou amuado.

— Obrigado, Ronnie — respondeu. — Passei a vida inteira tentando me afastar da Valera e acabo com os porta-vozes deles, meu melhor amigo e minha mulher contra mim. Por que vocês dois não vendem para mim um conjunto de pneus já que estão nessa?

Eu me senti mal. Mas queria ir para a Itália e não tinha coragem de insistir no assunto. Ronnie estava fazendo isso por mim.

Mas por quê?, me perguntei. Que motivação ele tinha? Então percebi que Ronnie estava convencendo Sandro de que eu e Sandro devíamos sair de Nova York, o que me fez pensar: Você não vai sentir minha falta, Ronnie?

Naquela confusão, aceitei mais uma rodada de drinques, enquanto Sandro e eu discutíamos sobre a Valera e a Itália.

— Por que você não pode simplesmente fazer alguma coisa aqui? Se concentrar nas fotos que você tem — disse ele. — De Bonneville.

Eu queria continuar com o projeto, respondi. Ir a Monza fazia parte de Bonneville; era o mesmo projeto.

Ronnie acabou num reservado ali do lado com Talia e as duas amigas menos bonitas. Minha discussão com Sandro foi posta em suspenso enquanto os observávamos. As garotas tiveram a ideia de se esbofetear e se estapear com o estímulo de Ronnie. Estavam rindo, andando ao redor da mesa, estapeando a si mesmas. A primeira rodada de tabefes foi leve, um tapinha na bochecha, uma palma da mão na testa. As garotas estapeavam a si mesmas, e cada tapa acabava em risadas. Quando foi a vez de Talia Valera, ela bateu no próprio rosto com o punho fechado. Tinha um punho especialmente grande, como um filhote de patas imensas.

Sandro foi até o reservado e tentou persuadi-la a parar.

— Calma, Sandro — retrucou ela. — É só um jogo.

— Você vai acabar com um olho roxo — falou Sandro.

Ela não se importava. Ronnie pegou a câmera e tirou fotos. Ela olhava para a lente com uma atitude franca.

Pensei de novo na garota no plano de reserva de Ronnie. Será que ela já tinha tomado um banho, desistido e ido dormir? Ou

passado mais batom e saído à procura de Ronnie, mas nos lugares errados?

Flash. Talia posou outra vez para a câmera. O olho dela agora estava inchado e tinha a mesma aparência de uma fruta lustrosa e esticada. Havia um corte acima da sobrancelha, provavelmente causado pelos anéis de prata que usava, simples aros de metal que brilhavam com certa beleza na pele bronzeada. Detectei orgulho em seu olhar, como se ela achasse que o corte e o olho inchado estavam revelando sua essência interna, íntima e profunda, para Ronnie e sua câmera.

— Está ótimo — dizia Ronnie. Clique, clique. Flash. — Ótimo mesmo.

* * *

— Ele se recusa a crescer — disse Sandro enquanto saíamos.

Mas era isso que estava se recusando a fazer, ou era outra coisa?

De qualquer forma, enquanto Ronnie se comportava como um babaca e se dava bem, Sandro e eu estávamos na rua sendo assaltados.



11. DO JEITO QUE NÓS ÉRAMOS

Na chuva. Num estúdio. Numa orgia. Nos encontramos de novo.

No final de 1966, ano em que o movimento se formou, o jeito como eles eram era andar armados. Armados e prontos para lutar contra o Homem e seus Porcos. Eram uma gangue do Lower East Side com uma teoria, um apelo, de libertar pessoas e zonas de importância estratégica, colonizar um quarteirão inteiro de Nova York como uma rede de abrigos temporários, restaurantes populares e arsenais.

Estavam preparados para requisitar todos os bens de que necessitavam. O jeito como eram era prontos para avançar a luta do modo que fosse necessário. O jeito como eram era perigoso. Extáticos. Bravos. Às vezes chapados, mas prontos para deixar o baseado de lado e pegar uma arma a qualquer momento. O tratado de Bubalev se intitulava *Tomando a cidade, do tumulto à revolução*. Do tumulto à revolução era o ponto deles. Estavam em busca de gente que gostasse de sacar uma arma. Que estivesse pronta para sacar. Puxar o gatilho e atirar. Se você não acreditasse em chumbo é porque já estava morto. O jeito como eram era sem medo de atirar na cara de um Porco. A polícia era *estruturalmente* má, na formulação de Bubalev. Eles escalavam essa análise: os Porcos são babacas, são o nosso inimigo e dos nossos irmãos.

O jeito como eram envolvia um Estado policial de merda em que a ação não era irmã dos sonhos. O jeito como eram era destemido. Prontos para defender uma nova e total liberdade com relação ao capitalismo Amerikano e suas guerras, seus efeitos mortais, suas escravaturas.

O que acontece entre os corpos durante uma insurreição, dizia Bubalev, é mais interessante do que a própria insurreição.

Na chuva. Num estúdio. Numa orgia. Nos encontramos de novo.

O Filho Da Puta Fah-Q, o líder não oficial, declarou num panfleto de 1967 que a vida na Amerika é a única exigência que não pode ser

atendida. Estamos aqui para viver, disse Fah-Q. Para exigir nossa vida. Não para requisitar as necessidades exigidas pela vida. Estamos aqui para atender a isso nós mesmos, atender à demanda pela *vida*.

* * *

Entre as muitas ações dos Filhos Da Puta naquele poderoso intervalo de cinco anos, entre 1966 e 1971, algumas ficaram na história, outras só foram conhecidas pelos próprios participantes, e as seguintes são apenas alguns exemplos:

* * *

Requisitar uniformes de uma loja de suprimentos de segunda mão do Exército na Canal Street, para atender às suas necessidades de um traje revolucionário: calça Levi's preta, camiseta preta. Dois contêineres inteiros foram entregues por um fornecedor de atacado.

* * *

A ocupação de um estúdio da Tenth Street, que se tornaria seu famoso quartel-general, nos últimos dias de 1966 e depois um banquete para os vizinhos no dia de ano-novo, enterrando um porco inteiro que roubaram do bairro de Meatpacking, na areia do playground das crianças no Tompkins Square Park, uma efígie dos mais odiados habitantes da vizinhança, os Porcos uniformizados.

— Porco assado! Porco assado! — gritavam as crianças do bairro, correndo para cima e para baixo da Avenida B, contornando o parque.

O grupo central dos Filhos Da Puta aprendeu uma lição naquele dia, sua primeira grande reunião na comunidade: as crianças do

Lower East Side, malnutridas, de nariz escorrendo, a pele negra ou marrom, privadas de uma existência livre, sem piolhos e sem miséria, privadas dos principais aspectos da infância, já eram soldados irmanados na luta. Como um camarada sobrevivente dos guetos, Fah-Q entendia quem e o que elas eram. Não as recrutava. Elas entravam como voluntárias, uma lufada de brincadeira, de vida, que defendia o perímetro do complexo dos Filhos Da Puta. Os Porcos tinham medo daquelas crianças, que não tinham nada a perder. Em maio de 1968 elas estavam arrancando pedaços da calçada (da maneira que Fah-Q, que deu picaretas para elas, tinha visto sendo feito num noticiário filmado em Paris). Naquele verão os garotos atiraram concreto e paralelepípedos nos Porcos em suas porcocicletas Harley Davidson subindo a Avenida A, e um deles caiu, um sujeito grande e forte de mangas curtas e botas brilhantes até os joelhos. Mais tarde naquele ano, as crianças roubaram uma ambulância vazia enquanto dois paramédicos pegavam comida chinesa na Houston Street. Os garotos levaram a ambulância roubada direto para os Filhos Da Puta, que a modificaram com tinta spray preta fosca e placas novas, e a remoção da maior parte das marcas que a identificavam. Tornou-se seu veículo oficial, útil para requisitar itens de lojas de ferragem na Bowery, artigos estocados bem ali na calçada, que eles pegavam para sua própria loja na Tenth Street, chamada Free, onde davam tudo de graça.

* * *

Roubaram um Chemical Bank na Delancey Street. O banco de bacon, eles chamaram. Vaporizaram gordura de bacon vaporizada do mercado ao lado pelos tapetes, pelo ar, pelas paredes, tudo. O banco de bacon nunca mais deixou de cheirar a bacon. Foi fácil: duas pistolas P38, uma meia-calça cobrindo as duas cabeças (que davam aos rostos uma intensidade borrada, estimulando os caixas a atender suas necessidades, e rapidamente), um bilhete, com instruções precisas. Os assaltos não apareciam no noticiário, o que era uma lição para os Filhos Da Puta: bancos eram roubados todos

os dias. Não era uma tarefa difícil roubar um banco. Era fácil e era por isso que acontecia diariamente. Durante o horário de expediente, era certo que algum banco estava sendo roubado em Nova York, e você nunca ouviria nada a respeito, nem saberiam nada a respeito, a não ser que o estivesse roubando. Os bancos não comunicavam esses roubos. Se todo mundo soubesse, todos roubariam bancos em vez de trabalhar.

* * *

Espancaram uma banda de rock de Detroit chamada os Stooges. Deram uma tremenda surra neles por não serem suficientemente durões, por terem uma reputação a que não faziam jus. Os Stooges tinham tocado num clube de rock na Segunda Avenida, e assim que terminaram a apresentação espalhou-se a notícia de que a banda estava se enfiando na limusine e partindo para o Max's Kansas City a fim de jantar com gente rica e celebridades. A multidão ficou furiosa, arrastou o cantor e seus companheiros para fora da limusine e obrigou todos a voltar para dentro do clube. Os Filhos Da Puta se concentraram em espancar o cantor e depois mijaram na calça de cetim que ele usava. Que ele continuou usando estendido de lado, gemendo. Não exatamente da mesma forma como gemia e uivava no palco, tentando vender sua falsa intensidade para as garotinhas jovens, entre elas Love Sprout e Nadine, companheiras de Fah-Q e Burdmoore, respectivamente. Fah-Q e Burdmoore cruzaram jorros de urina sobre o corpo do cantor, e Burdmoore sabia que pactos de irmandade acabavam mal. Mas ele estava naquilo até as últimas consequências. Estava pronto para o mal.

* * *

Explodiram uma bomba em um vendedor da loja de sapatos Thom McAn uma semana antes da data de inauguração na Saint Mark's

Place, acidentalmente queimando o centro comunitário ao lado, onde os Alcoólicos Anônimos faziam reuniões. Não emitiram um pedido de desculpas. Eles odiavam os Alcoólicos Anônimos, de qualquer forma. Que falem com as labaredas, disse Fah-Q. Os Filhos Da Puta começavam coisas. Às vezes as coisas que eles começavam terminavam sozinhas.

* * *

Sequestraram o cachorro de Maury o Rei do Gueto, um whippet miniatura, e mandaram um bilhete exigindo que ele entregasse cinco mil dólares ao barman do McSorley's. *Escuta aqui Maury seu merda*, dizia o bilhete, *se quiser voltar a ver esta sua estúpida criatura aracnídea, pague*. Maury era dono de vastas áreas nos quarteirões em volta do Tompkins Square Park, inclusive o grande prédio de apartamentos de aluguel na Tenth Street, que estava vazio e trancado antes que os Filhos Da Puta resolvessem que o lugar daria conta de suas necessidades. Espalhou-se um boato de que Maury estava no processo de demolir o edifício para desalojá-los. Em vez de pagar o resgate pelo cãozinho, Maury chamou a polícia, que o encaminhou para a secretaria de zoonoses, e acabou que ele não tinha licença para ter o animal. Enquanto isso, os Filhos Da Puta acabaram criando afeto pelo cãozinho, antes chamado de Basket e agora rebatizado como Bonanno, em homenagem a Alfredo Bonanno, um anarquista italiano que cumpria pena numa prisão em algum lugar da Itália. Burdmoore nunca tinha lido seus escritos, mas entendia que seu nome carregava um certo peso porque Bonanno tinha tentado incendiar o Vaticano. Bonanno, o cãozinho, podia dar saltos incríveis, era um saltador de distância, e também mordida bem. Os Filhos Da Puta o treinaram para ultrapassar barricadas em chamas e atacar os Porcos.

* * *

Algumas ações não passavam de sonhos, mas eram poucas. Como no dia em que foram mostrar suas ereções na cara de turistas. Foram fazer isso na Estátua da Liberdade. Era Dia dos Namorados e fazia muito frio, mas não tinha importância, centenas de famílias estavam na fila para visitar a grande dama. Os Filhos Da Puta abriram as braguilhas e viram que estavam todos encolhidos. Não fazia muito sentido mostrarem o armamento naquela manhã gelada. Resolveram então, de forma quase espontânea, desenhar com mijo uma importante mensagem do movimento num banco de neve da Ilha da Liberdade. Burdmoore fez o *N* e começou o *U*, mas ficou sem combustível. Por sorte um deles tinha trazido cerveja, que eles passaram pela roda, tomando grandes tragos para completar a mensagem. NUNCA TRABALHAR.

* * *

Destruíram um Cadillac Brougham estacionado na Tenth Street. Burdmoore tinha identificado o carro como pertencente a Thurman Johnson, um cretino cavalheiro sulista que estava dormindo com Nadine, e mesmo que o movimento fosse contra casais, isso incomodava Burdmoore, pois Thurman parecia não apreciar Nadine, mas sim usá-la para uma sádica demonstração de poder. As árvores da Tenth Street refletiam no para-brisa do Cadillac estacionado como um estampado de folhas antes de Burdmoore estilhaçar o vidro com uma marreta. Foi uma sensação ótima quebrar aquele para-brisa, ainda que no fim das contas o carro não fosse de Thurman Johnson.

* * *

Eles só mataram uma pessoa. Maury o Rei do Gueto, que os tinha atacado com um taco de beisebol de alumínio, não contava. Aquilo era guerra, e você não chama de assassinato o que o outro lado chama de baixa. A única pessoa que mataram deliberadamente foi

Twilight, um traficante de heroína do bairro. Quando uma garota de dezesseis anos morreu de overdose, eles foram até a casa de Twilight na Clinton Street. Fah-Q, ele próprio tendo tido fases de vício na droga ao longo dos anos, tinha a menor tolerância dentre os Filhos Da Puta com traficantes e seu impacto negativo no potencial revolucionário.

— Quando as possibilidades da vida lhe são negadas — declarou Fah-Q —, você se volta para si mesmo, o que é muito próximo da morte.

Havia uma fila na Clinton Street quando Burdmoore e Fah-Q chegaram. Viciados fungando, esperando como que por pão durante a Depressão, enxugando os narizes molhados nas mangas dos casacos de camurça sujos. Eis aqui um título de filme para vocês, pensou Burdmoore, *Rancho na Camurça*. Ele e Fah-Q furaram a fila e subiram a escada. Aqueles que estavam esperando não se opuseram, talvez devido à sua condição decadente. Além disso, Fah-Q tinha sessenta e dois anos e pesava noventa quilos. As pessoas tinham uma tendência a sair de seu caminho. Atiraram em Twilight com uma P38, a arma semioficial dos Filhos Da Puta, voltaram para rua e pronto. Sem repercussões, pois acontece que ninguém ligava se Twilight estava vivo ou morto.

* * *

Roubaram um Chemical Bank na Sétima Avenida, sendo que o aparato paramilitar de Burdmoore para a ação não envolveu nada além de uma máscara de esqui e uma calcinha de cetim preto. *Incógnita*, foi como ele lembrou mais tarde a razão por trás da decisão da calcinha, que fora confiscada durante o roubo acidental de uma loja da Courrèges na Madison Avenue. O tamanho da calcinha e a sensação do material agradaram tanto a Burdmoore que ele a estava quase sempre usando. Ou sempre. A calcinha de cetim se tornou para ele uma roupa íntima sagrada, e a forma como sustentava suas partes o fazia se sentir... *acolhido*. Perfeito para uma ação, ele pensava, se despiando na caminhonete.

* * *

Receberam fugitivas de Bellevue, freiras em trajes hospitalares que não se recuperariam em alas psiquiátricas. E fugitivas do abrigo para menores na Quarta Avenida perto do correio. Deram àquelas garotas e mulheres roupas, casa e comida e mostraram o caminho da liberdade institucional. Todos se divertiram. *O que acontece entre os corpos durante uma insurreição é mais interessante do que a própria insurreição.*

* * *

Receberam fugitivos da Ordem das Filhas Douradas, como Juan, que não tinha braços, as mangas da camiseta balançando vazias. A Ordem das Filhas Douradas fazia lavagem cerebral em crianças, ministrando a fumaça branca da dimetiltriptamina, ou DMT, como um caminho para Deus.

* * *

Invadiram a Ordem das Filhas Douradas depois que o líder passou herpes para Love Sprout, que tinha só quatorze anos. A igreja era num apartamento. Os aposentos de Burdmoore no estúdio térreo da Tenth tinham um chão de terra e seis gatos não castrados que infundiam à sua toca um eterno cheiro de sêmen de gato. O apartamento onde ficava a igreja era sórdido de um jeito diferente. Um gordão cabeludo, o líder, inalando drogas de roupão branco aberto, um rosto quase totalmente mascarado por uma barba descuidada, a boca vermelha e úmida ligada a um cachimbo de vidro. Burdmoore deu uma olhada nele e quase vomitou. Dois adolescentes deitados no chão murmuravam sobre a luz que os preenchia, enquanto um pombo preso numa janela acima deles com alfinetes nas asas tentava se soltar. Fah-Q e Burdmoore pegaram o

líder pela gola do roupão. Chutaram o equipamento que ele usava inalar a droga. Espalharam querosene no lugar e acenderam um fósforo. Levaram os garotos murmurantes de olhos tristes para o QG e trataram seus baratos de DMT com suco de laranja. Fah-Q e Burdmoore faziam o que podiam para compensar a moral baixa da comunidade. Os traficantes, charlatães, pregadores e Porcos. Faziam o que podiam para ajudar. Ajudar usando a força, pode chamar de amor armado. Fah-Q chamava.

* * *

Levaram lixo para o Lincoln Center. Lixo por Lixo, como foi chamada a ação, que aconteceu no nono dia de uma greve de lixeiros no verão de 1969. Enquanto seguiam para o norte pela Broadway com sacos de lixo na carroceria da van, Burdmoore fantasiou que estavam subindo pela perna bronzeada de Jackie Kennedy até a fonte do Lincoln Center, que era a calcinha dela.

Esvaziaram os sacos de lixo na fonte e enchiam a calcinha de Jackie Kennedy com borra de café, garrafas de cerveja, caixas de leite azedo amassadas, todo tipo de porcaria fedorenta. Burdmoore se perguntou se deveria estar sentindo pena, mas depois imaginou que Jackie devia estar curtindo. Qualquer garota gosta que encham a calcinha dela. Que o diga uma garota que...

Burdmoore não revelou a nenhum Filho Da Puta o que sentia secretamente quando realizavam aquela ação, enfiando lixo na luxuosa roupa de baixo de Jackie, detritos mantidos no lugar pelo tecido macio, do jeito que ele sentia que a calcinha Courrèges o mantinha no lugar. Teve de se trancar num banheiro depois e bater uma vigorosa punheta. Jackie o deixava tão excitado que chegou a matutar se na verdade ele era gay, mas afastou o pensamento e se concentrou em tirar a calcinha chique dela e enfiar o pinto na sua xoxota macia e bronzeada. Oh, Deus. Será que a xoxota dela era *queimada de sol*? Será que o fato de Jackie ser um ícone dos veados queria dizer que ele era gay? Uma pergunta que surgiu exatamente no momento errado e ele acabou gozando ao visualizar

uns botões grandes, cor-de-rosa e cobertos de tecido de algodão. A seguinte grande ação dos Filhos Da Puta aconteceu logo porque ele precisava se envolver em algo inquestionavelmente macho e portanto eles

* * *

Apunhalaram um promotor de eventos na Segunda Avenida. O promotor estava se recusando a deixar que usassem seu clube para eventos comunitários. — Isso é pelo Jerry Garcia, porra — declarou Burdmoore, quando Fah-Q enfiou a faca nas costelas do promotor.

* * *

Roubaram um Chemical Bank na Seventy-Ninth Street, usando perucas. A de Burdmoore era morena com franja (essa é pra você, Jackie), depois gastaram uma grana em comida no Fairway. Voltaram ao Lower East Side e alimentaram as pessoas. Alimentaram gente por uma semana. Procurando drogados e alcoólatras, garotas adolescentes de olhos vazios e crianças negras dominicanas que viviam de chocolate Yoo-Hoo e bolachas de água e sal, os Filhos Da Puta passaram pratos de papel com grãos, feijão-fradinho, frango assado, salada. Famílias de todas as raças abrangidas pelo censo de Nova York correram ao endereço deles na Tenth Street e comeram os pratos preparados e servidos pelos Filhos Da Puta, tomaram os sucos em copos de plástico pelos quais não pediam nada em troca. Serviram até os hippies, hedonistas apolíticos mais ou menos odiados pelos Filhos Da Puta. Mas os Filhos Da Puta não rejeitavam ninguém que estivesse com fome. Sua fome é sua dignidade é o seu pagamento, diziam quando passavam os pratos de comida e os copos com suco natural, de beterraba, cenoura, abacaxi, cevada. Comida. Graça. Amor. Dignidade. Aproveitem. Aproveitem. Aproveitem.

* * *

Invadiram a Veselka, lanchonete ucraniana caríssima na Segunda Avenida com a Nona. Nenhuma fronteira territorial mais entre a cozinha e o restaurante, clientes e vagabundos, garçom e ladrão. As mulheres que acompanhavam os Filhos da Puta (deve ficar bem claro: não havia mulheres Filhas da Puta. As mulheres eram irmãs de ação, de sonho. Companheiras de cama, zeladoras, cozinheiras, reclamonas) saíam com pratos de comida quente e todos comiam. Depois eles aperfeiçoaram o conceito e invadiram o Four Seasons, comeram e beberam o que quiseram, e saíram depois de cobrir o maître com o conteúdo de um extintor de incêndio, só por diversão. *Comiendo*, como gostava de dizer Fah-Q, que era cubano, *comiendo a la fuerza*. Comendo à força.

* * *

Convocaram alguns gansos como parte da equipe de segurança, ou melhor, gansos apareceram por acaso na ocupação, e Juan os treinou e cuidou, além de tomar conta de Bonanno, o cãozinho (Juan adorava animais, e se tivesse braços, não fosse sem-teto, negligenciado, aflito, não tivesse sido abusado e molestado e deixado como morto na Avenida D, Burdmoore achava que teria sido veterinário). Os gansos grasnavam e mordiam qualquer um que chegasse ao complexo sem autorização, além de oferecer uma presença vívida e dinâmica à cena. O lado ruim era que eles cagavam por toda parte em montinhos oleosos, e tudo mundo tinha que prestar atenção onde pisava.

* * *

Chamaram os Hells Angels quando souberam da notícia de uma iminente invasão a ser chefiada pelo capitão Fink, do Nono Distrito

Policial, com reforços de outras delegacias. Os Angels atenderam às necessidades, quase todas. Barricaram a esquina da Tenth com a B, e lá de dentro lançavam Molotovs, e depois, quando a polícia chegou com o equipamento habitual — uniforme de choque, cassetetes, armamento não letal de vários tipos, a maioria balas de borracha, dardos fedidos, bombas de fumaça, canhões de água, granadas de efeito moral, gás lacrimogêneo —, os Angels queimaram uma imensa pilha de pneus para neutralizar o gás lacrimogêneo. Os Filhos da Puta mantiveram a posição e os Porcos tiveram de se reagrupar e encontrar novas táticas para tentar desalojá-los. Os problemas foram poucos, porém infelizes: bêbado e confinado a um espaço muito pequeno, um dos Angels cometeu um ato forçoso com a mulher de Burdmoore, Nadine. A causa daquelas lágrimas, Burdmoore entendia, não podia ser encontrada nos rastros que deixavam em seu rosto. Minhas mãos estão atadas, disse Burdmoore, franzindo a testa, enquanto ele e Nadine olhavam as mãos dele. O que ele poderia fazer? Não muito. Pouco. Aliás, nada. Mesmo sabendo que a fonte das lágrimas dela era interminável. Interminável e sem fundo e não podia ser encontrada em seus rastros.

* * *

Na chuva. Num estúdio. Numa orgia. Nos encontramos de novo.

* * *

Fizeram planos para encerrar a carreira, com os dois totalizando sessenta e oito acusações, Burdmoore Model e Fah-Q Filho da Puta (cujo verdadeiro nome nos documentos oficiais da polícia era Hector Valadez, algo que ninguém sabia até a intimação ser emitida. Fah-Q disse que não é preciso se reconhecer no próprio nome, um nome não é nada além da maneira como o chamam).

Era o momento da diáspora, da dispersão, Fah-Q e Burdmoore concordaram, mas em como a dispersão se relacionava com luta, com a revolução, eles não concordaram. Para Fah-Q, a luta era um processo histórico com fases específicas, estágios, rupturas, platôs e vitórias, tudo levando finalmente a uma sociedade sem classes. Burdmoore era mais místico, um cara mais intuitivo. Para Burdmoore, só existia a espera — era como nos preparávamos para o futuro, esperando pelo cataclismo, e saberíamos quando ele chegasse. Poderia explodir na sua cara, mas esperava-se que também explodisse na cara do inimigo.

Fah-Q dizia que a cidade não seria mais o local de um ataque insurrecional dos meios de vida. Era 1971 e não apenas a pressão estava sobre ele e Burdmoore, as fábricas estavam fechando. Os operários estavam saindo da cidade, e a cidade, segundo Fah-Q, era só os operários, a fábrica, a reprodução da relação entre as classes. Era hora de pular no abismo, nas desoladas montanhas do norte do México.

Burdmoore foi com ele e levou Nadine, mas só para fugir da polícia. Burdmoore continuava acreditando na cidade, que ele tinha certeza ser o único lugar para o amor e a violência. Quem vai para o exílio se *exila*, dizia a si mesmo no dia da apressada partida. O estranho que vai embora não leva junto a cidade habitável? *Eu levo ela comigo*, pensou, *e vou volta a ela e a mim mesmo no tempo devido*. No momento certo. A história, dizia Bubalev, acontece nas cidades. Não em outro lugar.

Com sessenta e oito acusações somadas entre eles, já era hora de ir.

* * *

Depois de seis meses de dificuldades, com Nadine tendo-o dispensado por uma carona até Los Angeles, Burdmoore deu sorte e arranhou auxílio jurídico. Voltou a Nova York e fez um acordo com o promotor. Reagrupou-se e ficou esperando a ruptura que sabia estar para acontecer.

Com ou sem ele, iria acontecer.

12. O PADRÃO DE MANEQUIM DA SEARS

Era simplesmente a nossa noite. Pessoas eram assaltadas todas as noites no SoHo, onde as ruas eram sempre desertas e escuras — sem postes de iluminação, sem lojas abertas, apenas docas de carregamento desertas.

Estávamos andando com uma espécie de cortina de fumaça sobre nós, Sandro irritado com Talia por deixar Ronnie fazer com que se socasse no rosto, aborrecido comigo por anunciar que iria a Monza, que foi o que eu disse na rua, na porta do Rudy's, bêbada e testando seus limites.

— Eu vou — falei. — Eu fui convidada e não tem nada a ver com você. Tem a ver comigo.

— Ótimo — ele replicou. — Muito bem. Talvez no seu próximo ato você possa mostrar os peitos.

— Que legal — falei.

— Tão legal quanto a Valera pode ser — ele disse. — Na verdade, é mais legal, porque é uma região de qualidades humanas. De mulheres. Mas deixa pra lá.

Continuamos andando no escuro, imersos em nosso silêncio profundo com duas cabeças que não iriam se reconciliar tão facilmente. Ele queria que eu esquecesse a viagem, e eu pensava ser injusto fingir que o fato de eu ter dirigido o *Spirit of Italy* não tinha significado nada. Tinha significado algo, era realmente incrível. E ainda assim eu estava sendo forçada a escolher entre uma oportunidade real e Sandro. Quanto mais eu pensava a respeito, mais ficava zangada, e então nosso assaltante surgiu de uma porta.

Estava com uma faca estendida à sua frente como se fosse uma coisa quente, agitando-a na direção das nossas costelas. Exigiu nossas carteiras.

Sandro esticou o braço para pegar a dele, no bolso de trás, mas em vez disso sacou a arma de festim.

— Larga essa faca.

O assaltante não obedeceu.

— Você não vai *atirar* em mim — falou para Sandro. — Que porra esse homem está...

Avançou para Sandro. Sandro puxou o gatilho e disparou.

Uma bola de fumaça surgiu. A faca caiu na calçada.

O assaltante gritou, segurando a mão, o corpo dobrado. Olhou para Sandro de sua posição retraída, segurando a própria mão.

— Você atirou em mim, porra! Não acredito que você atirou em mim!

Senti o terror do assaltante como se Sandro tivesse atirado em mim.

Falei que iria ligar para a polícia e chamar uma ambulância. Estávamos a apenas um quarteirão do nosso apartamento.

— É melhor você esperar com ele — recomendei.

— Claro — concordou Sandro, dando de ombros como se eu estivesse fazendo um pedido idiota, como se tivesse pedindo que ele recuperasse o papel de bala que tinha acabado de jogar no chão.

Fiquei esperando, o número de emergência transbordava de ligações nas noites de sábado, Nova York era tão cheia de emergências que a espera demorou dez minutos.

— Você viu o atirador? — perguntou a atendente.

— O atirador?

— A pessoa que deu o tiro na vítima — ela explicou.

Vítima?

— Alô? Você vai ter que fazer um relatório oficial...

Desliguei o telefone. Botei um espaguete velho para cozinhar, e quando a água ferveu ouvi a ambulância.

Fiquei esperando Sandro. Ele não voltou. Não sabia bem o que fazer. Comi o espaguete e bebi uma taça de vinho branco quente porque era só o que tínhamos e era tarde e eu já tinha bebido demais e estava com fome de um segundo jantar. A ambulância tinha chegado e partido e agora eu não ouvia nada. Resolvi que era melhor ir até lá. Não havia ninguém na rua. Estava escuro e deserto, como se o assalto nem tivesse acontecido. Andei até a Houston

Street, onde táxis passavam de vez em quando, correndo. Voltei para casa e fiquei esperando.

Sentei num sofá-cama na sala, uma plataforma de compensado que Sandro tinha feito, ouvindo pela janela aberta os tons noturnos da cidade adormecida. Nenhum carro perturbava o calçamento solto da nossa rua. Liguei a televisão. O filme das três da manhã estava começando. Um bebê chorando nos braços de uma mulher com o rosto inchado de dormir, o cabelo desgrenhado e marcado pelo travesseiro. Era uma cena conhecida, mas não sabia dizer de onde. A câmera mudou para uma mulher mais bonita num sofá. Ela se aprumou, magra e loira com uma vitalidade natural, olhou pela janela para um caminhão descarregando carvão. Percebi que já tinha visto aquele filme no cinema com Sandro. A mulher mais bonita tinha largado o marido e os filhos e estava prestes a embarcar numa série de aventuras com um homem impulsivo e ansioso. A tese do filme não era a vida crua de uma cidade de mineração de carvão, embora essa tenha sido a interpretação de Sandro, o elemento humano da indústria. Era sobre ser mulher, sobre se importar ou não com o que acontecia com você. Era sobre não se importar de verdade.

O carvão vem em diferentes tamanhos, como me explicou Sandro depois que assistimos ao filme. Nomes como caroço, grelha, ovo e nozes. Sandro gostava de saber esse tipo de coisa. Tanto ele como Ronnie, embora, como Ronnie brincava, Sandro era *donos* de fábricas enquanto Ronnie tinha trabalhado em fábricas. Ou ao menos era o que Ronnie dizia, que tinha trabalhado numa indústria têxtil. Mas às vezes ele dizia que só tinha trabalhado com barcos. No entanto, as histórias que Ronnie contava sobre a indústria têxtil pareciam verdadeiras. Resolvi que se ele não tivesse trabalhado numa, bem, *alguém* tinha. Alguém tinha vivido a experiência que Ronnie nos relatava.

— A gente mijava atrás da sala de tintura — contou. — Porque havia bichas velhas escondidas nos banheiros, esperando para ver os pintos dos mais novos.

O trabalho de Ronnie era mexer um tanque de tintura. Trabalhava com outro garoto, alto e magro com um bócio no pescoço do tamanho de uma bola de tênis. Durante uma semana, contou

Ronnie, o garoto com o bócio no pescoço não apareceu e Ronnie mexeu a tinta sozinho. Na semana seguinte o garoto voltou, uma grande atadura no lugar do bócio. Ronnie disse que eles tinham uma clínica secreta no porão da tecelagem para os trabalhadores não prestarem queixa.

— Quando prendi a mão numa polia — contou Ronnie —, os caras me levaram de maca até lá e me deram por morto com um enfermeiro imenso que me aplicou anestesia e morfina.

— Ele está dizendo a verdade? — perguntei a Sandro.

— Ele é complicado — respondeu Sandro. — É preciso ouvir com atenção. Ele pode dizer algo totalmente verdadeiro e não fazer sentido. Depois ele inventa alguma coisa, mas com valor. Ele está dizendo *alguma coisa* a você.

A mulher no filme vai ao tribunal e diz ao juiz que ela não presta, que os filhos vão ficar melhor sem ela. A expressão é calma e indiferente: uma pessoa deixando a vida se desdobrar tranquilamente. Por causa da sua beleza, não há desvios desnecessários pela vaidade.

— *Eu tenho outros problemas* — dissera Nadine.

A mulher do filme já era bonita e teve de confrontar a vida diretamente. Foi levada a se destruir, e por causa da própria beleza, teve liberdade para isso.

Ela tenta pegar o restante do seu salário num trabalho quase escravo.

O que posso fazer por você, querida? O chefe do turno, de óculos grossos, os olhos nas grandes órbitas gelatinosas rolando sobre ela.

Atrás dele, centralizando o quadro, o relógio de ponto dos funcionários. Ronnie e Sammy, amigo de Sandro, batiam ponto a cada hora, vinte e quatro horas por dia durante um ano. Sandro disse que era uma das grandes obras de arte do século, aquilo e o projeto declarado de Ronnie de fotografar todas as pessoas vivas. Sammy tinha morado na rua por um ano, o que era muito mais esgotante e extremo do que dirigir um veículo em alta velocidade no solo. Mas as duas coisas significavam construir sua vida em torno de uma atividade e chamá-la de performance. Então por que eu não devia ir para Monza?

Ouvi os caminhões de lixo lá fora. Provavelmente Ronnie estava fazendo sua aparição na casa da jovem a quem ele recorria como plano reserva. Não como ele havia prometido, horas antes, mas agora, nos momentos finais da noite, estava disposto a aceitar o que ela oferecia.

A mulher do filme bebe num bar. Está com bobes no cabelo, um lenço de *chiffon* cobrindo a cabeça como uma lona sobre uma pilha de lenha. Os buracos dos bobes espaços para esperança: alguma coisa boa pode acontecer.

Nenhum sinal de Sandro. Eu assistia ao filme para me manter acordada enquanto esperava.

Um homem pagou uma cerveja para a mulher. Ela dava golinhos graciosos com os bobes no cabelo, preparando-se para nenhuma ocasião especial. O tempo dos bobes era quase religioso, uma espera mais importante do que aquilo que se esperava. O tempo dos bobes tinha a ver com viver o agora acreditando que, no futuro, haveria uma ocasião para o penteado. Mas depois ela estava vestindo as roupas de baixo maltrapilhas e o resto das roupas e saindo de um quarto de motel atrás de um vendedor ambulante, abandonando os bobes para sempre.

Ei! Ei, espera aí!

Cheguei a ensaiar partes do filme, a lembrança das cenas voltando com mais detalhes à medida que eu assistia. Comecei a antecipar. Não as falas, embora eu me lembrasse de algumas, mas as expressões do rosto da mulher.

Observando manequins de lojas de departamentos como se eles tivessem algo essencial e humano que ela não tinha. Manequins eram posicionados com cuidado para parecerem naturais, olhando nessa ou naquela direção, mas nunca para nós. Isso fazia parte do Padrão de Manequins da Sears. Minha mãe tinha trabalhado durante um tempo como assistente de vitrinista na Sears no centro de Reno. Recebeu um manual com uma lista de instruções, sendo que a mais importante era a regra do não contato visual. Se os manequins fizessem contato visual com os clientes, eles desfariam o sonho, as projeções dos compradores. O trabalho de um manequim era nos vender uma versão mais perfeita de nós mesmos por \$19,99.

A mulher observava os manequins em busca de orientações. Examinava a maquiagem esmaltada, uma bolsa pendurada em um braço rígido, um suporte apoiando todas as figuras em tamanho real por trás, desaparecendo num buraco recortado na costura das calças. Todos tinham uma haste espetada na bunda, diz a súbita dureza da expressão da mulher. Que coisa.

A expressão dela quando o Sr. Dennis, o homem irrequieto, joga sua nova calça cor de limão pela janela do carro: decepção infantil.

Quando estiver comigo, nada de calças. Nada de calças.

Joga o batom dela fora.

Faz você parecer vulgar.

Quando você estiver comigo, sem bobes. Por que você não compra um chapéu?

Se você não quer nada, você não vai ter nada, ele diz a ela. Se você não tem nada, você não é nada. Poderia até estar morta.

Tudo dá errado quando eles tentam assaltar um banco. Foi como o pobre Tim Fontaine, o irmão mais novo de Ronnie. Tim Fontaine, que roubou um banco e ficou esperando um ônibus num ponto cheio de gente até a bomba de tinta do saco de dinheiro estourar.

— Por que ele não pegou um táxi? — perguntei.

— Porque esse é o meu irmão — respondeu Ronnie. — Se fosse inteligente o bastante para pegar um táxi, poderia ter bolado outra forma de financiar seu vício em drogas.

Ronnie contou que antes de roubar bancos o irmão dele vendia heroína em Bushwick e que era um trabalho muito difícil, dezesseis horas por dia, e o único pagamento era uma dose matinal e outra noturna.

— Esse é o problema dos drogados — explicou Ronnie. — Eles trabalham como cães, o dia inteiro na rua, e acham que estão enganando o sistema. Eu falei ao meu irmão que aquilo dava doze centavos a hora.

— E quanto você ganha, Ronnie? — perguntou Sandro de brincadeira.

E Ronnie respondeu:

— Eu não ganho um *salário*, sou um artista. Não faço parte do sistema.

— Nem o seu irmão — retrucou Sandro. — Por isso você tem que acrescentar algo aos doze centavos dele, algum valor agregado.

Uma vez eu encontrei Tim Fontaine. Tinha algumas ideias sobre como ele seria, enquanto irmão de Ronnie, e enquanto pessoa que tinha passado muitos anos roubando bancos e carros-fortes antes de ser preso. Imaginei costeletas como as de Ronnie, bonito e gingando como Ronnie, a calça Levi's suja e nunca lavada, as botas de motoqueiro. O sarcasmo. Óculos escuros na cabeça e o leve e despojado toque de uma graça quase feminina, pois Ronnie tinha uma boca bonita. Em outras palavras, eu visualizava Ronnie. Tim Fontaine não era nada parecido com Ronnie. Resmungava, arrastava os pés e olhava para o chão. Usava roupas de trabalho rígidas e mal-ajustadas, parecendo novas demais, que depois aprendi consistirem do guarda-roupa universal dos ex-presidiários. O corte de cabelo sem graça, de barbeiro. Um bigode que cobre uma espécie de marca ou cicatriz. Os músculos volumosos e desajeitados adquiridos no pátio da prisão. Tim Fontaine dava a impressão de que dali para frente tudo só poderia melhorar. Doze passos íngremes, depois repetir. Mal olhou para mim quando nos conhecemos, ficou olhando para as próprias mãos, as pontas dos dedos grossas e luzidias.

— O imbecil apagou as impressões digitais com ácido quando fez dezoito anos — explicou Ronnie. — Como se isso não o identificasse instantaneamente como um criminoso.

O filme está quase acabando, é manhã numa pedreira deserta. A mulher acorda num carro, um soldado abrindo a braguilha e atacando-a. Ela foge, sai gritando pelo bosque com suas sandálias brancas que o Sr. Dennis tinha pegado emprestadas da mala de um carro no estacionamento da Woolworth. Por sorte, elas cabiam perfeitamente. Ela corre pelo espinheiro, arranhada, frenética, meio despida, meio estuprada, e cai de cara no chão, chorando.

É noite em um bar de beira de estrada. Alguém coloca um cigarro apagado atrás da orelha dela. Uma pessoa lhe oferece um cachorro-quente. Ela dá uma mordida, humilde e agradecida. Seu copo de cerveja é servido e reabastecido.

Soa uma música caipira, violinos estridentes animam pessoas que gritam, fumam e bebem, todas as vozes bombardeando a mulher.

Se você não quer nada, você não tem nada. Se você não tem nada, você não é nada.

O cigarro na sua mão de dedos longos. Seu rosto de beleza pálida, sua luz apagando.

Eu ainda sou... tão... *bonita*. Nadine, inclinando-se na minha direção para provar aquilo.

A câmera enquadra a mulher, os olhos voltados para a mesa.

É isso. Fim do filme.

Quase em sincronia, ouço o som das correntes do elevador de carga subindo para a cobertura.

* * *

O elevador trepidou e chiou antes de parar na sua posição de repouso no primeiro andar. Desliguei a televisão e me levantei.

Sandro estava sentado no escuro, numa cadeira no meio do grande hall de entrada. Alcancei o interruptor.

— Não — ele falou. — Deixa assim e vem até aqui.

Aninhou a cabeça em mim. Fui inundada de compaixão por ele. A única coisa justa, pensei, era tentar compartilhar o baque físico pelo erro que ele cometera. Mas enquanto acariciava seu cabelo, sentindo seu peso quente sobre mim, me senti distante do que ele tinha feito, defendendo oito dólares mais um número de telefone rabiscado numa nota fiscal de loja de ferragens — este era o conteúdo da carteira dele, depois eu constatei. O número era do Trust E. Para pedir comida, provavelmente. Ele tinha atirado na mão de uma pessoa para defender oito dólares e um número telefônico que eu sabia de cor.

Ele me pegou no colo e levou para a cama. Havia uma cama naquele quarto em que normalmente nós não dormíamos. A cama e uma única cadeira eram todo o mobiliário. Sandro gostava de ter uma cama em cada cômodo, isolada, nunca encostada na parede. Mesmo nos andares de baixo, que eram apenas para expor seus

trabalhos concluídos e os dos amigos, Stanley Kastle, Saul Oppler, John Chamberlain, algumas peças de Ronnie, havia uma cama em cada recinto, ilhas de conforto doméstico em espaços tão vazios que faziam um velho radiador no canto, com a pintura metálica descascada, parecer doméstico e aconchegante. A única pessoa que usava essas camas era Sandro. Ele gostava de uma superfície para deitar e pensar, para sentir o espaço de um recinto, para observar os padrões repetitivos de zinco lavrado acima, ouvir o som oco dos paralelepípedos trepidando quando os caminhões passavam na rua abaixo. Essa austeridade conferia ao loft de Sandro um ar de loja de máquinas muito limpa. Tudo lá era recoberto por um fino resíduo com uma textura oleosa, como aparas de grafite, um pó que manchava de preto se você tentava limpar o batente de uma janela, ou se sentasse numa cadeira com uma calça clara. O loft de Sandro nunca estava limpo como uma casa normal. Lubrificantes de máquinas, solventes e subprodutos de tratamento de tecidos marcavam o assoalho com sombras fantasmagóricas. Em sua vida pregressa o prédio abrigara uma fábrica de vestidos. Quando Sandro comprou o imóvel, Gloria Kastle trabalhava como sua assistente, um dos aspectos da “longa história” dos dois, a que Gloria tinha prazer em aludir e a respeito do qual Sandro revirava os olhos. Vários alfinetes haviam sido deixados em todos os espaços entre as tábuas do assoalho, e a tarefa de Gloria foi removê-los, agachada com um ímã na mão. Levou uma semana e suas costas doeram por meses depois, mas ela disse que se apegou à tarefa, caçadora de alfinetes perdidos.

“Quando fechava os olhos à noite” ela contava, “eu via alfinetes sendo arrancados de buracos e fissuras com um ímã muito forte, os alfinetes se grudando uns aos outros como uma tira de bonecos recortados em papel.”

Sandro tinha feito o trabalho pesado, desaparafusando e transportando pilhas de tábuas de passar roupa industriais até um depósito a céu aberto na frente do prédio, cuja maré de maquinário descartado subia a cada dia e era magicamente baixada toda as noites por coletores noturnos que levavam as coisas embora.

Deitamos na cama do hall de entrada. Eram cinco da manhã e as ruas estavam em silêncio, nada além do som de uma bola de

basquete quicando nas quadras do outro lado da rua, ocasionalmente ricocheteando na tabela da cesta. Eu tinha o hábito de visualizar uma pessoa solitária jogando aquela bola, driblando, lançando-a ao aro sem rede, pegando de volta. Alguém que não conseguia dormir e tinha levado sua bola para arremessar enquanto pensava. Poderia haver duas ou três ou até mesmo um time inteiro de pessoas correndo no escuro, driblando, passando, lançando, mas sempre que eu ouvia a bola ecoando na pequena quadra eu pensava se tratar do som de um só jogador.

Sandro me olhou como que para confirmar que estávamos na mesma sintonia. Devolvi o olhar, incerta quanto à sintonia. Parecia importante demonstrar que eu entendia. Não é isso que a intimidade costuma ser? Supor que a gente entende, dar a impressão de que você entende, porque na teoria a gente sente que *poderia* entender, e a gente quisesse entender, mas secretamente não entende. Em seguida ele começou a puxar minha calcinha e eu não precisei entender. Naquele grande salão aberto, meus pensamentos vagavam enquanto Sandro descia, sua respiração nas minhas coxas, uma sensação que sempre me constrangeu um pouco, como se eu fosse uma adolescente frígida. Tinha a vaga impressão de que consentir significava aprovar o seu ato de violência e eu não aprovava, mas afinal era apenas sexo, não aprovação ou perdão, e eu já tinha decidido que não ia retribuir. Cansada demais, muito tarde, eu não estava a fim. Sandro nunca ligou para reciprocidade. Sexo não tinha nada a ver com troca de valores, dizia. É uma economia de oferta. Relaxei e deixei o pensamento vagar. Fiquei pensando na mulher do filme, o rosto branco feito neve. Delicadamente bebericando sua cerveja num copo baixo. Fiquei meio distante do que estava acontecendo, da boca de Sandro, uma assimetria que deveria ser lida como conexão, o rosto de um homem, sua língua e concentração, entre as pernas de uma mulher, e o foco dela na fruição. Não gratidão, nem intimidade, apenas fruição.

A mulher no tempo dos bobes de cabelo, bebericando a cerveja, estava se preparando para se perder. Ela o faria. Não tinha medo.

A luz do sol entrou pelas janelas do loft, os caminhões da Grand Street começando seu longo dia, de roncos e sacolejos ao passarem pelas grandes chapas de metal dispostas na rua.

Sandro me contou que ficou esperando a ambulância com o assaltante, um garoto de quatorze anos com a mão arrebatada. Fiquei em silêncio. Ele considerou meu silêncio como uma acusação. Era um cara com uma faca nos *ameaçando*, explicou. Como poderíamos saber que não iria nos machucar? Não havia como saber. A única coisa certa era o revólver, que, por conta da demonstração de Sandro para Didier, estava carregado.

Quando ouviu a sirene da ambulância tocando, Sandro saiu da cena. Foi andando pela Houston até a Allen. Desceu pelo Allen Mall, como chamávamos o caminho de pedestres entre o tráfego norte e sul, até a Delancey. Passou pelo restaurante Ratner's, que estava lotado. Subiu os degraus da Williamsburg Bridge e começou a atravessar. Viu o neon amarelo da refinaria de açúcar do outro lado do East River, as luzes halógenas de segurança do Pátio da Marinha, a subestação elétrica ao sul, as chaminés escuras piscando em vermelho. Tinha se esquecido de como aquela vista era magnífica. Mas, ao passar pela calçada coberta de grafites, ele sentiu a pistola de festim no bolso e começou a conjecturar se seria assaltado outra vez. Com certeza aquilo não poderia acontecer duas vezes numa só noite. As probabilidades eram mínimas. Deveria ser impossível, visto que já tinha acontecido. Avistou mais à frente um amontoado de figuras escuras à espreita no caminho do ancoradouro de concreto e resolveu que ser assaltado não tinha nada a ver com probabilidades. Nada a ver com o que já tinha acontecido. Não tinha a menor vontade de usar aquela arma outra vez. Deu meia-volta, desceu os degraus da ponte, e entrou em Chinatown, andando pelas calçadas lavadas à mangueira em frente a mercados fechados de peixe e produtos frescos. Encontrou uma padaria na Hester Street com a luz acesa, as janelas embaçadas com um véu de vapor branco, tanto vapor que escorria água pelo interior do vidro. Lá dentro, funcionários enchiam cestas do mostruário com grandes pães assados. Arranhou a vitrine e os convenceu a lhe vender um bolinho de creme de lótus. Tinha acabado de sair do forno e seu

calor e aroma, ele contou, o transportaram até mim. Nada mais importava a não ser voltar para casa para me ver.

— E aqui está você — falou. — Em seu esplendor de calcinha de algodão. No esplendor das suas pernas.

* * *

Helen Hellenberger telefonou na manhã seguinte com o nome de um advogado para Sandro.

— Como ela já sabe o que aconteceu? — perguntei.

Sandro coçou a cabeça como se sobrecarregado com detalhes ínfimos e pelo trauma do incidente e respondeu:

— Eu telefonei para ela quando cheguei em casa. Mas o que isso importa? Está tudo meio difuso. Uma cagada e uma calamidade. Eu estou furioso comigo mesmo.

Ele pôs a cabeça entre as mãos, e em seguida tratei de consolá-lo e disse a mim mesma para não ficar paranoica por causa de Helen.

O advogado informou a Sandro que ele teria de escolher entre procurar a polícia e contar exatamente o que tinha acontecido, ou resolver não ir e não fazer nada.

— Mas o que acontece se eu me entregar? — perguntou Sandro.

O advogado explicou que Sandro estava entendendo errado. Não havia razão para se preocupar. Eles iam querer transformá-lo num herói. Herói justiceiro persegue assaltante, salva a noite.

Sandro contou tudo isso para mim no restaurante ucraniano que gostávamos de frequentar na esquina da Segunda Avenida com a Nona. Depois saímos andando para o leste pela Nona em direção ao Tompkins Square Park. Era um lindo dia de outono, uma manhã tranquila, as folhas dos carvalhos assumindo um tom de vinho, o cheiro de fumaça vindo da lareira de alguém.

Estávamos perto da estranha fachada de uma congregação que distribuía doses grátis de DMT, comunhão para qualquer um que quisesse se aproximar de Deus. Ronnie tinha me mostrado o lugar — uma porta com uma feia pintura de mandala marrom, um lugar que você já precisava conhecer para encontrar. Uma vez ele entrou

para ter a experiência, não de Deus, só de DMT. Disse que o pregador era “justo”, querendo dizer que dava a todos e a si mesmo a mesma dose. Ronnie tomou a sua, que foi intensa e instantânea. Flutuou até o teto. Queria descer mas era tarde demais e o pastor e sua congregação falavam sobre Jesus e a verdadeira luz interior. Foi aterrador, ele contou, realmente desagradável, e não havia nada que pudesse fazer a não ser esperar lá em cima, no teto.

— Se isso é Deus — falou Ronnie —, ele é pirado.

Sandro e eu passamos pelo feio símbolo da pequena congregação do DMT. Pouco adiante, um grupo de hippies recostava-se na cerca de arame de um terreno abandonado, tomando cerveja no gargalo de garrafas transparentes de mais de um litro.

O impulso de atirar na mão de alguém. De esconder uma arma na bota. O que era aquilo? Eu me sentia livre disso. Como se eu pudesse flutuar sem peso até o teto, sem o fardo de um ego masculino. Eu flutuaria bem alto e não sentiria medo.

— Então é isso que nós vamos fazer, certo? — Sandro estava falando e eu não estava ouvindo. — Ligar para eles assim que chegarmos. Porque eles são italianos e é preciso planejar as coisas com meses de antecedência e lidar com toneladas de burocracia. Fiquei feliz. Na verdade nunca tinha considerado não ir, mas o apoio de Sandro tornava tudo muito mais fácil, mesmo que aquele súbito apoio tivesse a ver com ele, com o assalto, e pouco a ver comigo.

— Você pode me proteger — ele brincou — da Itália. Vou me esconder atrás de você. Vou me grudar em você de um jeito que vai te deixar louca.

* * *

Sandro ia fazer uma exposição na galeria de Helen em fevereiro e queria partir logo depois. A turnê com a equipe da Valera deveria começar em março. Poderíamos usar a casa de campo da mãe dele como base. Eu iria para Monza e depois para outras pistas de corrida no norte da Itália, e talvez à França e à Alemanha. Ia fazer um filme sobre a turnê, sobre meu encontro com a velocidade.

— Você pode flertar com Didi Bombonato — disse Sandro de forma provocativa, jogando o cabelo para trás.

Tentei tocar no assunto com Marvin no trabalho no dia seguinte. Minha esperança era que ele dissesse que eu podia tirar uma licença e voltar para um emprego garantido. Mas assim que ouviu a palavra “Itália” Marvin começou a contar uma história.

— No verão de 1967 — disse ele —, um amigo meu estava trabalhando para a empresa que ia distribuir *O Desprezo*. Ele falava italiano e francês, por isso foi contratado para fazer as legendas. Quando a cópia ficou pronta, esse amigo me convidou para uma primeira exibição. Tinha uns erros engraçados nas legendas. A *Odisseia* vinha traduzida como “odiosa”. Depois esse mesmo amigo legendou outros filmes do Godard, e houve mais erros nas legendas. O meu favorito foi o de *La Chinoise*. Hegel apareceu como “Helga”.

— Marvin, eu quero ir pra Itália — falei. — Por três ou quatro meses talvez, tempo suficiente para viajar com a equipe da Valera. Estou querendo fazer um filme.

— Não é incomum aparecerem legendas nas guias — continuou Marvin.

Será que ele tinha me ouvido? Estaria respondendo numa espécie de código?

— Uns poucos fotogramas depois da garota entra o negativo como um instrumento de calibragem. Você, ou alguma outra, lá com um pedaço de legenda accidental. Helga.

Quando Eric voltou do almoço, eu falei que gostaria de ir à Itália na primavera. Ele disse que tudo bem, que eu podia manter o emprego desde que voltasse no meio do verão.

Estar na Itália com Sandro e a equipe da Valera... seria uma turnê de luxo comparada com o meu tempo de estudante em Florença, quando eu não tinha dinheiro para viajar e morava no closet de um vendedor de frutas. Marvin me vendeu um estoque de filmes de dezesseis milímetros com um desconto tão grande que foi praticamente de graça. Haveria uma demonstração do *Spirit of Italy* em Monza e eu ia dirigir o carro. Eu tinha uma ideia para o filme, filmaria de perto, em grande angular, o cartaz de Flip Farmer. Um close no rosto, uma panorâmica do corpo, do traje à prova de fogo,

do braço em cima do capacete. Uma meditação sobre essa imagem parada, o sorriso puro e monstruosamente branco. Depois minha figura. A equipe da Valera. Minhas próprias luvas de direção. Meu capacete.

* * *

— Ele gosta de apanhar — respondeu Giddle quando perguntei como estavam as coisas entre ela e Burdmoore.

Estávamos no Rudy's para o nosso ritual habitual, assim como para uma despedida final antes de eu e Sandro partirmos. Era inverno, e uma neve suja cobria as calçadas.

— É difícil imaginar — falei. — Você é tão mignon.

— Não apanhar de verdade. Só palmadas na bunda. Com uma raquete de pingue-pongue.

— Ah.

— Ele me chama de mama — continuou.

— Sei.

Tinha uma nova pichação no toalete feminino do Rudy's:

“Quem fala sobre amor destrói o amor.”

Alguém tinha rabiscado “amor” e escrito “Ronnie Fontaine”.

“Quem fala sobre Ronnie Fontaine destrói Ronnie Fontaine.”

Em geral o toalete feminino virava unissex tarde da noite quando todos já estavam bêbados. Fiquei imaginando se Ronnie estava escrevendo aquelas coisas. Mensagens para ele mesmo.

Ronnie apareceu e se enfiou no reservado enquanto conversávamos sobre Burdmoore.

— Ah, é — falou —, isso ainda está rolando?

Giddle disse que se sentia lisonjeada com o interesse de Ronnie, e que sim, ainda estava “rolando”.

— Não estou tão interessado assim — observou Ronnie. — Só queria saber se você puxa a barba dele.

Parece que Brancusi, quando dormia com Peggy Guggenheim, o que aconteceu mais de uma vez, pelo que sei, dizia pra ela não tocar

na barba dele. Era proibido. Podia tocar em qualquer outra coisa. Qualquer parte ou penugem do corpo. Mas não na barba.

Mas Burdmoore tinha raspado a barba, eu percebi quando ele veio na nossa direção passando pelos frequentadores do Rudy's. Tinha cortado também suas madeixas ruivas. O cabelo estava cortado curto e a barba feita. Era difícil entender quem era ele agora, porque naquele rosto liso, o cabelo aparado, eu só via um acordo com Giddle, retirada de cabelos em troca de alguma coisa, talvez de sexo ilimitado, e não um homem que tinha resolvido ter aquela aparência.

Giddle fez um brinde, falando com entusiasmo sobre o quanto seria fabuloso pensar em mim num traje de corredora, numa pista, que emoção. Também, ela continuou, como era preciso passar um tempo na Itália, que aquilo era parte do ritual de amadurecimento de uma moleca, uma espécie de conclusão escolar, e então se transformou na sua versão irmã mais velha, comigo como sua jovem protegida, que era um papel que ela interpretava com frequência, e ela era, de fato, talvez dez anos mais velha que eu. Eu tinha passado um ano estudando na Itália, mas não chamei a atenção de Giddle para isso. Ela sabia, ou pelo menos eu tinha contado. Disse que eu devia considerar pintar de ruivo o meu cabelo loiro escuro, e que as mulheres italianas passavam hena nos cabelos. Nada estava mais na moda lá do que cabelo pintado de vermelho. Cabelo tingido e calças palazzo, falou. Precisamos comprar umas calças palazzo pra você.

Em dado momento ela mencionou que na verdade nunca estivera na Itália.

— Mas eu posso imaginar — disse. — Um lugar onde as mulheres mais velhas esfregam degraus de pedra com uma escova dura e um balde cheio de água e sabão. Onde sempre tem alguém lavando degraus de pedra, uma viúva de luto. Ninguém faz isso na América. Lavar degraus. Ou usar roupas de luto.

Era tarde, estava escuro e enfumaçado no Rudy's. O reservado tinha se dividido em diversas conversas. Ronnie estava ao lado de Saul Oppler, que já o tinha perdoado totalmente por ter matado seus coelhos. Ronnie olhava para as mãos de Saul.

— Saul — falou —, você não tem impressões digitais.

Saul olhou para as próprias mãos, imensas, velhas e fortes, mãos que pareciam capazes de pulverizar pedras. Examinou as pontas dos dedos lisas e deu de ombros. Disse que ele *usava* as mãos. Para fazer quadros. Aquilo tinha acabado com as digitais, falou.

Ronnie disse que não sabia que era tão fácil acontecer isso.

— Como assim, *fácil*? — perguntou Saul. — Eu trabalho naquele estúdio há quarenta e oito anos. Você chama isso de fácil?

— Estou falando de perder as...

— Só consegui minha primeira exposição solo quando tinha trinta e sete anos! Fácil. Vá para o inferno! — bradou Saul.

Sandro estava no balcão, pedindo mais bebidas. Burdmoore estava ao lado de Giddle, observando-a em silêncio com certa admiração enquanto nós conversávamos. Ele parecia não sentir a necessidade de conquistar Giddle, fazer com que se apaixonasse por ele. Só ficava olhando para ela com o olhar fixo, como se já estivesse pensando em mais tarde, no que os dois fariam depois. Olhei para Sandro quando ele apareceu com as bebidas. Atrás dele, no meio do salão, uma garota em pé sozinha olhava para o nosso reservado. Jovem, pálida, magra e loira cor de palha, com um rosto grande, e a cabeça grande como a de uma criança. Olhava para Ronnie, que conversava com Saul Oppler e não erguia os olhos, não a notava. Era a garota do plano de reserva.

— Estou tão animada com a sua viagem — continuou Giddle. Olhou para o copo de Slivovitz que Sandro passou para ela, virando-o nas mãos.

— Vejo travestis octogenários que são católicos devotos que podem convidar você para tomar chá — falou. — Você vai, usando sua calça palazzo. Precisamos comprar uma pra você na Goodwill. — Deu um gole na bebida, e voltou a olhar para o copo. — As velhas travestis vão ter mobílias esquisitas estofadas de crina de cavalo, com laçarotes pendurados em tudo para cobrir o mofo escuro.

Ela conhecia um travesti italiano, contou, um jogador de xadrez colecionador de óperas alemãs da virada do século que disse a Giddle que toda noite sonhava com papas. Papas vestidos de branco ofuscante, flutuando nas nuvens. E Giddle tinha perguntado qual papa, o papa? Era Paulo VI? E o travesti fez uma expressão de nojo

e disse que não, claro que não! Não era o papa do Vaticano. Apenas *papas*. Todos de branco, disse a Giddle, restaurando seu devaneio sonhador. Lindos papas, flutuando nas nuvens. Giddle achou realmente demais.

— A visão dela não era molestada pelo poder de verdade — falou.

— Eram simplesmente homens flutuando nas nuvens.

A garota do plano de reserva estava no meio do salão, de frente para nós.

Me perguntei se deveria dizer alguma coisa a Ronnie. Preferi não. Se quisesse alertá-lo quanto à sua presença, ela faria isso sozinha. Mas ela preferiu ficar olhando para ele com olhos franzidos, treinando sua tristeza com ele.

Ronnie não percebeu e continuou falando com Saul.

Ela se virou para ir embora. Fiquei olhando enquanto se dirigia à saída, levando sua tristeza consigo.

13. O TREMOR DAS FOLHAS

dizia muito sobre o que iria acontecer, de acordo com o capataz brasileiro contratado por Valera. O capataz disse que não se podia prever. Não dava para saber, por adivinhação, quais dos seringueiros voltariam com a cota, quais voltariam com menos que a cota e quais morreriam.

— Febre amarela — disse o *patrão*. — Eles morrem de febre amarela.

Um seringueiro com um buraco calibre .22 na cabeça:

— *Febre amarela*, está escrito no livreto.

Outro com um buraco nas costas:

— *Febre amarela*.

Um terceiro com um espeto atravessado no pescoço, provocado pelo bacamarte do patrão e seu cano improvisado com arame barato:

F.A.

As armas dadas ao patrão pela Valera eram boas para cinquenta tiros, mas depois se desfaziam. Ele escreveu para o contato da empresa em São Paulo sobre o equipamento defeituoso, mas lhe disseram que não havia nada a ser feito a respeito daquilo.

Era importante manter esses índios distantes, portanto o patrão teve de elaborar formas para isso. Os índios precisavam de ameaças. Precisavam sentir medo. Era provável que eles acabassem fugindo. Ou vendendo a borracha para contrabandistas que vagavam pela periferia do acampamento, e assim o patrão perderia a sua parte no lucro. Dava para ouvir aqueles bandidos, seus estalidos e farfalhares na selva. O trabalho do patrão era manter os índios na linha. As ferramentas eram os bacamartes baratos, falsos afogamentos despejando água num pano cobrindo o rosto, e várias outras imposições no papel dos índios como peões. Eles deviam uma taxa por terem sido trazidos para a Amazônia.

Tinham dívidas por suas compras a crédito na loja da empresa. Eram proibidos de praticar atividades de subsistência. Não podiam colher castanhas-do-pará. Não podiam plantar (se alguém fosse pego plantando: *F.A.*).

* * *

Essa era a vida dos seringueiros, correria, suor, exaustão, espera. Correria, suor, exaustão. Você espera até o patrão inspecionar sua colheita para verificar se está limpa, inspecionar suas incisões no tronco para ver se estão certas (nem muito rasas e nem muito profundas, para não danificar a parte macia do tronco, o câmbio, e não circulares — na verdade, a incisão é uma meia espiral no tronco, da direita embaixo para a esquerda em cima, escavando os túneis de látex dentro da árvore). Se o patrão está ocupado, você se senta nos baldes transbordantes de leite enquanto espera. Se correr com baldes cheios de látex e derramar um pouco, dizem para você *vazar*. Se subir uma colina levando baldes cheios de látex e derramar um pouco por causa do seu *passo titubeante*, dizem para você *vazar*. Se você derramar algo do balde, o dia de trabalho, já desigual com a escala do seu corpo e seus limites, está perdido. E não é só uma perda até o zero, é abaixo de zero. Não dá para saber quanto uma pessoa pode ir abaixo de zero, abaixo das raízes dela, até encontrar essa vida, ou essa vida encontrá-la.

É uma hora de caminhada com os baldes prometendo derramar, *derramáveis*, até o homem com a balança. Duas vezes por dia você vai até a balança, ao meio-dia e ao anoitecer. Ao meio-dia, um dia inteiro, a vida de um dia, toda uma realidade, já foram vividas. Acordar no escuro, lá longe da luz do sol, preparando rapidamente um almoço para comer na selva, correndo para as sondas, abrindo-as o mais depressa possível. Quanto mais perto do amanhecer, maior a probabilidade de você alcançar a cota porque as árvores fluem melhor na madrugada. Você precisa saber para que árvores deve retornar (não se pode extrair da mesma árvore dois dias seguidos), correndo de árvore em árvore para abrir torneiras e

quando todas estiverem escorrendo você volta para a primeira torneira da manhã, a que você abriu na escuridão total, só no tato, e retorna para recolher sua seiva, que despeja do copo ao pé da árvore no balde, depois você limpa a torneira e segue para a árvore seguinte. É assim que funciona, esse zigue-zague de árvore em árvore, banhado de suor e da umidade da floresta, ziguezagueando até o meio-dia, quando está pronto para desabar, sentindo como se sua cabeça estivesse envolta por uma nuvem de amoníaco, zonzos, confuso, a dor percorrendo sua coluna, os músculos transformados em farrapos.

O homem que põe os seus baldes na balança está contra você como se tivesse nascido para odiá-lo de uma forma natural que não vai ser corrigida com baldes mais cheios, menos derramados no caminho até a balança. Ele foi atraído por dinheiro, por um bom dinheiro, dinheiro fácil. Prometeram a ele alojamento adequado, com eletricidade e refeições quentes. Você carrega a água dele — derramável, mas não medida como o látex, só observada, e por isso menos calamitosa de se derramar. Ele não está tão mal, de jeito nenhum, aliás, se comparado à sua vida, calor, dor e exaustão, dormindo pouco no chão sujo sob tendas de lona, comendo comida fria quando chove, pois só se pode cozinhar do lado de fora. Ele está lá para vigiar você. É o trabalho dele, e a culpa é sua. Ele faz caretas de ódio, pesa os baldes de látex e escreve um número num livreto. Você não recebe por baldes. Recebe um número no livreto do homem. Se o número ficar abaixo da cota você não tem crédito. Se o seu balde estiver dentro da cota eles dizem que está quite e você recebe um outro número, pelo crédito, a quantidade devida contra a quantidade coletada, resultando num punhado de farinha de mandioca mofada, para a qual você precisa ter uma sacola própria, senão a farinha vai direto para os seus bolsos ou, se você não tem sacola nem bolsos, você volta correndo para o acampamento com os dedos colados formando uma concha, feito um idiota faminto e desesperado, deixando uma trilha de farinha atrás de si. Se o seu balde estiver acima da cota, você recebe a farinha e eles dizem que vai receber algo mais quando o trabalho terminar. Correm boatos de que aquele livreto é uma mentira. O trabalho não vai terminar com

uma contabilidade e um pagamento. Alguém diz: *Vamos queimar tudo*. Mas aí é que você não vai ser pago mesmo.

Você e os outros fizeram uma viagem de quatro meses para chegar ao inferno e os *patrões* sabiam disso. Todo o trajeto desde Belém, onde você se alistou. Eles mantiveram as armas apontadas para que você não fugisse. Mas você tentou. O patrão ao lado do homem que trabalha na balança se distraiu enquanto bebia de um cantil e tentava não olhar para a longa fila de homens segurando baldes, esperando. Sentou-se em um tronco cortado. O bacamarte estava pendurado no ombro por uma alça. Fechou os olhos e os esfregou. O homem que pesava os baldes estava escrevendo no livreto. Como a selva umedecia as páginas, ele tinha de traçar cada linha do lápis bem devagar. O lápis não gostava de umidade. Ou a página não gostava. Você, quase no fim da fila, larga os seus baldes, mergulha no arbusto e sai do caminho que leva às balanças. Saindo da linha, saindo da página como um lápis que não escreve.

Em seguida você está correndo e olhando para o dossel verde da fronde das árvores. Ofegante, bufando e sentindo a garganta gelar com a falta de ar, o dossel verde martela acima enquanto você corre.

Como é possível, o pensamento passa pela sua cabeça enquanto você corre, que Deus possa amar você, o patrão e o homem que pesava os baldes ao mesmo tempo? Como isso era possível? Seus pés descalços ficaram dormentes com a corrida. Era importante tentar correr de leve para não fazer barulho, mas você não consegue sentir seus pés, como se estivesse saltitando em duas bolas de borracha e não com os pés, embrenhado na floresta a quatro meses de viagem da sua aldeia. Correndo com pés que não consegue sentir. Bolas de borracha. E lidando com a dormência, levantando as pernas para pisar de leve, pois pequenos estalidos e farfalhos ecoam na floresta. O som viaja desimpedido e fica mais alto se soar nos espaços entre as árvores, como aqueles megafones que eles colocam nos caminhões aos domingos na sua aldeia para levar todo mundo para a igreja. Isso agora não parece uma vida tão ruim, apesar da seca, de Deus e da dor de barriga causada por frutas que não estavam maduras. Não havia nada para se fazer mas pelo menos havia tempo. Agora você não tem tempo e está correndo.

Esgueirando-se pelas árvores. As árvores são espessas, fortes, troncudas e tapam a luz do sol, mas elas próprias alcançam a luz do sol. Se pisar num galho por acidente, as árvores revelam os seus segredos. Crac-crac, o som que você provocou percorre a floresta e chega até o patrão. As árvores, alcançando a luz que bloqueiam, não faziam parte da matriz de Deus. Elas iam das raízes ao céu sem tomar parte nos céus e nos infernos. As árvores simplesmente eram, e revelavam seus segredos se você pisasse num galho seco ao tentar fugir. Não porque queriam que você fosse pego, mas por causa do som, e do jeito como ele viaja. Elas não faziam parte da matriz de Deus. Eram a madeira em que o Seu Filho fora pregado. Só isso. Não sofreriam como você sofria, questionando se Deus o amava e ao seu patrão ao mesmo tempo. Você e o homem que pesava os baldes. Considerando se Deus podia odiar. Se Ele podia amar. Se Ele não podia odiar, como disse o padre, bem, então Ele também não podia amar. E que ajuda Ele poderia oferecer agora? Era tão útil quanto as árvores (absolutamente de nenhuma ajuda).

Lógica de fugitivo: se fugir durante a noite e dormir de dia, você talvez consiga chegar até o rio e construir uma jangada. Ou corre sem plano algum só pensando no breve momento, de costas para o patrão.

A maioria dos que fugiam era pega. Os que não eram morriam sozinhos, em meio aos animais, observados por aquelas árvores imensas que não estavam na matriz de Deus. Se a Terra é um todo, esse todo não é nenhum consolo. Alguns sofrem. Outros não. O que é a harmonia de Deus? Que você tenha uma arma apontada para si, e o patrão a esteja mirando. Pelas leis da harmonia, vocês dois não podem estar armados.

Os xaxins das árvores aparecem e desaparecem à sua frente, galhos o arranham, seus pés estão dormentes. Você tropeça, cai, se levanta, continua correndo.

14. AS REGRAS DA VIOLÊNCIA

Estávamos sentados em cadeiras baixas ao redor de uma lareira ao ar livre enquanto a noite caía sobre a vila, a luz tingida de rosa e diáfana pela fumaça da lenha. O lago Como, muito abaixo de nós, era uma lasca de prata. Os homens estavam elegantemente vestidos em ternos novos feitos sob medida e untuosos mocassins italianos, provavelmente do tipo cobiçado por Ronnie quando estava dirigindo o Jaguar E de Saul Oppler na viagem até o Texas com os coelhos mortos.

O conde de Bolzano, de voz grave, estava presente. Um homenzinho com uma barriga redonda apertada por uma camisa cor de menta monografada no lado inferior esquerdo, acima do baço. Era um velho amigo da mãe de Sandro. Do meu outro lado estava um homem chamado Luigi, um designer industrial que me observava detrás dos óculos grandes e quadrados, parecendo um personagem de um filme de Fellini. E por último havia o irmão de Sandro, Roberto, que era tão hostil quanto Sandro me alertara. Roberto morava perto da vila da família numa casa de vidro e aço recém-construída. Sandro e eu o havíamos visitado lá dois dias antes, na tarde em que chegamos a Bellagio. Descemos a ruela estreita, com cigarras cantando nos arbustos verdes que ladeavam a pequena travessa. Sandro segurava a minha mão, e eu me sentia leve e estranha, em parte por causa do *jet lag*, mas a sensação me predispôs para aquele lugar suntuoso, onde tudo era muito bem cuidado.

Roberto nos recebeu em seus trajes de fim de semana: calça jeans de grife e um blazer transpassado, os modos tão rígidos e reservados quanto as roupas. Tentei agradecer a Moto Valera que tinha recebido do revendedor de Reno nos constrangedores momentos da nossa apresentação. A princípio ele pareceu não fazer ideia de a que eu me referia. Depois se lembrou e disse:

— Mas você bateu com ela. — E voltou a falar com Sandro sobre outra coisa antes que eu pudesse responder.

Sandro tentou pedir desculpas pelo irmão depois, explicando que Roberto estava numa posição difícil. Havia uma revolta geral acontecendo nas fábricas da Valera e, apesar de Roberto ter entrado num acordo com o sindicato, os operários agora rejeitavam o próprio sindicato e estavam em greve mesmo assim. Bom para eles, pensei, e de qualquer forma aquilo não era uma desculpa para a grosseria do irmão.

Pequenas luzes alaranjadas estavam começando a cintilar na costa escura do lago, as luzes espelhadas na água, as colinas acima delas se estendendo invertidas. A vila ficava no alto de uma encosta íngreme, a apenas quinze minutos de carro do passeio de Bellagio à beira do lago, com seus Lamborghini estacionados em fila dupla e as mulheres em casacos de pele. As balsas para carro de aparência régia chegavam de Varenna, cruzando a superfície cintilante da água. Jam até a orla com suas toalhas de mesa brancas, prosecco gelado, famílias ricas observando a paisagem em silêncio. Mas nos quinze minutos do trajeto encosta acima a partir do lago até a Villa Valera, deixava-se aquele mundo para trás, passando por vacas e cavalos que pastavam preguiçosamente, placas escritas à mão anunciando mel e iogurte caseiros, e estradas entupidas de amoras-silvestres e jovens nogueiras.

Era uma Itália diferente da que eu havia conhecido durante os dois semestres que passei em Florença, saindo com motoqueiros italianos num bar perto da estação ferroviária. A vila dos Valera era de tanta grandiosidade que sugeria uma vida mais parecida com a que eu tinha visto nas pinturas de Uffizi do que nas estreitas e caóticas ruas de Florença. A vila aninhava-se nas colinas agrestes acima de Bellagio, mas o terreno, num promontório largo e plano que dava no lago, era paisagístico e formal, todo cheio de linhas geométricas e motivos clássicos. Os portões de ferro da entrada terminavam em dois ciprestes altos, em ambos os lados, as copas formando pontas perfeitas como obeliscos. A longa entrada de carros privada que dava na vila era ladeada por mais ciprestes, e estátuas clássicas, ninfas e sátiros, partes das ruínas romanas ou

reproduções delas, e enormes urnas gravadas com enigmáticas frases em latim. O grande planalto ao fundo era um vasto carpete de grama verde cercada de canteiros multicoloridos de rododendros. Vários pátios e pérgulas estavam cobertos por treliças de uvas e trepadeiras de rosas e, abaixo, mobílias de mármore, balanços e almofadas listradas. Sandro disse que sua mãe tinha feito todo aquele paisagismo, trazido todas as estátuas clássicas, ruínas e urnas quando o pai morreu, que o velho Valera detestava aquele tipo de coisa.

Um vento quente farfalhava pelos pinheiros que estavam à borda da nossa visão do lago, as frondes delicadas subindo e descendo com o movimento dos galhos. Acima do fogo ao redor do qual esses homens e eu nos reuníamos, havia uma estátua de Pã tocando flauta. Alguma coisa na sua postura, a forma como erguia a flauta até a boca, dava a impressão de que ele estava molhando a cola de uma seda para fechar um baseado.

— Claro que você deveria reconhecer o nome do Luigi — disse Roberto ao me apresentar aos outros. — Ele é o designer industrial mais conhecido da Itália.

— Sim, eu deveria...

— Se você *nunca* ouviu falar dele, é melhor se perguntar o que eles lhe ensinaram na escola de arte — completou Roberto.

— Então você é do Oeste — disse Luigi para mim, as chamas da fogueira bruxuleando nos óculos dele. Seu tom de voz era mais delicado que o de Roberto, embora eu não sentisse que ele estava se oferecendo como um aliado. — Tenho alguns amigos em Hollywood — falou. — Tento ir lá uma vez ao ano ou coisa assim. Lugar estranho, mas mágico a seu modo. Tomo banho de lama no Bel-Air Hotel.

Tudo que eu sabia sobre Hollywood era Marvin mutilando filmes da Paramount com cutelos, Nadine inalando freon de velhos refrigeradores. Ter ido a um falso McDonald's em Industry City não parecia contar. Eu disse que era de Reno, Nevada.

— Do verdadeiro Oeste, em outras palavras — observou Luigi. — Rancheiros. Andarilhos. Mulheres divorciadas. Há uma dignidade poética nisso.

— Você já esteve em Reno?

— Não, não — respondeu, como se eu não tivesse entendido bem.

— Eu vi *Os Desajustados*. E tenho um maravilhoso álbum de fotografias de Bob Avery. Você o conhece?

O conde de Bolzano se virou para Luigi e disse que eu estava envolvida em corridas de carro. Que eu ia fazer alguma coisa com Didi Bombonato. Ouvir o conde de Bolzano falar sobre a turnê publicitária para Luigi fazia a história soar como uma novidade tola, uma coisa *kitsch*.

— Ah, aí está você. — Era a mãe de Sandro, vindo em nossa direção na luz difusa.

A voz dela era mais amistosa, mais suave do que eu esperava, baseando-me na interação que tivera com ela até o momento. Percebi que olhava para o conde de Bolzano. O “você” era ele, a suavidade era para ele. Ela estivera em um salão de beleza em Bellagio à tarde, e pude ver que seu cabelo ficara um pouco armado demais. Usava uma túnica longa e bordada como algo comprado num bazar turco, com espadrilhas cujas tiras se entrecruzavam nos tornozelos, como se os laçarotes quisessem compensar a aparência inchada e manchada das pernas velhas. Sentou-se, tocando os cachos que saíam do topo da sua cabeça como lã de carneiro da Mongólia. Era óbvio que tinha sido linda quando jovem, com olhos de um verde dourado esplêndido de uva moscatel. Estava na casa dos setenta agora, a pele com aparência de farinha molhada, pálida e viscosa, com exceção do nariz, que tinha uma curiosa mancha preta, uma sombra escura sob o encerado fino da pele, como se o nariz dela tivesse acumulado as toxinas ingeridas numa vida rica cheia de vinhos pesados e alimentos ricos. Seu buldogue francês, Gorgonzola, correu atrás dela e se acomodou aos seus pés, lambendo a própria barriga, o corpo na forma de um suporte para ovo, choramingando como costumam fazer os cachorros pequenos, com necessidades que não podiam ser atendidas facilmente, com comida e companhia, que era tudo o que cachorros grandes pareciam precisar. Na verdade aquele era Gorgonzola II, disse o conde de Bolzano quando eu me dirigi ao cão. Gorgonzola I, me

contou o conde de Bolzano, estava enterrado perto do pavilhão de natação, no jazigo da família.

Sandro tinha me mostrado a lápide do pai. T. P. VALERA, ARDITO, FUTURISTA, PADRE, MARITO. Ele morreu em 1958, pouco depois do início do projeto dos seus sonhos: a Autostrada del Sole. Havia passado por duas guerras, sido membro do Partido Fascista, e se erguido das cinzas daquela época desastrosa para se tornar um imenso sucesso pós-guerra. Entusiástico ou não, estava enterrado perto de Gorgonzola I, que, como vi na manhã seguinte enquanto estávamos na área da piscina, tinha uma lápide cor-de-rosa tão grande e enfeitada como a de T. P. Valera.

Fizemos um brinde ao redor da lareira enquanto o conde de Bozano comentava que aquele era um vinho trentino muito bom, que arrancou da *signora* Valera um lamento sobre como estava difícil encontrar um vinho do Trento atualmente, e sobre tudo que estava errado com situações em que encontramos pessoas que não sabiam disso nem dos melhores Nebbiolos, como o Barbaresco e o Barolo. Eu entendia a maior parte do que ela dizia, mas falava depressa e suas palavras eram pontuadas pelos ecos da batalha sendo travada embaixo do enorme plátano no gramado, onde Sandro e o velho romancista americano batiam numa bola de pingue-pongue. O velho romancista tinha chegado naquela manhã.

— Chesil Jones — falou, estendendo a mão para mim —, mas pode me chamar de Chevalier.

A mãe de Sandro gesticulou como se levasse um clarim à boca e os dois deram risada. Será que eu deveria mesmo chamá-lo de Chevalier? Eu já estava me acostumando a ficar sem respostas, sem ter certeza se eu era alvo de piadas.

Agora podia ouvir o velho Chevalier grunhir e ofegar ao saltar para rebater a bolinha. Sandro ia vencer a partida de pingue-pongue e Chesil Jones tinha decidido dificultar a vitória de Sandro o quanto pudesse. Eu jogo pingue-pongue melhor do que Sandro. Pelo menos já o venci nesse jogo. E, no entanto, fora deixada ali para discutir sobre o vinho do Trento, a respeito do qual não sabia nada, enquanto Sandro jogava o meu jogo.

— Ela está bonita — disse a *signora* Valera, me olhando de cima a baixo.

— Sim, está mesmo — concordou Luigi, virando-se para mim. Não de um jeito impudico, e sim como se estivesse fazendo um inventário do que eu estava vestindo, do mesmo jeito que ela.

Aquelas pessoas davam importância a roupas e à aparência. Entendi que esse era um clichê dos milaneses, mas que também era verdade. Em Milão, me parecera quase cômico, as mulheres andavam de bicicleta no meio de uma chuvarada em saltos plataforma e saias justas, segurando grandes guarda-chuvas pretos. Em Florença era a mesma coisa, só que em Milão elas eram mais parecidas com as mulheres de Nova York — enérgicas e profissionais, exalando competência. Também em Florença elas se vestiam bem, mas todas se vestiam iguais, com pequenas variações sobre o mesmo tema, e eu sentia que elas tinham um ou dois trajes e os usavam todos os dias. Enquanto estávamos em Milão, passeando pela Corso Buenos Aires, Sandro parou na frente de uma vitrine e apontou para um vestido de veludo bege rosado. Disse que combinaria bem com o meu cabelo, e começou a afastá-lo do meu pescoço e a olhar para mim e para o vestido.

— Por que você não experimenta? — perguntou.

Aquela boutique parecia muito cara, Luisa Spagnoli. Por um instante conjecturei se ele não estava momentaneamente confuso sobre as mulheres, sobre o que desejavam ou o que pensavam desejar. Falei que era bonito mas que parecia formal para uma estadia no campo, um lugar do qual ele tinha me falado tanto a respeito, as campinas e os riachos lodosos, e as caminhadas. Ele disse que sua mãe gostava de todo mundo “vestido” para o jantar. Era uma regra antiquada, ele admitiu, mas talvez eu quisesse experimentar o traje. Em Nova York, Sandro nunca se submeteria a uma regra social sobre o que qualquer um deveria vestir. Só que não estávamos em Nova York. Entramos na loja. Uma vendedora pegou um vestido do tamanho certo. O veludo macio tinha um caimento adorável, como apenas roupas muito caras, muito bem cortadas, conseguem ter. E ficou bem mesmo, o bege rosado dando ao meu cabelo louro-sujo uma tonalidade mel, mais próxima da do vestido. Agora eu estava dentro

dele, as mangas até o cotovelo e os botões forrados de veludo que abotoavam ali.

— Você também está bonita — falei para a mãe de Sandro, sem saber se deveria corresponder ao elogio, pois ela tinha se referido a mim na terceira pessoa.

— Eu? — retrucou ela num tom de surpresa. — Eu mal me arrumei. Isso é o que uso normalmente. Você fez desse momento uma ocasião, dá para ver.

— O vestido foi um presente de Sandro.

Ela se virou para o conde de Bolzano.

— Mas é claro que foi um presente de Sandro — falou para ele. — Um retoque de última hora antes de trazê-la aqui. — Ela tinha esquecido, mais uma vez, que eu entendia italiano, embora parecesse apenas fingir esquecer para dizer alguma coisa cruel quando Sandro não estava por perto.

Meus olhos começaram a lacrimejar pela crueldade do comentário. O homem que cuidava da propriedade estava botando mais lenha no fogo. Concentrei-me nele, nas suas mãos, na lenha, nas labaredas, e na estranha frase cinzelada na laje acima da lareira: FAC UT ARDEAT. “Feito para queimar”, como me disse o velho romancista mais tarde. A madeira estalava ao pegar fogo. Olhei para as chamas e disse a mim mesma para não falar nada, para não ficar zangada. O caseiro arrumou a lenha em silêncio com um braseiro de ferro e depois se virou e olhou para mim. Desviei os olhos mas conseguia sentir o seu olhar. Nos dois dias desde que chegamos à vila eu o tinha pego olhando para Sandro e para mim diversas vezes, não de uma maneira amigável. Havia alguma coisa no olhar dele, uma intensidade que me deixava nervosa. Todos os empregados da propriedade pareciam nutrir um tipo de hostilidade coletiva em relação a nós. No princípio, achei que era devido ao rancor que guardavam da mãe de Sandro. Mas a razão era exatamente o oposto. Nós não merecíamos o mesmo tratamento da dona da casa, a quem eles eram profundamente leais. Éramos como aproveitadores, ainda mais eu, uma americana sem *pedigree* que eles precisavam servir como se fosse uma Valera, quando sabiam que eu não era nada desse tipo.

O cozinheiro serviu uma tábua coberta de diversos queijos, altos, de bordas macias e descritos dessa ou daquela maneira. Era para usar a faca do queijo para espalhar o que cortássemos no biscoito de água e sal, ou deveríamos colocar um bocadinho em um dos pratos e usar outra faca para espalhar? Eu não tinha comido o dia inteiro, pois saíra com Sandro para uma longa caminhada e tínhamos nos esquecido de levar o lanche de piquenique que o cozinheiro preparou para a gente, mas eu tinha medo de que ele me repreendesse se eu me servisse da maneira errada. Com o estímulo do conde de Bolzano, me servi de queijo. Usei a faca comum para passá-lo nos biscoitos. Pensei em algo que Ronnie tinha dito, que os ricos não seguem a lei ao pé da letra. Só os trabalhadores faziam isso, dizia Ronnie. Seguir fielmente as regras enfatizava o fato de que não se fazia parte daquele mundo, de acordo com Ronnie. Fazia sentido. Embora houvesse *alguma* forma de segui-las, mesmo que não se submetendo a elas, requeria um toque misterioso, e você tinha de pertencer àquela classe para ter esse toque especial. Como eu naquele vestido Luisa Spagnoli. Ainda que fosse bonito, com um corte tão bem assentado: ao vesti-lo eu estava me submetendo. “Você fez desse momento uma ocasião.” Enquanto Roberto, Luigi e o conde de Bolzano não se submetiam àquele refinamento, para eles era natural. E o que o vestido tinha a ver comigo? Nada, mas as roupas daqueles homens tinham tudo a ver com eles.

A *signora* Valera perguntou se o nosso quarto estava a meu gosto.

— Sim, com certeza — respondi. Ela já tinha me feito a mesma pergunta umas duas ou três vezes.

— Vocês estão na companhia de Ettore Valera — observou —, o bisavô de Sandro.

Eu disse que sim, que Sandro já tinha me explicado isso.

— Foi encomendado pelo rei Fuad do Egito — continuou ela como se eu não tivesse falado nada —, em agradecimento ao trabalho de Ettore no Canal de Suez. *O rei Fuad sussurrava* — disse de repente também sussurrando —, porque tinha um furo no pescoço. De uma bala. Meu marido se lembrava disso muito bem, da sua época de garoto. Do jeito que o rei sussurrava.

Eles tinham voltado juntos ao Egito uma vez, ela e o pai de Sandro, T. P. Valera, mas só o que a *signora* Valera conseguia se lembrar agora, ela explicou, era do avassalador fedor de urina nas tumbas e nos templos de Luxor. Foram lá para visitar a mãe do marido, a esposa de Ettore, que morava no Egito, tendo fugido da Itália como forma de protesto quando o rei foi destronado no final da guerra.

— Ela era monarquista — disse a *signora* Valera —, e agora não consigo dizer que sua visão não era razoável, apesar de gritar “Viva o Rei” da janela de um Rolls-Royce, o que talvez não pegasse bem nem hoje em dia. Como as coisas estavam confusas. Na verdade meu marido ganhou muito dinheiro, mas não se podia *comprar* muita coisa. Nós comíamos polenta fria enquanto minha sogra se recostava em sua casa na África, com negros segurando tochas em volta dela. Isso era outra coisa que meu marido adorava contar sobre o Egito, o que as lâmpadas elétricas eram para aquelas pessoas que não podiam pagar por uma equipe completa de empregados. Quem podia pagar, tinha negros com tochas, não lâmpadas, nada de eletricidade.

Depois do Egito, ela falou de outros parentes, como de um tio de T. P. Valera que tinha um urso de estimação, que uma tarde o feriu gravemente, levando o tio a se viciar em morfina e acabar morrendo. Outro parente de algum grau que escorregou no piso molhado e caiu num banho de enxofre em Lourdes, sendo que a água tinha sido acidentalmente aquecida até o ponto de ebulição. Outro foi morto em Capri, quando um pessoal fazendo piquenique jogou uma lata de presunto de um penhasco na praia abaixo, em vez de trazê-la pela trilha de volta. Um primo que foi para a África subsaariana e acabou sendo picado por uma mosca tsé-tsé, teve elefantíase nas nádegas e por isso precisava comprar calças sob medida, com traseiros gigantescos, explicou a mãe de Sandro, além de dormir com uma plataforma anexada ao lado da cama, para acomodar a bunda.

Ela narrou tudo aquilo sem nenhuma ironia, mas devia saber que era engraçado. Sorri para ela.

Ela me lançou um olhar frio.

— Você se diverte com isso só porque é dos Estados Unidos — falou —, onde as pessoas morrem de velhice ou em acidentes de carro. — Virou-se para o conde de Bolzano. — Lá eles não *têm* histórias. Mal sabem o que é história!

Mais uma vez olhei para o fogo, como que para me hipnotizar e dissolver as palavras dela. *Fac ut ardeat*. Eu ouvia a bolinha de pingue-pongue sendo rebatida de um lado a outro no gramado escurecido ao lado. As bordas do lago abaixo de nós cintilavam. A lua, branca e cheia, subia pelo olival além do pátio, pequenas árvores retorcidas e espaçadas de tal forma que pareciam dançarinas num palco escuro, cada qual com uma postura, esperando a música começar.

* * *

Quando Sandro sugeriu fazermos uma caminhada naquela manhã, fiquei entusiasmada com a ideia de passar o dia fora da vila. Eu estava me sentindo reprimida dentro daquelas paredes de três metros de espessura, antigas e viscosas. Para impedir a entrada de intrusos quando foi construída, no século XVII. Alguma espécie de lorde havia morado lá e os prazeres do lugar — os altos pinheiros felpudos, os galhos varrendo o denso tapete de grama, as pinhas cor de pistache e as acácias cobertas de brotos que pareciam sininhos brancos balançando nas janelas do quarto onde eu e Sandro dormíamos, folhas verdes espalhadas pelo vidro como uma colagem — toda aquela beleza me remeteu a uma sensação de crueldade, com as pessoas mantidas do lado de fora, e que ficavam lá dentro, na cozinha, a tábua de lavar, as pequenas casas de pedra dos empregados. Como convidado, você não podia fazer nada sozinho ali. Na nossa primeira manhã, ficamos esperando a criada trazer o café numa bandeja de prata, com uma cesta de pão borrachudo e áspero que deduzi ter sido assado em algum lugar da propriedade, talvez num sofisticado forno ao ar livre e baseado num método desenvolvido pelos camponeses há mais de cem anos. A sala de café da manhã era linda e ensolarada, mas não consegui ficar

relaxada como Sandro, folheando casualmente o seu *Corriere della Sera* como se fosse normal esperar na própria casa por um empregado uniformizado não só trazer o café como também servi-lo na xícara. Sandro parecia incapaz, ou relutante, em reconhecer como aquele lugar era diferente. Empregados servem o café e a gente age como se isso fosse normal, pensei em voz alta para ele, mas tudo o que ele fez foi continuar virando as páginas, sua postura pedindo ou orientando que eu não apontasse a mudança, ou seu conforto e familiaridade com aquele lugar alienígena, onde era normal não ouvir as pessoas mas saber que estavam em toda parte, observando você comer, esperando o momento em que você deposita a xícara para então surgir de repente e enchê-la. Sempre havia alguém por perto, o estranho caseiro, ou uma arrumadeira, um cozinheiro ou outro empregado da casa se movendo em silêncio. Havia uma empregada, uma mulher que usava uma enorme peruca com cachos da cor cinza e lavanda que parecia piada, cuja única função até onde consegui detectar era cortar flores no jardim, fazer pequenos arranjos e colocá-los aqui e ali, depois perambular por ali conservando esses arranjos, recolhendo pétalas que se soltaram e substituindo flores caídas. Ela e os outros andavam pelos cômodos sem hesitar, estivessem ou não ocupados. Não batiam na porta nem se anunciavam, mas movimentavam-se invisíveis em suas silenciosas sapatilhas de veludo cotelê como se não tivessem consequências para a privacidade dos outros. Perguntei a Sandro a respeito disso, depois que a mulher da peruca entrou no banheiro enquanto eu estava tomando banho. Ela começou a encher o gabinete com sabonetes e papel higiênico sem olhar para mim em momento algum.

— Eles estão acostumados com as pessoas — explicou ele. — São empregados domésticos. Não é nada demais.

Depois percebi que não era nada demais para Sandro porque ele não registrava a presença deles como um julgamento. Só eu fazia isso, o que, como a mãe dele poderia ter observado, era um problema de classe, de pertencer a classe errada, baixa demais para os empregados considerarem que eu era um objeto apropriado para suas atenções, para seus arranjos de flores e roupas de cama bem

passadas, e que isso era problema meu, não dela ou dos empregados, e talvez ela tivesse razão. Era problema meu. O caseiro era o que mais me irritava. Não falava nada enquanto fazia o seu trabalho, em cima de uma escada, aparando a glicínia que se enrolava nos ciprestes, ou fumigando um ninho de vespas. Olhava para nós carrancudo, enquanto os outros não nos olhavam. Ele me encarava, com uma expressão amarga que eu não conseguia decifrar. Eu poderia corresponder aos olhares se ele não fosse bonito. Ele era, ainda que de um jeito simples e óbvio, e justo isso — a aparência dele — me irritava, me fazia desviar o olhar toda vez que nossos caminhos se cruzavam.

Nessa manhã, nosso segundo dia na vila, Sandro dormiu até tarde e eu fui tomar café da manhã sozinha. *Signora* Valera estava na mesa, mas era tarde demais para recuar. Tomamos nosso *espresso* em silêncio, e eu esperava que continuássemos assim, até ela me perguntar se eu ia me casar com o filho dela. Porque, ela disse, não tinha sido informada sobre um casamento.

— Não vamos nos casar, não.

— Então quais são os seus planos? — perguntou. — Quero dizer, para quando vocês não estiverem mais juntos. Se ele não pediu você em casamento, é uma coisa temporária. Um arranjo temporário.

— Não tenho planos — respondi.

Existe um certo tipo de mulher mais velha que finge ser senil e meiga quando na verdade a velhice a tornou forte e maldosa, mas a *signora* Valera não era esse tipo. Ela não fingia ser meiga.

Na nossa caminhada, Sandro e eu nos deitamos num canteiro ensolarado de camomila, descansando e olhando para o céu emoldurado pelos galhos das árvores. Acabamos engalfinhados, com a braguilha da calça jeans dele aberta e a minha calça na altura dos joelhos. Ele gostava de uma certa urgência, e fazer amor ao ar livre, em vários lugares públicos diferentes, era algo que Sandro gostava. Tornava o ato muito mais emocionante e direcionado. Mas dessa vez foi ideia minha, minha deixa. A vila era tão opressiva, e a mãe dele me fazia sentir tão diminuída que eu não queria fazer amor com Sandro dentro daquelas paredes. Quando voltei daquele café da manhã agressivo, Sandro me agarrou mas eu recusei e o empurrei

para longe, com a voz da mãe dele na minha cabeça, como se me submeter a ele fosse me submeter à ideia dela de meu status descartável. Ali eu me sentia um pouco mais livre e talvez pensasse que transar com o filho dela numa clareira na floresta fosse uma forma de me defender, defender minha autonomia, dos julgamentos dela. Desviei os olhos do céu, da brecha azul que se abria nos ramos das nogueiras e olhei para Sandro, em cuja expressão detectei um pedido de desculpas.

Ele tirou florezinhas de camomila do meu cabelo e as esmagou enquanto continuávamos nossa caminhada, apontando para um canto amassado entre os arbustos onde um lobo havia dormido. Paramos e ficamos olhando para aquela reentrância que era a cama do lobo. Havia algo de tenro em ver onde um animal selvagem dormia, as escolhas feitas em busca da maciez, e senti uma ponta de inveja daquele lobo, de sua autopreservação, de sua solidão. Saímos do bosque num promontório acima da *limonaia* que fora plantada quando Sandro nasceu. Ele deu risada e explicou que isso era um absurdo naquela região, e que cada árvore tinha de ser individualmente envolta em estopa durante o inverno. Colocou os braços ao meu redor enquanto observávamos do nosso ponto de vista as frondes dos limoeiros abaixo, que haviam criado raízes na mesma época em que Sandro, vivenciado o mesmo tempo de vida. *Isso também sou eu*, era como se ele me dissesse, *você precisa entender que isso também sou eu*. Apoiei meu corpo no dele, atrás de mim. *Eu amo esse também-você*. Mesmo que a mãe dele me intimidasse de propósito, e mesmo que aquela casa, se é que se podia chamar aquilo de casa, com trinta cômodos, não fosse nada convidativa. Lá naquele bosque, com a echarpe de cashmere dele no meu pescoço para me aquecer mais, senti que ia dar tudo certo. Eu estava com Sandro. Não importava que a mãe dele, quando fomos apresentadas, tivesse dado um sorriso forçado indicando que eu era uma decepção. Ou que tivesse rido quando Sandro disse que eu falava italiano, insistindo em falar comigo em inglês, ou o que ela pensava ser inglês, mas que era uma língua estranha e híbrida que soava mais como alemão. Não importava. Dali a uma semana a mãe dele teria voltado a Milão e ficaríamos sozinhos na vila. Pouco depois

eu iria para Monza. Sandro disse que queria ir junto, e ao menos dessa vez ele estaria me acompanhando, e não o contrário. Enquanto isso ele seria a ponte entre mim e esse lugar estranho, e talvez em algum momento nós conseguíssemos rir juntos de tudo isso.

Rir da mãe dele? Como eu devo ter sido tola.

Quando estávamos voltando pela estrada, vendo a alta muralha de pedra da vila, vinhas sem flores se despejando sobre ela como um arame de concertina, me senti relaxada e feliz de um jeito que não me sentia desde que havia chegado ali. Sandro sugeriu que usássemos os portões do jardim e não a entrada principal, então passamos pela casinha de pedra do caseiro e seguimos entre as oliveiras de mãos dadas, Sandro como meu protetor daquele mundo de cômodos, serviços e costumes, me fortalecendo contra ele enquanto me conduzia para dentro.

* * *

Fazia muito frio na sala de jantar, quase mais frio do que do lado de fora. Depois passei a reconhecer essa mesquinha específica dos muito ricos. A mãe de Sandro não se preocupava em economizar dinheiro. Mas parecia gostar de criar condições pouco menos que hospitaleiras, até um pouco hostis, com recintos a treze graus celsius. E apesar de toda a conversa sobre a elite cada vez mais reduzida de pessoas que sabiam (ou *sabiam* dever *saber*) sobre os Nebbiolos certos, praticamente só tomávamos vinho de caixa. No jantar víamos o mesmo pão que havíamos deixado no café da manhã, passado e duro já cedo, e de quebrar os dentes à noite. Pensei no discurso de Ronnie sobre pão. Ele achava graça que agora só se encontrava pão integral nos mercados mais chiques de Nova York. Não que Ronnie frequentasse mercados chiques, mas um desses havia aberto no SoHo e ele tinha dado uma espiada nas seções como que para alimentar seus comentários. Dizia que era uma ironia que as pessoas tivessem decidido coletivamente que os

grãos integrais eram mais desejáveis que os pães brancos, os quais, durante séculos, foram o pão da nobreza.

— É tudo assim — disse ele.

Refinamento seguido por um certo trajeto e um trajeto reverso. Nesse caso, o literal refinamento da farinha, até o pão branco super-refinado, leve e macio como somente reis e rainhas tinham sido capazes de obter, estava disponível em toda parte, e por isso os ricos tiveram de voltar a comer os pães toscos de grão integral que costumavam deixar só para os camponeses. Agora nenhuma pessoa instruída poderia ser vista comendo pão branco. Nem mesmo alguém de classe média. Sandro sempre se divertia com essas arengas de Ronnie, mas aqui na vila todos os costumes eram normais para ele. Comia o pão preto velho e não fazia nenhum comentário sobre isso.

Depois de algum tempo um serviçal entrou e acendeu fogo na lareira da sala de jantar, fazendo o ambiente se aquecer um pouco, mas uma nuvem de fumaça sufocante pairava sobre a mesa, uma malha de emaranhado branco que engrossou ao longo do jantar, dificultando a respiração. No teto acima de nós havia um afresco do Lago Como. No lago, um círculo de papas ou talvez de bispos em hábitos de gaze branca. O tecido dos hábitos caía neles como gavinhas enquanto os clérigos religiosos andavam na água. Eram papas parecidos com águas-vivas, não muito diferentes dos solitários papas travestis flutuando nas nuvens, de uma bondade pura e imaculada. Ou talvez aqueles homens fossem a imagem espelhada daquilo: não parecia que pudessem ajudar ninguém, pois estavam ocupados tentando não se afogar. Quando um empregado se aproximou para reencher nossas taças, o velho romancista Chesil Jones, que estava sentado à minha esquerda, inclinou-se na minha direção e disse que costumava beber, mas que tinha parado. Seu hálito recendia a álcool. Ambos estávamos atrás de um enorme candelabro ramificado que bloqueava minha visão de Sandro. Perguntei ao velho romancista sobre seus livros. Ele estreitou os olhos com se eu o tivesse insultado.

— Você gostaria de falar sobre o mais recente, não é? *A sola de uma puta* era o seu título original... E qual foi o título afinal? *Srta.*

Boneca, pelo amor de Deus. Se quiser revisitar as reações idiotas que tiveram com a *Srta. Boneca*, podemos falar sobre isso.

Eu disse que só estava curiosa sobre que tipo de coisa ele escrevia.

— Ah. Claro, sim — falou, solícito de repente, percebendo que eu não era uma crítica hostil. — Há uma pequena biblioteca. Posso mandar levar os livros para o seu quarto. Pelo menos aqueles com os quais você deve começar.

Do outro lado do enorme candelabro, o assunto de morte trágica ou tragicômica prosseguia, não aquela de um parente no Egito, mas a de um industrial italiano ou herdeiro de um deles, que em vez de acumular mais riquezas tinha gastado o dinheiro da família publicando literatura pró-soviética e apoiando grupos clandestinos que desejavam derrubar o governo. O nome do homem era Feltrinelli — como a famosa rede de livrarias. Lembrei-me deles da minha época em Florença, mas não fazia ideia de que Feltrinelli tinha sido eletrocutado, como explicou o conde de Bolzano, tentando sabotar a rede elétrica de Milão. Foi encontrado morto debaixo de uma torre de alta tensão. O fato tinha ocorrido cinco anos antes. Tive a impressão de que aquela gente já tinha discutido muito aquilo, mas por conta das misteriosas circunstâncias não estavam preparados para desistir do assunto. Não estava claro se a morte havia sido um acidente, um suicídio ou se fora assassinado. Roberto disse que não importava *como* tinha acontecido, que a morte de Feltrinelli tinha sido uma retumbante derrota para o comunismo e uma vitória para qualquer um que considerasse um erro que garotos festeiros sangrassem dinheiro por causas radicais.

— Ele era praticamente um retardado, ainda que publicasse Pasternak — disse Chesil Jones. — Semirretardado. Confundiu os cabos positivo e negativo.

Sandro disse que aquilo era um absurdo e que Feltrinelli não era bobo. O que aconteceu fora uma terrível tragédia.

— Pense o que quiser — disse Roberto. — Eu acho que ele foi um palhaço. Você acha que ele foi trágico. De qualquer forma, ele está morto, e isso em si não é trágico nem cômico, simplesmente é um

fato. Procurou encrenca e encontrou. O que ele estava fazendo numa torre de alta tensão, pelo amor de Deus?

— Ele não distinguiu o positivo do negativo — disse o velho romancista, juntando as mãos como se segurasse dois cabos, depois balançou o corpo como se estivesse sendo eletrocutado.

— Então não faz diferença — falou Sandro a Roberto — se ele foi morto por acidente ou se foi assassinado.

Roberto deu de ombros.

— Ele era um problema. Para os negócios. Para a Itália. Para todo o Ministério do Interior. Sem falar da CIA. Um monte de gente queria ele morto. Mas ele conseguiu morrer por conta própria. Enfim, quem chorou a morte de Giangiacomo Feltrinelli?

— Tinha oito mil pessoas no enterro dele, Roberto — avisou Sandro. — Saiu no *New York Post*. E a morte dele não ajudou em nada. Se ele foi morto, seja quem for que o matou pode se considerar responsável pela violência desde então, ao menos parcialmente.

— E o que você sabe dessa violência, Sandro? — perguntou Roberto. — Você esteve em Nova York fazendo caixas de metal, indo a coquetéis ou sei lá o que, enquanto mama e eu recebemos telefonemas sobre a mais recente leva de sabotagens, as últimas greves, o supervisor morto mais recentemente. O que você sabe desses problemas?

— Estou dizendo que mártires criam causas. Criam empatia. Mas você tem razão, eu não recebo esses telefonemas. Pego minha herança e não dou nada em troca. Nunca neguei isso. Acho que vou ficar só com o que eu sei.

— E o que seria isso, Sandro? — perguntou a mãe.

— Caixas de metal, mama.

— Achei que você ia dizer que eram garotas americanas — replicou ela, sem olhar para mim. — Quantas já conhecemos, até esse ponto?

Chesil Jones juntou as mãos outra vez e fingiu uma convulsão errática.

Senti vontade de machucar aquela velha, e acredito que ela notou isso, e que sentiu, em resposta, medo da minha raiva, como também

se sentiu moralmente defendida contra aquilo, contra aquela agressão brutal da classe baixa. Nunca perguntei sobre as ex-namoradas de Sandro. Ele me provocava com isso, queria saber por que eu não perguntava, o que me dava certeza de que era melhor não perguntar. Ou ao menos a certeza de que não perguntar o incomodava, porque ele queria me deixar com ciúme, e por isso eu não dava abertura.

Sandro disse para ela parar de ser mal-educada e depois os dois começaram a discutir, falando muito depressa, e eu não consegui mais acompanhar. Ou era sobre mim ou sobre alguma falha genérica por parte de Sandro.

Chesil Jones virou-se para mim.

— Ignore isso. Ela... o que posso dizer? Eu gosto dela. Gosto muito dela, na verdade. Mas tarde da noite, quando os empregados se retiram? Ela se abaixa na porta aberta da geladeira, contando fatias de presunto para verificar se os empregados não levaram mais que a sua parte para casa. É uma pessoa atormentada, que Deus a abençoe. De qualquer forma, *eu* dou valor a você. Posso dizer que é gente boa — falou, rindo e me cutucando. — A propósito, estive em Reno. Não fiquei olhando uma merda de um livro de Bob Avery do qual Luigi não para de falar. Esquiei no Monte Rose.

— Minha equipe de esqui treinava lá — falei, imaginando que Sandro tivesse contado a ele que eu era corredora de esqui. — Conheço muito bem o lugar.

— Eu também já fiz umas corridas — contou ele. — Nada muito grande, uma espécie de liga semiprofissional. Nastar, como era chamada. Aliás, bastante competitiva. Tenho uma medalha de bronze guardada em algum lugar, se debatendo numa caixa de flâmulas e coisas assim, de vários passatempos que tive. Mas até hoje me lembro com saudade dos trajetos de slalom. A movimentação. A questão são os joelhos, sabe. Assim. Um pouco também nos quadris. — Ele se balançava para a frente e para trás na cadeira, erguendo as mãos como que segurando bastões de esqui. — As mulheres têm dificuldade para aprender a esquiar — continuou. — Não são muito aptas para a física da coisa. Mas podem aprender pela intuição. Já fui um instrutor razoável, estou em boa

forma, uma perfeita técnica Christie. Só que minha última esposa subiu ao alto da montanha quando estávamos em Chamonix. “Chamo-ni-ques”, como a bobinha chamava. “Chamoniques.” Tomamos o teleférico até o alto, estávamos prontos para descer, botas enlaçadas, esquis presos nos pés, e ela congela de medo, tesa como um cadáver.

Sandro e a mãe tinham parado de discutir. Chesil Jones era o foco das atenções de todo mundo. Percebendo isso, ele pigarreou e mudou o tom, tornou-se professoral, como se fosse seu dever abandonar parte de seu profundo e solitário conhecimento para nosso benefício.

— Outra questão sobre esqui é que é uma atividade apropriada para o público masculino. Em parte por ser uma grande metáfora para outros empreendimentos. Empreendimentos da mente. Martin Heidegger esquiava, vocês sabiam? O pequeno chalé em Todtnauberg onde ele escrevia ficava ao lado do teleférico. Reza a lenda que ele ministrava seus seminários em Friburgo direto das encostas, refletindo sobre o ser para o qual ser era uma questão usando um anorake e botas de esqui. Quando eu era mais novo, tive um professor maravilhoso de escrita que era ótimo esquiador. Nunca vou esquecer minha primeira aula com ele. Foi em Hanover, New Hampshire, no meio do inverno. “A tarefa de todos vocês”, dizia ele, “de cada um de vocês, rapazes, é tomar uma caixa de cerveja e descer esquiando de um penhasco”. Ele queria que nós *sentíssemos* o terror. Não do frio, da velocidade, mas do nosso talento. Simplesmente... fazer com ele o que devíamos fazer. O que quiséssemos. Com meus próprios alunos eu...

* * *

— Por que você não falou nada para aquele babaca? — perguntou Sandro para mim mais tarde naquela noite quando mergulhou contente debaixo das cobertas e me agarrou com as mãos frias. Havia uma mariposa gigante no nosso quarto, que ele tinha conseguido espantar pela janela. Ele não tinha medo de mariposas.

Tinha feito aquilo por mim. Eu era a única garota americana ali, fiquei lembrando a mim mesma enquanto ele corria de cueca pelo nosso quarto atrás da mariposa. A única.

— Você era uma corredora, pelo amor de Deus — continuou, tremendo embaixo do cobertor, com os braços ao meu redor. — E ele ensinando o básico a você. “Flâmulas e medalhas dos meus passatempos.” Que idiota.

Sandro não entendia por que eu deixara aquele velho falar à vontade como se eu nunca tivesse esquiado, mas minha experiência não tinha nada a ver com Chesil Jones. Eu não despertaria interesse nele em nada. Ele não começou a falar sobre esqui para manter uma conversa, mas para ensinar e passar um sermão. Eu tinha percebido logo que ele era o tipo de pessoa que fica mortalmente entediada se interrompida em seu plano de falar sobre si mesma, e não tive vontade de perder tempo e energia me esforçando com algo que ele só descartaria com bocejos e olhares distraídos. E de qualquer forma Chesil Jones provavelmente não esquiava há vinte anos, desde que a técnica Christie era popular. O que eu ia dizer, que agora fazemos giros paralelos? Que as botas têm fivelas em vez de cadarços? Que as ligaduras são de soltura rápida?

Depois do jantar nos retiramos para a sala. Quando a mãe foi sorrateiramente se deitar, Sandro botou discos no velho fonógrafo alemão e mais vinho foi servido. Ficamos ouvindo Stravinsky, cordas ásperas porém emocionantes, sons como pincéis duros e molhados na tinta e então são usados para fazer linhas geométricas num fundo preto. *Signora* Valera deve ter ligado a televisão no quarto no andar superior, pois acima das cordas podíamos ouvir vozes altas distorcidas espaçadas com uma gravação de gargalhadas. Italianos ricos ou aposentados do Reno, não fazia diferença, ela era como qualquer pessoa idosa com sua TV ligada alto demais.

Roberto tinha ido para casa. Sandro me disse que ele acordava às quatro e meia da manhã. Era uma das razões pelas quais sua mulher ficava em Milão quando ele vinha a Bellagio. Ela não aguentava os horários dele, disse Sandro. Era difícil imaginar que Roberto tivesse uma esposa, que se interessava por mulheres, pois era tão austero, limpo e rígido.

Havia catálogos com os trabalhos de Sandro na mesinha de centro, e o designer industrial Luigi começou a folheá-los, observando as esculturas sóbrias de alumínio. Sandro cochichou comigo, num momento em que ficamos a sós no hall, que Luigi também era um pornógrafo leve, com um fetiche por pés e pernas, e que vendia aquele trabalho em edições muito limitadas de gravuras que custavam milhares de dólares.

— Estou atônito — disse Luigi depois de ter olhado todas as imagens nos dois grossos catálogos. — Simplesmente não entendo.

Sandro estava acostumado àquilo. Minimalismo é uma língua, e mesmo tendo frequentado uma escola de arte, eu mesma mal a falava. Conhecia a ideia básica, de que os objetos não deveriam se referir a nada a não ser ao que eles eram ali no recinto. Só que isso não era exatamente verdade, porque eles se referiam a um discurso sobre o qual artistas como Sandro escreviam longos ensaios, e se você não conhecesse esse discurso, não podia aceitá-los pelo que eram, ou pelo que queriam ser. Você ficava simplesmente confuso.

— Vou perguntar logo de uma vez, já que não posso deduzir só a partir do seu trabalho, Sandro — disse Luigi. — Você é um cara que gosta de bunda ou de pernas? Qual é a sua?

Deu para perceber pelo sorriso lento e trêmulo de Sandro que aquilo seria logo assimilado como uma história favorita. Não havia necessidade de uma resposta. Só a própria história era necessária, arquivada na pergunta. Porém, mais tarde naquela noite, depois de encerrar a questão de espantar a mariposa e de mergulhar embaixo das cobertas, Sandro declarou que gostava das duas coisas, de bundas e de pernas, e também de seios. Interessado em joelhos, na lombar, em pescoço, no lugarzinho onde as clavículas se encontram. Na boca.

— Sua boca — disse ele, encostando os dedos nos meus lábios. Sandro disse que era limitante pensar em termos de *metonímia*. Palavra de Didier, selecionada como um fantasma da nossa vida em Nova York.

O dia seguinte foi tranquilo, sereno e surpreendentemente quente. O caseiro tinha limpado a piscina a pedido da *signora* Valera, pois Sandro adorava nadar. Aquecera a água a vinte e sete graus, e com

o ar a vinte e um graus, o vapor subia da superfície em ondulações leves e periódicas, aparições fantasmagóricas veladas na neblina. Chesil Jones já estava na piscina quando eu e Sandro chegamos. Estava deitado nas pedras perto da borda, nu a não ser pela toalha de rosto dobrada num pequeno quadrado e equilibrada sobre suas partes, os olhos fechados como se ele estivesse envolto por um túmulo de luz do sol. Sandro me lançou um olhar divertido e me levou para o deque aberto perto da piscina, uma plataforma elevada com sofás. Ele me levantou no colo e me jogou numa pilha de almofadas no sofá. Quando ri um pouco alto demais, o velho romancista se sentou e olhou para nós, estreitando os olhos por causa do sol e segurando sua inadequada toalha de rosto na virilha como uma pequena cortina. Começou a recolher suas coisas. Deixando os jovens em sua privacidade, senti que foi o que ele pensou. Embora Sandro não fosse tão jovem, o que tornava generosa sua retirada. Os jovens expulsam os mais velhos. Ele estava saindo por opção. Mas antes de fazer isso, postou-se diante do deque, preparando-se, pressenti, para fazer um de seus breves discursos.

— Um aspecto esplêndido, essa piscina — disse ele para mim. — Que maravilha você estar tendo a oportunidade de usufruir dela. Observe as pedras do piso. Foi ideia da Alba. *La signora*, quer dizer, ha-ha. Na verdade essas pedras são para moer polenta. São a ferramenta da vida de um camponês, do rendimento modesto de um camponês, do mingau suave esquentado numa panela de cobre. Alguns anos atrás nós estávamos perambulando pelas colinas perto de Argegno e ela viu uma pilha dessas pedras perto de uma pedreira e perguntou se podia comprar o lote inteiro, para fazer um pátio. É muito original, e bastante engraçado de certa forma, um pátio de pedras que confere elegância à piscina, um lugar tão lindo em seu cenário silvestre, mas essa suavidade vem de milhares de horas de camponeses trabalhando. De qualquer forma, aproveite.

— Graças a Deus — falou Sandro, observando-o andar pelo caminho que levava à casa.

Eu imaginava que ele e a mãe de Sandro eram amantes, mas senti que isso seria um assunto tabu com Sandro, que revirava os

olhos à menção de Chesil Jones e não dizia nada a não ser que ele era um fanfarrão.

Quando ele desapareceu no caminho, Sandro me puxou em sua direção. Queria dar uns amassos ali, na área da piscina, mas fiquei nervosa com isso.

— E o caseiro? — perguntei. Ele estava recolhendo as poucas folhas da superfície da água quando chegamos. Talvez ainda estivesse em algum lugar ali por perto.

— Ah, ele vai fazer muitas objeções — falou Sandro. — Talvez esteja nos observando neste momento. Vamos fazer um show para ele.

— Não.

— Bem, então teremos que ser discretos — disse em voz baixa, olhando para mim, os dedos roçando a parte de trás do meu joelho.

— *Só vou dar uma ajuda* — sussurrou, me puxando para o seu colo, abrindo o zíper da minha calça jeans e enfiando a mão na minha calcinha. — *E ninguém vai saber. Prometo. Nem mesmo o seu caseiro.*

Sandro era generoso nesse aspecto, parecia não medir o que oferecia em comparação ao que recebia de volta. Eu tinha atribuído isso à idade dele, como se maturidade significasse que agradar os outros proporcionava um certo retorno. Mas havia poder envolvido naquilo, para ele, em observar meu rosto com tal escrutínio, avaliar os efeitos do toque dele, comigo sentada em seu colo naquele sofá, os dois em silêncio, eu tentando apressar as coisas, porque não conseguia me livrar da sensação de que o caseiro estava em algum lugar ali perto, observando, como Sandro falara brincando.

Passamos a manhã inteira ali, lendo nos sofás ao lado da piscina, o braço de Sandro descansando de leve em mim, acariciando meu cabelo distraidamente. Eu fechava os olhos e não ouvia nada além do vento farfalhando nas árvores e Sandro virando a página.

Poderia me acostumar com esse lugar, disse a mim mesma. Se conseguisse aguentar um pouco mais de tempo ao lado daquelas pessoas ricas e indelicadas. Logo todas elas iriam embora.

— Nós não podemos simplesmente aparecer por lá e não ver minha mãe — me dissera Sandro quando planejamos a viagem. —

Tenho que dar uma semana para ela.

Depois da reunião familiar na fábrica da Valera dali a poucos dias, a mãe dele voltaria para Milão, e Chesil Jones iria com ela. Sandro e eu ficaríamos na vila sozinhos, e depois seguiríamos para Monza.

Eles provavelmente só iam pegar o *Spirit of Italy* e me fazer posar na frente dele, disse o diretor da equipe quando falei com ele ao telefone. Giddle tinha me lembrado de perguntar quanto me pagariam. Assim, explicou ela, seja o que for que você faça ou não, vai ganhar alguma coisa: dinheiro.

Eu estava na piscina, boiando de costas, deixando minhas pernas afundarem na água, quando ouvi passos descalços nas pedras do pátio. As pedras de polenta. Abri os olhos diante das árvores que balançavam, pensando que, fosse quem fosse, eu iria continuar boiando e afundando, afundando e boiando. Uma lufada de vento jogou algumas folhas na água. Senti cheiro de fumaça de cigarro.

— Sandroooo! — disse uma voz rouca e familiar.

Parecia uma voz saída de um sonho, mas era real. Era Talia Valera andando em direção à piscina.

— Vocês nadam em março? Que coisa ridícula.

Sandro não tinha mencionado que ela viria. Fui até a beira da piscina e saí de lá.

— Como está a água? — perguntou ela.

— Morna — respondi.

— Ei, talvez eu também nade. Sandro?

Um instante depois ela tinha tirado a roupa e estava andando nua em direção à água. Enquanto ela percorria o trajeto até a beira da piscina com passos pesados, a carne sobressalente no traseiro dela e atrás das coxas entrou numa espécie de sessão de tremedeira.

Ela mergulhou, percorrendo a piscina por baixo da água em silêncio.

Sandro riu e apagou o cigarro dela, que Talia havia largado na beirada de uma mesa.

Ela se virou de costas sobre a água, respirando fundo, do mesmo jeito que eu gostava de fazer, subindo à superfície, boiando, e depois afundando lentamente, depois voltando a subir e a boiar.

Um empregado trouxe o almoço até a área da piscina, e comemos ouvindo Talia falar sobre diversos homens, e mulheres também, que recentemente haviam ficado obcecados por ela, tanto que ela tivera que sair de Nova York.

— Eu estava ficando entediada lá de qualquer jeito — explicou.

Depois disse que tinha voltado a Londres, mas seu ex-namorado desenvolveu o hábito de ficar debaixo da janela do apartamento dela chorando, e a cena também era desagradável para ela, por isso resolveu fazer um favor para a mãe e comparecer à reunião familiar da Valera em seu lugar. A mãe tinha ido à Índia e de acordo com Talia não iria mais voltar.

— Você já esteve na Índia? — me perguntou ela, descrevendo um arco ao erguer o queixo. Percebi que estava se olhando no espelho pendurado do outro lado do caramanchão.

Fiz que não com a cabeça.

— Então não é capaz de entender — destacou ela, encontrando seu próprio olhar no espelho, afastando uma mecha de cabelo do rosto, examinando seu reflexo com prazer e satisfação. — Existe muita coisa no mundo, na humanidade, que a gente simplesmente não consegue *ver*. Não, você realmente *precisa* ir para a Índia. Mergulhar naquelas cores e cheiros, no ciclo da vida e da morte... Você não *sabe* nada da vida, Talia. Como pode saber, se nunca esteve na Índia? — Ela mudou o tom. — Minha mãe acha que usar sárís de seda e queimar incenso vai impedir que ela se mate.

Pensei em Gloria, quando voltou da Índia no inverno anterior, com um ar que não estava muito longe da paródia que Talia fazia da mãe. Gloria tinha ido para Calcutá e voltou anunciando para todo mundo que os artistas plásticos precisavam começar a usar bambu. Tentou convencer Stanley a trabalhar com bambu.

— Trabalhe você com bambu — falou ele, quando Sandro e eu fomos jantar lá, para ouvir sobre a viagem.

— Mas eu danço — replicou Gloria. — Meu corpo é o meu material.

— Então pare de falar em bambu — concluiu Stanley.

* * *

Não foi surpresa nenhuma que Talia e a mãe de Sandro se dessem tão bem. Não feito mãe e filha. Mais como duas guerreiras tirando uma folga juntas depois de massacrar o inimigo. Talia tinha a desenvoltura e autoconfiança que a mãe de Sandro gostava; eu conseguia perceber isso. Andava pela vila notando pequenos tesouros e comentando sobre eles, fazendo as perguntas certas sobre as diversas tapeçarias e bustos, para deleite da tia. As duas tinham o mesmo pedigree, o que eliminava a necessidade de esnobismo. Sentavam-se juntas, desarmadas, e bebiam grandes quantidades de vinho e de vodca, fazendo a outra rir. Riam inclusive de Roberto, Talia andando rigidamente pelo gramado de chinelos como se tivesse um cabo de vassoura enfiado no rabo, falando com sotaque alemão, o que era um pouco injusto, pois Roberto era total e completamente italiano, mas o sotaque alemão tinha uma lógica cômica que eu gostaria de poder apreciar abertamente, só que elas falavam em voz baixa e não se dirigiam a mim, e teria sido impróprio rir com elas.

Houve mais intermináveis jantares para os quais precisávamos “nos vestir”, ou eu precisava, enquanto atravessávamos lentamente os quatro longos dias até que a família se fosse. Sandro, como sempre, usava seu único paletó bom, mas por cima de seu uniforme padrão de camiseta preta desbotada, calça Carhartt e botas de bico duro. Talia usava diversos quimonos sofisticados e vestidos de baile da mãe de Sandro, e ia jantar descalça, sendo muito elogiada pela tia por estar tão encantadora neste ou naquele antigo traje colorido, que ela inevitavelmente tirava durante o jantar, revelando que por baixo usava calça jeans e malha justa; era o que eu mesma gostaria de estar vestindo, mas usava as coisas que Sandro tinha comprado para mim em Milão, incapaz de abandonar a ideia de que poderia agradar a mãe dele se seguisse suas regras. Entendi, ao seguir as regras dela, que aquilo só a fazia me desprezar, mas ela me intimidava, por isso eu sorria nervosamente e me atinha à cordialidade como a uma tábua de salvação. Mas não era.

Na primeira noite depois que Talia chegou, sonhei que a mãe de Sandro era aberta e amigável, uma mulher que falava comigo usando o mesmo tom de voz bondoso de quando disse “aí está você” para o conde de Bolzano. No meu sonho eu era o você e ela dizia aquilo para mim. *Aí está você*. O nariz dela não era preto. Não estava bêbada nem confusa, como às vezes parecia estar na vila. Não sei que língua ela falava no meu sonho, mas fosse qual fosse, era muito compreensível, uma língua que ela e eu entendíamos perfeitamente. Sorríamos com cumplicidade por causa de alguma coisa, de algum conhecimento cifrado.

— Você sabe que ele ama muito você — falou, depois me dirigiu uma pergunta silenciosa: *O que você vai fazer a respeito disso?* Esse sonho deixou uma impressão forte em mim, e quando a vi na manhã seguinte seu olhar severo foi um choque. *Não pense nem por um segundo que sou a mulher do seu sonho*, dizia o olhar. *Não tenho gentileza alguma para você*.

— É tão raro estarmos todos juntos — disse a *signora* Valera uma noite. — Devíamos tirar uma foto. — Então foi buscar a câmera. Me ofereci para bater a foto para evitar o constrangimento de ter de sair do quadro. Quando as fotos voltaram do laboratório de revelação em Bellagio, a *signora* Valera não gostou. Disse que parecia velha e cansada.

— Não — discordei. — Você está linda.

— Sei o que é a beleza — retrucou ela. — Eu costumava ser bem bonita. Você não entenderia o que é ter tido isso e depois perdido. Cada ida ao espelho é um pesadelo.

Talia deu uma gargalhada. Não achei que ficou ficou claro se estava rindo de mim ou da tia.

Essa incapacidade de interpretar não era apenas desagradável, também parecia se perpetuar. Quanto menos eu entendia, menos eu era capaz de entender a vez seguinte em que alguém fazia um comentário que possivelmente era um insulto e mais alguém ria. E a *signora* insistia em esquecer que eu entedia italiano, e se virava para Talia e fazia um comentário breve, vago e idiomático, que eu não entendia. Talia olhava para mim.

— Zia, ela entende.

A mãe de Sandro respondia em italiano o quanto aquilo era inconveniente, que em geral se podia falar sobre os hóspedes abertamente. Eu estava em constante alerta quando a mãe de Sandro falava com todo mundo menos comigo, e quando se dirigia à mim era ainda pior. Poderia se dizer que eu estava ficando paranoica, mas havia razões para isso.

Os lugares eram marcados na mesa por cartões todas as noites, mesmo quando éramos só nós cinco: Talia, Sandro, a mãe, o velho romancista e eu.

— É importante fazer rodízio para misturar os convidados — dizia a *signora* Valera. — Se pudesse, eu organizaria jantares em que só alguns de vocês fossem convidados, mas como todos estão hospedados aqui, seria um pouco incômodo. Mas, sinceramente, é como eu preferiria fazer.

Eu nunca estava sentada ao lado de Sandro.

— Vocês são um casal! Quer dizer, que monotonia, que insanidade sentar juntos! — disse ela quando Sandro protestou. — O que vocês têm para discutir?

Eu sempre tinha que me sentar com fulano ou sicrano, se não com o velho romancista, algum visconde ou conde decrépito que aparentemente ia gostar de mim.

— Ele vai se encantar por você. — Como se dissesse: ele gosta desse tipo de coisa (que a maioria de nós não gosta).

Parecia que ela sempre fazia Sandro se sentar ao lado de Talia, a livre e fácil Talia, que se debruçava na mesa, fazia piadas explícitas sobre o pão velho, o vinho de caixa ruim, pedia ao cozinheiro para preparar um ovo para ela quando não gostava do que estava sendo servido, um pesado prato regional chamado *pizzoccheri*, cheio de queijo e manteiga. E ela ficava bem mesmo nos vestidos de baile da *signora* Valera, de seda vermelha ou roxa, com seu cabelo escuro, que agora estava um pouco mais comprido, com alguns fios na altura do queixo. Imaginei que sua decisão de cortá-lo mais curto, como estava quando a conheci, fora tomada sob circunstâncias semelhantes à decisão de se esbofetear para divertir Ronnie. Uma travessura, uma aposta. E por que não, porra? Se ela fosse mais simpática comigo eu teria desejado conhecer Talia Valera. Era

sempre assim com mulheres que eu achava ameaçadoras, havia alguma vontade não realizada de me tornar sua amiga. Eu não sabia bem por que ela me ameaçava. Era cheia de vida e energia, tinha uma franqueza inusitada, e assim mesmo eu gostaria que fosse contida e não celebrada por essas qualidades que eu secretamente admirava.

Na sua terceira noite na vila, ela surgiu na mesa de jantar usando algo que parecia o chapéu de feltro marrom que eu tinha dado a Ronnie naquela noite secreta muito tempo atrás. A mãe de Sandro sorriu ao ver o chapéu, e o prazer em sua expressão foi como a suavidade do tom com que falou *é você* para o conde de Bolzano, a maneira como ela reservava afeto para algumas pessoas em certos momentos. Do jeito que eu sonhei com ela.

— Esse chapéu — disse ela a Talia — fica absolutamente fabuloso em você.

Talia tirou o chapéu para mostrar à tia que era um Borsalino. O meu Borsalino. Então Ronnie e Talia estavam dormindo juntos. A garota no plano de reserva surgiu em meus pensamentos. Seu rosto jovem e esperançoso.

Como eu fora burra em dar o chapéu para Ronnie, mesmo que eu o tivesse roubado para início de conversa. Foi uma generosidade ingênua, para estabelecer alguma conexão. Ele tinha dado o chapéu a Talia. *Está vendo como você significou pouco?* Era possível que ela tivesse visto o chapéu no apartamento dele e o tivesse requisitado, como fazia com os vestidos de baile ornamentados da tia. Ou que Ronnie tivesse esquecido quem havia dado o chapéu a ele. Nenhum desses cenários me consolava muito.

— Então vamos usar chapéu esta noite? — perguntou Chesil Jones. — Porque estou de olho em um.

Saiu da mesa e reapareceu com um curioso barrete de pele preto com uma franja dourada e preta que caía em cima de um olho.

Signora Valera olhou para ele com severidade.

— Tire isso da cabeça — falou.

O velho romancista sorriu e começou a agitar os braços como que diante de uma banda de sopro, cantarolando uma espécie de hino

oficial que o chapéu parecia sugerir ou evocar, a franja pendurada no rosto subindo e descendo quando ele mexia os braços.

— Por favor, tire isso.

Um empregado entrou trazendo costeletas de porco numa enorme bandeja de prata. Ao ver as costeletas, o velho romancista ergueu o braço direito numa saudação, exalando um vento de gim.

— Você vai ter que sair dessa mesa. Estou falando sério.

— Ah, pegue leve, Alba. Por que um homem não pode se divertir um pouco? Não estou querendo roubar o lugar dele. Isso eu garanto. De qualquer forma, eu não caberia nas botas dele, seriam muito... *hum...* pequenas para mim, pequenas demais. E aliás, só de dar uma olhada no armário dele, percebe-se que não gostava muito de botas. Até agora quase só vi mocassins de pele de porco Ferragamo e Hermès, e elegantes lenços com “T. P.” bordado no estilo veneziano...

— Chega — pediu ela. — Pode parar agora mesmo. Deixe os mortos descansarem.

Olhou para ela de uma maneira quase meiga, mas não tirou o chapéu. Respirou fundo. Eu já pressentia as engrenagens encaixando para um sermão. Stanley tinha toda a razão quanto a homens mais velhos. Eu e Sandro brincávamos com isso.

— O que você vai fazer — perguntou Sandro — quando eu chegar àquele estágio em que não vou mais calar a boca?

— Eu vou comprar para você um gravador de fita como o do Stanley — respondi.

— São essas *categorias* bobas — disse o velho romancista, estalando a língua e anuindo a cabeça devagar, como que em sinal de desaprovação, a franja do chapéu caída de um lado do rosto grande e redondo. — O jeito que as pessoas choramingam, oh, eu não posso gostar *dele*, é um *fascista*. Ou é um *comunista*. Um trotskista. Um pederasta. Um isso. Um aquilo. Eu não ligo a mínima se você é *aquilo*. Se você usa o quepe oficial *daquilo*.

Andou até a cômoda e pegou a cúpula pequena e trapezoidal de um abajur que ficava ali. Trocou pelo barrete e disse:

— Olhe, agora sou maoísta. — Quando ninguém deu risada ele tirou aquilo e devolveu o barrete. — *Eu* gosto quando a pessoa é

atenta — falou, voltando ao seu lugar. — Se ela parece ter um cérebro. Se existe uma característica genuína no seu comportamento... é a única forma de julgar alguém.

— E se meu marido estivesse aqui — disse a *signora* Valera —, ele o julgaria como um idiota. Mas vou tolerar suas besteiras porque você é americano e tinha a coluna torta, então não pôde lutar na guerra e não faz ideia do que está falando.

— Não é só a minha coluna que é torta — cochichou Chesil para mim, sorrindo de um jeito devasso. — Mas *disso* ela nunca se queixa.

Ele perguntou se a *signora* preferiria que a coluna dele não fosse torta e, quem sabe, é provável que ele tivesse até surgido no Lago Como com as tropas americanas. Será que ela já tinha imaginado? Ele acima do Como, debaixo de um paraquedas aberto.

— Como um anjo — explicou. — Eu poderia ter sido o seu anjo, Alba. Mas como não estava apto para o combate, era um simples jornalista em Nápoles quando os americanos chegaram em 1943, e foi assim que eles chegaram. Suavemente, em grandes asas brancas. Os italianos, o que posso dizer? Estavam famintos, comendo algodão cozido, dormindo em escombros. Pisando nos próprios parentes roxos. Nós não estávamos muito melhor, só tínhamos reles rações de Spam frito...

— O que é isso? — perguntou Talia.

— A inocência de uma pergunta. Spam, minha jovem, é... ah... é uma geleia de porco. Isso, creme de milho e cadáveres eram iguarias no tempo de guerra. Mas devo dizer que nós da imprensa bebíamos vinho feito de uvas dos vinhedos de Sordo, não essa aguardente barata que sobra no porão que sua tia estoca. Mas onde eu estava... ah, sim, com minha coluna torta, podendo apenas observar os libertadores, os magníficos soldados americanos, negros lindos que urinavam no trono do rei no Palazzo Reale. Enquanto as mães italianas bradavam: “Ei, Joe, ei, Joe!”, tentando barganhar as filhas com desconto especial para o Exército Aliado. Uma recompensa ao conquistador. Também chamado de estupro, mas do que eu sei?

Sandro soltou um grunhido e empurrou a cadeira para trás. Foi andando até a sala.

Se você era um deles, não precisava seguir as regras. Mas eu não era um deles e tinha certeza de que me acusariam se eu saísse no meio do jantar. Sandro não conseguia aceitar que Chesil fosse, como Sandro dizia, o confidente de sua mãe. Claramente era mais que um confidente, mas Sandro não conseguia reconhecer isso, apesar de termos visto algumas vezes o velho romancista saindo do quarto da mãe dele de manhã usando um roupão com as iniciais do pai de Sandro gravadas no bolso do peito. Sandro dizia que não conseguia entender como a mãe tolerava aquele homem ridículo em qualquer função. Eu entendia que ela o tolerasse, e até por quê. Era uma mulher solitária, e aquele ridículo era uma forma de vitalidade. Trazia alguma coisa à vida dela. De qualquer maneira, muitos homens eram daquele jeito, mas eu não podia dizer a Sandro que os homens eram ridículos, e como a mãe dele não era lésbica, os homens eram sua única opção.

— Eu poderia ter sido o *seu* conquistador, Alba — disse Chesil —, ou seu libertador, bem aqui em Bellagio, mas do jeito que aconteceu, só posso falar sobre as mães napolitanas ansiosas para vender as filhas na *piazzetta* da Cappella Vecchia. As garotas se vendiam barato para os soldados americanos e os garotos para os soldados marroquinos, que brigavam com as mulheres a respeito daquelas criaturinhas arruinadas, com ranho misturando com caramelo no rosto, o caramelo que cada um chupava para preservar um ar inocente. Para ser justo, acho que serem negociados nas ruas é simplesmente o destino dos jovens em todo o mundo. Por fome e desespero, se tiverem essa sorte. Lá em casa, na América, o que posso dizer? São vendidos na rua também, é claro, mas não por razões de fome ou medo. É pior. Muito pior.

— Você está bêbado? — perguntou Talia. — O que há com você?

Ele tirou o barrete e ficou revirando-o nas mãos, dobrado como um envelope fechado, alisando o pelo.

— O que há comigo — falou —, como assinalou sua tia, é um pouco de escoliose. Mas, ah, se minha coluna fosse perfeita! Para lembrar a vocês que foram uns covardes de merda. Quem esteve

nessa casa mesmo? — perguntou, batendo os nós dos dedos na mesa. — Esqueci. Quem morava aqui? Vocês tiveram que sair para dar lugar a um supervisor alemão, mas qual? Você nunca está a fim de falar sobre isso, querida Alba. Foi o Dollman? Kesselring? Ou talvez Reder. Como os alemães mais fanáticos, aliás, um austríaco. Foi Reder que usou esse lugar como quartel-general? Estou falando de Walter Reder, quer dizer, que arrasou a Itália central, Pisa, Lucca, Caprara, Casaglia, matando quase duas mil pessoas, segundo “vencedores”, que escreveram os livros de história, como você poderia chamá-los, minha Alba ardente. Reder queimava homens, mulheres e crianças vivos debaixo de palha com gasolina. Sujeito estranho, esse Reder. Não tinha uma das mãos, então usava uma falsa sempre coberta com uma luva preta. Enfim, o sofrimento alheio deve com certeza servir a *algum* propósito, certo? Mas *qual é esse propósito?* Ninguém nunca sabe bem a resposta. Só posso dizer que a história é um lugar danado de perigoso.

— Você precisa parar com isso — disse a *signora* — agora mesmo.

Mas ele não parou, ou não conseguiu.

— Em Casolari, uma mulher tentou fugir de Reder com o filho recém-nascido mas foi pega. Quando ele acabou com ela, Reder jogou o bebê para cima e atirou nele como se fosse um pombo de barro. Mas é claro que um bebê não é um pombo de barro. Houve um baque, um monte de sangue, um amontoado de possibilidades deixadas para apodrecer no campo, coberto de mutucas. Vou encerrar com o garotinho de seis anos que teve a família inteira...

A *signora* atirou um açucareiro em Chesil. A tampa quebrou com o impacto, deixando-o coberto de açúcar branco.

Um serviçal surgiu da cozinha, tendo ouvido o barulho, mas recuou quando viu a expressão da *signora* Valera. Eu me acomodei sentada, sem saber para onde olhar, ressentida com Sandro por ele ter podido se levantar e sair.

— Parece que o gênio se libertou da garrafa — comentou Chesil, limpando açúcar da testa. — Algumas coisas foram ditas. Decantadas.

O rosto da *signora* Valera estava quase translúcido de raiva.

— Você é o gênio — respondeu, a voz trêmula. — Saiu da sua própria garrafa. Só humilhou a si mesmo. Só isso.

Ele abaixou o rosto vermelho em direção à mesa e aquiesceu devagar, com um arrependimento nascente. Levantou-se e se limpou. O pó se libertou das dobras da camisa e formou um resíduo ao redor da cadeira.

— Desculpe. Mil perdões. Os mosquitos me picaram hoje e acho que estou tendo uma reação alérgica. Na verdade, estou me sentindo meio zozzo. — E pediu licença para se ausentar do jantar.

* * *

No dia seguinte, os insultos e recriminações que caracterizavam nossas refeições praticamente cessaram. Más notícias chegaram pelo telefone.

Operários tinham entrado em greve na principal fábrica de pneus da Valera perto de Milão, bloqueando os portões. Os empregados contratados pela empresa durante a greve foram retirados da fila da entrada e espancados. Até mesmo os fura-greves de colarinho branco, que estavam lá para trabalhar no secretariado e na contabilidade, foram afastados e levaram uma surra. Equipamento foi sabotado em outras fábricas da Valera, que também enfrentavam greves.

Nas duas manhãs seguintes, enquanto Sandro e eu tomávamos café e comíamos pão velho, os jornais relataram que um gerente de alto nível da Fiat tinha sido sequestrado e exigiam resgate, outro tinha sido alvejado no joelho quando saiu para tomar um café no meio da manhã, e um juiz responsável por um processo contra membros das Brigadas Vermelhas fora assassinado.

Roberto e a *signora* conversaram bastante sobre a possibilidade de alguma espécie de calamidade, que eles não especificaram. Sandro achou que todos estavam se comportando histericamente e, como eu, contava os dias até que voltassem para Milão e nós pudéssemos ficar sozinhos na vila. Mas eles não estavam histéricos. Eram pessoas marcadas. Agora consigo perceber isso.

Na ocasião, eu não os teria definido como marcados, nem saberia como pessoas marcadas se comportavam. Mas não deixei de perceber o que significava o guarda armado recém-postado nos portões ao lado da casa do caseiro. O guarda, um ex-soldado paraquedista usando calça jeans justa e apertada, ficava por lá fumando cigarros marrons e se revezando entre cofiar o bigode e arrumar o saco na calça apertada. Talia gozava dele, fingindo cofiar o próprio bigode e ajeitar o próprio saco.

— Ele descolore a braguilha daquela calça jeans para parecer mais volumosa — constatou.

Também não deixei de notar o guarda armado que transitava pela curta *stradina* com Roberto em seu Alfa Romeo. Nem a discussão em voz baixa entre Roberto e o conde de Bolzano, quando o conde veio jantar na noite seguinte ao assassinato do juiz que presidia o julgamento das Brigadas Vermelhas.

Aquela altura eu já tinha perdido a esperança de gostar da família de Sandro, de encontrar uma maneira de eles gostarem de mim. Quando consenti em passar uma semana na vila com a mãe de Sandro eu não sabia exatamente em que estava me metendo, e por alguma razão uma semana tinha se transformado em dez dias e estava começando a parecer uma eternidade. Eu sabia que nada que dissesse agradaria a mãe dele, que seria insultada por Roberto, eclipsada por Talia e que ouviria o falatório incessante de Chesil Jones, que mandara um empregado colocar uma pilha de livros dele ao lado da nossa cama, e eu até tivera curiosidade sobre eles e estava lendo o primeiro romance, *Summertime*, até tentar fazer um elogio e ele corrigir minha pronúncia do nome do personagem principal e começar a me testar de maneira desagradável sobre os temas de destaque de seu livro, como se fosse uma leitura obrigatória.

Eu não sentia pena daquela gente e achei que iria me divertir em segredo quando finalmente acontecesse a calamidade que a mãe de Sandro e Roberto esperavam. A empresa, a família, estavam sob ataque. Eu não ligava muito, e nunca teria adivinhado que qualquer tipo de má notícia pudesse ter algum impacto em mim.

Depois do jantar, justo quando o conde de Bolzano estava saindo, o telefone tocou. Um empregado atendeu e passou a mensagem para a *signora* num murmúrio.

— Sequestrado? — perguntou ela.

Um supervisor da fábrica? Um advogado da empresa?

Não. Era Didi Bombonato, que estava fazendo compras no bairro de Brera em Milão, experimentando casacos de pele de carneiro, quando o colocaram num carro e o levaram a um local desconhecido.

— Mas ele é... *nosso*? — indagou a *signora* a Roberto, a primeira pessoa para quem ligou.

— Então por que precisamos pagar para ele ser solto? — indagou, depois de um momento de silêncio. — Talvez alguém mais possa pagar. A família dele ou o governo. Afinal, o que querem? A resposta é não.

No dia seguinte aquela foi a manchete do *Corriere della Sera*. Um importante sequestro por parte das Brigadas Vermelhas. Por isso eles tinham feito aquilo. Quando o presidente de uma empresa era sequestrado, a notícia ficava escondida na seção de negócios, quase não era notícia. Didi era material de primeira página, um ícone nacional. Havia uma foto dele tirada depois da captura, uma expressão de puro medo infantil.

Pensei no seu papel de destaque naquela semana nas pistas de sal, na forma como ele espumou de ódio dos mecânicos de quem dependia, e eles também pareciam não desperdiçar nenhum amor ou lealdade com ele. Perguntei a mim mesma se algum daqueles mecânicos poderia estar envolvido.

Eu deveria estar com eles em Monza dali a uma semana. Liguei para o diretor da equipe mas não consegui falar com ele.

Sandro riu com tristeza.

— Eu lhe avisei. E não só sobre a minha família, também sobre a Itália. O lugar está uma bagunça.

Sandro disse que Roberto havia instituído uma das políticas de chão de fábrica mais severas de qualquer empresa, e que Roberto era insultado por líderes sindicais e operários, que nada daquilo ia acabar bem. Os operários, explicou, vieram do sul, viviam em

condições miseráveis. As mulheres e filhos montavam conjuntos de ignição da Moto Valera na mesa da cozinha, trabalhando a noite toda porque eram pagos por peça, famílias inteiras contratadas por trabalho avulso, que era praticamente trabalho escravo. Agora, os pobres de toda a Itália — em Milão, Bolonha, Roma, Nápoles — estavam estabelecendo os próprios preços de aluguel, luz elétrica, pão. Toda a estrutura era instável, contou Sandro, e eu entedia melhor, vendo-o aqui, por que se mantinha o mais afastado possível. Aqui ele era obrigado a se encarar, a ficar no meio deles. Iria para a reunião da diretoria para tentar incutir sensatez no irmão e na mãe, pois a dele seria a única voz moderada no recinto.

Com Didi já há dois dias no cativeiro, os Valera ainda não tinham pagado o resgate. Enquanto isso, mais notícias ruins chegavam por telefone: um segurança dos depósitos da Valera fora alvejado nas pernas. E naquele mesmo dia, em outra fábrica, um chefe de seção foi brutalmente espancado enquanto os trabalhadores só olhavam, nenhum deles dando um passo para ir impedir isso.

Com a presença sombria do nosso segurança paraquedista e os diversos acontecimentos violentos recentes, Chesil Jones começou a falar em tom alarmado sobre o próprio perigo que enfrentava. Quando a mãe de Sandro implorou para que comesse outro pedaço de vitela no almoço, ele a acusou de querer engordá-lo como uma galinha para alguém roubar.

— Mas você já chegou aqui gordo — disse ela.

Com isso, ele aceitou o segundo pedaço de vitela e disse que a gordura era um sinal de saúde moral.

Sua fantasia de ser raptado da vila se tornou uma piada corrente.

— Se fosse para acontecer — dizia a *signora* Valera —, ele abriria a boca e fariam o possível para se livrar dele. Empurrariam ele para fora do carro de fuga, qualquer coisa para não ouvir mais o seu falatório!

— Ele é famoso? — perguntou Talia.

Eu nunca tinha ouvido falar dele ou dos títulos dos livros que ele mandara para o nosso quarto, mas deduzi que fosse uma falha minha.

— Ele é um famoso chato — respondeu a mãe de Sandro. — Mas é conhecido na Inglaterra, acho. Os livros dele são mais populares lá do que nos Estados Unidos.

Conhecido na Inglaterra. Soava como algo que ele deve ter dito a ela. Ela zombava dele, mas ficava claro que o levava mais a sério do qualquer um de nós.

Chesil anunciou na piscina seus planos de sair da Itália definitivamente, três manhãs depois do sequestro de Didi. Estávamos só nós dois e antes de ele começar a falar senti um súbito afeto por ele e pelo fardo que carregava, de estar aprisionado em seu próprio narcisismo de longo fôlego, uma ardente necessidade de ser *ouvido*. Mas esse momento de inesperada tolerância talvez tenha eclodido em mim porque todos finalmente marcaram a partida para o dia seguinte, e era mais fácil gostar de pessoas difíceis quando elas estavam de saída, ou já tinham ido embora.

Embora seja verdade, disse ele, que pessoas comuns não fogem da morte, ele próprio, que não fazia parte das pessoas comuns, estava preocupado com sua vida e ia sair do país, pegando uma carona para o aeroporto quando a família fosse para a reunião da empresa em Milão.

Eu estava distraída, pensando na situação de Didi. O gerente da equipe, quando finalmente consegui entrar em contato com ele, foi breve. Tive de recordá-lo de quem eu era, o que quase me fez cair em lágrimas. Eu tinha vindo até a Itália, tirado uma longa licença do trabalho, usado vestidos frívolos durante dez noites para agradar a mãe de Sandro (e não a agradei nem uma vez), e agora o gerente da Valera não lembrava de mim ou da razão de eu estar aqui. E quando afinal se lembrou, percebi o que eu era para ele, ou o que não era, e senti vergonha de pedir que se concentrasse momentaneamente no detalhe mais insignificante no meio de uma crise. Didi tinha sido sequestrado. O meu motivo pessoal para estar na Itália fora então extirpado.

— Qualquer personalidade pública pode ser sequestrada a essa altura. Até mesmo aqui, nesse pequeno paraíso, sinto o cheiro do perigo — disse Chesil, baixando a voz porque o caseiro estava perto

de nós agora, aparando os galhos de uma árvore de magnólia que avançava para perto demais da piscina.

O caseiro estava em cima de uma escada. Olhou para mim com o que imaginei ser um lábio erguido, uma leve sugestão de que estava sorrindo.

Será que ele sabia o quanto aquele homem era tolo, a quem eu era obrigada a fazer companhia? Sim, pressenti, ele sabia. Continuou olhando para mim. Retribuí o olhar. Havia algo de interessante naquele caseiro, mas eu não sabia ao certo se estava imaginando. Pessoas quietas podem ser enganosas, sugerindo profundidade e reflexão onde talvez não exista nada disso. Desceu da escada, colocou os galhos cortados num carrinho de mão e subiu a ladeira até o barracão do jardim, me abandonando com Chesil, que falava sobre o lugar aonde iria dali, uma espécie de spa num afluente do Danúbio, onde constava que Hércules tinha tomado banho. Imaginei o velho romancista sentado num riacho raso, as águas claras ondulando pelo seu barrigão.

— O imperador romano Trajano conquistou esse lugar — explicou —, que naquela época se chamava Dácia.

Mais tarde eu tinha desenvolvido um hábito curioso quando Chesil começava aqueles monólogos. Fechava os olhos e fingia estar esquiando. Um dia de neve profunda, a neve caindo, a luz difusa, e aquela quietude sem vento quando o que você mais ouve é o tecido do capuz do anoraque quando vira a cabeça para a esquerda ou para a direita. O pó leve e seco começaria a fazer curvas. Curvas saltitantes e compridas na neve alta, virando para a direita, depois para a esquerda, flutuando, moldando meu ritmo no contorno das árvores cobertas de neve, agitadas pela neve que caía, sem ouvir aquele velho. Era surpreendente como funcionava. Ele continuava falando.

— ... então o rei da Dácia cortou o próprio pescoço, e a cabeça foi levada para o Ocidente, para Roma. Mas o Leste gotejou uma trilha de latim, como sangue, na Romênia, e é lá que vou molhar o meu...

Roberto adiou a grande reunião na fábrica para ir a Roma conversar com ministros do governo sobre a situação trabalhista. O que significava mais quatro dias com a mãe de Sandro. Os dez dias se transformariam agora em duas semanas inteiras. Operários planejavam entrar em greve em todos os setores. Uma greve geral, abrangendo toda a Itália. Roberto disse que não queria ir. Roma estava uma bagunça. A universidade tinha sido tomada pelos estudantes, transformada em uma cidade dentro da cidade. Nós vínhamos lendo sobre isso no jornal. Não eram só estudantes, queixava-se Roberto. Eram pessoas dos bairros periféricos, com hippies e veados, todos ocupando o local, comendo nos refeitórios, lavando roupa nos banheiros da faculdade, queimando arquivos de documentos em grandes tinas de metal para se aquecer.

A noite em que Roberto deveria voltar de Roma era um domingo, o dia de folga dos empregados. *Signora* Valera reclamou amargamente que os empregados se escondiam dela aos domingos.

— As coisas não costumavam ser assim. Quando se tem empregados morando na propriedade, você não finge que não os vê aos domingos! Se eles estão lá e alguém precisa que algo seja feito, antes eles simplesmente faziam. E não diziam arbitrariamente só por ser *domingo*, que não podiam. O pior é que agora fingem não me ver, ou acham que não precisam atender quando eu chamo. Todo mundo calcula as horas trabalhadas e as horas extras agora. Querem comprar uma caixa de estupidez — falou, referindo-se à televisão, como à que ela assistia muitas horas por noite. Foi aí que eu tive compaixão pela mãe de Sandro, imaginando ser um alívio estar sozinha no seu quarto. Onde podia se comportar como realmente era, uma contadora de fatias de presunto. Não havia fingimento no seu aposento privativo. Podia se livrar das fitas apertadas de suas espadrilhas justas, que faziam seus tornozelos inchados pularem num estampado xadrez de *waffle*, tirando uma folga da sua vigilante emissão de veneno em pequenas golfadas controladas. A televisão do quarto dela vibrava num volume obsceno, e naquela cela de ruídos, ela podia ser o tipo de pessoa que apreciava sua caixa de estupidez. Todas as noites eu ouvia o familiar uivo da gaita, alto e distorcido, de *Sanford and Son* atravessar a

porta fechada e chegar até a escadaria, a voz de um Lamont dublado em italiano: *Babbo, ma dai! Smettila, Babbo!*

Com os empregados de folga, Talia quis ir até Bellagio comprar algo para o jantar — queijos, frios e pães. *Signora* Valera insistiu que Sandro fosse com ela. As novas medidas de segurança tornavam todos os Valera preciosos e vulneráveis. Ainda que Talia, como fiquei sabendo, não fosse uma Valera. A mãe dela era uma Valera, enquanto o sobrenome de Talia era Shrapnel. Ela o tinha mudado para Valera porque não queria o estigma da invenção de seu tataravô, a granada shrapnel, uma coisa muito mais famosa que o homem que a tinha inventado. A granada shrapnel fora criada antes do nome Shrapnel, não o contrário, e Talia não queria um nome que sugerisse matanças e mutilações.

Depois que os dois saíram, a mãe de Sandro me convidou para me sentar com ela no terraço e tomar uma bebida. Assim como o curioso afeto repentino que senti pelo velho romancista, achei que estava naquela vila há tempo suficiente para conversar à vontade com ela, tentar comunicar algo respeitoso, e ser respeitada de volta. Eu disse que deveria ser bom para ela ter Sandro por perto, que imaginava que sentisse falta dele quando estava distante, em Nova York.

Ela me lançou um olhar severo.

— Tenho a impressão de que devo dizer alguma coisa aqui, dar uma indicação de que meu filho pródigo na verdade é o meu preferido, até insinuar que sinto certo desdém pelo filho dedicado e assim por diante. Bobagem. Prefiro muito mais Roberto. Seria uma tolice não ser parcial com relação à quem realmente cuida de mim.

Era provável que Sandro estivesse se divertindo lá na cidadezinha. Por que ele me deixou aqui? Alguém tinha que ficar com a mãe dele, explicou, mas o soldado paraquedista devia bastar.

* * *

A *signora* estava nos seus aposentos tomando banho antes do jantar quando ouvi um automóvel estacionando na entrada. Deduzi que

fossem Sandro e Talia, e saí para receber os dois. Era Roberto. Ele começou a falar sobre Roma.

— Provavelmente você nunca esteve lá — disse.

— Estive lá uma vez.

— Mas não é possível conhecer Roma só com uma visita — replicou —, como turista. — Ele tinha razão. Eu jamais poderia conhecer a Roma que Roberto conhecia. Assim como a vila, mesmo que desagradável, era uma experiência da Itália à qual não teria tido acesso enquanto estudante em Florença. Eu tinha a impressão de que se você é pobre e vai para um país estrangeiro, encontrará gente pobre que não vai ser tão diferente de você, como os motoqueiros e suas namoradas com quem eu frequentara aquele bar miserável perto da estação ferroviária de Florença. E era provável que o contrário também fosse verdade. Para os ricos, o mundo seria uma série de salões elegantes, ambientes parecidos e costumes sociais legíveis, categorias familiares de privilégio no mundo todo.

— De qualquer forma, é tarde demais — falou Roberto. — Roma está arruinada. Suja e caótica, e dá uma sensação de inimizade, uma população de gente que se opõe a você por nenhuma razão. Pessoas odiosas que nos atacam por sermos saudáveis, pela ordem e o trabalho e todas as coisas boas que a Itália já desejou. Todos os jovens usam drogas — continuou. — Com cabelo comprido e sujo e expressões estúpidas, como se tivessem conseguido esvaziar a cabeça de pensamentos. Não têm nada a comunicar a não ser a mensagem cretina que qualquer um pode ver: *Eu tenho cabelo comprido*.

Quis perguntar a Roberto sobre Didi, mas Sandro e Talia chegaram. Saíram da Mercedes da mãe de Sandro com uma energia vibrante passando entre eles, a voz rouca de Talia, uma risada conspiratória. Arrancava pedacinhos de uma longa baguete embrulhada em papel pardo e jogava-os secretamente para Sandro, que os pegava com a boca. Quando chegaram à cozinha, Sandro tirou a baguete da mão dela e começou a jogar pedaços para Talia abocanhar, mas ela não conseguia, porque ele jogava muito depressa, e era engraçado, só que não me trouxe nenhum alívio.

* * *

Na manhã seguinte aconteceria a reunião da empresa. Dei um beijo de despedida em Sandro na saída, ao lado da Mercedes da *signora* Valera que estava parada na entrada de cascalho, com o paraquedista de bigode atrás do volante, o braço apoiado na janela, curvado para alcançar o bigode, que ele alisava de forma sonhadora enquanto esperava a iminente partida, ao mesmo tempo que com a outra mão apalpava o volume da calça jeans apertada, se acomodando no assento de couro.

Didi continuava no cativado, mas eu adiar meus planos sobre o que fazer para quando eles tivessem ido embora. Agora o momento tinha chegado. Quando Sandro voltasse, nós estaríamos livres deles. Talia ia voltar para Londres. O velho romancista iria tomar banho como Hércules fez em Danúbio. A mãe de Sandro e Roberto iam voltar para Milão.

Sandro queria que eu fosse com eles à reunião. Explicou em voz baixa que os portões da fábrica estavam cercados de pessoas protestando e impedindo a entrada de outras no local, o que provavelmente seria uma situação tensa e que eu poderia filmar se quisesse.

Documentar os problemas da empresa da família dele? Eu nunca tinha considerado essa possibilidade, já que era um assunto que Sandro normalmente nem queria discutir. Mas agora ele estava entusiasmado. Um dos primeiros filmes, perguntou, não registrava operários saindo pelos portões de uma fábrica? Agora seriam operários furiosos bloqueando os portões da fábrica.

— Na verdade é um tema muito mais rico — falou — do que a equipe de Didi e da Valera.

Mas eu não estava pronta para desistir da ideia, e não aguentava nem pensar em passar o dia inteiro com a mãe dele, Talia e Roberto, de tentar fazer alguma coisa no meio deles, por isso fiquei para trás.

Eles partiram, a Mercedes se movendo lentamente pela passagem de cascalho. Quando a morosa emissão de diesel se afastou feito um zumbido de inseto, eu soube que tinha cometido um erro, que

deveria ter ido com eles. Que deveria ter filmado. O importante era conseguir cenas interessantes. Eu poderia decidir mais tarde o que fazer com elas.

Vaguei pela casa, vivenciando o espaço vazio pela primeira vez. Enquanto os empregados estavam todos lá embaixo, espiei o quarto da mãe de Sandro e examinei os perfumes, as loções e os pós na penteadeira, o vaso de prata com rosas claras e enormes que a empregada com a peruca cor de lavanda devia ter posto ali. Senti um estranho arrepio ao ver aquelas coisas. Será que a mãe dele não podia ter produtos femininos só porque tinha setenta e poucos anos? Não era por causa da idade dela. Era por ser cruel, e eu não associava a crueldade dela com a feminilidade e seus rituais. Fui até o quarto de Talia, na porta ao lado, de onde tinha tirado seus pertences, empurrando sua enorme mala de couro escada abaixo dramaticamente naquela manhã, antes de Sandro intervir e ir ajudá-la. A cama estava desfeita e havia toalhas molhadas no chão. Em uma cadeira estava meu Borsalino. Será que ela tinha esquecido? Não. Ela não ligava para ele. Talia era livre e fácil, e o chapéu não significava nada. Se Ronnie Fontaine tivesse me dado alguma coisa na noite em que o levei para casa, se nosso interlúdio secreto tivesse resultado numa possessão, eu teria guardado essa coisa, fosse o que fosse, para sempre. Mas Talia usou o chapéu uma vez, recebeu elogios, levando o velho romancista a fazer uma tirada de bêbado. Isso foi o bastante. Provavelmente ocupava espaço demais na bagagem dela. Pus o chapéu, fui até o quarto que dividia com Sandro e me deitei na cama ao lado da pilha de romances de Chesil Jones, *Summertime*, *Homens em apuros*, *Prazeres proibidos*, *Os fugitivos*. Olhei para o retrato do avô. Preso numa eterna vigília na parede. Senti que tínhamos isso em comum, de alguma forma. O dilema de estar preso.

— Eles foram para a fábrica — falei para ele.

Ele me olhava de seu vácuo verde-escuro, sustentando meu olhar, ou seu próprio olhar, e aí a empregada de peruca cor de lavanda entrou, passou um espanador pelo quarto e começou a recolher pétalas de flores caídas e a guardá-las nos bolsos do avental. Eu nunca ficaria à vontade com empregados ao redor. Sentia-me

condenada pela simples presença deles, nem fazia parte deles nem era digna de sua servidão. Tirei o chapéu, vesti um suéter e saí para dar uma volta.

No portão avistei o caseiro, inclinado sobre o capô aberto de um carro estacionado, um pequeno Fiat 500. Olhei para o lugar vazio na garagem onde ficava a Mercedes e senti uma pequena onda de ansiedade. Não consegui definir sua fonte, um bolsão de preocupações que passou por acaso, como um enxame de mosquitos. Dei a volta no Fiat parado, pensando em seguir a estrada e talvez chegar a Bellagio.

O caseiro olhou para mim. Não era só o fato de ele ser bonito e talvez desdenhoso de nós que me deixava nervosa, mas de ele ter a minha idade. Eu me sentia constrangida na sua presença, por ser namorada de alguém mais velho e tão burguês. Toda vez que ele estava por perto, desejava que ele entendesse que eu não estava entre o meu povo aqui na vila. Que eu não era um deles. Estava debruçado sobre o compartimento do motor. Eu ouvia o ruído rítmico e delicado de uma chave soquete.

— Por que você não foi com eles? — perguntou ele sem olhar para mim. Ferramentas tilintaram no cascalho. Limpou as mãos numa estopa vermelha, fechou o capô e o travou.

— É uma reunião da empresa — respondi. — Uma coisa de família. Eu não faço parte da família. Só estou aqui.

— Só está aqui — repetiu ele. — É. Isso parece claro.

Dei meia-volta para sair pela estrada, sentindo como se eu estivesse desempenhando o papel de uma garota andando na estrada, pois sabia que ele estava me observando. A estrada fez uma curva e saí da visão dele, ficando sozinha, pisando nos cacos de cerâmica que formavam sua superfície no lugar do cascalho. Cerâmica em vez de cascalho. Não havia nada de errado com a beleza. Pensei em Sandro, em ter feito amor com ele no campo durante a nossa caminhada. Eu, esmagada por seu corpo grande, mas flutuando na folhagem dos galhos das árvores. Quando Sandro voltasse naquela noite, nós dois estaríamos sozinhos lá e tudo seria melhor.

Ouvi o pequeno Fiat se aproximando por trás. Passei para o lado da estrada. O caseiro desacelerou. Disse que eles tinham esquecido uma pasta com documentos importantes e que iria levá-los para a fábrica. Tinha deixado o portão aberto, para eu voltar.

Agradei.

A razão de eu ter ficado na casa, para evitar andar de carro com a mãe dele, já tinha sumido. Se eu fosse com ele, poderia filmar a fábrica, a única razão que eu tinha para ter ido. Perguntei se ele poderia me levar junto.

Ele aquiesceu e deu de ombros, como se dissesse: Claro. Que diferença faz?

— Você pode voltar com ele — falou.

Com ele. Queria dizer Sandro.

— Você não vai voltar? — perguntei.

— Não.

Entrei no carro e ele retornou pela estrada para eu pegar minha mochila, minha câmera e o passaporte, porque ele disse que eu precisaria da identificação correta para conseguir entrar na fábrica.

Enquanto pegava minhas coisas, fiquei pensando no quanto eu tinha caído numa espécie de vala, o quanto eu ansiava por contato com qualquer um fora do pequeno círculo leal da mãe de Sandro.

Quando voltei para o carro, o caseiro olhou para mim como se soubesse o que eu estava pensando, mas não tinha como saber.

* * *

Concreto cinza e fumaça saíam de grandes torres verticais. Edifícios de concreto sob nuvens baixas e escuras, prometendo chuva. Aquelas tonalidades de cinza: céu, concreto e fumaça foram as primeiras impressões quando o caseiro dirigiu seu pequeno Fiat pelo perímetro.

Havia um grande grupo de homens com cartazes no portão da fábrica. Estavam reunidos como um enxame ao redor de um carro que tentava passar pelos portões. Fiquei esperando uma espécie de conflito, mas eles apenas entregaram panfletos para os homens no

veículo. O caseiro abaixou o vidro da janela e chamou um dos piqueteiros pelo nome. Os dois conversaram brevemente.

— Você conhece eles? — perguntei.

— Eu trabalhava aqui.

Olhei para o panfleto que o homem tinha entregado ao caseiro. A greve seria amanhã.

— Sandro disse que seria hoje.

— Sandro? Esse é o nome dele?

Foi uma surpresa ele não saber os nomes dos membros da família. Sandro era Michele Alessandro, propriamente falando, e o caseiro provavelmente só sabia o seu nome completo e não o nome que adotara. Percebi que os Valera não significavam nada para ele. Sem consequências. Estava livre deles como o lobo que dormia no emaranhado de um arbusto.

— Ele disse que a greve era hoje? São os operários que decidem quando entram em greve — comentou ele.

Os seguranças da fábrica verificaram o carro, o porta-malas, os documentos do caseiro, meu passaporte, a câmera e a mochila, e nos deixaram entrar.

— Eles não vão deixar você filmar, sabe — disse o caseiro.

Se eu estivesse com Sandro, as regras seriam diferentes. Concordei e deixei a câmera na mochila.

Depois do posto de segurança havia uma cidade de pneus. Pilhas e pilhas deles, cintilando como donuts pretos. Ruídos chocantes e ensurdecedores, o ar pesado e amargo, e filas repetitivas de “O”s negros. Os operários usavam macacões brancos iguais aos dos técnicos de corrida de Didi Bombonato nas planícies de sal, com o nome “Valera” escrito em vermelho no bolso do peito, enquanto operavam empilhadeiras para transportar aqueles donuts gigantes de um lado para outro. Continuamos em frente. Um pátio de manobras para trens, vagões cheios de carvão preto, e homens, os rostos e os macacões brancos cheios de fuligem, descarregando o carvão com pás, silos elevados atrás.

Estacionamos e caminhamos até um conjunto de escritórios internos, o caseiro levando a valise de couro que a mãe de Sandro tinha esquecido. Eu estava com a minha mochila mas não quis

desrespeitar a palavra do caseiro tirando a câmera. Ia esperar até encontrar Sandro.

— Foi assim que você conheceu a *signora* Valera — comecei a perguntar —, por ter trabalhado aqui?

— Não dá para conhecer a dinastia da família quando se trabalha numa linha de montagem — respondeu ele.

Continuamos andando em silêncio.

— Eu estava passando pelo local — contou ele. — Um vizinho disse que eu poderia ser útil na vila. Foi só isso. Nenhuma ligação com a fábrica.

— Você gosta de trabalhar para ela?

— Ela é uma boa pessoa.

Quando disse isso, percebi que eu estava esperando que ele dissesse alguma coisa negativa.

— Todo mundo a respeita — acrescentou.

Não se devia mexer com ela. Não se devia tentar falar dela para os seus próprios funcionários que, independente de a odiarem ou não, não iriam expor ressentimentos ocultos para a namorada americana do filho.

Seguimos pelo lado de fora de um prédio. Atravessamos outra área de empilhadeiras estacionadas e onde depois havia uma série de carretéis gigantes com o nome “Valera” pintado neles, com as letras meio borradas na madeira áspera. Chegamos a outro prédio, onde disseram ao caseiro que eles estariam, mas encontramos a entrada trancada. Ele me disse para esperar ali, pois iria até o outro lado.

Eu me sentei nos degraus do edifício e fiquei esperando. Conseguia ouvir o eco alto de coisas sendo jogadas das empilhadeiras, o zumbido das máquinas com os motores em marcha ré. Não havia ninguém por perto, então resolvi filmar as chaminés, que irrompiam com nuvens de vapor de tantos em tantos minutos. Havia outra chaminé que expelia uma rajada de chamas amareladas intermitentemente. A duração de um rolo de filme era de três minutos. O bastante para tentar captar alguma coisa enquanto o caseiro estava fora. Fiz panorâmicas de uma chaminé para outra. Estava experimentando. Se eu quisesse fazer um filme sobre uma

fábrica, precisava primeiro ver como a fábrica ficava no filme. Perambulei um pouco, filmando a fachada do prédio. Quando cheguei no canto, filmei um beco deserto entre dois depósitos. Só que não totalmente deserto. Havia duas pessoas lá no fundo, encostadas numa parede. Duas pessoas, frente a frente, como vi pelo visor. Um homem e uma mulher, e achei estranho ver uma mulher ali, pois até então só tinha visto homens em seus macacões brancos. Fiquei mirando a câmera para as duas pessoas, observando-as pela objetiva. O homem puxou a mulher em sua direção, então me perguntei se deveria estar filmando os dois. Esse foi meu pensamento. *Será que devo filmar isso?* Meu primeiro pensamento não foi que o homem era Sandro e a mulher era Talia, embora não houvesse como se enganar. Se houvesse uma forma de me enganar, eu teria feito isso. Os dois estavam frente a frente, encostados na parede. Ele a beijava, o corpo encostado no dela. Abaixei a câmera e apertei o botão de parar de filmar.

Enquanto andava depressa pelo beco em direção aos dois eu ouvi uma voz:

— Não os interrompa! — Era de um senhor usando o macacão da empresa, dando risada.

Agarrei Sandro pelas costas da camisa. A pior parte daquilo, o pior de tudo, foi a expressão dele no momento em que se virou e me viu. Talia ficou ali imóvel, impassível. Tentei bater nela, mas Sandro pegou minhas mãos e as segurou com firmeza. Ficou agarrando minhas mãos para que eu não a atacasse. Estava protegendo-a. De mim.

Consegui me soltar dele e saí correndo. Sandro não veio atrás de mim. Ele não veio atrás de mim.

* * *

Os postos de segurança pareciam não se preocupar com uma mulher americana chorando. Ninguém me parou quando voltei pelo caminho tentando encontrar a saída.

Eu não pensava ao andar na direção do estacionamento, pelo borrão das dependências da fábrica, sobre o que eu poderia perder, o que estava perdendo. Era só uma fuga. Mágoa e fuga propelindo-me até o carro do caseiro.

Eu me sentei no banco do carona observando a fumaça sair de uma chaminé e escurecer a camada inferior das nuvens de chuva. Uma simples existência, se movendo para cima e saindo, juntando-se às nuvens, sujando-as. Outra chaminé emitiu uma forte eclosão de vapor, que se espalhou para fora e para cima. Lembrei que Sandro disse que agora a fábrica produzia petroquímicos para os pneus, que eram muito mais baratos do que borracha natural e mais duráveis.

A chuva começou a cair. Primeiro fina, mas depois despencou, rolando pelo para-brisa, envolvendo o carro com seu barulho, e tive um rápido pensamento de que o mundo inteiro estava contra mim. Mas a chuva, eu sabia, não estava. Era indiferente, não como a indiferença ofensiva de Sandro, a sua expressão quando percebeu que eu estava ali. A expressão dele mostrava a fadiga de alguém que só queria evitar confusão. Não havia mágoa nela. E depois segurando meus braços para baixo — não para me tocar, mas para me conter. O fato de eu ter visto Talia nua, e visto que tinha um corpo estranho e pernas fortes, aumentava a dor que eu sentia de uma maneira surpreendente, sentada no carro de um estranho no estacionamento de uma fábrica de pneus a milhares de quilômetros de casa. Sandro ligava para corpos. Gostava de mulheres altas e esbeltas. Sempre dizia isso. Toda sua atenção em mim, fisicamente, concentrava-se no meu corpo e em seus elogios a ele, sua gratidão pelas minhas proporções. Como o corpo de Talia era esquisito, devia haver um desejo verdadeiro ali. O que ele gostava naquilo era que eu não visse ou soubesse. Nos nossos primeiros meses juntos, eu sentia ele passar as mãos em mim a noite toda, mesmo enquanto dormia. Corpos esbeltos, mas não esbeltos demais, com cintura, eram o que ele amava. Talia era baixa e gordinha, e mesmo assim ele a apertara contra o seu corpo na porta do escritório da fábrica como se desejasse alguma coisa. Abraçando-a com força, e eu sabia

aonde aquilo levava. A paixão rápida num local público, que era do que ele gostava. Do que gostava comigo ou com outra qualquer.

O dia em que ela apareceu de repente na piscina me voltou à lembrança, o cheiro do seu cigarro aceso, a voz rouca, os pés batendo no piso do pátio da piscina, nas pedras que mil mãos invisíveis tinham aparentemente martelado. A verdade era que eu havia sentido e deixado de lado, porque era óbvio demais para aceitar.

* * *

Uma hora talvez tenha se passado antes de o caseiro voltar. Estava quase escuro. Ele não demonstrou surpresa alguma em me ver.

— Vou para Roma — falou, enxugando água da chuva do rosto com a manga do casaco. Percebi então que era o mesmo tipo de jaqueta de mecânico, de gabardina barata, vermelha xadrez no lado de dentro, que os meus primos Andy e Scott usavam.

Assenti.

Ele deu partida no carro e saiu do estacionamento, e logo depois já estávamos na autoestrada, faróis deslizando em nossa direção, ofuscados pela chuva.



15. A MARCHA SOBRE ROMA

Todos os pequenos Fiat arrebitados na autoestrada, carros parecidos com caixas de fósforos, brancos, bege ou amarelos, alguns vermelhos como cerejas, cintilando na chuva feito capas plásticas de criança. Eu olhava pelo para-brisa, a água escorrendo pelo vidro em ondas irregulares. Não me virava para olhar para o caseiro. Ele me observou uma ou duas vezes, mas de uma forma que não parecia solidária ou significativa. Mesmo assim, o fato de não ter se surpreendido ao me encontrar no seu carro parecia uma atitude solidária. Ele não disse nada.

Eu não poderia ter adivinhado que o silêncio dele seria tão eficiente. Aquilo me ganhou. Uma forma de proceder. Não saber aonde estávamos indo exceto que era algum lugar em Roma, não saber onde eu iria ficar ou o que faria. Eu estava com o meu passaporte, a câmera e o equivalente em liras a dez dólares americanos.

* * *

Em retrospecto, teria sido muito mais fácil se eu não tivesse fugido diretamente para o carro dele, no lado de fora da fábrica de pneus na periferia industrial de Milão.

Se não tivesse entrado quando vi o automóvel destrancado no estacionamento.

Se não tivesse ficado sentada em silêncio quando ele entrou, ligou o motor e saiu do estacionamento.

Cada um desses momentos, quando considerados, teria exigido menos de mim do que me separar daquilo a que ele me levou, uma vez que eu estava lá. Uma vez que eu estava lá, em Roma, era simplesmente tarde demais.

* * *

Foi uma longa viagem, e deixei os sons e as vibrações do motor do automóvel transformarem meus pensamentos em alguma coisa calma e uniforme. Conjetei se ainda poderia ser eu mesma com todo o contexto, toda minha razão de estar aqui deixada para trás, descartada.

Estávamos na autoestrada, nada além de placas verdes com letras brancas numa tipologia redonda mas não afetada. As lâmpadas de enxofre dispostas em ângulo bem altas na estrada dividida não eram feitas para a escala humana. Pensei em Sandro e na sua jovial ideia de produzir pinturas industriais para estender sobre a autoestrada. Na escada que levava ao recinto com a caixa de estupidez da mãe havia a mesma foto que Sandro tinha, de T. P. Valera com o primeiro-ministro da Itália, Aldo Moro, cortando uma fita na cerimônia de inauguração da autoestrada. Atrás deles havia um desfile de motocicletas Valera.

— Gasolina, pneus e óleo — me disse Sandro. — Você pensaria que é uma referência a um carrão Pontiac. Mas não. É um trio incrível. Meu pai e seus capangas conspiraram para mudar a cara da Itália. Destruíram o lugar e ganharam montes de dinheiro. Trouxeram o chamado milagre, o milagre do pós-guerra, todo mundo no seu próprio carrinho rodando por aí, recebendo o suficiente de seus empregos na Valera para comprar uma Valera, e pneus e gasolina para as motos.

E lá estava eu na Autostrada del Sole com um estranho que provavelmente achava que era só uma rodovia, aceitando como evidência que a Itália tivesse uma artéria central, uma cultura automobilística, uma empresa de pneus tão grande que era praticamente uma utilidade pública.

O caseiro e eu não nos falamos até ele parar para abastecer, e então só trocamos algumas palavras. Ele me mostrou onde ficava o toalete feminino e perguntou se eu queria um café. Joguei água fria no rosto, esperando que isso fosse disfarçar o inchaço de ter chorado, e quando percebi o que estava fazendo dei uma risada

triste para o meu reflexo no espelho, por ainda me importar com minha aparência, até naquele momento. Examinando meu rosto. Molhando minha franja para que ficasse lisa. Eu e o caseiro tomamos um *espresso* no barzinho sem nos falarmos. O nome dele era Gianni, mas a névoa anônima de sua presença na vila apegava-se a ele e eu hesitava em assumir uma familiaridade que me permitisse chamá-lo pelo nome.

Já era noite quando entramos em Roma por suas ruas estreitas, tudo molhado e brilhando por causa da chuva. A água borbulhava pelo pavimento, levando folhas e entulho. Havia barricadas de metal bloqueando todas as ruas laterais pelas quais passamos. Carabinieri com suas bandoleiras brancas soprando apitos e direcionando o tráfego. Perguntei o que estava acontecendo.

Algumas ruas estavam fechadas, disse Gianni, por causa da passeata do dia seguinte.

— Passeata?

— Uma demonstração — explicou ele.

* * *

— Gianni Gui-taaar! — gritou uma garota quando entramos no apartamento.

Todos ergueram o olhar. Para ele, depois para mim, e pude perceber que houve uma decisão silenciosa porém coletiva de não dizer nada. De não perguntar quem eu era. Gianni fez que sim com a cabeça em sinal de afirmação, mas eu não sabia afirmação de quê.

Depois de muitas horas dirigindo no escuro, em silêncio e na chuva, era uma dissonância estar num apartamento apertado e iluminado com um monte de gente, a maioria homens, deitados em sofás, alguns estirados no chão, um deles dedilhando um violão desafinado. Não eram de um tipo que eu reconhecesse. Usavam roupas sujas, jaquetas de couro pretas, blusas de gola rulê pretas. Os cabelos compridos deles eram oleosos, repartidos com esmero. A maioria tinha bigode. Eles me lembraram dos policiais à paisana no

Tompkins Square Park, que sempre pareciam sérios e agourentos apesar dos esforços para se passar por hippies.

A garota que tinha anunciado a chegada de Gianni estava sentada no chão encostada à parede, o cabelo ondulado caindo sobre os ombros, dentes grandes e brancos e um nariz largo porém delicado que a fazia parecer amistosa e fácil de abordar. Percebi que só conseguia fazer contato visual com ela mais nenhum dos outros.

— *È arrivato* — anunciou ela para alguém não visível, em outra sala.

Uma voz feminina respondeu que provavelmente Gianni estava trabalhando para a CIA agora. Foi assim que soou, mas não foi falado no italiano enunciado com clareza que ouvia na vila. Todo mundo riu menos Gianni, que os ignorou e perguntou se eu queria um copo d'água.

Havia uma cozinha minúscula e cheia de fumaça de cigarro, sons de fritura e panelas se chocando. Gianni foi pegar água, pediu licença por um momento e se retirou para o quarto de onde a garota invisível tinha feito o comentário sobre a CIA. Um dos homens se levantou do sofá e insistiu para que eu me sentasse. Agradei e perguntei seu nome.

— Durutti — respondeu ele. — Já ouviu falar de mim? — Todo mundo riu.

Gianni e a mulher no outro cômodo conversavam. Será que estavam discutindo? Como ele me levara até ali percebi que era provável que ele tivesse uma namorada. Que estivesse falando com ela agora. Dali a pouco ela sairia para conhecer a desgarrada que ele tinha trazido ao apartamento, e eu tentaria comunicar que não representava nenhuma ameaça.

Um rádio foi ligado e todos ficaram quietos. Imaginei que estávamos apenas ouvindo. Não sabia que a transmissão vinha de outro cômodo do apartamento. O locutor estava falando sobre a demonstração de amanhã. A passeata, como Gianni tinha chamado.

— Recebemos uma dica de um camarada em um dos batalhões da polícia de segurança, sobre os preparativos da passeata de amanhã. — Houve uma longa lista de carros blindados e armamentos de vários quartéis que estavam sendo preparados.

Todas as licenças tinham sido canceladas. Atiradores com submetralhadores seriam posicionados nos telhados. — Acho que é seguro dizer que os carabinieri estarão marchando ao nosso lado. Agradeço ao corajoso camarada que nos proporcionou essa informação. Nos vemos amanhã, às dezessete horas, Piazza Esedra.

“Perfect Day” de Lou Reed começou a tocar no rádio, as conhecidas notas tristes de piano. Sandro adorava aquela música, e ela sempre me lembrava do nosso primeiro encontro. Agora estava pensando com tristeza na despedida antes da reunião da fábrica, o último momento de normalidade. Sandro me beijando. Chesil Jones, rígido e impaciente na Mercedes da *signora* Valera, pronto para cair fora antes que a barra ficasse pesada.

Eu me sentia perdida no meio de tudo aquilo. Perdida para Sandro e para as humilhações do seu fabuloso mundo estupidificado pelo dinheiro. O projeto em Monza. Didi tinha sido sequestrado e o gerente tinha coisas melhores a fazer do que se preocupar comigo. Mas de qualquer forma, eu estava aqui, que era... onde? Algum lugar em Roma. Num apartamento cheio de gente, com pichações nas paredes, jovens falando alto acima da voz triste e ardente de Lou Reed, um garoto e uma garota se beijando no chão. Me virei, sem querer ver aquilo. O som de fritura vindo da cozinha, as vozes, a textura das energias, era uma realidade envolvente. Preenchia o vazio de ter me exilado de outro lugar.

Uma mulher saiu da cozinha distribuindo pratos de comida.

— Spaghetti Bolognese — falou para mim, e acrescentou em inglês: — com *a carne* em cima.

O nome dela era Claudia, e a partir daquele momento ela sempre falou comigo num inglês péssimo, enquanto todos os outros se dirigiam a mim em italiano. A princípio, me senti ofendida, depois percebi que ela só queria praticar. Roberto só falava comigo em inglês durante o tempo que passei na vila, mas o sotaque dele era nítido e perfeito, acostumado que estava a conversar com homens de negócios em Londres e Nova York. Eu não estava com fome, mas aceitei o espagete com a carne em cima. Conversei com a garota de dentes grandes e brancos, que se chamava Lidia. Ela perguntou

se eu tinha vindo a Roma para a demonstração. Respondi que sim, sem pensar muito a respeito. Gianni me trouxe. Se ele estava aqui para isso, então sim. Sim. Me lembrei de como ele evitou olhar para mim enquanto eu enxugava as lágrimas, esperando sentada no carro dele estacionado. Como pareceu correto da parte dele não ter falado nada, e me incluir em seus planos, independentemente de quais fossem esses planos. Gianni numa jaqueta xadrez de mecânico igual às que meus primos usavam. O tilintar de suas ferramentas, um som tão familiar, enquanto ele mexia no motor do pequeno Fiat naquela manhã na vila. A única coisa reconhecível para mim entre aqueles jovens italianos era Gianni — que era essencialmente um completo estranho, e ainda assim me agarrei a ele, alerta a todos os seus movimentos no apartamento em Roma.

Pessoas estavam vindo de toda parte da Itália para a passeata, disse Lidia dos dentes grandes e brancos. Nápoles, Sardenha, Milão, Turim.

— Talvez eles viessem de qualquer jeito — explicou ela —, mas agora que houve um assassinato em Bolonha, a sangue-frio, eles atiraram no homem pelas costas! Agora já era. Todo mundo está vindo, não? É uma guerra, certo? — Ela fazia as afirmações como se fossem perguntas, mas não como Nadine. Não era um jeito trêmulo de marcar presença. O tom de pergunta era como se dissesse: *É melhor você concordar comigo, não? É claro, certo?*

Gianni apareceu com a mulher do outro cômodo. Não se olhavam nem se tocavam. Ela foi para a cozinha e voltou com um prato de espaguete para si. Olhou para ele.

— Você não está com fome? — Ele fez que não com a cabeça.

Talvez não fosse a namorada dele. Era pequena e loura, mas com uma sensualidade sombria, olhos oblíquos, quase reptilianos, e sardinhas que cobriam seu rosto, seus braços e seu colo, visível por baixo de uma bata decotada, uma espécie de vestido hippie falsamente medieval, mas como nos outros, havia nela uma rigidez que eu não relacionava a hippies. Seu nome era Bene. Só vim pela carona, pensei em voz alta para ela quando se apresentou. Percebi, pelo jeito como ela me olhou, que estava comparando o que via com

o que Gianni tinha dito sobre mim ou minha situação, o que quer que ele tenha interpretado do que aconteceu.

* * *

Uma semana atrás eu estava na piscina de uma mansão em Bellagio, vendo Talia andar pelo pátio, suas carnes sobressalentes balançando a cada passo. Agora o tempo estava frio e úmido, o céu só prometendo ainda mais chuva. Eu estava usando as mesmas roupas do dia anterior. Tinha dormido num sofá sujo num apartamento cheio do tipo de gente que Roberto odiava, envolvida com o que ele mais deplorava: o Movimento, como eles chamavam.

As pessoas naquele apartamento haviam sido gentis comigo na noite anterior. Havia algo nelas que eu só poderia definir como humano. Humanitário. Ninguém perguntou quem eu era, por que eu estava ali, de onde eu vinha, o que fazia. Não era necessário apresentar credenciais para aquelas pessoas, como em Nova York. “Ela está com Sandro Valera.” “Ele está expondo na Helen Hellenberger.” Perguntaram se eu estava com fome. Perguntaram se eu queria uma cerveja. Prepararam uma cama onde eu poderia dormir. Não sabiam nada sobre mim. Fui trazida por Gianni, e era só dessa informação de que precisavam. O próprio Gianni não ficou lá. Ele e o garoto chamado Durutti saíram na noite escura, debaixo da chuva torrencial. Ninguém perguntou aonde estavam indo. Mas fiquei incomodada por ele ter saído e quis saber aonde ia, só que tentei tirar isso da cabeça.

O Movimento. Eu sabia pouco ou nada sobre ele, mas se revelou pela bondade deles comigo naquela noite, eu, uma estranha. Não estava claro se Gianni fazia parte do Movimento. Ele não tinha a mesma aparência que os demais, com uma beleza operária em sua jaqueta de mecânico. Tinha cabelo curto, era quieto e reservado, quase sem emoções, ou pelo menos era o que parecia. Antes de ele e Durutti saírem, ficou sentado lendo umas páginas empoeiradas de *Il Sole 24 Ore*, e sorri comigo mesma porque era o mesmo jornal que Roberto lia religiosamente, a versão italiana do *Wall Street Journal*.

Acho que a família Valera era inclusive dona de uma parte dele, ou ele fazia parte do conglomerado de indústrias proprietárias. Os outros se movimentavam em volta de Gianni, que lia as notícias de negócios no meio da barulheira deles, como se aquele fosse exatamente seu papel.

De manhã, não havia sinal dele. Bene e Lidia, a garota com os dentes grandes, levaram-me com elas para dar uma volta nas redondezas. O apartamento era na Via dei Volsci, em San Lorenzo, uma área perto da universidade que era tão feia que quase me fez rir, ao pensar que eu devo ter assumido que Roma inteira se parecia com os Degraus Espanhóis, a Fontana de Trevi. San Lorenzo havia sido bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial e agora era uma massa cinzenta de prédios de apartamentos modernos com antenas de televisão espetadas em cada teto e varanda como alfinetes mal pregados. Sacos de lixo pendiam das janelas como sacos de colostomia. Todos os prédios tinham sido pichados. Eu estava acostumada com grafite por morar em Nova York, mas os grafites de San Lorenzo eram todos mensagens urgentes e furiosas, alguns expressando um mal-estar tedioso, como se as fachadas dos prédios fossem os muros de uma prisão.

“Eles nos jogam na cadeia e chamam isso de liberdade.”

“Eles não vão conseguir me pegar. Estou me mudando para Saturno onde ninguém pode me encontrar.”

“Quando merda valer dinheiro os pobres vão nascer sem cu.”

Embaixo, havia o retrato grosseiro de uma bunda, e *“O que nós queremos?”*

“Tudo.”

Os grafites de Nova York não eram uma comunicação desesperada. E sim uma exuberância de estilo, logo, nome, a proeza de instalar pseudônimos descolados, uma explosão de cor em redemoinho onde os transeuntes não achariam possível. Aquelas eram mensagens puras e fortes escritas em spray preto, na altura dos braços e olhos na calçada. Havia poucas imagens, com exceção da ocasional estrela de cinco pontas das Brigadas Vermelhas, que havia aparecido acima do rosto assustado de Didi, na foto dele no *Corriere della Sera*.

Por que um pentagrama mal desenhado era tão mais ameaçador do que um de traços perfeitos?, conjecturei quando passamos por um, sem mensagem, só a estrela de cinco pontas.

Era a imperfeição do traço que o tornava ameaçador, concluí. Mas por que era assim eu não sabia.

Bene não mencionou Gianni. Até que uma hora perguntei onde ele estava.

— Fazendo a mesma coisa que faz na casa dos Valera. *Consertando coisas* — respondeu ela em inglês, com uma expressão que não consegui interpretar.

Ela me levou junto para distribuir panfletos sobre a demonstração na Piazza Navona. Quando encontrávamos gente que ela conhecia, ela me apresentava como uma americana que mandou Roberto Valera se foder. Não quis desapontá-la dizendo que não tinha feito uma coisa daquelas. Que na verdade o irmão dele tinha partido meu coração, o que me fez fugir como um animal ferido.

A Piazza Navona era cercada de mesas de cafés ao ar livre, com jovens sentados em volta. Bene disse que estava mais cheia antes da batida. Um monte de gente que estava ali foi levada para a prisão, explicou. Quando perguntei por que, ela deu de ombros e respondeu: por conhecer alguém que estava envolvido em atividades ilegais. Ou por ter o nome no contrato de um apartamento alugado que hospedou alguém na vizinhança de onde explodiu uma bomba. Desrespeitado pelo Estado. Eles podem prender você por qualquer coisa, falou, agora que tinham mudado as leis de volta para as dos tempos de Mussolini.

— Se você passar de carro perto da prisão à noite — explicou —, vai ver tochas feitas com lençóis pendurados entre as barras das celas. É muito triste. Aquelas luzes brilhando na escuridão, para ninguém. Metade das pessoas que mora nessa área está lá, em Rebibbia, onde ninguém pode vê-las. Agora tudo o que são é alguma coisa queimando numa janela.

Observei uma mulher sentada ao lado de dois homens com uma filmadora. Era jovem, uma adolescente, e bonita de um jeito ao mesmo tempo trágico e inocente. Era seu sorriso, com covinhas, meigo e ingênuo, e sua tolerância, paciente com os homens mais

velhos que a dirigiam, que pareciam trágicos. Um dos homens filmava enquanto o outro falava com ela, perguntando seu nome, de onde ela era.

— Anna — respondeu a menina, sorrindo para eles. — De Cagliari.

— Espere — disse o homem com a câmera. — Mais uma vez, só que devagar.

O primeiro homem recuou e se aproximou dela outra vez, como da primeira, perguntando seu nome e de onde ela era.

— Cagliari — respondeu ela de novo, dessa vez articulando com mais cuidado.

— Cagliari — repetiu o homem sentado ao seu lado.

— *Sì* — confirmou a menina, e depois explicou que os pais eram da Sardenha, mas tinham se mudado para Paris. E de Paris ela tinha fugido, de volta para cá, para a Piazza Navona, porque, explicou, erguendo os pulsos e mostrando as cicatrizes, eles a puseram num hospital em Paris. Puseram-na em algum lugar, em todo caso, pois eu não conhecia a palavra que estava usando — *manicomio*, que depois procurei. Hospício.

Estava claro que ela já conhecia os dois, eles já a tinham instruído a fingir que eram estranhos por conta do filme, mas com suas roupas sujas e o cabelo despenteado, ela parecia uma fugitiva morando na Piazza Navona. Tive a impressão de que não era uma atriz. Que eles a estavam dirigindo para fazer o papel de si mesma.

— Você tem dormido aqui? — perguntou o homem.

— Sim — respondeu ela, erguendo os olhos para ele com uma expressão meiga e aberta.

Olhei para a jovem fugitiva, *la biondina*, como eles a chamavam. Ela se levantou e pôs as mãos na barriga, que se projetava para fora, alta e redonda debaixo do poncho. Sorriu para mim, mas de uma forma que me dizia que sim, que estava grávida, e que não gostava que a ficassem encarando.

— Ela está aqui há uma semana — disse Bene. — Dormindo na rua, andando com drogados. Esses dois vagabundos... não sei o que eles estão armando, mas não acho que vão ajudá-la.

Os dois moravam no andar abaixo do apartamento de Bene e dos outros, no mesmo prédio na Via dei Volsci.

Ficamos observando enquanto o que filmava seguia o outro, que andava ao lado da *biondina*, segurando-a pelo braço. Ela se virou para ele, que pôs a mão na testa da garota.

— Preciso de uma cama — disse ela.

— O quê? — perguntou ele.

O que estava filmando falou “Corta” e pediu para ela repetir.

— Preciso de uma cama. De um lugar para me deitar — repetiu.

— Você está com febre?

— Sim — respondeu ela.

— Você está grávida e dorme na rua? — indagou ele.

— Sim — confessou ela, sorrindo de uma maneira perfeitamente autêntica.

* * *

Minha viagem a Roma, quando eu era estudante em Florença, durou apenas dois dias e foi uma turnê solitária pelos pontos turísticos: o Panteão, os Degraus Espanhóis, onde mestres de cantadas abordavam jovens garotas, o Coliseu, uma grande caveira decadente cuja arena gramada quase se perdia numa estranha névoa de localização, irreal porque existia, agora, sem seu antigo uso. Turistas olhavam uns para os outros e vagavam pelos muros em ruínas, incapazes de apreciar a escala como um lugar cheio de gente, uma mescla de atenção e gritos, um olhar de milhares sobre uma arena de violência humana. Estava vazio quando estive lá. Um gatinho cinza rolava de costas, convidando-me a acariciar o pelo macio e branco do seu quadril. Me abaixei. Os únicos sons eram o tráfego que cercava o lado de fora do Coliseu e o gatinho, que começou a ronronar.

Não é possível sentir uma multidão no vazio. Fora isso o que pensara no Coliseu.

Mas aqui, na Piazza Esedra, havia tantos corpos juntos que formavam uma vasta textura em movimento, um mar de cabeças

enchendo a praça. Acima delas, bandeiras de tecido ondulando. Ondas sonoras rolando pela imensa piazza como grandes e lentas ondas, vozes mudando de direção.

Todas aquelas pessoas e suas bandeiras brilhantes, que não eram exatamente comemorativas, de branco estoico, vermelho-sangue e preto retinto. Um céu carregado de chuva pressionava de cima, obscurecido a um tom ardósia pela luz do final da tarde. O ar proporcionava uma sensação elétrica, como quando da chegada de uma tempestade que ainda não desabou. A atmosfera elétrica e a escuridão prematura conferiam a esses momentos, a reunião antes da passeata que estava para começar, uma espécie de intensidade granulosa, com todas as cores e superfícies vívidas e distintas.

As lojas estavam fechadas, as portas de metal corrugado abaixadas. A única exceção era a livraria Feltrinelli, que continuava aberta. Os balconistas distribuíam exemplares gratuitos do Pequeno Livro Vermelho de Mao, cópias baratas e com capas plastificadas feito as da Bíblia de Gideão. Pensei na insistência de Roberto de que a morte de Feltrinelli fora boa e necessária, e em Chesil Jones alegando que fora um ato de estupidez, uma confusão de cabos negativos e positivos. Os tolos adoram declarar que não toleram tolos. Era um prazer luxuriante para o velho romancista dizer a palavra. *Tolo*. A fraqueza o levava a dizer isso, mesmo se a palavra lhe fizesse se sentir forte. Eu não sabia se Feltrinelli tinha confundido os cabos positivo e negativo, mas achava que deveria ter sido uma pessoa séria, como disse Sandro. De qualquer forma, morte era morte: tinha sua própria gravidade. Ao observar o livrinho vermelho e brilhante passar pela multidão, pensei que Sandro, que sentia compaixão por qualquer um desejoso de pensar em um outro modo de existência além daquele no qual os ricos ficam com tudo, teria gostado dessa cena. Mas ele não estava aqui.

Quando a Piazza Esedra ficou completamente cheia, pessoas vasaram pelas ruas laterais por onde a polícia permitia a entrada. Havia seções. As seções de mulheres, dos colégios, dos vários representantes das fábricas — Valera, Fiat, SIT-Siemens, Magnetti Marelli, que fazia equipamentos elétricos para a Moto Valera. Havia os estudantes da universidade, sérios e de óculos, os rostos ocultos

por echarpes. O contingente de Bolonha estava aqui para vingar a morte do jovem radical abatido a tiros pela polícia na véspera. Outro grupo se alinhava, as faces e os olhos pintados como mímicos com maquiagem teatral em preto e branco, gritando como índios.

— Nós não queremos nada! — cantavam.

Um levava um cartaz que dizia: “Mais trabalho, menos salário!” Outro: “Abaixo o povo, viva os patrões!” “Mais barracos, menos casas!” Eram jovens, vestidos com as roupas mais esfarrapadas que se podia imaginar, sapatos velhos sem cadarços, calças com grandes rasgos nos joelhos, cotovelos emergindo de suéteres comidos por traças. Observei quando um dos garotos viu uma mulher apagando o cigarro, andou até lá, pegou a bituca, pediu fogo e se afastou, fumando a guimba do cigarro dela. Falavam num dialeto que eu mal conseguia compreender, palavras rápidas, arrastadas e abertas como os sapatos sem cadarços.

Os tipos aos quais Roberto provavelmente se referia. Aquele que segundo ele não tinha nada a dizer a não ser *Eu tenho cabelo comprido*. Pensei no que Sandro me disse sobre pessoas estabelecendo o próprio preço do aluguel, a tarifa de ônibus. Garotos que não faziam parte da vida burguesa. Com suas mensagens perversas e roupas rasgadas, eles faziam a atitude durona de Talia parecer a de uma princesa durona, nada além de uma performance da classe alta.

Eles vinham de favelas remotas na periferia de Roma, explicou Bene. Não há nada para fazer lá, falou. São jovens e é como se tivessem sido abandonados feito mortos. Ronnie teria gostado deles. Foi o pensamento que me ocorreu, ao menos. Mas quando tentei sustentar a ideia em meio às ondas de som rolando pela praça, às bandeiras tremulando, à multidão ficando cada vez mais densa, decidi que era um contexto maciço demais para Ronnie. Não saberia adivinhar o que ele diria sobre aqueles garotos e a sensação que transmitiam, de viver a vida no presente, uma atitude de nada a perder. Pensei no anúncio pessoal de Ronnie, na sua piada, escrita com caneta na parede do banheiro do Rudy’s: “Procurando um inimigo.” Na verdade, ele queria dizer amigo. E a pergunta rabiscada abaixo: “Mas como a gente se encontra?” O que provavelmente

também era de Ronnie, algo que ele mesmo escreveu. Ele adorava falar sobre as formas como as pessoas eram processadas e contabilizadas no mundo moderno. Endereços de ruas numerados, dizia, eram uma coisa relativamente nova. No Velho Mundo, havia um processo natural de checagem, de acordo com Ronnie. Um estranho entra numa aldeia e diz quem ele está procurando. Ou é rejeitado ou ajudado, depende.

Como a gente se encontra?

A frase se repetia na minha cabeça à medida que chegava cada vez mais gente na enorme praça. O “a gente” dela: pessoas perdidas nas vastas espessuras do mundo. Pessoas perdidas entre outras pessoas, pois não havia nada além disso. *O mundo era gente*, o que tornava a perspectiva de duas pessoas se encontrarem mais desolada. Era como encontrar um amor, puro acaso e conexões perdidas. *Era* encontrar um amor.

A garota grávida, Anna, a *biondina*, andava pela multidão com seu poncho, o mesmo sorriso autêntico, que dizia: “Não tenho nada a protestar. Estou aqui por estar aqui.”

Os dois homens fazendo o filme sobre ela a seguiam com a filmadora e o microfone.

— Estou com fome — disse ela aos dois. — Vamos comer.

— Diga de novo — pediu o com a filmadora.

— Estou com fome — repetiu, sorrindo timidamente para eles.

O que estava com o microfone aproximou-se da *biondina* e pôs a mão em seu seio.

Ela lhe lançou um olhar infantil de prazer malicioso.

— Tem leite — falou, segurando o seio na direção dele.

— Leite — repetiu o homem, debruçando-se para olhar dentro do poncho. Deveria ter uns quarenta e cinco anos, pelo que eu supunha. Quase calvo, desgrenhado.

Ela apertou o seio com as mãos, lançando um esguicho fino na direção dele.

Ele tirou os óculos, enxugou o rosto e deu risada.

Os garotos com os rostos pintados tinham formado um círculo e estavam improvisando uma dança da chuva.

— Chuva! Chuva! Chuva! — gritavam. — Queremos que chova! Morte ao sol! Morte ao sol! Tirem-no do céu com um arpão!

Uma longa fila de carabinieri entrou na praça, formando um perímetro. As tiras brancas diagonais de suas bandoleiras convergiram numa vasta rede, como se fizessem parte de uma performance. Todos estavam com o braço direito erguido, a mão direita coberta por uma grande luva preta revestida, empurrando as pessoas em seu caminho enquanto isolavam as saídas da praça.

— Prendam a gente! — gritaram os garotos de cara pintada aos carabinieri.

— Nós queremos ir para a cadeia! Vamos lá... levem a gente para a prisão! *Rebibbia! Rebibbia! Rebibbia! Rebibbia!*

Eles cantavam cada vez mais alto, alguns batendo em baldes e panelas virados. A chuva começou a cair. Os carabinieri avançaram com suas luvas pretas revestidas, agarraram o mais estridente dos garotos e o arrastaram, gritando, até um camburão, prenderam suas mãos atrás das costas, chutaram suas costelas e o empurraram para dentro. Os demais abriram a boca e gritaram numa cacofonia sinistra. Sinistra porque não era um viva nem um lamento. Era ambígua, ou as duas coisas juntas, um alerta enlevado.

Os carabinieri bloquearam a grande avenida onde a passeata seria realizada, usando barricadas e uma fila de veículos blindados. Atrás das barricadas e na frente dos veículos, a tropa de choque da polícia postava-se ombro a ombro, capacetes negros, visores erguidos. Os carabinieri não usavam capacetes como a polícia de choque. Usavam quepes com visores cintilantes como os policiais de rua de Nova York, e assim como os policiais de rua na chuva, usavam coberturas plásticas elásticas ajustadas nos quepes. Os carabinieri sopraram os apitos, enquanto a polícia de choque — *celerini*, como Bene disse que a chamavam — tentava afastar as pessoas das barricadas, empurrando-as na direção de Termini, a estação ferroviária. Os *celerini* eram uns desgraçados, disse Bene. Comecei a filmar a multidão, alternando entre os grupos.

— Mas *aqueles* caras sabem reagir — disse, apontando. — Desamarrar o tecido e *bam*.

Era o contingente da Valera, içando sua bandeira, um enorme pano branco com letras vermelhas. A bandeira, percebi, era apoiada em cada ponta por chaves de roda.

Era ingenuidade achar que Sandro gostaria dos exemplares grátis do Livrinho Vermelho de Mao, eu sabia. Se estivesse aqui, ele teria tido vontade de ir embora e, como seu amigo argentino, M, não ter de discutir o assunto, que ao mesmo tempo tinha e não tinha a ver com ele. Mas ele estava em outro lugar. Eu estava sozinha e sem raízes. Tinha caído num buraco e aterrissado numa multidão de estranhos, esse fluido de rostos, um pontilhismo deles. Rosto após rosto após rosto. Se alguém quisesse transformar a falsa pretensão de Ronnie de fotografar todas as pessoas vivas numa proposta sincera, pensei, fazendo uma panorâmica pela piazza, este seria o lugar para começar.

* * *

Estávamos saindo da piazza, por uma rua estreita fechada para o tráfego de automóveis, os apitos dos carabinieri ecoando na rua vazia e molhada à nossa frente, as pessoas cantando e gritando. Os grupos de mulheres marchavam à frente.

A Itália era retrógrada no tratamento às mulheres. O divórcio tinha sido legalizado em 1974. Aborto era ilegal. Muitas das bandeiras das mulheres eram sobre estupro. O fato de eu saber a respeito dessas questões através de Sandro, que falava muito no assunto, dava-me um aperto no peito. Sandro, interessado no feminismo. Um simpatizante. Um homem que aparentemente amava tanto as mulheres que tinha me traído só no momento que foi conveniente fazer isso. E era possível que estivesse fazendo isso desde o começo. Helen. Gloria. Talia. E por que razão lógica Giddle derramou uma bebida na cabeça dele? Será que ele pensava que eu era boba? Sim, pensava. E eu era mesmo boba a esse ponto. Ou melhor, eu quis ficar naquele estado. Namorados só ofereciam o que ofereciam e nada mais, e o que ofereciam vinha com condições: acredite no que quiser e não olhe com muita atenção para o que não

for aceitável para você. Gloria viera até o loft pegar uma caixa de artigos pessoais logo depois de eu ter ido morar com Sandro. Olhou diretamente para mim, a caixa nas mãos, sem dar nenhuma explicação, e eu sabia, e ela sabia que eu sabia, mas qual o sentido de fazer uma cena sobre isso com Sandro? Ela estava indo embora com suas coisas. Eu a estava substituindo, e independentemente de qual fosse a complexidade secreta que Sandro mantinha com as mulheres dos amigos, eu preferia não pensar sobre isso. Eu o aceitei do jeito dele, não como algo perfeito que ele não era. Mas aquela aceitação tácita também continha uma espécie de boa-fé que ele tinha atropelado. Agora, o olhar direto de Gloria, a caixa nas mãos, tudo era um só insulto. O insulto de Sandro. Vendo aquelas mulheres com seus alto-falantes, gritando: “Vocês vão pagar por tudo isso!”, peguei a raiva delas e me envolvi naquele tecido. Fundi minha tristeza a respeito de algo particular ao coro de seu lamento público.

Naquela corrente de corpos, perdi Lidia e Bene quase de imediato. A chuva caía forte. Eu estava toda ensopada, deixando que a multidão me conduzisse aonde fosse, a polícia marchando ao lado das mulheres como se elas fossem uma ameaça.

As pessoas marchando à frente começaram a recuar. As que estavam atrás tentavam avançar. Não havia para onde ir, e então a polícia de choque sobre a qual Bene tinha me alertado, os celerini, encurralaram-nas, rostos e corpos cobertos e escondidos atrás dos escudos, empurrando e batendo nas mulheres que não conseguiam sair de seu caminho. Senti meu estômago afundar. Era aquele momento na roda-gigante em que o assento desliza para trás e para cima.

Pessoas gritavam, tentando fugir da piazza lá na frente, onde havia um incêndio. A fumaça encheu a rua. Um ônibus tinha sido virado e queimava feito uma tocha gigante. Um prédio na piazza também pegava fogo. Os celerini nos tangeram numa espécie de espiral sem centro e começaram a prender quantas mulheres conseguiam pegar, puxando-as pelos membros, pelos cabelos ou pela bolsa, arrastando-as.

Conseguí chegar até uma rua lateral aberta seguindo um pequeno grupo de garotas que pareciam saber aonde ir, como evitar as fileiras

de vans da polícia nas quais outras pessoas estavam sendo jogadas.

A passeata continuou pela Via del Corso, mas agora de maneira diferente, a procissão ordenada de grupos tendo sido rompida e espalhada depois do fogo e das prisões. Havia uma raiva palpável. Os estudantes de expressões severas e óculos delicados puxavam os paralelepípedos das calçadas, andando com as pedras nas mãos.

A Via del Corso era como a Corso Buenos Aires em Milão, uma avenida cheia de butiques caras e luxuosas. As vitrines das lojas não tinham portões de metal corrugado. Eram como dioramas de vidro, manequins brancos feito giz com olhares impávidos.

— Debaixo das pedras da calçada, mais pedras! — gritou alguém.

Ouvi o ruído de vidros quebrando.

— Expropriação! Expropriação!

Três garotos de caras pintadas passaram correndo com casacos de pele, a pintura de guerra escorrendo pelas bochechas, borrada de chuva e suor, pilhas de casacos de pele nos braços como atendentes de vestiários do centro de Manhattan.

— Peles para o povo! — Cabides de plástico caíam atrás deles enquanto corriam.

As vitrines eram destruídas metodicamente enquanto a procissão seguia pela Via del Corso. A polícia ziguezagueava pela multidão, perseguindo os vândalos — jeans para o povo, bolsas para o povo, vinho para o povo, sapatos — mas eram muitos. Uma loja estava em chamas, a fumaça preta saindo do retângulo de escuridão onde antes tinha uma porta de vidro. Havia coquetéis Molotov e bombas Moka, como eram chamadas, feitas do jeito habitual — algodão com gasolina, acrescentando um fósforo —, mas, em vez de garrafa, eles usavam um dispositivo caseiro para *espresso*.

— É melhor de correr com ele — depois me explicou um garoto de oito anos, filho de alguém que estava em um apartamento na Via dei Volsci. — Tem até uma alça! O com vidro escorrega dos seus dedos e pronto! — explicou ele. — *Buum!*

A loja tomada pelas chamas era a Luisa Spagnoli, a mesma de Milão onde Sandro comprou o vestido de veludo para mim.

— Eles usam trabalho escravo de mulheres nas prisões! — gritava uma jovem. Agora eram as mulheres que lançavam bombas

incendiárias. Lojas de vestidos. Uma loja de departamentos. Uma boutique de lingerie. Continuaram seguindo pela Corso.

Ouvi outra vitrine quebrando e vi balões brancos, uma revoada deles, subindo.

Peguei a câmera e filmei.

Por que isso? Eu não sabia dizer. Mas fiquei olhando pelo visor os balões subirem, ascendendo tranquilamente para o céu em elevadores invisíveis. Subindo, subindo, passando por cada andar de um edifício alto. Balões puros pairando, a película esticada de um branco transparente como meias de enfermeiras.

Uma sensação de tranquilidade caiu sobre a Via del Corso. A chuva deu uma parada. As pessoas se acalmavam. Levavam os dedos aos lábios. Uma garota ia começar a cantar. Abriram um espaço em volta dela. Continuei filmando com minha câmera.

Ela usava uma maquiagem teatral, vermelha e branca com bordas pretas em forma de triângulos sob os olhos, curiosas lágrimas geométricas, partes das cores puxando sua expressão para baixo, seu rosto bonito era uma pictografia da tristeza, mas uma tristeza adorável, estranha, brincalhona. Seu rosto era uma espécie de contrarrealidade em que o riso e a tragédia tinham partes iguais, ou haviam trocado de lugar.

Estava olhando para o céu. Ela também seguia os balões. Eram de uma loja de departamentos — La Rinascente, era chamada, como vi quando um deles flutuou mais baixo, o nome impresso na película fina, cor de meias de enfermeira.

Um som saiu da garganta da jovem, suave e não modulado.

— Dezesseis anos e uma voz como a da Maria Callas — disse alguém.

Quando ela terminou a canção e nós começamos a aplaudir, irrompeu uma série de tiros, um pop-pop metálico. Pessoas gritaram, empurraram, correram. Avistei Gianni. Nossos olhares se encontraram, e ele veio em minha direção. Onde estivera? Ele nunca chegou a explicar, depois, quando houve tempo para isso. Houve mais tiros. Os celerini estavam lá, escudos erguidos, cassetetes em riste, homens que mal pareciam humanos debaixo de tanto aparato. Gianni e eu saímos correndo. Pessoas cortavam a multidão com

seus próprios “aparatos”, capacetes de motociclista com os visores baixados. Era o nível seguinte de anonimato, em que um lenço cobria o rosto. E protegia a cabeça, assim como os celerini também protegiam as suas. Um homem passou correndo por nós usando uma máscara de esqui, com aqueles furos caricaturais para os olhos que pareciam o símbolo do infinito. Gianni agarrou meu braço, puxando-me enquanto fugíamos. Quando tropecei e quase caí, ele me arrastou como um ursinho de pelúcia até me endireitar e eu conseguir correr de novo.

Aquele rosto com a máscara de esqui, os furos em forma de infinito. Era outra contrarrealidade, mas não como a da garota que cantou. A pessoa com a máscara de esqui: alta, marginal, num paletó sujo aberto ao vento. Correndo com um revólver na mão enluvada.

Ele deu meia-volta. Apontou a arma para a polícia e disparou.

Gianni e eu corremos por uma rua lateral. Uma coisa assobiou no ar. Uma erupção de fumaça com chiado encheu a rua, esbranquiçando o ar. Meus olhos ardiam, lacrimejando, Gianni me puxava. A filmadora escorregou das minhas mãos. Tropecei nela, não conseguia enxergar. Ouvi pessoas fazendo esforço para vomitar. Gianni puxou o colarinho da minha blusa sobre minha boca e meu nariz. Foi automático o jeito como ele cobriu meu rosto. Ele se virou para o outro lado, cuspiu e puxou a própria echarpe até os olhos. Tossidos ecoavam em toda parte. O ar estava branco; era como estar dentro de uma nuvem que descia de uma montanha, a vertigem de não saber o que era em cima e o que era embaixo. Eu tossia e tossia, incapaz de superar a tosse e chegar à outra extremidade, em um lugar sem tosse. A filmadora não importava porque eu não conseguia respirar. Gianni me segurou pelo braço, mas seu aperto era tenso e impessoal.

Quando a fumaça diminuiu, as pessoas em volta reapareceram, com máscaras de gases de diversos tipos e estilos, ou com echarpes amarradas de forma complexa no rosto, como Gianni. Eles estavam esperando aquilo. Eu, não.

* * *

A demonstração tinha começado no crepúsculo, sob um céu de tempestade. Cem mil pessoas, um décimo delas aparentemente com armas escondidas no bolso. Quando eu e Gianni chegamos ao final, na Piazza del Popolo, estava completamente escuro. As pessoas chegavam contando histórias de espancamento por parte da polícia, de milhares tendo sido presos. Alguém distribuiu panos embebidos de suco de limão, que pusemos sobre a boca. Garrafas de Coca-Cola eram passadas de mão em mão. A orientação era borrifar um pouco nos olhos, como Gianni me mostrou, para conter a ardência. Armas foram distribuídas entre as pessoas na Piazza del Popolo, saqueadas de uma loja de rifles. Alguém me passou uma, e era bem mais pesada do que eu imaginava.

Popolo quer dizer povo ou multidão. *Popolaccio*: ralé ou turba.

Fui embora com Gianni assim que a polícia começou a prender qualquer um na rua que estivesse molhado. Qualquer um que possuísse limões. Qualquer um que cheirasse a gasolina. Era um cheiro penetrante. Os estudantes tinham esse cheiro. Algumas das mulheres. Todos os homens. Era uma coisa que eu associava aos garotos de Reno, meus primos e os amigos, sempre cheirando a gasolina. Scott e Andy voltando do posto na traseira da caminhonete do tio Bobby com gasolina rosada em recipientes de plástico, ou sugando-a de vizinhos incautos com um pedaço de mangueira velha de jardim, as expressões atentas, puxando a gasolina, mirando o líquido num recipiente, às vezes enchendo a boca por engano. Gasolina era um cheiro de verão. Longos dias de solstício. O rangido Doppler de um cortador de grama. Scott e Andy encerrando suas tarefas, as motos sujas apoiadas em latões de leite, o som giratório de chaves soquete no calor sufocante da garagem à tarde. Garotos que adoravam os cheiros de gasolina, óleo e limpador de carburador, que embebiavam suas mãos, as estopas vermelhas usadas para limpar peças do motor, limpando essas peças de forma tão meticulosa que era como se fossem manchas em joias caras, usando os trapos sobre os minúsculos parafusos de fixação nos carburadores. As

mãos que limpavam carburadores e peças do motor estavam sempre pretas.

O fato de não conseguir relacionar aquele mundo com este, as pessoas que fediam a gasolina na Piazza del Popolo com Scott e Andy que adoravam esse cheiro, me deixava triste por esses dois últimos de um jeito que eu não conseguia explicar.

* * *

Naquela noite, minha segunda dormindo com as mesmas roupas, me deitei no sofá e pensei naqueles balões brancos que tinha filmado, recuperando o que podia da memória, pois a filmadora estava perdida. A visão deles, flutuando, me levou até um parque em Reno quando eu era pequena. Crianças eram reunidas, um grupo sentado numa área aberta com gramado. Alguém tinha dado um balão para cada um de nós. Fizemos uma contagem regressiva e soltamos todos os nossos balões. Eu me lembrava de como o céu ficava depois de nós abrirmos as mãos e soltá-los. Era final da tarde, e enquanto os balões subiam eram iluminados pelo ângulo mais forte do sol, a luz dourada que só os balões mais altos podiam alcançar. Lembro-me de tê-los visto desaparecer, ficando cada vez menores, viajantes solitários em jornadas flutuantes, o céu como oceano, com a mesma profundidade e imensidão.

Estava deitada no sofá daquele apartamento, navegando no mar vasto e desconhecido com aqueles balões sem amarras, quando ouvi um gemido baixinho, uma voz de mulher que vinha do outro quarto. Depois outro gemido. O tranco de uma cama contra a parede. Tentei resgatar a cena dos balões e fingir que não estava ouvindo aqueles sons, um baquear rítmico, os gemidos de uma mulher. Durutti estava num sofá ao meu lado. Percebi pela sua respiração que estava dormindo profundamente, e invejei sua inocência.

Eu estava acordada, esperando aqueles gemidos, ouvindo o baque da cama na parede. Os gemidos eram de Bene, que estava sendo levada a emitir aqueles sons por Gianni, eu tinha certeza,

enquanto eu estava sozinha no sofá com minha lembrança de infância, uma pessoa que não fazia nenhum movimento nem pertencia a um.

E, na verdade, não eram propriamente gemidos. Ou melhor, o primeiro foi um gemido, mas depois eram suspiros, tão baixos que eu precisava prender a respiração para ouvi-los. A verdade é que eu estava ouvindo com toda a atenção.

* * *

No outro dia, e nos dias seguintes, três, quatro, cinco — perdi a conta, cercada de gente que não trabalhava nem ia à escola ou tinha qualquer razão para se importar com os dias da semana —, não pensei em mim mesma como alguém que precisasse tomar decisões. Decisões sobre Sandro, sobre Nova York. Eu era apenas uma das pessoas naquele apartamento da Volsci onde tantos se reuniam, que estiveram na passeata, que não tinham sido feridos ou presos. E ao escapar desses dois resultados, ferimentos e prisão, passei a fazer parte da revolta e da celebração. Uma pessoa tinha sido morta na manifestação, alvejada no pescoço por uma cápsula de gás lacrimogêneo. Muitas outras foram espancadas pelos celerini ou pelas gangues fascistas que apareceram na retaguarda da passeata, armadas de canos de chumbo. Os garotos com revólveres nos bolsos, os operários da Valera com suas chaves de roda disfarçadas de mastros de bandeiras estavam, como se revelou, apenas se protegendo.

Demonstrações foram temporariamente proibidas pelo governo. Não podia haver saques, nem reuniões de grupos. Pessoas de todo canto da cidade reagiram a isso. Alguém descobriu como sabotar os sinais de trânsito, e todos ficaram vermelhos e assim continuaram durante uma tarde inteira, provocando engarrafamento. Outras ações eram coordenadas pela estação de rádio transmitida de dentro do apartamento, um quarto à prova de som ao lado do de Bene. Durutti entrou no ar e convidou os romanos que estavam famintos a sair, pedir uma refeição, comer e se recusar a pagar. A estação de rádio

era uma voz de comando central. Não um governo, mas uma maneira de falar com cada pessoa, uma voz se dirigindo a cada pessoa autônoma. Esse é o novo valor do aluguel, dizia a voz. Pague essa quantia à companhia de eletricidade. As coisas de que Roberto se queixava: era assim que eram feitas. A rádio pulsava através de uma rede. Uma rede de pessoas que agiam em conjunto contra o governo, contra as fábricas, contra tudo que se opusesse a elas. Vamos pegar o que pudermos e pagar pelo que quisermos. Não vamos pagar nada que já seja nosso. Bene e Lidia apresentavam um programa matinal de uma hora direcionado às mulheres. Um dia era dedicado às donas de casa de Roma; o seguinte, às prostitutas que trabalhavam na Termini. Às mulheres da luta armada. Às mulheres presas em Rebibbia. Aos homens que tinham reduzido o mundo a uma pilha de lixo. Às nossas camaradas lésbicas. O programa chamava-se *Violência no cotidiano*.

— Irmãs — dizia Bene —, os homens podem nos colocar em contato com o mundo. Nós sabemos disso. Homens nos conectam ao mundo, mas não ao nosso próprio ser.

— Lutar com uma arma — continuou Bene — é assumir a responsabilidade de pensar pelos outros. Por isso pensem bem e com clareza.

A estação de rádio recebia constantes interferências, as transmissões invadidas por sons e assobios, mas Lidia, com a ajuda de Durutti, conseguia localizar outra posição na largura de banda e continuava a transmissão.

Quando a polícia vinha a San Lorenzo, os guardas eram atacados por crianças e avós com pedras, baldes de água, ovos podres. Havia mais compras proletárias, como eram chamadas, do tipo que eu tinha visto na Via del Corso. Jeans para o povo. Queijo e pão e vinho para o povo. Guarda-chuvas para o povo porque chovia sem parar naquela semana.

O apartamento do andar de baixo era onde moravam os dois homens que estavam fazendo o filme sobre Anna, a *biondina* grávida. Tinham expandido o projeto e incluído gente para iluminação, eletricitas, produtores assistentes. A porta deles estava sempre aberta, fios e equipamentos espalhados no corredor. Ao

passar pela porta, ouvi os dois gritarem para a *biondina* ir tomar banho. Os dois cineastas gritavam uma palavra que eu não conhecia: “*Pidocchi! Pidocchi!*” Como o apartamento vivia aberto e eles eram sempre receptivos, eu entrei.

A garota estava nua, sendo empurrada para o chuveiro pelo homem em quem ela esguichara leite.

— Você está fedendo — dizia. — Vamos, está na hora de tomar um banho.

Ela sorria com aquele jeito autêntico dela.

— Mas sou tímida — respondeu, tentando esconder os grandes seios com uma das mãos, a outra na virilha, a barriga redonda protuberante entre as duas zonas de pudor que tentava encobrir.

Ela teve de ser convencida, e finalmente concordou, entrando debaixo d’água, o sabonete percorrendo sua escorregadia silhueta grávida. Lembrei de repente que estava assistindo àquilo, bem ao lado da equipe, todos homens, fixados nela, no seu tema. Saí e subi para o apartamento, envergonhada.

Pidocchi significa piolhos, explicou Bene.

— Espero que eles também tenham pegado.

Dois dias depois, os cineastas e a equipe estavam se coçando loucamente quando passei pelo apartamento no andar de baixo com Lidia, Bene e Durutti.

Estávamos indo ao cinema. Houve uma discussão no guichê sobre que preço deveríamos pagar, o preço apropriado para um filme, e depois Durutti disse que se danassem, que os filmes deveriam ser gratuitos. Passou pelo vidro do guichê e abriu as portas, e nós entramos em seguida. A sala estava cheia de fumaça de cigarro e haxixe. O filme, *Nasce uma Estrela*, com Barbra Streisand e Kris Kristofferson, já tinha começado. Pessoas se enfileiravam no escuro, gritando os nomes dos amigos, esperando encontrá-los. Vozes de todos os cantos respondiam aos gritos: “Aqui! Aqui!”, só de brincadeira. Toda vez que Barbra Streisand ou Kris Kristofferson abria a boca para falar, a plateia caía na gargalhada, e as vozes dubladas dos atores não podiam ser ouvidas. Barbra Streisand estava cantando “*Love... soft as an easy chair*” enquanto garrafas de

bebida eram derrubadas, rolando ruidosamente pelo piso inclinado do cinema em direção à tela. “*Love fresh as the morning air...*”

Vi um rosto familiar quando entramos, a modelo de sabão em pó olhando de um cartaz. O filme da meia-noite: *Dietro la porta verde*. O filme e ela se projetavam, uma espécie de aceno convidativo. Venham descobrir.

Didi continuava em cativeiro, o rosto na primeira página do jornal que Gianni estava lendo quando voltamos do cinema. Eu nunca tinha falado com eles sobre Didi, sobre a razão de estar na Itália. Parecia um sonho. E talvez uma acusação. Agora eu estava fraternizando com pessoas que tornavam impossível eu pensar em ir a Monza, inserida demais nos campos inimigos para admitir minha antiga aliança, para pensar em sair em busca do objetivo original. O dia em que eu deveria ir a Monza tinha chegado e passado. E quem naquele mundo tinha percebido ou se importado? Se Sandro tinha percebido ou se importado, ele não tentara me encontrar. Mais de uma semana tinha se passado desde que eu fora para Roma com Gianni. Talvez fosse impossível me achar. Eu ouvia a voz da mãe de Sandro, não algo que ela tinha dito, mas uma tonalidade: já vai tarde. E Talia: já vai tarde. O conde de Bolzano: dando de ombros e balançando a cabeça para meu comportamento americano rude, fugindo como eu tinha feito.

Agora eu estava afastada daquele mundo, mas também me sentia distante desse grupo de pessoas, que mesmo assim me incluíam em tudo, ou ao menos em várias coisas. Havia segredos naquele apartamento. Gianni se ausentava com frequência e estava sempre indiferente, lendo em silêncio seu *// Sole 24 Ore* no sofá. Ele e Durutti se isolavam num quarto, trocando olhares com os outros enquanto a porta se fechava. A certa altura, Bene pareceu insinuar que Gianni estivera preso, mas tinha fugido. Eu não soube dizer se estava brincando. Meu italiano era bom, mas certas nuances e humor eram algo que às vezes me escapava.

Havia um bocado de nuances com aquela gente. Apesar de suas diferenças políticas, Roberto e Sandro tinham apresentado as questões como se fossem claras e bem definidas, como se existissem exatamente dois grupos que se opunham ao Estado, tão

diferentes um do outro como preto e branco: as Brigadas Vermelhas — militantes clandestinos, armados. E os jovens esquerdistas — abertos, públicos, mais ou menos não violentos. Mas nada era tão nítido e simples, como eu começava a perceber. Armas transitavam no apartamento da Via dei Volsci praticamente da mesma forma que calças jeans eram distribuídas. Estavam a um mundo de distância de Sandro e suas armas. Para um artista num campo de tiro em Catskills, interessado, como Sandro, na fabricação, no protocolo, na história, a arma era quase uma obra de arte, uma beleza industrializada. Isso era outra coisa, uma turma esfarrapada com armas enfiadas aqui e ali nos bolsos, sem se preocupar com o modelo, a não ser com o aspecto pragmático. A arma era uma ferramenta assim como uma chave de fenda, e todos portavam uma.

Uma televisão foi liberada por Durutti e outros dois sujeitos de uma loja de eletrônicos do bairro, e nós assistíamos aos noticiários. As Brigadas Vermelhas tinham atacado outra vez, matando um fascista. Os fascistas retaliaram matando um anarquista não associado às Brigadas Vermelhas. O papa fez um apelo para o fim da violência em seu discurso de domingo de manhã transmitido do Vaticano. Ele estava em pé numa sacada usando uma imensa mitra ornamental que parecia uma bala de metal escovado, um grande domo pontudo com uma fileira de pedras cintilantes ao redor da circunferência, apoiadas numa base dourada espinhuda.

Era verdade que tínhamos fumado um pouco de haxixe. Mas também era verdade que o papa fez seu apelo por paz com uma bala gigante na cabeça.

No dia seguinte Didi Bombonato foi libertado, depois de treze dias de cativeiro. Aquilo marcou o tempo para mim de uma maneira que eu não poderia ter marcado sozinha. Treze dias. Toda uma vida. Pelo menos para mim, pois eu tinha jogado minha antiga vida fora. A essa altura eu já poderia ter saído da pista de Monza perto de Milão e entrado na pista da Alemanha. Isto é, se Didi não tivesse sido sequestrado, se Sandro não tivesse me traído, se eu não tivesse fugido. E depois de Monza e da Alemanha eu teria bastante material gravado, talvez o suficiente para um filme. Voltaria com a metragem para Nova York, e Marvin e Eric não estariam furiosos com a minha

ausência do trabalho, pois veriam o que eu tinha feito e como árbitros da mídia seriam compreensivos e me apoiariam.

Mas, em vez disso, eu não tinha mais uma filmadora, minha Bolex Pro tendo sido esmagada e perdida na manifestação, e eu estava num sofá em Roma, chapada, vendo TV, olhando para o rosto de um Didi Bombonato livre e acenando, que eu conhecera, mas agora não mais.

Didi foi libertado depois de concordar em escrever uma defesa das Brigadas Vermelhas, uma carta com um tom distintamente leninista. A Valera suspeitava de que Didi possivelmente tinha contraído a síndrome de Estocolmo. E se isso fosse ou não verdade, ele não correspondia mais à imagem que procuravam para representar e promover os pneus Valera, e suspenderam seu patrocínio, segundo os jornais. Ninguém mais no apartamento estava assistindo além de mim.

Mais tarde naquele dia, quando desci, notei que o apartamento dos cineastas estava vazio. Não havia mais equipamentos amontoados na entrada. Nem equipe. Só o sujeito quase calvo e desganhado sentado numa cadeira, fumando.

— Onde está a garota? — perguntei.

— Num *manicomio* — respondeu ele.

Manicomio. Levei um tempo para lembrar. Asilo para loucos.

— E quanto ao bebê? — quis saber.

— O bebê — disse ele, coçando a cabeça quase como se tentasse lembrar. — Ela deu à luz ontem.

— E onde ele está? — perguntei.

— Ficou com Vincenzo — respondeu ele.

— Vincenzo?

— O eletricista. Ele se apaixonou pela garota. Não quis me meter nisso. Ninguém pode me acusar. Deixei Vincenzo ficar com ela, mesmo podendo ter continuado com ela também. Porque... ei, garota americana, você já teve um bebê? Não? Bem, então vou lhe dizer uma coisa que talvez você não saiba. Algumas garotas grávidas são muito sensuais.

Ele sorriu. Tinha um vão entre os dentes igual ao meu. Um vão feio.

— Estamos editando o filme, tomara que a tempo de exhibir em Veneza — continuou, enchendo o recinto com fumaça exalada enquanto apagava seu cigarro murcho e mal enrolado. — Alberto tem um contato no festival que pode nos deixar entrar, e...

Um manicômio.

Vincenzo ficou com o bebê.

Não se importavam com ela. A garota que era o centro, a causa, a razão do filme deles.

Veneza. Estavam esperando Veneza.

Vincenzo ficou com o bebê.

* * *

Durutti e os outros garotos gostavam de mim e disputavam minha atenção. Era uma boa distração do problema de Sandro, daquilo a que eu não podia mais voltar. Isso era algo que eu e a *biondina* tínhamos em comum. Eu não tinha piolhos. Eu não ia para o *manicomio*. Mas, como ela, eu estava de passagem. Uma garota que estaria por ali pelo encanto e um dia iria embora.

Gianni não disputava minha atenção. Era descolado demais, distante demais dessa coisa toda a que tinha me trazido. Bene era sua namorada, mas ele não demonstrava nenhum afeto por ela na frente dos outros. Era calmo, a expressão impassível, como costumava ser na vila. Todos ficavam quietos quando ele entrava no apartamento. Abaixavam o volume da televisão e seguiam seus movimentos enquanto ele ia de um quarto a outro, como se esperassem que ele dissesse alguma coisa ou fizesse um julgamento.

Duas vezes Gianni me chamou para sair de carro com ele. Nessas saídas senti uma certa intimidade entre nós. Ele dirigia, parava em frente a um apartamento, estacionava e me pedia para esperar. Depois voltava para o carro, calmo como sempre. Uma vez fomos parados num posto de controle em Trastevere, e Gianni disse ao guarda de trânsito que eu era mulher de Sandro Valera, que ele trabalhava para a família Valera e estava me levando para fazer

compras. Ao ouvir isso, o guarda logo nos liberou, e percebi que essa era minha função para Gianni: desempenhar aquele papel e desanuviar suspeitas. A polícia era inimiga dos jovens de Roma, isso eu tinha sentido na pele, motivo pelo qual não dei importância àquilo. Era ilegal até mesmo planejar uma manifestação. Discrição, tendo ao lado a mulher de um Valera, fazia sentido.

Na terceira vez em que saí com ele de carro, tomamos uma cerveja juntos antes de voltarmos ao apartamento na Via dei Volsci. Ele me mostrou uma chave mestra que Durutti tinha feito para inserir em telefones públicos e ligar de graça.

— Quer ligar para o seu namorado? — perguntou.

— Não — respondi.

— Certo — falou. — Ele traiu você. E logo ali na fábrica, em público...

Senti vergonha ao ser lembrada daquilo.

— Acho Sandro Valera um babaca por ter feito isso — disse. — Você não deveria se envergonhar disso. *Ele* é que deveria ter vergonha.

— O que você estava fazendo lá? — perguntei. — Por que estava trabalhando para ela?

Ele olhou para mim. Por alguma razão, nós dois começamos a rir. Uma risada estranha, vaga, impetuosa e fora de propósito. Senti meu rosto corar. O dele, não. Parou de rir e me respondeu.

— Estava observando a família.

— Observando a família — repeti.

— Ficando de olho.

É claro que estava. E como eu não tinha percebido isso? Nem mesmo quando ele me levou para o apartamento na Volsci, o coração do Movimento, pelo que notei. Como não percebi que Gianni teria algum propósito real para trabalhar com os Valera? Vagando perto das conversas da mesa de jantar. As conversas na beira da piscina. A intimidade da casa.

— Aquela família vai pagar — falou. — Você vai ver. Eles vão ter justiça.

Que era o que Sandro tinha prometido quando me convidou para o seu loft pela primeira vez. Prometeu justiça, mas em vez disso

acabei encontrando Ronnie Fontaine. Será que Sandro sabia que eu tinha dormido com Ronnie? Teria colocado Ronnie ali no sofá como uma espécie de piada? Eu duvidava disso. Mas também sabia que a amizade deles não era simples. E que quando Ronnie dizia para Sandro não me impedir de ir a Monza, não era realmente por mim. Mesmo que parecesse. Era algo entre eles, uma conexão entre os dois na qual eu não conseguia penetrar. Assim como as ameaças de Gianni sobre a família Valera também não eram por minha causa. Mas me senti reconfortada por elas. Se queria que Sandro pagasse? Claro que sim.

* * *

Voltamos ao apartamento. Gianni e Bene brigaram. Só ouvi a voz dela, da mesma forma como a ouvi quando faziam sexo, a voz dela atrás da porta fechada do quarto, desta vez alta e chateada, convicta.

Ela saiu do quarto, entrou na cozinha e resmungou com as mulheres que estavam reunidas ali, soldando peças de rádio. Chamou Gianni de vários nomes. Todas elas riram.

Fiquei de pé fora da cozinha, constrangida, cúmplice dele, talvez a razão de ela estar zangada. Bene olhou para mim. Sua expressão se partiu num sorriso estreito e nada amistoso.

— Vá em frente. Vá logo com ele — falou. — Vá em frente.

Eu tinha passado algumas inocentes horas com Gianni, e ela estava me dispensando.

Bene apontou com a mão, indicando a direção do quarto onde Gianni estava.

— Vá com ele — falou.

As outras mulheres continuaram soldando. Nenhuma delas olhou para mim. Eu estava sendo afastada por causa de Bene. Por causa de Gianni. Por causa de alguma coisa que provavelmente não tinha nada a ver comigo.

Parecia ridículo, uma piada, mas não era. Todas se voltaram contra mim naquelas poucas horas em que estive fora.

Perplexa, passei pela cozinha e abri a porta do quarto.
Gianni olhou para mim.
O resto da história eu gostaria de poder apagar.

16. PUTAS E CRIANÇAS

John Dogg e Nadine eram um casal e tanto agora. John Dogg estava expondo na galeria de Helen Hellenberger. Helen estava entusiasmadíssima com ele. Todos os críticos importantes compareceram ao vernissage em sua galeria. Houve projeções de slides de luz branca. E luzes com estampas vindo de retângulos rasos de zinco com água colocados por ele estrategicamente no chão. Tinha mirado lâmpadas de refletores nas piscinas retangulares, que mandavam reflexos pela parede da galeria em ondas venosas e fraturadas.

John Dogg usava um terno de linho bem cortado e ria à toa, desempenhava o papel de artista homenageado com uma atitude perfeitamente natural, sem sinal das táticas invasivas que eu tinha presenciado na casa dos Kastle. Andava pelo salão seguro de que era universalmente adorado, e parecia ser mesmo. Eu o conhecera em setembro e agora estávamos no final de abril, quase maio, e ele tinha se reinventado. Isso acontecia em Nova York, e nunca se podia prever precisamente as viradas do destino, o momento em que acontecia a mudança na moeda humana, quando subia ou caía. Existia apenas o antes e o depois. No depois, ninguém tinha permissão para dizer: ei, lembra quando todo mundo revirava os olhos à menção de John Dogg? Evitava sua presença, achava que ele era um idiota? Agora eu entendia tudo isso. Sandro desaprovava esse tipo de ambição, dizia que não havia pressa, mas era mentira, algo que só os bem-sucedidos diziam, tendo se esquecido convenientemente de que também tiveram essa pressa.

Vi quando Didier de Louridier apertou a mão de John Dogg com entusiasmo, parabenizando-o pela exposição.

Nadine estava ao lado de John Dogg. Ela também transmitia e recebia em nova frequência. Polida e serena, toda resplendor e imobilidade. Usava um vestido preto de gola alta e saltos agulha de

couro preto envernizado. O cabelo tinha sido cortado para se parecer com uma construção de confeito folhado que se vê nas revistas de moda, com arestas, endurecido por laquê de aerossol, caindo em um olho. Ela cintilava como um obelisco, ao lado de John Dogg enquanto ele apertava a mão das pessoas que o rodeavam. A concentração de energia suave e achatada naquele penteado folhado, que sombreava um olho como uma mão de pôquer de ponta-cabeça. Ela não se parecia em nada com a mulher de quem eu me lembrava, queimada de sol, bêbada, chorando, algo abertamente provisório a respeito de seus prazeres, a boa vontade de Thurman, a sensação de que ficaria numa situação ruim assim que ele se entediasse com ela, dando fim à sua escapadela, e quisesse voltar para Blossom.

Eu estava no vernissage com Gloria e Stanley Kastle. Desde minha volta, duas semanas antes, ficava com eles, no mesmo quarto de hóspedes em que Burdmoore Model tinha acampado em seus dias de foragido. Eu era a atual adoção deles, e minhas fotografias das planícies de sal, por insistência de Gloria, tomaram o lugar das pinturas figurativas de Burdmoore. Mostrei a Gloria meus curtas-metragens, que eu associava a uma época ingênua, antes de conhecer Sandro, seguindo a fileira de limusines e motoristas na Mulberry Street, uma caminhada à noite pelas luzes de néon de Chinatown, mas Gloria gostou deles. Eu era uma causa nova para ela e Stanley. Os dois desaprovavam a maneira como Sandro tinha me tratado. Mas eu entendia que eles continuariam sendo amigos de Sandro permanentemente. Eu era temporária e Sandro, permanente. Afirmavam estar zangados com ele e disseram que me protegeriam se ele aparecesse ali no vernissage de John Dogg, mas não havia risco algum de encontrar Sandro. Eu ainda o conhecia, mesmo depois de descobrir que não o conhecia tão bem. Ele se sentiria diminuto se fosse à exposição de John Dogg, tendo sido caçado e ignorado até muito recentemente.

A primavera havia chegado e a noite estava amena e sem vento, com as pereiras da West Broadway cobertas de brotos felpudos quando estacionei a moto e fiquei esperando os Kastle no lado de fora da galeria.

— Ela está dormindo com o analista — me disse Stanley quando os dois chegaram.

— O divã está lá por uma *razão* — replicou Gloria. — A gente fica achatada, horizontal, de frente. Eles ficam na vertical. A sessão pode ser inerte ou ativa, e nesse caso o Dr. Butz fica ativo.

— E ela ainda paga — comentou Stanley. — Cem dólares.

— Eu *negocieei* e só pago oitenta e cinco, Stanley.

— Mesmo assim, ela paga e eles transam no divã.

— Escute, Stanley, é o mínimo que ele pode fazer por mim depois de setenta anos de Freud e sua besteira patriarcal. Sabe o que Freud escreveu para a noiva? *Minha querida, enquanto você desentupia a pia, eu estava solucionando o enigma da estrutura do cérebro*. O Dr. Butz pode desentupir a *minha* pia.

— Já o enigma...

— É o seu dinheiro que estou dando para ele.

— Já o enigma do cérebro continua insolúvel — falou Stanley para mim quando entramos na galeria.

* * *

Sandro queria que eu voltasse para casa. Disse que Talia era só uma garota confusa e problemática. Eu não entendia o que o estado mental dela, sua confusão, tinha a ver com aquilo. Sandro demonstrou que era capaz de causar danos, muito capaz.

O que eu tinha feito, ajudando Gianni, era um segredo que vivia dentro de mim, e eu não sabia muito bem o que fazer com ele. Quando pensava em Gianni, em sua autoridade sorumbática, na partida apressada, eu dirigindo o que virou seu carro de fuga, me sentia sozinha de um jeito que poderia ser permanente. Segredos isolam uma pessoa. Com isso, entendi uma coisa a respeito de Gianni: a névoa do seu distanciamento, o fardo dos segredos, o isolamento.

Sandro tinha ido buscar a Moto Valera consertada, enviada pelo revendedor de Reno para um outro de Manhattan. Mandou dizer através de Gloria que eu poderia pegá-la se quisesse. Estava no

estacionamento do seu prédio, o título de propriedade cor-de-rosa dobrado e colado no tanque de gasolina, a chave na ignição. Quando subi ao apartamento para pegar minhas roupas, Sandro estava na grande mesa do seu ateliê, desenhando. Fui até o nosso quarto, que nunca senti realmente como sendo meu, e enfiei minhas coisas numa bolsa de lona, a mesma que tinha usado para trazê-las quando saí da Mulberry Street. Achei que talvez Sandro fosse vir falar comigo enquanto eu arrumava minhas coisas, tentar se desculpar. Ele não veio. Quando passei por ele na saída, ergueu o olhar. Parei. Nenhum de nós disse nada.

Desci, amarrei a bolsa de lona no bagageiro da moto e saí pela Bowery, em direção à casa dos Kastle. Era minha primeira volta de moto pelas ruas de Nova York, mas numa moto que eu já conhecia. Tive que tomar cuidado com os buracos, com as súbitas paradas dos táxis, mas ao passar pela Broadway, zunir pela Spring Street, cruzando com caminhões, virando à esquerda na Bowery, a largura da rua, os edifícios altos a distância ao norte, a sensação de estar na cidade mas não pertencer a ela, de atravessá-la numa velocidade real, o vento no rosto, tudo aquilo foi mágico. Eu estava separada, planando, intocável. Um grupo de bêbados em frente a um hotel na Bowery ergueu os polegares para mim. Num sinal de trânsito, um homem no banco traseiro de um táxi, o cigarro pendendo dos lábios, abaixou o vidro e elogiou a moto. Não estava me passando uma cantada. Estava com inveja. Queria o que eu tinha da mesma maneira que um homem pode querer o que outro homem tem.

Havia uma performance envolvida no ato de pilotar uma Moto Valera pelas ruas de Nova York que parecia pura. Fazia da cidade um palco, meu palco, enquanto eu estava apenas indo de um lugar para outro. Ronnie dizia que certas mulheres ficavam melhores vistas da janela de um carro em alta velocidade, por conta do exagero da maquiagem e das roupas justas. Mas talvez as mulheres devessem passar correndo, só um borrão. Como as garotas chinesas. Um lampejo, e sumiam. Era só uma motocicleta, mas dava a impressão de um modo de ser.

Uma semana depois que peguei a Moto Valera, Sandro fez uma visita aos Kastle. Sua tática era a austeridade. Disse que eu

precisava parar de agir como um mártir. Gloria e Stanley foram para o meu lado, disseram que Sandro precisava me dar um tempo. Ele olhou para os dois, anuindo com um assentimento amargo. *Está bem, está bem. Vocês a estão protegendo. Sou eu o culpado.* Ficou balançando a cabeça até chegar ao elevador de carga. Apertou o botão, esperou um momento, depois foi pela escada. Fora a última vez que eu o vira.

Dentro da galeria lotada do vernissage de John Dagg, Gloria segurou Helen Hellenberger pelo braço e disse que ela tinha de ir até o loft e ver os meus filmes. Helen estava prestes a dar uma desculpa. Sua boca se abriu. Gloria disse:

— Ótimo. Vemos você na nossa casa, na semana que vem.

Quando se é jovem, estar com alguém é quase um evento. Até é um evento, quando se é jovem. Mas não basta. Eu ainda era jovem, e queria algo mais. Precisava de uma nova filmadora. A Bolex fora destruída e eu estava só, e queria que minha vida acontecesse.

Enquanto nos dirigíamos ao bar, Stanley disse que estava com uma sede terrível, que se sentia como algo com manchas de ferrugem.

— Isso porque você bebeu quase um litro de vodca ontem à noite — disse Gloria. — Seus hábitos vão acabar matando você lentamente, Stanley.

— Não estou com pressa — replicou Stanley, virando-se para olhar uma garota que passou por nós. Ela usava uma calça que tinha uma transparência de plástico no traseiro, uma janela para se ver ambas as nádegas, que roçavam uma na outra quando ela andava.

Os Kastle sempre estiveram envolvidos numa guerra de baixa intensidade um com o outro, mas acompanhar os dois, um dia depois do outro, era testemunhar aquela loucura de um novo jeito. Uma manhã, Stanley estava tomando café quando Gloria entrou na cozinha do loft com uma página arrancada de uma revista.

— Stanley — falou —, quero lhe mostrar uma coisa.

Ele olhou assustado para ela. Gloria segurou a página na frente dele. Era uma foto em papel brilhante de três homens e uma mulher. Os homens em pé perto da mulher, os paus duros balançando na

cara dela, sêmen jorrando pela imagem, pérolas densas caindo nos lábios abertos da mulher.

— Será que eu devia cortar o cabelo que nem o dela? — perguntou Gloria. — Você acha que esse estilo iria funcionar para mim? Será que me cai bem?

Stanley fechou os olhos. Fechou bem apertado e balançou a cabeça.

— Você está dizendo que não, Stanley, ou está ignorando a minha pergunta?

Quando ela percebeu que ele não ia responder, saiu da cozinha. Stanley se virou para mim.

— Um garotinho e uma garotinha, irmão e irmã, estão olhando da janela de um trem chegando à estação — começou a dizer Stanley. — A garota vê uma placa numa porta da estação e diz: “Olha, estamos chegando em *Cavalheiros*.” “Sua bobona”, retruca o garoto. “Não está vendo que estamos em *Damas*?” Está vendo, o garoto vai vagar ao redor de *Damas*, e a garota vai se aventurar em *Cavalheiros*. É o mesmo lugar. Mas os dois nunca vão perceber isso.

Enquanto nós estávamos na Itália, Gloria fizera uma instalação na Kitchen da Wooster Street. Ela fez uma performance de um dia chamada *Sozinha*. Gloria ficava num pequeno box acortinado com uma abertura na altura da pélvis. Um cartaz convidava as pessoas a Pôr a Mão na Janela. Na janela, atrás da cortina, estava a pélvis nua de Gloria.

De acordo com Ronnie, Stanley foi pudico demais para tocar a genitália da própria esposa. Enquanto Ronnie, por sua vez, parece que não só enfiou a mão na janela como a manteve lá por um tempo.

— Fiz meu trabalho voluntário do ano — comentou. — Eu sempre disse que não recuso um serviço público.

Ele enfiou a mão na janela e, sem perceber direito o que estava fazendo, se perdeu num devaneio interior sobre a construção “dedar”, e como era interessante o fato de o gênero não ser reversível, que dedar um homem era acusá-lo de algo, de um crime, e dedar uma mulher era fazê-la gozar, e que ele só estava movimentando o dedo de um jeito inconsciente, para trás e para a frente, para trás e para a frente, pensando sobre aqueles dois

significados completamente diferentes — não simétricos, mas talvez não totalmente distantes, dedar um homem, acusá-lo de um crime, dedar uma mulher... de repente ele sentiu um tremor em Gloria. Ah, meu Deus, pensou, ela acabou de ter um orgasmo! E como se já não fosse suficientemente ruim, ela desobedeceu sua própria proposta formal ao espiar para ver de quem era aquela mão. Quando ele se virou para ir embora, ouviu uma voz abafada atrás da cortina sussurrando o seu nome. Ele contou a história como se Gloria fosse de alguma forma presunçosa ou exagerada, quando ele é que pusera a mão na vagina dela. Mas claro que a piada era essa, a indignada pretensão de inocência. De passividade.

— Eu devia comprar uma dessas camisetas que dizem DOADOR DE ORGASMOS — disse ele.

Depois disso, Gloria o seguiu durante uma semana como um cachorrinho. Finalmente ele teve de dizer a ela que era vinte anos mais velha do que o seu tipo.

— Achava que você não tinha um *tipo* — retorquiu Gloria. — Sempre afirmou isso, que não tinha tipo nenhum. Você não tem um tipo, e nem *assim* eu sou seu tipo.

Gloria falou sobre sua residência na Kitchen, e sobre *Sozinha*, mas não do que aconteceu com Ronnie.

— Era sobre a quarta parede — explicou. — Também sobre fazer uma afirmação. Ali. Factual. De certa forma *masculina*. Se alguém queria quebrar a quarta parede e enfiar a mão no box. Eles traziam à obra qualquer componente sexual. Eles é que traziam. Eu oferecia um objeto num box, friamente. Se alguém pusesse a mão no box, era essa pessoa que insistia na sensualidade, no toque. Não eu.

Mas depois ela desabou e começou a chorar, e quando recuperou o suficiente da compostura para falar disse a Stanley, comigo como testemunha, que achava que podia estar apaixonada por Ronnie, e que os termos de sua performance em *Sozinha* não incluíam essa possibilidade, e que talvez estivesse enlouquecendo. Chorou de soluçar, o corpo tendo convulsões no braço do sofá.

Nós três ficamos sentados ali, Gloria chorando, e depois Stanley suspirou, limpou a garganta e falou:

— Querida Gloria — começou ele, como se estivesse escrevendo uma carta —, lembra-se de como nós costumávamos fazer piada com o conceito de amor? Com a frase “estar apaixonado”? Eu dizia a você, querida, que pensava estar apaixonado pela mulher que diz as horas pelo telefone. A voz dela é tão calma, estável e feminina sem ser artificialmente meiga, bem na medida. E está sempre disponível, sempre lá quando eu ligo. Posso levantar para beber água no meio da noite, enquanto você dorme profundamente, e furtivamente discar Meridian 7-1212 e ela vai me dizer: “Ao sinal do bipe, serão exatamente 2:53 da manhã pelo horário da costa leste.” Eu poderia ligar para ela quando quisesse. Essa mulher estava totalmente disponível para mim, e continuava sendo, ao mesmo tempo, um mistério encantado, um daqueles sem solução. Eu nunca poderia ir além disso. E lembra que enquanto eu sentia esse fascínio pela Moça do Tempo, você um dia se apaixonou perdidamente pelo homem que atendia às ligações na linha de assistência a suicidas? Lembra-se disso, Gloria? Você me disse: “Stanley, ele me escuta. Ele me escuta.” E eu respondi: “Gloria, esse é o trabalho dele.” E quando você melhorou, quando a tentação de se machucar saiu de vez da sua cabeça, você esqueceu tudo sobre ele. Lembra? Você nem quis mais ligar para o homem por quem esteve apaixonada, porque não estava mais naquele estado de espírito. Ligar para uma linha de atendimento a suicidas? Eu sou Gloria Kastle, caramba... não faço essas coisas. São os atendentes que ligam para mim.

Gloria fungou, enxugou as bochechas molhadas de lágrimas com uma almofada do sofá e abriu um sorriso tímido.

* * *

— Você percebeu quantos Larry estão nesse vernissage de Dogg?
— perguntou Ronnie, vindo na minha direção com uma camiseta que dizia CASADO PORÉM À PROCURA.

— Larry Zox, Larry Poons, Larry Bell, Larry Clark, Larry Rivers e Larry Fink. E todos estão conversando entre si! Isso é uma espécie de momento histórico. O que me faz lembrar de uma história que

Saul Oppler me contou uma vez. Ele estava sentado com Saul Bass e Peter Saul numa pedra no Central Park, e olharam de cima dessa pedra, e embaixo viram Saul Bellow com Saul Steinberg, *juntos*, comprando cachorro-quente de uma barraquinha.

Nadine e John Dogg posavam para a câmera de alguém. Ela virou a cabeça um pouquinho de lado. A luz do flash lambeu seu cabelo e seu aspecto envernizado, o tecido preto e cintilante do vestido. Ela não piscou. Falei a Ronnie que quase não a reconhecera. Mas eu a reconhecera, sim. Não havia dúvida. Quis dizer que ela parecia mudada, alterada.

— Ela parece uma modelo fazendo propaganda de relógio de luxo — observou Ronnie. — Engraçado como eles tentam separar em categorias. Não “relógio”, e sim “acessório”.

Nadine estava perto de nós, agora. Ronnie a cumprimentou.

Ela o cumprimentou e depois a mim, separadamente, mas como se não me conhecesse. Não insisti no assunto. Ficamos olhando ela se afastar.

— Você ainda é amigo daquele fotógrafo? — Eu estava rompendo o longo silêncio a respeito daquela noite. Que se dane, pensei. Ela está aqui, e Ronnie também, e Sandro, Sandro não.

— Sou. A mulher de Thurman morreu recentemente. Agora as pessoas estão falando as coisas mais idiotas sobre o trabalho dele. Thurman tirou um monte de fotos do céu, e agora Didier e sua laia afirmam que isso é uma espécie de luto. Uma grande tristeza, Thurman incapaz de encarar o mundo horizontal, o reais mundo material, porque está pranteando pela esposa e só pensando na morte e nos céus. Esse é um homem que dorme com todo mundo menos com a própria esposa. Tirou fotos do céu porque estava bêbado demais para ficar de pé. Vomitou numa caixa de doativos de uma igreja em Louisiana... eu estava com ele. Estava com uma tremenda ressaca e entrou para fotografar alguma coisa, não lembro o quê. Disse que era a primeira vez que entrava numa igreja desde que era criança. Mas estava olhando para os céus, num tributo a Blossom. As pessoas e suas necessidades de interpretar as coisas...

Abanou a mão, descartando o assunto Thurman. O assunto daquela noite.

— Ei, escuta. Não sei o que você andou fazendo lá na Itália além de viver melodramas com Sandro. Mas o lugar deve ter feito bem a você ou algo assim. Você está ótima.

— Obrigada — respondi, bastante certa de que minha aparência não tinha mudado nada. Eu estava usando um short rasgado e meias que iam até o joelho, do tipo masculino com listras azuis e vermelhas até o alto. Sandro não me deixava usar aquele tipo de meia quando estava com ele. — Peraí, sério — costumava dizer. — Você vai me fazer parecer seu pai, como se estivesse levando você para seu jogo de basquete.

Eu estava usando uma jaqueta de couro, talvez fosse essa a diferença que Ronnie notou. E estava com a moto, lá fora, invisível, mas que tinha se transformado numa espécie de armadura mental.

— É, parece que você cresceu um pouco. — Ele olhava para mim de diversos ângulos. — Olhe, agora você está fazendo aquela coisa de mulher sorridente. Muito bem.

Eu fantasiei, quando estava na vila da mãe de Sandro, que dizia alguma coisa para Ronnie a respeito de como ele tinha sido canalha de dar o meu chapéu para Talia. Mas agora não conseguia fazer isso. Talia não estava ali. Ela não importava mais. Eu a faria ter importância se falasse sobre ela.

* * *

Mesmo quando parecia não prestar atenção em mim, senti o foco de Ronnie durante a exposição de John Dogg. Mesmo enquanto falava com outros, fazendo as gozações do estilo de Ronnie, desconfiei que secretamente ele estava se apresentando para mim. As coisas estavam mudando. Eu não era mais a namorada do melhor amigo dele, mas uma garota com quem ele já tinha dormido.

Ronnie disse aos pais de John Dogg que se chamava Sergio Valente. Para a garota com a calça transparente ele se apresentou como Albert Speer.

— Já ouvi falar de você — disse ela, sem se mostrar impressionada.

Ser Albert Speer fez Ronnie pensar sobre a noção de um criminoso incomum, e então ele se virou para mim e deu a deixa para si mesmo. O que tornava um criminoso comum ou incomum? A garota com a calça transparente aproveitou a oportunidade para se afastar. Saiu andando pelo salão, presa dentro do próprio exibicionismo, incapaz de fingir que era apenas uma garota normal na inauguração, de ir além da estranheza de sua nudez.

Ronnie parecia não notar a bunda exposta, mesmo quando olhava para ela.

— Estou colecionando fotos de fichamento — falou para mim, enquanto seus olhos percorriam o local até chegar na garota. — Já lhe contei isso? Tenho ido para a central de registros policiais na Center Street. Estou procurando criminosos condenados com o mesmo nome que eu.

Quantos poderiam existir?, perguntei.

— Alguns — comentou ele. — Na verdade, só um até agora. Mas três se você incluísse o Ron Fontana e o Robert Fontaine que o próprio Ronnie incluía. Eles estavam fazendo um trabalho importante, principalmente o que tinha o seu nome exato. Fazendo o trabalho pesado, disse Ronnie, o trabalho sujo.

Pensei em Tim, o irmão de Ronnie, na única vez que o encontrei. Muito musculoso para ser confiável. As roupas muito novas e quadradas, as roupas de um preso recém-libertado. Falou sobre um sócio, sobre os planos que os dois tinham. Poderia estar falando de um sócio num trabalho de construção civil, mas “sócio” também significava parceiro no crime, companheiro de cela, ou as três coisas juntas: um cara que você conhece na cadeia e com quem se junta depois para trabalhar em obras e praticar assaltos.

— Estou começando a pensar que esse cara na Rikers está cumprindo sua pena, andando na cela, por nós dois — falou Ronnie. — Cumprindo a *nossa* pena.

Está falando do irmão dele, pensei.

Giddle apareceu. Ela e Burdmoore não estavam mais juntos. Ele era sincero demais, ela explicou. Tinha começado a deixá-la louca. Queria sempre chegar ao âmago das coisas. Chegar ao coração das coisas.

— Esse suposto coração — disse Giddle. O jeito como ele falava, supondo que aquilo existia, liquidou quaisquer sentimentos que tivesse por ele. — Essa coisa toda de “vamos tirar as máscaras e nos apoiar” — explicou. — Não, obrigada. Só estou de passagem. Eu falei: “Se você quer estar de passagem vindo de alguma outra direção, me encontrar e se divertir, ótimo, mas não há coração nem coisinha fundamental.” Ele fez pressão demais. Comecei a inventar coisas para deixá-lo satisfeito — continuou. — Como poderia dizer que fui abusada sexualmente pelo meu irmão e que era por isso que eu tinha baixa autoestima, e que foi isso que me levou a trair ele com Henri-Jean?

— O cara que anda com o bastão?

— É — concordou ela. — Acontece que eu nem *tenho* irmão, e de repente Burdmoore quer que eu comece a fazer hipnoterapia com uma amiga dele, uma mulher que ajuda sobreviventes de incestos. Eu só estou querendo me distrair. Manter a leveza. Me divertir. E com isso quero dizer inventar coisas e ver como ele reage. Ele não sabia como jogar esse jogo. E ainda teve aquilo com as calças, oh, Deus.

Giddle tinha levado uma calça branca ao Rudy's e pendurado-a na parede com um anúncio de que quem coubesse naquela calça poderia dormir com ela. Acontece que a calça branca era pequena demais para a maioria dos homens no Rudy's. O artista John Chamberlain conseguiu enfiá-las até os joelhos. Henri-Jean conseguiu vesti-las mas o zíper não fechou. Didier era o próximo na fila para experimentar mas aí Burdmoore apareceu. Ele arrancou a calça das mãos de Didier. Segurou-a de cabeça para baixo, agarrou as pernas com firmeza e rasgou a calça na costura do meio, em dois.

— Se você visse a cara dele... — falou Giddle. — O sujeito tem um problema sério de raiva.

Ela foi embora com Henri-Jean, que deu de ombros quando eles passaram por Burdmoore. Deu de ombros como um mímico. A vida é doce, eu sou um castrado indefeso. O irrisório é a resposta para as lágrimas. Vou transar com a sua namorada daqui a pouco. Deu de ombros.

— Ele usou em você? — perguntou Ronnie.

— O quê?

— O bastão que ele carrega.

— Ha-ha. Não precisou, Ronnie.

John Dogg conduziu Nadine por nós, segurando sua mão como se ela fosse uma garotinha. Ela baixou os olhos, tímida, enquanto ele falava sobre claraboias. Os dois pareciam uma só felicidade, uma parceria. Ela tinha sido reinventada no brilho do súbito sucesso dele. E essa reabilitação dela a transformou numa acompanhante útil e eficiente para ele. Assim como não se podia apontar que John Dogg tinha sido considerado um clamoroso marginal até pouco tempo atrás, também não se podia abordar essa glamorosa versão de Nadine e perguntar se ela se lembrava de ter mijado numa banheira, ou deixado Thurman Johnson esfregar o cano da sua pistola starter no meio das pernas dela. Era mais indecoroso da minha parte estar pensando essas coisas do que ela ter realmente feito isso.

Nadine e John Dogg tinham entrado no castelo pouco antes de os portões se fecharem. E a questão não era a maneira como tinham entrado, ou que quase não tinham, nem conjecturar se eles mereciam ou não estar lá. Era que eles estavam lá. Sejam bem-vindos. A questão era que estavam lá dentro. Estavam dentro.

— Aposto que você estava com um casaco comprido hoje, e tirou quando entrou aqui. Foi isso mesmo? — Era Gloria, abordando a mulher com a janela na bunda.

A mulher olhou rapidamente para Gloria e virou o rosto, mas antes de fazer isso eu vi o desconforto na sua expressão.

— Eu só queria saber o quanto ela estava comprometida — me disse Gloria, porque por acaso eu estava passando por perto, como se fosse dizer aquilo para qualquer um que estivesse ao lado mal registrando quem era a pessoa. — Queria saber seu senso de comprometimento.

— Quando vier a revolução não vai fazer diferença nenhuma — continuou Gloria. — Eles vão ter uma guilhotina especial para garotas desse tipo. Com uma lâmina ainda mais enferrujada para os artistas que olharem para ela. Esse pessoal daqui não conta. São os funcionários da MTA que precisam ver a bundinha rosa dela. Mas não, ela usa uma longa capa de chuva no metrô e reserva sua

bundinha tesuda para nós, que já vimos muitas bundinhas tesudas. Barbara Hodes já fazia vestidos transparentes em 1971. Eric Emerson usava calça de vaqueiro e coquilha no Max's, e Cherry Vanilla só anda topless. Tudo já está feito. Feito feito feito.

Mas isso é novo *para ela*, eu devia ter dito mas não disse. Ela está no cronograma *dela*, Gloria, não no seu ou de ninguém mais.

* * *

Depois do vernissage houve uma festa na cobertura de um edifício numa esquina perto da galeria, e a banda de John Dogg tocou. Era o que ele queria, uma apresentação da sua banda. Era uma forma de dar um show, usar sua recente popularidade no mundo da arte para alavancar seu projeto musical por trás. Assim que você forçar a abertura de uma porta, passe a maior parte possível do corpo por ela. O nome da banda era Putas e Crianças. Baixo, bateria, saxofone e John Dogg tocando guitarra e cantando. Todos usavam terno, e o baterista tinha uma bateria prateada brilhante como um apresentador no palco de um hotel do centro da cidade. Tocaram uma música do Donovan, "Young Girl Blues". Dogg não era ruim. Na verdade, era muito bom. Cantava com sentimento, modulando a voz assim como Donovan.

*It's Saturday night. It feels like a Sunday in some ways
If you had any sense, you'd maybe go away for a few days*

O amor delicado porém levemente paternalista de quem quer que estivesse se dirigindo à garota.

Stanley e Gloria tinham ido para casa. Eu fiquei. Em parte porque Ronnie também ficou. Mas não fiquei andando em volta dele. Éramos duas coordenadas naquela cobertura lotada. Eu estava consciente dele e sentia sua atenção em mim mesmo enquanto ele se misturava com os outros. Era uma noite clara, três estrelas brilhavam numa suspensão de neblina e luzes da cidade. Reconheci várias pessoas ali na cobertura, mas como tinha estado fora, senti

que os observava de longe e não precisava me envolver, não precisava cumprimentá-las como quando se esteve com todo mundo uma semana antes, aquele cumprimento de quem resolveu mutuamente continuar para sempre como meros conhecidos. Fiquei de fora, mãos nos bolsos da jaqueta de couro, encostada no balaústre. Me sentia como um balão, como se pudesse sair voando da cobertura. Me preendi ao chão bebendo cerveja do barril. Fiquei observando Giddle dançar com Henri-Jean. De vez em quando olhava do balcão para confirmar que a Moto Valera continuava lá.

Não queria pensar em Sandro. Não queria pensar em Gianni.

— As três paixões — me disse Stanley naquela manhã — são amor, ódio e ignorância. A ignorância é a mais poderosa.

Foi difícil afastar a expressão de Bene dos meus pensamentos, seu afetamento mal contido, como se dissesse *ele é todo seu*.

Eu não tinha me perguntado por que ela estava passando Gianni adiante. Por que ela o está dispensando com tanta facilidade? Eu não tinha pensado nisso.

Bene tinha estendido a mão, indicando a porta do quarto onde Gianni estava. À sua direita, as outras mulheres soldavam, tentando consertar um transmissor que os carabinieri tinham destruído. Quando passei por elas, Lidia e as outras não ergueram os olhos do que estavam fazendo e eu entendi que tinha sido isolada. Não tinha feito nada de errado, mas era assim. Bene tinha me isolado. Que escolha eu tinha? Eu não tinha dinheiro. Não tinha amigos. Gianni tinha me levado ali, e foi para ele que me voltei.

Eu e ele, ouvindo os passos de Bene se afastando enquanto ela ia embora.

A expressão de Gianni estava impenetrável. Seu distanciamento, que interpretei como uma forma de cavalheirismo, de respeito. Quando na verdade era só o que parecia: um distanciamento.

— Preciso fazer uma viagem — anunciou ele. — E quero que venha comigo. Nós vamos juntos. Você quer conhecer os Alpes?

A pergunta dele confirmou ou explicou ou simplesmente preencheu o espaço de tensão que eu sentira desde o começo com Gianni, desde os primeiros momentos na vila.

Ele pegou um cigarro e o acendeu, sem pressa pela minha resposta. Provavelmente sem pressa porque sabia, de alguma forma, que minha resposta seria sim.

Era North Pole, a mesma marca de cigarro que Giddle fumava. Achei engraçado Gianni fumar a mesma marca que Giddle, mas não havia uma testemunha que fosse capaz de entender por que isso era engraçado. Giddle e Gianni, de lados opostos do planeta que aparecia no maço de cigarros.

* * *

Eu não tinha outro mundo para onde me virar agora a não ser este, a cobertura, a banda de John Dogg, as antiguidades de Giddle.

Putas e Crianças enchiam a noite. Havia muito a dizer sobre esses dois temas.

Agora eles tocavam composições próprias. A voz fervorosa de Dogg, porém com mais dissonância nos acordes.

Henri-Jean se enrolava bem em Giddle e eles balançavam de um lado para outro. A dança dos dois parecia especialmente obscena pelo fato de ele estar fora do personagem. Ele não era o tipo que se agarrava a mulheres. Era supostamente uma figura solitária na paisagem urbana, marginal e bobo da corte com seu fardo idiossincrático, o bastão no ombro. Mas na verdade era um homem, dobrando os joelhos para encaixar a pélvis na altura da bunda de Giddle.

Nadine conversava com Helen. Sorrindo de uma forma distanciada, sendo que o mais provável é que devia ser nervosismo mas seria interpretada como reservada por Helen, atraentemente reservada. Helen disse que Nadine parecia familiar e perguntou se ela também tinha ido a Dalton, por acaso.

— Não — respondeu Nadine num tom desapaixonado, quase como um cadáver, sem expressão.

Senti que ela tinha sido orientada por John Dogg a se portar com indiferença ou a fingir isso. Mantinha-se absolutamente imóvel. Se demonstrasse alguma vivacidade no rosto ou no corpo ela poderia

estragar o efeito do penteado, do vestido e dos saltos altos de couro envernizado, que cintilavam no cascalho da cobertura como tinta molhada. Ao vê-la agarrando-se firmemente à repentina elegância, apegando-se a ela como se fosse uma religião que pudesse salvá-la, entendi que Nadine tinha dito a verdade e que Giddle havia mentido. Giddle nunca fora uma prostituta. Eu não sabia aonde ela ia com o casaco de veludo que deixava guardado no armário do trabalho, mas não era para um hotel no centro da cidade.

Quando Thurman Johnson e um anônimo Ronnie saíram para comprar uísque aquela noite no Chelsea Hotel, Nadine me contou sobre a primeira vez em que fez um programa. Foi com um homem muito velho. Ele queria um boquete. “Cinco dólares por minuto”, disse a ele. “Sabia que ele tinha um monte de notas de cinco na carteira. Esse era uma parte importante do acordo”, ela explicou. Você faz um cálculo por alto de quanto dinheiro eles têm, e quanto mais conseguiriam se o dinheiro da carteira acabasse. Você fazia o preço de acordo, tentava dividir o tempo em segmentos que correspondessem ao esvaziamento total da carteira deles. “Você precisa pensar em totalidades, como dizia meu ex-marido. A visão mais abrangente. Então eu disse cinco por minuto, imaginando que ele tivesse uns cem dólares. Passa-se o primeiro minuto. Tiro o pauzinho dele da boca e ele diz: *Ah por favor, ah por favor*. Mais cinco dólares, falo. Ganhei mais ou menos oitenta dólares. Minha boca ficou dormente. Na verdade não é tão simples quando continua mole. É como sugar o canto de um saco plástico com um pouco de ar dentro. Ele nem chegou a gozar. Foram só minutos e notas de cinco. Outra coisa que já fiz para ganhar dinheiro foi chorar. Alguns homens fazem qualquer coisa para você parar de chorar. Eles não gostam de ver uma mulher chorando, não mesmo. Homens bonzinhos fazem o que puderem para você parar. O problema é que em geral homens não são bonzinhos.

A mentira de Giddle não importava. Giddle mentia sobre tudo. Eu nem mesmo sabia se o nome dela era Giddle. A mentira dela não remetia a uma vida como a de Nadine. Era outra coisa, o que quer que Giddle ingenuamente imaginasse ser o glamour de uma garota de programa, o poder secreto, um clichê, champanhe e anáguas de

seda. A maneira como Giddle dizia “homens de negócios”, passando óleo no pescoço. A maneira ela como dizia “centro da cidade”, e jogava o cabelo para cair uniformemente e cheio como se ela fosse Rita Hayworth. Era uma encenação. Não muito diferente da minha fantasia infantil do Rancho Mustang como sendo um rancho de verdade em vez de vários trailers feios. Era como dizer “acessório” em vez de relógio; aquilo não existia. Apenas minutos e notas de cinco.

— Essa se chama “Bud’s Doughnuts” — disse Dogg ao microfone.
— Nosso lar da Segunda Avenida longe de casa.

Parecia surf rock. Uma projeção psicodélica atrás da banda. Putas e Crianças parecia um show de festa de formatura ligeiramente irônico.

— Eu *conheço* Bud — disse Ronnie a alguém. — É um sujeito de verdade. Conheci ele no ensino médio. Nós dois nos mudamos para Manhattan e ele abriu a Bud’s Doughnuts na Segunda Avenida. O irmão dele, Tom, abriu um lava a jato.

— Tom’s Car Wash, na Avenida Myrtle?

— Não, cara, não é esse.

Havia um sujeito na cobertura com uma câmera Polaroid, pedindo para as garotas mostrarem os peitos. Quando se aproximou de Nadine, ela lhe lançou um olhar assustado e balançou a cabeça. Estava de novo com Helen Hellenberger, com educação, disse:

— Não, obrigada.

Burdmoore tinha falado sobre as crianças perdidas. Os tempos que estavam por vir. Tempos que deveriam ter vindo mas não vieram.

Havia a questão de quem estava acordado e de quem estava dormindo. A questão daquilo. A ambiguidade inerente nessa maneira de dividir as pessoas umas das outras, acordadas ou sonhando. *Nós éramos o pesadelo deles*. Se um grupo estava sonhando com o outro, não poderia haver certeza de que grupo era qual.

Depois de Burdmoore e Fah-Q se afastarem da batalha, recuando para as montanhas do norte do México, Fah-Q teve uma visão, como Burdmoore nos contou naquela noite na casa de Gloria e Stanley. Depois da visão, Fah-Q saiu de seu acampamento secreto e

sorumbático e voltou à Nova York. Ele precisava falar com Allen Ginsberg. Fah-Q tinha certeza de que Ginsberg tinha uma importante mensagem para eles, Burdmoore nos contou. Uma mensagem sobre a clandestinidade dos dois, sobre a revolução.

— E o que era? — perguntou Didier, com uma leveza na voz, a piada sendo que, fosse qual fosse a mensagem, talvez ainda pudesse ser útil.

Fah-Q encontrou Ginsberg, explicou Burdmoore, e de fato Ginsberg tinha uma mensagem para os Filho da Puta. A mensagem era que todos eles deviam parar de fumar. Deviam largar o cigarro. Didier, sentado em frente a Burdmoore na mesa de jantar dos Kastle, estreitou os olhos, deu uma tragada úmida na sua Gauloise e aquiesceu, entendendo que Allen Ginsberg era mesmo o idiota que Burdmoore afirmara ser.

la chegando cada vez mais gente na festa da cobertura enquanto Putas e Crianças concluía sua apresentação. Todas as outras coberturas do SoHo estavam escuras, ocupadas por torres de água achatadas, espaçonaves frágeis e marteladas à mão estacionadas para a noite, dormentes e agachadas em suportes esticados em um espaço plano e escuro. Já a nossa cobertura estava barulhenta, movimentada e com silhuetas indo de um lado para outro. Copos de plástico vazios eram derrubados do balaústre. O esperançoso e resfolegante bombear do barril de cerveja vazio. Ronnie contando a alguém a história da stripper japonesa chamada Shomi.

O ar estava fresco e ventoso agora. Verifiquei a moto outra vez e uma lufada despegou brotos de pera das árvores, mãos invisíveis despindo os galhos de suas pequenas pétalas brancas, espalhando-as pela calçada.

— A questão de compor — dizia John Dogg a alguém — é que a gente pode abordar coisas *obliquamente*, mas não tem importância. Você não pode fugir do conteúdo que é a essência da forma. Todas as músicas são sobre amor não correspondido.

— Com a exceção de “Green Onions” — interveio Ronnie. — Que não trata de jeito nenhum de amor.

Deve ter sido Tim Fontaine, e não Ronnie, quem teve de viver com aquela música na cabeça. Tim tinha passado uma década na prisão.

Foi solto, violou sua condicional e estava preso de novo, até onde eu sabia. Era da experiência de Tim na prisão de que Ronnie falava. Tim, que estava cumprindo a pena de Ronnie. Por que Ronnie não podia simplesmente dizer isso? Por que precisava apresentar aquelas histórias elaboradas, e algumas eram verdadeiras e outras não e você nunca ia saber qual era qual. Ou ele tinha trabalhado em fábricas, ou em barcos, nos dois, ou nenhum, e fosse o que fosse que tivesse feito ou não, havia um monte de histórias. Sandro sempre protegera as evasivas de Ronnie.

— Você não sabe — costumava dizer às pessoas. Mas Sandro também não sabia.

— Estou falando de músicas com letras — disse Dogg. — Não instrumentais. “Green Onions” é instrumental.

— “Take This Job and Shove It” — falou Ronnie. — Vai me dizer que essa é sobre amor não correspondido.

— Ah, mas é. É, sim — confirmou Dogg. — *Pega esse emprego e enfia, eu não trabalho mais aqui* — cantou. — Ele estava pedindo demissão porque sua mulher o deixou. E ela era a única razão que, em primeiro lugar, o fazia aguentar o tratamento terrível que recebia. Ele cansou de ser abusado pelo seu chefe na fábrica agora que estava de coração partido.

John Dogg não era um idiota completo. Só parecia um. Era querer muito alguma coisa que deixava as pessoas constrangidas — e era por isso que eu escondera meus desejos perto de Sandro e de seus amigos, e de Giddle também, por isso eu fingira que não queria uma carreira artística quando queria, sim. Fingira que não sentia ciúme de Gloria, de Helen Hellenberger, de Talia, quando de fato sentia.

Saí trançando a multidão, em direção à escada de incêndio. Giddle estava flertando com John Chamberlain, que fazia esculturas precárias com peças de carros batidos. Estava bêbada e não parava de perguntar se ele tinha carteira de motorista. Aquele era um estado de espírito específico de Giddle: flertar com perguntas impertinentes. Como isso não funcionou, ela disse que conhecia o segredo dele, seu segredo sujo.

— E qual é? — perguntou ele, subitamente interessado, examinando-a de cima a baixo numa franca avaliação.

— Você já foi uma garota propaganda de xampu — comentou ela.
Ele riu, abrindo um sorriso largo para ela.

— Então vamos lá para casa que eu passo um xampu em você.

Passei por Ronnie, que conversava com uma garota que eu não conhecia.

— Você teve algum contato recente com gente de outros planetas?
— perguntava ele à garota. Sua voz ficou mais alta quando eu passei. Ele se virou na minha direção.

A escada ficava atrás da torre de água, onde havia a mesa de bebidas. Nadine estava lá sozinha. Encheu uma caneca de cerveja até a boca com vinho. Estava escuro e ela não me viu. Fiquei olhando enquanto ela bebia o conteúdo inteiro numa série de goles rápidos e contínuos, depois limpou a boca com as costas da mão, olhou ao redor, nervosa como um animal faminto comendo a comida de outro animal, e voltou a encher a caneca.

Você não se lembra de mim, Nadine?

Não se lembra?

Mas por que se lembraria? Ela estava por baixo, ou por cima, ou por baixo, e não estava procurando amigos. Não estava em busca de experiências. Estava tentando sobreviver. Eu é que estava querendo experiência. Era eu que me lembrava dela e de tudo que me disse, e isso bastava. Bastava que eu me lembrasse dela.

* * *

A moto não dava partida. Não conseguia fazer o motor pegar. Tirei-a do apoio e achei que podia forçá-la a pegar no tranco, ganhando velocidade e torcendo para que arrancasse. Ela tivera problemas com as velas. Talvez fosse isso.

— Problemas com o motor?

Percebi, ao ouvir sua voz, que estava torcendo para Ronnie vir atrás de mim. Ele se abaixou.

— Pode ser isso.

Um dos cabos das velas estava solto. Uma coisa simples que qualquer um poderia ver. Ele colocou a peça de volta no lugar.

— Obrigada, Ronnie.

— Bem, talvez você pudesse me dar uma carona. Quer dizer, se conseguir dar partida.

— Consigo dar partida.

Eu já tinha dado caronas em Reno, quando eu tinha a outra Moto Valera, a mais antiga. Muitos passageiros não entendiam que você tem que se inclinar com o piloto, não contra ele. Que deve colocar as mãos na cintura dele, nunca nos ombros. Mas Ronnie já tinha andado muito de moto. Tinha uma Harley quando eu o conheci, e sabia ser passageiro, se inclinar comigo quando eu fizesse uma curva. Ele se aconchegou em mim, os braços apertando minha cintura, o peito pressionando minhas costas. Não sabia dizer se aquilo era ou não deliberado. Scott e Andy me contavam que os garotos se tornaram peritos em avaliar tamanhos, formas e a sensação de peitos por terem garotas pressionando as costas deles enquanto faziam curvas e freavam. Andy disse que, se não tivesse certeza, dava uma parada brusca para que a caronista encostasse com força nele, o que lhe dava uma boa ideia do que havia debaixo do suéter.

Levei Ronnie até a casa dele na Broome Street.

— Você pode subir — falou, descendo da garupa. O tom dele não era dos mais entusiásticos. Era como se dissesse: pode subir se quiser.

Já tinham se passado dois anos desde a noite que passei com ele, uma noite que abriu e expandiu um mundo de paixões, insinuações e jogos, e finalmente nós dois no meu antigo apartamento na Mulberry Street, uma insinuação que se transformou em asserção. Nos deitamos. Ficamos de frente um para o outro e deixamos nossos lábios se tocarem, e me senti como se fôssemos duas crianças sem camisa, irmãos e descontraídos, tendo terminado os deveres da escola e deitados na grama. Depois nossos corpos se entrelaçaram, e não fomos descontraídos, nem como irmãos. Tive certeza de que significou alguma coisa. Ainda que ele não tivesse demonstrado nenhuma vulnerabilidade, nada nem perto disso. Eu tinha confundido paixão física com paixão.

O loft de Ronnie tinha o mesmo pé-direito alto e o mesmo encardido industrial que o de Sandro, mas era mais atulhado. O cheiro de bolo da fábrica de biscoitos da sorte no térreo enchia o lugar, uma doçura ascendente no meio da noite. O andar ocupado por Ronnie tinha sido um depósito de produtos alimentícios asiáticos antes de Ronnie assumir, e ele guardou muitas coisas que foram deixadas lá. Enormes barris com MSG escrito neles, onde ele guardava as roupas que comprava e usava e depois jogava fora em vez de lavar. Encostados em uma das paredes havia engradados de latas de lichia em calda, cujos rótulos ele disse que achava bonitos, e ia fazer uma coisa com eles em algum momento. Havia um calendário de 1954 na parede, uma mulher oriental cuja beleza deveria promover algum produto, o rosto esmaecido num tom cinza esverdeado, sorrindo por baixo daquele lapso de tempo.

Abri a geladeira de Ronnie. Ele tinha caixas douradas de filme Kodak e três latas de Schlitz. Abrimos uma lata cada um e fizemos piada sobre como ninguém tinha comida na geladeira. Eu pensava que casais como Stanley e Gloria teriam comida na geladeira, mas não. Latas de filme, margarina e Kraft Fluff. Marcas genéricas que tinham acabado de aparecer nas prateleiras dos mercados.

— O que eles chamariam de Fluff? — conjecturou Ronnie. Schlitz podia ser “Cerveja”, e Fritos podia ser “Salgadinhos de Milho”. Mas Fluff era a marca e o nome da coisa.

— “Purê de Marshmallow Batido”? — sugeri.

— Talvez — respondeu ele —, mas perdia o efeito de simplicidade. Soava como um produto industrial.

Ele estava me contando sobre o estado em que estava o loft quando ele assinou o contrato de locação.

— Esses caras não acreditavam em bancos. — Abaixou-se e abriu uma porta escondida na parede. — Seguro é tanto um adjetivo quanto um substantivo. O cofre deve ser um conceito muito antigo.

Ele poderia estar falando com qualquer um. Onde eu achei ter sentido sua atenção na exposição, agora sentia o velho, distraído e performático Ronnie.

— O que você guarda aqui?

— Segredos — respondeu ele, fechando a porta. — E escrituras. O cara em cujo barco trabalhei quando garoto me deu algumas terras e dinheiro. Nunca reivindiquei nada disso. Guardo os documentos nesse cofre.

— Por que você não reivindicou?

— É uma longa história.

— Como todas as suas histórias.

— Essa é a mais longa. Mas escute, acho que preciso ir para a cama.

Eu disse que precisava ir embora de qualquer forma, que já estava tarde. Mas hesitei, esperando conseguir diminuir a distância, me aproximar dele.

— O sujeito com o seu nome na Rikers — falei. — Tem a ver com Tim, não é?

Detectei uma leve ruga de irritação no rosto dele.

— Isso mesmo. Tem a ver com Tim — respondeu. — O cara com quem passei a infância.

— Por que você simplesmente não consegue dizer “eu tenho pena do meu irmão”?

— Eu tenho pena do meu irmão — repetiu Ronnie num tom robótico. — Eu tenho pena do meu irmão.

Fiquei em silêncio.

— Você acha que é a primeira pessoa a pensar isso? Que eu tenho pena do meu irmão? Deixe-me lhe apresentar um conceito. Dois conceitos, aliás. Importantes ferramentas para se sobreviver à condição humana. Um se chama ironia. Repita comigo. *I-ro-nia*. Agora, o outro é mais difícil de pronunciar, mas vamos tentar. *Dis-si-mu-la-ção*. Dar a falsa impressão de que você não é uma coisa. Como um malandro finge que não é um exímio jogador de bilhar. Em circunstâncias bem diferentes, alguém pode dar a falsa impressão de que não sofre de culpa pelo encarceramento do próprio irmão, mas em vez disso, simula um interesse no encarceramento não do parente, mas de sujeitos fantasmas com o qual só tem uma ligação tênue porém coerente: um nome.

Deitou-se no sofá.

— Meu irmão saiu da prisão um mês atrás — disse, olhando para o teto. — Estava mantendo seus compromissos com o encarregado da condicional. Tentando entrar no sindicato dos soldadores. Empréstei mil dólares a ele para comprar um Trans Am. Perguntei: “Por que você precisa de um carro tão besta?” E ele veio com essa: *Vamos lá, Ronnie, vamos lá, irmão, passei dez anos preso. Que garota vai se interessar por um ex-presidiário? Preciso do carro para poder voltar ao jogo. Preciso para ficar numa boa. Não vou dar uma de trouxa querendo ferrar o programa e voltar para a cadeia.* Quem poderia argumentar com isso? Eu lhe dei dinheiro para o carro. Ele acabou com o veículo na New Jersey Turnpike. O peito atravessou a coluna de direção. Bateu com o maldito carro que eu lhe dei e morreu. Por isso me sinto especialmente mal a respeito do meu irmão. Mas isso é problema meu. E posso falar sobre ele ou não dependendo da minha escolha.

Continuou olhando para o teto.

— Sinto muito, Ronnie.

Quando ele finalmente voltou a falar, sua voz estava mais suave:

— Eu costumava zoar Sandro por sua causa — falou. — Sandro dando uma de técnico. Ou de pai. Você parecia tão jovem. E era. Mas, honestamente, nem sei se você seria diferente mais velha. Gosto de você. Mas tem alguma coisa que você parece nunca entender.

E é por isso que não posso amar você.

Ronnie não disse isso. Mesmo assim, durante todo o caminho de volta aos Kastle, e depois, deitada no loft escuro, ao som de alguém chutando a lixeira de metal na Bowery, eu sentia a pontada daquela frase fantasma.

Eu era a garota no plano de reserva. E não foi Ronnie que me deixou de reserva. Era algo que eu tinha feito comigo mesma.

* * *

A notícia sobre Roberto Valera chegou na semana seguinte. Eu não vi no jornal. Helen mencionou o fato quando apareceu, por

insistência de Gloria, para ver os meus filmes. Eu tinha pegado um projetor emprestado de Marvin e Eric. Pela maneira grave como Marvin tinha me feito memorizar o procedimento correto para carregar o rolo de filme, percebi que ele e Eric acreditavam em mim. Eles gostavam dos meus filmes e estavam guardando rolos de Kodachrome “estragados”, mas que na verdade estavam em perfeito estado para eu levar para casa. Eu tinha acabado de colocar o primeiro filme, *Esperando*, título que eu escolhera, imagens dos pacientes motoristas da máfia na Mulberry, quando Helen perguntou se tínhamos ouvido falar no que havia acontecido com o irmão de Sandro.

— Ele foi sequestrado! — exclamou.

Meu filme piscou na tela que Gloria tinha montado para mim, um lençol branco. O primeiro motorista. Suor escorrendo pelo rosto.

Da minha posição horrorizada pude ver que para Helen não era grande coisa.

— Sequestrado — repetiu ela —, e Sandro está no meu escritório falando com gente na Itália sem parar. Ninguém está conseguindo para telefonar para a galeria, sem contar que está me custando uma fortuna.

Helen assistiu aos filmes e disse que tinham alguma coisa.

— Talvez para uma mostra de grupo que estou pensando em fazer no próximo verão — falou.

Concordei com a cabeça, mas as palavras entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Só conseguia pensar em Roberto.

Fui até a banca de jornal internacional na Astor Place e comprei todos os jornais italianos que eles tinham lá. Não era a notícia principal, não estava na primeira página. Escondida na seção de negócios do *La Repubblica*, um incidente entre muitos. Roberto Valera, raptado em 1º de maio de sua casa de campo em Bellagio. Combatentes armados a tinham invadido nas primeiras horas da manhã e depois levaram Roberto de carro para um local desconhecido. Havia uma fotografia de Roberto segurando um jornal do dia anterior, 2 de maio, como prova de que estava vivo, que ainda existia no tempo. Ele olhava para a câmera, parecendo o Roberto

que eu conhecia. Irritado, um homem cuja paciência estava sendo posta à prova.

Um telefonema havia sido feito para a polícia de Roma, relatava o artigo, reivindicando o sequestro como trabalho das Brigadas Vermelhas, não por acaso no Dia Internacional dos Trabalhadores. Foi confirmado que a ligação fora feita de dentro da estação ferroviária de Roma, Termini, de um telefone público bem ao lado do quiosque da polícia. Um gesto cômico e provocativo. O aspecto jocoso do gesto me fez lembrar de Durutti e dos outros membros do Movimento. Mas Durutti não estava sequestrando ninguém. O pessoal da Volsci portava armas, mas como forma de defesa, diziam, contra os fascistas, que também portavam armas. Eles partilhavam uma certa atitude com relação à vida, uma certa leveza. Não eram clandestinos. Só Gianni talvez fosse. Gianni, que esteve de olho em Roberto. Era por isso que estava lá, na vila. Para estudar os hábitos e cronogramas.

O interlocutor anônimo da cabine telefônica perto do quiosque da polícia disse que Roberto era um inimigo da classe inimiga. Estava sendo detido pelo exército do povo. Mantido numa prisão do povo, num local secreto. Seria julgado por um tribunal popular. Se fosse considerado culpado, a pena seria severa.

Houve outros sequestros e ataques que também ocorreram no dia 1º de maio, segundo o *La Repubblica*. Um diretor da SIT-Siemens levou quarenta tiros nas pernas do lado de fora de sua casa em Milão. Lembrei o que Roberto tinha falado sobre atirar nos joelhos, que era um método de intimidação emprestado da máfia, que costumava fazer isso com o gado para destruir o rebanho de um fazendeiro. Roberto tinha balançado a cabeça diante da estupidez cruel de empregar uma técnica criada para vacas. Outro gerente, da Fiat, tinha sido sequestrado naquela mesma manhã, com um pedido de resgate de três bilhões de liras.

Por que Roberto seria julgado, e estavam pedindo resgate pelo outro, eu não sabia. Quando vi o retrato dele no jornal, o olhar impaciente, segurando o jornal, uma onda de náusea me acometeu. Não empatia, apenas náusea. Era possível que ele pudesse morrer.

Pensei em Gianni dizendo aos carabinieri que eu era casada com um Valera, seu empregador, e que ele estava me levando para fazer compras.

Pensei naquele dia longo e desconcertante, esperando por Gianni no outro lado dos Alpes. Como ficou frio quando a luz se foi, e Gianni não aparecia, e eu não conseguia responder minha própria pergunta de quanto tempo uma pessoa teria de esperar.

* * *

No dia seguinte ao que fiquei sabendo que Roberto tinha sido sequestrado, Burdmoore Model veio nos visitar. Os Kastle tinham saído. Eu o convidei a entrar.

— Ah, hum, certo — disse ele, ligeiramente incerto da razão para ficar, já que Stanley e Gloria não estavam em casa. Ele perguntou sobre Sandro. Eu disse que não estávamos mais juntos. Houve um silêncio desconfortável. Contei que o irmão dele tinha sido sequestrado pelas Brigadas Vermelhas. Será que ele sabia? Tinha ouvido alguma coisa a respeito? Imaginei que meu envolvimento com Gianni inspiraria nele alguma compaixão silenciosa. Eu queria a compaixão dele.

— Eles vão levá-lo a julgamento — falei.

Burdmoore aquiesceu.

— Esse irmão do Sandro, ele dirige a empresa? Qual é o negócio deles mesmo?

— Basicamente borracha — esclareci. — E motocicletas.

— Imagino que ele vá ser considerado culpado — disse Burdmoore.

— E depois?

— Depois da sentença de morte? — Ele coçou o queixo, pensativo.

— Como em *Der Jasager* de Brecht — falou. — Depois que o destino foi decidido, é habitual perguntar à vítima, ao sacrifício, se ele concorda com seu destino. Mas também é habitual a vítima responder que sim. Então talvez eles deem essa opção a ele. Quero

dizer, a opção obrigatória de aceitar o seu destino. Mas também é possível que eles o libertem. Uma coisa posso dizer sobre essa espécie de militante, que eu entendo a partir da minha própria história. São essas pessoas que consideram os meios que empregam iguais, moralmente, aos dos inimigos. Em outras palavras, não menos justificados. Os próprios meios são sempre justificados. Para eles, o capitalista, como nesse caso o irmão do seu namorado...

— Ex-namorado.

— Enfim, o capitalista não é uma marionete servindo algum outro sistema maligno maior. Ele é o próprio poder. O próprio mal. E aprisionaram.

Voltei a verificar o *La Repubblica* na banca da Astor Place algumas vezes e não encontrei nada. Percebi que se quisesse seguir esse tipo de notícia, eu precisava ler *Il Sole 24 Ore*, o jornal de finanças e negócios que Gianni estava sempre segurando na frente do rosto. Fui até a biblioteca na Forty-Second Street depois do trabalho e li o jornal naqueles suportes de madeira na sala dos periódicos, folheando as páginas enquanto homens velhos cheirando a bebida alcoólica dormiam nas poltronas, e uma mulher andava ao redor tentando parecer que tinha um propósito, mas o propósito errado para uma biblioteca. Ela andava em círculos pelo recinto, movimentando-se daquela maneira característica que as mulheres sem-teto têm de parecer garotinhas, dando passos com os dedos do pé virados para dentro, mastigando uma manga de blusa esfarrapada, garotinhas perambulando pelo corredor até o quarto dos pais no meio da noite. Li o *Il Sole 24 Ore* inteiro. Depois de três dias sem notícias a não ser a que o diretor da Fiat tinha sido libertado quando a família pagou o resgate, Roberto apareceu de novo no jornal. Uma declaração das Brigadas Vermelhas dizia que ele poderia evitar o próprio julgamento e a possibilidade de uma sentença de culpa se o governo aceitasse trocá-lo por oito militantes atualmente presos. Roberto escreveu uma declaração apoiando essa ideia. Insistindo nela. Segundo ele, era a única maneira de salvar sua vida.

“Ele está fora de si”, era a manchete de um artigo em *Il Sole 24 Ore* no dia seguinte. Era uma frase da mãe de Roberto. *Signora Valera* dizia que o filho deplorava quaisquer negociações com os terroristas e jamais, *jamaïs, jamaïs* teria defendido tal proposta. “Ele está fora de si.” A foto do filho segurando o jornal do dia seguinte à sua captura aparecia ao lado da matéria.

Fora de si. Parecia uma espécie de sentença de morte. Se Roberto fosse morto, não era o velho Roberto. Era algum outro, que agora implorava por negociações que não aprovava até que sua própria vida estivesse em jogo. Houve um silêncio no dia seguinte, e depois um artigo sobre a questão de onde ele estava. Aparentemente a polícia de Roma tinha contratado um médium que organizou uma sessão a que compareceu a equipe de investigação. A prancheta produziu apenas a palavra *Cinzano*. Um beco sem saída. No sétimo dia de cativo de Roberto, o chefe de polícia de Roma afirmou que a prioridade seria dada à investigação da ala organizada dos jovens autonomistas do bairro de San Lorenzo, em Roma, onde acreditavam que as Brigadas Vermelhas encontravam apoio e cobertura.

Eu dizia a mim mesma que a questão da vida de Roberto não tinha nada a ver comigo.

Já fazia um mês que eu tinha voltado a Nova York. Não mantinha contato com Gianni. Nem com Sandro, não o via desde a semana após meu retorno, quando ele saiu dos Kastle aquiescendo raivosamente.

Minha culpa em relação à questão da vida de Roberto era uma fantasia, eu dizia a mim mesma. Não era realidade.

Se Gianni estava envolvido no sequestro de Roberto, isso não tinha absolutamente nada a ver comigo. Se Gianni tinha dito que a família ia pagar, era só algo que Gianni dissera. Eu era apenas uma garota que fora a uma fábrica para encontrar o namorado e, por acaso, o encontrara com outra mulher.

Se Gianni estava de olho, bem, isso era Gianni. E se a família pagasse de alguma forma, isso poderia ser coisa de Gianni. Certamente não era comigo.

Isso era o que eu dizia a mim mesma. E repetia. E depois dizia mais uma vez. Eu ignorava a parte em que dirigi o carro de fuga de Gianni — ou talvez seu carro funerário.

* * *

— Então no outono de 1967 eu fui a Los Angeles — disse Marvin.

Eu estava no divã branco para uma nova rodada de fotografias, algo a ver com emulsões, diferentes emulsões.

Agora Roberto já estava em cativeiro havia uma semana. Eu continuava tendo a expectativa de esbarrar com Sandro, esperando por isso. Marvin falava no seu tom monocórdio, nasal e não modulado, quase um resmungo, sugerindo que ia contar mais uma vez em grandes detalhes algum aspecto do que considerava sua crítica história pessoal. Eu tinha acabado de dizer que o irmão de Sandro tinha sido sequestrado pelas Brigadas Vermelhas. Foi uma coisa impulsiva, mas imaginei que talvez pudéssemos conversar sobre isso. Afinal, foi Marvin quem me apresentou a Sandro.

Marvin disse que essa era uma notícia terrível. Deu de ombros e acrescentou alguma coisa sobre pertencer a uma família de destaque e depois citou uma anedota, e de repente pareceu que íamos voltar a falar sobre Marvin, sobre sua história.

— O primeiro emprego que tive foi de pesquisador de estoques de filmes. Fui contratado por um diretor que fazia um trabalho preliminar para um filme. O roteiro pedia cenas de documentários de gente sofrendo mortes violentas. Isto é, gente morrendo de verdade. As caixas de filme onde eu fazia minha pesquisa eram de negativos de noticiários da Pathé do início ao fim. Fui olhando tudo, procurando por mortes violentas. O que encontrei em quantidade muito grande foram execuções, quase todas por pelotões de fuzilamento. Entreguei ao diretor todas as cenas que copiei. O projeto acabou não dando em nada, e o diretor desapareceu da face da Terra, como as pessoas costumam fazer, mudam de nome, tornam-se Hare Krishnas, bebem até morrer, seja o que for. Nunca mais ouvi falar dele, nem teria voltado a pensar nesse homem, mas uma das cenas

que selecionei para ele, segundo a legenda do noticiário, era a execução de um fascista italiano por uma milícia de partidários, e quando conheci Sandro, em 1968 ou 1969, tive um *déjà-vu* com o nome dele. Será que o condenado naquela filmagem também era um Valera? Porque isso seria uma incrível coincidência. No verão de 1974 eu havia voltado ao mesmo arquivo para tentar descobrir. Mas naquele meio-tempo, as coisas mudaram. Antes eles faziam uma impressão geral por um preço fixo. Agora cobravam uma taxa para cada fase do serviço. Eu não estava curioso a ponto de gastar muito dinheiro. Na verdade não tinha nada a ver com Sandro Valera. Era sobre uma coisa específica se tornando filmagem reserva. Eu sempre tive a sensação de que existiam dois mundos. Um em que vivemos, você sabe, só seguindo em frente, futuro, presente e passado, registrado com certa distorção na mente das pessoas, e esse *outro* mundo: arquivos de filmes. Pequenas integralidades de vida, quero dizer, vidas em citações, que representam o que quer tenha acontecido, independente da ocorrência ou não das metragens em estoque. Os cortes podem tornar os resultados ambíguos, mas não importa, sabe. É filmagem reserva. Um arquivo que faz referência à realidade. Como você é um arquivo de referência para tons de pele caucasiana; não importa se você existe ou não. Para o técnico ou o projecionista, você é um índice da existência da mulher, de pele, de tons de pele. O que traz à tona a questão da raça, não endereçada. Você, enquanto você, não tem nada com isso.

Marvin tirava fotos minhas segurando a paleta de cores. Comecei a me sentir como se fosse feita de chumbo, tão pesada que poderia afundar no divã. Se ele tivesse tocado no assunto de Roberto, se da maneira mais fugaz tivesse levantado a possibilidade de Roberto se dar mal, ele teria me ajudado. Mas ele usou o assunto como pretexto para falar apenas de si mesmo.

— Tentei explicar essa ideia sobre os dois mundos para as pessoas que trabalhavam nos arquivos. Uma delas disse: “Se você gosta tanto de estoques de filmagem, qualquer pedaço serve, não é?” E o negócio é que eu tive de concordar com ele. Mesmo que eles só estivessem tentando se livrar de mim. Ele esticou o braço até um contêiner à prova de fogo e pegou um rolo de negativo que tinha

começado a se deteriorar. E me deu de graça, já que ia ser mesmo descartado. E aqui vem o grande lance. Era do... hã... hum. Na verdade, eu não lembro mais. Que engraçado. Simplesmente... desapareceu... puf. Acho que não era tão importante assim para a história. A história era sobre como não importa o que eles acabaram me dando. Também que mortes violentas fazem parte de arquivos de filmes, mesmo se alguém teve de ser morto, quero dizer, originalmente, para gerar a referência. A propósito, você está diferente. Tingiu o cabelo ou algo assim?

No meu caminho de volta para casa, depois do trabalho, encontrei com Giddle na Bowery. Quando percebi, era tarde demais para evitar o encontro.

— Quer tomar um café velho e requentado e me entreter enquanto sou paga e você fica sentada ouvindo minhas histórias? — perguntou ela.

— Não — respondi.

— A gente pode se encontrar mais tarde — falou. Ela ia se instalar no Rudy's para beber alguma coisa depois que terminasse o seu turno.

— Beber daquela forma em que você cria uma selva — explicou — e abre um caminho no meio. Você conhece alguém lá, no âmago da floresta. Vão para casa juntos. Rasgam um caminho um para o outro através da bebida, confusão, infelicidade, tesão.

— Parece divertido — comentei —, mas não, obrigada.

— Aposto que você vai ao vernissage do Ronnie — afirmou ela.

Eu disse que sim. Era naquela noite.

— Você sabe do que se trata, não é? A exposição dele? Fotos de mulheres espancadas.

* * *

Stanley e Gloria iam oferecer um jantar em homenagem a Ronnie depois do vernissage. Quando voltei ao apartamento, Gloria tinha ajudantes que corriam de um lado para outro, empurrando mesas, fazendo arranjos de flores, preparando a comida.

— Que bagunça — comentou ela. — Não é uma boa hora para receber pessoas, mas não posso decepcionar Ronnie. Não vou fazer isso. Mas o momento não poderia ser pior.

Perguntei por quê.

— Mataram o irmão dele — respondeu ela.

Sandro telefonara para eles no início da tarde contando a notícia.

— Ele diz que os dois não eram próximos. Mas está sofrendo muito. Está indo amanhã para Milão. Mas vai ficar apenas alguns dias lá, só para o enterro. E quando voltar, precisamos estar aqui para dar apoiá-lo. Stanley quer ele aqui por perto. Você pode ficar até arranjar um apartamento, mas talvez seja bom arranjar um logo.

Liguei para Sandro mas caiu na secretária eletrônica. Desliguei, incapaz de deixar uma mensagem, e fui me deitar no pequeno quarto de hóspedes, o quarto de Burdmoore, como eu o considerava, com minhas próprias fotos, o branco sobre branco das planícies de sal na parede acima de mim. Fechei os olhos, mas o barulho dos preparativos da festa, a notícia sobre Roberto, a confusão de pensamentos na minha cabeça, me deram a impressão de que eu estava tentando descansar no cruzamento de uma autoestrada. Tentei o número de Sandro mais uma vez e caiu na secretária eletrônica. Saí para dar uma volta. Eu tinha visto um cartaz de ALUGA-SE numa escada de incêndio na Kenmare, perto do meu antigo apartamento.

Quando saí da casa dos Kastle, resolvi ir a pé até o loft de Sandro. Quem mais conhecia Roberto? Só eu. Sandro nunca falava do irmão. Ele ignorava a família, a empresa, de todas as maneiras que podia. Toquei a campainha. Ninguém respondeu. Gloria disse que ele iria ao vernissage de Ronnie. Eu o veria dali a uma hora. Nos falaríamos então.

* * *

Não imaginei que Ronnie usaria as fotos que tinha tirado naquela noite no Rudy's, de Talia Valera e as amigas. Eu deveria ter pensado nisso. Pois foi o que ele fez. A exposição era intitulada *Match Your*

Mood. Talia e as outras mulheres posando para a câmara com os rostos machucados. Tinham se embebedado, e em vez de encontrar um estranho na selvageria escura ao redor delas, acabaram encontrando a si mesmas, aos tapas e socos.

Talia estava um assombro, com o olho roxo e inchado. Olhava de dentro da imagem em preto e branco brilhante com uma expressão de satisfação calma, como se Ronnie tivesse revelado sua natureza profunda ao pedir que fizesse aquilo, se estapeasse, e ela atendera, e olha, ela não tinha medo, estava imperturbável e continuava bonita. Mas ela *era* perturbada, sim; todas eram.

Pensei na *biondina* grávida. A *biondina* a quem mandaram se despir, despojada para a câmara, e qual era a diferença? *Vincenzo ficou com o bebê*.

Ainda não havia sinal de Sandro. Nós íamos conversar diante de uma imagem enorme do rosto surrado de Talia. Ela era apenas uma garota confusa, como dissera Sandro. Roberto estava morto e talvez estivesse na hora de eu voltar para casa.

Helen Hellenberger não quis exhibir o trabalho. Ronnie deixara a galeria e estava sendo representado por Erwin Frame, na Mercer Street, que era a antiga galeria de Sandro. Percorri a exposição com Gloria, que me disse que Helen tinha achado o trabalho muito misógino.

Enquanto conversávamos, Gloria começou a olhar para além de mim. Virei a cabeça. Sandro tinha chegado.

Ele estava com uma mulher muito nova, praticamente uma criança. Devia ter uns dezoito anos. Filha de algum amigo, pensei. Filha de alguém, *mignon* e delicada, uma loura num vestido preto justo, espáduas miúdas como asas de passarinho, uma criança que alguém tinha vestido para aquele evento. Mas estavam de mãos dadas, ela e Sandro. Andando juntos, de mãos dadas, e então ele a abraçou e a beijou na têmpora. Era a garota que estava na reserva. Eu não a tinha reconhecido naquele vestido, a loura da foto no estúdio de Ronnie, que tinha pairado numa caverna de barulho e fumaça com o olhar triste pousado em Ronnie naquela noite no bar, e ninguém a havia notado além de mim.

A partir daquele momento comecei a flutuar, a flutuar mesmo. Me senti leve, esquisita, intocável, pelas pessoas e pelas coisas. As enormes fotos em preto e branco de rostos surrados recuaram e ficaram difusas. Eram grandes demais, como máscaras tribais ou outdoors. A mão de Gloria estava pousada no meu braço mas eu não a sentia realmente, só uma vaga pressão.

— Vamos pegar um pouco de vinho para você.

É melhor eu ir embora, pensei. Ir até o Rudy's e encher a cara com Giddle, que me era tão estranha quanto qualquer uma daquelas pessoas, mas ao menos ela nunca declarou ser nada mais do que isso. Ir lá e me envolver na selva escura e emaranhada, diferente da de Giddle, cada uma de nós tropeçando, adentrando, adentrando.

Eu estava do lado de fora, ponderando sobre o Rudy's, quando Ronnie apareceu.

Tive plena consciência de que era a segunda vez em um mês que ele fazia aquilo. Ir atrás de mim quando eu saía de um lugar sozinha. Mas eu conhecia o jogo dele, demonstrando apenas a quantidade suficiente de interesse para me manter envolvida.

— Você está fugindo do meu vernissage.

— Vá se foder — respondi. Não sabia ao certo de onde tinha vindo aquilo, mas pareceu apropriado.

Ele deu risada.

— Você está mesmo crescendo. Venha só para o jantar. Sandro não vai estar lá.

— Não é por isso que estou indo embora — menti.

— Agora nós dois temos irmãos mortos — falou ele. — Mas ninguém sabe sobre o Tim. Só contei a você. Pode ser a minha acompanhante esta noite. O que acha? — Abriu um sorriso estúpido, mostrando aquele dente quebrado. Ele nunca tinha explicado como aquilo aconteceu. — Ande comigo. É meu jantar e quero que você vá. É minha convidada.

Ronnie segurou minha mão enquanto andávamos, e me perguntei se ele estava fazendo isso para me consolar por Sandro estar de mãos dadas com uma noiva criança, o plano de reserva de Ronnie transferido para Sandro. Será que ela vinha com um título de

propriedade cor-de-rosa? A estranha competição e amizade compartilhada. *Agora nós dois temos irmãos mortos.*

Ele apertou minha mão. Depois apertou mais uma vez.

— Nunca entendi você — falei.

* * *

Como Ronnie havia garantido, Sandro e a garota não foram ao jantar. Imaginei que não tivessem ido por ele estar de luto, mas passou pela minha cabeça que também era por ele querer fazer carinhos na sua acompanhante sem o elemento de censura que era a minha presença. Fazia só dois meses que eu o tinha pego com Talia e partido para Roma, e ele já estava com outra. O que eu ainda considerava uma questão em aberto, a questão entre mim e Sandro, estava encerrada. Eu não me preparara para aquilo. Tinha esquecido que ele estava livre para passar para outra, que iria buscar consolo. Uma nova namorada para ajudar a suportar a tristeza por Roberto. Roberto, com cuja morte eu me sentia relacionada de uma forma que nunca seria capaz de revelar.

A maioria dos Larry que Ronnie tinha achado tão engraçados amontoados no vernissage de John Dagg foi convidada por ele para o jantar. E Saul Oppler, que raramente comparecia a essas coisas. E Didier, baforando sua Gauloise e dando garfadas no peixe que Gloria serviu, seu prato uma mistura de peixe, cinzas e bitucas de cigarro.

Erwin fez um brinde a Ronnie. Galeristas precisavam muito acreditar. Não lhes era permitido o ceticismo que o resto de nós pode nutrir. As fotografias eram mesquinhas e de mau gosto. Eram tão duvidosas quanto um documentário sobre uma garota grávida com febre e sem lugar para se deitar. O diretor de cinema dormindo com ela como meio de lhe oferecer uma cama. E porque as fotos de Ronnie eram obviamente tão de mau gosto, Erwin falou sobre seu bom gosto e seu tato surpreendente, da sua grande *humanidade*, disse Erwin, sua honestidade e inesperada ternura...

Enquanto falava, vistoriava a mesa esperando que concordássemos com o que o próprio Ronnie chamaria de

hagiografia cascadeira.

Brindamos e bebemos.

Ronnie limpou a garganta.

Esperamos em silêncio que ele falasse.

— Quando eu era garoto — começou —, estava brincando numa construção e fui atingido na cabeça por um dormente de trilho de trem. — Olhou ao redor. — Já contei essa história a algum de vocês?

Negamos com a cabeça. O vento entrou pelas janelas abertas do loft dos Kastle, e as velinhas dispostas na mesa escolar comprida bruxulearam e diminuíram de intensidade, como que em antecipação de algo.

— A pancada foi tão forte que esqueci quem eu era. Doze anos de vida se perderam. Fiquei andando por aí com dor de cabeça, zozinho e desorientado por uns dois dias, dormindo em parques públicos, disputando batatas fritas velhas com pombos, me aliviando nos arbustos, bebendo em fontes de praças...

— Ronnie — disse Gloria —, aquela água é *reciclada*. Não se deve beber dessas fontes.

— Pelo amor de Deus — interveio Stanley —, Ronnie acabou de dizer que levou uma pancada na cabeça e *esqueceu quem era*. Que importância tem a água?

— Acabei chegando a uma pequena marina — continuou Ronnie. — Era provável que eu já estivesse passado por lá, mas tudo parecia novo para mim. O mar piscava, cintilava. Uma brisa salina bagunçava meu cabelo. O barulho delicado das ondas batendo nos barcos ancorados na marina parecia uma voz que me chamava. O som do cordame. Das lonas pesadas, desbotadas pelo sol estalando ao vento. O rangido dos nós nas cordas...

— Onde você cresceu, mesmo? — perguntou Didier, cético. Eu também estava cética. Será que ele estava inventando aquilo?

— Em Connecticut. Enfim, era um lugar com uma lógica real. Uma lógica dos sentidos. Estonteante, aliás, e ainda consigo lembrar a cena com detalhes precisos, o brilho dos toldos azuis, os vapores inebriantes da tinta do deque e da aguarrás se vaporizando no ar quente. As algas verdes se acumulavam nos ancoradouros feito nadadores peludos abaixo da linha d'água. Fui tomado por uma

sensação de abertura, de destino em aberto. É fácil dizer isso, claro, pois eu não me lembrava de um único elemento da minha antiga vida, de porra nenhuma. Mas, na verdade — prosseguiu —, eu me lembrava de *uma* coisa: depois que a madeira me atingiu, a única imagem que eu retive, estranhamente, era a de uma mulher enxugando o cabelo com uma toalha de banho. Esfregando com força, recém-saída do chuveiro, com uma toalha cor-de-rosa desbotada, como uma toalha branca que tivesse sido lavada com camisetas vermelhas. Eu só conseguia vê-la de costas, a cabeça abaixada para a frente, com mechas encharcadas da cor de areia molhada. O pescoço. O cabelo molhado revelando o formato da cabeça e algo mais, uma nudez generalizada, embora eu só a conseguisse ver dos ombros para cima enquanto ela enxugava o cabelo.

— Muito edipiano — comentou Gloria. — Deixe-me perguntar: que cor é o cabelo da Sra. Fontaine? E estou me referindo à sua mãe. Não àquela adolescente do Novo México com quem você ficou casado por umas duas semanas.

— Você se casou com uma adolescente do Novo México? — perguntou Stanley, sem disfarçar muito bem a inveja.

Ronnie deu de ombros.

— Ela estava pedindo carona. Não consegui resistir. Ela era tão adorável. Com aquelas franjas que caíam nos olhos. Mas começou a me dar nos nervos. Era como ser um guardião legal, eu tinha que mandar ela comer legumes, vestir um agasalho...

— Ronnie — interrompeu Gloria —, devemos supor que sua mãe tinha um cabelo louro tom de areia?

— Não — respondeu Ronnie. Ele olhava para mim, do outro lado da mesa. — Não, não tinha.

Era um olhar inquiridor, especulativo. Como se estivesse tentando discernir alguma coisa.

Eu tinha tomado um banho naquela noite em que Ronnie dormiu comigo. Enrolei meu cabelo numa toalha cor-de-rosa desbotada, minha toalha Pickwick. Eu me deitei ao lado dele, pensando, tão ingenuamente, que aquele poderia ser o primeiro de muitos momentos com os dedos dele no meu cabelo molhado.

— Andei pela doca examinando cada barco. Os nomes deles, um depois do outro, me pareciam nomes de diferentes vidas que eu poderia escolher. *Me and Mrs. Jones. Loan Shark. Come to Papa.*

Houve risadas. Ronnie esperou pelo silêncio e continuou.

— Havia um barco especialmente bonito. Ele se destacava. Tinha uma cor rica de gemada, um cruzeiro de quinze metros chamado *Reno*.

Então. Ele estava falando comigo do outro lado daquela mesa riscada à faca. Uma história para vinte pessoas com mensagem para uma só. Mas qual era a mensagem? Podia ser que Ronnie me amava? Ou estava usando a nossa história secreta para mais uma brincadeira? Para mais uma camada da piada?

— *Reno* — disse Erwin. — É um nome estranho para um barco. — Disse isso com a confusão de alguém que se preocupa com nomes de barcos.

— Havia um casal mais velho sentado no deque. Fiz sombra nos olhos com a mão e olhei para eles. “Ei, olá” disse o homem. Retribuí o cumprimento. “O vento está simplesmente perfeito”, diz ele. “Estamos nos preparando para sair.” Quis saber para onde. Ele disse que para ver o mundo. Perguntou se eu estava interessado. Achei que estava falando de maneira genérica, e disse que sim. Quer dizer, claro. Perguntou se eu gostava do mar aberto. “Ora, claro que gosto”, respondi, mas o que sabia eu? Eu gostava das palavras *mar* e *aberto*. Até hoje gosto dessas palavras. Ele disse para chamá-lo de Comodoro. Falou que iam zarpar naquela tarde. Perguntei: “Só vocês dois?”, olhando para ele e a esposa, cujo nome a essa altura ele já tinha me dito, mas eu esqueci imediatamente, e logo estávamos todos tão íntimos que era tarde demais para não saber isso. Ninguém nunca a chamava pelo nome. Ele a chamava de “querida” ou “minha esposa”, e todo mundo simplesmente a chamava de mulher do Comodoro. “Só nós dois”, respondeu o Comodoro, “e o nosso primeiro colega, Xerxes, que também cozinha. E talvez você”. Em seguida, ele bateu o cachimbo, daqueles de espuma do mar, e alguma coisa mudou ou se iluminou na minha mente. Eu não sabia então, quer dizer, não poderia ter lembrado, que meu próprio pai fumava cachimbo.

— Hum — observou Didier, aquiescendo. — Deslocamento clássico.

— Talvez. Então ele acende o cachimbo e dá uma baforada — continuou Ronnie — e me diz: “Acho que você vai funcionar perfeitamente para nós. Perfeitamente. Quando o Sr. Sneeks disse que tinha uma vaga de cabineiro para mim, bem, imaginei alguém bastante parecido com você. Pensei em você, e aqui você está”. “E aqui estou eu”, falei, e enquanto dizia aquilo o mundo ficou limpo e ordenado como quase nunca acontece.

Ronnie fez uma pausa, tomou um gole da bebida. Todos ficaram em silêncio, sem saber aonde ele iria chegar. Estavam esperando uma tirada engraçada, como a sobre o Jaguar E-Type de Oppler.

— Nós zarpamos mais tarde naquela mesma tarde. Senti o que só posso definir como uma vibração mística quando perdemos a terra de vista. O Comodoro disse que eu trouxera sorte a bordo, pois os ventos estavam tão bons que nós navegávamos a plenas velas, com ambas as bujarronas abertas em ângulo e cheias de ar, de forma que o iate parecia uma borboleta branca e enorme. O Comodoro explicou que aquela forma de velejar não era apenas rápida como também a mais equilibrada e agradável, pela forma estável com que o barco singrava pelas águas. À noite, Xerxes preparou nosso jantar num fogão portátil, e comemos no deque de popa, sob a luz brilhante e gaseificada de uma lanterna Coleman. O Comodoro e sua esposa falaram sobre suas vidas, e como eu não tinha lembranças nem interesses próprios, fiquei fascinado com suas histórias de isenção de impostos e coquetéis, cotovelo de tenista, casas de férias e filhos rejeitados. Agora, claro, esse tipo de coisa não poderia me interessar menos, embora às vezes seja o dever de um artista ouvir exatamente esses tipos de detalhes e fingir que eles são importantes.

Erwin Frame riu com desconforto, olhando para os dois colecionadores que havia trazido para o jantar, marido e mulher muito educados e elegantes para o centro de Manhattan, o homem com um relógio de platina, seu acessório, cintilando sob o candelabro. A expressão dos colecionadores era vaga e satisfeita, como se já tivessem decidido que aquele artista cujo trabalho

estavam comprando iria entretê-los, e ele estava fazendo isso. O que quer que Ronnie dissesse não faria diferença. Os dois estavam surfando na experiência de um loft da Bowery, um ambiente estranho tanto para o homem como para sua mulher, mas com a farsa de que para o homem aquilo não era estranho. Ele conduziria a esposa. Era o perito. No que dizia respeito ao centro da cidade, a pinturas e ao mercado da arte, a quando rir e assim por diante. “É só seguir as minhas deixas, querida”, instruía sua linguagem corporal à esposa. Os dois contemplavam Ronnie com sorrisos largos.

— Naquela primeira noite, o Comodoro me deu uma aula particular sobre navegação noturna. Mostrou como acender a luz vermelha de bombordo e a luz verde de estibordo. Explicou que era a lei do mar que essas luzes brilhassem até o raiar do dia, para alertar navios sobre a nossa presença. “A lei do mar” era uma expressão que o Comodoro evocava com frequência, e cada vez que dizia aquilo eu sentia sua reverência diante da noção de uma agência maior, uma governança cósmica. Mas depois, e quero dizer muito depois, cheguei a considerar se a lei do mar a que ele se referia na verdade não era do mar mas sim do Comodoro, sua própria lei, ou até mais arbitrária que uma lei, e mais tênue, a fantasia particular do Comodoro. Mas esse abuso, vamos chamar assim, da sua posição, nunca era explícito. Até hoje, sua ética naquela viagem continua sendo um mistério para mim. Naquela primeira noite, ele foi um grande professor. Pegou o sextante e explicou como focar numa estrela fixa, embora eu não tenha entendido o método com precisão, por estar tão envolvido com as sensações do mar noturno. As estrelas se espalhavam brilhantes acima de nós, e também navegávamos sobre elas, que cintilavam na água tão plácidas e reflexivas que o céu refletia a si mesmo de volta, como se estivesse abaixo de nós. Eu ouvia a voz do Comodoro e sentia que estávamos numa cápsula aberta ou num trenó, viajando pelo vasto universo, uma grande esfera salpicada, um ovo negro que rolou em purpurina.

— Que beleza, Ronnie — comentou Gloria. Seu tom de voz insinuava que ele estava inventando aquilo. Esperamos, e Ronnie continuou.

— Aportamos nas Keys, e enquanto o Comodoro jogava golfe, sua esposa me conduziu na compra de um novo guarda-roupa para mim. Ela tinha gostos específicos, a mulher do Comodoro, e um senso metódico de como se deve fazer compras. Eu precisava de um certo número de camisas juvenis de algodão, e suéteres de várias misturas de lã e algodão. Precisava de três calções de banho. Calças de algodão. Um paletó e gravata, para o caso, explicou, de haver uma situação formal em algum porto. Mocassim masculino e um par de lindos sapatos sociais cujo couro era tingido de um preto que parecia xarope de amora. Agora posso dizer que não era um guarda-roupa típico de um cabineiro, mas eu não tinha com o que comparar. Os sapatos sociais haviam sido feitos pelo melhor sapateiro inglês, segundo a esposa do Comodoro. Vieram embalados numa sacola de camurça, com uma lata de graxa e uma calçadeira banhada em prata. Provavelmente acabaram enfeitando os pés de algum indonésio nu ou descansando no fundo do mar. Na verdade eu nunca cheguei a usar aqueles sapatos. Fiquei tão acostumado a andar descalço no barco que qualquer tipo de sapato me parecia muito restritivo.

— Antes de zarpar das Keys, o Comodoro e a mulher pegaram mais um membro para a tripulação, Artemio, que, como ficou claro, desempenharia as verdadeiras tarefas de um cabineiro. Fingi não notar, e parte de mim não notou mesmo. Mas lá no fundo, eu sabia que ele era o cabineiro e o que eu era. Sabia o que eu era, mas também não sabia. Eu era um garoto vazio e inocente que acabou chegando ao *Reno*. Nós continuamos nosso trajeto...

— Mas afinal *o que* você era? — perguntou Stanley, rompendo o código espontâneo que se formara, de que deixaríamos Ronnie contar a história toda antes de tentarmos entender o que significava.

— Vamos lá, Stanley — disse Didier —, deixa ele falar.

— Seguimos viagem para o sul, percorrendo todo o caminho até o Canal do Panamá. O Comodoro ficou entusiasmado em me mostrar nossa transferência pelas comportas e canais. Embora ele tenha ficado zangado quando a polícia da Zona do Canal abordou nossa embarcação. Disse para eu ficar na minha cabine pois eu não tinha documentos nem passaporte. Fiz como ele mandou, e fiquei ouvindo

pela porta fechada da cabine enquanto ele tentava intimidar e enxotar a polícia do barco. Mas a polícia não era tão fácil de enxotar. Disseram que tinham ouvido falar que havia um garoto com ele. “Nós não gostamos de negócios escusos”, disseram, e o Comodoro assegurou a eles que também não gostava; e aí ele fez uma coisa estranha. Perguntou se eles gostariam de ver sua esposa. “Onde ela está?”, quiseram saber. “Dormindo”, respondeu o Comodoro. “Como um bebê.” E aí eu o ouvi passar andando até a cabine dela, e depois dele os passos pesados da polícia, com o peso extra dos revólveres, coldres, cassetetes e rádios. Pelo que consegui entender, o Comodoro abriu o quarto da esposa e deixou a polícia entrar onde ela dormia. O ouvi dizer alguma coisa, e depois ele voltou a fechar a porta, e não ouvi mais som algum. Certo tempo depois, os policiais saíram em silêncio, como se estivessem andando na ponta dos pés.

— A esposa do Comodoro pareceu especialmente radiante no jantar daquela noite, e me disse que a vida era cheia de surpresas, e também que não era cheia de surpresas, e que isso era uma das surpresas, que se podia prever com frequência exatamente como as pessoas iriam se comportar numa dada situação. “O Comodoro e eu fazemos apostas”, contou ela. “Mas a questão é que nunca arriscamos perder nada que não estejamos secretamente interessados em nos livrar de qualquer forma.” O Comodoro olhou para ela e deu uma piscadela maliciosa. Não gostei daquilo. Não sei como soube que era uma piscadela maliciosa, mas relatei isso com a polícia, com suas dragonas e coldres para armas. Por um momento, me perguntei se ela e o Comodoro eram uma influência positiva para mim. Afinal, eu era muito impressionável, sem lembranças ou experiências para me orientar. A mulher do Comodoro pediu para Artemio trazer a sobremesa, um tremulante flã cuja superfície não era plana, como era de se esperar, mas inclinada como uma rampa, pois tinha sido preparado enquanto navegávamos com uma inclinação para estibordo. O momento de dúvida tinha passado. Dei uma colherada no flã torto e não pensei mais sobre o que poderia ter acontecido na cabine da esposa do Comodoro para tornar os passos dos policiais tão leves.

— Eles comeram a mulher — disse Stanley.

— Provavelmente — concordou Ronnie com uma tolerância medida, como se estivesse aborrecido por ter que fazer uma pausa e recompensar Stanley por dizer o óbvio.

— Graças ao Comodoro, àquela altura eu sabia como me orientar pelo sol, e quando nos aproximamos da latitude de zero grau, que confirmei com o sextante do Comodoro e sua delicada assistência, eu me tornei, por meio de um ritual que permanece vago na minha memória, um “shellback” oficial, que é como se é chamado quando se veleja para o sul além do equador. Logo fomos envolvidos pela calmaria. O ar ficou abafado, e não avançávamos muito, mas parecia que ninguém se importava de verdade. O Comodoro e a mulher ficaram sentados embaixo da sombra da lona no deque da popa tomando gin inglês, e às vezes Xerxes arriava as velas e soltava a âncora para eu poder nadar na água morna e plácida. Quando eu subia de volta ao barco, Artemio servia sanduíches, chá gelado e tinha uma toalha seca à minha espera. Gigantescas tartarugas marinhas batiam e rebatiam no casco do iate, amistosas ou letárgicas, densas e pesadas como bolas de boliche. Eu estava dando os restos do meu sanduíche para uma delas quando Artemio deu uma marretada na cabeça do animal. Resultou numa sopa deliciosa.

“Ao passarmos pela Polinésia, encontramos nosso primeiro tempo feio, uma verdadeira tempestade, com grandes ondas, vagalhões, como o Comodoro as chamava, que subiam e tombavam, espumando e quebrando no barco, que era jogado violentamente de um lado para outro. Artemio, Xerxes e o Comodoro tiravam água com baldes feito loucos. A noite chegou e a tempestade continuou. “Todos para o convés!”, gritou o Comodoro, e até a esposa dele começou a baldear. As ondas socavam, golpeavam e balançavam o *Reno*, que estalava e rangia como se fosse se despedaçar. Meu medo era primitivo e desesperado. Perguntei em voz alta o que a gente tinha feito para merecer aquilo. Gritei. O Comodoro me segurou com força e disse que o mar não era contra ou a nosso favor. ‘Ele nem sabe que estamos aqui’, falou. ‘Ele nem sabe.’

“A tempestade passou e navegamos em direção às Ilhas Amigáveis sob um céu tranquilo. Baixamos âncora no ancoradouro a

sota-vento de Puka-Puka e passamos vários dias lá relaxando, nos divertindo. O Comodoro me ensinou tudo sobre mariscos, quais eram os mais saborosos, quais tinham mais proteínas e quais eram mortalmente venenosos. Mergulhei para buscar moluscos, conchas roxas, búzios com sardas cor de chocolate. Cozinhamos na praia e dividimos a refeição com habitantes locais, que nos trouxeram uma bebida chamada *quee-qum*, que fizemos circular numa só casca de coco. Era minha tarefa, como o homem mais jovem, esvaziar a casca do coco e depois gritar “*Maca!*”, que significa acabado, ou vazio, ou mais, por favor. Não me lembro exatamente. Mas me lembro de como gritava “*Maca!*” e todos os nativos davam risada e sorriam, e um deles saía para reabastecer a casca de coco. Também me lembro de que o Comodoro usava uma espécie de cesta especial tecida ao redor da cintura, como um cinto de levantador de peso, não muito diferente do cinto especial tecido que o chefe da tribo local usava. Eu não sabia bem o que significava, se é que significava alguma coisa, mas o Comodoro parecia conhecer aquele povo, e eles o tratavam quase como se fosse uma espécie de rei visitante de uma ilha próxima.

— Seguimos para o sul e para o oeste. Quando chegamos à Melanésia já imersos mergulhados no ritmo da viagem. Iríamos tornar o mundo redondo dando a volta nele. Aí uma manhã acordamos para descobrir que estávamos acumulando água. O *Reno* tinha um vazamento lento. Felizmente tínhamos um transmissor e enviamos um sinal de socorro. Um cruzeiro rebocador errante de uma pequena ilha chamada Kokovoko conseguiu nos localizar. Quando avistamos sua chaminé, baforando contente em nossa direção, já estávamos carregando suprimentos num bote de borracha, no caso de precisarmos abandonar a embarcação. O capitão do rebocador nos aconselhou a ir com ele, para maior segurança, enquanto ele puxava o *Reno*. Foi amistoso e jovial conosco, pelo menos comigo, com o Comodoro, Artemio e Xerxes. Não gostou muito da mulher do Comodoro e chegou até a sugerir que ela ficasse no *Reno*, apesar de já ter dito que era perigoso fazer isso, já que nosso barco estava tecnicamente afundando. Um tempo depois, quando trabalhei num rebocador no porto de Nova York, o

capitão não deixava a própria filha entrar no barco. Disse que dava má sorte. Deixava a filha amarrada nas docas com sanduíches e umas latas de cerveja. Bonita a garota, mas com um ar meio gasto, apesar de ter doze anos. Uma vez vi a menina no Magoo's, já crescida e bêbada de cair. Ela derrubou o drinque, catou o copo e enfiou a mão entre os cacos de vidro para pegar a cereja do fundo. Pôs a fruta na boca e comeu. Falei: “Ei, ei, conheço você. Você é a filha do capitão do rebocador, não é?” Sabem o que ela me disse? “Vai tomar no cu”, e se afastou. Dá para acreditar? Enfim, o capitão de Kokovoko acabou deixando que a mulher do Comodoro viajassem a bordo do rebocador se fosse bem na parte traseira do barco. O capitão do rebocador queria que ela pusesse um saco de estopa na cabeça porque disse que se ela olhasse a arrebentação os deuses da água ficariam furiosos e nos arrastariam para a morte. O Comodoro acabou convencendo o capitão do rebocador a deixar que a esposa dele viajassem sem nada na cabeça, mas permanecendo na popa e com os olhos sempre na esteira do barco. A esposa do Comodoro ficou chateada com isso, e na verdade todos nós estávamos bem irritados com ela também, por perturbar o fluxo do nosso resgate. Senti o encanto mágico entre nós começar a evaporar só um pouquinho.

“Naquela noite, numa cabana de palha na ilha de Kokovoko, acordei assustado. Me sentia desorientado na cabana escura e tive que lutar para lembrar onde estava. Ouvi o rangido e o farfalhar das frondes das palmeiras, o metrônomo leve e chacoalhante do mar. Imagens da minha antiga vida começaram a pulular, uma a uma, surgindo como a crista repentina de uma onda quebrando. Eu sabia quem eu era quando fui ferido na construção: Ronald Franklyn Fontaine, da Castle Peak Drive 1331. Filho de Lee Anne Fontaine, dona de casa, e Fred Fontaine, vendedor da Chevrolet, e irmão mais velho de Tim Fontaine, que ainda não o tinha feito, mas no futuro roubaria diversos bancos e um carro-forte da Brink's.

“O Comodoro sempre falava sobre a consciência de velejar, e como muitas noites ele tinha acordado, de repente, tendo percebido em algum lugar nas profundezas do sono que o ritmo da água batendo na proa era diferente do que deveria ser. Ele se levantava e

descobria que o barco tinha desviado do curso. Tive uma sensação parecida, deitado ali no escuro: o ritmo do Comodoro e de sua mulher era tranquilizante e sedutor, mas errado. Era o ritmo errado. Mesmo assim, lamentei muito. Porque não era uma vida ruim, essa nova, ainda que pudesse ter sido mais digno ter continuado como um cabineiro com salário adequado, ou ao menos ter resistido aos pedidos do Comodoro, quando ceder me dava uma sensação ruim.”

Didier deu uma risadinha. Não me pareceu engraçado, mesmo se Ronnie estivesse inventando aquilo.

— É exatamente esse tipo de coisa — falou Ronnie, apontando para Didier com o queixo — que associo ao Comodoro. Um sorrisinho. Uma alegria abafada. Ele disse que tudo o que queria que eu fizesse, ou que fazia comigo, era para o meu bem, mas em geral parecia mais para o bem dele. Se era para o meu bem, por que ele disfarçava sua alegria? Será que eu era uma espécie de escravo?, me perguntei de repente, deitado na escuridão entre eles dois. Toda existência é escravidão de uma forma ou de outra, certo? Quem não é escravo? E fosse qual fosse a dignidade que eu sacrificava ao aceitar os presentes deles, ao fazer o que eles pediam, ainda assim eu estava navegando pelo mundo apenas com a menor das preocupações: a água estava um pouco fria demais para nadar naquela manhã, e onde guardavam os Band-Aids, pois eu tinha cortado o pé num pedaço de coral.

“Eu ouvia Artemio roncando baixinho do seu lugar no chão, ali na nossa cabana, caso um de nós precisasse de um copo d’água no meio da noite. Será que eu tinha de rejeitar aquela nova vida só porque havia outra coisa antes dela? Eu não tinha tarefas nem deveres de casa. Nadava sempre que queria, e de vez em quando explorava um novo porto de chegada, com a moeda corrente do país enfiada nos meus bolsos pelo Comodoro e também pela sua esposa, cada um deles parecendo acreditar que só eles se deleitavam me mimando. Será que eu queria navegar pelo mundo, explorar ilhas remotas? Ou queria aparar a grama do jardim na frente de casa, bater punheta diante da ilustração da moça no manual do aspirador de pó Hoover, e às vezes apanhar do cinto de couro do meu pai? Obviamente essas eram duas realidades distintas. Eu só podia

escolher entre elas. E ainda assim eu tinha uma esmagadora sensação de que só havia uma escolha certa. E, portanto, eu não tinha realmente uma escolha, porque precisava escolher corretamente.

“Os nativos estavam vedando o *Reno*. Quando estivesse pronto, nós seguiríamos para o Mar de Coral e depois para as ilhas Cocos. Quem sabia o que o destino tinha preparado para nós. Eu não olhava para eles. Não conseguia me livrar da sensação de que tinha desviado do meu caminho quando escolhi o *Reno* dentre os iates que entraram no meu campo de visão naquele dia. Eu não podia mais ignorar minha antiga vida. Com suas brutalidades chatas e cinzentas, eu sabia que era a vida real, minha vida real. Tinha perdido o ponto de apoio da minha nova vida, com o Comodoro e sua esposa. Eu não entendia mais nada. Deitado na cabana escura naquela noite, uma noite interminável, uma noite de grande confusão, o Comodoro fungava durante o sono e encostava o nariz perto de mim. Sentia seu hálito úmido no meu ombro, em dois pequenos fluxos saindo de suas narinas. A mulher dele também se mexia, virando o rosto na minha direção. Os dois respiravam em cima de mim de forma assimétrica, como se fosse seu dever me refrescar enquanto dormiam. De repente eu entrei em pânico. Quem são essas pessoas?, conjecturei. *E por que elas estão nuas?*”

Todos devíamos ter rido. Porque, mesmo que não fosse verdade, com certeza era engraçado. Mas nenhum de nós riu. Lá fora a chuva começou a cair, mas suavemente. O ar mais fresco entrou pelas grandes janelas abertas do loft, e ouvia-se o som de pneus molhados na Bowery.

— Eu me levantei e saí da cabana sem acordar os dois. A rebentação batia como um coração. Andei descalço por um caminho de terra até encontrar uma cabana maior com conchas cerimoniais penduradas na porta da frente. O chefe da tribo local. Bati na porta e expliquei minha situação o melhor que pude. Fomos andando até o quartel-general da cidade, onde havia um telégrafo, e telegrafei para os meus pais.

— Enquanto esperava minha mãe e meu pai chegarem, fingi que estava tudo normal. Nadava de olhos abertos no recife de coral, que

ondulava e adejava no leito do mar, carnudo e branco como uma arraia. Comi lagostas e caranguejos, lula e fruta-pão. Ficava na cabana ouvindo a rebentação, sonhando com tarefas para pedir a Artemio, pois minhas horas tendo um serviçal ao meu dispor estavam chegando ao fim. E aqui eu poderia começar a inventar e vocês poderiam não perceber, nem mesmo Stanley e seu detector de mentiras. Eu poderia lhes dizer, por exemplo, que o Comodoro e a mulher morreram em circunstâncias misteriosas, e levar vocês a acreditar que foi pelas minhas mãos inocentes de garoto que os dois morreram, e poderia até declarar minhas razões para ter assassinado os dois de forma que deixaria vocês satisfeitos, na verdade, mais do que satisfeitos, por eu ter feito a coisa certa e o Comodoro e a mulher terem tido um fim adequado. Mesmo que vocês não se convencessem da culpa deles, ou não acreditassem num eixo moral tão grosseiro como culpa e inocência. Mesmo assim, seus julgamentos estariam baseados num simples fato com que todos podemos concordar: que a própria ideia do mar e de marinheiros *em si* sugere a noção de assassinato. O que é velejar, afinal, senão uma forma extrema de criminalidade? Não matei os dois. Como já disse, estou informando a vocês que eu poderia começar a inventar. Mas mesmo que eu os tivesse matado, vocês não se sentiriam solidários com o Comodoro e suas roupas chiques e suspeitas, sua esposa, lasciva e calculista, chamando os macacos bêbados e obscenos em cima dela nas árvores, exibindo os ânus vermelhos e inchados enquanto ela abria as pernas para o chefe tribal de Kokovoko, que levanta o vestido dela com uma das mãos e agarrava, com a outra, um falo esculpido em...

— Argh — disse Gloria. Nada mais. Só “argh”, mas Ronnie entendeu a mensagem.

— Tudo bem, tudo bem. Voltando aos fatos, meus pais vieram e me levaram para casa, fim da história. Retomei minha antiga vida, cereal e cueca, cola de aeromodelo, aparar a grama. A sensação de flanela macia e brim áspero, pilhas de folhas farfalhantes e gibis folheados. Nosso cachorro, Ansich, e o nosso gato, Fürsich. Tudo estava normal outra vez, com a exceção de que eu sofria de dores de cabeça ocasionais. E quando girava o botão do meu rádio de

ondas curtas, sintonizando algum programa tarde da noite embaixo das cobertas, a hora de notícias de Tongan ou música de Sumatra, eu fechava os olhos e navegava pelo equador, como se estivesse vivendo minha própria vida perdida.

“Então, alguns anos atrás, eu estava instalando uma obra de arte na galeria de Helen Hellenberger e uma senhora entra lá. Põe as duas mãos envelhecidas nas minhas faces. ‘Julian, Julian, é você!’, ela grita. ‘Encontrei você depois de todos esses anos!’ Aparentemente, durante o tempo que passamos no barco, eles tinham me dado o nome de seu filho morto.”

— Barra pesada — comentou Gloria.

— Ou acho que ele simplesmente estava morto para os dois, deserdado ou coisa assim, talvez por ser gay. Não me lembro direito. Fomos juntos a um restaurante e durante o almoço ela me forneceu detalhes da nossa breve vida no mar. Eu tinha esquecido boa parte daquilo, no interesse de me reconectar com minha família. Ela tinha até uma foto minha na carteira. Eu parecia comigo mesmo, mas descalço e bronzeado, num calção desfiado. E também, o que é o mais estranho: eu usava um colete de couro de quatro pontas no peito.

Saul Oppler falou:

— Isso é uma mistura de Robert Louis Stevenson com Tom da Finlândia. Eu nunca teria imaginado tal coisa, Ronnie.

Ronnie ou fingiu não ouvir ou não se interessou em responder.

— Perguntei sobre o colete — continuou —, e ela alegou que era uma medida de segurança, caso eu caísse do barco. Uma lembrança, uma sensação opressora de couro molhado na minha pele nua me voltou à cabeça, mas eu não sabia se ela estava me dizendo a verdade. Na foto, ela e o Comodoro não usavam coletes. “Você era menor de idade”, ela explicou, “nós éramos responsáveis por você.” Restam muitas perguntas sem respostas. Quando fecho os olhos vejo uma água azul e elétrica ou velas enfunadas de vento, sinto uma insinuação de prazer solar, ou vejo algo mais, noites passadas com o Comodoro e sua esposa, lições que acabaram se transformando em algo que não consigo lembrar. Mas talvez eu esteja inventando essa parte.

— *Essa parte?* — perguntou Stanley. — E não a porra da história inteira?

— Eles ainda me mandam cartões de Natal todos os anos, aqueles cartões que se compram em lojas de produtos fotográficos, com um ramo de azevinho impresso na borda branca do papel. É estranho. Eles nunca envelhecem nas fotos. Acho que na verdade eles mandam a mesma foto todo Natal, mas reimpressa com o ano atualizado.

— Que coisa bizarra — disse Gloria. — Que coisa estranha de se fazer. Mandar a *mesma* foto de Natal todo os anos.

— Você acha *isso* bizarro? — perguntou Stanley. — E quanto ao fato de Ronnie ter estado na cama com duas pessoas nuas, pelo amor de Deus, viajando num iate ao redor do mundo como filho adotivo?

— Mas isso parece *exatamente* o tipo de coisa que Ronnie faria — falou Gloria, levantando-se para começar a recolher os pratos do jantar.

Eu precisava falar com ele. Era assim que me sentia enquanto comíamos a sobremesa, e então o assunto mudou, Didier espetando seu cigarro apagado no meio de uma trufa de chocolate não comida e ouvindo atentamente ao que Stanley dizia sobre o velho índio vestindo pele franjada de veado passando de canoa pelos poços de petróleo naquele anúncio de serviço de utilidade pública na televisão, que termina com o índio vertendo uma única lágrima quando jogam lixo na sua cabeça da janela de um automóvel.

— Iron Eyes Cody — disse Ronnie. — Na verdade ele é siciliano, mas o anúncio é bom, esse descaso pelo mundo dos que jogam lixo no chão. E o lixo nem está dentro de um saco. É lixo de verdade, detritos esmagados que acabam rolando até os pés do velho cacique. A mensagem é clara.

— E qual é a mensagem? — perguntou Stanley.

— Quem joga lixo é responsável pelo genocídio dos índios americanos.

Ronnie foi o último a ir embora naquela noite. Eu andei com ele até lá fora, disse que precisava verificar se tinha trancado a Moto Valera.

— Ainda pretendo trabalhar um pouco, mas você quer dar uma passada lá em casa? — perguntou ele. — Me fazer companhia, como dizem?

Nas paredes do estúdio dele havia imagens e artigos recortados de uma revista chamada *Boy's Life*, tudo sobre velejar e o que fazer se o barco virar.

*Não abandone o seu barco! Você pode flutuar
por tempo suficiente para alguém ir resgatá-lo.*

Um balde vazio pode funcionar como um dispositivo de flutuação.

*Tire as calças e sopre ar nelas.
Amarre as pernas e a cintura.*

Numa das paredes mais distantes havia uma folha de papel de embrulho com uma longa lista de frases. Eram títulos, explicou Ronnie.

— Para quê?

— Para minha autobiografia — respondeu ele.

— Por que você inventa? — perguntei, examinando a lista de títulos. — Inventa e conta mentiras?

— Não são mentiras — contestou ele. — São uma forma de discrição.

Ele estava organizando sua mesa de trabalho, empilhando algumas coisas.

— Ronnie — falei —, o que você estava tentando me dizer esta noite?

— Eu não estava tentando lhe dizer nada. Era só uma história. Para entreter aqueles endinheirados que Erwin levou para o jantar.

— A mulher enxugando o cabelo com a toalha. Ela... poderia ser eu e você sabe disso. Diga a verdade.

— Poderia ser você, sim. E daí? Você acha que quer ficar comigo? Agir impulsionado por um desejo que teve muito tempo atrás, que nós dois tivemos?

Mordi o lábio.

— Escute — começou a dizer, afagando meu cabelo. Sua expressão mostrava algo semelhante à pena. — Não tenho problema com carregar uma pequena curiosidade sobre como seria dormir com você outra vez. Sobre ir além disso, está bem? Está bem? Sobre olhar para a sua cara de caixa de bolo e seus dentes fodidos, que, francamente, deixam você ainda mais bonita. Sobre algum tipo de projeto de realmente conhecer você. Porque honestamente não acho que você se conhece. E é por isso que você ama babacas egocêntricos. Mas vou dizer uma coisa sobre nós dois, sobre eu e sobre você, e o que acontece quando dois indivíduos resolvem viver um tipo de vida juntos. Uma delas acaba ficando curiosa a respeito de alguma outra coisa, de alguma outra pessoa. E como é que você fica nisso?

Meu coração martelava. Senti uma dor de tristeza se espalhando por mim, chegando à ponta dos meus dedos.

— Você quer um outro Sandro, e eu posso simplesmente transar com quem eu quiser, me manter entretido? Porque não era só para Talia que ele estava se oferecendo. Nem só para Giddle, tampouco, que, bem... sabe, Giddle é como um móvel, necessário porém totalmente insignificante, algo sobre que se deitar de vez em quando. E não era apenas Gloria, que tem sido a sobra de Sandro há pelo menos uma década, colhida e descartada quando ele quer. Aliás, puxa. Cite uma mulher que você conheceu através do Sandro, ou que ele conheceu através de você, e vai descobrir que...

— Pare com isso — falei, lágrimas correndo pelo rosto. — Pare. Por que está fazendo isso?

— Para lhe mostrar como a verdade é inútil — respondeu ele.

17. COMBINANDO COM MEU ESTADO DE ESPÍRITO: A VIDA DE RONNIE FONTAINE

Mesa para Dois para Um: Uma Autobiografia

O Outro lado da Ternura: Uma vida

Casado porém à Procura: Minha História

Manipulado: Uma Autobiografia

Quem Comeu todas as Xoxotas? A Jornada de um Homem

Fogo Amigo: Minhas Provações e Meus Triunfos

Batata numa Máscara de Esqui: A Verdadeira História Não Contada

Levaram a Bebida mas Deixaram a Garota: Minha Vida

Visão Parcial, Obstruída: Memórias

Terceiro Lugar (Vitória é uma Palavra de Sete Letras)

Hambúrguer no Paraíso: Minhas Aventuras

Barras e Listras: Cumprindo Pena

Cebolas Verdes: Escapando com Vida

Será que um Irmão Pode Ganhar uma Dança no Balcão? Minha Vida, Sem Censura

Ainda Apaixonado: Uma Confissão

Patente Pendente: Meu Vir a Ser

Rico Demais para ser Perturbado (A Vida de Sandro Valera, segundo Ronnie Fontaine)

Suicídio por um Policial: O Caminho Não Trilhado

Bebidas e Roupas: Marcando o Tempo com Cerveja e Lavanderia

Como Rezar e Obter Resultados: Os Diários de Ronnie Fontaine

Eu Vivi (Ele Morreu)

Você Está Ensopado: Meus Segredos

18. ATRÁS DA PORTA VERDE

Eu estava sozinha outra vez, como quando cheguei a Nova York, mas era uma solidão diferente. Coisas tinham acontecido. Eu havia caminhado sob plátanos com Sandro nos jardins da Villa Valera em Bellagio. Tinha tentado mastigar pão intragável debaixo de um afresco de papas se afogando. Descobrira o que era ser atacada com gás lacrimogênio. Fora atraída por três homens diferentes, Ronnie, Sandro e Gianni, e uma mulher, Giddle, e a sensação era de que eu não sabia nada sobre nenhum deles. Tinha uma motocicleta. Percorria a cidade inteira nela. Não era só um meio de transporte, era um estilo de vida. Era uma garota numa motocicleta. E finalmente descobri o que havia atrás da porta verde.

* * *

Em uma nublada tarde de julho, quando o calor e a umidade se tornaram insuportáveis na minha quitinete em Kenmare, enchi meu tanque no posto de gasolina Gulf na Lafayette sob um céu baixo e pesado e rumei para o norte, sem olhar para as janelas do Trust E Coffee Shop, um lugar que agora eu evitava. Eu não odiava Giddle por ter dormido com Sandro. Era mais uma performance, uma performance de traição. Não dá para odiar alguém que vê o mundo de forma tão diferente. E eu sabia que ela devia sofrer. Nunca tinha conhecido ninguém tão solitária como Giddle. Realmente sozinha, sem plateia para o que ela fazia, pois era muito parecido com a vida, e sem amigos de verdade, pois eram meramente espectadores para sua performance.

Na 23rd Street, viajando para o oeste, grandes lufadas úmidas sopravam a motocicleta. Num sinal de trânsito, raios relampejaram, o céu da cidade acendendo e apagando. Pedestres se dispersaram

enquanto o trovão ribombava. Segui para o norte pela Sixth, e a cada sinal me perguntava se devia virar para o sul, voltar para casa, e evitar a chuvarada. Continuei seguindo para o norte.

Na 42nd Street, segui para o oeste em direção às cores alaranjadas da Times Square, tão brilhantes no fundo azul-chumbo das nuvens de tempestade. Houve outro clarão, um rugido distante. Gotas começaram a cair.

Estacionei a Moto Valera no acostamento, pensando em encontrar um lugar para esperar. Empurrei a moto sobre seu descanso central, tirei a chave da ignição, e lá estava eu, embaixo do rosto da modelo de sabão em pó.

Atrás da Porta Verde

Olhei para ela e para o velho bilheteiro, os horários dos filmes. A próxima sessão era em vinte minutos. Troquei dois dólares por uma entrada.

Ninguém compra pipoca para assistir a um filme pornô. Eles nem vendem. Passei pelas cortinas da entrada e me deparei com o que parecia um cinema normal, poltronas de vinil vermelho, o chão meio inclinado, uma tela manchada, menor do que eu esperava. Pouca gente na plateia, todos homens, todos com uma camada de segurança de cadeiras vazias ao redor. Uns poucos olharam para mim, farfalharam sacos de papel, o que pessoas solitárias por alguma razão precisavam fazer no cinema, farfalhar sacos de papel, independentemente do gênero do filme, uma ópera chinesa ou um proibido para menores.

Sentei próximo ao corredor na última fila, perto da saída.

* * *

No começo, um caminhão, um bar para caminhoneiros na beira de uma estrada. Uma mulher que poderia ser Giddle, uniforme cinza com avental de amarrar atrás. Mas, diferente de Giddle, que era, em essência, uma cripto-boêmia servindo café, essa mulher era apenas

uma garçonete sem expressão, sem ironia. *Essa* mulher, pensei, era o que Giddle interpretava. Por alguma razão não me ocorreu que aquela garçonete do filme era ainda mais atriz do que Giddle. Ela *estava* interpretando. Num *filme*.

As vozes típicas de programas da televisão diurna dos atores pornô.

Um homem com roupas esportivas, sapatos brancos e meias amarelas, dizendo: Creme de leite, borscht, arenque, frango e bananas. Dá um tempo. Creme de leite, borscht, arenque, frango...

Corta para a modelo de sabão em pó dirigindo um Porsche 356 subindo uma sinuosa estrada na montanha. Sem um clandestino duvidoso, um Gianni. Estava sozinha. Com um chapéu de esqui, trocando marchas em curvas fechadas. Sorrindo, reservada, solitária, com seu gracioso gorro juvenil de lã, vermelho como o carro.

Essas coisas estavam atrás da porta verde.

Regras e códigos.

Smokings brancos de Lycra sem braguilha. De alguma forma sem ser engraçado, sem a intenção de ser engraçado.

Gente gorda mascarada num baile a fantasia. Pessoas mascaradas parecem acreditar que estão escondidas, como um bebê cobrindo o rosto.

— Quando o bebê Kotch tapava os próprios olhos — Nadine tinha me contado —, o pequenino achava que tinha desaparecido pra todo mundo. *Onde está Kotch?*

As pessoas gordas na tela do cinema se comportavam como se estivessem escondidas, recostadas nas poltronas com a postura inconsciente dos observadores, as mãos abrindo os zíperes e puxando as próprias saias, mexendo-se nas cadeiras para obter o máximo acesso a si mesmas. Movimentos eficientes com a mão.

O que os masturbadores mascarados assistiam atrás da porta:

Sexo ao vivo, a modelo de sabão em pó e um homem com uma maquiagem tribal. Ela e o homem parecem profundamente absortos no momento, mas também hiper-alertas a como estão parecendo absortos no momento. Havia algo de estoico nos dois, um sentimento partilhado de que o sexo era milagroso, que era uma coisa estranha e incrível que as pessoas faziam umas com as outras,

que nunca perdia sua estranheza, sua emoção. Eles tinham aquela reverência, ela e o homem com a maquiagem tribal. Que permaneceu, mesmo quando o sexo se tornou pura repetição, deslizamento, dureza, suavidade e solavancos, os rostos próximos, as miçangas dele balançando, os voyeurs mascarados que os rodeavam, os pequenos movimentos obscenos das mãos, movimentos *locais*, e nós, os voyeurs da Times Square, no cinema, e quem sabia o que os homens espalhados pela plateia ao meu redor estavam aprontando, seus próprios movimentos locais, e depois a tela escureceu.

Sacos de papel farfalhando. Alguém gritando: *Ei. Ei.*

Poucos minutos depois o filme recomeçou, o som ressurgindo, e quase imediatamente apagou mais uma vez. Nada de imagem, só o zumbido de inseto do projetor.

A luz de um lanterninha projetou-se no corredor, a voz perto de mim, íntima no escuro, vibrando sem eco nas paredes forradas.

— A sessão acabou. Guardem suas entradas. Estamos com falta de energia. Saiam devagar e com calma.

Saí tateando pelo corredor inclinado e passei pela cortina para chegar aonde esperava haver luz, mas era só mais escuridão. Os homens que tinham estacionado longe uns dos outros no cinema agora estavam amontoados, procurando a saída. As emergências aproximam as pessoas. O cinema pornô não era um lugar para isso. Os homens se dispersaram como ratos, fugindo pelas portas do cinema na escuridão.

Não havia luzes piscando na Times Square, não havia o horizonte de janelas iluminadas gradeadas e bruxuleantes, nem cartazes incandescentes, nenhum piscar sedoso de LEDs.

Uma meia-lua oval brilhava acima, branca e lustrosa, as marquises opacas de plástico branco dos cinemas visível sob sua luz.

Pessoas lotavam a calçada. Estava densa com o calor que emanavam, reunidos em grandes grupos, mas falando em voz baixa.

Táxis e caminhões passavam lentamente e não usavam as buzinas. Nenhum carro buzina. O tráfego percorria a Times Square em dúvida e com cautela. Buzinas eram o oposto, moralismo atrás do volante.

Os veículos que passavam pela Times Square eram a única fonte de luz, com exceção das prostitutas que tinham lanternas, que elas giravam, chamando da soleira das portas: No escuro é melhor.

Está assim em toda parte, alguém disse. A brasa do cigarro ziguezagueando enquanto falava.

Foi um relâmpago.

O murmúrio de um transistor. Espera, estou sintonizando.

Merda. Achei que os russos tinham atacado.

Andei pela multidão, atravessando a rua até minha motocicleta. Uma mulher esbarrou em mim. Senti, mas não a vi, o corpo passando, e quando olhei outra vez só vi um par de shorts brancos curtos. Uma mulher negra cujo corpo se misturou à escuridão, os shorts bem curtos até o quadril e sem corpo, a abertura para as pernas larga como rigatoni.

Eu poderia ter ficado ali olhando e decidindo por horas. Não havia uma cidade ativa para me conduzir, as lojas, a massa de pedestres e as luzes de tráfego emitindo seus sinais profundos sobre o que fazer, onde ir, quem e o que ver, o que comprar, como se sentir, o que pensar. Todo o fluxo e a força enquanto cidade tinham sido suspensos. Pessoas na calçada conversavam em voz baixa como se a escuridão requisitasse um novo nível de descrição. Algumas das conversas eram sobre o momento, o apagão, mas a maioria era apenas sobre a vida.

Ela já se comprometeu.

O que aprendi é que sou o meu pior inimigo.

Bem, eu tentei escrever uma carta para ela.

Dei partida na moto, liguei o farol, tolamente surpresa por um momento que estivesse funcionando, como se todas as unidades de energia estivessem diretamente ligadas à rede da cidade.

Saí da calçada e me juntei ao tímido tráfego que se arrastava no sul da Sétima. Éramos como aqueles veículos que rodam no fundo do mar, abrindo caminho com seus faróis no escuro profundo. Todo mundo dirigia devagar, com hesitação. Um fantasmagórico eco de sirenes, ficando cada vez mais alto à medida que eu me dirigia para o sul.

Na Union Square, mulheres saíam com carrinhos de compra da Mays, vários carrinhos engatados e cheios de mercadorias, as rodas de metal matraqueando como dinheiro despejado enquanto rodavam pela rua.

— Feliz Natal, filhos da puta! — gritou um homem. Depois gritou outra vez. — Feliz Natal, filhos da puta!

— Lençóis de cetim — disse uma mulher para outra. — Eu sempre quis ter um.

Lençóis de cetim, uma fantasia elaborada para os pobres. Os ricos dormiam em algodão, seco ao sol, passado e limpo como os da vila dos Valera.

Eu estava na 14th, indo bem devagar, quando comecei a ouvir o som de portas de aço sendo forçadas. Vidros quebrados. Era a loja Thom McAn. Pessoas empilhando caixas e mais caixas de tênis Jox na calçada, tênis novos em folha transbordando das caixas, brilhando no escuro. Não se podia ir de A até B em Nova York sem ver um anúncio da Jox ou seu desdobramento, alguém os usando.

Ouvi a pulsação curta de uma sirene de polícia, mas havia algo de impotente naquilo, naquela única pulsação isolada.

O tráfego estava quase parado. Eu poderia passar entre os carros, mas não tinha que chegar em lugar algum. Um grupo de pessoas arrastava araras de roupas para fora da *Says Who?* Loja de moda plus-size. Mais adiante no quarteirão, dois homens saíram de uma vitrine quebrada da Orange Julius, cada um segurando um lado de um espremedor de frutas industrial. Carregaram aquilo com dificuldade pela calçada antes de entrarem numa loja de penhores.

COMPRAMOS OURO EM QUAISQUER CONDIÇÕES

As pessoas sabiam o que estavam fazendo. Era como se tivessem esperado que as luzes se apagassem.

Era preciso acreditar no sistema, pensei, para achar que era errado pegar coisas sem pagar por elas. Era preciso acreditar num sistema que dizia que você pode comprar coisas se trabalhar, se estiver empregado, ou se simplesmente nascer com sorte, nascer rico.

A cidade estava no processo de ser pilhada. Cadeias de lojas e lojas simples que os proprietários, famílias, tentavam defender com tacos de beisebol, chaves de roda, espingardas. Pessoas diziam que era desprezível que os saqueadores se voltassem contra gente do povo, visando os honestos negócios do bairro, já em dificuldade. Seus próprios negócios. Mas eles não estavam entendendo. Não fazia diferença se os saqueadores atacassem uma grande joalheria ou uma loja local. Era uma confusão esperar que distinguissem lojas específicas como inimigas e outras como amigas. Compramos ouro em quaisquer condições.

Saquear não era roubar, ou comprar de outro jeito. Era uma declaração, uma declaração que eu entendia, observando o espremedor de frutas sair pela vitrine: o sistema estava em modo “desligado”. E, em modo “desligado”, não havia propriedade privada, nenhuma diferença entre o Burger King e a Loja de Consertos de Televisão do Alvin. Tudo que antes ficava atrás de aço e vidro estava pronto para ser colhido.

O Jox é leve. Feito para velocidade.

* * *

Estacionei a moto em frente ao meu prédio na Kenmare. Os italianos estavam todos do lado de fora, jogando dominó, bebendo e ouvindo as notícias no rádio a todo volume.

O locutor dizia que estava recebendo relatos dos cinco distritos. As autoridades no comando diziam que o vandalismo e os saques estavam tão dispersos que elas simplesmente não podiam impedir crimes individuais.

Ouvintes telefonavam para informar distúrbios no Harlem, no Bronx, em Bed-Stuy e em Crown Heights.

— Bushwick está sendo destruído — dizia um dos ouvintes — por crioulos e chicanos.

— O sujeito morreu sob custódia e esses animais enlouquecem, destruindo tudo na Broadway, mas ele estava roubando uma loja de bebida...

Os velhos italianos jogando dominó deram sua opinião:

— Eles não *sabem* como ele morreu. Provavelmente estava drogado.

Deixei a moto Valera acorrentada onde meus vizinhos preconceituosos podiam vigiá-la. Não aconteceriam saques em Little Italy, uma fortaleza autogovernada, armada e punitiva.

Eu queria caminhar. Era uma noite para estar na rua, onde todo mundo estava, ouvindo o rádio, trocando histórias, deslumbrados com a rara escuridão — natural, mas não para uma cidade grande. Atravessei a Kenmare e fui até a Mulberry, que ainda me trazia lembranças da minha chegada a Nova York, dois anos atrás, quando ver uma mulher esmagando uma barata com o chinelo ainda era uma empolgante novidade urbana. Todas as sensações de Nova York, o calor, as bombinhas, a mortalha de umidade cobrindo as coisas e as pessoas, até o cheiro de sangue de galinha no saguão representavam possibilidades naquela época.

Na esquina da Spring com a Mulberry, perto do parquinho onde eu costumava ficar, vi Henri-Jean. Era a toca dele, seu quadrilátero. Mas ele não estava no parque. Estava em pé na rua, comandando o tráfego, usando seu bastão listrado como semáforo, acenando e gesticulando com um entusiasmo dramático para os automóveis. Sorria e dirigia as pessoas como se fosse um cuidadoso guarda de trânsito que se voluntariava para colocar todo mundo no devido lugar, o anfitrião e comissário oficial da Mulberry com a Spring. Ali fazia o tipo que ganhava a vida durante um apagão, daqueles que usam a suspensão da vida normal para finalmente se transformar no que eram de verdade.

Andei para o leste pela Houston Street. Havia labaredas brilhantes nos telhados escuros à minha frente. Ouvi sirenes. As buzinas estridentes de veículos de emergência. Eles passaram, em direção às labaredas, um prédio em chamas queimando lá perto do rio. Quando cheguei na Primeira Avenida havia pequenas fogueiras na rua, de latas de lixo derrubadas e roladas pela esquina.

Passei por um pequeno playground onde um grupo de pessoas, na maioria crianças — garotos, uns mais velhos, outros menos — empunhavam marretas. Estavam quebrando o concreto e recolhendo

os pedaços que ricocheteavam, guardando nacos pesados nas mochilas ou em sacolas de compras de plástico. Um dos garotos tinha um alicate e o usava para cortar as correntes sem bancos que pendiam da estrutura do balanço no pequeno playground. Cada vez que eu passava por aquele playground a caminho de visitar Giddle, que morava ali perto, notava aquelas correntes penduradas, inúteis, sem o banco do balanço. O garoto ia dar uma utilidade àquelas correntes. Enrolou uma na mão livre, com uma ponta solta balouçante. Outro garoto pegou o alicate e começou a cortar pedaços da cerca de arame que isolava o playground. Outros garotos o ajudaram a arrastar seções retangulares da cerca até a rua.

Havia um homem entre eles, o rosto coberto por um lenço preto, aparentemente o único adulto envolvido naquela fúria e digo até que a estava direcionando um pouco, e por isso, estranho e de alguma forma deslocado, porque se tratava de uma fúria juvenil. Estava todo de preto, só os olhos eram visíveis. Empunhava um longo bastão em uma das mãos. O objeto tinha algo de metal afiado na ponta superior — parecia uma faca, talvez, presa por fita adesiva na ponta, erguido acima do homem. Segurava-o como um cajado enquanto falava com os garotos, dando instruções em voz baixa enquanto eles se curvavam para ouvir, muito atentos, quase envaidecidos, puxando seus próprios lenços e camisetas para cobrir os rostos jovens. Não consegui ouvir as palavras, mas o tom enfático e o sotaque liso e rude de Nova York eram familiares.

Um mercadinho ali perto tinha sido saqueado e as pessoas passavam com sacolas e carrinhos de compra cheios de artigos. Outro carro de bombeiros passou uivando, indo na direção do edifício queimando perto do East River. Um caminhão da Mister Softee estacionou e o motorista abriu a janela para vender sorvete. As pessoas cercaram o veículo, dizendo que aquilo era um apagão e que ele não devia cobrar pelos cones porque estes estavam sendo distribuídos de graça em outros locais. Uma adolescente de cabelo trançado, com sacolas de compra no guidom de sua bicicleta branca falou:

— Essa merda vai derreter mesmo.

O motorista do Mister Softee gritou dizendo que sua geladeira estava funcionando perfeitamente. Saiu depressa quando os garotos com lenços no rosto começaram a atirar pedaços de concreto no caminhão.

O homem todo de preto estava conduzindo um canto, brandindo o bastão ou cajado, espetando-o para cima, os garotos cantando com ele:

— *El Pueblo! Armado! Alguma coisa alguma coisa alguma coisa.*

Estava cantando com os garotos mas seus olhos encontraram os meus. Olhou diretamente para mim, o rosto coberto. Sustentei o olhar, agora sabendo quem era.

Cheguei mais perto. Os olhos tristes e brilhantes.

— Não te falei, irmã?

Antes de eu conseguir responder, um garoto dizia que ele e os outros precisavam da ajuda de Burdmoore. Um banco do parque tinha sido arrancado e virado para cima, e eles estavam tentando arrastá-lo até a elaborada pilha de detritos esfumaçados e pedaços de cerca empilhados na rua. Burdmoore foi ajudar. Arrastaram o banco até a pilha e despejaram algo inflamável por cima. As chamas irromperam, a luz banhando os rostos mascarados dos garotos. Eles olharam para Burdmoore, que conduzia a cena. Não fazia sentido ficar esperando para falar com ele. Estávamos em diferentes planos de existência. Ele estava mergulhado fundo na sua personalidade de apagão, ativado.

— Vamos queimar as escolas — gritou para seus companheiros mascarados que rodeavam o fogo.

— Vamos queimar as escolas!

— Vamos queimar os bancos.

— Vamos queimar os bancos!

— Vamos queimar as delegacias.

— Vamos queimar as delegacias!

— É, os porcos que se fodam! — acrescentou a voz aguda de uma criança como uma nota ornamental.

Foram todos embora. Tinham terminado a cantoria e saíram correndo pela rua numa onda esparsa de corpos, alguns mais

depressa, outros mais devagar, todos eles virando a esquina e desaparecendo.

* * *

Abri bem a janela do meu estúdio na Kenmare, me deitei no colchão e tentei dormir, flutuando numa almofada de sirenes uivantes.

Pensei naquele longo dia de espera e espera por Gianni. Erguendo o olhar e buscando uma cor humana no avental branco da neve: a jaqueta vermelha de Gianni. Qualquer sinal, qualquer brilho na mesmice da encosta da montanha. Fiquei olhando e esperando, não exatamente com esperança. Não me sentia esperançosa. Sentia expectativa. Eram coisas diferentes. Esperei, sem querer dar meia-volta, sair sem que ele chegasse.

Se ele não chegar, pensei, olhando para aquele branco vazio e impassível, é porque está ferido, ou talvez morto, ou me enganou, e eu nunca vou saber exatamente o que aconteceu.

* * *

Acordei com um sol vermelho entrando pelas minhas janelas sem cortinas, ainda sem eletricidade. A noite me voltou à mente em partes, quase como se eu tivesse bebido, as pessoas atrás da porta verde e a forma como os mistérios do filme, revelados, deram lugar a uma noite de tempo em suspenso, uma cidade desmascarada pela escuridão.

Um Chemical Bank tinha sido incendiado na Primeira Avenida com a 14th Street, fiquei sabendo quando saí em busca de café (sem sucesso: comprei uma RC Cola quente). Não houve carro de bombeiro disponível para apagar o incêndio, supostamente criminoso. O fogo consumiu o edifício rapidamente. Três funcionários do Chemical Bank estavam lá dentro, talvez obrigados sob ameaça de serem despedidos a permanecer no local por questão de

segurança, ou recrutas voluntários recebendo o triplo das horas extras. Que diferença fazia? Os três morreram.



19. O DIA EM QUE ROMA FOI FUNDADA, 21 DE ABRIL,

mas 21 de abril de 1937. E assim foi cinema e Roma e bebês e Mussolini e papa, o grande industrial, todos juntos para uma fotografia.

Sandro ainda não tinha nascido, ainda levaria dois anos, mas ele soube a respeito: a grande abertura de Cinecittà, o pai, o Duce e o pequeno Roberto no corte da fita de inauguração.

O que Sandro lembrava era de quando os Aliados bombardearam Roma, em 1944. Cinecittà, seu pai explicou, era o lugar onde faziam os filmes frívolos que a mãe de Sandro gostava, os filmes a que ela o levava muito tempo atrás. Ele tinha cinco anos e não conseguia acompanhar bem o que acontecia na tela. Comia seu lanche no escuro e depois adormecia segurando a mão da mãe, o pescoço recostado no encosto frio, o casaco de lã cobrindo suas pernas nuas. Filmes de telefones brancos, como eram chamados. *Telefoni bianchi*. Sempre havia um telefone branco ao lado de uma cama. A tensão das cenas, a coisa que mantinha todos atentos, era se tocaria ou não. Quando o telefone branco ao lado da cama tocava, chegavam más notícias pelo receptor, ou uma promessa de devoção ou violação da mesma, aquele instrumento branco com dois alargamentos nas pontas, para o ouvido e a boca. O telefone branco trazia os prazeres e decepções da vida a um ambiente morto e luxuoso, não diferente do ambiente morto e luxuoso da casa de Sandro — a casa para onde ele e a mãe voltavam depois do passeio ao cinema e ao Passerini's para um chocolate quente — a vila onde moravam em Brera, tão limpa e organizada que não havia nada para os empregados fazerem a não ser olhar com nervosismo a mãe de Sandro e fingir dar polimento em coisas já polidas.

— Por que os Aliados bombardearam o lugar onde eles faziam cinema? — perguntou Sandro ao pai enquanto olhavam no jornal as

fotografias de tetos desmoronados, tanques alemães nos estúdios destruídos, oficiais alemães transportando o equipamento cinematográfico ainda utilizável.

A mãe adorava os *telefoni bianchi*, e o jovem Sandro sentiu que o bombardeio dos aliados a Cinecittà, e os alemães saqueando o local, eram ataques à sua mãe, e talvez a eles todos, porque as pessoas nos filmes, as fantasias de escapismo vulgar que Sandro depois percebeu que mostravam mais ou menos sua própria realidade.

* * *

Quando a guerra acabou, os filmes ficaram diferentes. Os diretores saíram às ruas para filmar a vida “real”. O que era conveniente, pois Cinecittà foi destruída, e, além disso, havia pessoas morando nas suas ruínas. Entre 1945 e 1950 pessoas desalojadas, principalmente crianças, moraram nos estúdios de cinema. Se seus pais morressem de repente, Sandro entendia, sua casa seria onde quer que você estivesse, e agora você era de lugar nenhum. Seus pais eram a sua proveniência. Mortos, você não tinha proveniência. Então ia morar em Cinecittà, que fosse. Sandro viu imagens numa revista, órfãos apinhados em pequenas baías divididas por montes de feno e cartolina corrugada. Usavam grandes adereços de épicos históricos sobre a antiga Roma como mobiliário improvisado.

— Elas são figurantes de Rossellini — respondeu o pai quando Sandro perguntou por que as crianças estavam morando nos entulhos bombardeados dos estúdios de cinema.

Figurantes de Rossellini. Era engraçado, na verdade, pensou Sandro mais tarde, quando entendeu a piada. Rossellini estava muito ocupado selecionando italianos normais para *interpretar* molambos, muito ocupado escolhendo-os para retratar os verdadeiros molambos que viviam no antigo reino de elaboradas ficções. Devemos confrontar nossa realidade diretamente, ou pelo menos essa era a ideia. Mas a ideia — “realidade diretamente” — estava lá em Cinecittà: crianças que tinham perdido o transporte durante a guerra. Perdido os pais. Que tinham tido disenteria. Que não sabiam o

próprio sobrenome, nem para que país deviam ser devolvidas. Todo o pesadelo de pessoas deslocadas da Segunda Guerra Mundial estava lá, entre falsas colunas romanas, e era incrível e estranho demais para ser abordado pelos neorrealistas.

Enquanto pessoas de verdade sofriam na terra do cinema, os grandes diretores neorrealistas viravam as costas para a terra do cinema a fim de captar pessoas supostamente de verdade, e como eles eram, os italianos, em *Roma Cidade Aberta* de Rossellini? Eram corajosos. Nobres. Éticos. Religiosos, humanos, fortes opositores aos invasores alemães. Hilário. Puta merda, como é hilário, pensava Sandro, assistindo ao filme com Ronnie no Coronet na Terceira Avenida em 1963. Praticamente a Itália inteira tinha apoiado Mussolini, e agora a guerra tinha acabado e de repente todo mundo era antifascista, exceto os canalhas de Salò. Como se todo o problema pudesse ser isolado a umas poucas famílias ricas no distrito do lago, onde Mussolini tinha estabelecido seu governo no exílio. Famílias como os Valera, cuja vila foi ocupada pelos alemães. Depois da guerra, a caminho da escola em Brera, Sandro e Roberto eram apedrejados. Os pais os mudaram para Bellagio, onde os garotos eram alvejados por esterco de vaca, e uma vez conduzidos a um enxame de abelhas furiosas que os picaram mais vezes do que Sandro considerava possível. Será que tinha sido picado por lhe faltar virtudes naturais que as crianças que os empurraram para as abelhas possuíam? Aquelas crianças estavam enfrentando Mussolini? Não. Era realmente importante saber quem possuía virtudes naturais? Não. Uma mistura de bem e mal caracterizava todos os humanos, e pretender separar essas duas coisas era um insulto à complexidade humana. Mas, ao mesmo tempo, Sandro entendia que as pessoas só tendessem a permitir suas próprias contradições, e não as dos outros. Tudo bem ser permissivo consigo mesmo, saber que você não era nenhum anjo, mas os outros tinham de ser mais nitidamente divididos em bons e maus.

Roberto entrou para uma organização de jovens neofascistas, a MSI, elogiava Mussolini e em sua defesa recitava as contingências desafortunadas que os tinham desgraçado. Sandro apanhava no caminho para casa vindo da escola e não reagia. Fantasiava que

podia se empoleirar num galho de um cipreste no limite do enorme jardim da família e voar em direção ao norte, atravessar o Lago Como e continuar pelas montanhas. Nos Alpes, estaria a época da glória de seu pai, a Primeira Guerra Mundial. Sandro se alistaria com os Alpini, as tropas montanhesas que lhe pareciam, na juventude, tão lindas e corajosas, com rígidas penas de águia nos quepes.

Sandro tinha todo um conjunto de unidades de ataque da Primeira Guerra Mundial, os Arditi. Eram bonecos de papel, com todos os acessórios e uniformes de cada unidade, e pequenas abas de cartolina para remover e substituir partes do uniforme. O pequeno cinto de papel com cartuchos e a baioneta com bainha e até um capacete de *bersagliere* com uma pluma de um lado, com enfeites de penas pretas de frango. O quepe de feltro de um Ardito, um *scodellino*, como era chamado, um pratinho.

Coronel, eu não quero pão. Só quero chumbo para o meu mosquete, o pai dele cantava nas raras ocasiões em que estava de bom humor.

Os Arditi eram chamados de Chamas Negras. Os Alpini eram chamados de Chamas Verdes, explicou o pai. Os Bersaglieri eram Chamas Vermelhas, franco-atiradores que corriam em vez de marchar.

Sandro manobrava seus Alpini de papel e fingia ser um Chama Verde, uma coisa queimando que não deveria queimar, uma coisa liberando seu veneno, como as chamas que lambiam o plástico do relógio despertador que ele havia derretido para ver o que aconteceria, e o quarto ficou com um cheiro desagradável que ele abanara com uma toalha depois de abrir as janelas para as empregadas não descobrirem.

Ele tinha os bonecos e os catálogos coloridos que relacionavam quais itens pertenciam a qual boneco. Para fazê-los correr ele quicava os bonecos ao longo da beira da cômoda, dum-dum-dum, no lugar de uma marcha mais lenta e rítmica, tã-tã-tã. Não vinham com relógio de pulso, e depois de saber pelo pai que o relógio de pulso fora uma invenção da guerra, para mirar a pistola sem ter que enfiar a mão no bolso em busca de um relógio, ele desenhou com uma caneta um relógio em cada um. Havia unidades com habilidades e

missões diferentes, cada uma com um visual diferente, chapéus diferentes e fazendo coisas distintas, usando tipos distintos de armamentos e causando diferentes tipos de mortes e destruição. O jogo era manter todos alinhados. Saber quais quepes e insígnias e baionetas iam com cada unidade. Era assim que Sandro gostava de brincar e se as coisas se misturavam ele já começava a chorar, pois a guerra não envolvia disciplina militar, como a invenção do relógio de pulso e assim por diante? Roberto entrava e desarrumava tudo, dizendo que Sandro era maricas e bobão. Não é assim, ensinava Roberto, uma autoridade por ser mais velho e por isso entender melhor os aspectos terríveis do assunto em questão. Roberto batia címbalos nos ouvidos de Sandro antes do sol nascer.

— Os Arditi acordam às seis horas da manhã! — bradava Roberto —, e sob o fogo de morteiros.

No desjejum ele comia os pães de Sandro e dizia ser um saqueador como os Ardito.

Os soldados de Sandro incluíam um batalhão motorizado, como o do papai. Papai tinha sido um Ardito e pilotava uma moto chamada Pope. Uma moto dourada e uma jaqueta com uma cruz de ossos, um fuzil Carcano de ferrolho na traseira, e nos quadris uma baioneta de um lado e uma pistola automática Glisenti no outro. Artilheiros atrás dele com um Fiat 14s arrefecido a água.

O pai disse que as Glisenti não eram boas, quando viu Sandro matar um regimento inteiro de inimigos com elas, escondido embaixo do seu lençol. Não são boas? Deveria ser como uma arma alemã, explicou o pai, uma Luger. Mas era uma Luger de pobre. Uma Luger de coitado. Uma Luger de cafetão, e estava sempre emperrando.

— Mas a minha não faz isso — replicou Sandro. — Não emperra.

— Certo, tudo bem — disse o pai. — Mas vejo que você tem feridos em padiolas.

— Sim — concordou Sandro —, esse aqui precisa de um médico.

— Mas são tropas de ataque.

— Sim.

— Nós trabalhávamos em duplas. Não havia unidades médicas nem padioleiros. Você precisava carregar o seu parceiro se ele

estivesse ferido, e era mais fácil se ele morresse. Era assim que você o ajudava, acabando com ele.

A insistência do pai em detalhes inglórios. Sandro punha aquilo de lado e se concentrava nas aplicações douradas e prateadas adornadas de lauréis e folhas de carvalho, o grande bolso que cada Ardito tinha nas costas para guardar granadas de mão. E nos privilégios que eles tinham, como refeições quentes, enquanto os soldados dos batalhões regulares as comiam frias. Refeições quentes e nenhuma função de manutenção, sem serviço de vigília, sem deveres na trincheira. Andavam em veículos estilosos como a motocicleta dourada chamada Pope. Perambulavam com uma grande baioneta numa bainha de couro e armas de fogo, as Bodeo com o gatilho retrátil e as Glisenti, granadas Thevenot que podiam tirar do bolso nas costas e soltar o pino e arremessar perto e de leve porque estavam em *movimento*, com motores entre as pernas. Lançar a granada, que explodia onde caía, e você, você já estava lá na frente àquela altura. Não precisava lançar e sair correndo freneticamente e se esconder, lançava e seguia reto com orgulho, a mão no acelerador da moto Pope dourada — zum e bum. Bum.

Os lança-chamas com seus tanques gêmeos e máscaras contra gás eram os favoritos de Sandro dentre os bonecos da companhia de ataque. Os suéteres de asbesto e calças bufantes e luvas de cano alto para não carbonizar as mãos quando incendiavam o bosque. Um bosque, ou casamata ou um ninho de metralhadoras do inimigo, dependendo. Uma linha de caminhões de suprimentos ou uma pilha de cadáveres em escada, dependendo.

Os lança-chamas podiam ter sido de um século diferente, brutais e antigos e, ao mesmo tempo, terrivelmente modernos. O óleo inflamável que transportavam nos tanques gêmeos eram cinco partes de alcatrão e uma parte de óleo cru, com um tubinho de dióxido de carbono e uma ignição automática e uma bolsa no cinto com ignitores de reserva. Os lança-chamas nunca, jamais eram defensivos. Eram puro ataque, atropelando as linhas inimigas. Sempre avançando, uma criatura disforme com grandes tanques nas costas, uma longa mangueira na mão, ligada aos tanques. Era um arauto da morte. Parecia a morte, com seu grande capuz de asbesto,

esguichando fogo líquido a uma distância magnífica — cinquenta metros — nas trincheiras e metralhadoras do inimigo, que não tinha chance.

Mas aí o pai dele falou que os lança-chamas eram uns coitados. Os tanques eram desajeitados e pesados e eles se tornavam alvos óbvios e lentos, e se eram apanhados não recebiam nenhuma compaixão. Não é uma coisa que você gostaria de ser, disse o pai, depois do que Sandro continuou adorando mais ainda os lança-chamas, reservando-os para um fascínio especial, em seus sinistros trajes de asbesto com capuz, a mangueira longa e cruel que apontava para os abrigos do inimigo. Mas não dava para saber se seu interesse era uma reverência ou uma espécie de pena.

— *Kaiserschlacht!* — gritou Roberto, despejando gasolina sobre seus soldados de papel.

Sandro, com oito anos, o rosto molhado de lágrimas, dizendo:

— Por quê? Por que Kaiserschlacht?

— Porque metade morria durante a ofensiva e os outros tinham de ser executados por pilhagem— explicou Roberto. —Você não sabe o que aconteceu? Essa é a retirada de Isonzo para Piave, depois de um ataque com gás pelas tropas de choque alemãs. Se você quer brincar de Arditi tem que fazer as coisas direito, como as batalhas realmente aconteceram. Os Arditi que sobreviveram saquearam e pilharam enquanto se retiravam e tiveram de ser mortos por seus comandantes, tiveram de ser mortos como castigo, e se você quer jogar esse jogo tem que fazer direito.

O papel de um irmão mais velho era ministrar uma justiça rápida e desagradável. Roberto tinha despejado gasolina de uma garrafa furtada da garagem e acendido um fósforo. Os soldadinhos e suas abas de papel. Os pequenos casacos de asbesto. As bainhas para as baionetas, que se encaixavam muito bem por Sandro ter sido tão cuidadoso nas dobraduras. Tudo transformado em cinzas.

* * *

Ardito! Seu nome significa coragem, como dizia seu primeiro mandamento. Avancem para a batalha! Vitória a qualquer custo!

Escola na Suíça.

Férias em Como. Esperando de calça curta. Esperando um carro lustroso aparecer para pegá-lo. O motorista do pai.

Alguns fins de semana em Brera. Viagens a Roma com o pai, duas visitas a Cinecittà para encontrar produtores que o pai conhecia. Estrelas de cinema. Carros esportivos, óculos escuros inteiriços. Pinheiros acima da cafeteria do estúdio, Sandro sem saber como falar com o próprio pai. Bebericando *aranciata* enquanto uma câmera passava sobre uma plataforma — era um coração preto e grande, com seus rolos de dois filmes, um coração ou uma bunda de ponta-cabeça, e o cinegrafista olhando pelo visor, seguindo o andar rebolado de uma mulher de vestido branco.

Sandro nunca gostou muito do pai, um velho estranho que se deleitava em estragar a diversão de Sandro do mesmo jeito que Roberto. Os dois eram parecidos, o pai e Roberto, nesse quesito, e diferentes em outros aspectos. Roberto não ligava para como as coisas eram feitas, e o pai sim. Roberto gostava de dominar, e gostava quando os outros mostravam suas fraquezas. Sandro se interessava em como as coisas eram feitas, e o que fazer com coisas feitas. Gostava de máquinas. Gostava de armas. Nunca gostou de motocicletas como o pai, mas o pai de Sandro estava ocupado dirigindo as operações da Valera e já mal andava de moto quando Sandro nasceu. O que Sandro lembrava era do pai posando para fotografias nos modelos esportivos da nova Moto Valera, um velho garboso em seu terno Brioni, segurando as manoplas do guidom.

Seu pai era cruel com a mãe, e essa poderia ter sido a causa de uma aliança íntima entre mãe e filho, mas ele nunca gostou muito da mãe, também, por isso não permitia qualquer aliança. Porque ela era má. Uma pessoa naturalmente má. Só uma vez ele sentiu algo parecido com empatia por ela. A guerra tinha acabado e eles tinham voltado a Milão, para a casa em Brera. Sandro tinha dez anos. O pai, recém-chegado do Brasil, estava no vestíbulo tirando uma echarpe de lã que reluzia com gotas de chuva. Olhou para a expressão aberta e ansiosa da esposa no patamar da escada, a geometria de

seu balaústre, ângulos perfeitamente retos e dobras se repetindo para o alto até se perder de vista, e sua antecipação, sua opressiva necessidade de ordem e de ângulos retos e padrões expostos, como se o patamar fosse um palco. O pai olhou para a mãe, para o vestido que usava, camadas de tecido transparente que juntas ficavam brilhantes e opacas, os saltos, as pérolas e os cabelos cacheados caindo dos lados do rosto como duas claves de sol, e o pai de Sandro franziu o cenho.

— Você devia arranjar um amante — falou então. Depois entrou em seu escritório, à direita da escada e trancou a porta.

A mãe de Sandro agarrou o corrimão. Começou a chorar sem se incomodar em enxugar as lágrimas. Foi a única vez em que sentiu realmente alguma coisa pela mãe, que tinha se preparado tanto, com tanta esperança vã, para a volta do marido e era castigada por se mostrar ansiosa, na frente dos filhos e dos empregados. Depois disso ela foi até a cozinha e gritou com os cozinheiros, deu uma tremenda bronca. Enquanto os chamava de idiotas e cretinos Sandro sentiu cada insulto, não como o receptor mas como o agressor, a fúria da mãe como balas disparadas pelas pontas de seus próprios dedos.

Até onde ele sabia, ela nunca arranjou um amante. Agora ela tinha o escritor americano, o velho falastrão, mas Sandro não conseguia imaginar que fossem íntimos, de alguma forma parecia impossível, mas sabia que a impossibilidade estava nele e não entre a mãe e o escritor. Sentia-se triste de pensar que a mãe tinha trocado uma força imperial como o pai por um tolo que acreditava que seu incessante falatório era prova de alguma coisa, sabedoria ou virilidade. No momento em que a boca se abria a mente se fechava, era a sensação de Sandro. Mas a mãe agora tinha poder, o que nunca teve quando o pai de Sandro estava vivo, e isso era alguma coisa. Poder tomar as próprias decisões.

* * *

Sandro pensava muito no homem que tinha se afogado, ou tentado se afogar, no East River. Ele tinha salvo um homem e atirado na mão de outro, e o que ele salvou nem queria viver. A expressão no rosto do homem, preso entre os vivos. Vivo e perdido. As camadas e camadas de casacos de inverno ensopados do homem, pesadas demais para Sandro tirá-lo da água. Tinha se apresentado para garantir sua passagem para a morte. Todos aqueles casacos o puxando para baixo lembraram Sandro de uma tribo a respeito da qual seu pai lhe contara, na Amazônia brasileira, que apresentava o corpo com pedras, para as almas não saírem vagando. Sandro tinha perguntado mais coisas, mas o pai desconversou. Aquilo se tornou uma obsessão para o garoto, essa noção de pessoas tentando impedir que as almas fugissem. Leu sobre outras tribos em outras partes do mundo, Bornéu e Nova Guiné, pessoas para quem a alma era uma coisa contingencial e caprichosa que podia ser perseguida ou perdida ou até pior. Podia fugir. Tinha de ser impedida de deixar você, fosse por sedução ou por ganchos e espartilhos ou por pedras pesadas.

Parecia muito razoável a Sandro que a alma não fosse um fato, uma coisa simples que a gente era e possuía. Ele ainda acreditava nisso. Que a realidade, em certo sentido, não era um lugar objetivo onde se era lançado. Era preciso manter sua pegada nela, vigiando com atenção a coisa leve e intangível que dava significado à sua vida. Chamemos de alma, ou presença. Fosse o que fosse, prisioneiro ou hóspede, era preciso fazer truques ou insistir para que ela permanecesse.

As pessoas se apresentavam, Sandro sabia, ainda que não com pedras.

Com um filme, um amor. Amigos. Cumplicidades. Um certo nível de sucesso. Eram âncoras decentes, desde que pudessem ser trocadas de vez em quando. E a arte, claro. Fazer arte na verdade tinha a ver com o problema da alma, de perdê-la. Era uma técnica para habitar o mundo. Para não se dissolver nele.

Quando era criança, sua alma parecia diáfana e evanescente, preenchida apenas com anseios e tédio que ele sabia serem italianos e católicos. Igreja com a mãe e o irmão. Mulheres varrendo

os degraus da sacristia com vassouras de sorgo. Madonas inanimadas com seus xales azuis, sempre a mesma tonalidade de azul: devoção, céu, esquecimento. A esperança que vem da infelicidade e do vazio (gesso oco). Os tubos do órgão ressoando enquanto a congregação cantava “Stabat Mater”, que transbordava seu tema, as tristezas de Maria, seu sofrimento como uma imagem que todos os homens podiam ver, o rosto banhado em lágrimas. A música o invadia como uma onda e alargava o espaço de sua pequena alma. Tornava-o leve. Preenchia-o com alguma coisa, tristeza e júbilo por experiências que não eram suas. Ou eram suas, mas tinham se transmutado para a canção doce e avassaladora.

Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum.

Faça meu coração arder de amor por Cristo.

Mas a tradução dizia “alma”. “Faça minha alma luzir e derreter”. Para o jovem Sandro, enunciar essas palavras em sua voz aguda era o suficiente para querer queimar com ardor, não um apelo secular, mas tampouco um apelo para se mesclar com o sofrimento de uma mãe, mesmo a esposa de Cristo. Fazer o coração queimar. Com *alguma coisa*.

FAC UT ARDEAT. Uma frase que o pai colocara sobre a lareira. Uma recomendação inteligente. Fazer queimar. E era onde se guardava a lenha. Mas provavelmente não era uma simples piada, relacionando-se com o passado do pai enquanto Ardito. Um ardente. Que tinha queimado com o ardor que o fez se lançar na guerra, em direção à morte, e depois ao poder e ao dinheiro. A frase não podia ser reduzida ao seu confinamento no literal, acima da lareira. A queima *de*. A alma, luzindo e derretendo — ali ou não, perdida ou foragida — era o que importava.

Mas e se deixássemos a alma ir? Se a deixássemos vagar? Será que acabaria voltando para nós? Seria como o amor nesse sentido? Uma coisa que precisava ser deixada livre para ser vivenciada? Ou mesmo ser encontrada? Tinha muita sorte quem encontrava o amor. Quem encontrava não como algo que poderia ser, mas como algo que era. Tal coisa poderia não existir. Seu pai dizia que a história estava sempre atrasada para o encontro consigo mesma. Estava atrasada, estava adiantada, estava antes e depois do momento

certo. A Itália estava sempre perdendo o encontro consigo mesma. O timing de sua transformação em nação não tinha funcionado, e ninguém acreditava no Risorgimento. O Norte e o Sul nunca estiveram em sincronia. As pessoas tinham as suas revelações muito cedo ou tarde demais. Estavam sempre perdendo os horários marcados consigo mesmas. Ora. Com os outros também. Ronnie era o único encontro que Sandro conseguiu manter, uma amizade que reconheceu no momento em que se encontraram. E conseguiu mantê-la desde sempre, foi uma conexão que aconteceu *pontualmente*. Não em fantasia, não em retrospecto. Mas ele não tinha controlado nada, era apenas sorte, como o amor era uma sorte. Era acaso. Eles sabiam, quando se encontravam, o que cada um estava vendo. Ele e Ronnie eram quase imagens no espelho, significando opostos. Era amor a uma distância retorcida. Rivalidade. Duraria mais que o amor em si, ele sabia disso, sem a menor dúvida.

* * *

Ele estava no terminal da TWA.

Trans World, teria observado Ronnie, sempre vigilante às palavras e às marcas.

Nova York a Milão via Londres.

Sandro amava e odiava aquele terminal.

Tinha prometido seis meses à sua mãe. Agora ela só tinha um filho, e ele não podia virar as costas para ela. Não podia. A mãe havia implorado que viesse para casa, e ele estava fazendo isso totalmente — não parcialmente, trazendo um para-choque, uma garota. Sentia que estava ao mesmo tempo reentrando no útero, contra todos os instintos, e também, finalmente, e tarde demais, crescendo e encarando a si mesmo.

Pensava nela, no que ia fazer da própria vida. Nunca perguntava a respeito dela para os amigos, mesmo sabendo que estavam em contato. Discrição era uma forma de sobrevivência. Era sua história, sua perda, e não era da conta de ninguém mais.

Olhou para o arco curvado e branco do terminal, linhas sinuosas como as de Ingres, as andorinhas voando, perdidas lá dentro, e pensou em Brasília. Que foi concebida por outro arquiteto, mas ainda assim o terminal da TWA sempre o remetia a Brasília. As mesmas parábolas brancas de concreto e as grandes baías de vidro originadas da mesma ideia, uma mentira prescritiva sobre o progresso e utopias e nascidas também no mesmo ano — 1956. Brasília sem dúvida era pior que um terminal de uma linha aérea. Não estava na escala humana e dava para ver um índio miserável andando uma terrível distância no calor avassalador com uma cesta de grãos ou de roupa suja na cabeça, projetando uma sombra num muro de concreto liso e abrasador de setenta metros de altura, sem sombra, sem árvores, sem gente. Brasília não seguia uma escala humana, e a inclusão de uma pista de corrida de Fórmula 1, depois de uma generosa doação do pai de Sandro e da Pneus Valera, era mais um insulto ao índio com a cesta na cabeça.

O pai levou Sandro junto por estar com mais de setenta anos e enfermo e precisar de alguém para cuidar dele, mas não conseguia deixar de cortar a fita inaugural. Na época com dezoito anos, Sandro tinha ido de avião de Nova York a Brasília.

É o que nós fazemos, pensou Sandro, dando apoio ao pai fragilizado. Nós cortamos fitas. Somos cortadores de fitas.

Sandro tinha gostado e odiado os merengues brancos e duros de Brasília, que escondiam perfeitamente a história feia que pagara por eles. As operações de extração de borracha do pai na Amazônia tinham proporcionado ao governo brasileiro dinheiro suficiente para construir uma utopia de concreto com tudo incluído, uma capital nova em folha. O dinheiro tinha fluído. Os seringueiros continuavam lá — estão lá até agora, em 1977 — e em muito maior número pois seus filhos também se tornaram seringueiros. Nem o pai de Sandro nem os supervisores e intermediários tinham se dado ao trabalho de dizer aos seringueiros que a guerra tinha acabado. Simplesmente os mantiveram no trabalho, cumprindo suas tarefas lá na remota floresta do noroeste. Os seringueiros não sabiam. Acreditavam que um dia haveria um enorme pagamento, se não para seus filhos, talvez para os filhos de seus filhos.

— O que é o tempo para um índio? — o pai tinha perguntado a Sandro naquela noite no hotel, O Palácio de Alguma Coisa ou Outra, mais um dos edifícios em forma de merengue para industriais e diplomatas. — O que é o tempo? — perguntou o pai.

— Que diabo é isso? Quem está ligado ao tempo e quem não está? — Sandro ficou bravo. O que estou fazendo aqui com esse velho canalha?

— Vá dizer a eles, Sandro — disse o pai. — Vá até lá. São apenas três mil quilômetros, a maior parte de estradas de terra. Vá até lá e diga que a guerra acabou e que todos podem voltar para casa, está bem?

Foi a última vez que viu o pai.

Tudo foi uma lição terrivelmente cruel. É para isso que servem os pais. O pai levando Sandro, com quatro anos de idade, aos portões da fábrica de pneus durante uma greve. Os operários transportando um caixão e Sandro teve que perguntar:

— Papai, isso é um enterro?

O pai rindo e anuindo.

— O meu enterro. Eu estou morto, certo? — Levantando as mãos, estapeando o próprio rosto e levantando as mãos outra vez. — O que você acha, Sandro? Eu pareço morto?

A cena diante dos portões ficou feia, e quando Sandro percebeu, o motorista do seu pai o agarrava pela cintura grossa e ele foi empurrado para dentro do carro e o carro era golpeado por punhos e outras coisas, pedras, e o motorista conduziu o carro para longe dos portões com o rosto sangrando e o colo forrado de vidro quebrado.

Uma discussão entre os pais quando eles voltaram, e Sandro entendeu que seu pai o tinha levado com um propósito, para ver o ocorrido. O pai nunca levou Roberto até o portão durante uma confusão. Ele ensinou a Roberto os detalhes de perdas e lucros. Levou só o pequeno Sandro para ver os operários atacando-os com porretes. Mas por quê?, Sandro perguntou muito depois, quando Roberto saiu para fazer faculdade. Porque você vai ser um artista, respondeu o pai. E era importante estabelecer que ele não servia para nada além disso. Isso é que são os artistas, disse o pai, os que não servem para mais nada. Poderia parecer um insulto, explicou,

mas não era, e um dia Sandro ia entender. Cada criança era única, e destinada para algo diferente, então por que deveriam ser tratadas da mesma forma?

* * *

Roberto. Pela sua morte Sandro sentiu alguma coisa. Pela mãe, que agora ficaria tão sozinha. Você devia arranjar um amante. Sandro sempre achara que nunca poderia voltar a morar lá. Mas iria voltar. Estava voltando. O embarque do voo seria em breve, e de certa forma ele se sentia aliviado de acabar logo com aquilo, de ser banido de suas próprias tendências patéticas. Quando ele apareceu no enterro com a rejeitada de Ronnie ao lado, a mãe disse para ele parar com aquilo. Parar com o quê? E ela respondeu: de abusar dessas jovens. Você não as ama. Você as usa para separar a si mesmo da sua vida. Isso foi em maio. Agora era julho e ele estava oficialmente livre de envolvimento. Sozinho.

O embarque deveria ser anunciado a qualquer momento a partir de então. Ter que voltar para a Itália seria como a morte para ele, embora estivesse pronto para uma coisa dessas. Até ansioso. Seu próprio caixão, como aquele que os operários da fábrica levavam para o seu pai. Seria preciso que ele preenchesse um papel, que fosse o adorado filho da sua mãe agora que o primogênito se fora.

Provavelmente aquela garota, a rejeitada por Ronnie, estava aliviada. Ele não devia ter sido uma companhia muito agradável. Mal-humorado. Quietos. Dominador. Uma combinação vencedora. A interessante autonomia felina dela o lembrara de forma desagradável de sua relação implodida. De como ele tinha fodido tudo. O momento desastroso na fábrica de pneus. Mesmo que tivesse tentado se explicar, explicar sobre Talia, pedir desculpa, consertar tudo, não teria funcionado. Ele tinha arruinado as coisas, e talvez tivesse sido intencional, deixando a prima levá-lo de volta ao lugar em que estivera tantas vezes na juventude. Ela havia sido sua amante e agora era como voltar para casa. Quando é que as pessoas não se sentiam atraídas pelos primos? Tinha sido direito dele fazer alguma

coisa quando tinha seus vinte anos, Talia com dezesseis, mas muito madura. Tentou se distanciar quando ela apareceu em Nova York. Olha, falou, estou morando com uma pessoa. E Talia respondeu com uma risada estridente. Você acha que eu quero morar com você, Sandro? Não seja idiota. Você é meu primo, pelo amor de Deus. Ele conseguiu se manter afastado. Disse não da maneira como se fala com um cachorro. Não, ele falou com firmeza, e ela sorriu, feliz em saber que a firmeza era para ele, não para ela, uma firmeza para seu próprio benefício, uma lembrança dos limites que ele tentava se impor.

* * *

O horror daquele dia, de ter que ficar no carro com o romancista, aquela bicha velha, que não era gay de verdade, vá lá, mas que se atreveu a pôr a mão na coxa da mãe de Sandro bem na frente dele. Sandro e Roberto e Talia atrás. Meu Deus. Como crianças, a guerra entre irmãos outra vez. Roberto se esquivando, convencido de que seria abatido no Mercedes da mãe. Sandro disse que ele estava sendo ridículo. Ninguém dá merda nenhuma por você, era o que ele queria dizer mas não disse. Isso teria justificado os temores de Roberto, de que ninguém se importava muito se ele estava vivo.

Passando pelos portões. Os Valera na fábrica Valera, e tudo de que tinha fugido na Itália estava sendo ofertado para ele. A única coisa que não era daquele mundo milanês era Talia. Porque ela tinha um pai inglês e estudou num internato nos Estados Unidos, por isso falava com um leve sotaque inglês que o lembrava de uma gravação que ouvira uma vez da poeta Sylvia Plath lendo um trecho curto e inteligente que começava:

Em primeiro lugar, você é o nosso tipo de gente?

A cadência da voz de Sylvia Plath. Uma pergunta que ela repetia e se tornava o refrão do poema, Você vai casar com isso?, entoado de uma forma delicada, severa e sábia. Você vai casar com isso? Ele fundiu aquela voz austera e sexy com a de Talia, e isso foi depois,

após eles já terem sido amantes, e a combinação quase fez com que ela fizesse parte dele.

Que tal esse terno...

Preto e rígido, mas que não cai mal.

Você vai se casar com isso?

É a prova d'água, a prova de quebra, prova

Contra fogo e bombas através do telhado.

Acredite em mim, eles vão enterrar você nesse terno.

Talia se tornou uma coisa que ele não conseguia rejeitar quando entrava periodicamente em oferta. Ela falava como Sylvia Plath e se parecia um pouco com ela. E sua sensualidade forçosa e insistente — ele também gostava disso. Tornou-se um hábito do qual ele dependia. Aquela pele pálida, o rosto de lua e o cabelo, preto como as penas da galinha dos Ardito. Ela não oferecia o tipo de devoção abjeta que era só o que as garotas italianas sabiam suprir quando queriam conquistar o coração de um homem, adorando-o, preparando-lhe refeições, dormindo com ele com cuidados maternos. Era um pesadelo. Não quero cuidados maternos. Posso cuidar de mim mesmo, e em Nova York ele conheceu essas... viragos, que queriam ser servidas, como a mulher de Stanley, e que alívio foi isso. Umas férias de si mesmo, para atender suas necessidades. Como Giddle, a suposta melhor amiga, mas uma traidora que mal tinha personalidade, que tinha uma liberdade sociopata de qualquer necessidade de se relacionar. Ele gostava desse tipo de coisa. Às vezes. Ou melhor, ele se deixava ser apreciado por essas mulheres que ditavam regras. Precisava de uma folga de sua devotada namorada, que se submetia à sua generosidade e exigia tão pouco. Ela era como uma filha. A jovem Reno. Inocente e ambiciosa ao mesmo tempo e olhava para Sandro em busca de um direcionamento, e tudo bem, mas não o tempo todo. Às vezes ele simplesmente queria esquecer de si mesmo. Não acontece com todo mundo? Talia era diferente, além de também não ser semelhante a uma garota americana. À prova de fogo e bombas que atravessavam o telhado. Saíram juntos da fábrica naquela tarde

para tomar ar, foi o que ela disse, “tomar ar”. E lá fora, sem ninguém por perto, ela aproveitou a oportunidade. Foi direto na braguilha. Avançou com um descaso tão franco que o fez se sentir triste por sua jovem e meiga namorada que não sabia que se podia simplesmente estender a mão e pegar, e que não era grosseiro ou econômico, era apenas isso, uma mão num pau, era só isso e algumas mulheres sabiam o que fazer, entre elas sua prima de cabelo preto. Se a jovem Reno, diferente da mãe malvada e da cruel família estendida, se ela soubesse ser rude em algumas ocasiões, simplesmente pegar, talvez ele não tivesse tido um caso. Mas isso também era uma mentira, pois a verdade é que ele gostava dela como ela era, a maneira que erguia o olhar para ele com os olhos arregalados, em busca de algum sentido em si mesma, de uma pista.

Ele não era alguém por quem valesse a pena erguer o olhar. Talia compreendia isso, Talia, que não procurava nada em ninguém. Ela era destemida. Não precisava agradar os outros. Não se amava nem amava ninguém. Estava acima disso. Era um ser humano evoluído, uma Shrapnel. E ele entendia. Gostava de pessoas que não estavam nem aí para nada, mas não se pode se cercar delas, era só de vez em quando. Como num dia em que ele estava exatamente onde não queria estar, um Valera na fábrica Valera, e Talia abriu o zíper da calça dele e pôs a mão no seu pau e ela, aquilo, prometera ser uma escapatória.

Ele não estava escolhendo arruinar seu relacionamento. Não tinha como saber que sua namorada americana conseguiria chegar até aquela periferia industrial cinzenta de Milão, e estar na fábrica, bem *ali*. Como poderia saber? Nunca poderia ter previsto sua aparição. Assim como ela certamente não fazia ideia do que era ser ele naquele momento.

Ele magoara a pessoa que não odiava. Uma pessoa que poderia ter amado. Não queria dizer que a amava, pois é assim que se trata alguém que se ama? Ele poderia tê-la amado. Ficaria por isso mesmo. Algo que poderia ter sido mas não foi, que ele poderia ter fomentado mas não o fez.

* * *

O pai tinha dito para ele:

— Conforme você fica mais velho, tolera cada vez menos mulheres da sua idade.

— Você está falando de si próprio — replicou Sandro.

— Sim, de mim — concordou o pai. — Isso mesmo. E eu costumava pensar que era porque eu tinha escapado do tempo e as mulheres não. Mas não é essa a razão. É porque eu parei no tempo. Como muitos homens. Se você se tornar esse tipo de homem quando crescer, Sandro, vai entender. Vai escolher mulheres mais novas para poder aguentar a si mesmo.

Era disso que se tratava, no fim das contas. O pai dele estava certo. É o que você pode tolerar de si mesmo.

Ele crescera e às vezes era um babaca, ele imaginava. E era tão mais fácil se definir desse jeito depois de se comportar como um babaca, em vez de lidar com um bocado de remorso e fazer todo o trabalho necessário para se distanciar dos atos que o definem. Nesse sentido, ele e Ronnie talvez não fossem opostos mas sim gêmeos, ou era o que estavam se tornando.

Ele olhara para o rosto dela, tão triste e irado. E pensara: sou um babaca. O que era uma espécie de remorso, mas não do tipo que dava margem a qualquer esperança.

Talvez a maneira como ela tinha se insinuado — por acaso, ele entendia — com a companhia, ficando com eles em Utah, ou Nevada, onde quer que fosse, não tinha sido muito do seu gosto. E depois a turnê publicitária, descarrilada, que seja. Ela tinha desaparecido, ele não sabia para onde. Um dos funcionários da mãe, o caseiro, saiu para procurar por ela naquele dia na fábrica. Disse que a levaria de volta para a vila em Bellagio, mas não fez isso. Ela devia ter insistido em ir para algum outro lugar. Ela e o caseiro não estavam lá quando ele voltou. Sandro ficou pairando na vila durante uma semana, sozinho com os empregados e o baque das mariposas gigantes nas janelas à noite. Onde ela estava? Ela nunca voltou. Telefonou para Ronnie em Nova York, que lhe contou que a capa da

revista *Time* daquela semana era um prato de espaguete com um revólver em cima e as palavras “Visite a Itália”.

* * *

Uma chamada para o embarque no voo dele. Ergueu-se da cadeira enquanto o eco do burburinho de inúmeras pequenas conversas ricocheteava pelo terminal de teto alto, Trans World. Uma grande abóbada branca pela qual navegavam tanto andorinhas quanto o ventre da modernidade. Mesmo se a associação não fosse tão direta. Porque a TWA não era de Oscar Niemeyer, mas de Saarinen. Mesmo assim, as linhas de merengue derretido lhe diziam que Brasília era igual à morte, uma pequena mensagem desagradável, particular, do terminal para Sandro.

— As pessoas mais estúpidas do mundo — dissera seu pai sobre os seringueiros da Amazônia, que o tornaram rico, cuja escravidão pagava pelas ofuscantes peãs do modernismo como o lugar onde ele estava, o terminal. Tão burros e incivilizados que tinham pesado as próprias almas com pedras. Uma atitude cuja sofisticação grave ainda impressionava Sandro. Sugeriu que eles entendiam o que estava em jogo, como a presença era mesmo frágil, a presença real, sentida e vivida.

Sandro e M, seu amigo argentino, uma vez tiveram uma longa conversa sobre cultura e violência. Ele deveria ligar para M, pensou. M entenderia a posição em que Sandro estava e o que aconteceu com seu irmão. Mas por que ter esse tipo de conversa? Enquanto ficou esperando aquela semana na vila sem que ela retornasse, ele tinha visto as imagens nos jornais das manifestações, os tanques em Bolonha, a massa de gente em Roma, espuma humana enchendo a Piazza Esedra, e não sentiu nada. Ou melhor, sentiu alguma coisa. Um lembrete de que tinha nascido no lado errado das coisas. As atitudes iradas e radicais dos jovens em Roma eram uma espécie de eletricidade, um ato e uma recusa e uma beleza, alguma coisa italiana que, por uma vez, era magnífica. Mas era contra ele

enquanto ocupasse seu papel como Valera. Era contra ele e ele não tinha nenhum direito de participar.

* * *

Depois daquela semana sozinho na vila, ele tinha voltado a Nova York. Retomou a vida, mas solteiro. Depois Roberto foi sequestrado, e a rejeitada de Ronnie de alguma forma esteve por perto em todos os momentos certos, uma daquelas mulheres que tinham jeito para isso, um bom *timing*. Ronnie a tinha magoado e a feito chorar e ficou agradecido por não ter mais ela o seguindo por aí. Então, de repente, Roberto estava morto. E a mãe o encontrou e lhe deu uma bronca. Você não as ama.

Agora Sandro estava voltando para a Itália sozinho. O voo estava embarcando.

Estava no assento da janela, pronto para o sono estranho e intermitente que teria num jato assobiando a noite toda. Lançado no céu escuro, a tantos metros de altura que a Terra virava uma abstração, um nada. O despertar periódico — lugar nenhum, lugar nenhum, lugar nenhum, e afinal a aproximação, Heathrow. Tirou o paletó, o único que tinha, enrolou-o e encostou a bochecha nele. Olhou pela janela, tentou ignorar a lembrança fugaz, o comentário de Ronnie de que as janelas dos aviões eram assentos de privada, eram do mesmo formato, o que na época tinha levado ao comentário de que o Guggenheim parecia uma privada e todo mundo sabia disso mas tinha medo de dizer. Não vou expor meu trabalho numa privada, dissera Ronnie, e era essa atitude que conseguiria para ele uma exposição lá, Sandro sabia.

Estavam na pista, alinhados para decolar. Pressionou a testa no vidro, no plástico, o que quer que fosse, e observou aqueles melancólicos sinais amarelos do lado de fora, piscando e numerados, que indicavam as pistas.

Os tristes sinais amarelos se apagaram. Se foram, todos de uma vez, perdidos para a escuridão. Todo o punhado desorganizado de

luzes da pista estava apagado. As luzes do terminal também. E as que piscavam em arco na torre de controle.

Tudo se apagou, tudo escuro. As luzes do avião ficaram acesas, mas era um avião num mar de breu.

O aeroporto estava sem energia. Teriam de esperar até ela voltar. Não havia previsão, disse a comissária de bordo. Poderia durar apenas alguns instantes. Por favor, tenham paciência. E todos tiveram. O avião ainda não ia decolar, mas já estava posicionado no não lugar por onde teriam de passar para chegar aonde estavam indo.

20. A VELOCIDADE DELA

— Le Alpi — disse ele quando surgiu o assunto de esquiar.

Perguntou se eu gostava das montanhas e eu disse que sim, que costumava apostar corridas de esqui, e ele assentiu com um ar grave, como assentia com ar grave a tudo. Eu perguntei:

— E você?

— O quê? — quis saber ele.

— Você esquia?

— Talvez.

Le Alpi, repetiu ele. Nós vamos juntos.

Não achei que ele estava falando sério. Que estava se referindo a algo imediato.

Nós vamos para os Alpes.

* * *

Talvez o próprio Gianni não soubesse o que estava dizendo. Não soubesse que seria mais tarde naquele mesmo dia, depois de eu me afundar no lado errado de uma espécie de discussão, e Bene quase me obrigar a me enfiar entre Gianni e uma divisória obscura no meio deles, entre ele e Bene.

Mas ele devia saber. Pois falou para eu levar meu passaporte antes de sairmos do apartamento. Mas eu sempre levava meu passaporte. Por alguma razão, os carabinieri adoravam me parar e, como americana, era de se esperar que estivesse com o passaporte mesmo se tivesse saído para dar uma voltinha.

Não era nem um pouco como Bene parecia pensar. Ela havia praticamente me atirado nos braços dele, mas não tinha dado em nada. Foi tudo completamente respeitável e por um momento quase me perguntei por que, simplesmente porque tudo o mais foi barrado

por Gianni. Ele determinou como seria a nossa associação, e ela era respeitável e desse jeito ficou. Assim como da vez em que ele me levou embora do estacionamento da fábrica de pneus, eu em lágrimas, a chuva caindo, e não tinha olhado para mim, falado pouco, e senti da parte dele apenas privacidade e respeito.

Estávamos na trattoria no andar de baixo, onde eles costumavam comer, aquele grupo. O dono é um camarada, todos diziam.

Eu estava com medo de encontrar Bene. Talvez não fosse má ideia ir para os Alpes, como ele disse. Ir para algum lugar.

Vimos Durutti na porta da trattoria.

— Está na hora — disse Durutti a Gianni.

Era final de tarde, quase crepúsculo, uma luz achatada e violácea descia sobre os feios edifícios de San Lorenzo, com seu mosaico de antenas de TV.

Acompanhados por Durutti, entramos no Fiat branco de Gianni pela segunda vez naquele dia e fomos até um bairro burguês que eu não conhecia.

Estávamos em um apartamento grande e bonito, com estantes até o teto ao longo de todas as paredes, janelas de vidro duplas para que não desse para ouvir o barulho do trânsito, só o suave rangido do antigo assoalho de madeira, os papéis numa mesa farfalhando, balançados por um ventilador de teto. O homem que nos fizera entrar parecia uma espécie de professor, óculos de armação fina, cabelo grisalho e costeletas, tinha a mania de esfregar as bochechas antes de falar.

Durutti disse que Gianni precisava desaparecer. O homem levou Gianni para outro quarto. A porta, tão à prova de som quanto as janelas, pelo que parecia, foi fechada atrás deles.

Durutti tinha uma energia nervosa, como um garoto que mandaram se sentar mas que é fisicamente incapaz de se manter imóvel. Balançava os joelhos para cima e para baixo. Assobiava. Pegava um livro da mesa de centro como se nunca tivesse lido um livro antes, olhava a capa, observava a contracapa, virava as páginas com o polegar como se fosse um livro de folhear que forma imagens, depois o devolvia ao lugar.

Olhou para mim.

— Basicamente é só uma questão de esperar — falou.

— O que é? — perguntei.

— A vida — respondeu. — Viver na clandestinidade.

Ficamos em silêncio.

— E tentar ficar invisível. Ser visto porém não notado. Agora Gianni é visível, então é bom que ele tenha você.

— Eu — falei.

— Gostaria de ter uma cobertura desse tipo. A esposa de um Crespi, digamos. Eles são donos dos jornais. Merda. Se a gente quiser fazer alguma coisa, é preciso dar um jeito de a polícia sair da nossa cola.

Tirou um isqueiro do bolso e começou a fuçar, abrindo e acendendo, abrindo e acendendo. Então queimou o polegar, pois a roseta da pedra ficou quente demais.

— Na verdade, não. Sabe o que essa vida é, basicamente? Não a de Gianni, a minha — falou. — Gianni é outra coisa, ninguém sabe o quê, na verdade. O resto de nós joga fliperama. Muito. Demais. A gente acaba ficando muito bom. É incrível como a gente consegue ficar bom no fliperama. Chegando a oitocentos mil, novecentos mil pontos. E se você bate o recorde no bar da Volsci, pode escrever seu nome ao lado da máquina. Mas nós não podemos escrever os nossos nomes. Então toda aquela lista dos melhores lá é inventada. Nenhuma daquelas pessoas existe.

Ele balançava os joelhos e olhava para mim como se eu tivesse que responder.

— Mas Gianni não joga — falei.

— Não, não — afirmou, balançando a cabeça. — Gianni é mais do tipo... hã... mais do tipo: Virar a máquina de fliperama de lado. Fabricar do nada, por meio de magia, um pedaço de explosivo plástico. Também por magia, do nada, um rolo de fita crepe. Arame. Um *timer*. E...

Olhou para cima e começou a assobiar aquela melodia outra vez. Gianni e o professor de cabelo grisalho estavam saindo do outro cômodo. Durutti levantava e abaixava os joelhos, não com nervosismo, mas de forma espasmódica. Talvez ele tivesse dezoito

anos. Talvez dezesseis. De repente eu não sabia dizer. Tinha perdido a capacidade de saber quem era criança e quem era adulto.

Gianni, porém. Gianni era adulto.

O homem foi até uma gaveta e começou a tirar coisas de dentro.

— Mesmo sendo um novato, você deve ir em frente — disse a Gianni. — E cuidado com os desfiladeiros. — Ele sorriu. — Estou brincando, mas você precisa tomar muito cuidado com as fendas. E também tem os picos de gelo, que estão começando a derreter, já que estamos no final de março. Não fique embaixo deles, para dizer em outras palavras.

Ele abriu uns mapas e os espalhou na mesa. Mostrou a Gianni e a Durutti como Gianni devia seguir. O homem estava calmo porém sério, traçando uma linha a lápis no mapa.

— Aqui — apontou —, no alto, onde você vai descer do teleférico. Você desce por essa encosta, mas o caminho principal não é íngreme. É só fazer curvas grandes e lentas. Você vai dar numa grande pedra em forma de rim, e de lá o trilho vira à esquerda, descendo pela Mer de Glace, uma geleira que parece uma língua sulcada. A geleira estará macia nesta época do ano. Nada com o que se preocupar. Então vai ver um pequeno quiosque no fundo. Pegue a trilha entre as árvores, que leva direto a Chamonix.

Ele tinha telefonado para um amigo que ia trazer o equipamento. Estava no vestibulo quando saímos, um par de esquis, bastões, botas masculinas, luvas, um gorro e óculos de proteção. O professor de cabelo grisalho nos deu dois bons anoraques. Pusemos tudo dentro do pequeno Fiat branco. O homem lembrou Gianni de ter cuidado e ir com calma por causa das fissuras.

Durutti não veio conosco. Afastou-se como se não nos conhecesse, o céu estava escuro.

* * *

Mais uma vez eu estava na autoestrada com Gianni. Eu usava roupas que Bene tinha me dado ou emprestado, uma calça verde de veludo desbotada e um suéter de algodão preto de gola alta. Roupas

que me faziam parecer quase italiana, e para mim simbolizavam minha aceitação no grupo, estar vestida como as mulheres daquele apartamento na Via dei Volsci.

Como ele havia trabalhado com os Valera e talvez porque tinha me levado a Roma e me inserido no seu grupo, Gianni era uma espécie de guardião para mim, ou ao menos essa era a minha sensação. Então se Bene abriu uma divisória entre eles — com raiva dele por alguma coisa que, pelo que imaginei, tinha a ver com a sua situação e o que fazer a respeito — e se ela me colocou ao lado de Gianni, o que eu devia fazer?

Segui em frente, fui até Gianni. Meu guardião secreto, cujo silêncio me absorvera. Eu ouvia homens falarem desde que tinha chegado a Nova York. Era o que os homens gostavam de fazer. Falar. Discursar como peritos. Quando finalmente chegou um que não falava muito, eu ouvi.

* * *

Estávamos a caminho do Val d'Aosta e do Mont Blanc. Entendi que aquilo tinha a ver com fronteiras, com levar Gianni para a França antes que a polícia o prendesse.

— Você está me ajudando — disse ele. — Eu não poderia fazer isso sem você. Você é uma boa garota.

Brava ragazza.

O disfarce dele. Uma forma de despistar a polícia. Um equívoco — não para ele, mas para mim, logo percebi. Mas era tarde demais para voltar atrás.

O carro aumentava e diminuía a marcha pelas passagens da montanha. No momento mais frio da noite, logo antes do amanhecer, vimos indicações para Courmayeur.

Logo depois passamos por Entrèves e La Palud, onde chegamos com a primeira luz. Um teleférico vermelho e branco subia íngreme por um cabo da montanha. A primeira viagem seria às oito da manhã.

Bebemos café juntos num chalé onde velhos com trajes de esqui de lã se alongavam, encravavam esquis, olhavam pelas grandes janelas para a montanha, o vento levantando a neve depositada nas ranhuras rochosas, a neve parecendo fumaça, subindo e caindo. O céu era de um branco opaco com um certo brilho. Uma tempestade estava vindo.

Passamontagna, era como se chamava a balaclava em italiano, e naquele caso Gianni precisava dela não para esconder o rosto como as pessoas na manifestação em Roma, mas para se proteger do frio.

O teleférico o levaria em três estágios até Punta Helbronner. De lá ele esquiaria pela Vallée Blanche até Chamonix. Sem verificação de passaporte, sem polícia, sem pessoa alguma. Uma terra de ninguém feita de neve, vento, colinas. As fissuras para as quais havia alertado o cavalheiro no apartamento agradável. Os precários pedaços de gelo. Gianni passaria da Itália para a França, para uma espécie de exílio.

Eu estava com as chaves do Fiat no bolso do anorake que o homem havia me emprestado, um empréstimo curioso, que não era para ser devolvido. As roupas debaixo também tinham sido emprestadas, o suave aroma de lavanda do sabão era um lembrete de Bene.

O vento estava ficando mais forte, arrastando a neve de lado. Antes de Gianni subir no teleférico, perguntei se ele realmente sabia esqui.

A pergunta foi uma piada, mas eu tinha pensado naquilo durante parte da viagem, subindo e subindo as encostas. Um sujeito que tinha trabalhado na linha de montagem de uma fábrica de pneus talvez não soubesse esqui.

— O suficiente, espero — respondeu ele, sorrindo.

* * *

Segui as indicações em direção ao túnel que atravessava o Mont Blanc e a fronteira.

Os sinais estavam em francês, os guardas da fronteira, com suas luvas de couro pretas, soltando nuvens de vapor da boca quando falavam comigo. Um deles folheou meu passaporte, carimbou, me deixou passar.

Quando entrei no túnel do Mont Blanc, sob suas filas de luzes brancas perfuradas no teto, já tinha uma ideia do que iria acontecer. Me senti livre, sob o brilho daquelas luzes gotejantes, dentro de um túnel na base de um monte alto. As pistas, uma em cada sentido, eram tão estreitas que eu achava que ia bater a cada vez que cruzava com outro veículo.

Quinze minutos depois eu saí do túnel. Estava na França. Nevava.

* * *

Em Chamonix, estacionei onde o homem de Roma que tinha nos ajudado, ou ajudado Gianni, me dissera para fazer, perto da estação ferroviária de Montenvers, uma placa que dizia MER DE GLACE, o destino cênico do trem.

Saí do carro e ergui o rosto para a brancura do céu. Sempre me pareceu miraculosa a maneira como se formam os flocos de neve. Como se simplesmente se materializassem a uns seis metros do chão, naqueles grupos rendilhados e cadentes. A neve caía numa sinfonia contínua no meu rosto virado para cima. Flocos grandes e secos. Não havia vento. A neve caía e se juntava em fluxos. Eu deveria encontrar Gianni na base de Les Planards. Perguntei a um homem que limpava a calçada com a lâmina cega de uma pá achatada. Como não falo francês, disse apenas: “Les Planards?” Ele apontou. Era uma encosta suave com árvores dos dois lados. O Mont Blanc, lá em cima, estava coberto de nuvens.

O percurso de esqui iria demorar horas, calculando pelas viagens de teleférico. Andei até um barzinho perto da estação de trem. Só ouvia francês. Chamonix, com seus hotéis, lojas de artigos de montanhismo, padarias, era muito diferente da pequena estação depois de Entrèves, no lado italiano, onde eu tinha esperado o teleférico com Gianni. Senti outra vez o que tinha vivenciado quando

entrei no túnel perfurado na montanha, uma sensação de estar livre, mergulhando no desconhecido.

Pedi um café com leite. Sentei-me a uma mesa e esperei. Na infância, o tempo que passei em estações de esqui me dava a sensação onírica de um cômodo vasto lotado quando a gente é pequena e está cansada, pessoas subindo e descendo escadas de metal com botas de esqui. Nosso técnico comprando para a gente chocolate quente, que eu deixava queimar minha língua, pois era impaciente demais para esperar esfriar. Presa em chalés durante uma nevasca. Quando nossa corrida era suspensa por causa da chuva. Ou quando eu caía, não terminava, e não tinha uma segunda corrida. Desclassificada e sem uma segunda chance.

Eu e Gianni tínhamos ficado acordados a noite toda. Acabei me permitindo dormir, o rosto apoiado nos braços, ali naquela mesa vazia do bar ao lado da pequena estação de trem.

Acordei com um ruído envolvente. O pessoal que chegava para almoçar. Um homem e uma mulher sentaram-se na minha mesa, falando algo em escandinavo. Fechei o zíper do anoraque e saí para esperar onde devia, no fundo do Les Planards, onde Gianni chegaria de esqui. Olhei para as montanhas acima, difíceis de ver na névoa úmida de nuvens carregadas de neve. Fiquei andando de um lado para outro para me aquecer. Gianni não aparecia.

O vento soprava, agitando os galhos cobertos de neve dos pinheiros que se aglomeravam ao longo dos lados da encosta. O vento balançando aquelas árvores me fez sentir uma maravilhosa solidão. Olhei para cima, esperando ver a jaqueta vermelha. A neve batia no meu rosto. A visibilidade era baixa. Lufadas de vapor atravessavam a encosta aberta. Os iniciantes já tinham abandonado o percurso. Quase ninguém estava esquiando.

Por um breve período a neve parou de cair e as nuvens se abriram, revelando o Mont Blanc, minha primeira visão real da montanha. O sol irrompeu entre nuvens baixas e pesadas, que projetavam sombras escuras na face das geleiras. Segui-as com os olhos e torci, como se as próprias sombras fossem imagens difusas ou mensagens de Gianni. *Estou chegando.*

O Mont Blanc, acima, estava quieto e sereno. Um deserto branco e íngreme povoado apenas por neve e nuvens. Austero e serrilhado. Recusando minha pergunta. Onde ele está?

* * *

Final da tarde. A abertura entre as nuvens se fechou, obscurecendo o pico do Mont Blanc. A neve caía. Janelas bruxuleavam em amarelo. Duas crianças corriam, gritavam, olhavam para cima, bocas abertas para derreter flocos de neve que caíam na língua delas.

Quanto tempo eu devia esperar?

* * *

Crepúsculo, e meus pés dormentes enquanto ando de lá para cá no vale de Les Planards, a pista ficando mais escura, cada vez mais difícil de enxergar.

As luzes amarelas de Chamonix agora estavam brilhantes. Havia um cheiro de fumaça de lareira.

A mulher do filme que tinha jogado a vida fora tinha esperado, mas por nada específico. Com bobes no cabelo, sentada num bar. Por um homem que flertasse com ela, pagasse uma cerveja, a levasse a algum lugar. Os bobes que representavam uma ocasião por vir, ainda indefinida.

Eu não estava naquele tipo de tempo, no tempo dos bobes.

Não sabia se Gianni tinha me dado o fora, ou se sofrera um acidente, caíra numa fenda. Eu só sabia esperar.

Torrões de neve macia caíam dos galhos das árvores. Ouvi uma porta se abrir e fechar. Um ônibus passou por perto, o bagageiro cheio de esquis, nuvens negras de diesel atrás, iluminadas por um poste de rua cor de laranja.

Agora era quase noite, e estava muito mais frio. Conseguia ver o pico serrilhado do Mont Blanc, suas torres e ranhuras cobertas de

neve. Uma montanha enorme, escura e presente, mas bem diferente de uma presença humana. Era um monólito de dúvida.

É possível pensar e repensar numa pergunta, sobre o propósito de esperar, a questão de haver ou não um propósito, de esperar *qualquer* pessoa que deveria aparecer, mas se a pessoa não vem, não há nada e nem ninguém que possa lhe responder.

Está escuro. Ouço um pequeno grupo de homens conversar em alemão, vejo-os passar, os gorros de esqui com pompons balançando, um guincho de neve fresca sob suas botas.

Agora já se foram. O vento assobia entre as árvores, galhos flutuam para cima e para baixo com uma elegância lenta e natural.

Estou sozinha na base da pista, quase com frio demais para me mexer.

A resposta não vai vir.

Preciso encontrar um ponto arbitrário na magia da espera, na ausência aberta, e me retirar dali.

Ir embora, sem resposta alguma. Seguir para a próxima pergunta.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Susan Golomb, Nan Graham, Marisa Silver, Nam Le, e especialmente a Jason Smith, por suas valiosas contribuições. Agradeço também a Daniel Burgess, Claudio Guenzani, Hedi El Kholti, Rémy Kushner, Knight Landesman, James Lickwar, Vittorio Morfino, Susan Moldow, Katie Monaghan, Gianluca Pulsoni e à Fundação Santa Maddalena.

Os monólogos do personagem Marvin foram inspirados na narração do filme lindo e elegíaco de Morgan Fisher, *Standard Gauge*, de 1984.

A imagem da capa foi tirada da edição 10 de *I Volsci* (março de 1980), um jornal do grupo Autonomia Operaia I Volsci, que recebeu esse nome em homenagem a sua sede na Via dei Volsci em San Lorenzo, Roma.

SOBRE A AUTORA

© Lucy Raven

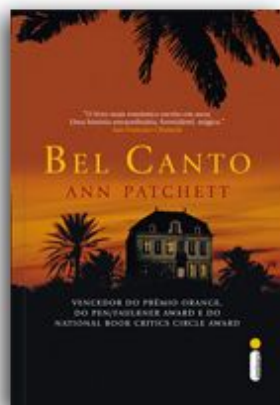


Os lança-chamas, segundo romance de Rachel Kushner, foi finalista em 2013 do National Book Award e ficou entre os dez melhores livros do *The New York Times* do mesmo ano. Destacou-se em várias listas de mais vendidos de 2013, incluindo as de veículos como *BBC*, *Time*, *Vogue*, *Oprah*, *Slate*, *The Guardian* e *New Yorker*, e foi eleito o livro mais popular pelos críticos da *Time*. Além disso, a revista *New York* escolheu *Os lança-chamas* como melhor obra de 2013. O romance de estreia de Kushner, *Telex from Cuba*, foi finalista do National Book Award em 2008 e do Dayton Literary Peace Prize, venceu o California Book Award e foi eleito o livro notável do *The New York Times*. Kushner é a única escritora a ter o primeiro e o segundo livros entre os finalistas do National Book Award. Seus textos foram publicados por diversos jornais e revistas, como *The New York Times*, *The Guardian*, *The Financial Times*, *The Paris Review* e *Artforum*. A autora recebeu em 2013 a Guggenheim Fellowship.

TÍTULOS RELACIONADOS



[A visita cruel do tempo](#)



[Bel Canto](#)